This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

600058742W

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

ESTUDOS DE

MANOEL BERNARDES BRANCO

CONTENDO

I — Dicionario dos escriptores estrangeiros que escreveram obras relativas a Portugal ou a assumptos portuguezes, com a enumeração das mesmas obras e noticia d'essas obras.

II — Dicionario dos escriptores estrangeiros que vertiram para as suas linguas obras portuguezas.

III — Noticia dos portuguezes que nas linhas e conselhos se distinguiram no governo, e lista das obras de autores portuguezes publicadas em Portugal e compromissos repetidos vagos em paiz estrangeiro.

IV — Noticia das revoluções e movimentos que existiram em differentes partes do mundo, em que portuguezes se exigiram em Portugal ou fora d'elle.

Obra adornada de nove retratos

TOMO 1.º

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR
59 — Rua Augusta — 61

1879

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

OBRA DIVIDIDA EM QUATRO PARTES

CONTENDO OS SEGUINTES ASSUMPTOS

I — Diccionario dos escriptores estrangeiros, que escreveram obras consagradas a Portugal ou a assumptos portuguezes, com a traducção dos trechos mais notaveis d'essas obras

II — Diccionario das obras portuguezas vertidas em linguas estrangeiras

III — Noticia dos portuguezes que no estrangeiro se distinguiram nas lettras, e resenha das obras portuguezas reimpressas nos paizes estrangeiros

IV — Noticia das recordações e monumentos existentes em diversas partes do mundo, construidos por portuguezes, ou erigidos em honra d'elles.

ADORNADA DE NOVE RETRATOS

ESTUDOS DE

MANOEL BERNARDES BRANCO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

TOMO I

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA—EDITOR
50 — RUA AUGUSTA — 52
1879

250. i. 25.

A SUA MAGESTADE EL-REI

DOM LUIZ I

O. D. C.

O AUCTOR

Real Senhor!

O meu trabalho — Portugal e os Estrangeiros — no qual já consumi uns dez annos, vai provar, até á evidencia, que é glorioso o ser portuguez; julguei por isso que só ao digno Chefe d'este povo, Chefe, que tambem sabe perfeitamente avaliar a importancia d'estes trabalhos, devia ser dedicada a obra, composta por aquelle que tem a honra de ser de

Vossa Magestade

O MAIOR ADMIRADOR E RESPEITADOR

Manoel Bernardes Branco.

PROLOGO

Rien ne peut arrêter dans leurs projets nouveaux
Ces Portugais ardens qui volent sur les eaux.
Oh combien de heros guidèrent leur audace!
Que de faits immortels ont signalé leur trace!

ESMENARDE.—Chant. v.

«Ninguem deve negar que a lingua portugueza foi quasi a lingua universal de todos os povos maritimos; ninguem deve negar que os maiores potentados da Asia disputavam a preferencia de serem nossos vassallos.»

VISCONDE DE SANTAREM.—*Quadro Diplomatico*, tom. I.

Portugal, um dos mais pequenos paizes, e situado na parte mais meridional da Europa, encravado entre o oceano e um estado potentissimo, parecia pela sua posição votado ao esquecimento; não sendo de presumir que houvesse pelos seus feitos de conquistar muitas paginas na historia; por um seculo dar leis a uma porção de territorio superior áquelle em que os romanos dominaram; apresentar um grande numero de homens distinctos em todo o genero de conhecimentos[1]; e dar religião e idioma culto a um grande numero de povos, de maneira tal que, se em virtude das vicissitudes humanas um dia Portugal perder sua autonomia, e escravisado pelo direito do mais forte, for convertido n'uma obscura

[1] «Encontram-se nomes portuguezes nas listas das corporações litterarias de Berlim, Bordeaux, Edimburgo, Philadelphia, Florença, Leão, Liège, Londres, Madrid, Marselha, Paris, Saxonia, Stockholm, Toscana e Turim.» José Maria Dantas Pereira, *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. x.

provincia de qualquer outro paiz, ainda assim nem ha de deixar de cultivar a lingua de seus maiores, e na qual suas glorias foram escriptas, nem os povos civilisados deixarão de estudar o idioma de Fernão Lopes, João de Barros, Mendes Pinto, Thomé de Jesus, Amador Arraes, Luiz de Sousa, Herculano, Camões, Bocage, Philinto Elysio, Nicolau Tolentino, João de Lemos, Gonzaga, Garrett, Castilho, Julio Diniz, Thomás Ribeiro e tantos outros[1]; nem os commerciantes hão de despresar o estudo de um idioma, do qual tantos milhões de individuos se servem nas suas transacções commerciaes, pois que a lingua portugueza não é só cultivada em Portugal, suas numerosas possessões e Brazil. A nossa lingua, forrando-me ao

---

[1] «Parece que os hespanhoes sempre se acharam convencidos que nunca podiam attingir a ternura romantica dos portuguezes. Uma certa simplicidade e intensidade na expressão dos sentimentos ternos, aos quaes a lingua de Portugal é particularmente favoravel, tem sido em todos os tempos uma das feições caracteristicas da poesia portugueza desde o XV seculo até aos presentes tempos.» Frederick Bouterwek, *History of Spanish and Portuguese Litterature*, vol. II, pag. 17.

«O numero preponderante dos escriptores poeticos de Portugal, comparado com os de Hespanha durante o seculo XV, é uma circumstancia merecedora de especial noticia, por isso que prova que o solo de Portugal era então, bem como em epochas de maior antiguidade, mais fertil do que a Hespanha em genio poetico.» Frederick Bouterwek, *History of Spanish and Portuguese Litterature*, vol. II, pag. 19.

«No glorioso reinado de D. Manuel nenhum poeta hespanhol tinha alcançado tanta celebridade, como aquella de que gosaya o portuguez Bernardim Ribeiro. A litteratura hespanhola n'aquelle tempo não podia ter orgulho d'alguma obra escripta n'um estylo tão culto.» Frederick Bouterwek, *History of Spanish and Portuguese Litterature*, pag. 38.

«Portugal póde ser considerado como a verdadeira patria da poesia romantica pastoril, a qual, todavia, pelo mesmo periodo florescia na Italia, onde assumiu fórmas mais cultas, particularmente depois que Sannazaro escreveu; porém propriamente nacional só o foi em Portugal.» Frederick Bouterwek, *History of Spanish and Portuguese Litterature*, pag. 43.

* * *

«Nenhuma nação nos seculos XV e XVI mostrou maior audacia, emprehendeu ou assombrou mais os homens com proezas maiores do que o fazia um estado tão pequeno. Descobriram e frequentaram os portuguezes, commercialmente ou com guerra cinco mil leguas de costa; conquistaram Goa, Malaca, Ormuz, Ceylão, fundaram Macau, subjugaram parte da India, por toda a parte precederam os inglezes: mas perco-me n'estas conquistas!... E é depois do desenvolvimento da grandeza portugueza na India, que o genio da nação se manifesta: encontrar-se-hia nas cartas de Albuquerque, como nos versos de Camões; nas versões de alguns missionarios, como nas paginas eloquentes do historiador Barros. Os homens d'acção foram n'aquelle tempo homens de lettras, e o talento de escrever recebeu d'esta alliança uma valentia particular no XVI seculo. Portugal é um paiz encantador! Em nossos dias, quando um grande poeta, fatigado pelos prazeres, tendo o *spleen* da saciedade e o do genio, deixou melancolicamente sua nebulosa patria com o fim de se desenfastiar, apenas tocou Portugal, sentiu-se renascer á vista d'este bello clima, e d'esta terra outr'ora gloriosa, e sempre fertil.» Ferdinand Denis, *H. de la Litt. Port.*

trabalho de dizer em que sitios da Africa se faz uso d'ella, é fallada por alguns milhões de individuos tanto no Paraguay, como em varias localidades da America do sul; é lingua ainda conhecidissima em varios pontos do globo. A lingua portugueza (segundo nos assevera pessoa muito competente, o sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, no seu prologo (pag. XXVI) á Grammatica da lingua Concani) — «Falla-se, e é vulgar desde o Guzarate até o Cabo Comorim. Não é desconhecida na costa de Coromandel até Bengala. É commum, com maior ou menor pureza, em Ceylão, no archipelago Malaio e na China. Entende-se em Sião, e em varios grupos dos archipelagos oceanicos, etc. Não duvidamos de que seja o inglez a lingua em que no dia de hoje *um natural bem educado*, chegando da India superior, de Bengala ou de Madrasta, se faça entender de outro *natural bem educado* em Bombaim; que seja o inglez a unica lingua que o *mesmo natural bem educado* use para escrever a seus amigos Bengali de Calcuttá ou Tamil de Madrasta; mas é ao mesmo tempo certo, que em todas as classes da população, não só do continente indiano, mas dos archipelagos e territorios acima mencionados, ainda mesmo n'aquellas classes, que não passam por mais illustradas, haverá quem saiba comprehender e exprimir o portuguez; e sem duvida uma carta escripta em portuguez será entendida no logar do seu destino em todas aquellas vastas regiões.»

Foi talvez pela celebridade que Portugal adquiriu pelos seus feitos, pelas suas descobertas mormente, pela extensão de seu commercio, que ainda no fim do seculo passado, segundo a expressão de um celebre escriptor francez, era prodigioso, e por suas glorias litterarias em todos os ramos de conhecimentos, e até mesmo pelo estudo das linguas orientaes, (chegando F. Dinis a dizer que n'este genero não se deve mais aos inglezes do que aos portuguezes), que um extraordinario numero de escriptores se occupou de nossas cousas, já escrevendo um incalculavel numero de livros sobre assumptos portuguezes, havidos não poucos d'estes como obras primas na litteratura, já traduzindo os escriptos mais notaveis ou uteis que pelos nossos foram compostos; já finalmente fazendo edições sobre edições em um extraordinario numero de cidades estrangeiras dos livros que saíam dos nossos prélos em Portugal[1].

A historia dos primeiros tempos da monarchia portugueza póde ser estudada, quanto possivel, nas antigas chronicas, compostas

---

[1] «Não se julgue que a lingua portugueza é unicamente restringida ao povo, que a falla. Ella é ainda a lingua do commercio asiatico: está derramada desde o cabo Não até ás ilhas do Japão, e desde a ilha da Madeira até o Brazil. Além d'isto esta lingua é bella, sonora, harmoniosa, livre d'essa aspiração gutural, que censuramos á hespanhola: tem toda a doçura, e flexibilidade da italiana, a gravidade e o colorido da latina. Uma outra qualidade

tanto por nacionaes como por hespanhoes. De D. João I por diante servem tambem de subsidio os chronistas francezes, o celebre Froissart consagra mais de uma pagina aos gloriosos feitos dos heroes de Aljubarrota e o mesmo pratica Filippe de Commines a respeito de D. Affonso V. Tendo, porém, o mestre d'Aviz por um

---

d'este idioma é, que ainda não envelheceu: é sempre a mesma ha tresentos annos.»—Sané, *Poesie Lyriq. Port.*

* * *

No seculo passado o celebre viajante inglez Bruce, com o fim de examinar as nascentes do Nilo tinha chegado a Jiddah. N'este porto tratava de obter passagem n'um navio. O capitão inglez Thornill fallando com Bruce servia-se da lingua ingleza, e fallando com seu proprio filho usava do portuguez, pensando que Bruce não entendia o que elle dizia. Bruce porém gaba-se em seus escriptos de saber perfeitamente o portuguez, mostrando n'isso certo orgulho, e ria-se interiormente do engano em que Thornill se achava.—James Bruce, *Voyages aux sources du Nil en Nubie et en Abyssinie en* 1768 *à* 1772, tom. II, pag. 206.

* * *

«Em muitos reinos da Asia, principalmente nos portos maritimos, se falla um dialecto portuguez, como linguagem commum entre aquelles povos, quasi da mesma maneira que na Europa nos servimos do francez. O capitão inglez King refere que na primeira visita que fez á ilha Melville, na costa do norte da Australia, os naturaes que sairam á praia o chamavam dizendo: *Vem acá*, o que bem mostra que conheciam os portuguezes e d'elles tinham aprendido estas e por ventura outras palavras.»—*Panorama* de 1842, pag. 56.

* * *

«La lingua portoghese, al pari dell'italiana, francese e spagnuola, é filia della latina, ed é assai ricca, armoniosa, adattata alla poesia, à tutti generi di letteratura, ed in nulla inferiore alle sue sorelle.»

«Questa bella lingua non é ristretta al solo regno di Portogallo e alle sue isole nell'Europa; ma é la lingua di cui si serve il commercio asiatico, e corre per tutta la costa occidentale e meridionale dell'Africa e dell'Asia: ed é per consequenza una lingua che si parla, o s'intende in tutte le quattro parti del mundo.»—D. Vittore Felicissimo Francesco, *Grammatica Portoghese ad uso degl'Italiani*, Parigi, 1869.

* * *

«Em Siam ha um grande numero de descendentes portuguezes, fallando a nossa lingua, e tendo nomes portuguezes. Entre estes distingue-se Paschoal Ribeiro de Albergaria, mandarim e general de artilheria de Siam.»—*Archivo Pittoresco* de 1863, pag. 344.

* * *

«Em 1833 tendo-se feito um tratado de commercio entre o rei de Siam e o governo dos Estados-Unidos da America, apesar de ser escripto em inglez e siamez juntou-se-lhe uma traducção em portuguez para testemunho do seu conteudo.»—*Archivo Pittoresco* de 1863.

E em 1872 mandou o governo d'esta mesma republica publicar um *Memorandum* ácerca da celebre questão do navio Alabama, pela qual esteve im-

lado conquistado Ceuta, e por outro o infante D. Henrique dado começo ás maravilhosas descobertas, que tornaram immorredouro o nome lusitano, Portugal, este cantinho da peninsula, saíu da obscuridade, e desde então fez com que todos os povos civilisados tivessem os olhos fitos n'um paiz, que diariamente pelo espaço de

---

minente uma guerra entre os Estados-Unidos e a Inglaterra, escripto em tres idiomas francez, inglez e portuguez, o que um jornal considera uma grande honra para o nosso paiz.

Mr. George Harrison, cidadão americano, na Pensilvania mandou erigir no seu jardim em honra de Philinto Elysio um monumento, no qual fez gravar alguns versos da sua famosa Ode á Liberdade Americana.—Sr. José Maria de Sousa Monteiro, *Historia de Portugal*, vol. II, pag. 463.

Nos Estados-Unidos a lingua portugueza deve ter um grande numero de cultores, servindo de prova os magnificos jornaes illustrados que n'este idioma se publicam n'aquelle paiz.

Ha pouco tempo publicou na Hespanha, para ensino de portuguez aos hespanhoes, uma grammatica D. Agostinho Blasco, parocho de Criptana, doutor em direito e philosophia, e membro de varias sociedades scientificas e litterarias.

Como se verá n'este trabalho é extenso o numero de grammaticas coordenadas para uso dos estrangeiros, que querem aprender a lingua portugueza. A de Antonio Vieira contava já em 1869 treze edições, como se vê do seu titulo: A. Vieira. *A Grammar of the Portuguese language*, 13th edition. Carefully revised, corrected and improved by M. G. Henriquez, London.

* * *

«Na edade média esta mesma impressão dos logares, esta natureza suave e rica, este bello céu sem nuvens dispunham a alma dos portuguezes para cantares tão maviosos, quanto sua vida era trabalhosa e aguerrida. Sim: alem dos mares, em Macau, em Goa, em Ceylão, o portuguez era indomavel, duro, intolerante até á ferocidade: mas o portuguez nas margens do Tejo, quando não era inflamado pelo ardor do combate, e pela rapacidade da conquista, parecia um povo pacifico occupado na lavoura, e gostando de cantar seus doces folgares. Suas poesias teem alguma coisa de distincto entre os cantos meridionaes. Ignoro a causa que approximou a litteratura portugueza d'esse caracter de meditação e de melancolia, que se attribue principalmente aos povos do norte. Vem-me n'este instante ao pensamento esta expressão de Camões n'um de seus sonetos, *Camões, cuja lyra sonorosa será mais afamada que ditosa*. Este encanto da tristeza não se póde definir. Encontra-se debaixo de mil fórmas nos poetas precursores de Camões, e offuscados pela sua gloria. Não é entre os portuguezes esse jubilo susurrante, essa louca alegria dos provençaes; tambem não é a gravidade austera dos hespanhoes, e essa altivez, que deseja enternecer-se, e essa imaginação pomposa que exagera e carece de sentimento. Não: é uma emoção ao mesmo tempo viva e reflectida, que se deleita com as imagens do amor e dos campos. D'ahi nasceu entre os portuguezes a poesia pastoril. Essas poesias ao mesmo tempo ideaes e naturaes, esses versos bucolicos, que foram inspirados aos portuguezes pelo seu bello clima e genio scismador.»

«Quando no seculo XV um portuguez, de alma viva e apaixonada, errante sobre as margens floridas do Tejo, sobre as bordas do Mondego, perto d'esse rio, onde D. Pedro ia ter com Ignez, quando um portuguez, penetrado d'essas lembranças, então recentes, cantava eclogas em sua lingua harmoniosa que fazia contar a seus pastores a vida aprasivel d'estes, suas laranjeiras

um seculo, enriquecia as sciencias com descobertas novas, e principalmente a geographia, cujos verdadeiros progressos só datam d'aquella epocha, verdade reconhecida pelos proprios inglezes, que não duvidam confessar que mesmo todas as descobertas, que d'aqui por diante se fizerem n'este ramo, são devidas á iniciativa

---

suas ceifas quasi sem amanho da terra, duvidaes vós do encanto d'aquella poesia? Não devia esta ser mais simples ainda que a de Virgilio, cujas eclogas são, para melhor dizer, imitações de Theocrito, que dos campos?

«Os portuguezes deviam possuir em grau extraordinario o talento descriptivo. O paiz os inspirava, e as emprezas longiquas o desenvolviam tambem. Deixavam as margens do Tejo para percorrerem as florestas da ilha de Ceylão, o litoral de Moçambique, a peninsula do Ganges. Em as narrações de seus historiadores scintillam todos os thesouros, todas as maravilhas d'aquellas ricas regiões. Camões com a imaginação dominada pela poesia antiga despresou as scenas da natureza oriental patenteadas a seus olhos.»—Villemain, *Cours de Litterature*, pag. 695 e seguintes.

* * *

«Não admira, pois, que o conhecimento da lingua portugueza se propagasse tanto, lembremo-nos do que disse o famoso Raynal: «Sem a descoberta de Vasco da Gama a luz da liberdade apagava-se de novo, e talvez para sempre.

«Os turcos iam substituir essas nações ferozes, que das extremidades da terra vieram substituir os romanos, para se tornarem como estes o flagello do genero humano, e nossas barbaras instituições teriam sido substituidas por um jugo ainda mais pesado. Este resultado era inevitavel, se os ferozes vencedores do Egypto não tivessem sido repellidos pelos portuguezes nas differentes expedições tentadas por aquelles nas Indias.»

«As riquezas da Asia lhes asseguravam as da Europa.

«Senhores de todo o commercio do globo, teriam tido necessariamente a mais formidavel marinha, que em tempo algum se viu no mundo. Que obstaculos teriam podido conter este povo, que era conquistador pela indole de sua religião e de sua politica?»

«Se nos devemos assombrar do numero das victorias dos portuguezes e da rapidez de suas conquistas, que direito não teem á nossa admiração seus homens intrepidos? Tinha-se visto até então um povo com tão pouco poder fazer tão grandes coisas? Não havia quarenta mil portuguezes em armas, e comtudo faziam tremer o imperio de Marrocos, todos os barbaros da Africa, os mamelucos, os arabes, o oriente inteiro desde a ilha de Ormuz até á China. Eram um contra cem; e atacavam tropas, que muitas vezes com armas eguaes disputavam seus bens e sua vida até ao ultimo arranco. Que homens deviam então ser os portuguezes, que machinismo extraordinario tinha formado d'elles um povo de heroes!... *Raynal, Histoire Philosophique et Politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes.* Geneve, 1781, vol. I, pag. 170.

«Mesmo em epochas muito mais proximas de nós Portugal pesava alguma coisa na balança da Europa, «Em 20 de janeiro de 1770 representava-se ao governo francez n'uma memoria, que no caso de guerra das forças hespanholas e francezas contra Portugal era mister reflectir: *Que a conquista de um reino na Europa era materia que requeria maduras reflexões; e que para avassalar Portugal seriam necessarios exercitos de sessenta mil homens cada um.*»—Visconde de Santarem, *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, tom. VII, pag. 394.

«Apenas o gabinete inglez declarou guerra a Luiz XIV, mandou a Lis-

dos nossos. Os maiores nomes na historia das navegações figuravam então a bordo das frotas portuguezas, nas quaes Colombo, Americo Vespucci, Cadamosto e outros muitos se habilitaram para adquirirem um nome immortal. Um paiz n'estas condições, fossem quaes fossem os destinos que lhe estivessem reservados, não podia

---

boa em missão extraordinaria o chanceller de Irlanda, o cavalheiro Methwen, o qual propoz a el-rei D. Pedro em nome do seu governo, bem como do de Hollanda, que se Portugal se quizesse declarar em favor d'estas potencias, de lhe darem o numero de navios, que o mesmo monarcha pedisse, vinte mil homens de tropas, e alem d'isso de garantirem as conquistas, que as armas portuguezas podessem fazer aos hespanhoes e finalmente de nos auxiliar em qualquer tempo, e em todas as circumstancias em que fossemos atacados pela França ou pela Europa, e de darem por saldadas as reclamações pecuniarias, e outras que a Inglaterra e a Hollanda tinham contra Portugal.

«Com effeito D. Pedro veiu a seguir a politica ingleza, e por isso dizia o embaixador francez que (segundo as noticias de Inglaterra) constava que em Londres se tinham feito grandes regosijos por se ter concluido o tratado.»

«Em 1733, por occasião da eleição do novo rei da Polonia foi a nossa alliança, ou antes a nossa neutralidade buscada á porfia, como em todos os tempos aconteceu, pelas grandes potencias belligerantes. Ao passo que a França e a Hespanha tratavam de conseguir abraçar-se, o nosso gabinete, o partido da neutralidade, as côrtes de Vienna e de Londres, e o eleitor de Saxonia não cessavam de negociar para alcançarem egual resultado, chegando o imperador a offerecer a Portugal a Sicilia e a Corsega para o infante D. Manuel, caso que com elle fizessemos causa commum, e acenando-nos a Inglaterra com o augmento do territorio, se por ventura nos declarassemos por ella contra a Hespanha, obrigando-se o monarcha inglez a assegurar-nos na paz geral a dita posse e senhorio.

«Em 1753 officiava o conde de Baschi ao ministro de França, que Portugal estava bem longe de se considerar debaixo do jugo dos inglezes, os quaes esperava pelo contrario que fossem seus tributarios.

«N'outro officio: Que o ministro Carvalho lhe havia expedido os passaportes, servindo-se dos termos mais lisonjeiros para com a França, mas sempre affectando de pôr o nome de Portugal em primeiro logar, como faziam as grandes coroas, que queriam hombrear com a de França; que elle embaixador se lhe mandara queixar por terceira pessoa, e viera a saber que fora el-rei seu amo, que assim lh'o ordenára, porém que depois de varios debates consentira em que se pozesse *As duas Corôas*, em logar de Portugal e França. D'isto tomava o embaixador pretexto para animar contra nós o seu governo, dizendo que elle nos havia estragado com mimos.

«No anno seguinte officiava o mesmo Bachi: Queixando-se amargamente da pouca contemplação que a nossa côrte tinha com os representantes das potencias estrangeiras, dando por prova o modo como fôra tratado o duque de Sotomayor, que no seu tempo estivera para arrebentar de paixão; que verdade era que n'aquella mesma occasião o embaixador de Hespanha e o ministro de Hespanha eram tratados com distincção e agrado, mas que aquillo era momentaneo e fingido, e que no meio d'aquellas mostras de cordealidade transpirava a soberba portugueza, e o aborrecimento que aquella nação tinha aos estrangeiros.

«9 de maio de 1769. Officio do cavalheiro de Clermont para o duque de Choiseul participando: Que lhe era forçoso dar conta da sensivel differença, que observara entre as tropas hespanholas e portuguezas, sendo estas ultimas a todos os respeitos superiores ás primeiras, tanto no pessoal das praças, co-

d'ahi por diante deixar de interessar aos estrangeiros, e com effeito muitos, quer arrastados pela sede do oiro, quer aguilhoados pelo amor da sciencia, de remotas regiões se encaminhavam a Lisboa com o fim de observarem as frotas carregadas de riquezas entrando a foz do delicioso Tejo, e de estudarem aquellas drogas e espe-

---

mo no aceio, disciplina e conhecimento das manobras: que a comparação de Elvas com Badajoz offerecia a maior disparidade, não havendo n'esta ultima praça uma só peça de artilheria com reparo nos baluartes, nem nos armazens, nem um só jornaleiro no arsenal, assim que o serviço da praça estava posto de parte, de sorte que era uma dôr de coração, e o que mais a augmentava era ver a confiança em que estava a este respeito o ministerio hespanhol, e o despreso com que olhava para o seu inimigo natural: que era opinião sua que a Hespanha só poderia levar a melhor de Portugal abrindo a campanha com tropas francezas, e com commandantes da mesma nação á frente das suas; mas se o ministro hespanhol persuadido da fraqueza do inimigo fosse o primeiro a atacal-o, desfallecido de tudo quanto elle acabava de mencionar, n'esse caso era para temer que fizessem os portuguezes em Hespanha taes progressos, que apenas os poderiam reparar os esforços de muitas campanhas bem succedidas.

«Em 21 de janeiro o embaixador francez avisava sua côrte da continuação de nossos armamentos militares, dizendo que a mão que os dirigia, mostrava uma habilidade consummada, e que era mister que a Hespanha fosse mui habil para poder escapar aos perigos de que a ameaçavamos. Todo o Rio Grande na America ficará nas mãos dos portuguezes, e ver-se-ha que este acontecimento tornará immortal o marquez de Pombal.» Visconde de Santarem, *Quadro Diplomatico.*

***

«Ainda que a nação portugueza se sustentou gloriosamente por seculos, nada com tudo a faz mais recommendavel que o que obrou n'estes ultimos tempos por suas descobertas e conquistas no mundo novo. Ha nada mais illustre que o ter levado nossa religião até ás extremidades da terra, e o ter feito com que uma infinidade de nações mergulhadas nas trevas do mahometismo ou idolatria abrisse os olhos á luz? Ha nada mais famoso que ter levado a todos os povos da Europa a facilidade do commercio de que gosam hoje, abrindo-lhes um caminho até então desconhecido para reunir no seio d'elles os thesouros e riquezas dos paizes mais longiquos?

«Mesmo sendo pouco assombrados com estas grandes vantagens devemos sentir que lhe devemos nosso reconhecimento por nol-as terem grangeado, especialmente se attendermos a que são o fructo de duzentos annos de trabalhos e de fadigas immensas.

«Durante este longo periodo de tempo vê-se esta nação no decurso de uma historia continuada e sempre interessante, vencer os obstaculos mais invenciveis por meio de uma paciencia e coragem a toda a prova, apresentar grandes homens em todos os generos, terem a superioridade, apesar do seu pequeno numero em toda a parte, que se apresentam; estabelecer sua reputação e seu dominio sobre a ruina dos imperios, forçar de alguma sorte a fortuna a auxilial-os sempre por meio de prosperos successos.

«Deve isto ainda parecer mais digno de admiração, quando considerarmos que Portugal é um reino muito pequeno, e encerrado em limites muito estreitos, e que por isso não era natural presumir que podesse encontrar em si mesmo tantos recursos, formar tão vastas emprezas, abranger uma tão grande extensão de paizes, poder com tão grandes despezas, subjugar tão diversos

ciarias, que pela primeira vez appareciam nos mercados europeus, e das quaes Amador Arraes eloquentemente falla em seus dialogos. Veneza, a orgulhosa Veneza, estava abatida, e a Europa salva da ferocidade dos turcos! E eram só quarenta mil portuguezes, exclama o abbade Raynal, cheio de assombro! E os livros portuguezes eram então anciosamente procurados pelos outros povos, lidos com avidez e immediatamente traduzidos em todas as linguas europeas!

---

povos, e pôr em acção um tão grande numero de individuos capazes de fazer com tão grande gloria terem seus projectos tão bom exito.»

«Não teem faltado á nação portugueza escriptores para celebrar a gloria de suas conquistas em linguas differentes da nossa, e talvez que o merito d'esses escriptores tenha desanimado aquelles d'entre nós que tivessem querido emprehendel-a.—Lafitau, *Histoire des découvertes et conquêtes des Portugais dans le nouveau monde.* Prefacio.

***

«Não é o proprio Portugal que entregou alternadamente a Peninsula a Richelieu e á Inglaterra, e que mais recentemente na presença da Europa abatida inaugurou a lamentavel decadencia da França imperial?

«Por maior tristeza que possa inspirar a situação actual de Portugal, a historia d'este pequeno reino não fica por isso menos uma das mais dramaticas e maravilhosas. O imperador tinha tido o cuidado de recommendar o estudo d'ella nos lyceus. Encontrava n'ella com rasão uma excellente escola de enthusiasmo e de heroismo para essas jovens gerações, que elle arrastava após si para todas as capitaes da Europa.

«Que auge de gloria e de grandeza!

«Apenas Portugal tocou seus limites naturaes, repelliu os infieis, confundiu o orgulho castelhano, e fundou sua constituição interior, que não quer contentar-se sómente com o ser livre. Falta-lhe immediatamente o ar nos seus estreitos limites, e impaciente de derramar fóra do paiz sua actividade, sua coragem e seu zêlo, eil-o que se apressa em levar á Africa a guerra, que de lá tinha vindo tantas vezes. D'ahi todos esses prodigios, que illustraram o seculo seguinte, as fecundas meditações do infante D. Henrique, todas as costas da Africa reconhecidas, a America descoberta como uma magnifica recompensa conferida pelo acaso á audacia portugueza, o grande Oceano impunemente atravessado, as Indias descobertas, a Asia avassalada, todo o commercio do mundo mudado, o homem entrando finalmente na posse de toda a sua residencia! Que repentina revolução, e que nação poderosa levou jámais ao cabo empreza mais importante?» Auguste Bouchot, *Histoire de Portugal sous la direction de mr. Duruy.*

***

«A nação portugueza em particular, póde revindicar a gloria da iniciativa das viagens longiquas sobre o Atlantico, e das grandes explorações dirigidas para oeste e sul. Sua missão foi a de estabelecer as primeiras relações directas da Europa com a India por meio do oceano. Não é isto ainda tudo: a colonisação de metade da America do Sul è obra sua.

«Um povo que se apresenta perante a posteridade com egual titulo, está seguro que quaesquer revezes que tenha depois experimentado, de conservar na historia um logar honroso, que ninguem lhe poderá contestar sem ingratidão.»—Charles Vogel, *Le Portugal et ses colonies.*

Que illusão a de alguns, que julgam terem apenas as poesias de Camões sido traduzidas! As obras do nosso padre Vieira não contam menor numero de versões do que as do nosso poeta; as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, ainda hoje são traduzidas em varios paizes, o *Hyssope* acaba agora mesmo de encontrar um novo traductor, e n'uma palavra difficilmente se encontrará um bom livro composto pelos nossos, aos quaes os estrangeiros não tenham tributado esta honra, que ainda não ha muitos annos a douta Allemanha mais uma vez prestou ás *Decadas* do nosso Barros. Não admira, porém, que os estranhos pagassem um tal tributo de admiração aos escriptos de nossos maiores, narravam aquelles, feitos nunca praticados, e hoje difficilmente cridos, se não foram comprovados por monumentos de mais de uma especie. Ao mesmo tempo combatiam em Marrocos contra os moiros, sustentavam cercos apertadissimos, ganhavam batalhas campaes, descobriam paizes nem sequer sonhados pelos antigos, e não só isto, opulentavam as sciencias e aperfeiçoavam as artes. Apresentavam o primeiro poema epico moderno, e a segunda tragedia, e na poesia bucolica tomavam o primeiro logar, davam a conhecer á Europa as plantas asiaticas e americanas, enriqueciam as sciencias mathematicas e naturaes, escreviam um numero extraordinario de obras sobre as linguas da Asia, America e Africa, e Deus sabe até onde chegariam, se a inquisição e os jesuitas não lhes tivessem atalhado vôos tão arrojados!...

Desde então as coisas mudaram completamente; em Portugal já não era possivel escrever senão o que fosse grato, ou a tão detestavel tribunal, ou ao governo sopeado pelos jesuitas e frades, e o jugo era tal que qualquer escriptor tinha de declarar mui positivamente que não acreditava nos deuses do paganismo! Não procureis d'aqui por diante a historia de Portugal nos escriptores portuguezes, a verdade só a encontrareis nos escriptos estrangeiros. Innumeraveis são as obras publicadas em todos os paizes a respeito da catastrophe de Alcacer Quibir, da deposição de D. Affonso VI, da administração do marquez de Pombal, n'ellas podereis encontrar a narração dos factos taes quaes se passaram; mas, se os procurasseis conhecer com toda a exactidão nos escriptos nacionaes, darieis prova de que ereis pouco sabedores do modo de viver d'aquella epocha.

O conhecimento, pois, das obras publicadas por estrangeiros em tantos e tão varios paizes torna-se indispensavel para aquelle, que desejar conscienciosamente escrever ácerca de nossas coisas. Não havia, porém, um guia. Que obras ler relativas á acclamação de D. João IV, ou á nossa heroica lucta contra Napoleão I? Sabia-se apenas que existiam muitas. Havia conhecimento d'uma ou outra. Mas o presente trabalho vae mostrar que ha dezenas. Vae declarar o titulo exacto de cada uma, sempre que seja possivel, o nome por extenso do author, e até mesmo fazer extractos

d'aquelles trechos que mais directamente nos interessam, respeitando com tudo os limites proprios d'este trabalho.

O leitor vae ficar talvez um pouco surprehendido ao ver a grande aureola de gloria que cinge o nome *Portugal* entre os estranhos. Escriptores de primeira ordem consagram-lhe paginas repassadas da maior admiração e respeito, e ácerca de nossas coisas escrevem obras tão importantes, que não podem deixar de ter um logar distincto nas primeiras bibliothecas do mundo. O prussiano conde de Hoffmansegg emprega perto de cincoenta contos de réis na publicação da sua *Flora Portugueza*, e põe em perigo sua vida nos pincaros da Serra da Estrella. Seu companheiro de jornada, o celebre botanico Link, escreve sua viagem a Portugal e n'ella tece os mais pomposos elogios ao nosso paiz. A marqueza de Abrantes fica absorta ao contemplar as bellezas do Tejo, e não cessa de gabar as maravilhas que encontra em Portugal, maravilhas cantadas por poetas e poetizas em todas as linguas. Murphy escreve sobre as bellezas da Batalha uma obra verdadeiramente monumental, o mais bello trabalho que a respeito d'ella existe. O architecto francez Taylor na sua magnifica obra nada encontra comparavel ás columnas de Belem. O prussiano conde de Rackzynski é o primeiro que em dois volumes dá esclarecimentos relativos ao nosso legendario Grão Vasco. Poucos annos depois vae da Inglaterra expressamente a Vizeu o inglez Robertson com o fim de estudar o mesmo assumpto. Adamson escreve uma biographia de Camões, verdadeiramente digna de apreço, e Henry Major ainda bem não acaba de dar á luz a *Vida do infante D. Henrique*, logo pega na penna para trabalhar n'outra obra relativa ás nossas navegações. Lamartine, n'uma soberba ode, immortalisa o nosso Philinto Elysio. E o leitor encontrará elogios de Chateaubriand, Racine, Boileau, Quinet e outros aos nossos escriptores. Em remate as melhores historias da litteratura portugueza são escriptas por estrangeiros, e muitos sabem as obrigações em que estamos para com Ferdinand Diniz, Stanley, Smith, Ruscala, Schaeffer, e muitos outros.[1]

---

[1] Em 26 de junho de 1876, o rei de Dahomey, em guerra com os inglezes, remette uma carta escripta na lingua *portugueza*, ao commodoro britannico Hewett, pedindo que este lhe enviasse um parlamentario para tratar d'um accordo.

* * *

«Amo e venero a nobilissima nação portugueza (diz o celebre hespanhol Feijóo no seu *Theatro Critico*) pelas rasões que a fazem gloriosa em todo o orbe. O nascimento me fez seu visinho, e o conhecimento apaixonado. Os que sabem a primeira coisa estranharão a segunda, porque entre povos limitrophes sujeitos a diversas coroas, costuma reinar certa especie de emulação que os torna mal avindos. Porém como o céo me deu um espirito desembaraçado d'estas preoccupações vulgares, estimo o merito em qualquer parte que o encontre.

Quereis conhecer o importante papel que na politica europeia representou o celebre D. Antonio Prior do Crato? Não o procureis nos livros nacionaes, pois ai d'aquelle que tivesse o arrojo de dizer a verdade em Portugal n'aquelle tempo, mas procurae-a no grande numero d'elles, que por então se publicaram em muitos paizes. Quereis ter informações sobre a maneira como a inquisição tratava seus presos no reinado de Affonso VI? Só as podereis obter lendo-as na obra que Dellon escreveu a tal respeito. Quereis ver nossos monumentos? Vel-os-heis tambem no *Portugal Illustrated*, de Kinsey, e em muitas outras obras especialmente dedicadas a este objecto.

Não trata, porém, o presente trabalho sómente dos livros compostos por estrangeiros relativos a assumptos portuguezes, e dos traductores que verteram em linguas estranhas obras compostas pelos nossos patricios: darei tambem noticia resumida de muitas obras escriptas pelos nossos, quer em portuguez quer n'outros idiomas, reimpressas frequentes vezes em paizes estrangeiros; e terminarei dando uma succinta noticia, extrahida em geral de trabalhos estrangeiros, de varios monumentos que pelos nossos foram erigidos em varios paizes.

«Nem o paiz onde o sugeito nasce, nem o partido que segue, ajuntam um só grão de peso na balança em que examino o que vale.

«Torno pois a dizer que venero a nação portugueza por suas muitas qualidades relevantes que conciliam o meu respeito. Brazões são que ornam a sua gloria militar, continuada até hoje desde os mais remotos seculos; o seu ardente zelo pela conservação da fé, a sua alteza nas letras, e a sua fecundidade em produzir excellentes engenhos.»

* * *

E tinha rasão Feijóo: não foram só as navegações, guerras e descobertas que tornaram Portugal conhecido dos estrangeiros; em todos os ramos de conhecimentos humanos Portugal contou sempre grandes engenhos: Pereira, auctor do methodo de ensinar os mudo-surdos, que recebia uma pensão de Luiz XIV; Constantino, o rei dos floristas, estabelecido em Paris; Sequeira, que no Louvre expoz o admiravel quadro de Camões moribundo. Coelho, cujas télas ornam o Escurial; Moura, tão conhecido em Londres pelas suas pinturas; Fr. Francisco de Santo Agostinho, em Roma e Padua disputando de *omni scibili* com os maiores sabios da Europa; Arthur Napoleão, em tenra edade, despertando a admiração do mundo musical com seus concertos nas primeiras capitaes da Europa; Bomtempo, pianista tão conhecido em Londres e em toda a Europa; Marcos de Portugal, cujas operas eram cantadas nos theatros de primeira ordem; Todi, recebendo applausos pela maestria do seu canto em S. Petersbourg e n'outras capitaes; Antonio Vieira, prégando em Roma na presença de Christina, rainha da Suecia, onde então se achavam oradores dos mais distinctos. Canonistas e theologos da maior reputação, que no concilio de Trento attrahiam as attenções d'aquelle illustrado congresso; o Visconde de Santarem, cujos trabalhos geographicos hão de ser em todas as epochas de primeira ordem; Casado Giraldes que n'esta sciencia egualmente lhe faz distincta companhia; Antonio Vieira Transtagano, professor de linguas orientaes em Londres; P. Manuel Alvares, por cuja grammatica (segundo declara a edição impressa em Lucca) se aprendia o latim em quasi toda a Europa.

Notará o leitor que alguns artigos são longos, ao passo que outros apparecem muito succintos. Provem a causa ou de o auctor possuir o livro mencionado, ou de o ter á sua disposição, ou de apenas poder momentaneamente lançar sobre elle um relance de olhos, ou vêl-o tão sómente mencionado n'um catalogo, ou citado em qualquer livro.

Qualquer leitor conhecerá de quão grande difficuldade é escrever uma obra a respeito de assumpto tão espinhoso. No entanto trabalhei por alguns annos, e fiz quanto pude, não me poupando ao trabalho. De muitas obras, apesar das maiores diligencias, nunca me foi possivel obter um exemplar, entre as quaes a de Ebeling. Como seria possivel a qualquer individuo ver tantas obras compostas em tantos idiomas e localidades tão differentes, sendo n'outro tempo a entrada de muitas rigorosamente prohibida em Portugal, escriptas por pessoas que não respeitavam a inquisição nem as ceremonias religiosas dos portuguezes?[1] Outro tanto succede na

---

D. Francisco de Mello, o author da celeberrima *Historia dos movimentos de Catalunha*, uma das mais notaveis obras da litteratura hespanhola. Tambem um portuguez foi medico de Catharina II, imperatriz da Russia, e n'esta sciencia contamos actualmente varões muito abalisados, entre os quaes brilha o nome do sr. Alvarenga.

Em 1806 a academia de Copenhague offereceu um premio ao melhor livro sobre a *composição das forças*, e o professor de hydraulica na universidade de Coimbra, Manuel Pedro de Mello, foi quem o ganhou.

As obras do abbade Correia da Serra acham-se impressas nas *Philosophical Transactions*, de Londres, e nos *Annaes do Museu de Paris*.

Nas actas da academia de Munich estão publicados trabalhos do nosso José Antonio Monteiro, e o Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca d'Alcobaça, por Fr. Fortunato de S. Boaventura recebeu elogios de Maí e d'outros sabios. O nosso João Pedro Ribeiro disputava com o celebre auctor da *España Sagrada*, o P. Florez, e censurava passagens das suas obras. Brotero era um botanico distincto, e a *Flora da Cochinchina*, do nosso padre Loureiro, era reimpressa e accrescentada na Allemanha, a qual tantas reimpressões e traducções está fazendo das obras portuguezas. E em remate, como o leitor ha de ver, os trabalhos dos nossos patricios sobre os idiomas chinez e japonez estam sendo ou reimpressos, ou extractados em Roma, Paris e n'outras partes. As obras do nosso arabista Fr. João de Sousa são conhecidas em toda a parte, e o celebre professor de linguas orientaes em Paris, mr. Dubeux, fez seus primeiros estudos em Lisboa. Qual será o sabio estrangeiro que não conheça as obras do nosso Silvestre Pinheiro Ferreira, e o diplomata que não aprecie o merecimento do nosso fallecido Duque de Palmella? Se o nome de Silvestre Pinheiro Ferreira é conhecido pelos seus livros philosophicos, tambem os trabalhos publicados em diversas epochas pela universidade de Coimbra commentando as obras de Aristoteles são de grande apreço (segundo dizem estrangeiros competentes) e a Logica de Verney não só foi bem acceite na Italia, mas até mesmo recebeu grandes elogios no *Journal des Savants*.

[1] Apenas chegava um navio estrangeiro a qualquer porto portuguez, era a embarcação visitada pelos padres de S. Domingos, ou individuos da Inquisição, que apprehendiam todos os livros que dissessem mal dos costumes religiosos dos portuguezes.

França. N'aquelle paiz são rarissimas, segundo diz o sr. F. Diniz, as primeiras traducções que se fizeram das obras portuguezas relativas ás nossas primeiras viagens e descobertas. E em Portugal quantas pessoas se podem gabar de ter visto um Garcia da Horta em francez, ou um F. Mendes Pinto em hollandez?

Divide-se pois este trabalho em quatro partes, tratando cada uma d'ellas do seguinte assumpto:

I — Diccionario de todos os escriptores estrangeiros que escreveram obras expressamente consagradas a Portugal ou a assumptos portuguezes, acompanhado da traducção dos trechos mais notaveis que provam á evidencia o alto apreço que os maiores sabios estrangeiros fizeram dos portuguezes.

II — Diccionario dos traductores estrangeiros que verteram para os seus idiomas, obras portuguezas, trabalho digno de ser lido por aquelles que julgam que os estrangeiros ou não conhecem a nossa litteratura, ou não lhe dão o devido apreço.

III — Resenha das obras compostas por portuguezes, impressas em Portugal e reimpressas repetidas vezes em paizes estrangeiros pelo grande credito que n'elles obtiveram.

IV — Noticia dos monumentos existentes em varias cidades do mundo, construidos por portuguezes ou erigidos em honra dos nossos compatriotas.

Termina o 2.º volume em um indice remissivo, o qual com a maior facilidade indica as obras que podemos consultar a respeito de qualquer assumpto.

É tempo de terminar, mas cumpre-me dar agradecimentos áquellas pessoas que me obsequiaram, já dando-me algumas noticias, já favorecendo-me com o emprestimo de algumas obras, com o fim d'ellas eu poder fazer extractos. Serei por conseguinte sempre grato aos obsequios recebidos dos ill.mos e ex.mos srs.

Angelo Carrero
Antonio Henrique Leal
Antonio Maria Pereira Junior
Antonio Rodrigues
Antonio da Silva Tullio
Cassassa, e varios empregados da Bibliotheca publica de Lisboa
Conde de Geraz de Lima
Francisco Arthur da Silva
Francisco Marques de Sousa Viterbo
Manuel José Ferreira
Marquez de Sousa Holstein.

Declaro francamente que ao ex.^{mo} sr. Silva Tullio devo o terme dado conhecimento de algumas obras existentes na Bibliotheca Publica de Lisboa, sem o qual eu as não mencionaria, pois eram para mim completamente desconhecidas.

Não sendo infelizmente versado no conhecimento do idioma allemão, tive de recorrer aos ex.^{mos} srs. Alfredo Keil, e Sophia Roeder nas traducções que indispensavelmente tive de apresentar de varios trechos de obras escriptas n'esta lingua.

Ainda mais uma vez repito: lutei com muitas difficuldades, mas subiram ellas de ponto principalmente na 2.ª parte d'este trabalho, quando trato das versões dos escriptos portuguezes para idiomas estrangeiros.

Se, porém, este meu trabalho for bem recebido pelos meus conterraneos, dar-me-hei por bem pago de todas as minhas fadigas e vigilias, e com muitos outros, exclamarei:

Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha patria amei e a minha gente!

PARTE I

DICCIONARIO DE TODOS OS ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

QUE ESCREVERAM OBRAS

CONSAGRADAS A PORTUGAL OU A ASSUMPTOS PORTUGUEZES

COM A TRADUCÇÃO

DOS TRECHOS MAIS NOTAVEIS D'ESSAS OBRAS

«Lusitania!
Regnorum Regina potens, quam Solis ab ortu
Solis ad occasus Orbis uterque colit.»

LOBKOWITZ.

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

A

1) **ABBEVILLE (CLEMENT FOULLON CLAUDE D')** — Missionario e escriptor francez da ordem dos Capuchos, nascido em Paris no anno de 1632.[1]

E. — *Histoire de la mission des PP. Capucins à l'ile de Maragnon et terres circonvoisines, où il est traité des singularités admirables et des mœurs merveilleuses des Indiens.* Paris, 1614.

(Historia da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão, etc.)

2) **ABBTS (THOMAS).**

E. — *Fragment der Portugiesischen Geschichte.* Berlin et Stettin, 1781, 8.º

(Resumo dos feitos dos portuguezes, etc.)

3) **ABLANCOURT** (Monsieur d').

E. — *Memoires de — Envoyé de sa Majesté Très-Chrétienne Louis XIV en Portugal, contenant l'Histoire de Portugal, depuis le Traité des Pyrenées de 1659 jusqu'à 1668. Avec les Revolutions arrivées pendant ce temps-là à la Cour de Lisbonne, et un détail des batailles données et des Sieges formés sous les ordres et le commandement du Duc de Schomberg, avec le Traité de Paix, fait entre les Rois d'Espagne et de Portugal, et celui de la Ligue offensive et defensive, conclú entre Sa Majesté Très-Chretienne et cette Couronne.* A la Haye, Chez Abraham de Hondt, Marchand Libraire, près de la Porte de la Prison. 1701, 8.º, 382 pag.

(Memorias de mr. d'Ablancourt desde 1659 até 1668.)

Esta obra tem sido consultada, e ha de sel-o em todos os tempos por aquelles, que quizerem escrever circumstanciadamente a historia dos reinados de D. João IV e D. Affonso VI. Fremont d'Ablancourt, segundo nos diz o viscon-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Générale*, vol. 10.º, pag. 695.

de de Santarem,[1] era individuo algum tanto enfatuado, e mal acceito aos portuguezes. O auctor d'estas Memorias faz uma horrivel descripção da indole de Affonso VI; elogia extraordinariamente os feitos de Schomberg, apesar de ser quasi sempre contrariado pelos portuguezes, e lamenta o pouco desejo, que os nossos tinham de augmentar seu territorio, pois que toda a Galliza até á Corunha deveria pertencer a Portugal, no dizer d'este escriptor.

4) ABRANTES (LAURE PERMON, Duchesse d') — Mulher do general Junot, commandante da primeira invasão franceza em Portugal.

Nasceu em Montpellier a 6 de novembro do anno de 1784, e falleceu em Paris a 7 de junho de 1834.[2] Viveu sempre com tão excessivo luxo e ostentação, que se arruinou completamente a ponto de por fim ter de viver com o producto de seus escriptos. Alem de muitas outras obras, escreveu tambem:

Souvenirs d'une ambassade et d'un sejour en Espagne et en Portugal, de 1808 a 1811. Bruxelles, Société Belge de Librairie, de Hauman, Cattoir et Comp.e, 1838, 12.º gr., 289, imprimerie de P. Marz.

O tomo 2.º tem exactamente o titulo do 1.º, mas com o accrescentamento das seguintes palavras: Leipzig. L. Michelsen. 326 pag.[3]

A viagem em Portugal começa a pag. 113 d'este 2.º vol.

«*Quem não tem visto Lisboa, não tem visto cousa boa!*[4] Estas palavras admirativas, que o orgulho nacional inspira sempre a qualquer portuguez habitante de Lisboa, serão reconhecidas como verdadeiras por aquelles, que tiverem tido a ventura de viver sobre as margens encantadas do Tejo!... Com effeito, nada mais bello, que a vista de Lisboa, chegando ao rio, ou por Aldeia Gallega, ou por Cacilhas, ou pela Moita. — Tenho percorrido toda a Europa, e, exceptuando Napoles, nada vi que me tenha penetrado de admiração como esta cidade, levantando-se em fórma de amphitheatro na margem da *immensa planicie de agua* do Tejo. É especialmente ao vir de Aldeia Gallega que seu aspecto é o mais magestosamente imponente. No primeiro plano do quadro o Tejo, cuja largura n'este sitio é de mais de duas leguas francezas, está coberto de milhares de embarcações, cujos mastros empavezados annunciam, que toda a marinha do mundo póde vir demandar asylo á bahia de Lisboa. É do seio d'este lago, ou antes d'este mar, que se levantam como amphitheatro as collinas, sobre que assenta Lisboa. Á medida que o barco se desvia da margem do Alemtejo, descobre-se uma nova belleza no quadro, que se tem diante

[1] *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, vol. 4.º, parte 2.ª, pag. 145.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 27.º, pag. 251.

[3] Ha outra edição de 1837, feita em Paris, e mencionada na mesma pag. do vol. 27.º da *Biographie Universelle* de Firmin Didot.

[4] «No vayas á creer, lector amigo, que es del todo cierto el axioma portuguez de que *quien non veu Lisboa, non veu cosa boa*». G. Calvo Asensio. Lisboa em 1870, pag. 26 E' um dos livros mais recheiados de falsidades que teem saido dos prelos estrangeiros.

LAURE PERMON

LAURE PERMON

(Duchesse d'Abrantes)

dos olhos. A cidade estende-se sobre as collinas, que limitam o rio, e se vos apresenta com seus zimborios, seus conventos, palacios, jardins, campos cultivados, que separam um palacio de um mosteiro, uma praça publica de um cemiterio, e lhe dão assim parecença com uma cidade oriental; e depois desenrolam-se ao longe esses jardins embalsamados, essas quintas, que estão em roda de Lisboa, como um rico e suave cinto. Sobre um plano mais longinquo, as rochas de Cintra formam o fundo d'esse rico quadro, phantastico de belleza... Eis o conjuncto, que se vos offerece, quando, ao sahirdes de Aldeia Gallega, depois de terdes atravessado a arida e areienta provincia do Alemtejo, embarcaes no rio d'este nome n'um escaler dirigido por vinte remadores, e avançaes rapidamente para a cidade maravilhosa, sobre esse rio coberto de navios de todas as nações... cada impulso do remo descobre uma parte d'essa rica decoração, que se torna cada vez mais visivel. É principalmente pela manhã, ao nascer do sol, que devemos ver dourar com seus raios, (antes que sejam mais ardentes), suas novas ruas, a bella Praça do Commercio, o Arsenal, o Terreiro de Trigo, e Belem com sua quinta e sua egreja gothica,[1] Ajuda e seus pomares de laranjas e limoeiros... ao passo que o rio mais rapido e mais profundo e stá apertado entre as serras de Almada, e se precipita para o mar, onde se lança entre collinas, que limitam o lado do sul. Não sómente o aspecto de Lisbo a offerece uma prespectiva tão rara, como notavelmente bella; mas uma vez na cidade, a estranheza da direcção de suas ruas, de suas praças, a m aneira caprichosa como seus proprios defeitos se apresentam á curiosidade do estrangeiro, suas bellezas, que não são communs a nenhuma outra cidade europe a, tudo a torna uma cidade á parte entre as mais extraordinarias, e dá o desejo de voltar para ella, quando já se habitou uma vez.

«A pretenção de todas as cidades fundadas sobre montes é de ter sete, á maneira de Roma. Lisboa faz como as outras, e os portuguezes sustentam que tem sete montes.

«Porém uma particularidade notavel é que em 1806, cincoenta annos depois da catastrophe, viam-se ainda nas ruas de Lisboa não sómente signaes do terremoto de 1755, mas até os entulhos, taes como os deixára aquelle anno maldicto. Varias ruas de Lisboa, pequenas praças continham ainda esses restos da colera do céu. Immundicies, esqueletos de cães, cabras, jumentos, até de machos, jaziam por cima das ruinas, e a cidade ameaçada de peste pelas exhalações mephiticas d'esses montões de materias algumas vezes em putrefacção, não devia sua salvação mais que ao ar activo e salubre, que purifica com seu sopro, e dá saude a uma cidade, que deveria, como se vê, perecer com a morte commum aos povos do oriente.

«Via frequentemente em Lisboa uma senhora encantadora, para quem minha amizade se tornou dentro em pouco muito forte, a duqueza de Cadaval, irmã do duque de Luxemburg. Era mulher, a quem tanto eu, como toda a gente achavamos bella; mas depois de produzida esta impressão, tinha cau-

[1] Aliás de estylo manuelino ou portuguez.

sado uma outra em mim com sua alma, e todo encanto, de que era dotada; indulgente para com tudo, que podia tornal-a severa; terna, fina e espirituosa ao mesmo tempo, jovial com uma agradavel facilidade de se divertir, e uma necessidade de ver os outros alegres, não se achava feliz senão com as pessoas, a quem ella amava, bem certa de que nenhuma d'ellas tinha pezar no coração, nem sequer uma contrariedade.[1] Quantas noites passámos juntas a conversar a respeito d'essa França, cujo nome só bastava para a fazer chorar! Quanto era donairosa, bella até, quando entrava n'um festim com sua rica e elegante figura ornada com a fita azul de Maria Luiza, e de côr de rosa e branco de Santa Isabel! Tinha o porte tão magestoso, como de quem mais o tivesse no mundo, apezar de o ter algum tanto curvado. Não vi este mesmo porte gracioso de cabeça, este andar altivo e flexivel, com uma gentileza peregrina, senão a uma outra senhora, a duqueza de Montmorency.

«A duqueza de Cadaval era uma senhora, cujo grande encanto principalmente consistia em se não modelar por ninguem; seu modelo era ella propria, e a naturalidade era encantadora. Pelo que diz respeito a seu marido, era coisa bem differente, e principalmente uma outra natureza. Era bello, pelo menos assim o pretendiam em Lisboa. Eu, porém, em tempo algum o pude achar tal. Era alto, bem apessoado, semsaborão, no genero do Principe da Paz, e além d'isto ignorava as qualidades e os encantos de sua mulher, como se fôra cego, e lhe tivessem explicado tudo em hebreu. Tinha tomado uma regra de proceder bem singular. Assim, por exemplo, era elle em Portugal, o que o duque de Orleans fôra na França, o primeiro principe de sangue. Então fazia opposição sem saber o que era. Começava as hostilidades com o principe, seu real primo, o que não era difficil, porque, como todos os estupidos, arrufava-se por ninharias, e sómente d'isto se occupava, e tambem de arremedar o regente e o duque de Orleans, morto na revolução. Sobre tudo tinha a mania de contrahir dividas, e fazer côrte ás mulheres, porque o regente tinha arruinado a França, e fôra dissoluto.

«Ora, como tinha a pretenção de parecer-se com o regente, copiava-o em todos os seus defeitos, mas a duqueza, que se não modelava por ninguem, senão por si mesma, que era um anjo de perfeição, disse-lhe um dia, que queria saber o estado de sua casa. Pobre senhora! Que conhecimento tão triste! N'esse mesmo dia soube que podia ter saudades do exilio, e dos desgostos da emigração... Conteve se comtudo, e quiz pôr em ordem sua casa.

«Entre as dividas mysteriosas, que tinha o duque, existia uma principalmente, a de seu cosinheiro, a qual era de nove contos de réis. Como tinha o duque deixado chegar as cousas a tal ponto? Eis o que a duqueza perguntou sem obter resposta. Comtudo dispoz as cousas, e pagou por inteiro ao rei da cassarola. Disse-o ao duque no mesmo dia, recommendando-lhe, que nunca mais contrahisse dividas d'este genero.—Mas hei de pôr minha casa em ordem, disse ella! Ao saber que os nove contos tinham sido pagos integralmente, o duque ficou furioso.

[1] *Souvenirs d'une ambassade*, vol. 2 °, pag. 125.

«Que é isso? Vai pagar a um homem, que talvez me roubou cinco contos n'essa quantia de nove!

«É minha opinião, replicou a duqueza, que, visto o criado do duque se ter tornado seu credor, o duque está abaixo d'elle, porque lhe deve. Esta posição falsa não é conveniente! Eu devia fazel-a cessar, fosse qual fosse o sacrificio. Agora ella é o que deve ser. O duque acha-se livre para o despedir, se quizer: mas creio que continuará a tel-o em seu serviço!...

«O duque passeiava d'um lado para outro, sem saber como exprimir seu descontentamento.

«Pagar áquelle homem! exclamava elle, pagar áquelle homem!...

«A duqueza não lhe prestou attenção, e poz-se a trabalhar.

«N'essa epocha achava-me eu em Lisboa, e visitava a duqueza muito a miudo. Tive noticia d'este caso quasi logo, que se passou: porém o duque reservava-nos um desenlace, que nós estavamos bem longe de esperar.

«Alguns dias depois da explicação, que tivera com a duqueza, entrou em casa pulando, dansando, cantando, poz-se de joelhos diante d'ella, beijando-lhe as mãos e dizendo-lhe mil sandices. A duqueza ficou assustada, pois tudo isto era opposto ao seu genio habitualmente macambuzio. Mas seu espanto depois ainda veiu a ser maior.

«Sabe duqueza a minha felicidade?

«Esta abanou a cabeça.

«Lembra-se dos nove contos de réis, que pagou ao maroto do cosinheiro. Pois é verdade: eu não dormia nem comia depois de saber que uma tão bella quantia se achava nas mãos d'elle: era indispensavel que ella para cá tornasse!

«Santo Deus, misericordia, exclamou a duqueza! Então foi pedir-lhos emprestados? E suas faces ficaram como purpura.

«Não, não; disse o duque ás gargalhadas, a ponto de cair por cima d'um camapé. Não, por Deus: não era eu tão estupido. Elle joga: propuz-lhe uma partida, ganhei, disse elle, erguendo-se, e esfregando as mãos!

«A duqueza ficou como anniquilada; julgou ao principio ser gracejo. Não, o facto era bem verdadeiro. Com effeito o duque tinha apanhado os nove contos.

«Que acção tão nobre! [1]

«Encontrei em Lisboa quem tinha mudado o aspecto d'esta cidade, o conde de Novion. Antes d'elle as ruas d'esta capital apenas eram illuminadas por pequenas lanternas, suspensas diante das imagens de Nossa Senhora, que estão quasi a cada canto; porém esta luz baça guiava o assassino, mostrando-lhe a victima, e não era de nenhum soccorro; por isso é que as ruas de Lisboa eram mais perigosas para se andar por ellas a pé em 1797 por exemplo, que por qualquer de nossas estradas. Á meia noite ninguem ousava sair sem ir armado, e as proprias armas quasi sempre eram inuteis, porque os bandos de ladrões eram tão numerosos, que mal se lhes podia resistir. Teem-se visto pessoas presas pelos bandidos, serem completamente roubadas, e obterem d'el-

[1] *Souvenirs d'une ambassade en Portugal*, vol. 2.º, pag. 130.

les um salvo-conducto para não serem atacadas segunda vez. Pelo que toca aos assassinatos, era costume ir a certas egrejas, onde se encontravam homens que faziam justiça prompta e sanguinolenta, conforme a vingança que lh'a pedia. Aquelles homens viviam ali, n'aquelle logar santo, como n'um logar de refugio, onde a propria Inquisição não os podia ir arrancar; e além d'isto as egrejas quasi todas estão contiguas a conventos de homens, ou de mulheres, e o assassino estava certo da impunidade, se *trabalhasse*, como dizia, para o abbade ou abbadessa do convento. Eis um caso acontecido na propria Lisboa em 1798.

«O consul d'uma nação estrangeira teve uma questão com o parente d'um outro consul. Poderia vingar-se com sua espada, mas preferiu ir procurar n'uma d'essas egrejas pessoa, que trazia sempre escondido um punhal prestes a ferir. Encontrou a quem desejava; fez seu ajuste, deu metade da somma exigida, que foi (creio que attendendo á qualidade da victima) 24$000 réis. Devia receber a outra metade depois do assassinato.

«O sicario, depois de ter tomado todas as informações possiveis, despediu seu freguez, porque tinha outro negocio entre mãos.

«Mas o freguez não era cruel; sentiu depois acalmar essa agitação febril, que dá o furor d'uma offensa a uma alma nobremente nascida. Bem depressa sentiu uma outra tempestade levantar-se em logar d'aquella, que se extinguia, e esta tornou-se terrivel, e bem ameaçadora, porque era contra elle, e elle tinha andado mal. Finalmente os remorsos tornam-se insuportaveis.

«Eram apenas nove horas; a cidade estava ainda animada e susurrante.

«Embrulhou-se em seu capote, poz seu chapeu baixo, e com passos rapidos dirigiu-se para casa do homem, que por um pouco de ouro devia tomar a desforra. [1] N'este momento a torre de Belem soou as dez horas, o grande sino vibrava no ar, levando para longe o som argentino, e por isso solemne de suas badaladas. O individuo estremeceu.

«Ia finalmente descer, quando ouviu barulho no quarto do homem, barulho que se parecia com o ranger d'um leito, quando alguem se vira. O individuo bateu com força, e d'esta vez uma voz lhe respondeu: era a do scelerado. Abriu sua porta ao reconhecer o som da voz de F...

«Oh! já vós por aqui, disse elle bocejando, e estendendo os braços. Por Santa Maria da Gloria, que bem apressado sois. Julgava que só nós, que vivemos ao ardor do sol, elevavamos a vingança a tal ponto! Mas parece...

«Oh! Não, interrompeu o outro, pelo contrario venho dizer-vos que já não quero a morte d'aquelle, a quem eu tinha condemnado.

«Ah! exclamou o assassino com um espanto de que estava possuido pela primeira vez, isso é indifferente; porém é tarde de mais.

«Já o mataste, miseravel?

«E que outra cousa me tinheis vós dito que fizesse senão que o assassi-

[1] Obra ultimamente citada, pag. 139. E' possivel ser verdadei ro este facto: a bas tantes pessoas ouvi dizer que nas egrejas é que se procuravam os assassinos, os quaes n'ellas se fingiam beatos os mais fervorosos.

nasse? Quem poderia esperar que, depois de terdes condemnado vosso inimigo no tribunal de vosso odio, vós o fosseis absolver n'esse mesmo tribunal, uma hora depois?

«Nós não procedemos assim em nossa terra. Pelo que me toca, disse elle, com uma expressão de demonio, a unica pena que tenho do meu inimigo, é não estar elle ainda em estado de sentir meu punhal.

«F. estava abatido. N'este momento o clarão da lua reflectia perfeitamente por cima do pequeno terraço, que ficava ao lado da porta do homem. O clarão caiu direito sobre este, e fez ver uma longa mancha de sangue na manga e na mão do assassino. F. não poude conter um grito, e deitou a fugir pela escada abaixo; mas foi agarrado por esta mesma mão ensanguentada.

«Mais um momento, um momento, senhor! Tenho pena, apezar de tudo, que o nosso negocio andasse tão depressa; mas julguei que fazia bem, e deve-se-me a minha paga. Dae-ma então, e que não haja mais questão entre nós: bem vos conheço, e eu sabia bem procurar-vos, se me não quizesseis pagar meu trabalho.

«F. atirou-lhe com a bolsa, sem querer tocar n'aquella mão manchada de sangue. O malvado apanhou a bolsa, e contou o dinheiro, que continha.

«Está aqui mais do que é preciso, disse elle ao separar sua paga do resto do dinheiro. Aqui está isto que vos pertence.

«Ficae com tudo, respondeu F.

«Então ficarei com elle, visto estardes penalisado da morte d'aquelle homem, que todavia era um homem valente, e não vos disse isso por ser inutil para o nosso fim. Defendeu-se como um diabo, e vi-me obrigado a chamar em minha ajuda um dos meus homens, um dos meus ajudantes, porque muitas vezes o negocio é custoso, e corre seus riscos. Um de nossos collegas, Sebastião, bem novo ainda no officio, foi morto por um inglez, a quem não atacava, e do qual sómente queria a bolsa. Sua mulher ficou sem nada, e nós vimo-nos na necessidade de lhe fornecermos uma pequena mezada, contribuindo cada um de nós com sua quota. Se quizerdes, senhor, as tres peças, que sobram, serão para a viuva de Sebastião, e para mandar dizer missas por alma do rapaz, por cuja morte estaes mortificado. Ouvi então; a culpa não foi minha; disseste-me ás onze horas... o rapaz passou porém em occasião favoravel para a ponta do meu punhal... ás oito horas e meia... a occasião era excellente... ah! palavra de honra, caiu, mas levantou-se ainda...

«Esta historia, que me foi narrada por aquelle mesmo, que d'ella foi o heroe, póde fazer conhecer os costumes de Portugal no fim do ultimo seculo sómente.

*
* *

«A festa do Corpo de Deus em Lisboa é uma solemnidade desconhecida em qualquer outro paiz. [1] É uma theoria pagã; é uma ceremonia fabulosa; é phantastica de riqueza e de maravilhas.

[1] *Souvenirs d'une ambassade*, tomo 2.º, pag. 158.

*
* *

«O monte ao Este de Lisboa é o mais bem situado para morada. Muitas vezes o subi para contemplar o painel magnifico, que se ostenta como um panorama phantastico causado pelas impressões d'um sonho, no qual vós tivesseis sonhado um paiz encantado, debaixo d'um ceo puro e azul, onde um sol de ouro luz sempre sem nuvens. D'esta altura domina-se todo o valle de S. Bento.

«Á esquerda, conventos, egrejas, jardins, quintas, pomares de larangeiras, onde os aureos pomos brilham ao lado das flôres embalsamadas. Em frente, a ingreme altura, sobre que está construido o castello, que defende a cidade. Á direita o Tejo, coberto de navios com pavilhões de mil côres, ao passo que ao longe, e de todas as partes, se descobrem campos, prados, flôres por todos os lados, e por todos os sitios um ar doce e embalsamado, que vos enfeitiça, que vos penetra com seu encanto, e por cima de tudo isto dardeja um sol puro! Tudo em volta de vós respira uma duplicada alegria; tudo, até os edificios, que parecem cobertos d'um veo de varias côres, dando ares d'um docel lançado por cima de suas grimpas. N'este paiz a natureza está sempre em festival. Nunca lhe pedi uma distracção, uma consolação, que me não respondesse concedendo-m'as com profusão. Não ha soffrimento da alma, não ha dôr de corpo, que me não tenham sido mitigadas com a vista d'este paraizo. Durante minha residencia em Portugal, vi chegarem áquelle paiz doentes condemnados a morrer, e todavia prendiam-se á vida! Muitos desmentiram a sentença, e aquelles que a padeceram, não soffriam pelo menos o aguilhão ardente da morte. Sem duvida, n'este paiz morre-se, chora-se, soffre-se como em todas as outras partes; a dôr é uma lei de nossa natureza, a que não podemos fugir: mas, assim como o opio adormenta os padecimentos do corpo, a vista d'este paiz lhe mitiga os soffrimentos.

«Na margem do Tejo fica a bella Praça do Commercio. Nada temos em Paris, mesmo actualmente, tão bello como os caes, que terminam este lado da praia.

«Muito tenho viajado;[1] percorri o norte e o meio-dia da Europa, e nunca se patenteou a meus olhos uma cidade tão extraordinaria, e ao mesmo tempo tão notavel e tão formosa, como Lisboa. Nunca um céu mais bello espargiu sua luz sobre uma cidade rodeada d'uma natureza, que a cinge com suas maravilhas: mas ao mesmo tempo em logar nenhum eu vi tantos dons de Deus tão mal conhecidos e inutilisados.

«É nos arrabaldes de Lisboa que se torna necessario aprender a conhecer este paiz, que se póde descrever, mas nunca pintar. Estas circumvisinhanças parecem ser formadas para fazerem uma decoração á maneira de vestibulo, e de entrada a este valle de Cintra, cantado pelo amor com sua voz de cisne em Camões, e celebrado por lord Byron em Child Harold, e admirado por quantos o percorreram, a ponto de não o quererem deixar.

[1] *Souvenirs d'une ambassade*, pag. 165.

«Entre os emigrados francezes, residentes em Lisboa, distinguia-se tambem o conde de Artaize, da casa de Roquefeuille. O conde de Artaize estava na legião estrangeira do marquez d'Alorna, e tinha mesmo um esquadrão como propriedade n'esta legião. Era amigo e ajudante de campo do referido marquez. Conheceu, ha algum tempo, que nós não possuiamos traducção de Camões, e verteu em verso o bello episodio de Ignez de Castro. Leu-me a versão ha poucos dias, e fiquei não sómente encantada da fidelidade bem guardada das pinturas e das descripções, cousa tão rara n'uma traducção em verso d'uma obra tambem escripta em verso; mas fui agradavelmente surprehendida achando n'élla o sainete primitivo do poeta portuguez, tão insolentemente mutilado por La Harpe, que julgou poder-se fazer uma traducção pegando n'uma grammatica e n'um diccionario. Não é d'um homem tal que Carlos V disse: Um homem que sabe quatro linguas, vale por quatro homens.

«Fiquei pois encantada d'esta traducção de Camões; lamento que seja apenas d'um episodio. A fidelidade, com que o conde de Artaize tratou este episodio, serve de fiador á, que empregaria para nos apresentar a passagem do Cabo da Boa Esperança! O genio das tempestades erguendo-se em frente de Vasco da Gama, e predizendo-lhe o futuro! Todas as vezes que leio em Camões esta passagem admiravel, fico cheia de respeito á vista d'esta elevação do espirito humano, que approxima da divindade o homem!

«O nome de Ignez de Castro quasi que é magico para evocar tudo quanto se refere á sua bella patria,[1] a essas margens encantadoras do Mondego, a esses maravilhosos arrabaldes de Coimbra, cuja belleza póde rivalisar com tudo, quanto a Hespanha póde por sua vez offerecer ao estrangeiro, que percorre aquelle paiz. Posso mesmo accrescentar que a universidade de Coimbra levava muita vantagem a todas as outras de Hespanha. Ai! Que dôr ao ver aquellas bellas margens do Mondego manchadas pelo sangue, e assoladas pelo ferro e fogo! Nada póde dar uma idéa dos arredores de Coimbra! Apesar de montanhosos são bem cultivados, e todos os montes estão coroados de pequenos bosques de bellos pinheiros de topo elegante, e d'esses magnificos carvalhos de França, cuja sombra secular redobra de belleza, maior em cada anno, que passa por cima d'elles.

«São os valles cortados pelos ribeiros, que conservam não sómente uma grande frescura, mas até uma fertilidade desconhecida em nossos paizes do Meio-dia; elegantes casas de campo, quintas, mosteiros, fabricas mesmo, cercadas de pomares de laranjas, de oliveiras, do bello arbusto, cujo porte elegante é realçado ainda por sua bella verdura, e pelo rubor de seus fructos, o medronheiro. O bello cypreste de Portugal, todas as arvores da Europa, e até aquellas, que admiramos nas bellas florestas da Baixa Saxe, formam nas circumvisinhanças de Coimbra retiros encantados, e bordam o bello rio Mondego, que banha as muralhas da cidade, e gyra no estreito, mas fertil valle, onde Coimbra está fundada. Ao longe enxerga-se no horisonte a alta serra da

[1] Engano da duqueza d'Abrantes: Ignez de Castro era hespanhola.

Louzã, e ainda mais longe a do Bussaco, em cujo pincaro está construido o famoso mosteiro dos Carmelitas, afamado por suas reliquias. Á fronte associou-lhe Massena depois uma outra celebridade.

«Foi n'esta serra do Bussaco que se feriu aquella cruenta e funesta peleja, em que seis mil francezes foram exterminados pela loucura de um chefe que fôra habil, mas n'outro tempo. O marechal Ney, o duque de Abrantes, bem como o general Reynier, todos tres primeiros chefes dos tres corpos de exercito, que formavam o de Portugal, foram todos de opinião contraria. O principe de Essling a nada quiz attender; foi atacar esta serra, que era a pico, e cujo alto estava coroado pelas tropas inglezas e portuguezas, que atiravam contra os francezes como sobre caça, que tivessem cercado com o fim de a levarem para sustento do exercito. Oh que recordação a d'aquelles desgraçados, mortos quasi sem defesa, pelo ferro de um inglez, cahindo debaixo da balla certeira de um portuguez, ao passo que este mesmo exercito angloluso, forte de mais de quarenta mil homens, formava dois annos antes uma ponte de oiro a quinze mil francezes para os verem afastar-se de Portugal!

«Defronte de Coimbra fica a quinta das Lagrimas. M. de Forbin, encantado da belleza do assumpto, fez um quadro representando a coreação de Ignez. Este quadro tem merecimento, como todos que elle pintava então. Sabe-se que Forbin não é habil na pintura de figuras. Mostrou um outro genero de habilidade no painel de Ignez, cujo bello colorido, transparencia e pureza das aguas, são admiraveis; mas não se encontra n'elle um só rosto. O de Ignez fica de tal sorte na sombra, que se não vê, e alem d'isto as feições estão desbotadas de proposito. D. Pedro tem, segundo creio, a vizeira baixa; o fidalgo de Portugal, que rende homenagem, está inclinado, com a cabeça cahida. O prior do mosteiro tem seu capuz muito puchado para diante. Emquanto aos outros personagens estão na sombra, ou teem seu capuz ou vizeira cahidos na frente.

«O quadro de Saint-Evre, que o duque de Orleans deu a Victor Hugo, e que representa o mesmo assumpto, foi pintado talvez d'um modo mais intelligente. Ignez está assentada no seu throno, debaixo do docel, e seu esqueleto coberto com um lençol, deixa-se ver atravez das pregas, que deixam contemplar a fórma horrivel e ossea do esqueleto. Os braços principalmente pendentes, deslocados e cobertos de luvas brancas, mettem pavor na verdade. É um bello painel.

«É pois sobre as margens do Mondego que Luiz de Camões imaginou seu terceiro canto dos Lusiadas, esse terceiro canto, que bastaria só para fazer esquecer as imperfeições do grande poeta; esse terceiro canto, no qual a dita de Ignez é pintada por um modo tão mavioso. Nossa lingua não póde traduzir aquelles versos admiraveis. Nada tenho encontrado tão harmoniosamente poetico em Tasso, e em Dante, como estes dois versos:

De noite em doces sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos, que voavão. [1]

[1] *Souvenirs d'une embassade*, tomo 2.°, pag. 249.

«O que muito contribue para a belleza do paiz n'esta parte de Portugal, é um ornato da natureza, que ella n'esta terra produz profusamente, e que lhe dá um caracter particular de belleza — é o cypreste de Portugal (*cupressus Lusitanus* de Lhéritier). Não é bello senão nas margens do Mondego, e perto da serra do Bussaco, para onde foi primeiramente levado de Goa por um frade.

«Alli se acham os bellos loureiros da India vindos d'esta ultima cidade aquellas bellas arvores tornadas indigenas, e trazidas da ilha da Madeira, aquellas larangeiras, aquelles limoeiros. Oh! Em logar nenhum se póde ver um paiz mais favorecido do céu! Granada, sem duvida; mas Granada é unica no mundo; é a rainha das cidades; com tudo Coimbra é sua nobre e encantadora irmã!»

Eis algumas das passagens mais notaveis, que dizem respeito a Portugal. O que porém mais se distingue n'este livro, é a descripção da familia real portugueza, da nossa aristocracia, e do corpo diplomatico estrangeiro, residente em Lisboa, no qual fazia uma figura tão saliente o manhoso nuncio italiano. O que ella tambem faz com mais desenvolvimento na obra tão conhecida *Memoires*, a começar do vol. 7.º por diante.

A duqueza de Abrantes tinha emprehendido com Alexandre de Laborde, Charles Nodier e o marquez de Custine, uma obra intitulada *La Péninsule, tableau pittoresque de l'Espagne et du Portugal*, obra de que, segundo diz a *N. B. Universelle*, apenas appareceu um fasciculo publicado em Paris no anno de 1835. V. Laborde.

5) ABREGÉ CHRONOLOGIQUE *de l'histoire d'Espagne et de Portugal, avec des remarques particulières à la fin de chaque periode.* Paris, 1765, 2 vol.

(Resumo da Historia de Hespanha e de Portugal.)

«O *Novo Diccionario Historico* por uma sociedade de gente de letras, em francez, hoje 9 vol. em 8.º, diz que o seu auctor é Filippe Macquer, natural de Paris, advogado do parlamento. Chega até parte do reinado de D. José I.» [1]

6) ABREGÉ SUCCINCT *d'une infinité de maux lamentables et de dégats déplorables que la violence et la conjuration des quatre élements ont fait éprouver à la grande ville et à la cour de Lisbonne, le 1er novembre de cette année 1755. Traduction litterale de l'imprimé espagnol.* Orleans, 1756, folheto.

(Resumo dos estragos causados pelo terremoto de 1755 á cidade de Lisboa.)

Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto dos livros portuguezes, e escriptos em varias linguas, mas relativos a Portugal, que existem na Bibliotheca Imperial de Paris, catalogo de que existe uma copia na Bibliothe-

[1] *Bibliotheca historica de Portugal e seus dominios ultramarinos*, pag. 389.

ca Publica de Lisboa, e do qual tive conhecimento por indicações do ex.mo sr. Silva Tullio.

7) ACCOUNT (AN) *of the Court of Portugal under the reign of the present king D. Peter the second.* London, 1700. [1]

(Noticias da côrte de Portugal no reinado de D. Pedro II.)

8) ACCOUNT *of the discovery of the Madeira Island. Letter to a friend on ditto.*

Vi mencionada esta obra n'um catalogo de livros antigos, e não me acho habilitado para dar mais pormenores a respeito d'ella.

9) ACCOUNT *of the most remarcable places and curiosities in Spain and Portugal.* London, 1749.

(Noticia dos logares e causas mais notaveis de Hespanha e Portugal.)

10) ADAMS.

E. — *A Guide to Madeira with an account of the climate.* London, 1801.

(Guia da Madeira, etc.)

11) ADAMSON (JOHN).

John Adamson descendia de uma familia respeitavel do condado de Durham. Foi o ultimo filho do tenente da armada real Cutberth Adamson, e nasceu em Gateshead a 13 de setembro de 1787. Sendo muito novo foi mandado para Lisboa, onde seu irmão mais velho se achava estabelecido, porém viu-se obrigado a regressar á sua patria na occasião da invasão dos francezes. Falleceu a 27 de setembro de 1855. [2]

Conservou sempre uma agradavel impressão do paiz, em que tinha residido, ao qual tinha particular affeição, bem como á sua litteratura, que cultivou toda a sua vida. Possuia a mais completa collecção das edições e obras de Camões, a qual constava de uns cento e vinte volumes, e uma collecção iconographica composta de uns tresentos desenhos, gravuras, retratos, medalhas do barão de Dillon, morgado Matheus, correspondencias, etc.

E. — *Memoirs of the life and writings of Luis de Camoens, by.* — F. S. A. London, Edinburg, and New-Castle upon Tyne. London. Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1820. Com o retrato do poeta.

(Memorias da vida e escriptos de Camões.)

8.º, 310 pag. e com uma vinheta representando a gruta de Camões em Macau.

O vol. 2.º, composto de 392 pag. é adornado com um supposto retrato de D. Ignez de Castro, com o de Manuel de Faria e Sousa, de Luiz de Camões,

[1] Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio, catalogo que apenas ligeiramente pude consultar.

[2] Sr. visconde de Juromenha — *Obras de Camões*, vol. 1.º, pag. 279.

D. Francisco de Almeida, e de D. G. de Noronha, conforme a edição de Manuel Correia.

Esta obra é dedicada a Thomás Davidson, Esquire, Clerk of the Peace for the Country of Northumberland.

A dedicatoria segue-se um soneto de J. X. de Mattos em honra de Camões, e traduzido para inglez pelo dr. J. Leyden.

Começa o prefacio, no qual nos diz Adamson que o fim do seu trabalho é dar aquellas informações a respeito da vida e escriptos de Luiz de Camões, que possam ser colligidas dos pormenores deixados por seus primeiros biographos, ajudados com a leitura das obras do poeta, e com uma diligente investigação entre os artigos, que apenas se encontram uma ou outra vez. A este prefacio, no qual agradece a varias pessoas que lhe prestaram serviços na composição d'esta obra, seguem-se immediatamente as memorias da vida de Camões.

«A apparição dos *Luziadas*, [1] o primeiro poema epico moderno, foi saudada como uma era nova na poesia. O sol da fortuna nunca brilhou sobre este poeta, nem este participou de algum de seus favores. Os seculos, não influidos pela ingratidão do seu paiz, nem pelo despreso dos pobres, deram a immortalidade a seu nome, ao passo que sua lyra, mais perduravel que um monumento de pedra será escutada por todo o mundo habitavel.[2]

«O dr. Black em uma nota á sua vida de Tasso, depois de comparar a sorte de Camões com a do poeta italiano, escreve: Ambos os poetas, todavia, se foram infelizes durante a vida, teem pelo menos alcançado aquella gloria, pela qual suspiravam; e é uma reflexão agradavel, que, em quanto os grandes, soberbos e titulares, que despresavam o bardo lusitano, são despresados, o nome do poeta é pronunciado com respeito, mesmo no meio dos ultrajes da violencia, e das tempestades da guerra. A instrucção publica (diz Junot na sua proclamação aos habitantes de Portugal no 1.º de fevereiro de 1808) a instrucção publica, a unica fonte da civilisação das nações, será diffundida pelas differentes provincias, e o Algarve e Beira-Alta possuirão seu Camões. A traducção dos *Lusiadas* em todas as linguas cultas da Europa dá testemunho da estima, em que sempre foram tidos, ao passo que numerosos tributos a seu genio e talento, que poetas e escriptores sem interrupção lhe teem prestado, attestam sufficientemente o sentimento de admiração, que despertavam seus enthusiasmos. Seria impossivel referir todas as variadas opiniões formadas a respeito das composições de poeta, ou noticiar os graus empregados para elogiar o auctor.

«Lope de Vega era um ardente admirador das composições de Camões, e varias passagens de suas obras testificam a estimação, em que elle tinha o poeta portuguez. Faria e Sousa, que era amigo intimo de Lope, escreve terem-lhe dito que este illustre hespanhol appellava usualmente para as obras de Camões com o fim de dissiparem a tristeza, com que sua alma estava so-

[1] John Adamson — *Life and Writings of L. de Camoens*, vol. 1.º, pag. 292.
[2] Idem, pag. 213.

brecarregada por causa de algum desgosto casual ou infortunio. No seu Laurel d'Appollo encontra-se este elegante tributo a Camões:

Llegando pues la Fama
A la mayor ciudad que Espana aclama
Por justas causas despertar no quiso
(I fue discreto aviso)
Al gran Sá de Miranda,
Que le dexe Melpomene le manda:
Y al divino Camoes
En Indianos aloes
Que riega el Ganges, y produze Hidaspes,
Durmiendo en bronze, porfidos y jaspes
(Fortuna estrana que al ingenio aplico
La vida pobre, y el sepulcro rico),
Porque se despertaran,
Y a las Cortes, Parnasides llevaran;
Docto Corte Real, tu nombre solo,
Aun no que dava con el suyo Apolo.
Como lo muestran oy vuestras Lusiadas
Postrando Eneydas, y venciendo Iliadas.
Que triste suerte, que notables penas,
Acabada la vida hallar Mecenas;
Mas no por esso puede
Dexar de ser gloriosa vuestra fama,
Si bien claro Luis la tuya excede
Por quanta luz derrama
El farol Didimeo
Y mas quando te veo
Banar pluma de Fenix tinta de oro,
Diziendo com decoro
I magestad sonora,
Por la lealdad, que nũca el tiempo olvida
Que mais anos servira se non fora
Para tan largo amor tan curta a vida.

(Silva Tercera, pag. 26. Edic. de Madrid de 1630.)

«A Inglaterra tambem não se deixou ficar atraz em tributos a Camões: Mr. Hayley no seu *Essay on Epic Poetry*, assim caracterisa o poeta e suas composições:

Tho' fiercest tribes her galling fetters drag,
Proud Spain must strike to Lusitania's flag,
Whose ampler folds, in conscious triumph spread,
Wave o'er her Naval Poet's laureate head.
Ye Nymphs of Tagus, from your golden cell,

That caught the echo of his tuneful shell,
Rise, and to deck your darling's shrine provide
The richest treasures that the deep may hide:
From every land let grateful Commerce shower
Her tribute to the Bard who sung her power;
As these rich gales, from whence his Gama caught
A pleasing earnest of the prize he sought,
The balmy fragrance of the East dispense,
So steals his song on the delighted sense,
Astonishing with sweets unknown before.
Those who ne'er tasted but of classic lore.
Immortal Bard! thy name with Gama vies,
Thou, like thy Hero, with propitious skies
The sail of bold adventure hast unfurl'd,
And in the Epic Ocean found a world.
Twas thine to blend the Eagle and the Dove,
At once the Bard of Glory and of love:
Thy thankless country heard thy varying lyre
To Petrarch's softness melt, and swell to Homer's fire!
Boast and lament, ungratful Land, a name
In life, in death, thy glory and thy shame.

Terminam estas memorias da vida de Camões, com uma comparação biographica entre o nosso poeta e Cervantes, composição d'um escriptor hespanhol, a qual occupa perto de tres laudas.

A pag. 239 começa uma noticia das *Rimas de Camões*. «Porque a fama de Camões não provém tão sómente do seu poema epico: tal era a versatibilidade de seu genio, que compunha em todos os metros usados n'aquella época, e foi bem succedido na maior parte d'elles.»

O 2.º volume principia por uma traducção para inglez da obra do Morgado Matheus intitulada *Ensaios sobre os Luziadas de Camões*, que occupa 58 pag.

A esta traducção segue uma noticia das versões dos *Luziadas*, com informações a respeito dos traductores.

Esta noticia é interessante, se bem que a do sr. visconde de Juromenha no 1.º volume das suas obras de Camões é muito mais ampla, posto que ainda difficiente. O nome de Camões tem soado por toda a parte do mundo, e em todos os logares da terra tem havido admiradores do nosso poeta, que escreveram ácerca d'elle. E este numero vae já sendo tão grande, que não admira que o mais diligente indagador não possa ter conhecimento de quanto se tem escripto, e vae escrevendo em pontos tão differentes do globo. Ainda não ha muito tempo que o sr. Varnhaguen nos dava noticia d'uma traducção dos *Luziadas*, em lingua hungara, da qual ninguem ainda nos tinha fallado.

As noticias d'estas versões em Adamson occupam as pag. 61 até 252, appresentando o episodio da morte de D. Ignez de Castro, em varias linguas, para conhecimento da habilidade dos traductores.

Vem em terceiro logar uma resenha das differentes edições das obras do nosso poeta.

E termina finalmente este volume com uma lista dos commentadores e apologistas de Camões.

O exemplar de que me servi para a composição d'este artigo, foi-me emprestado pelo ex.mo sr. conde de Geraz de Lima.

Outra obra notavel devida á penna de John Adamson, é *Lusitania illustrata: Notices on the History, Antiquities, Litterature, of Portugal. Litterary Department. Parte 1.ª Selection of Sonnets, with biographical sketches of the Authors by*. Newcastle 1842, 8.º de XII, 100 pag.

Lusitania illustrata etc. Parte 2.ª Ibi., 1846, 8.º de XVII, 54 pag.

D'estas obras se dará mais ampla noticia na parte d'este trabalho destinada para os traductores de obras portuguezas.

A respeito d'este benemerito escriptor diz-nos o sr. Innocencio a pag. 88 do volume 16.º do *Panorama*. Da sua particular predilecção pela litteratura classica portugueza, e das riquezas, que n'este genero possuia, é prova sobeja o volume que imprimiu e distribuiu particularmente aos seus amigos com o titulo: *Bibliotheca Lusitana or Catalogue of Books and Tracts, relating to the History, Litterature and Poetry of Portugal; forming part of the Library of John Adamson*. Newcastle on Tyne 1836, 8.º de 115 pag. Ahi se comprehende a mais ampla collecção, que até áquelle tempo se havia reunido das obras e edições de Camões, passante de 120 volumes.

12) ADLERHOLD (GERMANUS).

E. — *Die Nacht des Portugiesischen scepters. etc.* Frankfort, 1703, 8.º

(Poder do sceptro portuguez, ou descripção circumstanciada do reino de Portugal, suas riquezas naturaes, seus antigos habitantes, reis, decadencia durante o dominio hespanhol, sua restauração e seu governo até o rei actual.)

13) ADMINISTRATION (L') *de Sébastien Joseph de Carvalho et Méllo, comte de Oeyras, marquis de Pombal, sécretaire d'état, etc. Prémier ministre du roi de Portugal, Joseph I.* A Amsterdam, 1786, 4 vol., 4.º

«Quando se reflecte com attenção sobre as revoluções de Portugal, vê-se que teve um destino unico. Desde seu nascimento experimenta vicissitudes, que não são vulgares. No seculo XV faz a conquista das Indias. A Asia inteira passa para debaixo de seu dominio. Desde então a fortuna de Portugal é prodigiosa! Não diz a historia que nenhuma outra nação se tenha elevado com um vôo mais rapido ao cume das grandezas. A propria Roma, no auge da sua gloria em tempo nenhum conquistou tantos estados, ou dominou sobre tantos povos, ou se apossou de tantos sceptros, ou lançou ferros a tantos reis. É um espectaculo o ver o mais pequeno estado da Europa tornar-se a primeira potencia do mundo!

«A descoberta do cabo da Boa Esperança pelos portuguezes transfigurou a sorte da republica geral. Vemos grandes imperios converterem-se em pequenos estados, e estados mediocres elevarem-se á ordem das grandes potencias. O commercio é quem produz esta mudança. Então começa esta celebre revolução, cuja influencia se estende por todas as partes do globo.

«O mundo antigo e novo não forma senão um theatro de riquezas.

«Até então a Asia sómente constitue um emporio de ricas producções, das quaes os portuguezes são os unicos possuidores. Mas dentro em pouco a ambição, ou a avareza das outras nações, procura attrahil-as para si. A Hollanda, a Inglaterra, a França, a Suecia, querem ter parte dos thesouros da India, procurando estabelecer-se n'ella.

«Por esta época começaram guerras, das quaes se não acha nenhum exemplo nos antigos annaes militares. Os combates, que se dão n'este novo campo de batalha, são tanto mais sanguinolentos, quanto o inimigo vencido não tem abrigo.

«A descoberta do Brasil dá um novo esplendor a Portugal. Além da gloria pessoal de accrescentar um novo mundo ao antigo, suas producções bastam ellas sós para elevar sua potencia acima de todas as potencias».

Esta obra attribuida a um certo Desoteux é favoravel ao nosso marquez, e censura muitas das passagens, que se encontram nas *Memoires du Marquis de Pombal.* [1]

14) ADVENTURES OF A YOUNG RIFLEMAN *in the French and English armies, during the war in Spain and Portugal, from* 1806 *to* 1816.

(Aventuras d'um soldado atirador, nos exercitos francezes e Inglezes, durante a guerra de Hespanha e Portugal.)

15) AGUILERA (D. VENTURA RUIZ).

E. — I. *Camino de Portugal. Drama en un acto, original y en verso por —, representado con gran aplauso en el teatro de la Cruz, el año de* 1849. Madrid, 3.ª edicion. 1860.

II. *Ecos Nacionales y cantares con traduciones al Portugues, Aleman, Italiano, Catalan, Gallego, Polaco y Provenzal.* Madrid, 8.º, 416 pag.

Uma das mais notaveis poesias d'esta collecção é a seguinte

BALADA DE IBERIA

Dicen que va con España
Á casarse Portugal;
Si mucho vale la novia
No vale poco el galan.

[1] Publicou-se uma traducção d'este livro em Lisboa no anno de 1841.

El mismo sol los alumbra,
La misma tierra feraz
Rinde á sus piés, generosa,
Ricos tesoros sin par.

El mar que sus costas baña,
Tiene en los dos nombre igual;
En los propios claros rios
Los dos contemplan su faz.

Una es su lingua armoniosa,
Una su historia inmortal;
En los siglos venideros
Uno el destino *será*

Bello fruto de estas bodas
Iberia al orbe ha de dar
Envidia por su grandeza,
Y por sus virtudes, más

Cuando ese dia
Cuando vendrá?
Quien no lo ansia?
Quien lo verá?

Los dos cruzaron valientes
Las soledades de un mar,
Donde sonado no habia
La voz humana jamás.

Oro dicen que trajeron
De su expedicion audaz;
No cuenta quien los acusa
Lo que dejaron allá

Sangre, industria, ciencia y arte,
Y entrada en la humanidad
Dieron á razas dormidas
En hondo sueño fatal.

Y entonces alli brotaron
(Flores de su inmenso afan)
Ciudades, talleres, tempo,
Maravillas que admirar.

Ojalá unidos por siempre
Desde entonces, ojalá,
Hubieran los dos estado
Con vinculo fraternal!

Cuando ese dia, etc.

Todo el mundo conocido
Resueltos los vió pasar
A vencer los que imposibles
Juzgaba la antiguedad:

Con el leon de Castilla,
Las quinas de Portugal;
Las barras aragonesas
Con el blason catalan.

Fuertes con sus libertades
Y su poder colosal,
En sus empresas llegaron
Donde nadie llegará.

Ellos derrocan imperios,
Ellos los saben fundar,
Y uncen monarcas altivos
Á su carroza triunfal.

Hoy con recelo se miran,
Y no se conocerán,
Hasta que luzca la aurora
Que tantos esperan ya.

Cuando ese dia, etc.

El tiempo se acerca; un trono
Ha barrido el huracan,
Sobre el desplomando fiero
Una oleada del mar.

Dinastias extranjeras
Hollaron su dignidad;
Si España tiene memoria,
Ya nunca lo occuparán

Lázaro ha roto su tumba;
La tiniebla huyendo va;
El muerto resuscitado
Saluda á la Libertad.

En esta sagrada via,
Sin volver un paso atrás,
Con el Pueblo Lusitano
España se encontrará.

Y olvidando sus querellas,
Su allianza sellarán,
Fiel, sincera, indisoluble,
Con un ósculo de paz

Cuando ese dia, etc.

Iberia! yo te estoy viendo,
Bella, joven, celestial;
Como en sus ensueños pudo
El poeta ambicionar.

Iberia! yo te estoy viendo
Vestida de majestad,
Presentarte à las naciones
Con aplauso universal.

Iberia! yo te estoy viendo
En el senado brillar
De todos los pueblos libres,
Tan alta como el que más.

Iberia! yo te estoy viendo
Serenamente marchar
Al porvenir que adivina
La musa de nuestra edad.

Iberia, yo te estoy viendo;
Iberia! tu nacerás,
Pues han de hacerse las bodas
De España con Portugal.

Ese gran dia
No faltará;
Quien no lo ansia?
Quien lo verá?

Janeiro, 1869.

16) AGUIRRE (MICHAEL AB).

E. — *De successione Regni Portugalliae pro Philippo Hispaniae Rege.*

(Da successão do reino de Portugal. Obra em favor de Philippe rei de Hespanha.)

17) A... J...

E. — *A Compleat Account of the Portugueze Language. Being a copious Dictionary of English with Portugueze, and Portugueze with English.* London. Printed by R. Janeway, 1701, fol., 300 pag.

(Diccionario inglez-portuguez e portuguez-inglez.)

18) ALAUX (G. D').

E. — *Portugal (Le) en* 1850 *et le Comte de Thomar.* 12.°, 46 pag. Paris, imprimerie de G. Stapleaux.

O auctor pretende provar que Portugal encerra muitos elementos de prosperidade latentes, mas que o conde de Thomar é o predestinado para se aproveitar d'elles, e elevar assim o seu paiz ao maior auge de grandeza, por isso que a bahia do Tejo ainda não seccou, e os camponezes de Portugal são ao mesmo tempo a raça mais energica e mais disciplinavel da peninsula.

19) ALDENBURGK.

E. — *Relação da tomada da Bahia pelos Hollandezes, e sua restauração,* obra impressa em Coburgo no anno de 1627, e da qual nos falla o sr. Varnhagen na sua *Historia das lutas com os Hollandezes no Brazil* (pag. XXI).

20) ALEMANIO FINI.

E. — *Descrittione dell' Isola della Madera scritta nella lingua latina del Conte Giulio Landi. Piacenza.* 1574.

(Descripção da ilha da Madeira.)

Vi esta obra mencionada n'um catalogo de livros antigos, e nada mais posso dizer a respeito d'ella.

21) ALEMAN (MATTEO)—Auctor do celebre romance *Guzman d'Alfarache.*

E. — *Panegyrico de Santo Antonio de Padova.* Sevilha, 1604.

22) ALEWIN (ABRAHAM) — (Parece ser flamengo).

E. — *Vocabulario das duas Linguas Portugueza e Flamenga, Em que se explicão Com a possivel clareza e brevidade As palavras, termos & phrases mais necessarias. Para o uso destas Linguas.* Amsterdam, 1718. (Tem 933 pag., 8.° grande).

Além d'este titulo portuguez tem n'outra folha o seguinte em hollandez: *Woordenschat Der Taalen Portugeesch, en Nederduitsch Waar in de beteekenissen der Portugeesch Woorden, volgens de Rykheid van de Nederduitsche Taalkunde, omstandig aangeweesen worden; Een werhstuk, dat 't algemeen voor alle lief hebbers der beide Taalen bysonderbyk de leeraars en leerlingen*

derzelve ten hoogsten dienstig is Door Mr Abraham Alewyn en Joannes Collé Tot Amsterdam By Pieter vanden Berge, op de Heylige Weg, in de Groene Berg 1714. (sic.) [1]

Traz um extenso prefacio em hollandez.

23) ALEXANDER (JAMES EDWARD).

E. — *Sketches in Portugal during the Civil War of* 1834. London, 1835.

(Esboços sobre Portugal durante a guerra civil de 1834.)

Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

24) ALLIOT — Professor de nação franceza, que residiu por algum tempo na cidade do Porto, ensinando a sua lingua.

E. — *Grammaire Française à l'usage des Portugais.* Porto, 8.º, 1859 ?

25) ALMÈS (DR. LUCIEN PAPILLAUD HENRI).

E. — *Du traitement de la Fièvre tiphoide par les reconstituants.*

(Tratamento da febre typhoide.)

Appareceu publicado este trabalho na parte 2.ª do tomo 4.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* classe de sciencias mathematicas etc. Nova série.

26) ALVIELLA (E. GOBLET D') — Docteur en sciences politiques et administratives.

E.—*L'établissement des Cobourg en Portugal. Étude sur les débuts d'une monarchie Constitutionelle. Écrit sous les yeux du Lt. Général Comte Goblet d'Alviella ancien envoyé de Belgique à Lisbonne.* Bruxelles, 8.º gr., 399 pag.

Não é para admirar que o sr. Visconde de Sá da Bandeira [2] tivesse que pegar na penna para refutar algumas passagens d'esta obra, quando seu author logo no principio d'ella diz que a mulher de D. João VI tinha o nome de Maria! (pag. 22). No emtanto o livro é muito interessante relativamente ás luctas civis, que tanto affligiram o paiz durante o reinado de D. Maria II, e para vêr como Leopoldo I, rei da Belgica, se intromettia nos negocios de Portugal.

27) AMADE (H.) — Ancien commissaire des guerres adjoint.

E. — *Voyage en Espagne ou Lettres Philosophiques, contenant l'histoire générale des dernieres guerres de la Péninsule.* Paris, 1822.

(Cartas philosophicas sobre a historia das ultimas guerras na Peninsula.)

[1] O exemplar examinado existe na Bibliotheca Publica de Lisboa. Para mais amplos esclarecimentos veja-se o vol. 8.º do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio, a pag. 4.

[2] *Lettre adressée au Comte Goblet d'Alviella par le Marquis de Sá da Bandeira sur l'ouvrage* L'établissement des Cobourg en Portugal, *acompagnée d'une notice sur les évenements qui ont eu lieu dans ce pays depuis* 1836 *jusqu'en* 1837. Lisbonne, 1870.

28) **AMBASCIARA (L') DI DAVID RE DELL' ETIOPIA** *al N. S. Clemente VII ad Emanuel re de Portugal, et a Gioane re de Portugal alcune cose del regno de Etiopia e del populo et de lor costumi.* Bologna, 1533.

Em latim. Bononiae, 1538.

(Embaixada de David, rei da Ethiopia ao papa Clemente, a D. Manuel e a D. João III reis de Portugal).

Vi esta obra citada n'um catalogo de livros raros.

29) **AMBIVERI (D. ALBERTO MARIA).**

Nasceu d'uma familia illustre, em Bergamo, a 16 de julho do anno de 1618. Na mesma cidade vestiu o habito dos clerigos regulares em 1634, sendo d'alli enviado para a casa, que a ordem tinha em Cremona, com o fim de n'ella passar o tempo do noviciado. Mais tarde desejando sua ordem enviar missionarios á India, como tinha por costume, Ambiveri foi um dos que para tal mister se offereceram. [1] Foi por isso mandado a Lisboa, para n'esta cidade embarcar como missionario para o reino de Golconda, missão que não chegou a cumprir, por ter sido detido aqui pela rainha D. Luiza de Gusmão.

Chegado a Lisboa em 25 de fevereiro de 1650, e não tendo a ordem dos clerigos regulares a esse tempo casa n'esta capital, a convite dos respectivos frades foi hospedar-se no convento dos eremitas de Santo Agostinho, á Graça. Tratou immediatamente de aprender a lingua portugueza, e com tanto disvelo se applicou a este estudo, que segundo nos diz o historiador, a quem vou seguindo, passados dois mezes n'ella prégava nas egrejas de Lisboa. Não poude conseguir retirar-se para a missão de Golconda, e n'esta capital veiu a morrer com fama de santidade em 6 de agosto de 1651.

Seu corpo, por devoção do duque de Aveiro, foi depositado na egreja da Luz, da ordem de Christo, e em 1653 trasladado para a de Nossa Senhora da Divina Providencia, em Lisboa. Foi retratado em Bergamo, com a seguinte inscripção:—V. P. D. Albertus Maria Ambiverus fide mira operans obiit Ulyssipone die 6 augusti, anno 1651, cum opinione sanctitatis.

Ambiveri tinha escripto na lingua italiana um *Compendio da vida do beato Caetano,* impresso pela primeira vez em Padua, no anno de 1649, e traduziu-a na lingua portugueza com accrescentamentos, mandando-a imprimir em Lisboa.

30) **ANCHIETA (JOSÉ DE)** — Celebre missionario no Brazil.

Nasceu no anno de 1533 na ilha de Tenerife, [2] e morreu na aldeia de Reritigbá, no Brazil, em 1597.

E. — *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil. Feyta*

[1] D. Thomaz Caetano do Bem — *Vida do veneravel padre D. Alberto Maria Ambiveri, clerigo regular.* Lisboa, 1782, vol. 1.º, pag. 70.

[2] Padre Simam de Vasconcellos — *Vida do veneravel padre Joseph de Anchieta,* pag. 2.

pelo padre — da cõpanhia de Jesu. Coimbra, por Antonio de Mariz, 1595, 8.º, 58 pag.

31) ANDERSON (WILLIAM AND JAMES E. TUGMAN).

E. — *Mercantile Côrrespondence containing a collection of commercial letters in Portuguese and English with their translation in opposite pages.* London, 1867.

(Correspondencia Mercantil.)

O auctor do prefacio d'esta obra diz que o estudo da lingua portugueza se torna indispensavel para os commerciantes, que teem relações com os portuguezes e brazileiros, sendo mui vastos os territorios em que se falla este idioma.

32) ANDRÉ (CHARLES).

Nasceu em Langres no anno de 1722, e tinha a profissão de cabelleireiro, em Paris.

E. — *Tremblement de terre de Lisbonne. Tragedie en cinq actes et en vers par —*, perruquier privilegié, demeurant à Paris, rue de Vannerie, près la Grève; imprimé à Amsterdam, et se vend chez l'auteur, 1756.

A respeito d'esta obra veja-se *Nouvelle Biographie Universelle.*

33) ANDRY (M.).

Este medico publicou em Paris a seguinte obra do nosso Sanches:

Observations sur les maladies veneriennes, par feu M. Antoine Nunés Ribeiro Sanchès. Publiées par—. A Paris. Chez Theophile Barrois le Jeune. 1785. 8.º Com o retrato de Sanches.

(Observações sobre as doenças venereas.)

A respeito do nosso portuguez acham-se as seguintes passagens a pag. 255 do vol. 43.º da *Nouvelle Biographie Générale de Firmin Didot.*

«Sua paixão pelo estudo impelliu Sanches a procurar fóra da patria o meio de lhe satisfazer. Visitou successivamente Genova, Londres, Montpellier, Paris e Leyde, onde adoptou com uma sorte de enthusiasmo as doutrinas de Boerhaave. Tendo-se a imperatriz Anna dirigido a este ultimo com o fim de obter tres medicos de sua escola, a quem destinava empregos eminentes na Russia, foi Sanches indigitado, e veiu a ser successivamente primeiro medico de Moscou, medico de Petersbourg em 1733, medico dos exercitos em 1735, do corpo de cadetes, da côrte em 1740, e do czar Ivan.

«Durante sua residencia na Russia prestou muitos serviços á sciencia, não sómente com suas observações de todas as sortes, mas por suas remessas de productos naturaes, e por sua activa correspondencia.

«Foi com Euler um dos que contribuiram para a celebridade da academia de Petersbourg, á qual pertencia. Sua obra *Dissertation sur l'órigine de la maladie Venerienne,* foi impressa em Paris em 1750, e reimpressa em 1753, 1765, 1772: em Leyde no anno 1777: traduzida em inglez em 1551, e em al-

lemão. O seu *Examen historique sur l'apparition de la maladie Venerienne*, foi reimpresso em Leyde no anno de 1777, e suas *Observations sur les maladies Veneriennes* traduzidas em allemão.»

Mas tornando á obra publicada por M. Andry *Les observations sur les maladies Veneriennes*, este livro é dedicado ao embaixador portuguez D. Vicente de Sousa Coutinho, e precedido dos juizos dos sabios a respeito do merecimento d'elle.

O primeiro é do professor Gaubius: «Estou persuadido (diz este) de que vossas idéas deduzidas de vossas observações são justas, interessantissimas para os medicos, e para toda a humanidade, tanto para o seculo presente, como para o tempo futuro, e que por isso seria de grande utilidade que fossem publicadas.»

É o segundo juizo critico o dos doctores regentes da faculdade de medicina de Paris, Maigret, Lepreux e Guenet.

«A obra — dizem estes — honrando a memoria do doutor Sanches, despertára a recordação d'estes dois medicos (Andry e Sanches), que, tendo-se estimado toda a sua vida, encontraram, n'aquelles que os conheciam os mesmos sentimentos, que tinham um para com o outro.»

É finalmente o terceiro juizo critico extrahido dos registros da Sociedade Real de Medicina, apresentado por Poissonnier, Geoffroy, Desperrieres, Vicq-d'Azyr, Thouret e Defourcroy:

«O doutor Sanches, cujos grandes trabalhos e zelo para com o adiantamento da arte de curar são conhecidos de todos os sabios, passou a maior parte de seu retiro a recolher os materiaes, que uma longa pratica lhe fornecera, e a delinear varias obras importantes, das quaes suas observações numerosas faziam o fundo principal. O auctor, tendo observado um grande numero de affecções chronicas, cujo caracter era muito difficil de conhecer, e tendo visto um grande numero de autopsias e lesões, que não tinham sido descriptas por Bonnet, e outros observadores, suspeitou que tinham uma causa occulta, e que eram devidas a um *virus venereo* degenerado. Questões multiplicadas, investigações escrupulosas confirmaram bem depressa esta desconfiança. O doutor Sanches entregou-se por isso a seguir a marcha da doença venerea, a reconhecer seus effeitos sobre as pessoas, que d'ella estavam infeccionadas, havia muito tempo. Notou que deixava vestigios, que ficavam escondidos, e como sepultados durante alguns annos, e que os meninos recebiam tambem a punição das faltas de seus paes, e que a velhice em seu começo não era apoquentada por enfermidades mais ou menos graves, senão por causa das consequencias d'este virus contrahido na mocidade. Estas observações levaram o auctor a adoptar um sentimento muito opposto ao dos medicos, que pensam que as doenças venereas perdem sua força diariamente, e que se aniquilarão pouco a pouco, como a lepra dos antigos. Julga pelo contrario que são mais perigosas do que nunca, porque atacam o interior das visceras sem se manifestarem no exterior, e que influem sobre todas as gerações, etc. Reconhece-se por toda a parte um observador exacto, um pratico esclarecido.

O que deve fazer com que se deposite maior confiança no auctor são quarenta annos de observações.

«Á vista d'este relatorio lido no Louvre a 24 de dezembro de 1784, a Sociedade Real de Medicina adoptou as conclusões da obra, e julgou-a dignissima de sua approvação. Vicq d'Azyr. Secretario perpetuo. Paris, 28 de dezembro de 1784.»

34) ANECDOTES *du Ministère de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello, comte de Oeyras.* Varsovie 1783.

(Anecdotas do ministerio do marquez de Pombal.)

Não poude encontrar um exemplar d'esta obra.

35) ANECDOTES *Espagnoles et Portugaises depuis l'origine de la nation jusqu'a nos jours.* A Paris. Chez Vincent. 1773, 2 vol., 8.º, 1.º com 648 pag., 2.º com 700.

É uma especie de Selecta, por ordem chronologica, dos factos mais notaveis e chistosos da historia de Hespanha e de Portugal.

«Em 1641 começa a guerra entre os portuguezes e hespanhoes. Estes são os primeiros a entrar em campanha, assolam o paiz, saqueiam egrejas, fazem prisioneiros, e retiram-se sem ordem, tocando instrumentos. Vós cantaes cedo de mais, dizia-lhes o commandante: nunca ha certeza da victoria, em quanto se está nas terras dos inimigos. D'ahi a pouco, avistando os portuguezes: Largae vossas guitarras e flautas: não se trata agora de cantar, é necessario combater: mostrae-vos bravos e animosos. Não tarda em serem atacados, derrotados e postos em debandada; e para occultarem sua vergonha cortando as orelhas aos soldados, que tinham perdido, mostram-n'as asseverando serem as dos portuguezes, aos quaes acabavam de punir. Um conego de Badajoz dizlhes: Era melhor trazer as armas de vossos inimigos, do que suas orelhas: pois não é possivel differençal-as das dos castelhanos.»

*
* *

«Immediatamente depois da conclusão da paz com a França, Filippe IV tinha fixado toda a sua attenção sobre Portugal; mas as forças reunidas da Hespanha não eram sufficientes para executar o que se chamava castigo de um corpo de rebeldes. Uma batalha só parecia dever decidir da sorte dos portuguezes: deu-se a 8 de junho. Os castelhanos perderam a victoria, depois de se terem batido de lado a lado com uma furia quasi incrivel. Doze mil homens foram mortos ou prisioneiros, e seis grandes de Hespanha levados como tropheus para Lisboa. Este desastre acabou de alterar a saude do rei de Hespanha, a quem o receio de um triste futuro para seus povos assustava sobre modo. Mas novas derrotas causadas pelos portuguezes, que em vez de se conser-

varem na defensiva, accommettiam á força de armas e de intrigas secretas, novos sustos e doenças agudas conduziram Filippe IV ao tumulo.»

36) ANEDDOTI *del ministero di Sebastiano Giuseppe Carvalho, Conte di Oeyras, Marchese di Pombal, sotto il regno di Giuseppo I Re di Portogallo. Per servire di supplemento alla Vita del Medesimo.* 1787, sem logar de impressão, 8.º, tomo 1.º 297 pag., 2.º 251 pag.

(Anedoctas do ministerio do marquez de Pombal.)

37) ANGLO-LUSITANIAN *Discourse concerning the complaints of the British factors resident in the City of Lisbon. By a serious and impartial well-wisher to the prosperity of both Nations.* Lisbon, 1771.

(Discurso a respeito das queixas dos feitores inglezes.)

Esta obra é a refutação de outra intitulada *Memorials of the British Consul and Factory at Lisbon.* É uma analyse das cinco memorias especificadas n'esta ultima obra, em que se attribue a origem d'ella a machinações dos jesuitas. (V. *Bibliotheca Historica, Supplemento,* pag. 8.)

38) ANNALS OF THE PENINSULAR CAMPAIGNS *from* 1808 *to* 1814. Edinburg, 3 vol. 1829.

(Annaes das campanhas peninsulares.)

39) ANNUAIRE DES VOYAGES *et de la Geographie pour l'année* 1847 *par une réunion de geographes et de voyageurs sous la direction de M. Fréderic Lacroix.*

(Annuario de viagens e de geographia.)

Vem n'este livro um extenso artigo sobre os trabalhos geographicos do nosso illustre visconde de Santarem, que por tantos annos honrou o nome portuguez com seus escriptos, indispensaveis para qualquer bibliotheca de primeira ordem.

40) ANSTETT (PH.) — Parece ser professor de allemão em Lisboa.

E. — *Grammatica da lingua allemã, approvada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e Brazil.* Lisboa, typographia da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1863, 297 pag., 8.º

41) ANTILLON (D. ISIDORO DE) — Professor de astronomia, geographia e historia, no Seminario Real dos Nobres em Madrid. Nasceu em Santa Eulalia, aldeia de Aragão no anno de 1760, e morreu em 1820. [1]

E. — *Elementos de la Geografia Astronomica, natural y política de España y Portugal.* Tercera edicion. Madrid, en la Imprenta de D. Leon Amarita, 1824, 8.º, 440 pag. com alguns mappas.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. 2.º, pag. 783.

A primeira edição é de Madrid em 1815. Foi traduzida em francez com o titulo seguinte: *Geographie physique et politique de l'Espagne et du Portugal.* Paris, 1823. E em inglez por William Smith.

Esta obra de Antillon é digna de apreço; e seu auctor não só faz elogios aos portuguezes, mas até pretende refutar algumas accusações, que nos faziam escriptores estrangeiros.

42) ANTOINE, ROY DE PORTUGAL, *ses Psaumes où le Pecheur confesse ses fautes et implore la grace de Dieu.* Suivant la copie imprimée à Paris. (Psalmos de D. Antonio, rei de Portugal.)

A respeito d'esta obra veja-se a parte, que trata das traducções.

43) APERÇU NOUVEAU *sur les campagnes des Français en Portugal, en* 1807, 1808, 1809, 1810 *et* 1811; *contenant des observations sur les écrits de MM. le baron Thiebaut, lieutenant général; Naylies, officier supérieur des gardes du corps de Monsieur; Gingret, chef de bataillon en démi-activité.* A Paris, Chez Delaunay, 1808, 8.º, 228 pag.

(Sobre as campanhas dos francezes em Portugal.)

É hostil esta obra á politica de Napoleão invadindo Portugal, e no prefacio, entre outras passagens notaveis, traz a seguinte:

«As tentativas infructuosas dos exercitos francezes para se apoderarem de Portugal, formam o mais interessante episodio da guerra peninsular. A primeira, que sem motivo arrogou a si o titulo de expedição, conduzida e consummada pela perfidia, e não pela força de armas, teve um começo prospero, que dentro em pouco se desvaneceu. As duas outras, tentadas de mão armada por dois generaes celebres, á frente das mais bellas tropas do exercito francez, falharam completamente. A falta de bom resultado d'estas operações imprudentes contribuiu poderosamente para o livramento de Hespanha, se é que não foi ella a unica causa efficaz, porém até mesmo attrahiu mais tarde o exercito anglo-hispano-portuguez ás provincias meridionaes da França, precisamente no momento critico da invasão das provincias do éste e norte d'este imperio pelas potencias alliadas; circumstancia, cujo concurso simultaneo trouxe a quéda do terrivel colosso do poder imperial, que, alguns mezes antes dava a lei á maior parte da Europa, e ameaçava a liberdade de todas as nações.»

Este livro é destinado a refutar os erros, que se encontram nas obras citadas acima, e por isso pergunta como é que se escreve que Junot se apossou da capital, do exercito, e do reino de Portugal, quando não sómente a cidade lhe abriu suas portas, mas até o proprio general Junot foi convidado a entrar n'ella? (Pag. 39.)

44) APOLOGETICO *contra el tirano y rebelde Verganza y conjurados, arzobispo de Lisboa y sus parciales, en respuesta á los doze fundamentos del padre Mascareñas.* Zaragoza, 1642, 4.º

Foi seu auctor D. Juan Adam de la Parra, inquisidor ordinario de Madrid, segundo declara uma nota manuscripta.

C. M. B. I. P.

(Contra a conspiração de D. João IV, segundo parece.)

45) APOLOGIE OU DEFFENSE *de Monsieur Anthoyne roy de Portugal contre Philippe roy d'Espagne, usurpateur du dict royaume de Portugal &c. Ensemble les tyrannies et cruautez qu'il exerce nouvellement sur ses propres subjects. Traduit d'Espagnol en Français.* (Sem logar de impressão), 1582, folheto.

46) ARAGO (JACQUES).

E. — *Le Duc d'Almeida.* Paris, 1855, fol.

É um romance, parte de cuja acção imagina-se representada em Portugal, no tempo da invasão franceza. Não merece especial menção.

47) ARANA (DIEGO BARROS).

E. — *Vida y viajes de Hernando de Magallanes.* Santiago de Chile, 1864.

48) ARCONVILLE (MARIE GENEVIEVE CHARLOTTE DARLUS THIROUX D') — Litterata franceza.

Nasceu no anno de 1720, e falleceu em 1805. [1]

E. — *Dona Gratia d'Ataide, Comtesse de Menezes. Histoire Portugaise.* Paris, 1770. Haye, 1770.

49) ARDIZONE (ANTONIO MARIA SPINOLA).

Nasceu em Napoles no anno de 1609. Vestiu a roupeta de S. Caetano na casa de S. Paulo, d'aquella cidade, [2] e chegou em 1640 a Goa com o fim de missionar na India. Morreu em outubro de 1697 na mesma cidade, em que nascera.

E. — *Gemidos dos Christãos, Bremanes e Canarins e de outras muitas Castas, e Nações do Estado da India, por não commungarem em nenhum tempo da vida, nem ainda na Pascoa, e perigo de morte, conforme Deus, e a Santa Madre Igreja determina.*

Além d'este publicou varios outros livros mysticos, cujo titulo se póde ver na obra abaixo mencionoda.

50) ARLINGTON (BENNET COMTE D').

Nasceu no anno de 1618 em Arlington, no condado de Middlesex, e falleceu em julho de 1685. [3]

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 3.°

[2] D. Thomaz Caetano do Bem — *Memorias Historicas dos Clerigos Regulares*, tomo 1.°, pag. 271.

[3] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 5.°, pag. 367.

E. — *Lettres aux comtes de Sandwich et de Sunderland et aux chevaliers Fanshaw, Godolphim, et Southwell depuis l'année 1664 jusques en l'an 1674.* Utrecht, 1706, 2 vol.

Estas cartas são importantes para a historia do reinado de Affonso VI.

51) **ARNAULT (LUCIEN EMILE)** — Dramaturgo francez.

Nasceu em Versailles no anno de 1787. [1]

E. — *Pierre de Portugal. Tragedie.*

52 **ARS GRAMMATICÆ PRO LINGVA LUSITANA** *addiscenda Latino Idiomate proponitur, in hoc libello, velut in quadam academiola diuisa in quinque classes, instructas subselliis, recto ordine dispertitis, vt ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint. Ad finem ponitur Ortographia, ars rectè scribendi, vt sicut prior docet rectè loqui, ita posterior doceat rectè scribere linguam Lusitanam. In gratiam Italorum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent. Authore P. Doct. Benedicto Pereira, Societ. Iesv, Portugallensi Borbano, In Supremo Lusitaniæ S. Inquisitionis Tribunali Censore Qualificatore, & modò Romæ pro assistentia Lusitana Revisore. Lvgdvni. Sumptibus Lavrentii Anisson.* 1672, 8.º, 323 pag.

Não obstante ser esta grammatica composição d'um portuguez, faz-se menção d'ella, não só por ser impressa n'um paiz estrangeiro, e pela sua raridade, mas principalmente para que se saiba qual a arte por onde os italianos e muitos estrangeiros aprendiam o nosso idioma, fóra de Portugal.

Bento Pereira diz no prefacio, que o motivo que o impelliu a compor esta grammatica, foi ver que commerciando os portuguezes com todas as nações do mundo, não tinham no entanto os estrangeiros um compendio, pelo qual podessem aprender a nossa lingua.

53) **ARTECHE (D. JOSÉ GOMES DE).**

E. — *Geographia historico-militar de España y Portugal.* Madrid, 1859.

54) **ASCHBACH (DR. JOSEPH)** — Historiador allemão.

Nasceu [2] em Hœchst (ducado de Nassau) no anno de 1801. Teve em Francfort uma cadeira de historia, e foi depois chamado para a universidade de Bonn.

E. — *Geschichte Spaniens und Portugal's zur Zeit der Herrschaft der Almoraviden und Almahaden Francfort.* 1833–1837, 2 vol., 8.º

(Historia de Hespanha e de Portugal no tempo dos almoravides e almohades.)

55) **ASENSIO (G. CALVO)** — Jornalista hespanhol, [3] por algum tem-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle geographie Universelle*, vol. 3.º, pag. 294.

[2] Vapereau — *Dictionnaire des contemporains*, pag. 63, edição de 1870.

[3] Modesto Fernandes y Gonsalez — *Retratos y Semblanzas*, pag. 181.

po secretario da Legação Hespanhola em Portugal, e fundador do diario liberal *La Iberia*.

E. — *Lisboa en* 1870. *Costumbres, litteratura y artes del vecino reino, por* —. Madrid, imprenta de los señores Rojas, 1870, 8.º, 147 pag.

Poucas vezes se tem escripto uma obra tão insultante e calumniadora dos portuguezes, como esta, e isto devido a um escriptor que entre nós residiu, e entre nós viveu.

A traducção dos seguintes trechos farão ver as amabilidades e finezas, que devemos ao sr. Asensio:

«Lisboa não é uma cidade, que brilhe pela belleza, correcção de linhas, pureza de contornos, proporção nas partes, e harmonia em seu conjuncto: não tem numerosas ruas tiradas a cordel, planas, bem calçadas, com passeios limpos, e com espaço bastante para conter a par grande numero de carroagens. Não possue passeios frondosos e bem symetricamente distribuidos, povoados de arvores, aformoseados com jardins, bem debuxados, com ruas largas, nas quaes, ao lado da natuzeza, se descubra e surprehenda agradavelmente a arte. Não conta praças, nem com profusão monumentos notaveis, magnificos, e edificios publicos, que despertem a admiração geral. Não ha n'ella *arredores pittorescos*, [1] onde a mão da cultura apresente obras primorosas e recreativas em extremo, que predisponham em favor da capital o animo do viajante. Não se levantam dentro da cidade grandes e sumptuosos theatros, verdadeiros templos da arte, onde se lhe possa render um verdadeiro culto. Nada d'isto: não vás pois crer, amigo leitor, que é de todo certo o axioma portuguez: *Que quem não viu Lisboa, não viu coisa boa.*

«Apenas ha um passeio, que mereça tal nome, e quasi nada d'aquillo, a que temos alludido. Que rio tão formoso, e que porto tão mesquinho! Que bellissima perspectiva, e que porto tão pouco esmerado! Que riqueza poetica no conjuncto, e que pobreza nos diversos pormenores! Imagine o leitor um porto ainda não terminado, sem mais que alguns quarteirões de casas, nem todas bellas, nem explendidas, com um caminho em meio, e em declive, falto de embarcações, o que lhe dá uma apparencia de deserto, [2] e ter-se-ha formado uma idéa approximada do que é o Atterro. Grandes são as reformas, que a municipalidade deve emprehender se quer que o porto seja inteira-

[1] A respeito dos arrabaldes de Lisboa, não tinha a mesma opinião o hespanhol Urcullu. V. o 2.º tomo do *Tratado* da sua geographia.

[2] Sendo infelizmente certo que o porto de Lisboa não é frequentado por aquelle numero de embarcações, que era para desejar, em vista da sua excellencia e posição geographica, tem todavia ainda um movimento de perto de 8:000 navios, entre entrados e saidos, não fallando n'um extraordinario numero de barcos de pesca, e n'uma immensidade d'embarcações de navegação fluvial. Que numero de navios seria necessario para que parecesse bem cheio d'elles um rio, que em partes parece um mar? No anno preterito de 1874 entraram pela foz do Tejo 2:266 navios de vella e 1:256 a vapor, não fallando dos barcos de pesca. Em 1860 navegavam continuamente entre Lisboa e varios pontos banhados pelo Tejo 1:143 barcos de diversos tamanhos e feitios. (V. *Archivo Pittoresco*, vol. 3.º pag. 381.)

mente digno de uma cidade de primeira ordem, como deve ser a hoje desattendida e pobre capital do reino lusitano.

«A estatua equestre de D. José I é pessima por suas disformes proporções e por sua nenhuma belleza de fórmas.

«Todas as ruas, a Aurea, da Prata, Augusta e da Rainha, não se distinguem pela limpeza, porque este ramo de policia é bem descurado.

«O passeio da Estrella, além de ser irregular, e não de mui grandes dimensões, causa lastima e nojo pela falta de aceio, em que se encontra.[1]

«Um tanque com agua corrupta, uma montanha russa cheia de abrolhos, e de difficil accesso, as ruas immundas. E este é o espectaculo que offerece o passeio da Estrella, tendo condições para ser excellente.

«O theatro de S. Carlos é velho, de mau gosto, e pesado.

«Em quanto a templos nenhum ha, que por sua belleza architectonica mereça fixar nossa attenção.

«É lastima que a subida para o real palacio da Ajuda seja asquerosamente immunda.

«A estatua de Luiz de Camões não tem bellas proporções, e com tão má ventura se ideou a allegoria, que o poeta apparece com a espada na mão, e com os livros de sua epopeia aos pés, como se o guerreiro podera eclipsar nem n'um ponto ao divino filho de Apollo.

«Não ha nenhuma estatua erigida em honra de Viriato, o *verdadeiro fundador da nacionalidade.*

«Em quanto a edificios publicos (exceptuando os da Praça do Commercio), não ha em Lisboa nenhum outro. O Governo Civil é um casebre velho e sujo, a Imprensa Nacional está albergada n'um mesquinho *convento. Só é bello* e de gosto severo o destinado para Escola Polytechnica.

«Contraste grande é o que apresentam os dois povos peninsulares em sua vida e costumes! Quão diversos e variados matizes accentuam suas differenças, e como nas miudezas se marcam os vestigios de parentesco, que os portuguezes contrahiram desde o tempo de D. Manuel, e em seguida dos descobrimentos de seus grandes navegantes com a *molle e apoltronada raça brazileira.*

«Como o hespanhol o portuguez é imaginativo, poeta, poltrão, muito amigo de passar tempo, pouco industrial e commerciante, nada emprehendedor, amantissimo de insignificancias, abundantissimo de palavreado, fanfarrão, e excessivamente cuidadoso de exagerar as glorias nacionaes; mas, alem de tudo isto, o sangue romano e arabe, que por suas veias corre, modificado e misturado com o brazileiro, *de tal modo ha debilitado a energia do caracter meridional,* que mais parece pertencer áquella fleugmatica raça de flamengos, que tão admiravelmente retratados estão pelo pincel de Van Dick, em cujos largos e avolumados rostos, coloridos por não sei que tinta alcoolica se reflecte completamente uma mansidão natural.

«Não ha mais que duas coisas, que façam sair de suas casas á um bom

[1] Poucas falsidades se proferiram jámais d'um tal calibre.

portuguez: sua autonomia e uma andaluza. Apenas se falla de seu Portugal, levanta a voz, arranca-a do fundo do peito, põe-se nos bicos dos pés, e com dicção campanuda e estylo grandiloco Montes Claros, Aljubarrota e 1640 saem de seus labios como bombas, que atroam, derribam, e intontecem. Mas se por este motivo o socego proverbial do lusitano se altera, é para ver como brilham seus olhos, sorriem seus labios, quando com cicio encantador alguma andaluza lhe dirige palavras adocicadas. Exceptuando estes casos o portuguez é impassivel, severo, grave até á exaggeração: na sua vida intima, no pouco amor a passeios e theatros, e a espectaculos que o affastem de sua casa, na pouca disposição, com que se acha sempre para receber os adventicios,[1] e na hesitação em conceder sua amizade, mais parece um filho da soberba Albion, do que um latino; mais um habitante do norte, do que um morador nas regiões do sul.

«Não quer isto dizer que no povo portuguez se tenham perdido completamente as tradições latinas, tanto mais que todos seus defeitos vieram a ser augmentados e correctos com os peculiares á *somnolenta e ridicula raça brazileira.*

«O Chiado é o centro de murmuração, passatempo dos ociosos, martyrio cruel de todas as reputações, templo consagrado a desejos levianos, escola de mentira e de vicio, livro aberto a todos os epigrammas mais repulsivos, e refugio hospitaleiro de intrigantes e caloteiros.[2] No Chiado os que geralmente pullulam, mentem e diffamam, são os rapazes mal educados e aristocraticos: os velhos lascivos e repugnantes, que apenas se occupam em deshonrar mulheres, e discutir acaloradamente sobre o jogo e modas. Seus constantes frequentadores são os janotas, enxerto de reptil e de homem, nascidos para o vicio, e educados na maledicencia, para quem a vida é um festim, e cujo unico pensamento é o prazer.

«Vivem formando uma sociedade de seguros sobre a deshonra, não sabem occupar-se de outra coisa senão de cavallos, jogo, mulheres; não sabem ler, nem escrever, mas em compensação cantam o fado com acompanhamento de viola. Não possuem outra instrucção mais que a adquirida em alguns lupanares immundos, onde aprendem mal o hespanhol, mas perfeitamente as torpes artes da crapula e do cynismo, e, se não respeitam, nem comprehendem nada, que seja serio, como indemnisação contendem com quantos se applicam ao estudo, e se esforçam por serem uteis á patria. Esta é sem exaggeração a raça empestada, que frequenta o Chiado, sem contar as nullidades invejosas em poltiica, e ridiculas em litteratura, que com ella se agrupam, e com ella formam côro desaccorde, e nada agradavel.

«Nas reuniões, ou bailes aristocraticos ha uma seriedade, uma compostura tão epicamente ridiculas e incommodas, que para qualquer homem, que o, que leve sobre os hombros, seja uma cabeça, são horrorosos tormentos, mais tremendos que os imaginados por Dante em seu famoso *Inferno.*

[1] Bem faz; para que lhe não aconteça dar entrada em sua casa a outro Calvo Asensio

[2] Mas como é refugio? Que escriptor tão interessante!

«N'elles a conversação é um continuado chorrilho de tolices, quando não sejam injurias: a dama de alto cothurno entretem-se innocentemente em desacreditar quantas senhoras e meninas, impellidas pelo redomoinho da walsa passam arquejantes ao seu lado: o dandy occupa-se por sua vez em murmurar, e dizer sandices ás meninas, por mais que na linguagem official dos salões recebam o nome de galanterias, os tesos e magestosos diplomaticos, cujas reuniões se confundem com as de nobreza de sangue, por serem identicas fallam pouco e dançam menos: por toda a parte ouvem-se agudezas offensivas, que, se não possuem muito de sensatez, em troca teem bastante de insultante, *sandices offensivas*, das quaes só riem os que as dizem; porém nada de finos epigrammas, ditos engenhosos; tudo isto é moeda falsa, que não tem curso nos salões aristocraticos, e que está reservado para esses desditosos politicos, escriptores, jornalistas e homens de sciencia, que os não costumam frequentar, e aos quaes separa do seus olympicos habitadores um cordão sanitario.

«Fóra d'isto e da grande profusão de luzes, vestidos de gaze, gravatas, luvas brancas, fraques pretos ou azues, gelados, walsas, contradanças e lanceiros, nada existe n'esses tão decantados bailes, que attraia e que fascine. Não se encontra n'elles essa conversação picante, incisiva, epigrammatica, que os escriptores francezes em tanta abundancia empregam em seus romances, quando descrevem saraus sumptuosos, não existe desgraçadamente (ainda que as excepções, que não são poucas, merecem na verdade admirar-se) figuras elegantes e formosas, nas quaes a par do luxo [1] brilhe a belleza fascinadora; a raça brazileira tem contaminado com seus perfis as antigas feições esculpturaes, as quaes tão celebradas fizeram as damas portuguezas.

«Não ha mais do que essa discorde e desharmonica confusão produzida pela reunião de muitas pessoas, que correm, bailam, suam, agitam-se, fallam, riem, fazem cortezias e murmuram, quando se não entreteem docemente com um gelado, ou temperam a acritude de suas palavras com alguma delicada golozeima.

«Emquanto á nobreza do oiro, essa que se adquire por outra grande injustiça social, similhante á recebida pela herança legendaria, é particularissima, e tem um sainete tão especial, que com nenhuma outra se póde confundir. Não a compõem esses ricos commerciantes, esses riquissimos proprietarios, esses celebres banqueiros, que em todas as sociedades deslumbram por seu fausto, e enchem os salões com seu numero: na sociedade lisbonense não se podem contar esses Jupiteres olympicos da banca e do credito, esses modernos Mercurios, porque não ha commercio, não ha fortes casas bancarias, a raça dos contos e dos patacos pertence *de facto e direito aos brazileiros*, que são nossos antigos indianos, cujo typo é salientissimo.

«O brazileiro geralmente adquire suas riquezas *por meio do iniquo trafico da escravatura*, e feita uma vez sua fortuna, vem para Lisboa, *edifica um palacio*, [2] relaciona-se com a nobreza, cuja benevolencia, visto despresal-o por

[1] Pag. 57.

[2] Quantos palacios ha em Lisboa mandados levantar por brazileiros? Que escriptor tão consciencioso!

causa de sua origem, trata de captar com seu capital, e quando tem adquirido certa posição, com o fim de alcançar um titulo, dá explendidos bailes, para os quaes convida todo o mundo official, até lograr seu desejo. N'estes bailes, de um sainete um tanto grutesco, nos quaes tudo é luxo sem gosto, e abundancia sem arte, confundem-se todas as classes da sociedade, o jornalista com o ministro, o diplomatico com os fidalgos, os individuos da classe media com a *alta* nobreza, e no meio da confusão de tão diversos typos, ostenta-se accentuada com energicos caracteres comicos a figura do protogonista, que veste o fraque estudadamente, que falla o francez com a mesma difficil imperfeição, que o portuguez, que se empenha em ser delicadamente fino com a affectação de um Juan Peranzules, que dança como que ostentando as elegantes maneiras de um dandy exaggerado, provocando por esse motivo aqui o riso, alli o desprezo, e em todas as partes a satyra e o epigramma. [1]

«N'estes bailes, para differença dos aristocraticos, riem-se com estrondo, fallam ruidosamente, tragam com ancia os doces, gelados e bebidas em abundancia, e, oh segredo poderoso e magico de bom tom! ceiam com um appetite voraz, e que não é permittido ter nos palacios dos descendentes dos senhores de faca e cutello, nos quaes, sem duvida para não causarem indigestões, acautelam-se muito de apresentarem outra coisa mais que chá e bolos, e quando muito, alguns queijinhos mal feitos, com os quaes despertam a sede d'aquelles que os comeram, deixando-os retirar para suas casas já de madrugada, com bellas recordações da distincção e amabilidade dos novos pares, e, com uma fome espantosa, e nada edificante. Felizes brazileizos, tornados ricos á custa da carne dos negros, dos quaes todos mofam, e a cujos saraus todos acodem promptamente procurando a ceia!

«Não fallarei mais de bailes: os do palacio real são, como todos os da côrte, amaneirados pela adulação, e monotonos pela ridicula seriedade mal fingida, e nada apresentam de nacional ou local, que mereça estudar-se.

«As pateadas são sempre certas tratando-se de hespanholas feias: é regra infallivel. Não ha em geral grandes bellezas no theatro portuguez: não se admiram rostos deslumbrantes de formosura na scena lisbonense: entre suas celebridades artisticas não está o publico certamente acostumado a contemplar continuamente a graça, o encanto, a correcção de linhas e a pureza de contornos, e este é o motivo por que se não comprehendem á primeira vista as rasões para exigencias estheticas de tanto rigor por parte dos portuguezes, quando se trata de actrizes estrangeiras.

«Aqui não ha progressistas, nem moderados, whigs nem torys, radicaes nem reaccionarios; aqui não ha partido conservador, nem partido reformista; aqui as situações politicas, que se seguem umas ás outras, nem apresentam programma distincto dos que as precederam, nem se formam pela necessidade de realisar uma idéa, ou de reformar uma instituição para o que se ache habilitada uma fracção ou uma eschola; aqui não ha mais que individualidades, que aspiram ao poder sem principios, sem idéas, sem systema definido e

[1] Pag. 59.

accentuado, e que o obteem ou perdem por intrigas pessoaes, ou indifferenças e animosidades, que muitas vezes nada teem que ver com a administração dos negocios publicos, todas liberaes, segundo dizem de si mesmas, confundidas, amalgamadas e separadas ou reunidas, inimigas ou amigas segundo a subida e descida das antipathias ou sympathias, antes particulares, que politicas, que decidem n'este paiz da opposição ou da conformidade com os actos de um ministerio. Esta é a triste situação politica de um paiz acostumado ao regimen representativo, e hoje indifferente aos negocios publicos.»

Muito mais poderiamos traduzir, mas isto basta para conhecer o escriptor. Pelo dedo se conhece o gigante.

Consta que actualmente o sr. Ascencio está escrevendo uma biographia de Camões, mas sejam quaes forem as causas, o auctor não possue o condão da necessaria imparcialidade para tratar de nossas cousas.

56) **ASHE.**
E. — *History of the Azores.* London, 1813.
(Historia dos Açores.)
Nunca vi esta obra.

57) **ASSARINI (LUCAS).**
E. — *Vita e miracoli di S. Antonio di Padova.* Genova, 1646.

58) **ATKINS (JOHN).**
E. — *A voyage to Guinea, Brazil, and the West Indies, Madeira, Cape de Verds, etc.* London, 1737.
(Viagem a —.)

59) **AUGOYAT.**
E. — *Précis de l'expedition de D. Pedro en Portugal.* Paris, 1839.
(Resumo da expedição de D. Pedro.)

60) **AUS DEM LEBEN** *Portugiesischen Israeliten Dr. Caprodose. Traduit du Français par G. St.* Strasbourg, 1839, folheto.
(Tratado da vida do doutor Caprodoso (? talvez Cardoso) israelita portuguez.) C. M. B. I. P.

61) **AUTHENTIC MEMOIRS** *of the Portuguese Inquisition.*
(Sobre a inquisição.)
Nada mais posso dizer ácerca d'esta obra, que vi citada, mas da qual não pude encontrar nenhum exemplar.

62) **AVANTURES ADMIRABLES** *ou discours des succès du roi de Portugal D. Sebastien depuis son voyage d'Afrique en 1578 jusqu'en 1601 avec la suite.* 1603.
(Sobre D. Sebastião.)

Vi citado d'esta maneira o mencionado livro, sem d'elle poder dar mais esclarecimentos.

63) AVEZAC (M. DE) — Garde des Archives de la Marine et des Colonies, des Societés Geographiques de Paris, Londres, Francfort et Bombay; des Societés Asiatiques, Syro-Egyptienne et Africaine de Londres; des Societés Ethnologiques de Paris, et de New York, des Societés Archéologiques d'Angleterre et d'Espagne, de la Societé Orientale, etc. etc.

E. — I. *Notice des découvertes faites au moyen-age dans l'Océan Atlantique antérieurment aux grandes explorations Portugaises du quinzième siècle, lue à l'Academie Royale des Inscriptions et Belles Lettres de l'Institut dans ses séances du* 14 *Novembre et* 5 *Décembre* 1845 *et du* 6 *Mars* 1846 *par* —. Paris, imprimerie de Fain et Thunot, 1845, 8.° gr. X, 86 pag.

(Sobre nossas descobertas.)

II. *Note sur la première expedition de Béthencourt aux Canaries, et sur le degré d'habilité nautique des Portugais à cette epoque.* Paris, 1846, 8.°

(Sobre a expedição de Bethencourt ás Canarias.)

Na primeira d'estas obras, diz o author o seguinte:

«Estas paginas não são inspiradas por um espirito de ciume e de destruição a respeito d'um povo, do qual temos gosto em proclamar a gloria immorredoura, e cujas susceptibilidades nacionaes sabemos respeitar presentemente da mesma maneira, que admiramos suas proesas no passado.

«Declaramol-o em voz alta antecipadamente, não vimos contestar nenhum dos titulos reaes da nação portugueza a uma celebridade justamente adquirida na carreira das descobertas geographicas.

«Ah! Quem quereria pois fechar os olhos ao espectaculo dos maravilhosos desenvolvimentos d'esta potencia nos seculos XV e XVI?

«Quem fechará os ouvidos aos cantos do grande poeta, que d'ella escreveu a magnifica epopea? Longe de nós o pensamento de attenuar esse patrimonio de gloria, do qual os filhos dos *Luziadas* teem tão justamente o direito de serem orgulhosos, e que elles conservam com um piedoso fervor, digno de respeito em seus principios, de indulgencia em seus desvarios, e que nunca deixou de ter todas as nossas sympathias.

«As grandes explorações portuguezas do seculo XV, no oceano Atlantico, tiveram o immenso resultado de abrirem o caminho das Indias pelo cabo da Boa Esperança, de elevarem repentinamente á primeira ordem das potencias europeas uma nação até então sem importancia, de assegurarem uma immortal celebridade aos principes, que tinham sabido conceber e executar esta nobre empreza. Nada pode a este respeito causar detrimento ao seu direito á admiração da posteridade.

«Mas esta grande obra, que tiveram a gloria de levarem ao cabo, foram elles os unicos, foram os primeiros a concebel-a e tental-a? A prevenção nacional póde pretendel-o, e inspirar obras sabias para o sustentar: os testemunhos historicos o desmentem.»

Avezac sustentava polemica principalmente com o visconde de Santarem, que pretendia serem os portuguezes os primeiroe povos, que fizeram descobertas na Africa.

Na obra *Univers Pittoresque*, vol. 4.º de pag. 36 a 82 vem uma discussão sobre a descoberta dos Açores pelos portuguezes.

64) AVISI DIVERSI *particulari dall'Indie di Portugallo ricevutti dall'anno* 1551 *fino al* 1558 *dalli Rev. P. della Camp. de Giesu.* Vinegia, 1558.

(Sobre a India portugueza.)

Na *Bibliotheca Africana e Asiatica de Ternaux Campans*, encontram-se ainda citadas as seguintes obras do mesmo genero:

Damiano de Goes. Avisi delle cose fatte da Portuguesi nel India di qua del Gange. Venegia, 1539.

Avisi delle cose fatte da Portuguesi nel India di qua del Gange nell'anno 1538 *scritti in lingua Latina da Damiano de Goes et tradotti en Toscano.* Venezia, 1539.

Avisi particolari delle Indie di Portogallo ricevuti in quaesti anni de 1551 *et* 1552 *de li reverendi padri del Compagnia de Jesu.* Roma, 1552.

Nuovi avisi del Indie di Portugallo tradotti della lingua Spagnuola nell'Italiana. 1559.

Diversi avisi particolari ricevuti dell'Indie di Portogallo. Venezia, 1562-1565, 4 vol.

Diversi avisi, etc. Venezia, 1568, 2 vol.

Nuovi avisi, etc. Roma, 1570.

Nuovi avisi, etc. Brescia, 1571.

65) AYALA (D. JOSÉ DE ALDANA) — Ingeniero gefe de 2.ª classe del Cuerpo de Minas, etc. etc.

E. — I. *Noticias Geologico-mineras del Reyno de Portugal.* No 1.º vol. da *Revista Peninsular.*

II. *Compendio Geografico-estadistico de Portugal y sus posesiones ultramarinas por* —. Madrid, imprenta de la Viuda de D. Antonio Yenes, 1855, 8.º gr. 639 pag.

O auctor veiu a Portugal formando parte d'uma commissão de engenheiros hespanhoes e portuguezes, nomeada para marcarem na fronteira de ambos os estados peninsulares o ponto de juncção da via ferrea de Lisboa a Madrid.

«Conhecem-se melhor em Hespanha e Portugal os povos, que occupam os abrazados areaes da Africa e da Arabia, as costas do mar Glacial, as regiões Asiaticas, e mesmo a China, do que os dois povos peninsulares.

«Em Lisboa encontram-se e conhecem-se as obras scientificas e litterarias mais importantes, que saem dos prelos da culta Europa, e os portuguezes acham-se familiarisados com a litteratura franceza, ingleza e allemã, e até com a antiga hespanhola, porém ignoram completamente a contemporanea.

«É nossa intenção dar a conhecer o estado presente da monarchia portu-

gueza, os grandes elementos de engrandecimento e de riqueza, que em si propria contém, os progressos, que tem feito no caminho da civilisação, collocando-se, senão ao nivel, ao menos mui proximo d'outras nações, que passam por mais adiantadas, e desvanecendo por conseguinte os preconceitos, que a generalidade das pessoas do nosso paiz conservam a respeito d'essa bella porção do occidente da peninsula.»

66) AYALA (PEDRO LOPES DE) — Chronista hespanhol.

Nasceu no reino de Murcia, no anno de 1332, e falleceu em Calahorra em 1407. [1]

E. — *Cronicas de los Reyes de Castilla Don Pedro, Don Enrique II, Don Juan I, y D. Enrique III, por —, Chanciller Mayor de Castilla: Con las enmiendas del Secretario Geronimo Zurita: Y las correcciones y notas añadidas por Don Eugenio de Llaguno Amirola, Caballero de la Orden de Santiago, de la Real Academia de la Historia.* Madrid, 1780, 3 vol.

Como todos sabem, ha varias edições d'esta celebre *Chronica*, parecendo que a primeira foi impressa em Sevilha, no anno de 1495. [2]

Ayala, um dos mais famosos escriptores europeus, assistiu á celebre batalha de Aljubarrota, na qual tendo sido prisioneiro, ficou depois por muito tempo preso no castello de Obidos. Como tal foi obrigado a residir por algum tempo n'este paiz, e o que observou com seus proprios olhos na lucta heroica travada por causa da independencia de Portugal, deixou-o escripto na sua estimadissima *Chronica*, da qual não póde prescindir o escriptor, que desejar escrever minuciosamente as occurrencias d'aquelles tempos varonis. N'aquella época o nosso Fernão Lopes, o castelhano Ayala, e o francez Froissart, eram talvez os primeiros historiadores, que a Europa com orgulho podia appresentar.

67) AZPILCUETA (MARTIN DE).

Natural de Varazoin, perto de Pamplona, fallecido em Roma no anno de 1586. Foi lente na Universidade de Coimbra, na época que n'ella ensinavam litteratos estrangeiros de primeira ordem, entre os quaes se distinguiu o celebre Fabricio. [3]

E. — *Manual de Confessores e penitentes, que clara e breve contem a universal decisam de quasi todas as duvidas que em as confissões soem occorrer dos peccados, absolvições, restituyções e irregularidades. Composto pelo ho muyto resoluto e celebre Doutor ... Pela ordem de hum pequeno que fez hum Padre Portuguez, da Provincia da Piedade. Acrecentado agora por ho mesmo Doutor ... Com seu repertorio copiosissimo.* Coimbra, por João de Barreira 1560.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 3.º, pag. 894.
[2] C. Ximenes de Sandoval — *Batalha de Aljubarrota*, pag. 331.
[3] Pedro de Mariz — *Dialogos de Varia Historia.*

B

68) **BACCIA** (Dotor **LUIS DE**) — Capellan del rey nuestro señor en su real Capilla de Granada.

E. — *Historia de la union del reino de Portugal á la corona de Castilla: de Jeronimo de Franchi Conestagio, caballero genovez. Traduzida da lingua italiana en nuestra vulgar, por el* —. Barcelona, 1610, 124 pag.

69) **BADCOCK (LIENT. COL-LOVELL).**

E. — *Rough leaves from a Journal kept in Spain and Portugal during the years* 1832, 1833 *e* 1834. London, Richard Bentley, 1835, 4.º XI, 407 pag.

O auctor fôra mandado a Portugal na companhia de lord William Russell e do coronel Hare para procurar renovar com o governo portuguez aquellas antigas relações, que tinham sido interrompidas. Conta minuciosamente o cerco do Porto, e as luctas d'aquelle tempo.

70) **BAHLDUR (ROJAH KALCE-KRIEHNA).**

E. — *Vidwun-Moda-Taranginee. Or Fountain of pleasare to the learned. Translated inglié by — Second edition. The text of the original in Deva-nagara letters; and the versiou with improvements.* Calcutta, printed at the Scobha-Bazar Press, 1834, 8.º

Obra sanskrita e ingleza. O original é extrahido d'uma obra composta por Chirunjecri, pandit de Gwõra.

(Todas estas palavras são copiadas do catalogo manuscripto dos livros portuguezes e relativos a Portugal, existentes na Bibliotheca Imperial de Paris, manuscripto que se guarda na Bibliotheca Publica de Lisboa, não podendo eu comtudo asseverar que esta obra seja effectivamente relativa ao nosso paiz.)

71) **BAILLET (ADRIEN)** — Erudito francez.

Nasceu no anno de 1649 na aldeia de Neuville, e falleceu em 1706. [1]

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, tomo 4.º, pag. 183

E. — *Jugements des savants sur les principaux ouvrages des auteurs*, 1685 *a* 1689. 9 vol.

Esta obra foi reimpressa (de cuja edição me sirvo) e accrescentada com o seguinte titulo:

Jugemens des Savans sur les principaux ouvrages des auteurs par —, revus, currigés et augmentés par M. de la Monnoye, de l'Academie Française. Paris, 1732, 4.º gr., 7 vol.; aos quaes se accrescenta mais um com o titulo de *Anti-Baillet ou Critique du livre de Mr. Baillet.*

No tomo 4.º, em a lista dos poetas latinos modernos encontram-se as biographias de:

Pag. 304, Henrique Caiado. Por esta pequena biographia vê-se que Erasmo lhe tecia elogios, e que tinha reputação entre os estrangeiros.

Pag. 331, Arias Barbosa, a quem chama um dos principaes restauradores das letras na Hespanha, com Antonio de Lebrixa e André de Resende. «André Schott diz que era feliz na construcção dos versos, e que para isso tinha uma vantagem particular, o ter nascido musico, pois os portuguezes (assim diz) *sobresaem em geral n'esta profissão:* para a qual parecia ter uma harmonia e cadencia particular. Effectivamente D. Nicolau Antonio assevera que era superior a Nebrissa na poesia.»

Pag. 410, Jorge de Montemaior.

Pag. 434, André de Resende. «Clenard achava em seus versos muita magestade, força e invenção, de maneira que se tivesse querido continuar e aperfeiçoar-se, teria emparelhado com Lucano.»

Pag. 440, Luiz de Camões. «O Camões passa no mundo, pelo Marcial, pelo Ovidio, pelo Horacio, e pelo Virgilio dos portuguezes. Poderiam tel-o tomado tambem pelo Plauto do paiz, se para isso bastasse apenas ter composto comedias.

«Mas não o consideraremos aqui senão como um poeta heroico, e como o verdadeiro Virgilio, por causa de seu celebre poema *Os Luziadas.*

«Apesar de me desviar algum tanto do meu designio, direi algumas palavras sobre a fortuna do poema, e biographia do poeta, para não ser insensivel ao gosto d'aquelles de meus leitores, que desejariam praticasse eu o mesmo a respeito de todos.

«Camões ao sair do collegio foi fazer a guerra na Africa, onde perdeu um olho luctando contra os moiros, deixou a guarnição de Ceuta, no estreito de Gibraltar, para ir para a India. N'aquelles longinquos paizes compoz a maior parte de suas poesias, que lhe valeram a benevolencia de seu capitão e de alguns portuguezes, que tinham alguma tintura das bellas letras.

«Mas tendo offendido com versos satyricos e licenciosos algumas auctoridades, que não reconhecem o privilegio dos poetas, foi obrigado a salvar-se na China, até seus amigos terem pacificado a desintelligencia. Quando regressava para Goa naufragou surprehendido por uma tempestade, que lhe fez perder quanto possuia. Não perdeu com tudo o tino, e teve presença de espirito sufficiente para salvar seu poema *Os Luziadas.*

«Nosso Camões querendo se aproveitar de sua boa fortuna, obteve licença

para voltar a Portugal, com o designio de offerecer seu poema ao joven rei D. Sebastião. Mas o merito, que tinha adquirido trabalhando assim para a gloria de seu principe e de sua nação, não foi capaz de o pôr ao abrigo dos insultos e dos maus tratos da madrasta commum dos poetas, quero dizer da desdita, que sempre o acompanhou até á sepultura, e que não contente com reduzil-o a pedir esmola, não lhe deixou o goso e a posse pacifica de sua reputação, senão depois de sua morte.

«Se esta madrasta não gostava d'elle, não era tanto porque este fosse ruivo e zarolho, por ter um nariz comprido, arredondado em fórma de globo na extremidade, quanto porque ella não póde tolerar aquelles poetas, que se querem distinguir, e sair da vulgaridade dos outros.

«Com effeito Camões tinha um genio bem extraordinario: nascera poeta: tinha o espirito vivo, sublime, claro, abundante, facil, e prompto para quanto queria. D. Nicolau Antonio, que nos informa de todas estas particularidades, diz que elle saia-se perfeitamente nos assumptos heroicos e galantes, do que não sómente os conhecedores do paiz, mas ainda todas as pessoas de bom gosto espalhadas pelo mundo lhe prestaram testemunho. Accrescenta que este poeta tinha um talento particular para fazer descripções de logares e pinturas das pessoas, e que é tão exacto e tão perfeito, que sua arte quasi que iguala a natureza. Suas comparações são ricas, seus episodios muito agradaveis e variados, apesar de não desviarem o leitor do assumpto principal de seu poema. Por toda a parte dá mostras de muita erudição, mas não affectada, e acha-se que tem o sabor dos antigos, que é todo o fructo que um poeta póde pretender tirar do conhecimento da antiguidade.

«Eis-aqui os defeitos, que o padre Rapin notou nos *Lusiadas*. Diz na 1.ª parte de suas *Reflexões*, que por mais divino que o Camões seja no pensar dos portuguezes, não deixa de ser censuravel por serem seus versos tão obscuros, que poderiam passar por mysterios. E na 2.ª parte pretende que o desenho d'este poema é vasto de mais, sem proporção, sem rigor de expressão, e que é um muito mau modelo para o poema epico. Accrescenta n'outros logares que este poeta é soberbo, fastoso na sua composição, que não tem juizo, e que falla sem discrição de Venus, de Baccho, e das outras divindades profanas n'um poema christão: e que mesmo tem pouco discernimento, e boa direcção em tudo mais.

«Apesar d'estes defeitos, é bom que se saiba que o publico se obstinou em conservar-se na estima e amor, que testemunhou ao poema dos *Lusiadas*. É o que o tem feito passar muitas vezes pelo prelo dos impressores. Traduziram-n'o em francez, ha coisa de cem annos. Appareceram duas versões italianas, a primeira por um anonymo, a segunda por Carlos Antonio Paggi, de Genova, a qual appareceu em 1659, dedicada ao papa Alexandre VII. Publicaram-se quatro traducções hespanholas, isto é, do portuguez para o castelhano. A primeira de Benito Caldera; a segunda de Luiz Gomes Tapia, que lhe ajuntou notas e observações: a terceira de Henrique Garcez: porém D. Nicolau Antonio não nos refere o nome do quarto traductor. Finalmente foi passado para latim por um carmelita, chamado Thomé de Faria, bispo de Targa, na Africa.

«Entre os que fizeram commentarios a este poema, além do tal Gomes de Tapia, conta-se Manuel Correia, Pedro de Maris, Luiz da Silva Brito. Porém o mais consideravel é incontestavelmente Manuel de Faria e Sousa.»

Tomo 5.º, pag. 28, Manuel Pimenta.

Idem, pag. 29, Luiz da Cruz. «Além do Psalterio de David, que este padre poz em verso, e que foi impresso em Ingolstadt, Napoles, Milão, Leon, e n'outras partes, ha d'elle ainda diversas comedias e tragedias, que Cardon imprimiu em Leon no anno de 1605, etc.»

Idem, pag. 74, Pedro Lopez ou Lobo. Este auctor publicou *Poesia Philosophica* á imitação de Lucrecio, cujos versos são muito elegantes no pensar de D. Nicolau Antonio. Borricheo diz que seu estylo não é muito culto, mas que não deixa de ter cadencia e numero, que o sustenta, e lhe dá graça, n'um assumpto que a não tem por sua natureza.

Idem, pag. 141, André Bayão.

Idem, pag. 214 Manuel de Faria e Sousa.

Tomo 7.º, pag. 253, Caramuel. «O famoso Caramuel era um dos mais zelosos partidarios da corôa de Castella; e não causará isto admiração ao considerarmos qual era seu temperamento, quaes os seus compromissos por nascimento e obrigação. Desde o começo dos movimentos, que se fizeram em Portugal para sacudir o jugo do dominio hespanhol, pegou na penna para fazer valer os direitos, ou as pretenções do rei Philippe II a favor de seu neto. E mandou imprimir em Anvers um volumoso livro escripto em latim com o titulo de *Philippus Prudens.* [1]

«Esta obra appareceu em 1638, era no proprio anno da morte de D. Manuel, que fallecera a 22 de junho.

«Este D. Manuel era filho de D. Antonio de Portugal, que tendo tomado o titulo de rei em 1580, depois da morte de seu tio o cardeal Henrique, successor de D. Sebastião á corôa, fôra derrotado na batalha de Alcantara pelo exercito de Philippe II debaixo do commando do duque de Alba, e tinha morrido em Paris no anno 1595.

«D. Antonio era filho legitimo (no que concorda toda a gente) [2] de Luiz, duque de Beja, tio de D. Sebastião, e irmão do cardeal D. Henrique.

«D. Luiz, duque de Beja, era filho de D. Manuel, rei de Portugal. De maneira que, se D. Manuel de Portugal era filho do rei D. Antonio, refugiado na França, podia com justiça gritar contra a dominação hespanhola, e protestar de novo contra a usurpação de Philippe II.

«Com tudo é d'este D. Manuel, que Caramuel pretendeu publicaras memorias que escreveu contra a casa de Portugal a favor de Philippe II e de seus successores. Parece até que D. Manuel tomou grande parte na composição do livro *Philippus Prudens.* Se dermos credito a Caramuel, e a D. Nicolau Antonio depois d'elle, D. Manuel recebera de seu pae D. Antonio de Portugal este grande numero de papeis e de memorias manuscriptas, que ser-

[1] V. Lobkowitz.

[2] Mas não os historiadores portuguezes, que bem sabem que era illegitimo.

viam para destruir suas pretenções, e estabelecer os direitos da casa d'Austria. Mas, como D. Manuel tinha deixado, quando morreu, todos estes papeis em legado a Caramuel, como um penhor de sua amizade, a auctoridade e valor de todos elles não se poude basear mais, que sobre a boa ou má fé de Caramuel, isto é, um dos grandes *habladores y burladores* d'entre os sabios de seu tempo.

«Não fizeram grande caso de seu livro na França, e foi bem notorio que em Portugal tambem lhe não prestavam grande attenção, quando se publicou um manifesto em nome de todo o reino, para fazer valer o direito da casa real, e restituir a corôa a D. João IV.

«Caramuel não deixou de responder ao manifesto. Mas como esta composição era em lingua vulgar, não julgou conveniente responder em latim.

«Esta segunda obra foi impressa no anno de 1642, em 4.º, na mesma cidade de Anvers, debaixo do titulo de *Respuesta al Manifesto del Reino de Portugal;* e reimpresso vinte annos depois em Saint-Angelo, onde Caramuel sustentava uma imprensa á sua custa, qualificada de *Imprensa Episcopal,* para a impressão de suas proprias obras. Mas como o livro não podia servir aos que ignoravam o hespanhol, um dos discipulos ou amigos de Caramuel, chamado Leandro Bandtius o verteu em latim, e publicou sua traducção em Lovain no anno de 1643 debaixo do titulo *Joannes Brigantinus Lusitaniæ, Algarbiæ, Indiæ et Brasilæ illegitimus Rex demonstratus.*

«Contra esta resposta appareceu o *Anti-Caramuel* para defeza do manifesto do reino de Portugal, o qual teve por auctor um portuguez, por nome Manuel Fernandes de Villa Real. Este auctor era consul da nação portugueza em Rouen, na Normandia, quando compoz a obra, mas só a publicou em Paris no anno 1643 com o titulo de *Anti Caramuel, ò Defença del Manifesto de Portugal à la Respuesta que escrive Don Juan Caramuel Lobkowitz, Abbad de Mebrosa.*

«Teve o tino de prever que o titulo de *Anti Caramuel* poderia surprehender seus leitores, e julgo-o mais desculpavel que a maior parte dos outros auctores de *Anti,* que nem se dignaram fazer-nos ver que tinham razão para empregar o titulo.

«Ha tambem uma outra obra com o titulo de *Anti Caramuel,* composição de Humanus Erdemannus, a qual vem analysada no primeiro mez da obra *Nouvelles de la République des Lettres.*»

72) BAILLIE (MARIANNE).

E. — *Lisbon in the years* 1821, 1822 *and* 1823. London, 1824, 2 vol., 8.º, o 1.º de 219 pag. e o 2.º de 250. Offerecida ao conde de Chichester.

(Lisboa nos annos de... etc.)

A primeira carta é datada d'um hotel em Buenos-Ayres (Lisboa) de 27 de junho de 1821, e realmente não é muito lisongeira para os portuguezes, pois n'ella se queixa de pouco aceio, de falta de arvoredo, immensidade de cães. Gosta da vista do Tejo, *mas temos gosado de vistas de estylo simillhante muito superiores em differentes partes do continente.* Acha o theatro de S. Carlos

indigno da attenção dos estrangeiros. A quinta parte dos habitantes de Lisboa são pretos ou mulatos.

Assevera que não existe uma unica boa edição portugueza dos *Luziadas*.

Suffoca-se a gente n'esta cidade com os maus cheiros e outros horrores. Os mosquitos são numerosos de modo que por maior numero que se conceba na idéa, ainda este é limitado. Não poude encontrar boas frutas, pois as cerejas geralmente eram azedas, e os morangos muito raros. A propensão dos portuguezes é para as construcções maritimas, alguns modelos de naval architectura estavam então fluctuando no Tejo, mas são tão ignorantes na arte de os dirigir, que o melhor d'elles seria facilmente posto em silencio por uma fragata ingleza no espaço de meia hora. Seu filho mal se podia conhecer por causa das incessantes ferroadas dos mosquitos. As velhas portuguezas parecem-lhe ser invariavelmente horrendas. Não se atreveu a lançar a vista para os costumes de uma cosinha portugueza, porque as noticias que lhe deram a tal respeito são aterradoras. A carne vendida em Lisboa é repugnantemente preparada, porque os carniceiros portuguezes ignoram o methodo de matar os bois. Um epicurista suicidar-se-hia, se fosse obrigado a passar um mez em Lisboa no caso de não ser amigo de peixe. Os medicos portuguezes parecem ter feito muito poucos progressos desde o tempo do dr. Sangrado. Os portuguezes não fazem a mais leve idéa de uma illuminação, a não ser por meio de lanternas. Sua lavadeira em Cintra era moira e a primeira vez que fallou a esta tão verdadeira escriptora, beijou-lhe a mão, e disse-lhe em bom inglez, que tinha muito prazer em a servir. [1]

N'uma palavra a nossa escriptora piegas, tudo, sem excepção, acha detestavel; mas vae para Cintra e tudo sem excepção acha bom, optimo, e até algumas coisas superiores ás inglezas.

As cartas d'esta delambida são realmente uma obra sem merecimento, na qual as mentiras formigam a cada passo, como entre outras: Que o aqueducto das aguas livres foi mandado construir pelo marquez de Pombal: Que os fidalgos comem diariamente uma grande porção de açorda com alhos, e que por isso o mais ligeiro segredar do mais bem educado fidalgo não differe no cheiro, do mais grosseiro camponez: a gente de Lisboa tem falta de forças por causa do constante e excessivo emprego do azeite, junto aos relaxantes effeitos da indolencia e do clima: não havia um unico cabelleireiro n'esta cidade que soubesse cortar o cabello convenientemente: o palacio do Ramalhão tinha exteriormente a apparencia d'uma prisão sordida, melancolica e arruinada: as caras das damas de Lisboa eram desengraçadas e grosseiras a ponto de lhe parecer impossivel como podiam passar por bonitas: civilidade ou hospitalidade para com os estrangeiros pareciam virtudes desconhecidas dos portuguezes: que o Campo Grande estava duas leguas distante de Lisboa: os mercadores em Lisboa eram uns grosseirões, pensando que faziam um grande favor em mostrarem o que tinham para vender, costume que provinha do tempo dos Moiros: os padres rapinantes d'este paiz supersticioso nada faziam, sem

[1] Vol. 1.°, pag. 67.

que se lhes pagasse: o theatro de S. Carlos achava-se excessivamente immundo, e os ouvintes completamente não entendedores de musica, pois applaudiam exactamente o que não o devia ser: a immundicie em Lisboa não era uma porcaria vulgar: a execução do pianista portuguez Bomtempo era milagrosa, porém não a sensibilisava no mais pequeno grau, pois seus defeitos pareciam proceder de falta de sensibilidade, e nunca existe um verdadeiro genio sem ella, motivo porque não podia concordar em considerar Bomtempo como um verdadeiro mestre na sua arte: se lhe dessem ouvidos a ella escriptora nenhum doente do peito iria para Lisboa, pela total carencia de confortos n'esta cidade «As ceremonias da Semana Santa chegaram n'este paiz a um tal extremo de farça impia e absurda, que sem se ver, torna-se impossivel de acreditar, pois até nas ruas enforcavam Judas, e faziam procissões em que um homem representava de Abraham!»

Já por isto se faz uma perfeita idéa do resto. O livro de Marianne é digno de estar ao lado do de Ascensio Calvo.

73) **BAKER (M. A.)**

E. — *A complete History of the Inquisition in Portugal, Spain, Italy, the East and West Indies in all its branches, from the origin of it in the year 1163 to its present State. Illustrated with many Genuine and curious cases of unhappy Persons imprison'd in that Holy* (aliaz diabolical) *Office. Particularly of Isaac Martin, an Englishman. Collected from the most authentick and impartial Writers, Popish, and Protestant and from original papers of Gentlemen that have resided many years in those countries, by the Reverend Mr. —. The whole imbellished with several plates representing their manner of punishment, etc. etc. etc.* Westminster, 1736, 4.°, VIII, 532 pag.

(Historia completa da inquisição de Portugal ... e da prisão do inglez Isaac Martin.)

A estampa do rosto representa o tribunal da Inquisição de Granada, e o auctor trata tambem da prisão de Dellon, na Inquisição de Goa.

D'esta obra ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

74) **BALBI (ADRIEN)** — Ancien professeur de géographie, de physique et de mathematiques, membre correspondant de l'Athénée de Trevise, etc. etc. Geographo celebre.

Nasceu em Veneza no anno de 1782, e falleceu em março de 1848.

E. — I. *Essai Statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États de l'Europe, et suivi d'un coup d'œil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux arts parmi les Portugais des deux Hémispheres. Dedié a Sa Majesté Très-Fidèle par —.* Paris, Chez Rey et Gravier, 1822, 2 vol. 8.° gr., o 1.° de 480 e o 2.° de 272 pag. alem de CCCXLVIII de introducção.

(Ensaio estatistico sobre o reino de Portugal.)

II. *Varietés politico-statistiques sur la Monarchie Portugaise, didiées a M. le Baron Alexandre de Humboldt, Associé étranger de l'Institut Royal de Fran-*

ce, Membre de l'Académie Royale des Sciences de Berlin, de la Societé Royale de Londres, etc. etc. Paris, 1822, Chez Rey et Gravier, 8.º gr. 232 pag.

(Este volume trata do commercio, industria e estatistica de Portugal.)

O *Ensaio Statistico* de Balbi, apezar do decurso de tantos annos, ainda hoje é o melhor, que n'este genero existe a nosso respeito, quer escripto por estrangeiros, quer por nacionaes. É obra que, apezar de algumas inexactidões censuradas pelo conego Villela, creou fama bem merecida para seu auctor, o qual teve a fortuna de conseguir do nosso governo, que lhe mandasse patentear os documentos, que estavam guardados em nossos archivos e secretarias. Balbi mostrou-se agradecido, e na sua obra pretendeu mostrar que Portugal não estava em tão grande atrazo na civilisação, como pretendiam alguns escriptores estrangeiros, pouco amantes das coisas portuguezas, ás quaes o escriptor genovez em muitas partes tece os maiores elogios.

«Os portuguezes distinguem-se entre todos os outros povos por seus disvellos para com os estrangeiros, e fazem reviver aquella hospitalidade, que os povos antigos punham em o numero dos deveres e virtudes mais sublimes.»

É curioso comparar esta passagem com o que a nosso respeito, pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, dizia a ingleza Marianne Baillie.

«Póde-se dizer sem sermos accusados de exaggeração, que não ha talvez um só paiz na Europa, que conte um maior numero de más descripções feitas por estrangeiros, e sobre o qual a ignorancia ou a maledicencia tenham espalhado mais inexactidões e falsidades. Qual não foi o nosso espanto ao acharmos n'um paiz, que nos tinham pintado como mais atrazado do que a Turquia, um balanço geral do commercio feito annualmente desde 1755 até á actualidade por Mauricio Teixeira Moraes, por um plano e com uma exactidão que difficilmente se encontra nos paizes mais civilisados da Europa? Que surpreza não foi a nossa ao acharmos espalhados em differentes secretarias uma grande parte dos materiaes necessarios para a redacção d'uma statistica, e alguns ensaios muitos felizes feitos já sobre a provincia do Minho, sobre a de Traz-os-Montes, sobre o Algarve, e a respeito de algumas comarcas da Extremadura e Alemtejo? Não ficámos menos pasmados, quando soubemos que alguns portuguezes, dirigidos pelo seu compatriota, o habil astronomo Ciera, tinham desde 1793 até 1802 medido duas grandes bases na Extremadura com todo o rigor da geodesia moderna, para determinarem com exactidão o comprimento d'um grau do meridiano, e tinham feito a triangulação da maior parte de Portugal; que alguns sabios portuguezes tinham viajado por toda a Europa á custa de seu governo com o fim de examinarem os estabelecimentos litterarios mais importantes, e de se aperfeiçoarem no estudo das sciencias naturaes; que alguns tinham percorrido em differentes direcções seus vastos estabelecimentos na America e na Africa meridionaes, e tinham feito recuar as balizas da mineralogia, da botanica e da zoologia por causa das novas es-

pecies que alli tinham descoberto: que alguns governadores instruidos haviam redigido memorias mais ou menos sabias a respeito das capitanias geraes de Cabo Verde, Angola, Moçambique, e possessões portuguezas na India, China, Oceania? Que o valor só dos productos das fabricas e manufacturas portuguezas, exportados para além mar, se tinha elevado annualmente de 1795 a 1807 até oito e dez milhões de cruzados? Que esta nação possuia jornaes com artigos tão interessantes, e escriptos com tanta eloquencia, que daria honra aos Malte-Brun, Gentz, Etienne, Benjamin Constant, e aos mais celebres publicistas da Europa.

«Todos quantos fallaram relativamente a Portugal até este dia, escreveram muito, e citaram poucos factos. É verdade que escrevendo n'uma época em que a nação é bem differente do que era outr'ora, por causa das circumstancias politicas em que se tem achado, ha annos para cá, o quadro que apresentamos deve só por este motivo differir muito d'aquelles traçados por Dumouriez, Châtelet, Bourgoing, Carrère, Robert Southey, Murphy, Link, Costigan, Ruders e Ebeling. As tres invasões dos francezes em Portugal, a longa residencia das tropas inglezas e o grande numero de officiaes d'esta nação amalgamados no seu exercito, as ligações intimas e multiplicadas d'estas duas nações entre si, o grande numero de jornaes politicos e litterarios, publicados desde 1807 em Hespanha e Portugal, e principalmente alguns jornaes politicos e litterarios, dados á luz em portuguez fóra do paiz, bem como os sabios trabalhos da Academia Real das Sciencias, os dos professores da Universidade de Coimbra, e de algumas escolas especiaes, instituidas ultimamente em Lisboa e Porto, contribuiram muito para dar aos portuguezes o desenvolvimento manifestado nos ultimos acontecimentos. Qualquer nação póde ter grandes falladores, porque basta só a natureza para os formar, mas é mister uma longa instrucção para ter oradores. Os que brilham actualmente nas Côrtes por sua eloquencia e profundo saber nas mais altas theorias da economia politica, e nos mais complicados ramos da administração, demonstram victoriosamente aos detractores da nação portugueza que esta possuia muitas pessoas, que se preparavam no silencio, e cujo merito só aguardava a occasião para se patentear.

«Concedendo aos escriptores que nos precederam que falta ainda muito aos portuguezes para estarem ao nivel dos francezes, inglezes, allemães, dinamarquezes, italianos ou suecos, em tudo que diz respeito ás fabricas, manufacturas, commercio, navegação, agricultura, sciencias, artes, e differentes ramos de administração, não hesitamos em dizer que teem sido injustamente calumniados, e que estão muito mais adiantados n'este ramo, do que o estavam ha 40 annos. Em appoio d'esta asserção bastaria citar os eloquentes discursos pronunciados no Congresso, todos tendentes a fazerem renascer o credito publico, introduzindo a mais severa economia, e a maior ordem nas finanças; a reorganisar a marinha militar, a animar a marinha mercante, a multiplicar os institutos litterarios e de instrucção publica, a dar melhor methodo ao ensino, e a dirigir a educação moral da mocidade, a animar a agricultura, o commercio, as pescarias, a navegação e a industria.

*
* *

«Nós não hesitamos em dizer, [1] sem receio de sermos accusados de parcialidade, que as sciencias mathematicas, em toda sua extensão, e em todo seu aperfeiçoamento actuaes são perfeitamente conhecidas dos portuguezes, e muito mais do que seriamos inclinados a acreditar á vista do pequeno numero de obras publicadas sobre este assumpto ha 38 annos.

«Todavia, se alguma coisa mais positiva fosse necessaria para convencer os incredulos, pedir-lhe-iamos tão sómente que quizessem considerar que todos os mathematicos, que fazem o orgulho e a gloria dos portuguezes, se formaram no paiz: que os 6 volumes das *Memorias de Mathematica e Physica* da Academia Real das Sciencias de Lisboa conteem algumas memorias, que provam, até á evidencia, os profundos conhecimentos dos mathematicos portuguezes; e que as *Ephemerides Astronomicas* para uso do observatorio da Universidade de Coimbra, e para o da navegação portugueza d'isso dão outra prova. Estas ephemerides, que se publicam todos os annos desde 1804, bem longe de serem (como diz certo viajante) uma reducção, ou uma copia do *Almanack do Observatorio de Greenwich*, são pelo contrario calculadas immediatamente sobre as taboas astronomicas. A distribuição engenhosa de seus numerosos artigos, os novos methodos, que apresentam para o calculo das longitudes sobre o mar, e para o dos eclipses, bem como varios outros methodos particulares para a formação e verificação de alguns assumptos astronomicos, deram a esta obra uma justa superioridade sobre a maior parte das do mesmo genero, e mereceram para seus sabios auctores a estima dos mathematicos mais distinctos da Europa, que tiveram occasião de a verem e examinarem.»

*
* *

«Se bem que os portuguezes foram [2] uma das ultimas nações, que se entregaram ao estudo das sciencias naturaes, não se deve por isso acreditar que ellas tenham sido, ou sejam ainda inteiramente desprezadas por elles. Ao considerarmos quão pouco o governo as tem animado, e a carencia total de motivos individuaes proprios a attrahir os homens de genio a entregarem-se a pesquizas longas e penosas, que não deviam conduzil-os quer ás honras, quer aos empregos lucrativos, ha logar para nos admirarmos do numero consideravel de portuguezes, que, sem mais estimulo que o amor da sciencia, se elevaram a uma classe distincta entre os naturalistas da Europa. É verdade que á excepção de Manuel Ferreira da Camara Bettencourt, de João Antonio Monteiro, de José Bonifacio de Andrade, de Felix Avellar Brotero, de José Corrêa da Serra, póde-se dizer que Portugal não conta quasi nenhum outro naturalista, a quem se possa dar o nome d'um grande pratico, apezar de possuir

[1] Adrien Balbi — *Essai Statistique*, vol. 2.º, pag. XXXIX.
[2] Idem, pag. XLVII.

alguns, que conhecem perfeitamente a parte theorica, na qual podem sustentar comparação com os grandes homens das outras nações.

«Não fiquei pouco surprehendido ao saber que o sabio Brotero, o illustre Corrêa da Serra, Magalhães (physico distincto, fallecido em Inglaterra na segunda metade do ultimo seculo), o celebre medico Sanches, o padre Loureiro (auctor da *Flora Cochinchinensis)* só deveram a seus proprios esforços os conhecimentos profundos, que adquiriram ou em sua patria, ou no estrangeiro.

*
* *

«Ainda que Portugal [1] produziu alguns medicos, que adquiriram uma reputação distincta, taes como Amato Lusitano, Zacuto, Rodrigo de Castro, Ribeiro Sanches, e varios outros, é preciso comtudo confessar que antes da grande reforma da Universidade de Coimbra, o plano de estudos em medicina era muito irregular e defeituoso para formar bons medicos. Desde essa época, celebre na litteratura d'este paiz, a arte de curar, graças ao plano do curso de estudos, que devem seguir todos, que para elles se destinam, tem sido exercido, e ainda o é por alguns individuos, que podem figurar ao lado dos maiores medicos da Europa.

*
* *

«A imparcialidade severa, á qual nos temos restringido, obriga-nos a confessar que os portuguezes estão longe de terem feito nas sciencias geographicas os progressos notaveis, pelos quaes se abalisaram os outros povos civilisados; facto tanto mais assombroso, quanto nos seculos XV e XVI esta nação possuia um grande numero de navegadores celebres, cujas descobertas importantes lhes mereceram um logar distincto na lista dos grandes navegantes no *Annuaire des Longitudes*. Mas, se não se applicaram os conhecimentos physicos e mathematicos á geographia d'este paiz e de suas vastas colonias na *Chorographia portugueza* da Europa e na do Brazil, estas duas obras não são comtudo inferiores em coisa alguma ás obras estrangeiras contemporaneas do mesmo genero, principalmente o *Roteiro ou arte de navegar*, do çosmographo Pimentel, e outra mais moderna de Melitão, onde os hydrographos inglezes e francezes beberam tantas noções exactas sobre todos os paizes percorridos e explorados pelos portuguezes. As geographias de Busching, Pinkerton, Guthrie, e Lacroix não conteriam tantos erros, a respeito de Portugal e suas possessões, se seus auctores tivessem estudado as obras portuguezas, como o fizeram Ebeling e Malte-Brun.

*
* *

«Nunca povo algum, apertado por limites tão estreitos, estendeu n'um mais curto espaço de tempo seu dominio por paizes tão vastos e tão distantes. Desde a gloriosa conquista de Ceuta (1415) até á atrevida expedição de Barreto e

[1] Adrien Balbi — *Essai Statistique*, vol. 2.°, pag. LXII.

Homem (1573) ás minas de oiro de Manica e de Botua no Monomotapa, este povo, animado d'uma actividade sem exemplo, descobre Madeira, Açores, Canarias, ilhas de Cabo Verde, e as do golfo de Guiné, e n'aquellas paragens se estabeleceu. Explora e assenta numerosas feitorias ao longo da costa occidental d'Africa. Dobra o terr.vel cabo das Tormentas, e submette a seu dominio, ou faz tributarios os principes mouros da costa oriental d'Africa. Arranca das mãos dos arabes a navegação e o commercio da India e do mar Vermelho, em poder d'elles havia seculos. E assombrando os povos orientaes com prodigios de audacia e de valor, conseguiu estabelecer-se em Ormuz, Dio, Damão, Goa, Bombaim, Cochim, Ceilão, Meliapor, Malaca; e d'aqui rompe um caminho atravez do vasto archipelago das Indias para Java, Borneo, Timor, Molucas, China, Japão, ao passo que outros navegantes tão intrepidos como habeis descobrem a Nova Hollanda, Nova Guiné, ilha Mindanao e outras terras, que formam o que se chama actualmente Oceania.

75) BANDINI (ANG. M.)

E. — *Vespucci. Vita e lettere racolte e illustrate da* —. Firenza, 1745. (Vida de Americco Vespucci.)

76) BANDT (LEANDRO VANDER).

E. — *Joannes Bragantinus Lusitaniæ illegitimus Rex demonstratus a D. Joanne Caramuel Lobkowitz Dunensi Religioso,, Melrosensi Abbate et Cistertientis Ordinis per Angliam, Scotiam, Hiberniamque Progenerali translatus in idioma Latinum a D.* —. Lovanii, typis Everardi de Witte, anno de 1642, 4.º, 220 pag. além de 16 folhas não numeradas, ás quaes se segue a versão em latim do manifesto do reino de Portugal.

Este livro é ornado com o retrato de D. Francisco de Mello, marquez de Tor de Laguna, governador da Belgica.

Como é facil de ver, esta obra não só é contraria á independencia de Portugal, mas até insultante para os portuguezes.

77) BARCA (PEDRO CALDERON DE LA) — Famoso poeta hespanhol.

Nasceu em Madrid no anno de 1601, e falleceu em maio de 1687. [1]

Na collecção de suas obras vem uma notavel comedia intitulada *El Principe Constante*, da qual o nosso infante santo D. Fernando, filho de D. João I é o protogonista. Entram em scena D. Fernando, D. Henrique, e D. João, além d'outros personagens.

Eis o que a respeito d'esta notavel peça, uma das mais famosas de Calderon, nos diz Bouterweck: [2]

«É n'esta comedia de D. Fernando que o auctor ostenta todo o seu genio.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Générale*, vol. 8.º, pag. 170.
[2] *Histoire de la Litterature Espagnole*, vol. 2.º, pag. 161. (Paris 1812).

«Se n'ella a unidade de tempo e de logar é pouco respeitada, esquecemo-nos d'isso em favor da unidade de acção, d'uma acção heroica, em que Calderon soube empregar o pathetico mais verdadeiro, sem todavia se desviar do estylo da comedia nacional. D. Fernando, principe de Portugal é o heroe d'esta peça, á qual tambem se poderia dar o titulo de *Regulo Portuguez*. Desembarca na costa d'Africa á frente d'um exercito acompanhado por seu irmão D. Henrique. Ataca os estados do rei de Marrocos, e fica vencedor na primeira batalha, na qual faz prisioneiro um heroe africano, chamada Muley.

«Este Muley, que está enamorado da filha do rei de Marrocos, conta sua historia ao principe, e este, cuja generosidade se commove por esta narração, dá liberdade ao seu captivo. Muley mal teve tempo de exprimir sua surpreza o reconhecimento, quando reforços chegados ao exercito inimigo o põem em estado de dar nova batalha, na qual D. Fernando é derrotado e levado captivo por sua vez. Começam aqui as scenas tragicas, que são preparadas por lances enternecedores d'uma outra especie. O rei de Marrocos offerece-se a dar a liberdade ao seu prisioneiro em troca da fortaleza de Ceuta, que os portuguezes possuem na costa d'aquelle paiz. O principe declara que prefere morrer no mais cruel captiveiro ao ver uma cidade christã entregue aos infieis por causa d'elle. O rei envia uma embaixada a Portugal para apresentar esta proposta, e calcula de tal modo que será acceite, que trata seu captivo com a maior distincção até ao regresso de seus embaixadores. A resposta dos portuguezes é como elle a deseja, mas D. Fernando recusa ser resgatado por este preço. Tentam inutilmente vencer sua resistencia á força de tormentos. Supporta os sem murmurar e com uma religiosa constancia, mas seu corpo succumbe finalmente, e morre inabalavel. Os soffrimentos e o heroismo do principe, a lucta da religião e do reconhecimento no coração de Muley, que faz inuteis esforços para libertar seu bemfeitor, o amor d'este mesmo Muley á princeza de Marrocos, que está promettida a um principe mouro, e o amor mais interessante na sua exaltação melancolica d'esta princeza a Muley, tudo isto fórma um todo tão commevedor, tão verdadeiramente poetico, que os defeitos que se encontram n'esta peça, e para os quaes não póde haver dissimulação, são muito pouco notaveis para serem mencionados n'uma obra tão resumida como esta nossa. A acção parece terminada com a morte do principe, mas um novo exercito chega de Portugal, e o *espirito* de D. Fernando com um archote na mão, se põe á sua frente, e o conduz á victoria. A impressão causada por esta apparição leva a seu auge o effeito pathetico das scenas precedentes.»

78) BARCLAY (WILLIAM).

E. — *Le Portugal pittoresque et architectural dessiné d'après nature.* Paris, 1846.

(Portugal Pittoresco, etc.)

Nunca vi esta obra.

79) BARET (E.) — Ancien élève de l'École Normale, professeur agregé au Lycée de Poitiers.

E. — *Études sur la Rédaction Espagnole de L'Amadis de Gaule de Garcia Ordoñez de Montalvo.* Paris, Auguste Durand, 1853, 8.º gr., 203 pag.

Obra consagrada á memoria de Mr. Ch. M. de Feletz, de l'Academie Française.

(Estudos sobre a redacção hespanhola do *Amadis de Gaula.)*

Esta obra é destinada para provar que o celebre romance de cavallaria *Amadis de Gaula* é de origem hespanhola, e não portugueza:

«Tasso não parece suspeitar nem da versão de Lobeira,[1] nem das preten-

[1] «Foi na luzida côrte do mestre d'Aviz, onde achou a cavallaria de toda a Europa o seu Homero, em Vasco de Lobeira. Como antes d'aquelle houve poetas, assim antes d'este houve romancistas; como Homero eclypsou a memoria dos cantos de seus antecessores, assim Lobeira fez esquecer as mal tecidas invenções dos mais antigos novelleiros, e o *Amadis de Gaula* é a primeira e principal novella no extensissimo catalogo dos contos de cavallaria.

«Poucas memorias nos restam ácerca de Vasco de Lobeira. Sabe-se que foi natural do Porto, e armado cavalleiro por D. João I, antes de começar a batalha de Aljubarrota. Viveu a maior parte da sua vida em Elvas, e morreu em 1403.

«Escripto muito antes da invenção da imprensa, o *Amadis* correu manuscripto até o tempo de D. João V, porque os nossos antepassados nunca tiveram a curiosidade de o imprimir. Foram assim escasseando as copias d'elle, e nos ultimos tempos se havia tornado tão raro, que apenas se lhes conhecia um ou dois exemplares.

«O conde da Ericeira, testemunha acima de toda a excepção, o viu, e o abbade Barbosa diz que o proprio original estava na livraria dos duques de Aveiro. O fatal terramoto de 1755 fez desapparecer este monumento precioso da nossa litteratura, e tudo nos incita hoje a crer que se perdeu para sempre.

«O theatro, em que se passam as aventuras de *Amadis de Gaula*, é um theatro quasi tamanho como o mundo conhecido no tempo de D. João I. O heroe e os mais cavalleiros seus contemporaneos cruzavam mares extensos, peregrinavam centenares de leguas com a mesma rapidez e facilidade, com que nós fazemos visitas dentro de Lisboa; esta commodidade aproveitaram-na todos os novelleiros, que vieram depois de Lobeira; e para as distancias, que seria incrivel fazer correr em curtissimo praso a um cavalleiro, lá estavam as magas ou encantadoras, especie de espada de Alexandre, que o escriptor sempre tinha á mão para cortar todos os nós gordios, que embaraçavam as suas narrações.

«A época escolhida pelos romancistas de cavallarias para n'ella collocarem os seus heroes fabulosos é indeterminada em todas as novellas. A do *Amadis*, ainda que bastante incerta, é menos vaga. O heroe viveu muito antes do celebre Arthur ou Arthus, rei de Inglaterra; mas já quando este paiz e o de França eram christãos. Segundo isto, que se lê no 1.º capitulo do *Amadis*, este guerreiro floresceu no VI ou VII seculo; e, como a maior parte dos romances de cavallaria, que ainda existem, versam sobre a vida dos seus imaginarios descendentes, podemos tambem para elles estabelecer, ainda que imperfeitamente, uma especie de chronologia.» *(Panorama* de 1838, pag. 124. Artigo attribuido ao sr. Alexandre Herculano).

«Todas as tres nações portugueza, hespanhola e franceza, pretendem para si esta novella; e na contenda os portuguezes parecem estar peior que os seus adversarios, visto

ções dos portuguezes; é á Hespanha que deve pertencer a honra de ter creado sobre um thema antigo uma composição original.

«É certo ter existido uma versão portugueza do *Amadis de Gaula*. A prova resulta d'um conjuncto de testemunhos formaes. 1.º Gomes Eannes de Azurara na *Chronica do conde D. Pedro*. 2.º Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*. 3.º Uma poesia de Antonio Ferreira. 4.º Garcia de Resende, no *Cancioneiro*.

«Eis os unicos testemunhos authenticos allegados em favor da origem portugueza do *Amadis de Gaula*. D'esta fonte dimanam todas as opiniões dos criticos modernos favoraveis a esta origem.

«Não é sem espanto que se vê em 1550 mesmo a côrte de Portugal bem pouco firme a respeito da origem d'este romance, para attribuir a composição d'elle, não já a Lobeira, mas a um principe de sangue real.

«Ouçamos a narração de D. Luiz Zapata, embaixador de Hespanha em

já não existir o original. Mas ao cabo são elles que teem razão, segundo nosso entender; e por isso não duvidámos de attribuir o *Amadis* a Vasco de Lobeira.

«O rei Perion reinava na Gaula (França); o rei Garinter na pequena Bretanha, hoje a provincia de França d'este nome. Levado pelo desejo de conhecer Garinter intenta Perion *uma longa viagem;* e com effeito o encontra n'uma caçada; dão-se a conhecer um ao outro, e Perion é conduzido á côrte do seu novo amigo. Tinha este uma filha chamada Elisena, que se namora de Perion, o qual d'ahi a pouco parte para a Gaula, deixando-a gravida. Ella para esquivar-se á infamia entrega o fructo dos seus amores á mercê das ondas, encerrado em uma caixa. Foi este Amadis. Encontrado por uma barca, em que ia Gandales, cavalleiro escocez, este o salva, e cria com seu filho Gandalim, depois escudeiro de Amadis. Os dois moços são levados á côrte de Languines, rei de Escocia. Aqui viu a Amadis el-rei Lisuarte, que de Dinamarca vinha reinar em Inglaterra, o qual deixou na côrte de Languines a sua filha Oriana. Foi então que começaram os amores d'esta princeza com Amadis, que são o principal objecto da novella. Amadis é reconhecido por seu pae Perion, já casado com a filha de Garinter; e cresce em poder e renome. Mil difficuldades se levantam para elle chegar a possuir Oriana, as quaes vence com repetidos actos de generosidade e valentia. Emfim o romance acaba de um modo incompleto com os trabalhos, que nos ultimos annos cercaram a el-rei Lisuarte.

«É esta, em summa, a materia que enche o volumoso romance de *Amadis*, novella cheia de muitas paginas fastidiosas, mas tambem de muitas, que grandemente excitam a curiosidade. O estylo em que está escripto, é o de uma velha chronica do XV seculo, e notâmos n'elle uma grande similhança com os escriptos do pae da nossa historia, o singello chronista de D. João I, Fernão Lopes, que tantas vezes se mostra mais poeta, que muitos, que se arrogam este titulo.

«Traçando um leve esboço da novella de *Amadis de Gaula*, segue-se o tratar a questão de saber se a devemos attribuir a um escriptor portuguez.

«Primeiro que tudo é de notar que a tradição constante em Portugal foi sempre que o *Amadis* fôra composto por Lobeira.

«Pretendem os francezes (não todos os que na materia teem escripto) que esta novella fôra traduzida em hespanhol do idioma Picardo, e Herberay diz a vira n'esta lingua; mas isto nada prova. Quem impedia que os francezes traduzissem o original de Lobeira? A outra objecção contra nós é ter feito o auctor os seus heroes francezes e ingle-

Lisboa, por aquella época: *(Miscellanea original*, na Bibliotheca Real, codice citado por D. Juan Pellicier). Entre outros grandes personagens, que se teem distinguido como escriptores, mencionarei, diz elle, D. Fernando, segundo duque de Bragança, auctor do *Amadis de Gaula*. É a opinião assente na familia real portugueza, e eu mesmo a ouvi da bocca da sr.ª D. Catharina. E bem me parecia que uma obra tão alta e tão nobre devia ter saido d'uma raça illustre, e não podia pertencer a um homem vulgar.

«O licenciado Jorge Cardoso affirma que Pedro de Lobeira traduziu do francez a historia de *Amadis*, por ordem do infante D. Pedro, filho do rei D. João I.

«É verdade que Barbosa não cita a opinião d'este auctor, senão para a taxar de erronea. Este facto não testemunha menos a incerteza dos portuguezes, e prova que no tempo de Cardoso (1650) existia uma opinião, que attribuia á França a composição do *Amadis*.

zes: mas isto tambem nada prova; porque prova de mais. Os inglezes teriam ainda mais razão para pedirem a gloria d'esta obra, visto que, apesar de ser franceza a personagem principal, a maior parte dos acontecimentos põe-os o auctor na Inglaterra, e quasi todos os cavalleiros notaveis são d'este paiz, á excepção de Amadis e seu irmão Galaor.

«O certo é que Lobeira tendo vivido no tempo d'el-rei D. Fernando I e de D. João I tinha visto as proezas, que em Portugal obraram os cavalleiros inglezes. Devia elle fazer portanto alta idéa da cavallaria d'aquella nação. Nada havia mais natural do que fazer da Inglaterra o theatro das façanhas dos seus imaginarios heroes. Como porém o agente principal de todos os successos devia ser o amor, naturalissimo era que o auctor buscasse um principe estrangeiro, que viesse tornar brilhante a côrte ingleza, com seus amores pela dama principal, a filha de Lisuarte, que não poderia aliás corresponder á affeição d'um subdito de seu pae. Eis a razão obvia, porque Amadis é francez.

«Além d'estas observações ha uma principal, o examinar em si a novella para vêr se das suas proprias entranhas se podia arrancar a certeza da sua origem.

« Garciordoñez diz — emendára os tres livros de *Amadis*, que andavam mui viciados, e *trasladára* o quarto; — aqui o verbo *trasladar*, é claro, que não póde significar senão traduzir, o que mostra a olhos desapaixonados que a obra não era originalmente hespanhola.

«Seria franceza? Dizemos sem duvida alguma que não. Perion encontrando Garinter diz-lhe que viera de mui remotas terras para o vêr. Era possivel acaso que um escriptor francez fizesse o rei da Pequena Bretanha desconhecido do da França, e pozesse na bocca d'este um tão descompassado erro geographico? Além d'isto Perion e Lisuarte reunem côrtes, nos casos difficeis e circumstancias importantes: n'estas côrtes apparecem não os *barões* das antigas assembléas feudaes da Inglaterra e França, mas os *ricos homens* e *homens bons* nas côrtes portuguezas. Emfim o auctor descreve a passagem do canal de Inglaterra como uma viagem de nove dias com vento favoravel. As frequentes relações de guerra e de paz entre a Grã Bretanha e a França permittiam por ventura que ignorasse um escriptor francez a distancia de um a outro paiz?» *(Panorama* de 1838, pag. 140.)

A pag. 6 do mesmo jornal de 1840, confirma o sr. Alexandre Herculano quanto havia dito ácerca do *Amadis de Gaula*, e accrescenta um trecho da *Chronica do Conde D. Pedro* composta por Gomes Eannes d'Azurara. (Cap. 63)

«De todos estes factos reunidos qual a conclusão legitima, que se póde tirar? A existencia pelos fins do seculo XIV d'uma versão portugueza do *Amadis de Gaula*, ácerca de cuja origem e auctor os proprios portuguezes não estão concordes, mas que se póde todavia attribuir com mais probabilidade a Vasco de Lobeira. Hoje esta versão, que parece nunca ter sido impressa, desappareceu. Resta pois a importante questão de saber até que ponto ella serviu ou não, de modelo á versão de Montalvo, a mais antiga, que subsiste hoje. Esta questão será implicitamente resolvida, se nós provarmos que anteriormente a Vasco de Lobeira circulava já na Hespanha um romance de *Amadis*.

«A antiga *Litteratura Castilhana* contém duas allusões importantes á historia de *Amadis*. Acha-se a primeira n'um poema de Pedro Lopez de Ayala, auctor estimado da *Chronica de quatro reinados*. Feito prisioneiro em 1367, na celebre batalha de Najera, na qual empunhava o estandarte da ordem da Banda, e levado para Inglaterra, Ayala compoz durante seu captiveiro uma especie de poema moral intitulado: *El rimado palacio*. O poeta lamentando os erros de sua mocidade, exprime-se assim na estancia 162.

Plegomi otrosi oir muchas vegadas
Libros de devaneos e mentiras probadas,
Amadis e *Lanzarote*, e burlas a sacadas,
En que perdi mi tiempo a mui malas jornadas.

«Depois de se ter involvido muito activamente nos acontecimentos d'este seculo tão fertil em agitações, o chanceller Ayala morreu em Calahorra em 1407, na edade de 75 annos, o que faz descer até 1342 o anno do seu nascimento. Ayala tinha pois 25 annos na época da batalha de Najera. Tomando parte no partido de Henrique de Transtamara, o qual desde 1359 estava em lucta com seu irmão Pedro, o *Cruel*, quasi que nos não podemos enganar, suppondo que este chanceller, que escreveu com tão grande exactidão a narrativa d'esta lucta fraticida, esteve bem occupado desde o principio para não designar o espaço de 1359 a 1367 como um tempo de ociosidade, occupado unicamente de leituras frivolas.

«A época em que elle se entretinha a ler *Lancelot* e *Amadis*, foi sem duvida a da sua adolescencia, quando, simples pagem ou escudeiro, bebia n'estes romances, [1] como todos os nobres d'aquelle tempo, as idéas dos deveres

[1] *Amadis de Gaula*. Este romance, cujas quatro primeiras partes principalmente teem grande merecimento, tiveram no seculo XVI uma aceitação prodigiosa, e que não excede talvez aquella, que em nossos dias coroou as producções justamente celebres do fecundo e admiravel auctor do *Waverley*. Publicados primeiramente em Hespanha, e por diversos escriptores, que se não nomearam, os *Amadis* não transpozeram facilmente os limites da peninsula, e foi até necessaria a residencia, que fez n'este paiz o illustre prisioneiro de Pavia, para nos fazer conhecer este romance, cheio de attractivos. Mas desde que a pedido do monarcha francez tornado livre, o senhor des Essarts transportou para a nossa lingua a engenhosa ficção Iberica, a obra passou bem depressa para Italia, Al-

d'um gentil cavalleiro. É pois permittido concluir que uma versão do *Amadis* que desde 1360, pelo menos circulava na Hespanha conjunctamente com o *Lancelot*, devia necessariamente ser redigida n'este paiz muito tempo antes, provavelmente desde o começo do seculo XIV, talvez mesmo desde o XIII.

«Dar-se-ha o caso, vista a extrema analogia dos idiomas portuguez e hespanhol n'aquella época, que Ayala designe, sem a nomear, a versão de Lobeira? De nenhum modo: eis aqui as razões.

«Machado, concordando n'isto com as chronicas portuguezas refere que Vasco de Lobeira foi armado cavalleiro na occasião da batalha de Aljubarrota pela propria mão do rei João I. No tempo, em que as leis da cavallaria esta-

lemanha, Inglaterra, e até mesmo para a Hollanda, e appareceu successivamente no idioma proprio de cada um d'estes paizes, mas com differenças e continuações.

O primeiro auctor d'este celebre romance, aquelle, a quem somos devedores dos quatro primeiros livros, não é bem conhecido. Segundo Antonio, que adopta a este respeito as tradicções conservadas em Portugal, seria um portuguez chamado Vasco de Lobeira. É esta a opinião seguida mais geralmente, não obstante o testemunho contrario de Nicolau de Herberay, senhor des Essarts, que no começo do prologo collocado por elle em frente da sua traducção do primeiro livro de *Amadis*, exprime-se d'esta sorte: «É bem certo que elle esteve primeiro em nossa lingua franceza, sendo Amadis francez, e não hespanhol. E de que assim fôra, encontrei ainda alguns restos d'um velho livro escripto á mão em linguagem Picarda, pelo qual julgo que os hespanhoes fizeram uma traducção.» Esta asserção do senhor des Essarts pareceu concludente a Mr. de Tressan; mas não é admittida pelos bons criticos, que em nenhuma parte encontraram o menor vestigio d'esse original em lingua Picarda, citado pelo traductor. A opinião favoravel a Lobeira foi sustentada acaloradamente no *Journal de Paris*, no anno de 1779 e no *Esprit des Journaux* em setembro de 1779, por Cochu, litterato fallecido no principio do corrente seculo.

EDIÇÕES EM HESPANHOL

Salamanca, 1519. Desconfia-se porém haver uma edição anterior, de 1510, impressa na mesma cidade.

Saragoça, 1521.
Sevilha, 1526.
Sevilha, 1531.
Veneza, 1533.
Sevilha, 1535.
Sevilha, 1539.
Medina del Campo, 1545.
Sevilha, 1547.
Lovain, 1551.
Sevilha, 1552.
Burgos, 1563.
Burgos, 1587.
Salamanca, 1575.
Sevilha, 1575.
Alcala de Henares, 1580.
Sevilha, 1586.
Madrid, 1838.
Barcellona, 1847.

vam em pleno vigor, ninguem podia ser armado cavalleiro antes da edade de 21 annos completos. Mas na decadencia da instituição foi-se pouco severo para com este principio. Na vespera d'um cerco, d'uma batalha, quer para augmentar o numero dos combatentes, quer para estimular o ardor dos escudeiros, ou em algumas occasiões solemnes, taes como as de coroações, casamentos, viu-se conferir o titulo de cavalleiro a mancebos, que não tinham passado por todas as provas da ordem. Esta circumstancia da occasião mesma da batalha —*ao estar para dar-se batalha* faz nascer uma forte presumpção de que em 1385 Vasco de Lobeira, que se distinguiu cedo como cavalleiro, tinha talvez menos de 20 annos. Como admittir então que possa ser o auctor d'um livro,

La Sergas del virtuoso cavallero Esplandiano, hijo d'Amadis de Gaula. Toledo, 1521.

O mesmo livro. Salamanca, 1525.

O mesmo livro. Burgos, 1526.

O mesmo livro. Sevilha, 1526.

O mesmo livro. Caragoça, 1587.

O mesmo livro. Burgos, 1587.

O mesmo livro. Alcalá, 1588.

Sexto libro de Amadis de Gaula, en que se cuentan los grandes fechos de Florisando. Salamanca, 1510.

O mesmo livro. Salamanca, 1526.

El septimo libro de Amadis, en el qual se trata de los grandes fechos en arma de Lisuarte de Grecia fijo de Esplandian y de Perion de Gaula. Sevilha, 1525.

O mesmo livro. Toledo, 1539.

O mesmo livro. Sevilha, 1548.

O mesmo livro. Lisboa, 1587.

O mesmo livro. Tarragona, 1587.

El oitavo de Amadis, que trata de las estrañas aventuras y grandes proezas de su nieto Lisuarte, y de la muerte del Rey Amadis. Sevilha, 1526.

El noveno libro... que es la chronica del muy valiente y efforçado principe y cavallero de la Ardiente espada Amadis de Grecia. Burgos, 1535.

O mesmo livro. Sevilha, 1542.

O mesmo livro. Medina del Campo, 1564.

O mesmo livro. Valencia, 1582.

O mesmo livro. Lisboa, 1596.

Don Florisel de Niquea. La Cronica de los muy valientes y esforçados y invencibles cavalleros dõ Florisel de Niquea y el fuerte Anaxartes: hijos del muy excelente principe Amadis de Grecia. Valladolid, 1532.

O mesmo livro. Sevilha, 1546.

O mesmo livro. Taragona, 1584.

O mesmo livro. Caragoça, 1584.

Parte tercera de la coronica del muy excelente principe don Florisel de Niquea, etc. Sevilha, 1546.

O mesmo livro. Evora.

Don Florisel de Niquea. La primera parte de la quarta de la chronica del excelentissimo principe don Florisel de Niquea. Salamanca, 1551.

O mesmo livro. Çaragoça, 1568

Libro segundo de la quarta parte. Salamanca, 1551.

que Ayala, o qual tambem assistiu a esta batalha de Aljubarrota, e n'ella feito prisioneiro pela segunda vez, declara ter lido antes de 1360?

«Póde-se chegar á mesma conclusão por uma outra maneira. Tomando sempre como data certa a existencia d'um *Amadis* no anno de 1360, supponho que Vasco de Lobeira fosse auctor d'este romance, e que o tivesse acabado na edade de 25 annos. Tinha então pelo menos 25 annos desde 1360, o que levaria a 1335 a data do seu nascimento, que é desconhecida. Ora, por confissão dos portuguezes, só em 1385 é que foi armado cavalleiro. Não teria á vista d'isto recebido este titulo, senão em a edade de 50 annos, o que verosimilmente não poderiamos admittir.

«É pois permittido asseverar que existia na Hespanha uma traducção do

O mesmo livro. Çaragoça, 1568

Tercera parte de la quarta. Salamanca, 1551.

Dozena parte del invincible cavallero Amadis de Gaula. Sevilha, 1546.

O mesmo livro. Sevilha, 1549.

EDIÇÕES EM FRANCEZ

Les livres I à XII d'Amadis de Gaule. Paris, 1540-1556. Reimpressos de 1543 a 1559.

Os mesmos livros. Paris, 1548 a 1560.

O XIII livro. Paris, 1571.

O XIV livro. Paris, 1574.

Livros I a XII. Paris, 1557, 12 vol.

Livro XII. Avignon, 1557.

Livros I a XII. Anvers, 1561.

Os mesmos livros. Anvers, 1572.

Livro XIII. Anvers, 1572.

Livro XIV. Anvers, 1574.

Livro XV. Anvers, 1577.

Livros I a XII. Lyon, 1575, 12 vol.

Os mesmos livros. Lyon, 1577.

Livro XV. Lyon, 1577.

Livros XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI. Lyon, 1577-1582 6 vol. varias vezes reimpressos.

Livros XXII, XXIII, XXIV. Paris, 1615, 3 vol.

Tresor de tous les livres d'Amadis. Lyon, 1582, 3 vol., 1605, e 1606. E varias outras edições.

Os mesmos livros. Anvers, 1574.

EDIÇÃO EM ITALIANO

Vinetia, 1546 a 1594.

EDIÇÃO EM ALLEMÃO

Francfort am Mayn, 1583.

EDIÇÃO EM HOLLANDEZ

Utrecht e Dordrecht, 1619 a 1624, 6 vol.

EDIÇÕES EM INGLEZ

London, 1619.

Traducção de Robert Southey. London, 1803, 4 vol. — *Extractado do Manuel du Libraire, par Brunet.* Edição de 1866.

Amadis de Gaula, anterior á versão portugueza. Uma curiosa passagem do texto hespanhol acabará de dar o caracter da certeza.

«O personagem de Amadis distingue-se entre tantos heroes cavalheirescos por uma lealdade a toda a prova, e pela mais escrupulosa fidelidade.

«As aventuras de sua vida errante levam-no a restabelecer sobre o throno de seus paes uma joven princeza por nome Briolania, a qual muito encantada da belleza e valentia de Amadis, namora-se do cavalleiro com uma viva paixão, e não aspira a mais do que pol-o de posse de seu reino e de sua pessoa. Mas todas as corôas do mundo não poderiam distrahir Amadis do pensamento da sua querida Oriana. Os votos de Briolania não foram escutados.

«Tal era, segundo parece, a respeito d'este ponto delicado a lição constante da velha historia.

«No emtanto o infante D. Affonso de Portugal, filho natural de D. João I, principe instruido, de genio cortez e galanteador, fez-se o campeão da triste Briolania. Indignado com a insensibilidade de Amadis, exigiu que Lobeira, de quem era protector, modificasse esta passagem do velho romance, e restituisse a felicidade á bella princeza, á custa da infidelidade de Amadis.

«Esta interpolação da versão portugueza é notada por Montalvo, e censurada com tanta gravidade, como se se tratasse da historia mais importante, e authentica — Amadis dió enteramente á conocer que las angustias e dolores con las muchas lágrimas derramadas por su señora Oriana, no sin gran lealtad las passava; aunque el señor infante Alfonso de Portugal, aviendo pietad d'esta hermosa donzella, *de otra guisa lo mandasse poner*, en esto hizó lo que su merced fué, mas no aquello que en efecto de sus amores *se escrivia*. De outra guisa se cuentam estes amores, que con razon a ellos dar fé se deve.

«Mais longe o escrupuloso auctor depois de ter acabado a narração d'esta aventura, crê dever ainda accrescentar: — Todo lo que mas desto en este libro primero se dize de los amores de Amadis e d'esta hermosa reyna *fué acrecentado*, como ya se os dixo, etc.

«Esta passagem decisiva não carece de commentarios. Attraiu e devia attrair a attenção dos melhores criticos. O mais judicioso e authorisado de todos sir Walter Scott d'ahi concluiu a existencia certa d'um original hespanhol, muito anterior á versão de Lobeira — Parece-nos evidente por esta passagem notavel, que a obra, de que se occupava Lobeira, debaixo dos auspicios do infante D. Affonso, seu protector, deveu ser necessariamente uma traducção mais ou menos livre de alguma obra antiga. Se o *Amadis* tivesse sido parto proprio da imaginação de Lobeira, teria este auctor certamente experimentado repugnancia em prejudicar a imagem da perfeição ideal, que traçára no seu heroe, em consideração da compaixão exquisita de seu protector para com a bella Briolania; mas não fazia nenhum sentido dizer que fizera uma interpolação no texto verdadeiro (allusão ao dito Montalvo *aquello que en efecto se escrevia)* se não houvesse tirado sua historia de algumas narrações independentes dos recursos de sua propria imaginação.

«Encontram-se tambem no *Cancionero de Baena* algumas allusões a uma antiga versão do *Amadis*. A mais importante é contida n'uma peça de *Perro*

Ferruz dirigida a Lopes de Ayala exhortando-o a proseguir na gloria das armas, sem receiar nem fadigas nem perigos.»

Eis o que diz Baret. Parece porém que o assumpto é de origem franceza, e muito antigo, mas que o romance formado sobre este assumpto é de origem portugueza, embora se tivesse perdido o original. Quem ignora que ainda temos hoje em Portugal e nas bibliothecas estrangeiras um grande numero de manuscriptos importantissimos, que nunca foram impressos, e tambem em risco de se perderem para sempre? Quem não sabe que o *Cancioneiro* d'el-rei D. Diniz ainda existe quasi todo inedito na Bibliotheca do Vaticano, e que na de Evora existe o *Esmeraldo* de Duarte Pacheco Pereira, para não fallar de muitos e muitos outros ineditos importantissimos?

80) BARETTI (JOSEPH) — Secretary for foreign Correspondence to the royal Academy of Painting, Sculpture and Architecture.

E. — *A Journey from London to Genova through England; Portugal, Spain and France, by* —. In four volumes. London, 1780, 8.°

(Viagem de Londres a Genova, atravez da Inglaterra, Portugal, etc.)

O auctor esteve em Portugal no anno de 1760. Diz que os portuguezes são muito ricos de dinheiro e joias (I. pag. 97): que as manufacturas são insignificantes, e as unicas coisas, que o paiz produz em abundancia, são limões, laranjas e vinho. Dá noticias muito circumstanciadas das ruinas do terramoto em Lisboa.

Baretti encontrou uma vez o patriarcha na rua, e eis como elle nos descreve o seu sequito:

«Abriam a marcha dois coches cheios de padres; seguiam-se cincoenta creados de libré, caminhando a dois e dois (pag. 153). Um padre a cavallo levava a cruz. Seguiam-se sete coches. Os dois primeiros conduziam officiaes ecclesiasticos, e no terceiro ia o patriarcha com seu mestre de cerimonias. De cada lado marchava um padre a pé, levando uma especie de umbella. Seguia-se o coche d'estado vasio, tão rico, que a rainha Semiramis não o julgaria indigno de ir n'elle. Atraz iam ainda tres coches cheios de officiaes.

«E que sentia o patriarcha? Conforme as palavras de Petrarcha — *Stavasi tutto umile in tanta gloria.*»

81) BARLAEI (GASPARIS) — Poeta, theologo e medico.

Seu nome sem estar alatinado é Gaspar van Baerle.

Nasceu em Anvers no anno de 1584, e falleceu em Amsterdam no mez de janeiro de 1648. [1]

E. — *Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum sub Praefectura Illustrissimi Comitis L. Mauritii, Nassoviae &c. Comitis, nunc Vesaliae Gubernatoris et Equitatus Fœderatorum Belgii Ordd. sub Auriaco Ductoris Historia.* Amstaelodami. Ex Typographeio Joannis Blaev. 1647. fol. max.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 4.°, pag. 143.

340 pag. com grande numero de estampas. 2.ª edição, 8.º Clovis ex Officina Tobiae Silberling, 664.

(Historia dos successos occorridos pelo espaço de oito annos no Brazil, debaixo do governo do conde S. Mauricio de Nassau, etc.

De cada uma d'estas edições existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa, onde servem de pasto á traça, tão numerosa n'aquelle estabelecimento que julgo já impossivel exterminal-a.

«Como escriptor de meritos superiores se nos apresenta [1] nos dois annos de 1637 e 1638, e nos seis seguintes até 1644 o hollandez Gaspar van Baerle, mais conhecido com o nome de Barlaeus, na historia que escreveu da administração e feitos de Nassau em Pernambuco. Preclarissimo poeta, assim na lingua hollandeza como latina, cujos primorosos versos, comparados aos melhores da antiguidade, lhe grangearam muita nomeada, agudo theologo protestante, penetrante philosopho, e distincto doutor em medicina, consagrou Barleus os seus ultimos annos a essa historia, que publicou em Amsterdam em 1647.

«A *Latinissima Historia dos oito annos do governo de Nassau*, por mais que corram os seculos, será sempre um livro importante e digno de consultar-se. Só depois que tivemos occasião de folhear detidamente a correspondencia official do mesmo Nassau, é que nos convencemos que Barleus a tivera egualmente presente, e se aproveitára d'ella com o devido criterio; sendo que, como panegyrista d'esses oito annos pouco se lhe poderá acrescentar. Para ser porém considerado como historiador imparcial d'esse periodo, faltou-lhe obedecer ao preceito — *audietur altera pars.*

«E o mais é que o haver o auctor deixado de consultar alguns documentos ou auctoridades do lado dos nossos foi causa das muitas incorrecções, que a obra contém nos nomes proprios e geographicos portuguezes e do Brazil.»

82) BARNARD (LIEUT).

E. — *Three years Cruise in the Mozambique Channel.*

(Tres annos no cruzeiro do canal de Moçambique.)

Não tive occasião de ver este livro.

83) BARROW (JOHN) — Compilador.

Nasceu em Inglaterra, e falleceu no fim do XVIII seculo. [2]

Escreveu uma obra em inglez, que foi vertida para francez com o titulo seguinte:

Abregé Chronologique ou Histoire des découvertes faites par les Européens dans les differentes parties du Monde, extrait des rélations les plus exactes et des voyageurs les plus veridiques. Traduit de l'Anglais par Targe. Paris, 1766, 12 vol., 8.º

[1] Sr. Varnhagen — *Historia das lutas com os hollandezes no Brazil*, pag. XII.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 4.º, pag. 399.

(Resumo chronologico das descobertas feitas pelos europeus, nas diversas partes do mundo.

Se bem que esta obra não trata exclusivamente das viagens feitas pelos portuguezes, todavia merece ser mencionada, pois n'esta collecção apparecem com minuciosidade as gloriosas descobertas, viagens e peregrinações dos nossos.

O volume 1.º começa pela viagem de Colombo, e de suas relações com os portuguezes, viagem que se estende de pag. 1 até 242, onde começa a de Vasco da Gama, baseada no que escreve Jeronymo Osorio, terminando esta a pag. 294, onde principia a de Pedro Alvares Cabral, para findar a pag. 329.

Tomo 3.º Viagem de Fernão de Magalhães, de pag. 318 a 373.

O tomo 4.º não contém nenhuma viagem feita por algum portuguez: traz as dos estrangeiros Drake, Raleigh, Cavendish, Van Noort, Spilbergen, Schouten, Lemaire, Rowe, mas em compensação rara é a passagem, em que se não faz menção dos portuguezes. Por toda a parte estes appareciam para porem estorvos áquelles que nos queriam roubar o sceptro do mar!

No emtanto as forças portuguezas não podiam chegar para tudo, e o odio que os indigenas nos tinham era grande, e a passagem seguinte bem o comprova:

«A 24 de novembro os inglezes commandados por Drake chegaram ás Molucas, com o fim de irem a Tidore: mas foram desviados d'este seu designio pelo vice-rei de Ternate, que veiu ousadamente a bordo para lhes dizer, que o rei d'esta ilha queria commerciar livre e cordealmente com elles, e tornar-se seu amigo, comtanto que não fossem a Tidore, porque residiam alli os portuguezes: que os odiava de morte, e não se podia resolver a ter com elles algum commercio, ou com aquelles que se ligassem com elles.» [1]

Tomo 5.º Historia da descoberta e das guerras do Brazil por Mr. Jean Niluhoff, de pag. 222 até 434. É a historia da derrota dos hollandezes n'este paiz, e de como os portuguezes os expulsaram de vez.

Se no tomo 4.º quasi que se não encontrava uma folha, em que se não tratasse de portuguezes, no 6.º quasi que se não encontra uma linha, em que os nossos não entrem em scena. Contém este tomo os seguintes assumptos.

I. Descripção das Indias orientaes, por Mr. Nieuhoff de pag. 1 a 210.

II. Viagem do capitão Abel Tasman, em descoberta dos paizes banhados pelo mar do Sul, de pag. 211 a 238.

III. Descripção das costas de Malabar e de Coromandel por mr. Baldaeus. [2]

N'esta viagem de, pag. 239 a 333, vem uma descripção da cidade de Goa, a respeito da qual, entre outras, coisas se diz o seguinte:

«Goa foi conquistada por Affonso d'Albuquerque, cujo nome é bem conhe-

[1] Barrow — *Histoire des découvertes*, vol. 4.º, pag. 2.

[2] Philippe Baldeus, missionario hollandez, vivia na segunda metade do seculo XVII. Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 4.º, pag 254.

cido n'esta parte do mundo. A policia é muito boa e bem desempenhada. Ha um hospital, que aquelles, que o viram e comparavam, consideram o mais bello existente no mundo. As egrejas de Goa são soberbamente ornadas : [1] o porto é muito bello, e póde-se comparar com Constantinopla e Toulon, julgados os melhores do mundo.

«A vice-realeza de Goa é uma das mais consideraveis, que existem no universo. E aquelle, que exerce este cargo, tem á sua disposição os governos de Moçambique na Africa, o de Moscate na Arabia, o de Ormuz na Persia, o de Ceilão perto do Cabo de Comorin, o das Molucas á entrada do golpho da India, cada um dos quaes é tão lucrativo, como o melhor que houver na Europa. É certo apezar de Goa já não render tanto depois que os inglezes e hollandezes fundaram estabelecimentos solidos na India, produzir comtudo sempre grandes riquezas para a corôa de Portugal. Os Portuguezes em geral são indolentes: entregam-se á sensualidade e aos prazeres, e deixam o cuidado de seus negocios nas mãos de seus escravos. A devassidão é n'esta cidade mais vulgar, que em nenhum outro paiz do mundo; e os prazeres carnaes e o adulterio passam por galanterias. Os homens um pouco acima do vulgar, são precedidos de dois pagens um para lhes levar a espada e o outro o guarda sol, etc. etc.»

IV. Descripção da ilha de Ceilão, e resumo das disputas que alli se suscitaram entre os portuguezes e hollandezes, por Philippe Baldaeus, de pag. 334 a 427, e vae acabar na pag. 57 do o tomo seguinte.

84) BAUMÈS (J.).

E. — *De la limite des Possessions Portuguises au sud de l'Equateur. Extrait de la Revue Coloniale (Mars* 1858*).* Paris, 1858.

(Limites das possessões portuguezas ao sul do Equador, etc.)

85) BAVOUX (EVARISTE).

E. — *A. B. da Costa Cabral, Comte de Thomar. Notes historiques sur sa carrière politique et son ministère. Extrait de l'ouvrage publié a Lisbonne sous le titre — Apontamentos Historicos.* Paris, Amyot-Libraire, 1846, 8.°, 275 pag.

(Notas historicas sobre a carreira politica e ministerio de A. B. da Costa Cabral.)

Antonio Bernardo da Costa Cabral por causa dos feitos notaveis, que se passaram em Portugal durante o seu ministerio, foi um dos ministros portuguezes mais fallados n'estes ultimos tempos. Não é por isso para admirar que ainda tenha de mencionar varios outros escriptos estrangeiros relativos ao seu ministerio. Evaristo Bavoux mostra-se muito affeiçoado á sua administração.

«É um assumpto interessante para a observação a lucta encarniçada e confusa ainda do principio constitucional ás bulhas com a exaltação meridio-

[1] Barrow — *Histoire des decouvertes*, vol. 1.°, pag. 264.

nal, e com a infancia das paixões politicas. Estas paixões envenenam a discussão, cegam o juizo. O exame d'esta situação ganha muito em imparcialidade sendo transportado para um terreno neutro. Tal é a mira d'esta publicação.

«Uma coisa nos maravilhou e seduziu, alli, como em qualquer outra parte que a encontramos: a elevação d'um homem por meio de suas proprias forças aos mais altos empregos do Estado. Filho d'um honrado proprietario da Beira, Costa Cabral elevou-se por seu proprio merito d'uma posição modesta ao ministerio, e ao senado, esforço do verdadeiro talento, que tem jus a nossas homenagens. Em certos respeitos, e talvez com mais energia ainda, faz-nos lembrar Casimir Perier, luctando contra os motins em nome da ordem, pronunciando a dissolução do corpo de artilheria da guarda nacional, a destituição de seus officiaes, o desarmamento das companhias, exposto em sua propria carroagem ao tumulto das ruas insurgidas, arrostando corajosamente o perigo, as ameaças, a morte, luctando corpo a corpo, e combatendo essa coragem, que revela uma convicção, e até justifica o erro, porque então parece emanar d'uma alma nobre, d'um principio elevado.

«O homem eminente, de quem esta noticia tem por fim dar a conhecer a administração, prestou ao seu paiz immensos serviços. A realisação de seus grandes e honrosos trabalhos, a construcção das estradas, a circulação dos capitaes e das idéas, a reorganisação social, de que é auctor, testemunham bem altamente a força e grandeza de suas concepções; mas não é menor no ponto de vista politico um certo aspecto, que me commove, e a respeito do qual não posso fechar os olhos, rendendo ao mesmo tempo com imparcialidade homenagem a seu genio notavel, á potente energia do moderno marquez de Pombal.

«Costa Cabral é um homem d'estado, para quem está reservado um logar distincto na historia contemporanea do seu paiz. As raras qualidades que o teem mantido no poder ha seis annos, provocaram a admiração de quantos não são dominados pelas paixões e espirito partidario, e que julgam o ministro conforme os resultados de sua politica, conforme a unidade de seu pensamento administrativo, conforme a resolução energica, e prudencia de seu procedimento nas mais difficeis circumstancias. Se mais alguma coisa é necessaria para provar isto, bastará lembrar que o odio implacavel de seus inimigos, incessantemente alimentado pela inveja, e excitado pelo despeito, é um testemunho mais que sufficiente de seu merito e de suas qualidades.

«Assignalados por intrigas e difficuldades sem numero, por insurreições de mão armada, por combates encarniçados quer na tribuna, quer nas praças publicas de Lisboa, os seis annos do ministerio de Costa Cabral provaram toda sua coragem e sua energia. Outro qualquer que não fosse elle, mesmo dos mais fortes, que fosse, teria já infallivelmente succumbido. Esta situação não foi obra de Costa Cabral; achou-a toda feita, viu-se obrigado a dominal-a com vontade de ferro, e de a mudar com sua audacia pouco commum. Quantas vezes achando-se na vespera cheios de esperanças de obterem sobre elle uma victoria completa, não adormeceram seus inimigos para receberem,

quando acordassem, o golpe decisivo que os devia humilhar. É assim que pela rapidez e certeza de seus olhares o ministro surprehende seus adversarios, e anima seus amigos. N'um instante aprecia, e sabe vencer os perigos e difficuldades, e depois por uma resolução, que parece filha do acaso para aquelles, que o não conhecem, decide em favor de si problemas, cuja solução parecia impossivel. Tudo se póde esperar dos recursos de seu genio: e nos momentos arriscados deve-se vêr como seus amigos se agrupam em volta d'elle, rodeiam-no de todas as partes, ao passo que tranquillo no meio das tempestades mais terriveis, sustentando o leme com mão firme, dirige a nau do estado, e a leva a porto de salvação. Entre o resolver e o obrar, entre o pensamento, que concebe, e a vontade, que executa, não conhece hesitação alguma: apenas tomou sua resolução, põe-a em obra, sempre com aquella energia, que lhe é peculiar. Póde-se altamente asseverar que todos os esforços dos inimigos do ministro, todos os meios extremos, que teem empregado para o derrubar, não tem produzido outro resultado, senão o de elevar o pedestal de seu monumento; pois Costa Cabral deve quasi outro tanto a este respeito a seus inimigos, que póde dever a si mesmo.

«Em sua vida privada, ás virtudes domesticas Costa Cabral reune maneiras faceis e agradaveis, que fazem sobresair a franqueza natural de seu caracter. Pertence ao numero de estadistas do seu paiz, que adoptam as idéas sans do seculo, que comprehendem as necessidades da época, que teem a firme vontade de satisfazer a ellas, e a capacidade de achar os meios para isso.»

Em poucas palavras: n'este livro Costa Cabral é o grande homem, o homem sem defeitos, um verdadeiro heroe: todos os outros são pigmeus.

Mousinho d'Albuquerque em vinte annos não passaria d'um soffrivel boticario. Rodrigo da Fonseca Magalhães principalmente é um homem dotado dos maiores defeitos. Almeida Garrett era poeta na politica, e em suas ultimas obras mau politico em prosa e verso. O visconde de Sá da Bandeira um visionario incoherente. Porém José Bernardo da Silva Cabral, irmão do conde de Thomar, era homem de talento superior, e solido, d'uma grande capacidade na administração, fertil em expedientes e de infatigavel auctoridade.

Nós porém, os portuguezes, juizes talvez mais competentes que Evaristo Bavoux, seremos todos da sua opinião?

86) BAXTER (WILLIAM EDWARD).

E. — *The Tagus and the Tiber, or notes of travel in Portugal, Spain and Italy in* 1850-1851, *by* —. In two volumes. London, Richard Bentley, 1852, 8.°, o 1.° de 302 pag. e o 2.° de 299.

(O Tejo e o Tibre, ou notas de viagem em Portugal, etc.)

A viagem a Portugal vem no 1.° volume, e termina a pag. 68. Nada apresenta digno de especial menção.

87) BAZONCOURT (Baron de).

E. — *Le mariage ou l'avenir de Portugal.* Paris, 1862.

(O casamento ou o futuro de Portugal.)

Não encontrei esta obra; e por isso nada mais posso dizer. Mas é de suppor que verse sobre o casamento do nosso rei D. Luiz,

88) BEARN (Le Comte Stéphen de).

E.— *La Dynastie de Bragance et l'avenir du Portugal par* —. Paris, 1865, 4.°, 59 pag.

(A dynastia de Bragança e o futuro de Portugal.)

«Felizes, disse Fenelon, os povos, cuja historia não é interessante. Se a maxima formulada pelo illustre arcebispo de Cambrai fosse uma sentença sem appellação, seria mister tirar d'ella por consequencia que a nação portugueza foi desgraçada entre todas, por apresentarem seus annaes o espectaculo não interrompido de scenas dramaticas, e de peripecias enternecedoras.

«Lançar um olhar para traz pela historia de Portugal, vêr no decurso dos seculos sair victorioso este estado de todas as luctas, avançar inabalavel e forte pela scena do mundo, e apresentar o espectaculo de varias gerações de heroes, todos animados por um mesmo ardor para a independencia, gloria e prosperidade de seu paiz, não é isto um exemplo e uma lição digna de fixar a attenção da historia?»

*
* *

«E que possante vitalidade! Que exuberante energia em um povo moderno. Para este não basta repellir os mussulmanos, ter abatido a altiva Castella, haver conquistado a liberdade; dirige suas vistas ambiciosas além dos limites, que a natureza lhe traçou; e situado em frente do oceano, pensa já em submettel-o ao seu dominio. Christão, deita suas vistas rancorosas para Africa, e suspira por levar ás suas praias a invasão, que a si propria por tanto tempo assolou. Avida do bem estar e de riquezas, segue com olhos invejosos a rapida fortuna de Veneza, e sonha nos meios de abrir para si um caminho até ás opulentas regiões da India.

«Que novos prodigios vão apparecer aos olhos do mundo estupefacto! E que não devemos nós esperar d'este valente povo?

«Favorecidos, animados por um principe esclarecido, D. Henrique, arrojados mareantes se lançam á procura do incognito; para elles nada de obstaculos invenciveis, nada de fadigas, que não sejam supportadas com perseverança, nada de perigos, que não sejam arrostados corajosamente.

«Dentro em pouco as costas africanas são exploradas desde o Cabo Bojador até o Cabo da Boa Esperança, desde o Cabo da Boa Esperança até ao de Guardafui: a India é patenteada, a America descoberta, poderosos reinos destruidos por um punhado de homens; por mar e por terra um combate contra cem, e a victoria é sempre fiel aos portuguezes; colonias florescentes se estabelecem. Lisboa torna-se o emporio do commercio do mundo.

«Os grandes conquistadores da antiguidade e da edade média apenas deixaram vestigios infecundos de sua passagem: seus feitos tornaram-se mais

nocivos, que uteis á humanidade; porém os immortaes trabalhos de Bartholomeu Dias, que reconheceu o littoral africano, de Vasco da Gama, que dobrou o Cabo das Tormentas, e achou o caminho para as Indias, por tanto tempo procurado, de Alvares Cabral, de Almeida, de Albuquerque, que fundaram na Africa e na Asia o imperio portuguez: aquelles immortaes trabalhos, digamol-o, foram para o mundo inteiro uma fonte inesgotavel de prosperidade e de gloria.

«Ao lado d'esses nomes illustres a posteridade reconhecida collocou o de Pero da Covilhã e de Affonso de Paiva: este ultimo pagou com sua vida seu amor á sciencia e sua dedicação á patria. As emprezas d'estes ousados exploradores, fizeram conhecer o mappa das costas africanas, e contribuiram com as de Bartholomeu Dias para abrirem á Europa um novo caminho, que os devia conduzir ás Indias, sonho de todas as ambições.

«O genio de seus filhos, as descobertas maritimas, a immensa extensão do commercio, que d'ellas foi a consequencia, tudo concorreu para dar a Portugal a maior somma de grandeza, á qual um povo póde aspirar.

«As consequencias politicas emanadas das felizes explorações dos portuguezes, são de uma ordem de tal sorte elevada, que á primeira vista a intelligencia não conhece, senão mui fracamente todo o alcance; não as podemos comparar senão á invenção de Guttemberg no XV seculo, ou á mais recente, do vapor.

«Não o esqueçamos; é sómente a partir d'esta época, que se começou a comprehender o papel importante da marinha no futuro das nações, e que fonte de prosperidades o imperio do mar póde conceder aos povos.

»Foi Portugal que primeiro teve a gloria de revelar ás nações civilisadas, que não é sómente em seu territorio, que devem procurar sua fortuna; mas que tambem a podem tirar com seus navios dos pontos mais remotos do globo.

«Porém Portugal não devia gozar por muito tempo de seus triumphos, e seu explendor devia ser de curta duração. Arrastado por uma corrente irresistivel, tinha-se arrojado a uma empreza superior ás suas forças: não dando ouvidos mais que á sua coragem, sonhava ao mesmo tempo no dominio das Indias, do Brazil, da Africa Occidental, sonho d'um povo de gigantes, ao qual devia fatalmente succumbir, mas ao qual, façamos-lhe ao menos esta justiça, succumbiu gloriosamente.

«Faltaram os recursos a Portugal para sustentar seu dominio nas numerosas e longiquas colonias, que semeára no littoral da Africa e da Asia, e quando a Europa, invejosa de seu poderio, se ligou contra elle, trahido por suas proprias forças, esgotado em exforços generosos, mas impotentes, ficou incapaz de resistir, e succumbiu, no apogeu de sua gloria, abandonando aos outros povos os caminhos do extremo do Occidente, depois de por muito tempo ter sido o senhor temido d'elle.

«Tinha morrido Albuquerque! Heroe illustre, cuja gloriosa ambição e genio aventureiro foram uma das glorias do seu paiz, ao mesmo tempo que foram uma das causas da sua ruina! Seus successores, incapazes, avidos ou corruptos, não fizeram senão precipitar esta queda, e a decadencia de Portu-

gal d'ahi por diante tornou-se completa. Bem depressa o despota Philippe II, esse terrivel destruidor dos thronos, veiu pôr o cumulo aos males da nação portugueza, e n'um mez lhe arranca com seu rei a independencia e liberdade.»

O resto d'este livro é uma série não interrompida de elogios feitos a Portugal por causa dos seus melhoramentos de todos os generos, operados n'estes ultimos annos.

89) BEAUCHAMP (M. ALFONSE DE) — Litterato e auctor de *L'histoire de la guerre de la Vendée, etc.*

Nasceu em Monaco no anno de 1767, e falleceu em 1832. [1]

E. — I. *L'independence de l'empire du Brésil presentée aux monarches Européens.* Paris, 1824.

(Independencia do Brazil.)

II. *Histoire du Brésil, depuis sa découverte en* 1500 *jusqu'en* 1810, *contenant l'origine de la monarchie portugaise; le tableau du règne de ses rois, et des conquêtes des Portugais dans l'Afrique et dans l'Inde; la découverte et la description du Brésil; le dénombrement, la position et les mœurs des peuplades Bresiliennes; l'origine et les progrès des établissements portugais; le tableau des guerres successives, soit entre les naturels et les Portugais, soit entre ces derniers, et les différentes nations de l'Europe qui ont cherché à s'etablir au Brésil; enfin l'histoire civile, politique et commerciale, les révolutions et l'état actuel de cette vaste contrée par—. Orné d'une nouvelle Carte de l'Amérique Portugaise et de deux belles gravures.* Paris, 1815, 8.º

(Historia do Brazil.)

Compõe-se esta obra de 3 volumes, dos quaes o 1.º consta de 388 pag., o 2.º de 500, e o 3.º de 516. A estampa do 1.º representa a chegada de D. Thomé de Sousa, primeiro governador geral do Brazil; a do 2.º o acto de se arrojar ao mar o almirante hollandez Patry por vêr o seu navio perdido; e finalmente a do 3.º é um mappa do Brazil.

III. *Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal, pendant les années* 1807 *à* 1813, *plus la Campagne de* 1814 *dans le midi de la France, par le colonel sir John Jones, avec des notes et des commentaires, par —. Ornée de la Carte du théatre de la guerre d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1812, 2 vol., 8.º o 1.º de 380 pag. e o 2.º de 384.

(Historia da guerra de Hespanha e de Portugal.)

Esta obra é contraria á politica de Napoleão. Beauchamp assevera n'ella que na guerra da Peninsula morreram um milhão de homens.

«Exempto de qualquer sentimento de parcialidade o auctor esforçou-se, segundo suas proprias observações [2] e a correspondencia de officiaes sensatos

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 4.º, pag. 906.

[2] No prefacio, pag. XIX.

e intelligentes, a traçar uma narração militar, fiel e imparcial da ultima guerra, que se travou em Hespanha, Portugal e meio dia da França.

«O tratado de Fontainebleau apresentava uma tal infracção das leis da honra e da boa fé, que punha todos os contractantes no mesmo nivel, e obtendo vantagens incalculaveis para aquelle, que o tinha concebido para cumprimento de seus perfidos projectos, obstava a qualquer appello á piedade da Europa em favor do velho monarcha, victima de sua credulidade e fraqueza. (I pag. 5.)

«Junot, vendo que os portuguezes não podiam ser enganados por mais tempo com promessas, e que alguns motins parciaes despertavam outros mais perigosos, decretou que qualquer cidade ou villa, que se oppozesse aos francezes, havia de ser entregue ao saque: que os habitantes haviam de ser passados ao fio da espada, e as casas arrasadas. Além d'isto qualquer individuo encontrado com armas na mão, fosse debaixo de qualquer pretexto que fosse, seria fuzilado acto continuo. Adquiriram estas medidas nova força pela severidade terrivel, que empregou em Leiria o general Margaron. Mas o nome para sempre famoso do agente mais activo d'estas atrocidades é o de Loison: os cidadãos de Evora e da Guarda hão de conservar uma eterna lembrança d'ellas.

«Na primeira d'estas povoações os meios de defeza foram organisados pelo general Leite com um corpo de tropas hespanholas, e por conseguinte a resistencia foi antes uma defeza regular, do que um motim popular. Todavia Loison na occasião da tomada da cidade, a 29 de julho, a entregou ao saque, e em vez de reprimir as atrocidades da soldadesca, animou-as. Os que foram poupados, estremecem ainda com a lembrança dos actos d'uma crueldade reflectida e insultante, ás quaes se entregaram durante um dia inteiro. Uma immensidade de mulheres e de creanças, mas principalmente de padres, foram tirados de seu refugio e maltratados ou mortos. Testemunhas dignas de fé asseveram que alguns milhares de pessoas foram assassinadas durante o saque da Guarda: doze mil mortos foram contados no terreno. Ignoram-se as minuciosidades dos excessos commettidos por Loison na Atalaia, outra scena digna de suas façanhas. Como os habitantes eram em pequeno numero é bem de perceber que não perdoou a ninguem, com o fim de melhor causar terror. Similhantes crueldades foram praticadas n'outros logares. Contribuições excessivas eram exigidas rigorosamente, e a impossibilidade de as pagar servia de pretexto para a pilhagem illimitada.

«Estas vexações e horrores deram consistencia aos movimentos; e ao passo que o general Freire se esforçava para organisar a insurreição ao norte, numerosas guerrilhas sem disciplina ás ordens do conde Castro Marim se espalhavam no Alemtejo.

«Assim o fogo da revolta envolvia o paiz occupado pelos francezes. Todavia eram senhores das fortalezas de Almeida, Elvas, Peniche e differentes outras posições como Setubal, Palmella, S. Julião, Bugio, etc. Tal era a situação de Portugal, quando os inglezes vieram em seu soccorro. (I pag. 36.)

«Os portuguezes são um povo eminentemente apto para os combates: os

soldados tirados das classes inferiores, são em geral robustos, pacientes e doceis, ao passo que os militares, que receberam educação, conservam a lembrança das proezas de seus maiores, e amam as emoções violentas, que faz experimentar o orgulho das armas. Todavia muito tempo se tinha passado sem estas qualidades se terem desenvolvido. O governo, conscio da fraqueza de seus recursos e contando com a amizade e poder de Inglaterra, tinha sempre recorrido a ella na hora do perigo. N'esta crise, sempre movido pelos mesmos sentimentos, entregou-lhe com confiança e sem restricções o cuidado de guiar os seus exercitos. O general Beresford, escolhido pelo ministerio inglez foi, em fevereiro, nomeado marechal e commandante em chefe do exercito portuguez; e ao mesmo tempo officiaes inglezes foram nomeados para os postos superiores de cada batalhão. Estas medidas introduziram promptamente um systema geral de disciplina e de subordinação, mudança tão necessaria para tornar o exercito formidavel. (I pag. 92.)

«As tropas portuguezas, que tomaram parte na batalha do Bussaco, portaram-se com valor, e desde então poude-se contar com o appoio de suas armas, as quaes cada combate havia de tornar mais formidaveis. (I pag. 184.)

«Na guerra Peninsular depois da tomada de Tarragona e Valencia a Hespanha sem exercito regular foi reduzida por algum tempo a potencia auxiliar, e o cuidado da guerra foi inteiramente confiado aos portuguezes e inglezes. (I pag. 313.)

«É com sentimento d'uma grande satisfação que se póde asseverar que na época em que Ciudad Rodrigo e Badajoz foram tornadas a tomar, Bonaparte achava-se no auge da gloria e do poder. Estendia-se seu imperio desde o Elba até aos Pyreneos, e desde as costas do mar do Norte até ás aguas do mar Adriatico, ao passo que em toda a Europa continental reconhecia-se e temia-se sua superioridade militar. Para prova da ultima asserção não temos outra necessidade senão de recordar os differentes decretos arbitrarios que, na arrogancia d'uma auctoridade sem freio, fazia apparecer para estorvar e restringir a industria do mundo. Obedecia-se-lhe sem nenhum movimento hostil: o poderoso e o fraco conformavam-se com isso plenamente, ainda que contra vontade, a Russia duplamente ao abrigo de sua intervenção por causa de sua immensa extensão, e por sua posição afastada, julgou prudente submetter-se-lhe, até que finalmente sendo ameaçada a propriedade de seu imperio com uma adhesão mais longa, esforçou-se por meio de representações amigaveis a obter uma exempção. Não tendo podido conseguir coisa alguma, a discussão tomou por este tempo a fórma de reprehensão aspera, precursora ordinaria da guerra. Mas como uma longa série de acções tyranicas e de replicas insultantes não a tinham feito abraçar uma resistencia aberta, não se podia duvidar que estava nas mãos de Bonaparte conservar seu alliado por meio de attenções conciliadoras e amigaveis. Nada tinha pois que receiar do exterior, que podesse desviar sua attenção dos negocios de Hespanha, e o historiador imparcial, seja de que paiz fôr, é obrigado a recordar que esses triumphos brilhantes, que os portuguezes e inglezes obtiveram sobre os exér-

citos francezes, foram ganhos no momento, em que Bonaparte estava em amizade com todo o resto do mundo, e que seu imperio militar estava no zenith de sua força e gloria. (II pag. 41.)

«As forças francezas além dos Pyrenéos, em maio de 1812, excediam a cento e setenta mil homens, quasi todos soldados velhos, e commandados por officiaes distinctos. Soult tinha ás suas ordens cincoenta e oito mil homens na Andaluzia; Marmont cincoenta e cinco em Leon; Souham dez mil (o exercito do Norte) na Castella Velha; Suchet quarenta mil em Aragão e nas provincias do Este; e Jourdan podia dispor de quinze mil homens, chamados o exercito do centro para segurança de Joseph e tranquillidade de Madrid. E a capitulação de Valencia tinha privado a Hespanha de quasi todas suas tropas, que tinham adquirido alguma experiencia em seus numerosos e desgraçados esforços. O governo não tinha dinheiro para apromptar outras forças, quando mesmo os hespanhoes se resolvessem a secundal-o, os quaes fatigados d'uma guerra que parecia interminavel, abalados pelos revezes continuos, tinha caido n'um estado de turpor e de desalento. Até o proprio systema de guerrilhas perdia todos os dias sua influencia geral. (II pag. 43.)

«Os exercitos, porém, inglez e portuguez tinham chegado a uma grande perfeição, e seu general não querendo permittir que o repouso dos hespanhoes degenerasse em apathia, decidiu-se a tomar a offensiva, livrando as provincias do Sul. (II pag. 46.)

«E pouco depois os portuguezes tomaram setecentos prisioneiros perto de Salamanca, e poucos dias mais tarde Marmont foi completamente derrotado *Jamais armé ne fut en déroute plus complète.* (II pag. 65.)»

90) **BEAUVAIS** (Pere).

E. — *La vie du Vénérable Pere Jean de Britto de la Compagnie de Jesus, mis à mort aux Indes dans le Maduré.* Paris, 1746.

(Vida do padre João de Brito.)

Vem annunciada a apparição d'esta obra a pag. 318 do *Journal des Sçavants,* do referido anno.

91) **BEAUVOISIN** (Chevalier **CALMET**).

E. — *Notice sur les nouvelles Cartes d'Espagne et de Portugal.* Paris.

92) **BEAVER** (Capitain **PHILIP**).

E. — *African memoranda relative to an attempt to establish a settlement on the Island of Bolama, on the Western coast of Africa in the year* 1792. London, 1805.

(Sobre a posse da ilha de Bolama, que os inglezes diziam pertencer-lhes.)

93) **BEAVES** (The late **WYNDHAM**).

E. — *Civil, commercial, political and litterary History of Spain and Portugal.* London, 1793, 2 vol.

(Historia de Hespanha e de Portugal.)

Vê-se esta obra citada no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

94) BEBRINSAEZ (ANASTASIO FRANCO Y).

(Anagramma de Sebastian Sanchez Sobriño.)

E. — *Viage topographica desde Granada até Lisboa.* Granada, 1774.

«Foi elle que nos deixou informações ácerca da primeira collecção de inscripções feita em Lisboa por Cenaculo, e que juntamente com Salgado começou o catalogo do monetario então ainda pequeno do dito bispo.» [1]

95) BECKFORD (WILLIAM).

E. — I. *Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha by the author of Vathec.* London, Richard Bentley, 1835, 8.º gr. com o retrato do auctor, 228 pag.

D'esta obra, que pinta admiravelmente os costumes e a phisionomia da sociedade portugueza no ultimo quartel do seculo XVIII, serviu-se Rebello da Silva para a formação da parte historica do seu romance *Lagrimas e Thesouros.*

II. — *Italy with sketches of Spain and Portugal.*

Além d'estas duas obras escreveu uma collecção de cartas relativas a Portugal, das quaes ainda não pude encontrar um unico exemplar, mas de que apparecem extractos na obra abaixo mencionada com o titulo de *Memoirs.* De algumas das referidas cartas appareceu uma traducção publicada no volume XII do *Panorama,* e por ella se vê descreverem os costumes e côrte de Portugal interessantissimamente, no reinado de D. Maria I, motivo pelo qual passo a transcrever algumas passagens.

«Beckford era filho d'aquelle espirituoso William Beckford, que sendo lord maire em Londres, [2] com resolução rara dirigiu a Jorge III em 1770 as severas queixas do povo contra o seu governo. Este acto de valor levou os cidadãos da capital a perpetuarem a boa memoria do magistrado, erguendo-lhe na casa da camara a audaciosa estatua, que sustenta no braço erguido a famosa falla, origem da sua popularidade. [3]

«Grandes riquezas, e a importancia que ellas quasi sempre dão, unidas a um caracter vigoroso e respeitavel, tinham determinado a eleição de William; e parece que o conceito publico, nunca desmentido, o acompanhou até á sepultura, á qual desceu em edade pouco adiantada, deixando por universal herdeiro de seus immensos bens, reputados em cem mil libras estrelinas de

[1] Hübner — *Noticias Archeologicas de Portugal*, pag. 6.

[2] Luiz Augusto Rebello da Silva — *Panorama*, vol. 12.º, pag. 266.

[3] A biographia e historia de suas viagens vem na obra intitulada *Memoirs of William Beckford of Fonthill, author of Vathek.* In two volumes, London, Charles J. Skeet, Publisher 1859, o 1.º vol. de 352 pag. e o 2.º de 402. A descripção das viagens do Beckford em Portugal, começa a pag. 277 do 1.º vol.

rendimento annual, a seu filho unico, ainda menor, que é o mesmo que veiu a Portugal em 1787, e veremos estimado dos fidalgos, e bemquisto até dos plebeus, graças ao condão, que possuia de saber insinuar-se.

«Concluidos os seus estudos, o mancebo, notavel pela magnificencia do seu trato, e pelos grandes talentos, com que a realçava, foi olhado como um dos cavalheiros mais distinctos da Grã-Bretanha, e a sua alliança invejada pelos orgulhosos fidalgos da antiga e poderosa aristocracia.

«A sua escolha não se demorou. Em 5 de maio de 1783 Beckford ligava a sua sorte, e offerecia os seus thesouros á formosa e seductora Margarida Gordon, filha do conde Aboyne, par de Escocia, e n'este doce enlace abençoado por todas as venturas cifrava o jubilo e a esperança da sua mocidade.

«Mas os mais felizes e opulentos estão expostos, como os pobres e humildes, aos mesmos rigores da fortuna.

«Passados tres annos, quando os laços do amor conjugal, se é possivel, estavam mais apertados, a esposa de Beckford foi arrancada de repente aos extremos de seu marido, e sepultou comsigo no tumulo todas as alegrias, que o ditoso consorcio havia feito nascer.

«Dando á luz o segundo fructo da sua união, Suzana Eufemia, depois duqueza de Hamilton na Escocia, de Brandon em Inglaterra, e de Chatellerant em França, lady Margarida não poude resistir aos effeitos de um parto desastroso, e expirou nos braços de seu marido. A magua d'este foi sincera e longa; e a vista dos logares, que lhe recordavam os serenos dias, tão curtos! do seu amor tranquillo tornou-se-lhe insupportavel. Para não ceder á intima e desesperada tristeza, que o consumia, separou-se pois de suas filhas, e deixou a Inglaterra, procurando o allivio d'ella nas variadas sensações d'uma viagem extensa. Executou o projecto em 1787, e começando pelo reino de Portugal, aportou a Lisboa, seguindo directamente de Falmouth.

«Apezar do tempo e da inquietação, com que de proposito queria sobresaltar-se, a sombra querida da esposa não se lhe apagava da alma, e até no meio dos prazeres e regozijos o vemos de repente desviar-se para enchugar as lagrimas, que lhe arranca a suave imagem, sempre viva no fundo do seu peito.

«A carta XXIII é uma prova do que dizemos.

«Admittido a beijar a mão da rainha, e a assistir com a côrte a um festejo, o observador interrompe-se de subito para nos descobrir a nodoa indelevel, que lhe pizava o coração.

«A similhança casual, que se lhe figurou achar entre o rosto da condessa de Lumiares e o da esposa, que chorava, foi quanto bastou para logo se commover e arrebatar! Por mais que tente conter-se, foge-lhe dos labios a verdade; e por fim nem elle mesmo lucta já para a esconder.

«Ouçamol-o: O conde de Sampaio, camarista de semana, ajoelhou e offereceu assim o chá á rainha. Depois d'esta cerimonia, porque tudo é cerimonioso n'esta côrte cheia de ostentação, annunciou-se o fogo de artificio, e as reaes victimas acompanhadas das suas victimas entraram em outra sala. A marqueza de Marialva, suas filhas e a condessa moça de Lumiares, vieram para o aposento, aonde eu me achava, e apossaram-se das janellas. Sete ou

oito rodas de fogo, e outros tantos valverdes collossaes começaram a arder, lançando admiraveis foguetes por todos os lados, com grande alegria da condessa de Lumiares, que não conta ainda mais que dezeseis annos, e já é casada ha quatro. A sua jovialidade quasi infantil, e as loiras madeixas que se annelavam, emmoldurando as faces risonhas e vivas de côr, fizeram-me lembrar tanto da pobre Margarida, que a sua vista me infundia a mais terna melancolia. O estado interessante em que se achava, ainda augmentou a illusão; e emquanto ella sentada, me apparecia por vezes envolta no clarão azulado dos foguetes, que subiam silvando, e estalavam no ar, eu estremecia como se um espectro surgisse de repente, e dava por mim com os olhos banhados em lagrimas.

«Nos fins de 1787 Beckford passou a Hespanha, e escreveu ácerca d'esta segunda viagem outra collecção de curiosas cartas.

«Depois recolheu-se á patria, e lá residiu, ora em Londres, ora na sumptuosa abbadia de Fontill, morada de principes, que a sua inclinação ás novidades e ao explendor o decidiram a enriquecer de magnificas obras no estylo gothico da renascença.

«Em 1794 uma accusação grave, que se julga provada, obrigou-o a sair precipitadamente da Grã-Bretanha, refugiando-se em Portugal, para onde o attraiam os laços da convivencia anterior e as sympathias pessoaes.

«Então é que edificou em Cintra, n'um dos pontos mais pittorescos, a casa de recreio de Monserrate, sumptuoso capricho d'uma imaginação, que sabia crear e desejar.

«O marquez de Marialva estimava o opulento inglez, e em casa d'este fidalgo, tão distincto pelo sangue e pela cortezia, é que elle avaliára o conchego amavel e a benevolencia intima da hospitalidade portugueza.

«Sabedor da causa que forçára o amigo a expatriar-se, e do processo que o ameaçava na sua terra, o marquez não poupou diligencias com o principe D. João para o resolver a interpor a sua protecção, recommendando a Jorge III o negocio de Beckford, e alcançando, como a final obteve do governo britannico, a promessa do mais completo esquecimento.

«Em testemunho da sua gratidão o estrangeiro pediu licença para offerecer á rainha quatro soberbos lustres de filagranna de oiro destinados a ornarem a capella real: mas a soberana recusou, entendendo que não ficava airosa a sua corôa, acceitando de um particular presente de tanta valia. Beckford, tendo vivido alguns annos em Portugal, requereu o titulo de visconde, e pediu a mão de uma filha natural da casa de Marialva, segundo se crê; porém a sua qualidade de estrangeiro, e a religião protestante, que professava, não lhe permittiam obter nem uma, nem outra coisa.

«O fausto oriental do seu trato pessoal eclipsava já a grandeza do throno, e conselheiros menos prudentes insinuaram a necessidade de o constranger a abreviar a sua residencia.

«Seguiu-se esta perniciosa opinião, e o opulento proprietario, contra vontade, e muito a seu pezar, teve de deixar o paiz, que desejára adoptar para patria, transportando para elle as suas immensas riquezas.

«Voltando para França e Italia, e assignalando por toda a parte a sua passagem, Beckford recolheu-se a Inglaterra; e em Fontill, onde morava quasi todo o anno, ostentou as posses da magnificencia, e o gosto delicado, com que sabia utilisar os seus thesouros.

«Bekford, antes de cerrar os olhos, ainda teve a satisfação de receber em sua casa a neta de D. João VI, a rainha D. Maria II, quando veiu a Londres aguardar que a espada dos portuguezes fieis á sua causa, lhe restituissem a corôa dos seus reinos usurpados

«A abbadia de Fontill, depois da morte do proprietario, vendeu-se em hasta publica; e um capitalista, M. Farquhar, foi quem a arrematou por trezentas e quarenta mil libras esterlinas.

«No meio dos primores d'arte, que ennobreciam o seu palacio, os objectos que recordavam a sua longa residencia em Portugal occupavam o primeiro logar; e na sua instructiva conversação eram frequentes as saudades, com que o faustuoso inglez confessava ter sido constrangido a separar-se do nosso brando clima, e dos lindos olhos, que o levariam a esquecer a patria, se mesquinhas invejas lhe não cortassem os desejos, e não o afastassem para sempre.» [1]

CARTA I

Passeio a Palhavã

30 *de maio de* 1787.

«Horne induziu-me, bem contra minha vontade, a acompanhal-o na sua sege portugueza á residencia dos filhos bastardos de D. João V, em Palhavã, em vez de proseguir as minhas costumadas excurções pela beiramar. É detestavel a estrada até aquelle magnifico jardim, nem conheço outra mais infestada de mendigos, cães, moscas e mosquitos. A quinta pertencente ao marquez de Louriçal fica n'uma cova, e o basto arvoredo, que a cerca nem passagem deixa á viração do ar; por isso eu abafava á sua sombra.

«Um grande espaço plano da banda da frontaria da casa de campo está occupado com tristonhos labyrintos de murta tosquiada; de que surgem altas pyramides, no desprezivel estylo hollandez do, que foi plantado pelo rei Guilherme em Kensington, e arrancado ha annos pelo rei Jorge III. Para lá d'esta brenha intrincada ha extensos carreiros de perenne verdura sombria, litteralmente, e com grande propriedade denominados ruas, mais apertadas, com maior formalidade, e não menos pulverulentas do que High-Holborn. Tomei d'ahi para uns canteiros de hortaliças e plantas aromaticas de regadio, fechadas por uns caniçados muito limpos, que engrinaldavam mui perfeitas e virentes rosas, do todo livres de insectos e polilha, dignas de se espargirem nos leitos, ou metter no seio de Lais, Aspasia ou lady... Bem sei eu o enthusiasmo, com que toda a pessoa de bom gosto se deleita n'estas amaveis flores: e quan-

[1] William Beckford foi viajante instruido, observador penetrante, e escriptor naturalissimo e desaffectado. Luiz Augusto Rebello da Silva, *Lagrimas e Thesouros*, pag. IV. Nunca pude vêr o *Vathec*, tudo porém, até mesmo algumas palavras de lord Byron me inclinam a acreditar ser um romance.

to a miudo e em versos harmoniosos foram pelo Ariosto celebradas. E não tem lady... um camarim pintado todo de rosas? Por ventura não as esfolha no seu banho, e de nenhumas outras flores enfeita os seus idolos?

«Quem lhe contestará esse direito?

«Em quanto eu estava poeticamente embevecido nas rosas, Horne travou conversação com um tal mestre de picaria anglo-portuguez, da casa de suas altezas bastardas, o qual trazia sua cabelleira mui composta e bem polvilhada, lustroso espadim de punho de prata, toda a andaina do fato de côr carmezim, e era dotado de uma guapa e bojuda pança.

«Com a mão direita na abertura do colete, e a outra em acção de tomar a pitada, encarecia a piedade, temperança e pureza de vida de seus augustos amos, que viviam retirados do mundo, em perfeito estado de socego, aborrecendo companhias profanas, nem sequer olhando para as mulheres.

«Curioso de vêr a vivenda d'estes sisudos regios enxertos, entrei no palacio: nem um insecto se bolia, nem se ouvia o mais leve susurro. Os aposentos principaes consistiam n'uma série de salas de tectos altos, magestosas, e forradas uniformemente de damasco carmezim escuro: o topo de cada uma era coberto por um pezado docel de veludo lavrado: da direita e esquerda estavam enfileiradas immensas poltronas dos mesmos materiaes: nada de espelhos, de pinturas, doirados, ou decoração, nada mais do que monotona tapeçaria: até as mezas tapavam pannos de veludo franjados, no gosto d'aquelles que as nossas viuvas ricas usavam antigamente para arreiarem seu tocador. Basta a vista das mezas assim tapadas para fazer suar a gente; e não posso atinar como o diabo tentou os portuguezes a buscar moda tão sediça.

«Este gosto de vestir saias ás commodas e bancas é geralmente havido aqui por bonito, ao menos nos aposentos reaes. Em Queluz nenhuma mesa de jogo ou de jantar escapou; e suspeito que não poucos vestidos velhos da côrte foram desmanchados para fornecerem aquelles atavios; ha de todas as côres, lisos ou floreados, com ramagens campezinas, ou esplendidamente recamados. Não assim em Palhavã, onde só predomina o carmezim, tingindo sem rival todos os objectos com a sua regia côr opaca. Arrumadas á parede entre duas das sobreditas mezas, estão duas poltronas para suas altezas, e defronte uma ordem de cadeiras para os reverendos em Christo, que de tempo a tempo tem a honra da admissão.

«Quanto póde a força da educação! Que exforços não demandaria da parte das aias, escudeiros e camaristas abafar todas as vividas e generosas sensações no animo dos principes, que educavam, violentar a natureza humana, sujeitando-a aos habitos d'uma realeza sem poder! A magestade sem dominio é de todas a carga mais pezada. Um soberano achará em que se occupe; tem a escolha do bem ou do mal; porém, principes como os Palhavã, sem mando, nem influencia, que nada mais tem a manter do que uma imaginaria grandeza, bocejarão com o espirito hebetado, e no andar do tempo se mostrarão tão cerimoniosos e inanimados como as pyramides de buxo enfezado em seus jardins. Quanto mais felizes foram os rapazes, que o rei João entendeu, que não devia reconhecer, e que não são pouco numerosos, porque o piedoso mo-

narcha «largo como os seus dominios, espalhava a imagem e similhança do seu creador pela terra.» Talvez que esses, emquanto seus irmãos bocejam inertes debaixo de enferrujados doceis, passem a vida zangarreando em suas violas nos ranchos vadios e descuidadosos passeios ao luar, ou saracoteando-se no alegre fandango, ou gozando do profundo somno, das iguarias campestres, e das galhofas, revestidos do caracter de curas d'alguma festiva povoação rural.

«Folguei de vêr-me fóra do palacio: o silencio, a luz fraca desalentavam-me, e n'uma atmosphera restricta, impregnada do cheiro de alfazema queimada, quasi desfallecia. Estou sequioso de ar. Nem é coisa que mova espanto; póde uma pessoa achar-se tão bem na cama com um esquentador, como dentro d'uma sege portugueza com o corpulento Horne, que ostenta a volumosa barriga, ataviada n'esta estação com um colete de brilhantes lantejoulas. Forçoso me é partir para Cintra, ou morrer abafado.»

CARTA II

Jardim Botanico — Açafatas do paço

31 *de maio de* 1787.

«Debalde chamo pelas nuvens, que me cubram, e por nevoeiros, que me envolvam. Não podeis formar adequada idéa do continuo deslumbramento, que nos offusca a vista, n'este afamado clima. Lisboa é de todo o mundo o sitio mais apto para se exclamar: —Abriga-me da pomposa claridade do dia! Mas achar o abrigo não é coisa facil. Nem aqui ha mattinhas de pinheiros, como nas classicas quintas italianas, nem os tremulos choupos e folhudos castanheiros, que cobrem as planicies da Lombardia. O arvoredo nos arredores mais proximos d'esta capital, consta, com bem poucas excepções, de larangeiras anãs e cinzentas oliveiras.

«Estava eu determinado a não bolir pé fóra da sombra do meu toldo; mas de tarde, tendo afrouxado algum tanto o extremo ardor do sol, o velho Horne (que parece que ainda lhe não nasceu o dente do siso) conseguiu mover-me a passeiar no Jardim Botanico, onde não é raro encontrar certos animaes de pouca edade, e do genero feminino, chamados em portuguez açafatas, especie entre a camareira e a dama de honor. A rainha fizera o favor de levar comsigo para as Caldas, as mais feias; e as que ficaram tem rasgados olhos pretos, em que scintillam amorosas tendencias, uma exuberante trança de cabello azevichado, e beicinhos da côr das rosas. Tudo isto não constitue uma belleza perfeita, nem eu quero dizer isso, só quero que fiqueis sabendo que as nymphas de que fallo, são as flores do rancho da rainha, e que ella tem na sua comitiva, pelo menos, quatro ou cinco duzias mais d'essas damas dotadas de boccas grandes, olhinhos franzidos e tez morena.

«Não me achando assaz habilitado para florear cumprimentos em lingua portugueza, dirigi principalmente a conversação a uma irlandeza de olhos azues, amavel rapariga de quinze a dezeseis annos, recem-casada com um official das alfandegas de sua magestade. O marido foi a uma romaria a Nossa Senhora do Cabo, e a senhorita espaneja-se no Jardim Botanico com as da-

mas do paço e um rancho de sopranos, que lhe ensinam a gargantear e a fallar italiano; bem digna é de se lhe ensinar o que cada um sabe: o seu cabello d'uma mimosa côr de castanha e as suas bellas feições e fórmas gregas, fazem notavel contraste com a pelle morena e madeixas pretas das suas companheiras; parece um ente sobrenatural, que se evade ao longo das alamedas, deixando muito atraz os bojudos sopranos, e as mal amanhadas açafatas em pasmaceira á vista da sua agilidade.

«O jardim é bastante agradavel, situado n'uma eminencia, cheio de arvores frondosas carregadas de flôres; acima das suas mais altas copas eleva-se um soberbo e espaçoso terraço com balaustradas de marmore de lustrosa alvura e d'um singular molde oriental.

«N'este paiz desenham sem escolha, mas o lavor da obra é mui puro e perfeito. Nunca vi balaustres melhor cinzelados do que os da escadaria que conduz ao terraço grande.

«Esta ampla superficie é dividida em repartimentos oblongos de marmore contendo variedades, em pouca abundancia, de heliotropios, aloes, geranios, rosas da China, e de plantas mais communs das nossas estufas: tão pezadas divisões produzem desagradavel effeito ; fazem lembrar um cemiterio, e causaram-me uma impressão como se os habitantes defuntos do palacio adjacente brotassem do chão na fórma de espinheiros, figueiras da India, louçãos azevinhos e pimenteiras.

«O terraço terá mil e quinhentos passos de comprido; tres copiosas fontes lhe dão um ar de frescura bastante augmentado pela ondulação de grandes acacias, expostas em virtude da sua situação elevada a toda a brisa, que sopra da foz do Tejo, cujas bellas aguas azuladas se descobrem com um bom effeito atravez da movediça ramagem.

«A senhorita ingleza e o vosso fiel correspondente correram como creanças ao longo do terraço, e, quando fatigados, repousaram á sombra d'um grupo de gigantes aloes brazilicos, junto d'uma das fontes. A porção fusca da companhia de passeantes separou-se do seu principal guarda, um guapo clerigo moço, para observarem todas as excursões e descanços de nós outros gente branca.

«Era já tarde, e havia alguns minutos que se tinha posto o sol, quando me despedi. Os olhos pretos e os olhos azues parecem-me horrivelmente ciosos uns dos outros. Receio que a minha juvenil e espirituosa companheira tenha soffrido alguma coisa por ter sido mais esperta que as açafatas, e que a beliscassem com alguns remoques, quando a companhia se recolhesse pelos escuros e intrincados passadiços, que dão serventia do paço d'Ajuda para os jardins. Ruim lembrança deixar assim uma bella e jovem creatura em mãos de altivas e despoticas mulheres, que tão inferiores lhe são na polidez e em formosura Aposto que teriam o especial cuidado de encher os ouvidos do marido com suspeitas menos caridosas, do que as inspirações da Senhora do Cabo.»

CARTA III

Bispo do Algarve — Arcos das Aguas Livres — Marquez de Marialva

3 *de junho de* 1787.

«Fomos por especial convite ao real convento das Necessidades, pertencente aos congregados, vêr a cerimonia da sagração do bispo do Algarve, padre d'esta casa; estivemos collocados defronte do altar n'uma tribuna atulhada de figurões de lustrosos trajos, pessoas relacionadas com o novo prelado. O pavimento estava alcatifado com ricos tapetes e cochins de veludo, onde se podia ajoelhar muito bem; mas, não obstante esta commodidade pensei que a cerimonia nunca acabava. Havia um excessivo explendor de cruzes, thuribulos, mitras e baculos em continuo movimento, porque varios bispos assistiam com toda a sua pompa.

«A musica, que era extremamente simples e pathetica, parecia commover profundamente os fidalgos, que ficaram ao pé de mim, pois que mostravam semblantes compungidos e batiam nos peitos, como quem se considerava que a maior parte d'elles são miseraveis peccadores. Sentindo-me opprimido pelo calor e pelo sermão, effectuei a minha retirada da explendida tribuna sorrateira e caladamente, e passei para o jardim por alguns corredores estreitos, tão quentes como tubos de chaminé. Mas isto era sómente mudar de uma scena de formalidades para me encerrar em outra. Eu almejava por ar, e á fim de gozar d'este beneficio evadi-me por uma portinha para o silvestre e despejado valle de Alcantara. Tudo ahi estava solitario, ouvindo-se o zumbido das abelhas, e as frescas virações sopravam da entrada do Tejo por cima das copadas larangeiras dos pomares. O susurro refrigerante da agua nas azenhas parecia dar-me vida nova.

«Arrostei com o ardor, e encaminhei-me para aquella parte do valle, que atravessa o enorme aqueducto, que tantas vezes tendes ouvido mencionar como o edificio mais colossal do seu genero na Europa. Tem uma só ordem de arcos ponteagudos, e o principal, galgando um rapido ribeiro, mede quasi 250 pés de altura.

«Mas n'este aqueducto é a vastidão, e n'uma fieira de arcos, que infunde assombro. Sentei-me no fragmento d'um penedo debaixo do arco grande, e olhei para aquella abobada lá tanto acima de mim com certa impressão de respeito não de todo desacompanhada de temor, como se o edificio, que eu contemplava fosse obra d'um ente incommensuravel dotado de força gigante, a quem désse a teneta de andar saracoteando n'essa manhã por cima da sua construcção, e por capricho bruto me reduzisse a impalpaveis atomos.[1]

«Perto do sitio, onde me sentei, havia alguns cerrados cheios de cannas da altura de onze ou doze pés, cujas folhas viçosas, agitadas pela viração, faziam perenne susurro; gostei d'este murmurio, que me acalentava n'um es-

[1] Na *Historia da Academia das Sciencias de Paris*, anno de 1772, 2.ª parte, vem o plano do Aqueducto das Aguas Livres. Existe um outro plano levantado pelo engenheiro hydraulico Joseph Therese Michelotti.

tado de repouso bem necessario depois das fadigas de trepar por alcantis e precipicios.

«Logo que recolhi do passeio, Horne levou-me a jantar com elle, e depois ao palacio de Marialva afim de pagar uma visita ao grão-prior. O pateo cheio de mesquinhas seges, recordou-me a entrada d'uma casa de posta em França; lembrança que não foi desvanecida pelo aspecto de volumosos montes de estrume, por entre os quaes não andamos pequeno espaço até á escadaria principal, tendo empeçado n'uma porca que alli retouçava com uma numerosa progenie fugindo por entre as nossas pernas, com queixosos grunhidos.

«Esta bulha annunciou a nossa chegada, vindo receber-nos o grão-prior, e seu sobrinho, o abbade velho, e um tropel de criados; todas as principaes familias portuguezas são infestadas de bandos d'estes, em geral, desfavorecidos dependentes, e ninguem mais que os Marialvas, que distribuem diariamente trezentas rações, pelo menos, de arroz e outros comestiveis a tão avidos devoradores.

«O grão-prior desataviado de seus habitos prelaticios fez as honras da casa, e nos conduziu promptamente a todos os aposentos, e ao picadeiro, onde o marquez velho, seu irmão, posto que de edade bastante avançada, ostenta os primores da mais consummada picaria. Parece ter decidido gosto pelos relogios de parede, bussolas e pendulas; contei nada menos de dez no seu quarto de cama, quatro ou cinco em plena oscillação dando estrondosos assobios; tocavam e davam horas, porque eram as seis em ponto, quando eu seguia o meu conductor subindo e descendo meia duzia de lanços de escada até uma sala forrada de damasco desbotado.

«No centro d'este antiquado aposento havia uma mesa atulhada de raridades postas alli por ostentação; curiosas obras de conchas, crucifixos de marfim, modelos de navios, xaireis bordados de pennas, e Deus sabe quantas coisas mais, tudo recendendo a camphora d'um modo capaz de tombar um homem.

«Quando nós olhavamos com grande applicação tapando o nariz com os lenços, appareceu o conde V... vice-rei do Algarve, de grande uniforme verde e agaloado, e de pernas largas fazendo tregeitos, como a quem tinha acontecido algum accidente desagradavel.

«Comtudo estava na melhor disposição, e era o novo bispo, que com muita complacencia recebeu, assim que se fez conhecer, os nossos cumprimentos.

«A conversação sustentou-se coxeando intercalada de variedade de idiomas, hespanhol, italiano, portuguez, francez e inglez, todos por seu turno em rapida successão. Os assumptos d'esta salgalhada polyglota foram as magnificencias e piedade do rei D. João V, o pezar pela extincção dos jesuitas, e o inverso pela morte do marquez de Pombal, á memoria do qual o bispo consagra pouco menos que a execração. Este fluxo de eloquencia era acompanhado pelas mais extravagantes e ridiculas visagens, que eu tenho observado, com uma chuva de perdigotos, porque o vice-rei tendo continua humidade de bocca baba-se a cada syllaba. Comtudo não se deve decidir de salto pelas apparencias exteriores. Este personagem babão e manhoso é um distincto esta-

dista e habil empregado, preeminente entre os poucos, que teem prestado serviços e dado provas de vigor e capacidade.

«Para evadir-me ás enfadonhas narrações, que me escandeciam os ouvidos, refugiei-me ao pé d'um cravo, ao qual cantava, fazendo ao mesmo tempo acompanhamento o Polycarpo, um dos primeiros tenores da real capella. Meio corridas as cortinas da porta d'um escuro quarto contiguo, deixaram-me entrever um transitorio vislumbre da pessoa de D. Henriqueta de L..., irmã de D. Pedro, adiantando-se n'um momento, e retirando-se logo no outro, desejosa de approximar-se e examinar as nossas figuras estranhas, porém não se aventurando a entrar na sala na ausencia de sua mãe; pareceu-me uma interessante menina com olhos d'uma languidez feiticeira; do que oiço dizer a seu respeito só divisei uma figura pallida, evaporavel como as que a phantasia nos finge ás vezes em sonhos. Um grupo de amaveis creanças, suas irmãs, creio eu, sentavam-se no chão a seus pés, similhando genios occultos parcialmente nas dobras dos cortinados n'alguns bellos quadros allegoricos de Rubens ou de Paulo Veronense.

«Aproximada a noite brilharam as luzes nas torrinhas, terrados, e por toda a parte da singular mistura, de que é composto este palacio com parecenças de mourisco; metade da familia occupava-se a rezar a ladainha, outra metade com venetas e brincos, talvez de natureza pouco edificante; as monotonas vibrações da guitarra acompanhadas do ameno e brando susurro das vozes femininas entoando modinhas, tambem formavam uma extraordinaria, posto que não desagradavel combinação de sons. Escutava eu com avidez, quando o clarão de archotes e a bulha d'agua batida dos remos nos attrairam ás varandas a tempo de presencear uma procissão, que de maravilha se terá visto desde o tempo de Noé; duvido que a sua arca abrangesse uma collecção de animaes mais hoterogenea do que saiu d'um escaler de cincoenta remos, d'onde desembarcaram o velho marquez de M... e seu filho D. José, acompanhados d'um enxame de musicos, poetas, toireiros, lacaios, frades, anões e rapazes de ambos os sexos, phantasiosamente vestidos.

«Parece que todo o rancho voltava d'uma romaria a certo Santo da outra banda do Tejo.

«Primeiro saltou um anão corcovado, assoprando uma pequena e chiadora trombeta, logo em seguida um par de capitães de guias apparentemente commandados por um personagem fanfarrão, velho e burlesco, de uniforme apparatoso, e que me disseram ter representado a parte d'uma especie de brigadeiro geral n'uma casta de ilha: se fosse a Barataria, Sancho o teria cedo despojado de cargo, porque, a acreditar a chronica escandalosa de Lisboa, de raro apparece um truão mais impudente, parasita e ratoneiro.

«Logo nos calcanhares d'estes vinham com affectada gravidade um frade de aspecto selvagem, alto como Sansão, e mais dois capuchinhos pezadamente carregados, ignoro com que previsões; apoz dos frades um boticario muito magro e descorado, todo vestido de preto, completamente correspondendo em gestos e trajo á figura, que cada um imagina do sr. Apuntador no Gil Braz; seguia-o um orate improvisador, que nos disparava um esguicho de versos ao

passar debaixo das sacadas, a que estavamos encostados. Difficultosamente se podia ouvir no confuso tumulto de aguadeiros e criados de servir com gaiolas de passaros, lanternas, cabazes de flôres, caminhando aos saltos, com grande deleite d'um bando de rapazes, que para melhor arremedarem os habitantes dos ceus traziam azas resplandecentes e ondeantes pegadas aos hombros rozados. Alguns d'estes anginhos de comedia, eram extremamente lindos e tinham o cabello encaracolado com muita elegancia.

«O marquez velho é loucamente amigo d'elles: com elle estão noite e dia, e assim participa de todas as vantagens, que uma constituição physica decadente póde tirar do folego juvenil e innoxio; o patriarcha dos Marialvas tem seguido este regimen ha muitos annos, e tambem alguns outros, que serão custosos de acreditar. Tendo uma facilidade mais que romana para engulir immensa profusão de golodices, e dando sempre campo a novo provimento, é enorme a comida, que eu vi estendida na mesa para elle. Ninguem me acreditaria em Inglaterra, se pelo miudo a referisse; dê-se largas á imaginação sobretudo o que póde conceber-se em materia de gula, e nenhuma hypothese excederá a realidade.

«Logo que todo o conteudo, quer do reino animal, quer do vegetal, existente no escaler principal, e em mais tres ou quatro lanchas da comitiva, foi depositado nas respectivas tocas, cantos e poleiros, recebi convite do velho marquez para participar d'uma merenda no seu aposento. Estou bem certo que nada menos de cincoenta criados faziam o serviço da meza; e além de meia duzia de tochas, que eram levadas por estado adiante de nós, para mais de cem vellas de cera estavam accesas ao longo das camaras, de mistura com perfumadores e caçoilas, que diffundiam mui agradavel aroma.

«Achei o dono de toda esta magnificencia mui cortez, lhano e affavel. Ha uma urbanidade e genio alegre expresso no seu olhar, voz e gestos, que immediatamente predispõe a seu favor, e justifica a geral popularidade de que goza, e o affectuoso nome de pae, com que a rainha e real familia frequentemente o tratam. Todas as graças da corôa se tem accumulado na sua pessoa, tanto pelo actual, como pelos precedentes soberanos, fluxo de prosperidade não interrompido nem mesmo durante o grande *visiriato* do marquez de Pombal. «Procedei, como julgardes mais acertado com toda a outra nobreza (cos-«tumava dizer o rei D. José ao seu formidavel ministro) mas livrae-vos de in-«trometter-vos com o marquez de Marialva.»

«Em consequencia d'esta decidida predilecção o palacio de Marialva veiu a ser em muitos casos uma especie de ponto de reunião, um asylo para os opprimidos, e seu dono em mais d'uma occasião um escudo contra os raios de tão poderoso ministro. As recordações d'esse tempo parece estarem ainda vivas, porquanto o cordeal respeito e filial affecto, que eu vi tributar ao velho marquez, são na verdade notaveis: os seus mais leves movimentos de olhos eram obedecidos, aquelles, a quem se dirigiam, mostravam-se gratos e animados; seus filhos, o marquez de Tancos e D. José de Menezes, nunca se chegaram a offerecer-lhe alguma coisa sem ajoelharem; o conde de Villa Verde, herdeiro da grande casa de Angeja, e o *vice-rei* do Algarve, ambos de pé no

circulo, que se formára á roda d'elle, recebiam uma palavra sua benigna ou affavel com o mesmo fervoroso agradecimento dos cortezãos, que dependem dos sorrisos e favor de seus soberanos. Por muito tempo me lembrarão as gratas sensações, de que me penetrou esta scena de reciproca benevolencia; afigurou-se-me um escambo de amigaveis sentimentos, benevolencia dispensada sem artificio nem affectação, e protecção recebida sem maligna ou abjecta vileza.

«Quão preferivel é um governo patriarchal d'esta natureza ás deslavadas theorias, que sophistas pedantes desejariam estabelecer, e que, se fossem ávante os seus interesseiros e atheistas delirios, solapariam os melhores e mais seguros esteios da sociedade! Quando os paes deixarem de ser venerados por seus filhos, e se não conhecerem os sentimentos de agradecida subordinação n'aquelles de edade ou condição, que carecem de amparo e auxilio, em breve os reis cessarão de reinar, e as republicas de ser governadas pelos conselhos da experiencia; a anarchia, a rapina, a carnagem percorrerão a superficie da terra, e a morada dos demonios será transferida do inferno para o nosso desventurado planeta.»

CARTA IV

Procissão do Corpo de Deus da Patriarchal

7 de junho de 1787.

«Atroadores repiques de sinos, bellicoso arruido de tambores, e agudos toques de trombeta me puzeram fóra da cama ao alvorecer o dia. Segundo o grau de devoção, que possuis, acho que não ignoreis que é hoje o dia da festa do Corpo de Deus. Estava meio disposto a ficar em casa folheando uma curiosa collecção de *Chronicas Portuguezas*, que o grão-prior d'Aviz me mandára; porém tinha ouvido maravilhas taes da esperada procissão, que não pude resistir a tomar algum incommodo afim de presenceal-a.

«Todos se haviam posto em movimento, antes que eu saisse, e as ruas do suburbio, onde habito, bem como as da cidade, que segui encaminhando-me á Sé patriarchal, estão inteiramente desertas; parece que passou um ramo de peste pela grande Praça do Commercio e os estabelecimentos mercantis e fiscaes da Bolsa e Casa da India, porque até os vadios, os varredores das ruas, e mesmo os mendigos na ultima phase da decrepitude abalaram manquejando para o logar da scena. Só ficaram nas ruas desamparadas uns poucos de miseraveis cães vagabundos e estropiados, e não vi nas janellas individuos humanos, á excepção de meia duzia de creanças tinhosas choramingando, porque as deixaram em casa.

«O borborinho da multidão apinhoada á roda da patriarchal, ouvia-se muito antes de lá chegar, avançando difficultosamente entre as fileiras dos soldados formados em ordem de batalha. Ao voltar um angulo escurecido pela sombra dos altos edificios do Seminario contiguo á Patriarchal descobrimos as casas, lojas e palacios, convertido tudo em pavilhões, forrados d'alto abaixo de damasco encarnado, tapeçarias, cobertores de seda, e colxas de franjas reluzindo em oiro. Julguei achar-me no meio do acampamento do grão-mogol, tão pomposamente descripto por Bernier. Em especial a frontaria do templo

estava armada com toda a sumptuosidade; esta fachada levanta-se d'um espaçoso adro de lanços de escadaria, que estava coberta de archeiros da guarda real com suas ricas fardas multicôres, e d'uma infinidade de padres trazendo luzidas e diversas bandeiras de seda pintada; rebanhos de frades macilentos, de habitos brancos, pardos e pretos, vinham saindo de envolta e successivamente, como bandos de perús levados ao mercado.

«Demorando-se fastidiosamente esta parte do espectaculo religioso, aborreci-me, e deixando o balcão, onde estavamos mais á vontade, entrei na egreja. Celebrou-se missa pontifical com pompa magestosa; subiam ao ar nuvens de incenso, numerosos cirios faziam rutilar mais os diamantes da custodia elevada pelas tremulas e devotas mãos do patriarcha.

«Antes de acabada a ceremonia ganhei a minha janella para gozar da plena vista da procissão do Sacramento. Tudo era espectação e silencio no povo.

«A guarda real se enfileirou de ambos os lados do adro em frente da porta da egreja; e por fim um choveiro de flôres annunciou que se aproximava o patriarcha trazendo a custodia debaixo d'um rico palio cercado dos grandes da côrte, e precedido por uma longa serie de personagens mitrados, de mãos postas em acto de adoração, com suas vestes purpureas roçando pela terra, trazendo os seus assistentes os baculos, e outras insignias da dignidade prelaticia.

«A procissão desceu vagarosamente os degraus do adro ao som dos canticos e do rebombo distante das salvas d'artilheria, sumiu-se n'uma larga rua, toda decorada de luzidas armações, e deixou-me os sentidos enleiados, e os olhos offuscados, como se acabasse de despertar de uma visão de esplendor celestial. N'este momento tenho a cabeça azoinada, e os ouvidos a zunir com a bulha confusa dos sons, sinos, vozes, echos dos tiros de canhão prolongados pelos montes e diffundidos pela superficie do Tejo.»

CARTA V

Casa de campo e banquete de Mr. S* * * —A donzella tragica

11 de junho de 1787.

«Hoje fomos convidados a jantar no campo, na quinta d'um cavalheiro, que tem uma carga de nomes, os quaes pronunciados com o mau accento portuguez soam como uma expectoração.

«O nosso agazalhador hospedeiro é irlandez de origem; gaba-se de uma estatura de 72 pollegadas, proporcional largura de costado, rosto vermelho, pernas herculeas, e todos os attributos exteriores, pelo menos, d'aquella raça emprehendedora, que não poucas vezes alcança a fortuna de cazar com a riqueza. Haverá um anno ou dois que se arranjou com uma opulenta herdeira braziliense, e acha-se agora senhor de vastas propriedades, e de uma nedia e acaçapada mulher com uma cabeça, que arremeda a de Holophernes das tapeçarias antigas, e uns hombros que representam muito bem a figura de grandes pratos. Pobre creatura! Para maior certeza de que não é nenhuma Venus nem Hebe, tem beiços grossos e voz de machacaz, e notei-lhe algumas disposições para hydropica; com tudo os seus risos são frequentes e esperdiçados; ainda agrada ao marido com a maior perseverança.

«Mr. *** é um caracter singular, não acceita emprego civil ou militar, e blazona de certa franqueza mordaz, que segundo eu penso hade desagradar muito n'este paiz, onde a independencia, quer de bens da fortuna, quer de opinião, é raras vezes ou nunca tolerada. Este cavalheiro gosta de ostentação na mesa; sessenta pratos se me afigurou que seriam pelo menos, oito d'elles de fumegantes assados, alem de toda a casta de guizados á franceza, á ingleza, e á portugueza. A sobremeza apresentava-se como um modelo de fortificação; a principal empada-torre afoito-me a dizer que tinha tres pés d'altura perpendicular. A companhia não correspondia nem no numero, nem na consideração ao esplendor do banquete. Se não tivesse ficado ao pè de mim, por felicidade, miss Still e Bezerra, eu teria morrido de enfadamento.

«Uma sisuda donzella com portentosas sobrancelhas e olhar, que exprobava á porção masculina da assembléa a sua desattenção, era a unica dama do paço, que Mr. S *** havia convidado.

«Eu esperava achar-me com todo o rancho do meu conhecimento tomado no Jardim Botanico, e acompanhal-o pelas vinhas e pomares d'esta casa de campo; mas ai de mim, que não estava fadado para tão recreativa excursão! A tragica donzella, que me constou ter sido infeliz nas suas ternas inclinações, aproveitou-se do meu braço, e nunca o desamparou em um longo passeio pelas extensas fazendas de Mr. S *** Conversámos em italiano, e dissemos aos passaros que cantavam, aos regatos que susurravam, lindissimas coisas n'uma prosa estonteada, rapsodia de trechos de operas e cantatas, do *Amintas* de Tasso, e do *Adonis* de Marini.

«O sol acabava de dourar com seus ultimos raios os distantes rochedos de Cintra; o ar tornava-se balsamico; nas veredas por entre as vinhas medrava a herva viçosa, e milhares de flôres reanimavam-se com o rocio da tarde. Deixando á senhora o trilho estreito, que dá serventia pelo meio d'estes dominios ruraes, caminhei a seu lado por uma regueira bem guarnecida de ortigas, acanthos, e piteiras anãs, arranhando-me e esfolando-me a cada passo. Esta penitencia, e a logração, que eu sentia mais vivamente, tiraram-me um tanto do meu genio jovial; pezava-me ter passado uma tarde deliciosa em tão mesquinha sociedade, e ter lacerado as minhas pernas para tão pouco resultado. Quanto eu teria gozado passeando com a joven irlandeza por estes odoriferos atalhos entre festões de folhagem vecejante, e de vides pampinosas, não prezas a ramos esgalhados, ou a tanchões como em França e na Suissa, mas trepando por leves cannas a oito e a dez pés de altura.»

CARTA VI

Convento de Belem — Noite da vespera de Santo Antonio

12 de junho 1787.

«Passámos o dia em Belem inteiramente como em reunião de familia com toda a legião dos Marialvas. Alguns reverendos padres, não sei de que communidade, lhes tinham mandado uma immensa quantidade de sopa muito espessa, glutinoza e azeitada, porção da qual, segundo parece, costumam os devotos engulir na vespera de Santo Antonio.

«Depois de uma refeição, que foi servida debaixo de um toldo estendido sobre um dos terraços, lógo que o pude fazer airosamente, escapuli-me da roda dos fidalgos e senhoras, dos anões, frades, bobos, toureiros, e capellães, para visitar o proximo mosteiro. Subi os grandes lanços construidos a expensas da infanta D. Catharina, rainha viuva de Carlos II, e tendo percorrido os claustros de D. Manuel examinei a livraria, que está longe de achar-se na melhor ordem e aceio. [1]

«Os espaçosos e altos claustres apresentam uma notavel extensão de arcadas, que, posto não sejam do mais puro estylo, attrahem a vista pelos seus ornatos d'arabescos delicadamente lavrados, e pela phantastica côr arruivada da pedra. O dormitorio, para o qual tem serventia uma linha quasi interminavel de cellas, mede em comprimento 500 pés folgados. Cada janella tem seu commodo descanso, onde os monges se encostam á vontade, e desfructam a vista do rio.

«N'uma pequena e escura casa de thesouro, que por uma escada de caracol communica com a parte do edificio, que a tradição designa como habitação do rei D. Manuel, quando em certas épocas religiosas do anno se retirava a este recinto, mostraram-me á luz de velas algumas alfaias extremamente curiosas, e em especial uma custodia feita em 1506 do mais puro ouro de Quiloa; não ha coisa mais bella como specimen do bem trabalhado lavor gothico do que esta complicada peça esmaltada, e com mui leves esteios e pinaculos cinzelados, tendo os doze apostolos em seus nichos debaixo de pavilhões, formados por milhares de voltas e ramificações.

«D'este sombrio recanto fui conduzido á egreja, uma das maiores de Portugal, vasta, magestosa e phantastica como o interior do templo de Jerusalem, segundo o tenho visto representado n'algumas antigas Biblias allemãs. Comtudo pouco havia nos altares, ou monumentos digno de minha investigação.

«Já era escuro, quando sai da grande portada, e achei o terreiro em frente alumiado com a luz coruscante de um renque de fogueiras á beira do Tejo. A custo alcancei a minha carruagem sem ser chamuscado por buscapés e bombas, e desejei ver-me fóra no momento, em que entrára, por quanto estourou um foguete mesmo debaixo dos focinhos dos meus machos, que os espantou terrivelmente.

«Se por milagre me não acalentasse Santo Antonio, esperava não pregar olho em toda a noite, tamanho era o estrondo do fogo artificial, das lavaredas estridentes das fogueiras, das gaitadas das bozinas em louvor da festa d'ámanhã, 555.º anniversario do memoravel dia, em que o santo querido de Lisboa passou em placido transito aos gosos do paraizo; vi a sua imagem á porta de quasi todas as casas, e até das barracas d'esta populosa capital, collocada em altar, e adereçada com profusão de velas de cera e de flôres.»

[1] Se os frades nos salvaram muitos livros e manuscriptos, tambem nos deram cabo de muitos. E isto, que diz Guinguené na sua *Historia da Litteratura Italiana*, é a pura verdade.

CARTA VII

Egreja de Santo Antonio — Sermão de Fr. João Jacinto — Convento da Cartuxa.

13 *de junho de* 1787.

«Dormi melhor do que esperava, o santo foi propicio; alta noite entibiou o ardor de seus devotos, e as chammas de suas fogueiras um chuvisco vernal, que rumorejava agradavelmente esta manhã por entre as parreiras do meu quintal. As nuvens dispersaram-se pelas oito horas, e ás nove, quando eu subia as escadas do adro da nova egreja, edificada no proprio local da casa, em que Santo Antonio nascera, resplandecia o sol com todo o seu brilho.

«Não posso dizer bem se este edificio me recordou o magnifico santuario de Padua, que ha cinco annos n'este mesmo dia fez na minha imaginação uma impressão tão viva.» Aqui não ha constellações de alampadas aureas suspensas do ferro lavrado da mysteriosa abobada em lustrosas correntes, nem arcarias de alabastro, nem marmores esculpidos. A egreja estriba-se em duas fieiras de pilastras, de cantaria, bem lavrada, mas de mesquinhas proporções. Sobre o altar mór, onde estava a venerada imagem no meio de brilhantes luzes, avultava um docel de veludo bordado. Esta armação com ricas franjas e borlas marca o logar onde foi o quarto do santo; e recebe uma suave claridade de uma serie de janellas altas com ricas guarnições de douradura burnida.

«Muitas caras largas sobresaiam petulantes d'entre a turba do vulgo profano no portal do templo; e todos dirigiam os olhos para o seu enthusiastico patricio; mas não era para ser mirado assim o seu sisudo semblante.

«A ceremonia foi extremamente pomposa. Um prelado da primeira jerarchia officiava com um troço consideravel de padres da real capella ao som de buliçosas contradanças e minuetes, mais proprias para excitar uma dança de patuscos na copa dos banhos thermaes, do que para dirigir os movimentos de um pontifice e seus assistentes.

«Depois de muita musica mediocre, vocal e instrumental, executada a galope no mais rapido alegro, subiu ao pulpito Fr. João Jacinto, famoso prégador, elevou as mãos e os olhos, e despediu uma torrente de phrases sonoras em louvor de Santo Antonio. O que não daria eu por uma tal voz! Alcançaria de uns aos outros confins da terra de Israel.

«O padre indubitavelmente era dotado de grande vigor de elocução, e não tinha aquelle accento nasal, lamentoso e hypocrita, tão commum na recita dos sermões dos frades. Tratou os reis, tetrarchas e conquistadores com indizivel desprezo, reduziu a pó os seus palacios e fortalezas, os seus exercitos a formigas, as suas vestes imperiaes a teias d'aranha, e incutiu em todo o auditorio, excepto os maliciosos herejes da porta, perfeita convicção da superioridade Santo Antonio sobre todos aquelles objectos de uma erronea e impia admiração.

«Felizes (exclamou o prégador) eram esses tempos gothicos, falsamente denominados tempos de barbarie e ignorancia, em que os corações dos homens, não corrompidos pela allucinadora bebida da philosophia, se abriam ás

palavras de verdade, que manavam, como o mel, das bocas dos santos e confessores, taes como as que distillavam os labios de Antonio.

«Acabado o sermão, começaram a chiar novamente as rebecas com redobrado vigor, e eu aborrecido de tão intempestiva leveza, retirei-me agastado para casa. Esta tenue nuvem de enfadamento dissipou-se em breve pela amavel presença do bom prior de Aviz, como o qual não existe talvez no mundo um caracter mais benigno e evangelico, que glorifique Deus com menos ostentação, e tenha uma benevolencia mais sincera para com o proximo. Este excellente prelado tinha gasto a manhã, não em assistir a ceremonias pomposas, mas em consolar os enfermos, e remediar os indigentes, subindo aos seus miseraveis aposentos a ministrar soccorros em louvor do santo, cuja festa se celebrava, e cuja reputação da pratica de toda a casta de actos de caridade se tem transmittido de paes a filhos entre os habitantes da cidade por uma longa serie de gerações.

«A nossa conversação não foi de natureza tal que me inclinasse a abandonar pompas e vaidades. Hesitei se veria a procissão, que se esperava que passasse pelas principaes ruas da cidade, e acompanhado do meu reverendissimo amigo fui gosar da serenidade da tarde na praia de Belem. Fiz alto ao passar pelo palacio de Marialva, e levámos comnosco D. Pedro e seu aio, o velho abbade, que propoz uma visita ao Convento da Cartuxa de Laveiras.

«Em meia hora quasi estavamos sentados á vista da egreja, que faz frente para os jardins e quinta real de Caxias: fomos introduzidos n'um vasto e silencioso quadrangulo: alguns espectros d'aquella ordem monacal se escoam pelos claustros, que se ramificam d'este pateo. No meio ha uma fonte de marmore, sombreada por pyramides de buxo tosqueado, e em redor sete ou oito pequenas capellas, uma das quaes contem a imagem incarnada do Salvador na mais tremenda agonia de sua Paixão, a qual se figura coberta de contusões e sangue coalhado.

«Quando nos occupavamos a examinar esta imagem tão propria, alguns monges por ordem do seu superior se juntaram ao pé de nós; um d'elles interessante e bem apessoado, attrahiu a minha attenção pela profunda melancolia retratada nas suas feições. Tendo-me informado soube que apenas contava vinte e dois annos d'idade, que era de illustre ascendencia, e dotado de viveza e talento; mas a causa immediata de ter procurado esta morada de quietação e de austeridades repugnava ao grão prior o communical-a.

«Não pude deixar de observar, tendo diante de mim a victima novel, e contemplando a luz vespertina, que coava pelas arcadas do quadrangulo, quantos occasos do sol verosimilmente elle teria de ver desperdiçar seus luzeiros sobre estas paredes, e quão enfadosa serie d'annos essa, a que se sacrificou, consumida com toda a probabilidade dentro d'este recinto. Os olhos do bondoso prior humedeceram-se de lagrimas, Verdeil estremeceu de horror, e o abbade, olvidando o supersticioso papel, que geralmente representa nos logares santificados, prorompeu em vehementes exclamações contra a tolerancia dos sacrificios humanos, e de permittir que renunciem o mundo mancebos ainda incapazes de fazerem devida apreciação de suas magoas ou vantagens. Quanto

a D. Pedro a sua compleição melancolica recebeu um supplemento de tristeza á vista dos objectos, que o rodeavam. O vento frio, que soprava de uma casa de abobada, onde os padres os enterram, e cujo pavimento dá um som cavo, quando se anda, lhe incutiu terror. Era a primeira vez que entrava n'um convento Cartuxo, e, com admiração minha, mostrava ignorar as austeridades da ordem.

«Tinha-se posto o sol antes de voltarmos á nossa carruagem, e na conversação em todo o caminho até casa ressumbravam as impressões, que nos inspirára a scena, que presenciámos.»

CARTA VIII

Curiosas visitas — Padre Theodoro d'Almeida — Mensagem de Freiras — Theatro da Rua dos Condes — Arcebispo de Thessalonica — Modinhas Brazileiras — Phantasias.

14 de junho de 1787.

«Coube-me hoje a sorte de receber uma curiosa serie de visitas. O primeiro foi Pombal, que parecia gasto por excesso de prazeres e pelas noitadas, mas que se apresenta com um agrado e modos elegantes, não muito communs n'este paiz. [1] Posto que seja um dos mais ricos proprietarios de fazendas no reino, de rendimento de cento e vinte mil cruzados por anno, quiz metter-me na cabeça que seu defunto pae, o açoite e terror das casas mais nobres de Portugal, o unico administrador do real erario por muitos annos, não obstante isso fallecera em circumstancias apuradas, carregado de dividas, que contraira para manter a dignidade de seu cargo.

«O immediato que, me honrou com a sua visita foi o juiz da conservatoria ingleza, João Telles, ramo, não sei bem se legitimo, se espurio, da casa dos Penalvas; este sujeito, que ascendeu a um dos mais eminentes logares da magistratura só pela força de sua capacidade, é dotado de um estylo de expressão original e nervoso, que me trouxe á idéa Lord Thurlow; mas a todo o seu vigor de caracter e de dicção reune a flexibilidade e ardileza de serpente; e aquelles, que não póde levar d'assalto, está certo de vencel-os com algumas astuciosas descargas de lisonjas e blandicias.

«Logo que elle se retirou, veiu um par de frades com um cestinho de doces mettidos em papel de lavores, dadiva de uma abbadessa fidalga, supplicando-me o dote para duas lindas donzellas, que iam ser esposas de Christo n'um convento dos suburbios.

«Apenas os tinha despedido, entrou o padre Theodoro d'Almeida com outro de seus confrades: quasi que só se lhe viam as alvas dos olhos; nem o original doutor vesgo do Foote era capaz de os revirar com maior sciencia.

«Prestei a maxima attenção ao seraphico discurso do padre Theodoro, não sendo para desprezar tão excellente opportunidade de ouvir um specimen, de primeiro lote, de geringonça hypocrita. Inda bem os frades não tinham sido conduzidos ao patamar da escada com a devida cerimonia, annunciou-se a che-

[1] *Panorama* de 1855, pag. 317.

gada de monsenhor Aguilar, um dos prelados da Sé Patriarchal; o qual me confirmou na opinião, que eu tinha formado do padre Theodoro. Ninguem poderá accusar de hypocrisia o monsenhor Aguilar: ao contrario é de rasgada franqueza, e trata a egreja, d'onde lhe provém pingue mantença, não como patroa, mas como humilde companheira, assumpto e alvo constante dos seus sarcasmos. Em Portugal, ainda no corrente anno de 1787, tal proceder é doudice, e receio-lhe qualquer dia severa perseguição.

«Ao tomar pacificamente uma chavena de chá fez-nos erguer uma estrondosa bulha na rua, e correndo á sacada achámos apinhada a sordida relé de velhas furias, rapazes e maltrapilhos, tendo á frente meia duzia de tambores, e uns poucos de pretos de vestias escarlates assoprondo trombetas com extraordinaria vehemencia, e apontando-as directamente para a casa. Maravilhou-me este modo de assediar uma porta como as muralhas de Jerichó; e recuando um pouco para não ser chamuscado por um foguete, que zuniu obra de uma pollegada adiante do meu nariz, vi entrar um criado trazendo em salva de prata um crucifixo, e uma delicadissima mensagem das freiras do mosteiro do Sacramento, que mandavam a sua musica com pandeiros e fogo do ar convidar-nos para rasgada funcção no seu convento em honra á festividade do Coração de Jesus. Na verdade que estas funcções de egreja começavam a perder para mim o attractivo, que lhes dera a novidade: estava já um tanto farto de motetes e de kyrie eleisons, de incenso, bandejas de doces e de sermões.

«Aquelle heretico Verdeil, para quem valeria quasi tanto estar no inferno, como n'este ceu empachado, não descançou, emquanto não deu commigo no theatro da Rua dos Condes afim de dissipar com um pouco de ar profano os vapores de tamanha santidade. O drama causou-me mais enfado, que divertimento. O theatro é baixo e acanhado, e os actores, porque não ha actrizes, são inferiores a todo o criterio.

«Tendo as ordens absolutas da rainha afastado do palco scenico as mulheres, os papeis attinentes a estas são representados por mancebos. Julgae que agradavel effeito esta metamorphose produzirá, especialmente nos bailarinos. Alli se vê uma robusta pastora trajando as candidas vestes virginaes, de macia barba azulada e proeminente clavicula, colher flores com um punho capaz de derrubar o gigante Goliath, e um rancho de leiteiras, seguindo as suas enormes pégadas, aos pontapés ás saias a cada passo. Taes meneios e saltos desconcertados, taes tregeitos de olhos nunca eu tinha visto, nem espero tornar a vêr na minha vida.

«Estavamos cordealmente enfastiados do espectaculo, inda bem não chegava ao meio da peça; e como a noite era serena e agradavel tentou-nos a dar um passeio até á grande praça do palacio, que recebia a frouxa claridade das luzes nos aposentos reaes, abertas todas as janellas para entrar a viração. O arcebispo confessor de sua magestade ostentava n'uma das sacadas o seu volumoso vulto: da classe de homens rusticos este personagem, agora muito importante, veiu a ser soldado raso, d'ahi passou a cabo d'esquadra, de cabo d'esquadra a frade, e n'esta ultima profissão deu tantas provas de tolerancia

e bom genio, que o marquez de Pombal, topando com elle por uma das casualidades, que se esquivam a todos os calculos, julgou-o sufficientemente astuto, jovial, e ignorante para fazel-o innoxio e acommodado confessor de sua magestade, então princeza do Brazil: pela accessão d'esta senhora ao throno foi despachado arcebispo *in partibus*, e inquisidor-mór; é a primeira mola do actual governo portuguez. Nunca vi um sujeito mais obstinado e obtuso: parece ungir-se com o oleo do contentamento (banhar-se em agua de rosas), folgar e engordar a despeito da critica situação dos negocios n'este reino.

«N'uma janella, immediatamente por cima da luzida testa de sua reverendissima, divisámos as duas formosas irmãs Lacerdas, damas de honor da rainha, acenando-nos com as mãos a convidar-nos: era incentivo bastante para galgarmos vastos lanços de escadas até o seu aposento, que se achava atulhado de sobrinhos, sobrinhas, e primos, apinhando-se em torno de duas jovens mui elegantes, as quaes acompanhadas de seu mestre de canto, um frade baixo e quadrado e de olhos verdes, garganteavam modinhas brazileiras.

«Quem nunca ouviu este original genero de musica, ignorará para sempre as mais feiticeiras melodias, que tem existido desde o tempo dos sybaritas. Consistem em languidos e interrompidos compassos, como se faltasse o folego por excesso de enlevo, e a alma anhelasse unir-se a outra alma identica de algum objecto querido. Com infantil desleixo insinuam-se no coração antes de haver tempo de o fortificar contra a sua voluptuosa influencia; imaginaes saborear leite, e o veneno da sensualidade vae calando no mais intimo da existencia: pelo menos assim succede áquelles, que sentem o poder dos sons harmoniosos: porém não respondo n'este caso pelos animaes do norte fleugmaticos e duros de ouvido.

«Uma ou duas horas correram quasi imperceptivelmente no deleitoso delirio, que aquellas notas de sereia inspiravam, e não foi sem magua, que eu vi a companhia dispersa, e o encanto desfeito. As donas do aposento tendo recebido aviso para assistirem á ceia de sua magestade, fizeram-me uma mesura com o maior donaire e desappareceram.

«De caminho para nossa casa encontramos o Viatico, acompanhado de vividas luzes, levado em procissão a fazer a algum enfermo a visita de despedida; o esperançoso fidalgo, moço conde de Villa Nova (depois marquez de Abrantes) precedia a umbella, de capa encarnada, e tangendo uma campainha de prata. Nunca falha a estes acompanhamentos, e passa a flôr da mocidade n'este singular beaterio; ainda não houve amante mais cioso da sua namorada, do que este ingenuo mancebo o é da sua campainha; não lhe soffre o animo que as vibrações d'esta sejam obra d'outra pessoa; os mezarios parochiaes do extenso e populoso bairro onde está situado o seu palacio, consentem n'este capricho, por attenção ao seu nascimento e opulencia; e de certo não podiam escolher mais assiduo porta-campainha. A toda a hora, e faça o tempo, que fizer, está prompto a desempenhar este bento ministerio; e nas trevas de alta noite, no mais intenso calor do dia, ou subindo ou descendo, quer a uma espelunca, quer a um sotão, lá vae onde se requer um auxilio espiritual d'esta natureza.

«Por vezes se tem observado que taes coisas não se hão de levar á conta de manias; cada pessoa tem a sua tineta, que segue, como póde, e que prefere a tudo. As delicias do velho marquez de Marialva consistem em jantar entre os seus dois aparadores de prata: as do marquez seu filho em esperar muito tempo pela rainha: e as do conde de Villa Nova em annunciar com a sua campainha a todos os fieis crentes a aproximação da celeste magestade. A actual tineta do rabiscador d'estas extravagancias são as modinhas brazileiras, e sob a sua influencia acha-se muito tentado a dar á vela para o Brazil, terra natal d'aquellas feiticeiras composições, a viver em choças, taes como as descreve Parny.»

CARTA IX

Noites de verão — Vespera de S. Pedro — Palacio da casa de Angeja — Convento das Salesias — Madame Scarlati

29 *de junho de* 1787.

«O sol resplandecente, com que os ultimos dias nos brindaram, apezar do seu explendor começa a enfastiar-me. Vinte vezes no dia debalde cubiço estirar-me ao comprido na fresca relva de algum frondifero valle inglez, onde as fadas dançam ás horas do crepusculo estivo, e segredam a seus somnolentos amigos as boas ou más sinas, que os aguardam. Em Portugal o calor é demasiado para esses vaporosos entes fatidicos; não ha, pois, que esperar as suas inspirações: prouvera ao ceu que alguma revelação, d'esta ou d'outra natureza, a tempo me tivesse avisado da poeira de cegar, e da excessiva calma de Lisboa e seus suburbios. Que tolice de quem está bem e refrigerado em casa, vadiar por fóra na futil esperança de melhorar no que já de si é optimo! Capacitae-vos do que vos digo, ha mais delicias de primavera, e mais goso em nossas verdejantes collinas e bosques do que em todos estes enfezados olivedos e crestados promontorios.

«Temos um rifão que diz: — É peçonha para uns, o que para outros é manjar — não ha coisa mais certa. Estes dias e noites de temperatura ardente, que me opprimem sem allivio, são o deleite e ufania dos habitantes d'esta capital. O calor não sómente parece ter avenenado os ferrões das moscas e mosquitos, mas tambem arrojou para a rua, por noites inteiras, todos os abelhões humanos, que pulam e bailam e arranham bandurras desde o sol posto até á alvorada. Junte-se-lhes os cães em abundancia, latindo e uivando sem interrupção; a vozearia das ladainhas, dos terços; os estalidos do fogo de artificio, que os devotos deitam sem cessar em louvor de algum membro da celestial jerarchia; a bulha suja da vadiagem insolente, que percorre as ruas em busca de aventuras; ver-se-ha que não ha pilhar uma piscadella de somno, ainda quando o suão o permittisse.

«Quanto ás mansas convivencias nocturnas, onde ingenuos mancebos repousam as cabeças, não em o regaço da mãe terra, mas de suas amasias que pacificamente se empregam em livrar d'uma copiosa população as madeixas azevichadas de seus affeiçoados, nada tenho a dizer contra ellas; nem me perturbam os sons das caldeiradas jorrantes das janellas; porém os uivos caninos

de que acima fallei, excedem todo o incommodo, que n'este genero tenho supportado, e fornecem não pequena noção previa das regiões infernaes.

«Como em a presente estação só se cuida em folias e algazarras, e a celebração da festa de S. Pedro com o maior barulho e dispendio, que fôr possivel, não é tanto uma inclinação profana, como um pio dever, o tal bolonio conde de Villa Nova abriu os seus jardins a noite passada a toda a fidalguia e maltezia de Lisboa; fez uma insipida illuminação de balões de papel, e armou uma casa de pavilhão para dansa, achavascadamente construido, sob o qual as mais elegantes costureiras francezas e inglezas e capellistas da metropole figuravam nos cotilhões com o duque de Cadaval e outros moços da principal nobreza, os quaes, como muitos da nossa capital, e tambem de boas esperanças, só estão á sua vontade em humilde companhia. Dois ou tres dos meus criados acompanharam o meu alfaiate á festa, e vieram extasiados dos modos jocundos das capellistas estrangeiras e da nobreza nacional.

«Dei-me por satisfeito de ficar em casa a coberto dos meus transparentes verdes, ouvindo por mera preguiça, qualquer destempero que aprouvesse a alguem dizer-me. Mas tinhamos ha muito sido convidado a jantar com D. Diogo de Noronha no palacio de Angeja. Chegando ao nosso destino, achámos o herdeiro da casa rodeado de padres e pedagogos, doutrinando-se em mirar á janella, precipua occupação da vida d'um fidalgo portuguez. Oh que preciosa collecção de contos eu ouvi n'este banquete attico. Aconteceu achar-se na companhia um estupido padre ainda moço, não me lembra de que universidade (espero que não fosse a de Coimbra) que nos regalou durante o jantar com estupendas narrações, taes como de uma perola da rainha defunta, e de inestimavel valor, moida para se engulir em beberagens medicinaes; outra ácerca de umas freiras do convento do Sacramento, que tendo seus namoricos com o proprio Belzebuth em pessoa, foram mettidas na inquisição, e a janella por onde sua magestade infernal entrára, depois d'esta proeza de galanteio, foi entaipada, e toda pintada de cruzes vermelhas; accrescentou que a mesma decoração preventiva foi distribuida por todas as frestas da frontaria, para que nenhum demonio, ainda o mais ateado em desejos, podesse repetir o feito. Tambem nos quiz embutir que uma mulher mui guapa, engordando a olhos vistos, com os peitos sempre arrebentando de leite, que tomava creanças de mama, mais barato do que outra qualquer ama, e que de ordinario as sumia, lá jazia agora nos carceres do santo officio accusada de ter feito em picado para cima de vinte innocentes!

«Deus me livre de relatar outras mais particularidades da nossa conversação á meza; se o fizesse, ficarieis aceiadamente empazinado.

«Depois de jantar a companhia dispersou-se, uns para os seus encostos da sésta, alguns para ouvirem uma tocata de salterio acompanhada na harpa hebrea, por um par de anões; o herdeiro presumptivo para a sua querida janella; e Verdeil e eu tomamos para o convento de freiras saboyanas em Belem, o mais fresco e limpo retiro d'estas cercanias, e ainda por cima d'isto abençoado pelo especial patrocinio e direcção do padre Theodoro d'Almeida. Parece que sua reverendissima foi o principal instrumento, abaixo da Providencia, da

transplantação d'estas bemditas vergonteas de santidade do convento da Visitação em Annecy para o ardente clima de Portugal.

«Como eu tinha acabado de receber uma assucarada epistola d'este exemplar de piedade, recommendando o seu prezado estabelecimento n'algumas paginas de fervoroso panegyrico, elle não poude deixar de sair do interior de seu ninho; e fez-nos bom gazalhado com um semblante rebuçado de brandos sorrisos, posto que ouso dizer que, pela nossa invasão, desejaria esfolar-nos.

«Pobres creaturas! (nos disse fallando das educandas d'esta capoeira) fazemos quanto em nós cabe para aperfeiçoar seus tenros entendimentos e suas castas linguas nos idiomas estrangeiros. Soror Thereza tem singular pericia para ensinar arithmetica, a nossa veneravel madre é bastante profunda em grammatica, e soror Francisca Salesia, que eu tive a dita de trazer de Lyon, não só é mui persuasiva moralista, como tambem geralmente reconhecida por uma das eminentes mestras de costura em toda a christandade; estamos soffrivelmente quanto a bordados. Em musica não ha grandes proficiencias; não permittimos modinhas, nem arias de opera; e o que n'este ramo podeis esperar é apenas o canto singelo; em summa não estamos bem preparados para receber tão distinctos hospedes, e nada possuimos do que o mundo chama interessante, que nos recommende; mas, em compensação, eu, seu indigno confessor, devo declarar que tanta docilidade, e tão puras consciencias como tenho achado n'este asylo são thesouros muito acima de quantos as Indias nos possam fornecer.

«Verdeil e eu, conscios da nossa pequeneza, ficámos de todo o ponto humilhados por esta sublime declamação, despejada de braços cruzados sobre o peito, e olhos postos no tecto, como algumas imagens, que tenho visto de S. Francisco Xavier. Um minuto pelo menos esteve sua reverencia sem mudar d'esta attitude; d'ahi a pouco correu uma cortina, tendo a condescendencia de admittir-nos n'um espaçoso locutorio deliciosamente fresco, perfumado de jasmins, e povoado de pombinhas brazileiras, papagaios, e canarios; arrulhos e chilros taes nunca se ouviram em maior auge de perfeição, excepto no paraizo de Mafoma; nem faltavam as *huris*, por quanto n'um esconderijo, que se dilatava para dentro da clausura, detraz d'uma rotula soffrivelmente larga estava sentada uma fileira das mais amaveis donzellas, que eu tenho visto; seus olhos de feiticeira meiguice parecia adquirirem nova fascinação n'aquella mysteriosa especie de crepusculo, luzindo atravez do duplicado ralo d'arame.

«De quando em quando os passaros, de nenhum modo intimidados pelos predatorios relances d'olhos do padre Theodoro, violavam o santuario, e pousavam nos collos alabastrinos, sendo recebidos com milhares de caricias pelos anjos d'este pequeno e retirado Eden, que tão refrigerante parecia, e que pelo seu religioso socego formava notavel contraste com o turbulento mundo cá fóra e sua rutilante atmosphera; de maneira que não pude reprimir-me, e exclamei: Oh quem me dera azas como a pomba, que voasse atravez d'essas grades, e lá repousasse para sempre!

«Desnecessario é referir-vos que passamos meia hora deliciosa fallando de musica, flores e devoção com as meninas; quasi nos ia esquecendo a promes-

sa de ouvir cantar Scarlati, cujo pae de origem italiana, antigo capitão de cavallaria, reside não muito longe do convento da Visitação; por isso não tivemos tempo de experimentar no transito a penosa differença entre o fresco locutorio das freiras e o abafador ar externo.

«Numeroso grupo de parentes das senhoritas achava-se á porta da casa com a hospitaleira cortezia, que tão notavelmente distingue os portuguezes, para introduzir-nos no andar superior em uma galeria adereçada de pannos de raz e de placas, na apparencia mais d'uma ostaria italiana, do que de palacio de cavalleiro; para nos confirmar nas idéas das casas de posta, aspiramos ao subir, os fortes effluvios da estrebaria, e ouvimos as patadas e rinchos, como se um bando de monteadores viesse tomar parte no concerto.

«Muitas caras singulares e indigenas de ambos os sexos estavam alli reunidas, collecção disparatada e extraordinaria, segundo conjecturo; dispenso-me de individual-as. A dona da casa, senhora ainda moça, encantou-me á primeira vista pelas suas maneiras engraçadas e modestas; porém, quando cantou algumas arias da composição do famoso Peres, não só me deleitou, fez-me pasmar; a sua voz modula-se em uma negligencia desafectada nos tons mais patheticos. Posto que tenha adoptado o estylo magistral e scientifico de Ferraruti, um dos primeiros cantores da rainha, dá uma simplicidade de expressão aos trechos mais difficeis, similhando as effusões d'alma d'uma heroina de novella trinando solitaria no recondito das florestas.

«Sentei-me n'um canto obscuro, sem dar fé nem do que se passava no aposento, nem das extravagantes physionomias dos que entravam ou saiam; as vistas attentas, o cochichar, os movimentos e mexericos da assembléa eram para mim cousas perdidas; não fui senhor de proferir uma syllaba, e bastante me affligiu que uma despotica tia velha insistisse em que não se cantasse mais, e propozesse uma partida e dança.»

CARTA X

Altos e baixos de Lisboa—Quinta do duque de Lafões—O jesuita Duarte e um medico ridiculo — Os Penalvas — Concerto importuno

30 *de junho de* 1787.

«Depois de jantar puzemo-nos na rua para pagar visitas. [1] Nunca vi em minha vida tão amaldiçoados altos e baixos, tão abruptas ladeiras, tão ingremes subidas, como se topam a cada passo caminhando por Lisboa; cincoenta vezes me julguei a ponto de despenhar-me no Tejo, ou de tombar em vallas areientas entre chinellos velhos, gatos mortos, ciganas fuscas; que se acoutam n'essas espeluncas e esconderijos para ler a *buena dicha*, ou vender amuletos contra febres e quebrantos.

«A inquisição muito a miudo pilha estas miseraveis sibyllas, e as vexa abominavelmente; ao passar pelas ruinas d'um palacio, que o terramoto demolira, vi uma d'essas mulheres, que arrastavam á claridade; se a filava nas garras algum familiar do santo officio, ou se lhe tomava contas algum rufião

[1] *Panorama* de 1855, vol. XII, pag. 351.

burlado, é o que não pretendo, nem posso affirmar. Como quer que fosse, tive a fortuna de se arredar da vista aquelle hediondo vulto, cujas contorsões e uivos eram na verdade horriveis.

«Quanto mais conhecemos Lisboa, menos corresponde á expectativa suscitada por sua magnifica apparencia do lado do rio. Se um viajante pudesse ser transportado subitamente, sem prevenção nem apparato a differentes partes, rasoavelmente podia conjecturar que tinha atravessado uma serie de povoações ligadas desconcertadamente, e ficando-lhes sobranceiros massiços conventos. Os templos em geral são d'um pezado gosto de architectura, o estylo de Barromini, com empenas *arrugadas*, cornijas e torrinhas com *folhos*, algumas á maneira das caixas de relogio da antiga moda franceza, como Boucher as desenha, com muitos arrebiques e floreados, para adornarem as salas de madame de Pompadour.

«Esta tarde atravessámos a cidade em todo o seu comprimento, dirigindo-nos ao palacio de campo do duque de Alafões, e fornecemos a um copioso numero dos mais fieis subditos da rainha a opportunidade de admirarem na altura da caixa da carruagem o gibão curto do cocheiro, e outros inglezismos da equipagem. O duque tinha sido chamado a um conselho d'estado; só achamos o marquez de Marialva, que nos andou mostrando todos os aposentos da casa de campo, que nada tem notavel, excepto uma ou duas vastas salas de bellas e assombrosas proporções.

«Propoz-nos em seguida acompanhar-nos obra de meia milha mais adiante á quinta de Marvilla, propriedade de seu pae. Este sitio tem grandes bellezas pittorescas. As arvores são antigas e de fórma caprichosas, curvando-se por cima de fontes destruidas e estatuas de guerreiros mutiladas, que o lapso dos annos serapintou de innumeraveis tintas de vermelho, verde e amarello. No centro de quasi impenetraveis balsas de louro e buxo alteiam-se extravagantes pyramides de pedra lavrada, que rodeiam leões de marmore, de catadura magica e symbolica. O marquez tem o sentimento delicado de respeitar estes rudes monumentos de uma epoca, em que seus ascendentes praticaram muitos feitos heroicos; e francamente me prometteu nunca as sacrificar, nem as venerandas sombras, que abarcam as ruas, ao gosto ligeiro e loução da moderna jardinagem portugueza.

«Voltamos de passeio para casa por um luar sereno da lua cheia, que despontava detraz dos montes, na opposta margem do Tejo, o qual n'esta extremidade da metropole tem quasi nove milhas de largo. Lisboa, que poucas horas havia me parecêra tão desinteressante, assumiu mui diverso aspecto sob aquelle suave clarão. Os atrios, eirados, capellas e portadas de varios conventos e palacios á borda do rio luziam como edificios de marmore branco, ao passo que as escabrosas ribanceiras e os mesquinhos telhados sobre ellas erguidos quasi jaziam submersos em sombras espessas. O terreiro do paço, por onde seguimos caminho, estava cheio de ociosos de todas as classes e sexos, pasmados para as vidraças illuminadas do palacio, na esperança de ver n'um relance a sombra momentanea de sua magestade, do principe, do confessor, ou das damas, escoando-se d'um para outro aposento, e sendo alvo espaçoso de

vãs conjecturas. Disseram-me que o confessor, ainda que um tanto adiantado na carreira dos annos, está longe de ser insensivel aos engodos da belleza, e segue de janella em janella as nymphas moças do paço com juvenil alacridade.

«Davam as nove, quando entramos em casa, e ainda bem não tinha repousado do passeio, e posto em ordem algumas plantas colhidas nas moutas de Marvilla, tres distinctas badaladas da campainha na minha porta annunciaram a chegada de algum personagem distincto; não me achei burlado, porque era o velho marquez de Penalva, e seu filho, que apenas haverá um anno, antes de lhe conceder a rainha o mesmo titulo do pae, chamava-se Conde de Tarouca.

«Tereis ouvido fallar muito n'aquelle nome, que o avô do marquez velho assaz illustrou em diversas e bem succedidas embaixadas; as suas brilhantes conferencias no congresso de Utrecht vem largamente descriptas na obra de madame de Noyers, e em varios livros de memorias.

«Os Penalvas traziam em sua companhia n'esta tarde um celebre jesuita, padre Duarte, que o marquez de Pombal julgou tão importante, que por dezoito annos esteve encarcerado; e vinha tambem um medico alto, de joelhos desengonçados e faceira rubicunda, vestido de uma andaina magnifica de setim lustroso, um dos mais desastrados e presumidos professores da arte de matar, que eu tenho topado. Entre o jesuita e o doutor não fiz pequeno esforço para manter-me commedido e serio; palraram incessantemente, com pretenções de mui implicita admiração por tudo quanto vinha d'Inglaterra, quer em materia de moveis, quer de bellas-artes, e confundindo nomes, datas e individuos n'uma indigesta mixordia, perguntaram se não era sir Peter Lely o actual presidente da nossa academia real, e espraiaram-se em vivos encomios ao meu compatricio Hans Hobbeim. Pedi licença para certificar a estes complacentes sabios, que o ultimo dos mencionados artistas nascera em Basilea; e que sir Peter Lely tinha morrido ha um seculo. Assombraram-se algum tanto com esta informação; apesar d'isso continuaram na cantilena á solta, disparando uma bateria de cumprimentos empolados ácerca do nosso progresso nacional em pintura, relojoaria, fabrico de meias etc. a tempo que entrou o general Forbes, e operou uma diversão a meu favor. Conversámos um pouco sobre o estado presente de Portugal, e os riscos que corre de ser absorvido pelas negociações, não pelas armas d'Hespanha, no lapso de poucos annos.

«O nosso discurso foi interrompido pela vinda de um rabequista, um padre e um musico italiano, humildes criados e commensaes aduladores de minhas illustres visitas; deram rijas taponas no meu pobre piano forte, e tocaram symphonias quer eu quizesse, quer não. Bem sabeis quão pouco sou apaixonado de sonatas, e que certos meios tons e guinchos de rebeca, quando o musico revira as alvas dos olhos, torce o besuntado queixo, e affecta extasis, fazem-me embotar os dentes na bocca; a crispatura do doutor já era de sobejo para produzir o effeito sem o reforço de seus companheiros parasitas, o padre e o musico. O jesuita, ao que parecia, via-os com tão bons olhos como eu; o general Forbes fez uma prudente retirada; e o marquez velho, inspirado por um pathetico adagio, percorreu de subito a sala n'um passo, que eu to-

mei pela abertura de um bailado heroico, e que porém desandou n'um minuete á moda portugueza com todos os pinotes e requebros, ao qual foi convidada parceira Miss S. *** que viera ao chá, e que accedeu muito contra seu gosto. Inda bem não tinham concluido, o doutor alardeou a sua lugubre e esguia pessoa n'um arrebatado minuete *anguloso*, que não tenho expressões para descrevel-o; de fórma que entre as artes irmãs, a musica e a dança fizeram-me passar uma *deleitavel* noite!»

CARTA XI

S. José de Ribamar — Hospitalidade portugueza — O almoço — Outra vez o bispo do Algarve

2 *de julho de* 1787.

«Accordou-me de noite o horrido alarido dos cães; nem aquella infernal matilha, que Dryden nos descreve em seu divino conto de Theodoro e Honoria acompanhando em todas as sextas feiras um phantasma uivava mais espantosamente; Lisboa é infestada, como nenhuma das capitaes, que tenho habitado, por bandos d'aquelles animaes semi-famelicos, que com tudo são d'alguma importancia e utilidade, limpando as ruas d'alguma parte, ao menos, de seus fetidos entulhos.

«Verdeil, que dormiu tanto como eu, por causa d'uma furiosa batalha, longamente protrahida entre dois troços dos taes cerberos, persuadiu-me a erguer-me com o sol, e passeiar a cavallo pelas praias de Belem, que appareciam em todo o seu esplendor matutino; era bello ver a côr variegada do firmamento com as nuvens radiantes de purpura orladas d'oiro, e o mar coalhado de innumeraveis embarcações de differentes portes, fazendo espadanar a espuma em todas as direcções, ao passo que as vagas á foz do porto se agitavam violentas.

«Para variar um tanto a nossa excursão nos afastámos do transito commum, e visitamos o convento de S. José de Ribamar. O edificio é irregular e pittoresco, levantado n'uma eminencia ingreme, tendo nas costas a sua matinha d'olmos, louros e olaias. Fomos recebidos pelos frades risonhos e simples, n'um pequeno pateo dos claustros sustentados em pezadas columnas toscanas. No meio d'um repuxo, borrifando a profusão das flores, dava um aspecto oriental a ésta pequena claustra, que excessivamente me agradou; os frades pareciam conscios de seu merecimento, porque a conservavam soffrivelmente limpa, que é o mais que posso dizer do seu jardim.

«Trepadeiras e aloes anões quasi impediam a passagem para a mata, delicioso retiro, refugio e conforto de metade dos passaros d'aquelles contornos graças á preguiça fradesca, os arbustos estão por tosquiar, e invadem á vontade as ruas, que ficam sobranceiras ao mar de um modo assaz romantico.

«Os frades quizeram mostrar-nos o seu jardim, que é um bonito terraço, bem calçado de tijolo, entremeado de lavores n'um estylo, que eu conjecturo tão antigo como o dominio dos mouros em Portugal; limoeiros e larangeiras em latadas forram os muros, e teem quasi tomada a melhor parte de um lustroso embrexado, em que os incrustára um reverendo padré ha dez ou

«Achei o jardim em excellente ordem, e florescentes em quantidade as plantas, vegetando entre os renques de larangeiras e limoeiros. Tal é influencia do clima que as gardenias e plantas do Cabo, que eu trouxe de Inglaterra ainda com troncos despidos, estão cobertos de lindas flores. Os malvaiscos e algumas variedades de milho, semeiadas pelo meu jardineiro inglez, cresceram a extraordinaria altura, e começam já a formar avenidas sombrias e selvas, onde os rapazes podem á sua vontade jogar ás escondidas.

«Tendo consumido meia hora na observação d'estas coisas, metti-me na carruagem com o marquez, e partimos para a sua quinta, creação nova, que lhe tem custado muitas mil libras sterlinas: ainda ha cinco annos era um cabeço maninho, alastrado de sebes e fragmentos de penedos. Ao presente achaes um elegante pavilhão desenhado por Pillement, e adereçado com elegancia, um jardim com estatuas e fontes, ruas densamente guarnecidas de loiro, buxo e cedro, cascatas, arvoredo, o buxo tosqueado de differentes feitios, e todos os ornamentos, que se podem apetecer no gosto da jardinagem portugueza.

«Jantámos n'uma aceiada e commoda hospedaria, situada ao meio da povoação de Cintra. A rainha tinha ultimamente doado ao marquez aquella casa e a grande porção de terreno adjacente. Das suas janellas contemplaes profundos algares e empinadas encostas de matos e florestas, variegados com pedras musgosas e caducos castanheiros.

«Assim que o sol declinou, fomos para Collares, e passeiamos no eirado pertencente a Mr. la Roche, negociante francez, que mostrou alguns visos de gosto no arranjo da sua quinta.

«As matas de pinhaes e castanheiros elevando-se das fendas da penedia, crescendo umas em sucalcos acima das outras até consideravel altura, dão a Collares o aspecto d'uma aldeia dos Alpes. Innumeraveis arroios, sobre os quaes se debruçam sobreiros e esgalhados limoeiros, rompem pelos arruinados muros da banda da estrada, e espadanam em tanques de marmore. Um valido do defunto rei, que tem n'estes suburbios uma vasta fazenda, nos convidou com muita attenção e urbanidade para o seu jardim; imaginei que entrava nos vergeis de Alcinoo; os ramos curvavam-se ao peso dos pomos, o mais leve abalo alastrava o chão de ameixas, damascos e laranjas.

«Esta quinta ufana-se d'uma grande cascata artificial com tritões e golphinhos vomitando torrentes d'agua, mas não lhe prestei metade da attenção, que o proprietario esperava, e acolhendo-me á sombra das arvores fructiferas regalei-me de doiradas maçãs e purpureas ameixas, que em tanta profusão caiam ao redor de mim: o marquez, que participa com a maior parte dos portuguezes da extremada predilecção pelas flores, atulhou de cravos e jasmins a carruagem. Nunca vi plantas tão assignaladas em crescimento e vigor como as que tiveram a boa sorte de ser semeadas n'este afortunado torrão, cuja exposição é notavelmente propicia, abrigada por oiteiros declives, e defendida com o espaço de algumas milhas de matas e pomares. Não sentia a menor vontade de largar um sitio tão favorecido da natureza, e M. *** se jacta de que eu me tentasse a comprar esta fazenda.

«O vento tornou-se incommodo, quando subiamos a eminencia coroada pela quinta de Marialva; a atmosphera estava cristallina, e o sol declinava radiante. O convento de Mafra ao longe scintillando com vivo fulgor, similhava o palacio encantado d'um gigante, e o terreno circumvisinho desbotado e esteril, era como se o monstro o tivesse devastado.

«Para descançarmos um pouco do nosso veloz passeio entrámos no pavilhão, que eu já disse ter sido delineado por Pillement: representa uma rua de phantasticas arvores Indicas, que entrelaçando os ramos superiores convergentes formam arcos abaulados, descobrindo-se pelas roturas dos intervallos o ceu d'um tempo estivo; da bocca d'um dragão volante pende um magnifico lustre para cincoenta lumes, ornado de festões de cristal, que rutilam como collares de diamantes. Detivemo-nos n'esta sala do mirante até o cair das sombras.

«Os pagens cavalgavam adiante levando archotes, e o vento nos atirava á cara com o fumo e fagulhas; de modo que eu vinha atordoado, embruxado, experimentando taes sensações, como as d'um noviço em feitiçaria montado pela primeira vez á garupa d'uma bruxa a correr por matagaes. Em menos d'uma hora tinhamos galgado ruidosamente doze milhas de aspera e desegual calçada, trepando e descendo ingremes cabeços n'um galope convulsivo, em que eu esperava por momentos estirar-me de nariz no chão: mas felizmente as muares eram escolhidas d'entre um cento, e nunca tropeçaram.

«Nos altos d'Ajuda senti o ar muito fino e penetrante.»

CARTA XIII

Palacio real de Cintra, e capella real — O consul hollandez Guildmeester

24 de julho de 1787.

«Vacillei por alguns momentos se encaminhasse os passos do meu cavallo para o Penedo dos Ovos,[1] ou para o outro lado da montanha até á Peninha, Conventinho dos Jeronymos, e dependencia da sua principal acolheita, Penha Longa; porém Marialva, que encontrei com toda a sua comitiva de cavalhariços e picadores saindo da quinta, resolveu-me a deixar caminhos de cabras, e a acompanhal-o ao paço, que eu ainda não tinha visitado interiormente.

«O proprio Alhambra de raro será mais serraceno em materia de architectura do que esta confusa molle, que parece brotar do cimo da rocha, em que assenta, desabrochando n'uma variedade de recantos e projecções. De milhares de miserias foram testemunhas estas venerandas paredes, fechadas por uma ordem de seguras arcadas, e que repartem uma extremidade da casa grande em dois ou tres aposentos medianos, como guarda-roupas d'um theatro. As frestas, n'um phantastico estylo oriental, em recortes deseguaes e laçarias sustentadas em pilares espiraes e de marmore liso, são maravilhosas e campeiam sobre vistas romanticas dos fraguedos e da povoação de Cintra. Alguns pateos irregulares e lojas, formados pelos angulos quadrados dos tor-

[1] *Panorama* de 1856 (XIII), pag. 6.

reões, aviventam-se com fontes de marmore e de bronze doirado, que despejam de continuo copiosos jorros d'agua mui pura.

«Uma especie de deposito de comprimento tal, que se póde quasi denominar canal, continuado em toda a extensão da casa grande, é como um paraizo de cardumes dos maiores e mais brilhantes peixes doirados e prateados, em que tenho posto a vista. O susurro dos repuxos, que resaltam d'este canal, os borbotões deslisando por degraus, e em bacias de marmore polido, o brilho e o giro veloz dos peixinhos, o admiravel contraste da luz e da sombra produzido pelo intrincado labyrinto de arcarias e columnas combinam-se para formar uma scena magica, como as que ás vezes se nos figuram em sonhos, mas que mal presumimos realisaveis. Reina uma sobriedade de matiz nos marmores, um mysterio nos aposentos opacos e reconditos vistos em perspectiva; é tão solemne a côr das aguas quasi proxima da negridão na parte, a que fazem sombra os altos do edificio, que eu não posso deixar de achar-lhes superioridade a todo o esplendor e labyrinto das mais afamadas construcções mouriscas de Granada e de Sevilha.

«A sumidade rasa d'um dos mais altos eirados, nada menos de cento e cincoenta pés acima do nivel do chão, está preparada como um elegante jardim, que se estende á similhança d'uma alcatifa bordada diante do portal de um immenso torreão quadrado, que é quasi todo occupado por uma sala, cujo remate é uma cupula das mais singulares; entre as volutas dos arabescos, que a enfeitam, apparecem os brazões das principaes casas nobres portuguezas: a divisa da desventurada familia Tavora foi apagada, e o vão, que occupava, está em branco. Subimos ao terrado e ao torreão por uma d'essas escadarias empinadas, e em volta de caracol, que abundam no palacio, e prendem com passagens de abobada por um modo secreto e suspeitoso.

«O marquez indicou-me o pavimento ladrilhado d'um pequeno quarto, poido e gasto pelos passos de D. Affonso VI, que em tão estreito espaço esteve recluso muitos annos.

«Descendo d'alli vimos o interior da capella, não menos singular na fórma e construcção do que o restante do edificio. O tecto baixo e chato, bem como as intersecções dos arcos, aproximam-se muito do estylo das mesquitas: mas a barbarica profusão de oiro, e ainda mais barbaras pinturas, de que estão cheios todos os apainelados, quasi póde suppôr-se obra de artistas chingalezes ou indostanicos, e trazem-me á idéa os subterraneos pagodes, onde sua magestade diabolica recebe homenagens sob a fórma de Shiva ou de Budha.

«O brilho original de toda esta extravagante capella acha-se grandemente amortecido pelo fumo dos lampadarios, que ardem ha seculos em frente do altar, mysterioso composto de obra de talha e de estatuaria em perfeita consonancia, no que toca a estylo carregado e inculto, com todos os objectos alli existentes. Diz-se que estando ajoelhado ante este mesmo altar o joven, impetuoso e cavalleiro D. Sebastião, recebera aviso sobrenatural para desistir da fatal expedição d'Africa, que lhe custou a corôa e a vida, e que um espirito heroico tem em mais elevada estimação, do que a fama immortal, que segue as emprezas bem succedidas.

«Uma coisa, que difficil me seria descrever, certa melancolia oppressiva parece impendente sobre esta capella, que, segundo imagino, jaz ainda pelo mesmo gosto, em que a deixou o malfadado D. Sebastião. A falta da livre circulação do ar, a nuvem pezada de incenso, atacam-me os musculos da cabeça tão desagradavelmente, que muito me apraz abalar e seguir o marquez aos quartos preparados para a rainha e infantas. Estes são agradaveis e bem ventilados; em vez de os guarnecer de ricos pannos de raz, representando aventuras de cavalleiros e heroes, os armadores da casa real andavam azafamados a forrar as fortes paredes com esplendidas sedas e setins das mais brandas e mimosas côres. Não vi moveis dignos de menção, nem uma pintura, nem um traste rico de gabinete; e não havendo que vêr, pequena foi a nossa demora.

«Assim que o marquez deu algumas ordens, que lhe encarregára a sua real ama, voltámos ao Ramalhão, onde nos esperavam Horne e o consul hollandez, altercando ácerca de seguros, percentagens, commissões e outras especulações commerciaes. Eu tinha persuadido o marquez a acompanhar-me ámanhã a casa do consul, M. Guildemeester; é o dia dos annos d'este velhote, e elle inaugura a sua casa nova com baile e ceia. Teremos uma bonita amostra de senhoras de negociantes, escreventes e caixeiros, alguns agentes do corpo diplomatico, e sabe Deus quantas mil libras de pezo de gordos mercadores hollandezes.»

CARTA XIV

Dia de gala — Funcção de annos do consul Guildemeester — Dois caracteres oppostos

25 de junho de 1787.

«Grande gala, a que o marquez vae assistir; este abençoado dia não só deu nascimento a Guildemeester, mas tambem á princeza da Beira. Vamos jantar com a marqueza. Uma banda de musica regimental de caminho para casa de Guildemeester, começou a tocar no pateo, e fez sair um d'esses curiosos enxames de gente de todos os sexos, edades e côres, que esta bemfazeja familia tanto gosta de agasalhar. D. Henriqueta está sentada nos degraus, que sobem para o grande mirante, cochichando com algumas das suas criadas validas, que á maneira do côro na antiga tragedia grega, de continuo davam a sua opinião sobre o que vinha apparecendo.

«No momento, que D. Pedro e eu nos dispunhamos a partir para o baile dado pelo velho consul, agradavelmente nos tomou de subito a chegada do marquez, que se tinha safado do paço muito mais cedo do que esperava. Conduziu-o na minha carruagem á residencia de Horne, onde tomámos chá no terraço, do qual se descortina a vista mais romantica de Cintra, a vastidão das cimas de arvoredo com variada folhagem, marachões seguros pelas raizes enleiadas, troncos de enormes castanheiros de mistura com os salgueiros, chorões da mais viçosa verdura, e limoeiros vergando com o fructo. Muito acima d'esta scena silvestre alteam-se tres fendidos pinaculos de rocha, distinguindo-se o do meio pelas torrinhas e recinto de Nossa Senhora da Penha, convento de Jeronymos, frequentemente escondido nas nuvens. Encosto-me a um sobreiro, que dilata os ramos cobrindo quasi toda a varanda, afim de gozar

d'aquella vista, e de observar no meu remanso as exquisitas figuras hollandezas, inglezas e portuguezas, que passavam para casa de Guildemeester. Este carreiro de pessoas era bastante variado para me entreter por algum tempo.

«M. *** não se impacientava, nem se incommodava por coisa alguma. Tendo dado entrada seu cunhado S. *** V. *** a quem elle professa mortal aversão, as forças da luz e da sombra, se fossem personificadas, não exhibiriam mais saliente contraste do que estes dois personagens; M. *** todo elle inculcando benignidade, e S. *** V. *** todo malevolencia. E de certo se metade das atrocidades, que a voz publica attribue a este fidalgo são verdadeiras, não maravilhará o negrume de vingança e tyrannia tão profundamente assignalado em cada linha da sua physionomia.

«Aproveitando a primeira opportunidade atravessámos becces escuros e medonhos, admiravelmente adequados a proezas como aquellas, a que acíma alludimos, e corremos o risco de saltar a pés juntos uma regueira, quando estavamos quasi batendo á porta do velho consul: o terreiro defronte d'esta casa nova está na peior desordem, o edificio pouco mais tem do que as paredes nuas, e achava-se muito mal alumiado.

«Pelo que toca á companhia, achei-a exactamente como a esperava. Madame G *** que é senhora de penetração e discernimento, fez as honras de casa com desembaraçada affabilidade, e prestou a suas principaes visitas as mais distinctas attenções: ha uma certa agudeza original em todas as suas observações, que me agradou muito: não pertencendo á laia dos indulgentes, reforçou Verdeil em cortar pela pelle da gente mercantil. M *** deu-lhe o braço, quando fomos á ceia; e esta parte da funcção foi magnifica; havia uma brilhante illuminação, immensa profusão de iguarias n'uma mesa tão vasta, as mais delicadas, que se podiam obter, e um apparato de dessér de 50 ou 60 pés de comprimento, todo lustroso de figuras burnidas e vasos argentinos de flôres.»

CARTA XV

A musica da capella real — O arcebispo ministro — Proposta de jornada a Mafra

26 *de agosto de* 1787.

«A musica de capella da rainha de Portugal é por certo a primeira da Europa quanto a excellencias vocaes e instrumentaes: nenhum outro corpo similhante, nem a capella pontificia, apresenta uma tal reunião de admiraveis musicos. Para onde quer que sua magestade vae estar, elles acompanham-a, ou á caça d'altaneria em Salvaterra, ou á busca de saude nos banhos das Caldas; até para o meio d'estas agrestes fragas e montanhas vem cercada d'um côro de mimosos cantores, que engordam como codornizes, e gorgeiam com tanta melodia como rouxinoes. Os rebecas e rebecões de sua magestade deixam a perder de vista todos os de primeira ordem, e o seu viveiro de tocadores de oboés e flautas não tem rival.

«O marquez de M. *** na qualidade de primeiro camarista e estribeiro-mór, e tambem como primeiro valido entre os nobres, goza decisiva influencia sobre todo aquelle imperio de vozes harmoniosas; e teve para comigo tanta

bondade, que me facilitou participar d'essas bemaventuranças musicaes, sendo permittido desfructar, onde me aprouvesse, uma banda escolhida de tão estupendos executantes. Exactamente na manhã de hoje, e para minha vergonha o consigno, passei quasi horas e horas no meu pavilhão de novo composto, sem ler uma palavra, escrever uma linha, ou entrar em conversação, absorvidas todas as minhas potencias d'alma na harmonia dos instrumentos de vento, postados os instrumentistas a distancia n'um macisso de larangeiras e loureiros, não por falta de proposito ás vezes de me esquivar á magia dos tons; mas tantas vezes voltava, quantas forcejei por evadir-me. Se eu consultasse sãmente o meu entendimento, despediria os musicos; os seus insinuantes tons maviosos despertaram-me longa série de melancolicas lembranças, e pela força das idéas associadas prostraram-me em estado de abatimento e tristeza.

«O meu excellente amigo o prior d'Aviz praticou um verdadeiro acto de amizade tirando-me quasi á força do meu retiro, e subtrahindo-me aos meus devaneios: insiste que o acompanhe a casa do arcebispo, onde vae fazer-se o ensaio d'um conselho, que devia celebrar-se perante a rainha, e para isso estão reunidos os ministros d'estado com os seus sub-secretarios. Taes congregações são novas para o bom do velho confessor, que acaba de ser investido da suprema direcção do gabinete muito contra sua vontade: bem conhece quanto valem a commodidade e o socego para deixar de lamentar tão violento desvio dos seus ordinarios habitos de viver. Achamol-o, por tanto, como era de esperar, inquieto e irritado, rubro até á raiz do cabello, côr que muito e muito contrastava com seus largos vestidos de flanella branca, que elle a miudo sacudia e amarrotava, batendo mais de uma vez com vehemencia na volumosa barriga, que, não obstante declarar elle ter esperado uma hora fóra do costume para sua completa repleção, de nenhum modo soava como tonel vazio. Comtudo o rifão velho — pança gorda, cabeça ouca — não lhe póde ser applicavel: foi tão benigno e confidencial, que me expoz ao summario o que lhe haviam representado as differentes repartições publicas, e fel-o com muita clareza e tino. Não obstante o interesse, que devia excitar esta singular communicação, não lhe prestei metade da attenção que merecia; ainda me dominavam as impressões, que de manhã me ficaram da musica de Haydn e Jomelli. O grão-prior conhecendo que a politica não as dissiparia, foi consultar o seu sobrinho, que aconteceu achar-se então no aposento da rainha, e voltou com a proposta de que tendo eu ha muito expressado o desejo de vêr Mafra, se pozesse em execução ámanhã este intento; assim o ajustámos.»

CARTA XVI

Excursão a Mafra

27 de agosto de 1787.

«Mettemo-nos na carruagem ás 9 horas, apezar do vento, que nos açoitava a cara. [1] A distancia da quinta, onde eu habito, a este convento, é de quasi quatorze milhas inglezas, e a estrada, que por fortuna nossa tinha sido con-

[1] *Panorama* de 1856, pag. 286.

certada, atravessa um territorio descoberto e tostado, por onde se vêem espalhados escassamente alguns moinhos e logarejos. O retrospecto para os silvestres declives e ponteagudas rochas de Cintra é bastante agradavel; mas, quando olhavamos para diante não póde conceber-se coisa mais árida e descolorida. Graças ás mudas de cavalgaduras progredimos rapidamente, e em menos de cinco quartos de hora nos achámos junto á grossa parede, que abraça os oiteiros, e fecha a tapada de Mafra.

«Então descobrimos n'um relance de olhos as torres marmoreas e o zimborio do convento, realçado pelo espaço azul celeste do oceano, assoberbando as summidades das eminencias matagosas, e variando a scena aqui e acolá as copas fechadas dos pinheiros, e as verticaes pyramides dos cyprestes. Ainda se não viam os tectos do edificio, e continuámos por algum tempo a costear as ondulosas ladeiras da tapada primeiro que as descobrissemos. Um piquete de leigos esperavam para abrir as portas da real cêrca, tristemente ennegrecida pelo fogo, que haverá um mez consumio grande parte da mata e verdura. A nossa chegada deu terrivel rebate aos bandos de corças, que pacificamente pasciam n'uma encosta mais viçosa, que as circumvisinhas: fugiam a toda a pressa, e refugiaram-se n'uma brenha de pinheiros meio queimados.

«Tendo rodeado a muralha do jardim grande, torneámos de subito o angulo, e se nos descobriu uma das vastas fachadas do convento, similhando uma rua de palacios. Não pretendo que o estylo do edificio seja digno da inteira approvação do conhecedor da genuina architectura grega: as portas e janellas são na maior parte de fórmas caprichosas, mas pelo menos bem proporcionadas. Admirava eu a ampla fileira d'ellas á proporção que ia passando rapidamente, quando ao virar do soberbo pavilhão quadrado, que flanqueia o edificio, a principal frente se patenteou á minha vista na extensão de oitocentos pés. O centro é formado pelos porticos da egreja, ricamente adornados de columnas, nichos e baixos relevos de marmore. De cada lado duas torres, algum tanto similhantes ás de S. Paulo em Londres, elevam-se á altura de quasi duzentos pés, e juntando-se a este enorme corpo, o terminam á direita e á esquerda, com seus magestosos pavilhões. As torres são esbeltas, graciosas, carregadas de pilastras notavelmente bellas; mas a sua figura em geral atira muito para o estylo de pagode, carece de solemnidade: contem muitos sinos das maiores dimensões e o famoso carrilhão, que custou alguns centos de mil cruzados, e tocava na occasião, em que se participou a nossa chegada.

«O adro e o lanço de escada em frente dos porticos do templo são admiravelmente espaçosos; e o zimborio, que arrogante campeia acima do remate do frontispicio, merece gabos pelo que tem de ligeiro e elegante.

«Alonguei a vista pela extensão ampla do palacio para ambos os lados, até fatigar-se, folgando depois de retiral-a do esplendor deslumbrante do marmore e da confusão dos ornatos de esculptura, pondo os olhos na azulada vastidão do oceano distante. Defronte d'esta colossal fabrica estende-se um grande terreiro nivelado, na extrema do qual se vêem dispersas algumas casas caiadas. Posto que estas de nenhum modo sejam mesquinhas, parecem, em contraste com a immensa mole, que lhe fica proxima, como as barracas dos

trabalhadores, pelas quaes as tomei á primeira vista, e não pouco me admirei quando ao chegar mais ao perto conheci as suas verdadeiras dimensões.

«Poucos objectos fazem interessante a vista do terreiro de Mafra: vêdes os telhados de uma villa de pouca monta, e as encostas areientas, além das quaes se divisa o mar sem limites: á esquerda fecham o horisonte as alcantiladas serranias de Cintra, e sómente á direita um pinhal na dilatada fazenda do visconde de Ponte de Lima, dá algum pequeno refresco aos olhos.

«Para nos abrigarmos do sol, que dardejava com força sobre nossas cabeças, entramos na egreja, passando por debaixo d'aquelle sumptuoso portico, o qual não poucas lembranças me dá da basilica de S. Pedro, sendo povoado de estatuas de santos, cinzeladas com extremo primor e delicadeza.

«A primeira vista da egreja é magestosa. Dá logo nos olhos o altar-mór com duas magnificas columnas de marmore vermelho e variegado, ambas inteiriças, e de trinta pés d'altura. Trevisani pintou magistralmente o retabulo, que representa Santo Antonio no extasi de tomar nos braços o Menino Jesus, baixando á sua cella cercado da refulgencia da gloria.

«Por ser ámanhã festa de Santo Agostinho, cuja ordem religiosa está actualmente de posse d'este mosteiro, appareceram todos os candelabros aureos e cirios accesos. Tendo-nos demorado poucos minutos no meio d'esta esplendida illuminação, visitámos as capellas collateraes, enriquecidas de perfeitissimos baixos relevos, e com soberbos arcos de marmore preto e amarello, de ricos veios, e tão perfeitamente polido, que reflecte os objectos como espelho. Nunca observei um conjuncto de formosos marmores como o que resplandecia por cima, abaixo e em redor de nós; o pavimento, a abobada, a cupula e até o lanternim do remate são forrados dos mesmos preciosos e duraveis materiaes, rosas e grinaldas de palmas de marmore, mui primorosamente lavradas enriquecem todas as partes do edificio. Nunca vi capiteis corinthios melhor modelados, nem esculpidos com a maior precisão e engenho, do que os das columnas, que sustentam a nave.

«Satisfeita a nossa curiosidade pelo exame de varios ornamentos dos altares, seguimos o nosso conductor por um extenso corredor coberto á sacristia, casa magnifica de abobada, apainelada com almofadas de algumas variedades mui bellas de alabastro e porfido, e alcatifada como a capella adjacente com grande fausto. Passámos por mais alguns repartimentos e capellas, adornado tudo com egual pompa, até que nos achámos cansados e desgarrados como cavalleiros andantes no labyrintho d'um palacio encantado.

«Começava a persuadir-me que não tinham fim aquellas espaçosas casas. O frade, que nos precedia, homem de bom genio e velho baboso, tendo para si que nós não percebiamos palavra da sua lingua, tentava explicar-nos os objectos por signaes, e quasi que não dava credito aos proprios ouvidos perguntando-lhe eu em bom portuguez, quando acabariamos de ver capellas e sacristias. O velho parecia muito agradado dos meninos, como elle nos chamava a mim e a D. Pedro, e para nos dar occasião de estendermos as pernas, caminhava com tal desembaraço, que o marquez e Verdeil lhe desejavam por premio o purgatorio: é certo que avançámos em tão veloz escala, que n'um ou

dois minutos galgavamos de cabo a cabo um dormitorio de seiscentos pés de comprimento. Estes vastos corredores e as cellas, que com elles communicam em numero de trezentas são todas como arcadas, e de construcção sumptuosa e solida; cada cella, ou antes camara, pois que sendo bastante espaçosas, de bom pé direito e com muita claridade merecem tal denominação, é guarnecida de mezas e contadores de madeira do Brazil.

«Exactamente ao entrarmos na livraria, o abbade revestido das vestes de sua dignidade veiu dar-nos as boas vindas, e convidar-nos a jantar com elle no refeitorio amanhã, dia de Santo Agostinho, o que parece ser um rasgado obsequio. Comtudo julgámos conveniente recusar esta honra, receiosos de que para gosal-a perdessemos pelo menos duas horas, e ficassemos meio cosidos pelo vapor de enormes vitellas, perus e leitões, de antemão engordados para esta solemne occasião.

«A livraria é de prodigiosa extensão, nada menos de trezentos pés, o tecto de abobada d'uma forma agradavel, bellamente estucado, e o pavimento de marmore branco e vermelho: não póde dizer-se o mesmo a respeito das estantes dos livros; são d'um desenho vulgar, toscamente executadas, e escurecidas por uma galeria, que corre toda a sala d'um modo desengraçado. A collecção, que consta de perto de sessenta mil volumes, acha-se ao presente aferrolhada n'uma serie de quartos, que tem serventia para a bibliotheca. Algumas das primeiras edições dos classicos gregos e romanos, muito bem conservadas, e ricamente illuminadas me apresentou o padre bibliothecario; mas o nosso lesto conductor não me deu tempo d'examinal-as.

«O nosso conductor partiu de carreira, e subindo uma escada de caracol nos conduziu ao terraço, largo e plano, fechado por uma balaustrada magnifica, desembaraçado de chaminés, d'onde se vêem d'alto a baixo os pateos, o jardim, a horta [1].

«D'esta elevação toda a planta do edificio se comprehende n'um relance de vista. No centro avulta o zimborio, como um formoso templo d'entre os espaçosos muros d'uma quinta real. É infinitamente superior, no que toca ao desenho, ao resto do edificio, e póde de certo ser reputado como o mais esbelto, mais proporcionado dos que ha na Europa. D. Pedro e mr. Verdeil propozeram subir uma escada, que vae ao lanternim ou claraboia; mas eu pedi desculpa de os não acompanhar, e diverti-me durante a sua ausencia andando de uma banda para a outra, profundando de vez em quando á vista nos objectos, que estavam lá tão em baixo, e frequentemente contemplando as torres, que resplandeciam com o brilho do sol, e o azul ferrete do mar ao longe. Uma viração fresca e balsamica, emanada dos pomares de laranja e limão me recreava ao parar nos degraus do zimborio, e modificava o ardor da calma estiva.

«Breve me tirou d'esta pacifica e desassombrada situação a confusa matinada de todos os sinos, seguindo-se-lhe uma complicada sonata, tangida com grande proficiencia. O marquez, que tambem subira comnosco, de proposito

[1] *Panorama* de 1856, pag. 315.

para no proprio manancial gozar d'esta catadupa de sons, que algumas pessoas chamam melodiosos, quiz que eu me aproximasse para examinar o mechanismo; fiquei meio atordoado: sou na verdade pouco entendedor de carrilhões e sinos, e não tenho pena da perda d'um divertimento de campanario; porém o meu amigo, que herdou uma natural inclinação mechanica de seu pae, famigerado patrono dos sinos e relogios, investigou cada roda com muita attenção. Acabada a sua revista, descemos innumeraveis escadas, e recolhemos a casa do capitão-mór, cuja jurisdicção se estende á tapada e ao districto de Mafra; tem sete ou oito mil cruzados por anno, e a sua habitação manifesta todas as apparencias de commodidade e abastança; o soalho é coberto de esteiras finas, e as portas e janellas armadas com cortinas de damasco vermelho. As nossas camas, novas á estreia, estavam alastradas de cobertores de seda com ricas bordaduras e franjas: serviram-nos uma comida opipara, e muito melhor sobremesa, do que os proprios frades nos poderiam ministrar, tomando o capitão-mór os pratos das mãos da longa serie de seus criados, e pondo-os elle diante dos convidados, inteiramente ao modo feudal.

«Tomado o café apressamo-nos a ouvir as vesperas na egreja do convento; caminhando entre as ordens de capellas illuminadas fomos occupar assentos na real tribuna; e logo entraram os frades processionalmente, precedendo o abbade, que subiu á cadeira prelaticia, com uma fileira de sacristas a seus pés, e de conegos á mão direita; as vestes e paramentos eram de brocado d'oiro. Cantou-se o officio com summa solemnidade ao formidavel som dos orgãos, pois que ha na egreja nada menos de seis, e todos de tamanho desmesurado. Acabado este, e novamente guiados pelo activo leigo, fomos conduzidos por uma escadaria magnifica ao palacio. Os aposentos occupam o espaço de sete centos ou oito centos pés; e a quasi interminavel successão de portas magestosas, vista em perspectiva, causa assombro; em pouco tempo cansados de meramente admirar concordámos em que eram as casas mais enfadonhas e menos commodas, que temos visto; não ha variedade na fórma, e pouca nas dimensões. Estando agora guardadas em Lisboa todas as colgaduras predominava geral nudez; nem um nicho, nem uma moldura interrompe a tediosa uniformidade das despidas paredes brancas.

«Folguei da volta ao convento, e de refrigerar os olhos com a vista das pilastras de marmore, e os pés pisando alcatifas da Persia. Por onde quer que andavamos, em cada cella, passagem, capella, sacristia ou sala, seguia-nos uma extraordinaria mistura de frades curiosos, sacristães, leigos, individuos da justiça e de clerezia, e casquilhos da terra com seus espadins e rabichos. Se acontecia fazermos alguma pergunta, meia duzia d'elles todos a um tempo afinavam o gasnete para dar resposta. O marquez completamente molestado de andar de batida e com tanto tumulto, tentou por varias vezes esquivar-se á turba, dando voltas rapidas ora para uma, ora para outra parte: mas elles atrelados aos nossos calcanhares baldavam-lhe as diligencias, e engrossava o tropel a tal ponto, que parecia estar varrido de seus moradores todo o convento e a povoação, para andarem atraz de nós por uma das sobrenaturaes attracções, que lemos nos contos e romances.

«Por fim percebendo uma larga porta aberta para o jardim, saimos por alli de subito; embrenhando-nos em um labyrintho de murtas e loureiros, assim nos desembaraçámos dos nossos perseguidores. A cerca, que terá obra de milha e meia de circumferencia, comprehende além de matas de pinheiro bravo e de loireiros, alguns pomares de limão e laranja, e dois ou tres taboleiros de jardim mais cheios de hervas, que de flores: muito me desagradou achar este formoso recinto despresado tão miseravelmente, e suas viçosas plantas mirrando-se á falta de serem convenientemente regadas.

«Podereis suppor que ajuntando um passeio nas principaes ruas do jardim ás outras nossas peregrinações começamos a sentir-nos algum tanto fatigados, e não desgostámos de descançar no aposento do abbade, até que de novo fomos convidados para a tribuna a ouvir cantar matinas. Cerrava-se a noite; e os innumeraveis brandões accesos nos altares, e por toda a egreja diffundiam já uma luz mysteriosa. Outra vez os orgãos tocavam em cheio, e as longas fileiras de frades e noviços vinham entrando a passos lentos e graves, o abbade reassumiu o seu throno com egual pompa á das vesperas: o marquez resmontava as suas orações, o grão prior rezava pelo breviario, e eu embebi-me em vagos pensamentos por tanto tempo, quanto durou o officio, isto é, quasi duas horas. Verdeil semi-morto de enfadamento, não poude aturar o calor da tribuna, nem a nuvem de incenso, que toldava o côro baixo, e foi respirar mais livre ar no corpo da egreja e capellas adjacentes.

«Era perto das nove quando os frades, tendo cantado um solemnissimo e mui sonoro hymno em louvor do seu venerando patriarcha Santo Agostinho, largaram o côro: acompanhámos a sua procissão pelas altas capellas e arcadas dos claustros, os quaes com luz fraca parecia não terem tecto nem fim, até entrarmos n'um octogono de quarenta pés de diametro, com fontes nos quatro principaes angulos, dispersando-se a lavar as mãos n'estas, os monges ordenaram-se outra vez em prestito, e passaram a dois e dois por um portal de trinta pés de altura para uma espaçosa casa, que communica com o seu refeitorio por outra portada das mesmas elevadas dimensões; ahi fez uma pausa a procissão, por ser logar dedicado á recordação dos finados, e por isso se chama á casa *De profundis*. Antes de cada comida usam os monges estarem de pé em sisudas fileiras em volta do refeitorio, silenciosos passando pela idéa quão precaria é a nossa fragil existencia, e deprecando pela salvação das almas dos seus predecessores.

«Não pude deixar de penetrar-me de reverencia vendo á luz scintillante dos lampadarios tantos vultos veneraveis, com seus habitos pretos e brancos, de olhos inclinados para o chão absortos na meditação mais espiritual e melancolica.

«Findo o momento destinado a esta solemne rogativa cada um tomou seu logar nas compridas mesas do refeitorio, feitas de madeira do Brazil, e cobertas com alvissimas toalhas. Cada religioso tinha sua garrafa de agua e vinho, seu prato de maçãs, e salada postas diante de si; não havia manjar de peixe ou de carne, porque a vigilia de Santo Agostinho guardava-se com o mais rigoroso jejum.

«Para gosarmos n'um lanço geral d'olhos este singular e magestoso espectaculo, retirámos para o vestibulo anterior ao octagono, e alongámos a vista por todas as portadas e os renques de candelabros até dentro do refeitorio, que em razão de seu grande comprimento, nada menos de duzentos pés, simulava rematar em ponta. Demorando-nos alguns minutos a desfructar esta perspectiva, vieram depois quatro frades com tochas alumiar-nos até fóra do convento, dando-nos as boas noites com muitas reverencias e genuflexões.

«A nossa ceia em casa do capitão-mór foi assaz divertida, boa parte da noite, não obstante o nosso cansaço, estendemos a conversa ácerca da variedade de objectos, que nos passaram pelos olhos em tão curto espaço de horas, o reboliço das brutescas figuras quasi inseparaveis dos nossos calcanhares por tanto tempo, e tão de perto, e a vivacidade achavascada do frade leigo.»

CARTA XVII

Regresso a Cintra — Deleite do descanso depois da jornada

28 *de agosto de* 1787.

«Meio dormente, meio acordado, retiniu-me nos ouvidos o sonoroso carrilhão do convento; as vozes do marquez e D. Pedro em porfiosa conversação com o capitão-mór no quarto contiguo, completamente me despertaram. [1] Engolimos o café á pressa; o grão-prior largou com reluctancia o travesseiro, e acompanhou-nos á missa conventual. Os frades redobraram os esforços para nos reduzirem a jantar com elles; continuámos, porém, inflexiveis, a fim de evitar novas importunações e partimos açodados, finda a missa, para a quinta do visconde de Ponte de Lima, onde a fechada sombra dos loireiros e azevinhos nos abrigava do excessivo ardor do sol.

«O marquez, sentando-se a meu lado ao pé d'uma das limpidas e copiosas fontes, que refrescam e aviventam o magnifico jardim á italiana, encetou um discurso mui serio e semi-official sobre a minha estada em Portugal, e os meios, que se projectavam em mui alta região, para que fosse não só agradavel para mim, mas tambem de alguma valia para outros muitos. Alliviou-me a presença de D. Pedro e de seu tio, que tendo passeado até o fim d'uma avenida de pinheiros longamente extensa, vieram mudar a conversação, que já se me tornava pesada; voltámos todos á poisada do capitão-mór, e achámos o jantar prompto.

«D. Pedro e eu tinhamos pena de deixar Mafra; nem poriamos objecção a outra corrida pelos claustros e dormitorios com o frade leigo. A tarde estava brilhante e limpa, e a côr azul do mar distante indisivelmente agradavel. Fomos levados com tumultuaria velocidade pelas escabrosas estradas, de maneira que mal podiamos o marquez e eu dar palavra um ao outro. D. Pedro ia montado no seu cavallo, e Verdeil, que nos precedia no carrinho, parecia-nos ir desafiando o vento: o seu macho, um dos mais arrogantes e corpulentos d'esta casa, incitado pelas chicotadas e exclamações d'um esgalgado postilhão portuguez empoleirado atraz do vehiculo, galopava desencabrestada-

[1] *Panorama* de 1856, pag. 315.

mente, e a obra d'uma legua das rochas de Cintra, assentou de arrojar seus conductores para o meio d'umas moitas no fundo d'um fojo quasi perpendicular, onde ainda esperneava, quando nós passavamos.

«Verdeil veiu para nós manquejando, e apontando para o carrinho caido no barranco; excepto a leve contusão n'um joelho, não teve outro detrimento; exclamou immediatamente que escapára por milagre, e que sem duvida Santo Antonio tivera mão n'elle. O meu amigo, que traz sempre os horrores da heresia diante dos olhos, cochichou-me ao ouvido que d'esta vez o diabo o tinha salvado, mas que talvez d'outra não estivesse tão bem disposto.

«Ainda não eram cinco e meia, quando chegámos a Cintra; a marqueza, o abbade e os meninos nos esperavam. Andando-me a cabeça á roda, e as idéas tão abaladas e confusas, como tinha o corpo, recolhi-me a casa logo ao cair das sombras, a fim de gosar umas poucas de horas de não interrompido descanço; o apparato da minha ampla sala, a sua solidão e silencio infundiam momentanea tranquilidade no animo agitado. A macia e bem lisa esteira, fabricada do melhor e mais lustroso junco, assumia á luz das bugias uma côr deliciosa, suave e acorde; vi-a tão fresca e brilhante, que me estendi n'ella, e alli me deixei estar de papo para o ar, contemplando o cristalino e sereno céo de verão, e a lua, que vinha nascendo vagarosa detraz da corôa de um outeiro matagoso; uma frouxa viração afastando as cortinas descobria os topes das arvores silvestres do jardim, e ao longe extenso tracto de paisagem, terminada pela superficie do mar, e os ennevoados promontorios.»

CARTA XVIII

Salão oriental — D. João V e Odivellas — Conversão de uma ingleza velha — Seu enterro

29 *de agosto de* 1787.

«Achava-me desmedidamente encalmado; desperdicei toda a manhã no meu mirante, cercado de fidalgos com seus chambres mui garridos, e de musicos vestidos de roxo, com largos chapeus de palha á similhança de bonzos, ou talapões, parecendo tão queimados do sol, ociosos e negligentes, como os habitantes de Ormuz ou Bengala, de fórma que a minha companhia assim como o aposento offerecia a mais decidida apparencia oriental; por exemplo, o divan levantando-se poucas polegadas acima do soalho, as gelozias doiradas das frestas, as cristalinas regueiras manando d'um tanque logo debaixo d'aquellas, e que constantes supprem as fontes da rocha nativa.

«Agradavel variedade predomina na minha sala asiatica; metade das cortinas ostentam as mais ricas dobras; outra metade são transparentes, e derramam jucunda claridade sobre a esteira e sophás; grandes e luzidos espelhos multiplicam a profusão das armações; alguns dos meus hospedes não se enfastiavam de andar de canto para canto observando os differentes grupos de objectos reflectidos por todos os lados nas direcções menos esperadas, como se phantasiassem ser admittidos por encanto a espreitar por um labyrintho de camarins magicos.

«Um individuo da sociedade, malicioso velho, italiano e clerigo, que tinha

saido da sua terra natal antes que o celeberrimo terremoto derrubasse pelos alicerces mais de metade de Lisboa, disse-me que se recordava d'um aposento, boa amostra n'este mesmo gosto; isto é, adornado de espelhos e cortinas, uma especie de palacio de fadas, que communicava com o convento de freiras de Odivellas, tão famigerado pelo piedoso retiro d'aquelle exemplar de magnificencia e santidade, o rei D. João V. Deleitosos dias ahi passou o monarcha, e os favorecidos companheiros das suas devoções.

«De que serve (accrescentou mui judiciosamente o padre mestre) a gaiola mais formosa sem passaros, que a aviventem? Se tivesseis ouvido a celestial harmonia das reclusas do rei João V, nunca vos terieis contentado no vosso primoroso pavilhão com o esganiçamento dos sopranos e os roncos dos rabecões. A suavidade, refiro-me áquellas puras vozes, saindo do sagrado asylo recondito, onde não é dado penetrar ente humano masculino, á excepção do monarcha, produzia um effeito, de que ainda me lembro extasiado, posto que já lá vão bastantes annos. Quatro dos nossos mais abalisados cantores, dois de Veneza e dois de Napoles, attraidos pela liberalidade verdadeiramente régia, accrescentaram tudo quanto o gosto consumado e a sciencia podia prestar ás mais excellentes vozes de Portugal: o resultado foi a perfeição.

«Exactamente ao levantar-nos de jantar para a mesa do *desser*, posta no terraço fronteiro á rua principal do jardim, entrava o abbade Xavier apregoando a admiravel historia da conversão d'uma ingleza phtysica, e nada creança, que achando-se em vesperas de despedir-se do mundo, ao que parece, requereu um padre para confessar-se e abjurar seus erros de toda a casta.

«Acontecendo alojar-se na hospedaria de Cintra, de que era dono um dos mais fervorosos catholicos irlandezes, os louvaveis desejos da senhora foram expeditamente satisfeitos, e Mascarenhas e Acciaoli, e mais dois ou tres padres e monsenhores chamados para ajudarem a esta boa obra. [1]

«Grande tem sido (exclamou o abbade) o nosso regosijo por este motivo. N'esta mesma tarde o ditoso anjinho será sepultado em triumpho; Marialva, S. Lourenço, Asseca e outros muitos da principal nobreza concorrem para tornar mais apparatoso o acto; creio que vireis comigo, e acompanhareis o prestito?

«Com a melhor vontade (respondi), e ainda que não gosto de funeraes, como esse de que fallaes, é tão festivo, posso fazer uma excepção.

«Partimos, transportados tão velozmente, quanto o podiam as parelhas de excellentes machos, para que não chegassemos tarde á função; muita concorrencia de povo havia diante da porta; n'uma das janellas estava o grão-prior rezando o breviario, e em ar contemplativo, como quem desejava ver-se d'alli cem leguas. Subi as escadas, e immediatamente me fizeram roda o velho conde de S. Lourenço e outros devotos, innundando-me de congratulações. Mascarenhas, um dos mais conspicuos membros da Sé Patriarchal, chapado hypocrita e doutor ascetico, foi-me apresentado. Acciaoli, de quem eu era já co-

[1] *Panorama* de 1856, pag 351.

nhecido, aos pulinhos pela casa esfregava de contentamento as mãos, e com olhar surrateiro e risinho velhaco espraiado no semblante jovial dava trincos com os dedos para Satanaz, como quem dizia:

«Figas, demonio! Ao menos tiramos-te uma das garras, já está agora livre do teu caldeirão.

«Havia tal azafama no quarto interior, onde o mirrado cadaver estava depositado, tal cantarola e reza, porque nenhuma lingua estava ociosa, que a cabeça andava-me á roda, e fui refugiar-me ao pé do grão-prior; bem se via que não lhe era agradavel a assembléa; mas encolhendo os hombros dizia que era muito edificante, por certo muito, e que monsenhor Acciaoli fôra em extremo vigilante, em extremo activo, e merecia subido louvor, salvo o poder-se ter poupado similhante bulhaça.

«Por algumas indicações, que escaparam, não quero dizer a quem, vim a descobrir que o innocente anjo, agora na estrada real da felicidade eterna, não quizera passar por este mundo sem provar da taça do prazer, e vivera muitos annos folgadamente, não só com um galhardo moço solteiro da sua nação, mas com outros individuos, casados, e não casados, do seu particular conhecimento. Comtudo ella virou subito de bordo achando-se levada velozmente pela maré de uma rapida phtysica, e foi rebocada para o porto pelos conjuntos esforços do estalajadeiro irlandez, e dos membros acima nomeados.

«Oh! tres vezes feliz ingleza (exclamou M—a), que fortuna é a tua! No outro mundo a immediata admissão ao paraizo, e n'este, teu corpo gozará a insigne honra de ser conduzida á sepultura por pessoas da mais alta jerarchia! Viu-se jámais tanta ventura?

«A chegada d'uma multidão de padres e sacristães, de tochas accesas e cruz alçada nos chamava á scena d'acção. Mettido em ordem o acompanhamento foi conduzido o corpo, vestido de branco, n'um caixão forrado de côr de rosa com seis argolas prateadas, a fim de se levar á mão. M. que detesta a vista d'um cadaver, fazia-se vermelho até ás orelhas, e daria uma quantia para fazer uma retirada honrosa; mas já nenhuma retirada era compativel com a piedade christã, e viu-se obrigado a vencer a sua repugnancia, e pegar a uma das argolas do caixão, outra foi encaixada na mão do notorio S. Vicente, outra coube ao velho fanhoso conde de S. Lourenço, a quarta ao visconde d'Asseca, excellente cavalheiro, mancebo d'exterior sincero, e a quinta e a sexta tocaram ao capitão-mór de Cintra e ao juiz, sujeito de desagradavel aspecto.

«Assim que o grão-prior pilhou fóra da vista o livido semblante da defunta, que era levada pela escada abaixo fez uma tentativa para abalar, e preceder em vez de seguir o acompanhamento; porém Acciaoli, que fazia de mestre de cerimonias, não o deixou safar-se tão facilmente, distribuindo-lhe o logar mais honroso, logo adiante do caixão, collocando-se-lhe á esquerda, dando a direita a Mascarenhas.

«Todos os sinos de Cintra repicavam, e á sua alegre toada iamos nós caminhando á pressa por meio d'uma densa nuvem de pó, com uma canalha de rapazes a retouçarem por ambos os lados, e as avós manquejando atraz, re-

zando pelas contas, e de vez em quando arreganhando o resto da carcomida dentuça, e a cochicharem ao ouvido umas das outras sobre o seu triumpho contra o principe das trevas.

«Felizmente o caminho para a egreja não era comprido, aliás a poeira nos suffocaria; o grão-prior conservando fechada a bocca, não recebia uma particula d'ella; mas Acciaoli e seu collega estavam de tal modo enfatuados com a sua afortunada empreza, que não cessavam de palrar.

«O pobre velho S. Lourenço, gordo, acaçapado, e asthmatico, querendo tomar folego parava de vez em quando a descançar da jornada. Marialva, a quem a natural aversão a estes actos ainda mais lhe fazia pesada a carga, tambem não se lhe dava d'estas pausas.

«Achámos todos os altares da egreja scintillantes com lumes, aberta a cova para receber o seu purificado habitante, e uma numerosa cohorte de padrecas saindo-lhe ao encontro. Á entrada cantaram muitissimas vozes juvenis de coristas, o que o ritual prescreve no enterro das creanças de mâma, ou de pouca idade, o incenso elevava-se em rolos ao ar, e brilhava alegria e contentamento em toda a congregação.

«Susurrou outra vez o borborinho de applausos e congratulações recebidos por aquelles, a quem mais cabiam com toda a affabilidade, e até denguice. O ancião S. Lourenço atracando o grão-prior, erguerdo-o ao ar nos braços, e borrifando-o de tabaco, pregou-lhe um forte espirro. O S. Vicente, assim que desceu á cova a defunta com as suas vestes candidas da innocencia, retirou-se com malicia, porque nunca estava bem na presença de seu cunhado Marialva. Quanto ao outro zeloso fidalgo a exaltação e triumpho lhe faziam ultrapassar os limites do decoro; escarneceu dos hereges com acrimonia, pintou com vivas côres a felicidade da convertida, e quando saiamos da egreja gritou tão alto, que o podessemos ouvir—*Ella agora está c..... para nós todos.*

«Concluida sua pia tarefa, os dois monsenhores nos acompanharam aos altos de Penha Verde a respirarmos a frescura do ar á sombra dos resinosos e odoriferos pinheiros; e d'ahi voltando em nossa companhia ao Ramalhão participaram da merenda de gelados e doces, e fechou-se a tarde com discursos jucundos ácerca da scena, que tinhamos presenciado.»

CARTA XIX

Anecdotas do conde de S. Lourenço — O consul hollandez — Ceia lugubre

«Os principaes personagens, que tão piamente se distinguiram hontem, jantaram comigo n'esta abençoada tarde. O velho S. Lourenço tem prodigiosa memoria, e a imaginação escandecida, ainda mais exaltada por um leve toque de loucura. Apresenta-se perfeitamente conhecedor da politica geral da Europa, e, posto que nunca désse um passo fóra de Portugal, narra tão circumstanciada e plausivelmente os modernos successos, e a parte, que elle proprio desempenhou no congresso d'Aix-la-Chapelle, que eu caí no logro, e acreditei, em quanto não me informaram do segredo, que elle effectivamente presenceára, o que só tinha sonhado. Não obstante a subida graça, em que estava para com o infante D. Pedro, o marquez de Pombal o havia encarcerado com

outras victimas da conspiração do duque d'Aveiro, e por dezoito tristissimos annos achou-se a sua idéa activa reduzida a se alimentar dos seus proprios recursos.

«Pela exaltação da rainha actual saiu solto, e encontrou participante do throno S. A. R. seu intimo amigo; porém vendo-se recebido friamente, e posto de banda com vilania, arrojou a chave de camarista, que lhe haviam mandado a um logar pouco limpo e decoroso, e recolheu-se á casa religiosa das Necessidades. Certificaram-me que não houve meios que o rei não tentasse para o afagar e lisonjear; mas todos foram infructiferos. Desde esse periodo, posto que largasse o convento, nunca appareceu na côrte, e recusou todo o emprego. Agora só a devoção lhe absorve a alma. Excepto quando lhe tocam na corda da prisão, e do marquez de Pombal, acham-no placido e rasoavel, como hoje o achei extremamente, e com carradas de mui instructivas e divertidas anecdotas.

«Tomado o café, a minha companhia estirou-se toda ao comprido, e do modo mais commodo, uns na esteira, outros nos sophás, para realentar o espirito, supponho eu, depois das piedosas lidas e enthusiasmado prestito do dia antecedente, venci do Marialva que me acompanhasse a casa de Guildmeester, com quem fomos dar n'um vasto, mas desencadernado salão. Serviu-nos excellente chá, alambazadas fatias de pão de mistura, e manteiga, fresquinha d'aquelle dia, e manipulada segundo o genuino e invariavel modo hollandez.

«D. Genoveva é uma velha do feitio d'um poial, com uma cabeça de pião, e um par de beiços grossos, placida, risonha, e benevola: miss Coster havia de ter sido bonita ha uns poucos d'annos, faz o chá com todo o decoro, fecha as portas, e abre as janellas com sciencia, e já tem bastante que allegar, quando póde repotrear-se na sua cadeira.

«Apenas tinhamos começado a comprimentar a dona da casa ácerca do completo resultado da sua creação de vaccas, veiu o consul e sua velha mulher com muitas mesuras e saudações trazendo uma gamella envernisada, onde brilhava com profusão um copioso thesouro de diamantes, tanto brutos, como lapidados, fructo de seu famoso e mui lucrativo contracto no tempo do Pombal; alguns dos maiores fazia elle empenho, em que Marialva os recommendasse á rainha, e disse-me ao ouvido, que tambem estimaria que eu désse algumas palavras a seu respeito.

«Fiquei estupefacto, e o marquez deslumbrado com aquelle esplendor e riqueza; voltou para o seu gabinete interior sem lhe reviverem as esperanças, e nós saimos.

«Adiantava-se a tarde, e um nevoeiro com seus borrifos toldava os pincaros penhascosos da serra de Cintra; isto porém não nos impediu de ir a casa de mr. Horne. Passámos por debaixo de arcadas de ulmos e castanheiros, cuja ramagem humedecida exhalava o cheiro refrigerante das matas. Dissipados os vapores exactamente, quando desembocavamos da sombria avenida, apparecia a torrinha do Convento da Pena, debilmente tinta com os ultimos raios do sol, e afigurando-se-nos, como a arca no monte Ararat, n'um mar de nuvens ondeantes.

«Em casa de Horne, Aguilar, Bezerra e a companhia do costume achavam-se reunidos. O marquez assim que desempenhou as suas complacentes e alcatrusadas cortezias para a direita e para a esquerda retirou-se á sua quinta; eu tomei Horne na minha carruagem até á residencia da senhora Staits, pessoa baixinha, de cintura delgada e esbelta, de olhar damninho, porém nada desagradavel, nem de coração deshumano; fazia annos n'esse dia, e havia congregado a maior parte dos inglezes, que estavam em Cintra, n'um jardim humido de setenta pés de comprido por trinta e dois de largo, illuminado com trinta ou quarenta lampiões. A dama Guildermeester ahi estava coberta de diamantes, reluzente como uma estrella no meio da sua obscura atmosphera. Tivemos uma funebre ceia fria debaixo d'uma barraca á imitação de gruta.

«O marido de miss Staits, bem disposto e de boa feição, deu-me logar junto de mrs. Guildermeester, que se divertiu soffrivelmente á custa do festim. A apparencia subterranea da barraca, a luz desmaiada dos escassos lampiões, e a fragrancia d'um prato de camarões grandes, e *mais do que maduros*, me suggeriram a idéa de estar morto e enterrado. «Ai! (disse para a minha amavel visinha) foi-se tudo para nós! Eis o nosso primeiro banquete nas infernaes regiões; todos somos eguaes, e aqui confundidos. Alli está a piedosa presbyteriana miss Tussock com a empertigada rapariga sua irmã, e logo ao pé o casal de adulteros pombinhos, mr... e a sua sultana; eu, miseravel peccador, fico defronte do vosso honesto e pacifico esposo, e pouco mais abaixo o nosso benigno hospedador, modelo de brandura e resignação conjugal. Escutae! Não ouvis a bulha de coisas, que cáem, e se amontoam? Estão despejando uma carregação de mortos!

«N'este estylo continuámos, até que o assumpto se esgotou, e chegou o tempo de cada um retirar-se ás suas poisadas.»

CARTA XX

Espera-se a rainha em Cintra — Duque de Lafões — Feira da Penha Longa — Passeio nocturno

10 *de Setembro de* 1787.

«Adeus tranquillidade de Cintra, em breve só haverá confusão e bulha! Está para chegar a rainha com todas as suas damas de honor, secretarios de estado, anões, negrinhas e cavallos brancos, pretos e malhados. Metade das quintas d'estes contornos ficarão seccas, tomando-se posse militarmente dos aqueductos, e derivando-se as suas aguas por novos canaes para uso do arraial.

«Passeava eu debaixo de longas latadas de limoeiros dispostas em arco, quando me appareceu ao cabo da avenida M... acompanhado do duque de Lafões, o mesmissimo personagem bem conhecido em toda a Europa pela denominação de duque de Bragança, posto que não tenha direito a este illustre titulo, que anda unido á corôa. Chamasse-se elle duqueza viuva, não seria eu quem lhe disputasse a propriedade do titulo, conhecendo-o por uma especie de camareira velha, com eguaes ninharias e melindres; põe ainda côr e signaes, e posto que já tenha setenta invernos, ainda procura fazer rodopio so-

bre os calcanhares, e mexer-se com juvenil agilidade; muito me abysmou a facilidade de seus movimentos, por quanto me haviam dito que era martyr de gota. Depois de cecear em francez com a mais requintada accentuação queixas contra o sol, e as estrelas, e o estado de architectura, abalou (graças a Deus) para ir marcar o sitio do acampamento da cavallaria que hade guardar a sagrada pessoa da rainha durante a sua residencia n'estas montanhas. M... tinha obrigação de acompanhal-o; porém deixou seu filho, e seus sobrinhos, os herdeiros da casa de Tancos para jantarem comigo.

«Á tarde Verdeil enfastiado de andar d'uma banda para a outra nas varandas, propoz uma cavalgata á proxima povoação, onde havia feira; elle e D. Pedro montaram nos seus cavallos, precedendo-me e aos mancebos Tancos, que iamos em carrinhos puxados por valentes machos. As estradas são abominaveis, e correm ao longo da falda ladeirenta das montanhas de Cintra, que na primavera são, não ha duvida, soffrivelmente vestidas de verdura; porém na estação actual qualquer fevera de relva está resequida e mirrada. As rodas da nossa carruagem, resvalando de esguelha por aquelles escorregadios declives, faziam exhalar cheiro muitas hervas aromaticas meio pulverisadas.

«Não sabia da cabeça, quando chegámos á feira, que se faz n'um rocio, limitada d'um lado pelos pittorescos edificios de um convento de Jeronymos, e pelo outro por eminencias penhascosas, quebradas em grande variedade de fórmas extravagantes; um penedo especialmente, que chamam dos Ovos, coroado por uma cruz, remata aquella aggregação, e exhibe exquisita apparencia brutesca. Detraz do convento, densa mata de oliveiras, e os pomares occupam um valle curto e refrigerado pelas fontes, cujas limpidas aguas são encaminhadas para os differentes claustros e cerca por um aqueducto de marmore ordinario, que sustentam arcos chanfrados ao gosto mourisco.

«Os camponezes, que concorreram á feira, andavam espalhados pelo terreiro, conversando alguns com os frades, outros meio vinolentos cambaleando, e estendendo-se no chão, outros comprando coifas de seda e arrecadas d'oiro falso para presentear as namoradas. Os monges, que andavam azafamados em administrar toda a casta de consolações, tanto espirituaes, como temporaes, conforme as suas respectivas idades e vocações, felizmente não deram por nós, e assim escapámos de sermos empanturrados com doces, e perseguidos de comprimentos.

«Ao sol posto voltámos ao Ramalhão, e tomámos chá na sala mirante, em que ha nada menos de onze portas envidraçadas, e janellas de vastas dimensões. O vento estava socegado, o ar balsamico, e o céo d'um azul tão suave, que não nos soffreu o animo ficar engaiolados, e tomámos outra vez os nossos vehiculos, indo até á nova casa do consul hollandez, á luz confusa de innumeraveis estrellas.

«Passava das dez, quando recolhemos á quinta do Marialva, e antes de chegarmos, ouvimos as toadas sentidas de vozes e instrumentos de vento, que saiam do arvoredo. Á borda do tanque principal sentavam-se a marqueza e D. Henriqueta, e um numeroso grupo de criadas, algumas bem engraçadas creatu-

ras, escutando com todo o embevecimento d'alma o ensaio da musica deliciosa, que havia de ser executada n'uma serenata a sua magestade d'ahi a dias.

«Era uma das serenas noites encantadoras, em que a musica adquire duplicado attractivo, e abre o coração a impressões maviosas, posto que melancolicas: nem uma folha susurrava, nem um leve sopro de vento perturbava a clara chamma das luzes collocadas junto das fontes, e que exactamente serviam para tornal-as visiveis; as aguas correndo para as caldeiras cavadas em redor dos pés dos limoeiros formavam um murmurio brando; e nas pausas do concerto nenhum som se escutava, excepto o de phrases imperceptiveis ditas baixinho ao ouvido; de modo que os encantos do clima, da musica e do mysterio me enlevaram n'um extasi, de que saí com pena e reluctancia.»

CARTA XXI

Anecdotas — Jantar do arcebispo confessor

12 de setembro de 1787.

«Apenas estava levantado vieram annunciar-me o grão-prior e mr. Street; este vituperando reis, rainhas e principes, com toda a sua força, e bramando por liberdade e independencia: o primeiro queixando-se dos nevoeiros e humidades.

«Assim que saiu o advogado do republicanismo, fomos, como haviamos concertado, a casa do arcebispo confessor, e ahi immediatamente nos admittiram ao seu *sancta sanctorum*, agasalhado aposento, communicando por uma escada de caracol com o da rainha, e adereçado de lustrosa tapeçaria, de vivas cores. Um frade leigo, rochunchudo e chocarreiro, completamente tosco e vulgar como qualquer carreiro, ou almocreve, nos entreteve com divertidas, posto que não mui decentes historias palacianas, até que seu patrão nos appareceu.

«Quem esperar ver no inquisidor-mór de Portugal cara chupada, e tristonha com olhos de improperio e maldição, acha-se enganado; raras vezes temos o gosto de encontrar uma presença tão jovial e sincera como aquella, de que o céo o dotou; recebeu-me do modo mais franco e cordeal, e tenho razão de capacitar-me que lhe caí muito em graça. [1]

«Conversámos sobre serem casados os arcebispos em Inglaterra. «Com effeito (dizia o prelado) os vossos arcebispos são singulares sujeitos, sagrados nas vendas de cerveja, e bons consocios de botelha! Contaram-me que aquelle estouvado Lord Tyrawley era arcebispo lá na sua terra.» Imaginae quanto eu riria d'este incomprehensivel desproposito; e ainda que não possa dizer de sua reverendissima que as verdades divinas sáem melhoradas da sua bocca, seja-me licito declarar, que o absurdo se torna mais notavelmente ridiculo vindo de origem tão auctorisada.

«Quando chegámos ás janellas da sala para ouvir a banda de musica marcial, vimos João Antonio de Castro, habil engenheiro, que inventou o actual systema da illuminação de Lisboa, dois ou tres graves dominicanos, e o famoso truão D. João da Falperra, mascarado com falsas condecorações das ordens,

[1] *Panorama* de 1856, pag. 413.

subindo todos elles os degraus, que conduzem á grande sala da audiencia.— «Sim, sim! (disse o leigo, que é uma creatura petulante e comica). Eis ahi o fiel retrato dos nossos freguezes: tres castas de pessoas acham mais facil entrada n'este palacio, homens de superior talento, bobos e santos; os primeiros cedo se desgostam da habilidade que possuem, os santos vem a ser martyres, e só bobos prosperam.

«A tudo isto o arcebispo prestou o seu ingenuo assentimento por um significativo meneio de cabeça; e achando-se na mais graciosa e communicativa disposição não me permittiu que saisse, quando me levantei para despedir-me. «Não, não penseis em deixar-me tão depressa: vamos á sala dos cysnes, e peço que depois me digaes que idéa fazeis dos nossos primeiros fidalgos.

«Tomando-me pelas pontas dos dedos conduziu-me por muitos quartos sombrios e passagens escuras a uma porta secreta, que dá serventia da sala de visitas da rainha para outra muito espaçosa, atulhada então por metade das dignidades do reino; alli estavam bispos, prelados das ordens, secretarios d'estado, generaes, camaristas, cortezãos de todas as denominações, bizarros e flammantes com suas fardas bordadas, estrellas, veneras de habitos, e chaves doiradas.

«Era visivel o assombro d'este grupo á nossa subita apparição; apresentámo-nos ao começar um minuete: o apessoado arcebispo com seu vestido monacal como um perú increspado, e eu avançando a passo grave, deslumbrado da subita transição das trevas para a luz, como a coruja que o sol apanhou fóra do ninho. Ajoelhavam muitos mettendo á cara memoriaes e petições, requerendo a maior parte logares e promoções, e alguns solicitando bençãos de que o meu reverendo guia não era avaro. Afigurou-se-me que tratava as pressurosas demonstrações de servilismo com um certo modo de pouco caso sem insulto. A audiencia foi interrompida por uma ordem da rainha, que chamava immediatamente o arcebispo; porèm este, antes de retirar-se, tocou-me no hombro, e disse-me: apenas me demoro meia hora, e jantareis comigo.—Este convite excitou nos cortezãos grande inveja. Em mim o effeito era o contrario, porque tinha função ajustada para Penha Verde, o mais fresco e romantico sitio d'esta poetica comarca, e não me queria encaixar n'um aposento cheirando a verniz. Mas, emfim, não tinha remedio, porque todos os figurões da córte, obedecem a sua reverendissima. A meia hora assignada pelo arcebispo deitou quasi a uma. O marquez de... foi encarregado de me conduzir áquelle invejado jantar, e disse-me que era a primeira vez que tinha a honra de assistir á meza do arcebispo. Batemos á porta reservada, e seguindo pelos quartos já conhecidos fomos dar a um pequeno aposento, com frente para uma hortasinha, onde o frade leigo com as mangas arregaçadas até aos hombros nos fez hospitaleira recepção; na casa das tapeçarias estava a mesa com tres talheres, e n'um dos angulos em cima d'um sophá o omnipotente prelado coberto com uma capa parda cheia de remendos.

«Vem cá (disse ao leigo batendo as palmas ao modo oriental) serve a mesa, e tenhamos algum prazer. Que praga é aturar essas mulheres lá de escada

acima! Quem melhor de que vós, marquez, conheceis quantos enigmas ha que desembrulhar? Atrevo me a dizer que os arcebispos inglezes não se vêem abarbados com metade dos embaraços, em que me vejo enleado. Olá! vamos a saber o que nos dão para comer.

«Entrou o leigo com tres leitões assados n'uma bandeja enorme de prata, e com uma torta de correspondentes dimensões; estes pratos nunca variam: tal é sempre o jantar do arcebispo, salvo nos dias de magro. Porém a simplicidade da primeira coberta foi resgatada pela profusão das sobremesas, que em variedades de frutas e doces nada podia egualar. Em vinhos, não fallemos; eram delicados e escolhidos, tributo de todos os dominios portuguezes á mesa de sua reverendissima: a companhia do Porto, que então solicitava a renovação do seu privilegio, contribuia com a flor das suas colheitas; de tão boa qualidade, que o meu obsequiador hospede prometteu-me, e logo no outro dia mandou pôr em minha casa alguns barris d'este licor genuino.

«Passou-se alegremente o jantar, e mais duraria a palestra *inter-pocula* se o marquez como estribeiro, e o arcebispo na sua especial missão, não tivessem de ir ao paço. Por outro labyrintho de passagens, mais intrincado do que aquelle, por onde entrara, me conduziu á rua o leigo faceto e anecdotico.»

CARTA XXII

Visita aos conventos da Serra—Scenas da costa maritima

19 *de setembro de* 1787.

«Nunca tive um dia mais formoso, nem vi um céo de azul mais aprazivel. Os marquezes já estavam comigo ás seis horas e meia, e divagámos por outeiros incultos, sobranceiros a uma grande extensão de paiz apparentemente deserto, porque os logarejos, onde os ha, estão escondidos nas quebradas e covas da serra.

«Intentando explorar as montanhas de Cintra d'um a outro extremo da cordilheira, collocámos mudas em differentes estações. O nosso primeiro objecto foi o convento de Nossa Senhora da Pena, pequeno e romantico conjuncto de edificios branqueados, que eu tinha visto brilhar de longe a primeira vez que naveguei pela costa de Lisboa. D'esta pyramidal altura o horisonte é infinito; vêdes, logo immediatamente abaixo immensa expansão de mar, o vasto, illimitado Atlantico. Uma longa série de nuvens soltas, de alvura deslumbrante, tambem abaixo de nós suspensas sobre as ondas produzem effeito magico, e nos tempos do paganismo pareceriam sem esforço algum da phantasia, os carros das deidades maritimas, que viessem surgindo da profundeza do seu elemento.

«Não havia coisa verdadeiramente interessante nos objectos, que proximamente nos cercavam. As reliquias mouriscas das circumvisinhanças do convento apenas merecem menção, e de facto mostram não pertencerem a edificio algum consideravel; foram provavelmente fabricadas com as delapidações feitas a um templo romano, cujos constructores talvez que tambem se tivessem aproveitado de algum fanum punico ou tyrio erecto n'este sitio elevado, e denegrido pelo fumo de sacrificios horriveis.

«Por entre as rachas dos muros esbroados e particularmente na abobada d'uma cisterna, que indica ter servido tanto para deposito, como para banho, descobri algumas plantas capillares e polypodios de estremada delicadeza, e n'uma pequena chã defronte do convento numerosa tribu de cravos, gencianas e outras plantas alpinas, agitadas e robustecidas pelo ar puro das montanhas. Estas brisas refrigerantes, impregnadas do perfume de innumeras hervas aromaticas e flôres, parece que me infundiam nas veias nova vida, movendo-me por um impulso quasi irresistivel a prostrar-me e adorar n'este vasto templo da natureza a fonte e a causa da existencia.

«Como estivemos largo espaço em contemplação, não pude passar metade do tempo, que eu desejava n'esta aeria e solitaria sumidade. Baixando por um caminho soffrivelmente commodo, que serpeia entre as rochas em muitas e irregulares curvas, seguimos por algumas milhas em trilho estreito sobre os cumes de eminencias marinhas e agrestes até ao convento de cortiça, que corresponde exactamente, no primeiro relance d'olhos, á pintura que se póde imaginar da vivenda de Robinson Crusoé. Da banda de fóra da entrada, que formam dois enormes rochedos proeminentes, que se tocam pelos cimos, estende-se um macio terreirinho de relva tosada pelo gado, cujos tintinnabulos me recordam antigos dias decorridos em meio da rustica paizagem dos Alpes. O eremiterio e suas cellas, a capella, o refeitorio, tudo é cavado no marmore nativo, e guarnecido de cortiça de sobreiro; em muitas partes não é só o forro do tecto, mas tambem o soalho recamado do mesmo material, extremamente macio e agradavel ao piso. Os arbustos e as plantas de jardinagem dispersos entre as rochas musgosas, que jazem na mais silvestre desordem, são coisa deleitosa, e muito gostei de explorar aquelles recantos e voltas seguindo o curso d'um regato transparente e rumorejante, que é conduzido por um canal rustico atravez de moitas de alfazema e alecrim do verde mais mimoso.

«O guardião d'este romantico retiro é apresentado pelos Marialvas, e n'este dia era a sua posse, de modo que tão instados fomos para o jantar, que não pudemos desculpar-nos; como era ainda muito cedo, cavalgamos com o intuito de vêr a famosa arriba maritima, chamada Pedra de Alvidrar, que é um dos objectos mais notaveis d'este famigerado promontorio. Levava-nos o nosso caminho pelas beiras dos arvoredos proximos da deleitosa villa de Collares até outra ordem de escalvadas eminencias, que se dilatam ate á costa brava do mar. Cheguei mesmo ao pino do rochedo, que é de grandissima altura, e quasi perpendicular. Seguia-nos uma tropa de rapazes alcançando os cavallos; e cinco dos mais taludos desceram com todo o desembaraço pelo temeroso precipicio; um d'elles, especialmente, baixava de braços abertos, e como individuo de ordem superior aos mais e á natureza.

«A costa maritima é o que se póde chamar pittoresco consistindo de bojamentos muito arrojados, que se entremeiam com penedos pyramidaes uns apoz outros em perspectiva theatral, avistando-se os mais remotos coroados por uma torre muito alta, que serve de pharol.

«Não ha termos que expliquem a suavidade da atmosphera e a luz prateada, que o mar reflecte. Da orla do abysmo, aonde nos demorámos alguns

minutos como por encantamento, descemos uma ladeira tortuosa, obra de meia milha até á praia. Achámo-nos fechados por penedias desordenadas e varias grutas, amphitheatro imaginoso, que não havia nenhum mais proprio para suppor os brinquedos das nymphas neptuninas. Nunca vi angras como estas, tão fundes e interceptados esconderijos, um jogo assim da linha geral de perfil, e tambem nunca ouvi tão valente mugido das aguas, que investem com a costa.

«Não admira que a escandecida e susceptivel imaginação da antiguidade enthusiasmada pela paizagem da localidade, os persuadisse a que tinham visto as conchas dos tritões resoando ao entrar nas cavernas maritimas; e por isso alguns dos mais auctorisados e antigos luzitanos positivo declaram que não só os tinham ouvido, mas tambem visto, e despacharam um mensageiro ao imperador Tiberio, annunciando-lhe o successo e congratulando-o por tão evidente e auspiciosa manifestação da divindade.

«A maré começava a vasar, e deu-nos licença para entrar, não sem algum risco, n'uma caverna de pasmosa altura, cujos lados estavam encrustados de bellos mariscos e de uma variedade de conchinhas em varios grupos. Contra alguns asperos e porosos fragmentos, não distante da bocca, por onde tinhamos engatinhado, as ondas empolavam-se violentas, arremettiam para o ar, formavam instantaneos doceis de espuma, e depois escorriam em milhares de regueiros côr de prata. As vacillantes espadanadas da luz pelas irregulares arcadas batendo nas mais sombrias e reconditas cavernas, o crepusculo mysterioso e humido, os murmurios resonantes e quasi todos os tons musicaes, occasionados pelo embate dos ventos e das aguas, o cheiro activo da atmosphera impregnada de particulas salinas produzem tal desvario dos sentidos, que eu não duvido que um genio poetico se inclinasse alli á crença das apparições sobrenaturaes. Não me espanta, por isso, a credulidade dos antigos, e só me maravilha que a minha imaginação não me illudisse similhantemente. Se a solidão excitasse as nereidas a certificarem-me da sua existencia por uma apparição, não faltaria esta, porque todos os meus companheiros se haviam trasmalhado, deixando-me inteiramente só; por uma hora estive recluso do mundo animado; a unica creatura viva, que pude depois descortinar foi um arisco corvo marinho, empoleirado n'uma rocha, insulada a cincoenta passos da abertura da caverna.

«Os sons complicados e susurros, que me entraram pelos ouvidos, atordoavam-me a ponto, que estive alguns momentos sem poder distinguir as vozes de Verdeil e D. Pedro, os quaes voltavam d'uma colheita de algas e conchas, chamando-me estrondosamente para montar a cavallo e reunir-nos ao marquez e sua comitiva, que todos tinham ido á missa ao conventinho da Serra.

«Felizmente as pequenas nuvens soltas, que tinhamos visto do cume altissimo da Pena, em vez de se fundirem no firmamento azul haviam-se condensado, e nos protegiam contra o calor do sol. Foi, portanto, deliciosa a cavalgata; assim que nos apeámos, appareceu-nos o abbade velho, que chegava na occasião com Luiz de Miranda, coronel do regimento de Cascaes, cercado de

todo o synodo de frades, pittorescos quanto podiam tornal-os as cabeças calvas e as barbas venerandas.

«Logo que o marquez findou as suas devoções, serviu-se o jantar no gosto do que se póde esperar em Mequinez ou Marrocos; cuscús e similhantes massas, saborosas codornizes e pyramides, de arroz coradas de açafrão. A nossa sobremesa, emquanto a fructas e doces, foi mais opipara; nem a propria Pomona se envergonharia de trazer no regaço pecegos e abrunhos, como os que rolavam com profusão por cima da mesa.

«O abbade parecia animado depois do jantar pelo espirito de contradicção, e não queria conceder que o marquez ou Luiz de Miranda soubessem mais da côrte de D. João V do que da de Pharaó, rei do Egypto. Para não ensurdecermos aos berros da disputa, em que dois ou tres frades com vozes de stentor começaram a metter-se com vehemencia, galgámos D. Pedro, Verdeil e eu pelas empinadas moitas de medronheiros e murtas até um terreirinho, atapetado de mimosa relva, que á mais leve pressão recendia com perfumes suaves. Alli nos sentámos, acalentados pelo borborinho das ondas distantes, que rebentavam na penedia da praia, que de manhã tinhamos visitado; as nuvens passavam vagarosamente por cima dos outeiros. Os meus companheiros partiam as pinhas e davam-me os pinhões, que teem agradavel sabor de amendoa.

«A tarde ia muito adiantada, quando deixámos este pacifico retiro, e fomos ter com o marquez, que não fôra capaz de accommodar o abbade; o velho vozeador appellou tantas vezes para o guardião do convento em defeza das suas opiniões, que eu pensei que nunca d'alli nos despregariamos. Afinal partimos, e divagando entre nevoas e trevas espaço de duas horas, chegámos exactamente ás dez a Cintra.»

CARTA XXIII

Penha Verde — Caracteres da corte — Festas

22 *de setembro de* 1787.

«Quando me levantei, a nevoa encobria os cabeços, e o mar distante apresentava o seu azul esplendido.

«Não obstante esperar algumas visitas de consideração, procedentes de Lisboa, a manhã convidava tanto que não pude resistir a montar a cavallo, depois de almoço, correndo o risco de não estar presente á sua chegada.

«Tomei a estrada de Collares. O ar estava deliciosamente sereno e fragrante, algum chuvisco, que havia pouco caira, refrescou toda a superficie do terreno, e coloria os alcantis para lá da Penha Verde de purpura e esmeralda; a numerosa tribu das urzes começava a florescer; e os pequenos plainos irregulares, sobre os quaes pendem tortuosos sobreiros, e que tão frequentemente se encontram por aquelle caminho, viam-se cobertos agora de avantajados lyrios brancos raiados de carmezim.

«Penha Verde é de per si um sitio agradavel. A casa de campo com seus tectos baixos e chatos, e um corpo saliente n'uma extremidade, assimilha-se exactamente aos edificios das paizagens de Gaspar Poussin, diante d'uma das

fronteiras ha um jardim quadrado com sua fonte no meio, e nas paredes nichos occupados por bustos antigos. Acima d'essas paredes variedade de arvores sobem a grande altura, e compõem uma condensação da mais rica folhagem. Os pinheiros, que pelo seu lustroso verde deram o epitheto a este rochedo ponteagudo são tão pittorescos, como os que eu costumava admirar tanto no jardim Negroni em Roma, e de certo tão antigos ou talvez mais: a tradicção refere que foram plantados pelo afamado D. João de Castro, cujo coração repousa n'uma capella de marmore á sua sombra.

«Quantas vezes aquelle coração heroico, emquanto bateu dentro do melhor e mais magnanimo seio humano, se affligiu depois no seu socegado retiro! Aqui pelo menos aguardou aquelle repouso, que tão cruelmente lhe negava a cega perversidade de seus ingratos concidadãos!

«Estas paisagens, posto que ainda encantadoras, provavelmente soffreram grandes mudanças desde o tempo do heroe.

«Temos lido que os fechados bosques desappareceram, e com elles muitas das nascentes, que alimentavam. Fontes architectonicas, alinhados terraços, e talhões regulares plantados de larangeiras usurparam o logar d'aquelles vergeis silvestres e borbulhantes ribeirinhos, os quaes bem podemos suppor que a phantasia lhe representava em sonhos, quando distante milhares de leguas do seu torrão patrio. Essas coisas mudaram; mas os homens são os mesmos, que os do tempo d'elle, egualmente insensiveis á voz fervorosa do puro patriotismo, e egualmente dispostos a vergar de rastos sob a vara da corrompida tyrannia.

«Impressionado com todas as recordações, que este interessantissimo sitio não deixa de inspirar, custava-me separar-me d'elle. Uma e outra vez segui os musgosos trilhos, que vão em voltas por entre sombrios penedos até á pequena assentada da capella funeraria, acima da qual se agitam com stridor as copas dos pinheiros.

«Não vos admirará pois que eu viesse preoccupado em todo o caminho para casa, d'aquelles mysteriosos susurros, e que em tal disposição não me agradasse ver uma procissão de seges, e uma caravana de burros encaminhando-se para o portão da minha quinta. É certo que eu estava preparado para esperar consideravel affluencia de visitas; mas aquillo era uma innundação.

«Não vos envio a lista da companhia, porque vos enfadaria tal individuação, como a mim, uma similhante invasão em massa.

«Basta nomear-vos dois dos principaes caracteres, o piedoso ancião, conde de S. Lourenço, e o prior de S. Julião, um dos principaes validos do arcebispo confessor, e pessoa de muito respeito. Acontecendo estar sobre a mesa a biblia hollandeza de Mortier, folhearam-na de um modo muito grosseiro. Eu que aborreço ver os livros enxovalhados, e as estampas com as nodoas da péga de um pollegar besuntado, ralhei ao conde velho, e lancei um olhar severo ao prior, que debruçava todo o seu peso clerical sobre o volume, e dobrava os cantos das paginas.»

CARTA XXIV

«Não posso abonar a erudição do prior, mesmo em materias ecclesiasticas, [1] pois que elle positivamente affirmava ter sido o proprio Henrique VIII que fizera saltar os miolos de S. Thomaz Becket (ou de Cantuaria), e que na besta do Apocalypse era Luthero claramente designado. Aborreço altercações, e se não tivessem besuntado as minhas estampas, eu nunca contradiria sua reverencia, mas, como me achava um tanto fóra da minha pachorra, rebaixei-me um pouco em a opinião do conde acertando a verdadeira data do assassinio de S. Thomaz, e com argumentos soffrivelmente especiosos arredando de Luthero os cornos da besta, e pespegando-os muito tesos... em quem pensaes que seria?.. Em Ecolampadio. Um nome tão comprido, e que elles provavelmente nunca tinham ouvido pronunciar em sua vida, dando outro exemplo do triumpho do som sobre a intelligencia, abafou a disputa.

«Eramos ao todo uns trinta ao jantar, e apenas começava a sobremesa veiu Berti dizer-me que a senhora Arriaga e um rancho de donzellas do paço corriam a quinta a cavallo em galizianos burros; apressei-me a ir encontral-as; eram D. Maria do Carmo e D. Maria da Penha, com seus cabellos fluctuando sobre os hombros e os grandes e bellos olhos tão espertos e desinquietos como os de uma antilope. Mandei apromptar o cavallo, e galopámos pelas lamedas, roçando por folhas, fructos e flores; cada sopro da viração nos conduzia os sons dos oboés e trompas da musica da sala. As senhoras mostravam deleitar-se infinito com a novidade e isenção d'esta sortida, e pesava-lhes que tão pouco durasse, porquanto ás sete eram obrigadas a voltar ao imprescriptivel serviço da rainha, e sendo a pena da desobediencia algum extravagante conto de fadas, metamorphose em abobora ou pepino, era forte o seu cuidado e ancia, quando bateu a fatal hora das sete; felizmente não tinham de ir longe, porque sua magestade e a real familia estava tudo reunido na quinta de Marialva a participarem de uma esplendida merenda, e verem o fogo d'artificio n'um conchegado camarim, que tem vista para o grande pavilhão, cuja festiva e phantasiosa scena ganhava realce pelas luzes de innumeraveis velas de cera, que dos lustres de crystal para todos os lados reflectiam. A pequenina infanta D. Carlota estava empoleirada n'um sophá conversando com a marqueza e D. Henriqueta, que ao modo oriental se haviam sentado no chão de pernas encruzilhadas; uma ranchada de damas de honor commandada pela condessa de Lumiares ficava a pouca distancia na mesma postura; a negrinha anã e valida, que chamam D. Rosa, vestida de escarlate mui vivo, não tão folgazã como eu tive o gosto de a ver no seu aposento de fada, estava agora mais sentimental encostada á porta, fazendo gaifonas a um esbelto moiro da casa do marquez.

«Então a rainha, seguida de sua irmã e nora, a princeza do Brazil, levantou-se da merenda, e tomou logar em frente da gelozia, por detraz da qual eu estava collocado; as suas maneiras me fizeram impressão por serem caracte-

[1] *Panorama*, vol. XIV, pag. 258.

ristica de magestade e agrado; parece nascida para mandar, mas, ao mesmo tempo, para fazer aquella summa auctoridade mais querida que temida. A justiça e clemencia, mote ou divisa tão enormemente mal applicada na bandeira da detestavel inquisição, pode ser transferida com a mais restricta verdade para esta boa princeza. Durante a fatal contenda entre a Inglaterra e as colonias, a prudente neutralidade, em que ella perseverou, foi do mais vital beneficio para os seus dominios, e até agora o commercio nacional portuguez tem-se elevado sob os benignos auspicios da rainha a um gráo de prosperidade, que não tem precedentes. Nada excede o profundo respeito e cortezania, que a sua presença inspira. O conde de Sampaio e o visconde de Ponte de Lima ajoelharam perante as augustas personagens com veneração nada inferior, cuido eu, á dos mahometanos ante o tumulo do seu propheta, ou os tartaros acatando o Dalai-Lama; só o Marialva, que tomou o seu logar do lado opposto a sua magestade, parecia conservar-se no seu usual desembaraço e modo alegre. O principe do Brazil e D. João figuravam estar enfastiados, porque estavam encolhidos, com as mãos mettidas nas algibeiras, as boccas em perpetuo bocejo, e os olhos vagueando de objecto para objecto na pasmaceira de regia eciosidade.

«A etiqueta mais rigorosa encerra os infantes de Portugal dentro dos seus palacios, e raro se encontram, mesmo de incognito, misturados com a sociedade geral; por isso aquelles seus lisongeiros sorrisos ou os confidenciaes bocejos não se desperdiçam em observadores vulgares. Este modo de embalsamar principes na vida não é por fim de tudo má politica; reveste-os d'uma apparencia sagrada; concentra a sua real essencia, mui facil de evaporar-se pela franca exposição ao ar livre.

«Deitadas as ultimas peças de fogo partiram a rainha e infantes. A marqueza e as outras senhoras desceram ao pavilhão, onde tomámos uma refeição magnifica e verdadeiramente real. D. Maria e sua irmã pequena, animadas pela illuminação deslumbrante tropeçavam nos leves vestidos de caça com toda a folgança e brinquedo d'umas fadas, taes como eu as supponho descidas das nuvens fluctuantes, que Pillement representou tão excellentemente nas suas pinturas a fresco.»

CARTA XXIV

A Sé — O convento dos Caetanos — O poeta Bocage

8 *de novembro de* 1787.

«Verdeil e eu ralhavamos das calçadas desconjuntadas indo esta manhã no meu coche tosco de viagem com o objecto de fazer exercicio; o pretexto da nossa digressão era vermes uma notavel capella embutida de jaspe e lapis lazuli na egreja de S. Roque; mas, quando chegámos, celebravam-se tres ou quatro missas, e não havia uma creatura assaz desoccupada para correr a cortina, que cobre o altar, de maneira que voltámos com cara de parvos.

«Não tendo ainda visto a Sé nos encaminhámos para aquelle bairro. É um edificio de dimensões nada maravilhosas, estreito e sombrio, sem comtudo ser respeitavel. O terremoto reduziu a pó as suas magnificencias, se é que as teve

e tão espontaneamente despedaçou as capellas, de que está incrustado, que mui tenues vestigios se podem perceber de terem feito parte d'uma mesquita.

«Posto que não fosse movido de esperança alguma de grandes coisas, apesar das descripções das viagens e obras topographicas, que, como os livros do pariato, e de linhagem, tem affectuosa inclinação para figurarem ser alguma coisa, o que na realidade está proximo do nada, indaguei, segundo faz o viajante diligente, pinturas e ornatos de altares, e os tumulos, e não posso blazonar de descoberta alguma. Certo não dispenderiamos muito tempo com o que por alli havia; mas os padres e sacristães pegaram de nós insistindo que de novo examinassemos o recanto do vão d'uma escada, onde estão para se beijarem e venerarem os signaes dos dedos de Santo Antonio. Parece que o santo vendo-se apertado pelo pae da mentira e origem do mal, gravou o signal da cruz n'uma parede do mais duro marmore, e assim poz ponto á tentação.

«Tudo isto era assombroso; porém nada em comparação com algumas historias relativas a certos corvos sagrados. «Existem os mesmos passaros» disse um sacristão. «O que! (retroquei-lhe) os proprios, que acompanharam S. Vicente? «Exactamente não, (foi a resposta segredada ao ouvido), mas os seus immediatos descendentes» «Muito bem (lhe disse), ainda n'esta tarde, querendo Deus, virei fazer-lhe os meus cumprimentos, e em boa companhia; por agora adeus.»

«O ponto, onde em seguida nos dirigimos, foi ao convento dos Theatinos. Demos uma vista d'olhos á livraria, que ainda jaz na mesma confusão, em que a deixou o terremoto, metade dos livros tombados uns sobre os outros em montões pulverulentos. Um frade esperto e activo, que me disseram ter escripto uma historia da Casa de Bragança, ainda não impressa, guiou os nossos passos n'este cahos de litteratura, e depois de procurar meia hora algumas viagens curiosas, que desejava mostrar-nos, levou-nos á sua cella, e chamou a nossa attenção para um gabinete de medalhas, que com sua diligencia, e alguma despeza havia colligido.

«Não sentindo em mim vocação para investigações numismaticas, deixei Verdeil com o frade abarbados com algumas legendas duvidosas, e fui recrutar de improviso quem me acompanhasse a vêr os corvos sagrados. Encontrei primeiro o abbade Xavier, depois o famoso missionario prégador da Boa Morte, logo o grão-prior e por ultimo o marquez de Marialva. D. Pedro pediu que não o deixassem ficar de fóra, de maneira que fomos com o coche todo cheio, e eu conduzi toda a carrada a jantar em minha casa.

«Verdeil já estava de volta acompanhado do reverendo antiquario das medalhas, e tambem tinha arrebanhado o governador de Goa, D. Frederico de Sousa Calhariz, e o seu constante companheiro, um fanfarrão saboyano, ou piemontez, por nome Lucatelli, e tambem um mancebo pallido, de compleição fraca, de olhar e modos excentricos, o sr. Manuel Maria, a mais fóra do commum, mas talvez a mais original das creaturas poeticas formadas por Deus. Succedeu achar-se n'uma d'aquellas disposições de espirito, de enthusiasmo e

de exaltação, que á similhança do sol no pino do inverno, brilham quando menos se espera; milhares de ditos agudos, de expansões de alegria zombeteira, de repentes satyricos, disparava-os de chofre, de modo que todos andavamos a tombos com riso; mas, quando começou a recitar algumas das suas composições, nas quaes a profundeza de pensamento se mistura com os rasgos mais patheticos, senti-me abalado, commovido. Em verdade, póde dizer-se que este caracter extravagante e versatil possue a verdadeira varinha de condão, com que, a seu bel prazer, anima ou petrifica.

«Percebendo o quanto me attrahia, disse-me:

«Não esperava que um cavalheiro inglez se dignasse prestar alguma attenção a um versejador, moço, obscuro e moderno. Vós outros julgaes que não temos outro poeta senão o Camões, e que o Camões não escreveu coisa digna de memoria senão os *Lusiadas*. E tem um soneto que vale metade dos *Lusiadas*. Nenhuma imagem de belleza campestre escapou ao nosso divino poeta; e quão sensivelmente se transportam da paizagem para o coração! Que encantadora melancolia, como os derradeiros raios do sol no occaso, se diffunde em toda aquella composição! Se eu valho alguma coisa, fez-me este soneto o que sou; mas que sou eu comparativamente com Monteiro? Julgae, continuou elle entregando-me alguns versos manuscriptos d'este auctor, de que os portuguezes são vehementes partidarios; posto que façam impressão e sejam sonoros, devo confessar que o soneto de Camões, e muitos dos proprios versos do sr. Manuel Maria me agradaram infinitamente mais; todavia é certo que eu não estou bastante iniciado na força e fórmas da linguagem portugueza para ser juiz competente.

«O nosso jantar foi alegre e de bons convivas; á sobremesa o abbade apresentou uma immensa bandeja de fructas seccas e doces, que um dos seus cento e cincoenta protegidos lhe mandou, não me lembra de que exotica região. Todas estas iguarias elle reservava para nos mandar, querendo quasi empurral-as por nossa goela abaixo, como se fossemos perus, e elle gallinheiro cujo modo de vida dependesse de nos cevar bem.—«Já vistes (disse elle) em parte alguma tão admiraveis producções? A nossa rainha tem milhares de leguas de pomares, e rochas de oiro e diamantes; as riquezas e fertilidade de seus dominios não tem limites, e tambem o mar, o proprio mar deve pertencer-nos, se vos apraz, pois que temos immensos meios para construcção naval, mastros de duzentos pés d'altura, madeiras incorruptiveis, corajosos marinheiros. D. Frederico vos póde contar as proezas d'alguns de nossos heroes ainda não ha muito tempo, contra os gentios em Goa; os vossos John Bulls não são metade tão activos, nem metade tão valorosos.

«E assim por diante blazonando e ensurdecendo-nos. Em patrioticas jactancias e gabos nenhuma nação leva a melhor aos portuguezes, e nenhum portuguez ao abbade.

«Afinal evaporados estes louvores e gozos, partimos equilibrados nas azas da santidade a satisfazer nossa obrigação para com os corvos bentos. Desde tempo immemorial está consignada certa quantia para mantença de dois passaros d'aquella especie, e os achámos commodamente aquartelados n'um es-

conderijo da claustra adjacente á cathedral, bem nutridos, e de certo mui devotamente venerados.

«Já era tarde, quando nós chegámos, e os plumosos santificados se tinham empoleirado tranquillamente; mas os sacristães á espreita de que chegassemos, assim que nos viram, officiosamente os fizeram levantar. Como estavam nutridos, nédios e lustrosos! A minha admiração por seu tamanho, plumagem e retumbantes grasnidos receio eu que me fez passar os limites do sagrado decoro; quando estendia a mão para afagar-lhes as pennas, o missionario reprimiu-me com um solemne olhar prohibitivo. Os mais da companhia, sabedores do cerimonial proprio, guardavam respeitosa distancia, em quanto o sacristão e um padre desdentado, curvo pelos annos, enflavam um rosario de milagrosas anédoctas concernentes aos actuaes corvos bentos, os seus immediatos antecessores, e outros que em tempos remotos os precederam.

«A todas estas sobrenaturaes narrações parecia o missionario estar attento com implicita fé, e nunca abriu os beiços, emquanto nos demorámos na claustra senão para fortalecer a nossa veneração, e exclamar com pia compostura —*honrado corvo!* Creio que estariamos até á meia noite, se não viesse um pagem de sua magestade chamar o marquez de *** e o seu capellão.

«Satisfeita a minha curiosidade pelo que tocava aos corvos bentos, facilmente me persuadiu o grão-prior a retirar-me e passear as ruas principaes para vêr as luminarias, por festejo do parto da infanta consorte de D. Gabriel de Hespanha, que deu á luz um principe. Era grande a multidão de ociosos, que vagueavam pelos mesmos sitios, e por isso andavamos com difficuldade, e por pouco esteve que não saltassem fóra as rodas da nossa carruagem, quando tentou abrir caminho um anachronico e arrevezado coché, pertencente a uma dignidade da sé patriarchal. Não tenho de que espraiar-me em louvores a respeito das illuminações, mas alguns foguetes deitados do Terreiro do Paço causaram-me admiração pela altura a que subiram, e o extraordinario numero de transparentes estrellas azues, que espargiam. Os portuguezes primam nos fogos de artificio, tendo gasto muito e muito dinheiro em levar á perfeição esta arte o fallecido, baboso e beato monarcha.

«Do Terreiro do Paço fomos á grande praça, onde está o palacio da inquisição; ahi achámos immensa multidão, á qual tres ou quatro prégadores capuchos apregoavam as glorias e illuminações do outro e melhor mundo. Teria prestado alguma attenção aos seus discursos, que pelas amostras, que conheço seriam repassados de fogo e phrenesi, se o grão-prior com seu perpetuo medo de rheumatismo se não queixasse do ar da noite; e por isso recolhemos a casa. Todos os aposentos estavam mornos com a evaporação das luzes de cera, que em boa fé se poderiam chamar lavaredas; enfadado sacudi a fumaça, e abri as janellas. Saindo o grão-prior, veiu Polycarpo, o famoso tenor, que nos entreteve com algumas arias de vigor e pasmosa volubilidade antes da ceia, e durante ella em estylo egualmente professional com muitas anecdotas particulares da alta nobreza, e dos principaes empregados, que de certo não lhe eram avoraveis.»

CARTA XXV

Divagação no valle de Collares — Caminhada ao alto da serra

19 de novembro de 1787.

«A minha saude melhora [1] de dia para dia; o tempo sereno e jucundo, que vamos disfructando esperta a sensação da existencia; ando a cavallo, passeio, subo ladeiras, quando e por onde me apraz, sem me fatigar; o valle de Collares ministra-me objectos de perenne recreio; tenho descoberto variedade de trilhos, que por entre castanheiros decotados e pomares conduzem a pequenos rocios de fórmas irregulares e relvosos, e ahi loireiros nascediços e balsas de limoeiros bracejam livremente acima da beira pedregosa d'um regato, largando flôr e fructo na corrente d'agua. Podeis andar milhas pelas margens d'este arroio deleitoso, aproveitando interminaveis perspectivas de moitas floridas nos espaços, que deixam os choupos e castanheiros. A paisagem é de certo a dos Campos Elysios, e tal qual os poetas designam para repouso das almas bemaventuradas.

«Os musgosos fragmentos de penedia, os brutescos toros de arvores e pontes rusticas, que encontraes a cada passo, traçam na imaginação a Saboya e a Suissa; porém a apparencia exotica da vegetação, o verde lustroso dos limoeiros, os doirados pomos da laranjeira, os palmitos da murta, a rica fragancia dos torrões guarnecidos de côres as mais brilhantes e das mais aromaticas flôres, levavam-me a acreditar sem violento esforço da phantasia, que me achava nos jardins das Hesperides, e esperava ver surdir um dragão debaixo de cada arvore. Não me passava pelo pensamento abandonar estes risonhos sitios, e vinte vezes n'este dia estive para revogar as ordens, que dera para a minha jornada.

«Quaesquer que fossem as objecções, que eu pozesse á demora em Portugal, desvaneciam-se, quando resolvia deixal-o; porque é tal a depravação da natureza humana, que as coisas nos parecem mais estimaveis precisamente na occasião em que vamos perdel-as.

«Havia esta manhã um brando luzeiro dos raios do sol, e uma balsamica serenidade do ar, que iffundiam o voluptuoso desleixo, o desejo de ficar endeusado n'um logar deleitavel, como em as ficções classicas se presume tornarem-se deslembrados da patria, dos amigos e de todas as obrigações, os que provaram o lotus. O que eu sentia, não era dissimilhante, repugnava-me a idéa de retirar-me d'alli.

«Não obstante haver-me embrenhado n'estes formosos pomares pouco depois de nascer o sol, os campanarios de algumas egrejas distantes bateram horas apoz horas, primeiro que eu me vencesse, e decidisse largar os odorificos e ramosos loireiros, debaixo dos quaes me recostava.

«Se as sombras frescas e fragrantes assim convidam a repousar, devo tambem dizer que não ha veredas mais azadas para tentar a passeio os individuos ainda os mais mandriões, do que os caminhos, que d'aqui abrem para todos

[1] *Panorama* de 1857 (XIV), pag. 338.

os lados, e são compostos d'uma areia macia e enxuta, tão ligada e compacta, que fórma uma superficie dura como cascalho.

«Estes trilhos plainos vão em voltas por entre um labyrintho de esbeltas e viçosas arvores fructiferas, amendoeiras, abrunheiros e gingeiras, lembrando as lamedas de Tonga-taboo, como as vemos descriptas nas viagens de Cook; e para angmento de similhança, tapumes bem compostos de canavial e telheiros baixos colmados de caniços, que se descortinam por intervallos, quebrando as linhas horisontaes das perspectivas.

«Dilatei-me e vadiei muito a meu sabor quasi toda a manhã; mas, posto que a minha illusão me afigurasse como um habitante dos Elysios, quanto o podia auctorisar a paisagem, e o clima inspirar, não podia considerar-me individuo tão ethereo, que existisse sem alimento; para fallar claro achei-me esfomeado; e as peras, marmelos e laranjas baloiçadas sobre a minha cabeça não eram tão succosas e gratas ao paladar, como se esperaria da sua promettedora apparencia.

«Estando embrenhado mais d'uma milha na floresta sem guia, nem lembrança do caminho, por onde me safasse, demorei-me meia hora pelo menos a cogitar, por onde voltaria. Os telheiros e cercados, que mencionei, estavam feitos com diligencia e até primor; porém mostravam não ter outros moradores senão uns bandos de gallinhas de Java, pavoneando-se, e destruindo os ovos e as esperanças de muitas familias de insectos. Estas aves lustrosas como as suas eguaes, descriptas nas viagens de Anson, que animam as profundas solidões da ilha de Tinian, parece não terem dono.

«Porfim, quando eu começava a desejar-me com todas as veras n'uma região menos romantica, ouvi os sons grossos, porém não desentoados d'uma forte voz feminina, retumbando pelas ruas cobertas de vecejantes arcadas; a esse tempo vinha saindo um mancebo camponez, robusto e corado, mui pittorescamente vestido de pardo e escarlate, tangendo uma besta muar, carregada com dois enormes cestos d'uvas. Pedir um quinhão da sua preciosa carga e cumprimentar o garrido conductor, foi acto instantaneo da minha parte, mas baldado. Respondeu-me piscando os olhos de matreiro :—Pertencemos ao sr. José Dias, que tem a quinta d'aqui meia legua; se o senhor quizer vir por este caminho, indo sempre seguido sem desgarrar-se, nem para a direita nem para a esquerda, lá chegará breve; e afoito-me a dizer-lhe que o feitor terá gosto em lhe dar quantos cachos appeteça, Deus lhe dê bons dias; que vou tratar da minha vida.

«E assentando-se entre os cubiçosos cestos partiu n'um instante. Eu tive a boa fortuna de ir parar direito ao portal d'um muro de pedra secca, que torneava de alto a baixo irregular e rusticamente alguns oiteiros matagosos; porém, se o exterior do cercado era desabrido, e não promettia coisa boa; da banda de dentro apresentava-se o mais aprazivel painel de opulencia rural, vendo-se ordenhar as vaccas e as cabras em quantidade, os fornos d'onde se estavam tirando grandes e gostosos pães e bolos, fileiras de colmeias e uns como alpendres sobre pilares, todos forrados de cachos purpurinos e do loiro moscatel, meio passados, dispostos em pendura para seccar.

«Um jovial e classico *magister pecorum*, maioral, seguido por dois cães bem ensinados, inda que de olhar bravio, e que um leve aceno de seu dono não deixava ladrar, saudou-me cordealmente, e com sincera hospitalidade não só me franqueou a sua fazenda, mas até andou mostrando o melhor d'ella. Á porfia dois ou tres rapazes bochechudos, de cabello emmaranhado, contendiam a qual primeiro havia de trazer-me nozes recem-descascadas, taças de leite, e queijos frescos, fabricados pelo melhor modo, isto é, ao uso do Alemtejo.

«Senti-me tão abstracto do mundo, n'este retiro, tão perfeitamente transportado aos primitivos tempos patriarchaes, que não me recordo de ter jámais gosado umas poucas de horas de placidez mais deleitosa. — Aqui (disse para commigo) estou livre do reboliço das côrtes, dos cerimoniaes, dos cumprimentos e visitas da tabella, e das palrações de golhilheiros. Mas ah! quanto o que pensamos e dizemos para comnosco, falha noventa e nove vezes em cada cento!

Quando bemdizia a minha estrella por esta tregua no molesto tumulto da vida, que tenho levado, desde que sua magestade chegou a Cintra, subito me salteou do socegado recanto, em que entrára, e dissipou todas as minhas illusões uma estrondosa vozeria acompanhada de estoiros dos lategos e do estrepito dos cavallos. Luiz de Miranda, coronel do regimento de Cascaes, confidente e mui valido do principe do Brazil, investiu-me com um sem numero de cortezes queixas por eu ter desamparado o Ramalhão na propria manhã em que elle vinha com tenção de jantar commigo, e propôr para depois da comida um passeio a cavallo até um especial ponto da serra, sobranceiro, pelo que me assegurou, a uma vista como eu ainda não tivera a fortuna de descobrir em Portugal.

«Ainda não é muito tarde; (disse), trouxe os nossos cavallos, que achei impacientes e pateando debaixo da sombra d'uma grande arvore, á entrada d'estas mesquinhas azinhagas. Venha: e por Deus faça-me favor de pôr pé no estribo, que eu fico que se dará por bem compensado com a paizagem, que vou patentear-lhe.

«Como era destino meu ser perturbado e empurrado para fóra do elysio, em que me embrenhára nas ultimas sete ou oito horas, não importava, em que postura, se a pé, se a cavallo, annui por isso, e logo mettemos a trote. Os cavallos eram seguros e firmes de cascos, senão, bem creio que rolariamos pelos precipicios abaixo; o nosso caminho, se póde dar-se o nome de caminho, onde nenhum ha, levou-nos por zigs-zags e atalhos em subidas ingremes costa acima por espaço de tres ou quatro leguas, até chegarmos a um ermo, em que só crescem urzes, onde uma cruz solitaria, sobresaindo d'entre os matos açoitados pelos temporaes marca o mais elevado ponto d'ésta agreste eminencia; um dos mais dilatados conspectos de mar, campos e montanhas distantes desenrolou-se repentinamente aos nossos olhos admirados, tornando-se ainda mais vasto, aereo, incommensuravel em razão do illusivo e magico vapor, que cercava o sol no occaso.

«Tendo gosado por alguns momentos o effeito geral, comecei a distinguir os principaes objectos, quanto podiam desenhar-se atravez da nevoa deslum-

brante, encadeada com os raios derradeiros do astro luminoso. Segui o curso do Tejo desde a sua foz até onde se derrama em esteiros apaulados para além de Lisboa; por outro lado avistei Cascaes com os seus lanços de muralha e quarteis á prova de bomba, similhando uma cidade mourisca, e com auxilio d'um bom oculo divisei uma crescida palmeira campeando sobre uma pinhota de casas caiadas.

«Muito bem (disse ao meu guia) este painel tem de certo bellezas dignas de serem contempladas; porém não tanto que me faça esquecer de que é mais que tempo de voltar a casa e refrescarmos.

«Nem tanta pressa (foi a resposta); ainda temos muito para vêr.

«Tendo adquirido, nem posso dizer porque, nem como, um habito á moda dos carneiros de ir por onde vão os outros, dei de esporas atraz d'elle por uma aspera ladeira abaixo, juncada de bastos seixos e calhaus soltos; ao cabo d'esta descida se estende para todas as bandas um chão raso, medonho, queimado do sol. Desmontando e fazendo alto por alguns minutos para dar respiro aos cavallos, não pude eximir-me de observar que tudo, que estavamos vendo, muito mal pagava o risco de partirmos a cabeça, baixando a cavallo por tão rapidos declives. Elle sorriu-se, e perguntou-me se não divisava coisa interessante.

«Agora sim (lhe tornei) percebo a distancia quasi d'um quarto de milha uma especie de caravana, objecto que não deixa de ser curioso; aquelles ranchos de gente vestida de côr encarnada, com suas armas lustrosas, e azemolas carregadas, e aquelles toldos listrados, esticados e seguros nos muros velhos, offerecem exactamente uma pintura do que se poderia vêr nos arredores do Cairo.

«Venha cá (me disse) é tempo de lhe aclarar o mysterio, e explicar-lhe porque nos demos ao trabalho de tão longa e fadigosa cavalgada. A caravana, que se lhe afigura tão pittoresca, compõe-se dos creados da comitiva do principe do Brazil, que foi passar todo o dia n'uma caçada, e é agora o momento de descançar alguma coisa á sombra dos toldos, que acolá estão. Foi por desejo do principe, que vos conduzi aqui, tendo-me incumbido de vos manifestar o gosto que teria de meia hora de conversação vossa, sem ser observado, mantendo-se rigorosamente incognito. Passeae, como se andasseis colhendo plantas, ou tirando esboços de paisagem; assim se fará saber a sua alteza real, e encontral-o-heis como por acaso e sem formalidade alguma; ninguem se chegará tão perto, que oiça uma só palavra do que ambos disserdes, porque eu me postarei a distancia pelo menos de cem passos, e afastarei todos os espreitadores e intromettidos.»

Terminam aqui as viagens de Beckford traduzidas no *Panorama*, nem posso dar ulterior informação a respeito do resto, pelo motivo, que disse no principio d'este artigo—o nunca ter deparado com um exemplar inglez.

Emquanto porém á outra obra do mesmo auctor *Jornadas a Alcobaça e Batalha*, d'ella existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa. É livro muito interessante, e d'elle (como tambem disse) se serviu o nosso romancis-

ta Rebello da Silva para composição do seu lindo romance *Lagrimas e Thesouros*, cujo heroe é Beckford.

Beckford, depois de vêr todas as preciosidades guardadas em Alcobaça, desejava dar um passeio para ver os campos proximos, embora o calor estivesse na sua maior força. «Quereis vós então vêr nossas colheitas, lhe pergunta o frade, que lhe servia de guia, enfadado: olhae porém que os coelhos agora estão todos a dormir, e que é crueldade ir acordal-os. (Pag. 51). Beckford insistiu, e depois de o frade o ter acompanhado por algum tempo, deixou-o sosinho, e foi-se deitar debaixo d'uma arvore.

O viajante inglez diz que um dos portaes da Batalha lhe trouxe á memoria William of Wydeham, e a nave lhe fez recordar Winchester e Amiens.

Como já se disse, esta viagem é muito interessante, e bem digna de ser traduzida em portuguez.

Rebello da Silva serviu-se tambem d'esta ultima obra para a composição do seu já mencionado romance.

96) BEGIN (EMILE).

E. — *Voyage Pittoresque en Espagne et en Portugal par —. Auteur du Voyage Pittoresque en Suisse. Illustrations de Mrs. Rouargue Frères.* Paris, Belin-Leprieur et Morizot, editeurs, 4.°, 556 pag. com um grande numero de estampas sobre assumptos hespanhoes.

(Viagem pittoresca em Hespanha e Portugal.)

A viagem a Portugal é descripta desde pag. 537 d'este volume até 549, acompanhada d'uma estampa, que diz representar Lisboa. Nada porém nos apresenta este livro, que seja digno de especial menção.

Fallando de Lisboa diz-nos: «Que nenhum local podia ser melhor escolhido, que o d'esta cidade para o desenvolvimento magestoso d'uma capital: abraça sete collinas, tendo cada uma seu valle intermediario. O Tejo offerece alli duas milhas inglezas de largura na sua parte mais estreita, e até nove na mais espraiada. Uma bahia tão bem situada poderia tornar Lisboa a metropole commercial de meio dia da Europa, se alli se encontrasse um milhão de habitantes em logar de tresentos mil.»

«Que homem de genio n'este paiz se resolverá a entrar n'uma carreira de abnegação, para ser calumniado, perseguido, como o infante D. Henrique para acabar miseravel como o almirante Pacheco, como Camões: ou para vegetar esquecido como o pintor Glama, reduzido a fazer taboletas de tavernas; como o esculptor Machado de Castro, e como o fundidor Costa, auctores d'uma estatua equestre de Joseph I, digna de rivalisar com as mais bellas obras do ultimo seculo?» (Pag. 539.)

97) BEKE (CHARLES TILSTONE) — Viajante inglez.

Nasceu no anno de 1810. [1]

E. — *Mémoire justificatif en faveur des pères Paëz e Lobo.* Paris, 1848.

[1] Vapereau — *Dictionnaire des contemporains*, pag. 150.

(É uma defeza da opinião d'estes padres a respeito das nascentes do Nilo.)

«Em tempo de Felippe II de Portugal [1] se descobriu o occulto e notavel nascimento do rio Nilo em 12 gráos da linha Equinocial, da parte do norte na Abassia por diligencia e observação dos padres da Companhia de Jesus, coisa de que não havia até os nossos tempos noticia certa, e que errava toda a cosmographia, que tratava do nascimento d'este grande rio; porém depois que o patriarcha de Ethiopa, D. Affonso Mendes, e outros padres doutos, que n'aquellas partes assistiram, fizeram observação, se soube a certeza, de que fizeram a este reino relações fidedignas, dando noticias do nascimento do rio Nilo, de suas catadupas, e da grande lagoa Dambea, e de outras coisas notaveis, do que já tem saido livros em mais dilatado estylo.»

98) BEKER.
E. — *Viriath und die Luzitanier*. Altona, 1826.
(Viriato e os Luzitanos.)

99) BELCHER (SIR EDWARD).
E. — *Direction for the river Douro*. London, 1835.
(Direcção para o rio Douro.)

100) BELL (JOÃO) — Negociante inglez, residente em Lisboa.
E. — *Taboa mostrando o valor da moeda de oiro e prata do reino de Portugal, desde o reinado do Senhor Rei D. Duarte até o anno de 1806.*
São uns cinco mappas, que veem na 2.ª parte do vol. 3.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. (Anno de 1812.)

A respeito d'este trabalho diz Manuel Bernardo Lopes Fernandes: «O negociante inglez João Bell publicou umas taboas com os nomes, pezos, e valores exactos das moedas portuguezas, sómente do reino, desde tempo do senhor D. Duarte até o anno de 1806, e parece que o não fez dos reinados anteriores talvez faltando-lhe os necessarios esclarecimentos; mas apezar d'algumas opiniões pouco exactas dos auctores, que elle seguiu, e a falta de conhecimento de bastantes leis, que deveria notar, é sem duvida a obra mais regular, que n'este genero possuimos. [2]

101) BELLERMAN (CHRÉTIEN FRÈDERIC) — Litterato allemão.
Nasceu em Erfurth em julho do anno de 1793.
De 1818 a 1825 foi pastor da egreja evangelica allemã, em Lisboa. [3]
E. — I. *Die alten Liederbücher der Portugiesen*. Berlin, 1840.
(Velhas canções portuguezas.) [4]

[1] P. de Mariz — *Dialogos*, pag. 132. *(Supplemento)*.
[2] *Memoria das moedas correntes em Portugal desde o tempo dos romanos até o anno de* 1856, pag. 22
[3] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains*, pag. 155.
[4] «Interessante e conscienciosa memoria.» Garrett — *Romanceiro*, vol. 1.º, pag. XXI.

II. *Erinnerungen aus Südeuropa.* Berlin, 1851.
(Recordações do sul da Europa.)
III. *Die Römische alterthumer in Portugal.* Berlin, 1851.
(Antiguidades romanas em Portugal.)

102) BELLEBAT (DE).
E. — *Relation du voyage de Monseigneur André de Mello de Castro à la Cour de Rome en qualité d'envoyé extraordinaire du Roy de Portug. D. J. V. auprès de Sa S. Clément XI.* Paris, 1709, fol.
(Viagem de André de Mello e Castro á côrte de Roma.)

103) BELLOY PIERRE.
E. — *Declaration des droits de succession légitime sur le royaume de Portugal, appartenant à la reine mère du roi très chretien Catherine de Médicis.* Montauban, 1581. Anvers, 1582.
(Declaração do direito de Catharina de Medicis á corôa de Portugal.)

104) BELMAS (J.) — Chef de Bataillon du Génie.
E. — *Journaux des sièges faits ou soutenus par les Français dans la Peninsule de 1807 à 1814, redigés d'apres les ordres du Gouvernement sur les documents existant aux archives de la guerre et au depot des fortifications.* Paris, Chez F. Didot, 4 vol., 8.° gr., 1836.
(Cercos postos ou sustentados na Peninsula pelos francezes.)

105) BEMBO (PIERRE DE).
E. — *L'histoire du nouveau monde découvert par les Portugallois.* Paris, 1556.
(Historia do Novo Mundo descoberto pelos portuguezes.)

106) BENDOCCI, ou BINDOCCI (ANTONIO) — Advogado e poeta, natural de Siena, na Toscana. [1]
E. — *Carolo Alberto in Oporto.* Poema.
(Carlos Alberto no Porto.)

107) BENEDICT (JULES).
E. — *I Portoghese a Goa.*
(Os portuguezes em Goa.) — É uma composição theatral.

108) BENTHAM (JEREMIE) — Moralista e legislador.
Nasceu em Londres no anno de 1747, e falleceu na mesma cidade em 1832. [2]
E. — *Essai sur la situation politique de l'Espagne, sur la constitution et*

[1] *Revista Popular*, vol 5.°, pag. 295.
[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 5.°, pag. 103.

sur le nouveau Code Espagnol, sur la Constitution de Portugal &c. &c. Traduit de l'Anglais, précedés d'observations sur la révolution de la Peninsule et sur l'histoire du gouvernement représentatif en Europe, et suivis d'une traduction nouvelle de la constitution des Cortès. Paris, 1823, 8.° XXXI, 263 pag. e mais um Supplemento com 100 pag.

(Sobre a situação politica de Hespanha e constituição de Portugal.)

É uma serie de cartas dirigidas ao conde de Tereno a respeito do Codigo Hespanhol e da politica de Hespanha. Bentham censura o rigor das leis.

«Lançae os olhos para Portugal. Esta nação magnanima, regenerada hoje acaba de atirar para longe de si o duplicado jugo d'um despotismo domestico, e d'um despotismo estrangeiro. Fazendo-se independente, fez-se livre. Pense-se na extrema apathia, no extremo aviltamento dos opprimidos, no seu silencio, na sua paciencia, na sua miseria; pergunte-se-lhe se tanta vergonha e lagrimas foram pagas com uma só vingança. Ella responderá: Não.»

A pag. 241 começa a carta á nação portugueza. Seu fim é aconselhar os portuguezes, a que adoptem para seu governo a constituição baseada na representação nacional.

109) BERESFORD (Lord Viscount G. C. B.) — General inglez.

Nasceu no anno de 1770.

E. — I. *Strictures on certain passages of L. Col. Napier's History of Peninsular War.*

(Reparos sobre certas passagens da historia da guerra peninsular de Napier.)

II. *Further structures.*

(Novos reparos.)

III. *Refutation of Col. Napier's Justification.* London, 1831-1834, 3 vol., 8.° gr.

(Refutação da justificação de Napier.)

IV. *Letter to Charles Edward Long, Esq. on the extracts recenlby published from the manuscript Journal and private correspondence of the late lieut. Gen. R. B. Long.* London, John Murray, 1833, 8.°, 61 pag.

(Carta sobre o diario e correspondencia de Long.)

V. *A second letter to Charles Edward Long Esq. on the Ms. Journal and private correspondence of the late Lieut. Gen. R. B. Long.* London, John Murray, 1834, 113 pag.

(Segunda carta, etc.)

110) BERGERON (LOUIS) — Jornalista francez.

Nasceu em Chauny, no anno de 1811. [1]

E. na *Bibliotheque Populaire*, impressa em Paris, a obra seguinte:

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 5.°, pag. 508.

Campagnes d'Espagne et de Portugal sous l'Empire. Paris, 1833.

(É um interessante resumo de nossas luctas na guerra peninsular.)

«Tres tentativas desgraçadas (diz Bergeron) bastaram a Napoleão: parou na presença d'uma fortuna invencivel, e não expõe mais suas aguias ás affrontas no territorio portuguez.» [1]

111 BERJUMERA (D. NICOLAU DIAZ DE) — Litterato hespanhol. Escreveu um extenso e assaz desenvolvido trabalho offerecido á Academia Real das Sciencias de Lisboa, no qual examina, e discute contra D. Paschoal de Gayangos (que pretende ser o celebre romance *Palmeirim de Inglaterra*, de origem hespanhola), a questão sob todos os aspectos, procurando não deixar de pé alguma das objecções propostas pelo seu illustre patricio. Entre as provas que apresenta, não é talvez a de menor peso a que resulta da confrontação minuciosa, que fez das edições portugueza e castelhana, mostrando com repetidos exemplos de logares parallelos, que a segunda não passa de traducção pouco esmerada, e por vezes menos fiel da primeira. [2]

Em 1826 no catalogo dos livros hespanhoes e portuguezes impresso em Londres por D. Vicente Salvá, attribue-se a paternidade do referido romance ora a Miguel Ferrer, ora a Luiz Hurtado: o que se lê na pag. 163 da 1.ª parte e nas 156 e 157 da 2.ª Funda-se para arrancar aos portuguezes a palma de Inglaterra, conforme a expressão do immortal Cervantes, em sair á luz o livro hespanhol em 1547, e o portuguez só em 1567, edição de Evora por André de Burgos. [3]

A edição hespanhola é precedida d'um acrostico, que significa — Luiz Hurtado autor al lector dá sadud. E d'aqui tirou por consequencia tambem Salvá que Luiz Hurtado era o auctor do romance, sendo elle tão sómente auctor do acrostico, no qual não ha belleza de estylo, nem coisa que cheire a poesia, na opinião de Odorico Mendes.

Para refutar Salvá tomou a penna o escriptor brazileiro, e, n'um bem elaborado opusculo de 79 pag. provou, quanto era possivel, que o *Palmeirim*, um dos romances mais notaveis devidos á penna dos portuguezes fôra composição de Francisco de Moraes, e que Luiz Hurtado havia sido traductor do romance e auctor do acrostico.

D. Paschoal Gayangos pesaroso de ver a litteratura do seu paiz privada

[1] «Napoleão quiz fazer um terceiro e ultimo esforço para se apoderar de Portugal, e expulsar d'elle a Wellington. Mas que chefe assaz invencivel se poderia dar a esta nova expedição? Em que grande general repousavam bastantes esperanças para que se lhes podesse pedir uma victoria n'aquelle paiz, onde Soult e Junot tinham ficado mal. Este grande general, este chefe invencivel foi Massena, a primeira gloria do exercito francez abaixo de Napoleão, o filho querido da victoria, e que por garantia do futuro levava comsigo suas campanhas da Italia, e uma reputação militar e sem mancha.» (Pag. 95.)

[2] Sr. Innocencio Francisco da Silva — *Diccionario Bibliographico*, vol. 9.º, pag. 350.

[3] Manuel Odorico Mendes — *Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e de seu auctor*, pag. 1.

d'uma tão bella joia, publicou em 1862 alguns artigos em os numeros 2 e 3 da *Revista Española de Madrid*, pretendendo demonstrar: 1.º Que vinte annos antes que em Portugal fosse conhecido o *Palmeirim*, saira este á luz em Toledo, e era pouco depois traduzido em francez e italiano, com a particularidade de se dizerem ambas as versões feitas sobre o original castelhano. 2.º Que da dita obra se declarou auctor, sem que ninguem se lhe oppozesse, um escriptor toledano (Luiz Hurtado). 3.º Que antes de 1567 não se imprimiu aquella obra em Portugal, e na primeira edição de Evora nem sequer se lhe nomea o auctor. 4.º Que só passados vinte annos, e quando Moraes já era fallecido, foi que um livreiro de Lisboa se lembrou de reimprimir o *Palmeirim* fazendo-o preceder de uma dedicatoria de Moraes á infanta D. Maria, na qual se diz por modo terminante e decisivo, que elle e não outro fôra o auctor do livro em questão.

Todos estes argumentos foram pulverisados pelo sr. D. Nicolau Diaz de Berjumera, e parabens lhe devem os amantes da litteratura portugueza. De modo que *Amadis*, uma das nossas maiores glorias, é attribuido aos hespanhoes, com o *Palmeirim* succede o mesmo, e *Dianna de Montemayor* n'aquelle idioma é escripto. E não será licito dizer que nossos antepassados eram desleixados, e negligentissimos em legarem a seus filhos aquellas glorias, que de direito lhes pertenciam?

E de nós que direi? Tão importantes polemicas litterarias travadas só por estrangeiros, e em que os portuguezes, a quem cumpria mais do que a ninguem tomar parte n'ellas, não comparecem, fallam eloquentissimamente a nosso respeito.

112 BERMUDES (FR. JERONYMO) — Natural de Galliza e professor em Salamanca.

E. — I. *Nise lacrimosa.*

(Tragedia, cujo assumpto é a morte de D. Ignez de Castro.)

II. *Nise laureata.*

(Coroação de D. Ignez de Castro.)

Suscitou-se uma questão litteraria muito importante: Se a tragedia *Ignez de Castro*, do nosso Antonio Ferreira era uma traducção ou imitação da de Bermudes, ou se a d'este era copiada ou imitada da do nosso poeta.

Martinez da La Rosa, porém, sentenciou o pleito a favor do nosso compatriota, no que não devia ter escrupulos, pois Antonio Ferreira em vida dava como sua a *Castro*, que por isso lhe valeu os louvores de Diogo Bernardes.

Quem desejar tomar conhecimento d'esta grave questão mais a fundo, veja *Diccionario Bibliographico*, vol. 1.º, pag. 140 e 141, e vol. 2.º, pag. 143 a 146.

113) BERTELLETI (DAVIDE).

E. — *Ignez de Castro.* Tragedia. Milano, 1826.

114) BERTHOUD (S. HENRI).

E. — *Camoens mourant.* (Camões moribundo.)

Pequeno romance acompanhado d'uma estampa, que se publicou no 1.º vol. do jornal francez *Musée des Familles*, anno de 1833.

115) BERTOLOTTI (DAVIDE).

E. — *Storia di Portogallo tratta dal La Clede, dal Vertot, dal Durdent, dal Balbi e da altri autori per—cura di —. In continuazione della Storia Universale scritta dagli Autori i piu distinti con rami e carte geografiche.* Nella stamperia di Pio Cipicchia, 3 vol., 12, Roma, 1833.

(Historia de Portugal.)

Existe um exemplar d'esta obra na Bibliotheca Publica de Lisboa.

116) BERTOLOTTI.

E. — *Descrizione dell' ornato di pittura che se ammira nella capella di S. Antonio di Padova, nella chieza di S. Petronio.* Bolognia, 1662.

(Descripção dos ornatos das pinturas, que se admiram na capella de Santo Antonio de Padua, na egreja de S. Petronio.)

117) BERTUCH (FREDERIC JUSTIN).

E. — *Magasin der Spanischen und Portugiestschen litteratur, herausgegeben.* Weimar, 1780-1782, 3 vol.

(Deposito de litteratura hespanhola e portugueza.)

118) BES-CHRYVIN *van Spanien en Portugal, etc.* (Em hollandez.)

(Descripção de Hespanha e Portugal contendo os pormenores de tudo quanto seu estado passado e presente offerece de mais interessante. Leyde, 1707, fol.

119) BETENDORF (P. JOÃO FILIPPE) — Antigo missionario do Brazil.

E. — *Compendio da Doutrina Christã na lingua Portugueza e Brasilica. Composto pelo P. — e reimpresso de ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente N. S., por Fr. José Marianno da Conceição Vellozo.* Lisboa, 1800. Officina de Simão Thaddes Ferreira, 131 pag., 12.º

120) BIANCARDI (MIGUEL ANDRÉ) — Padre da congregação da Missão em Portugal.

Nasceu em S. Martinho de Noagli, no arcebispado de Genova, no anno de 1772, e falleceu em Lisboa, em 1842.

Na vida d'este missionario, escripta pelo padre José Coelho da Silva, e impressa em 1848 n'esta cidade de Lisboa, encontraram-se algumas poesias mystycas, compostas na lingua portugueza, pelo padre Biancardi.

121) BIANCHI (FRANCISCC).

E. — *D. Ignez de Castro.* Opera, Londres, 1797.

122) BIELFELD (DE).

E. — *Instituciones politicas, obra en que se trata de los reynos de Portugal y España, de su situacion local, de sus posesiones, de sus vecinos y limites, de su clima... de la nobleza, de la forma, de su gobierno, de sus departamentos, del Soberano y de sus titulos, de la sucesion al trono, de sus exercitos &c. Aumentada de muchas notas por D. Valentin de Forenda.* Bordeus, 1781, 4.°

(Descripção de Portugal e Hespanha.)

123) BIERING (CHRISTIAN HENRI).

E. — *Poetiske Tauher over Lissabons Undergang.* Copenhague, 1756.

(Pensamentos poeticos sobre a destruição de Lisboa.)

124) BIGOT (STANISLAS) — Ingénieur civil.

E. — *Pont suspendu de Porto. Détails des travaux, suivi de trois planches explicatives.* Lisboa, na typographia de Morando, 1843, 4.°, 23 pag.

(Ponte pensil do Douro.)

Por este relatorio se vê que a solemnidade para o começo dos trabalhos foi celebrada a 2 de maio de 1841, com assistencia das auctoridades do Porto e que a ponte (cujo comprimento é de 170m,14) assenta sobre quatro obeliscos de 18m de altura, ligados dois a dois na sua parte mais alta por tirantes de ferro. O rio Douro por debaixo d'ella tem a largura de 155m. Abriu-se á circulação publica em fevereiro de 1843, e foi concessionario d'esta empreza o conde de Claranges Lucotte, e engenheiros Stanlislas Bigot e Amédée Carruette.

125) BIOTA (D. ANTONIO DE FUERTES Y).

E. — *Anti-manifestio ó verdadera declaracion del derecho de los Señores reyes de Castilla a Portugal. A la Sacra y Real Magestad del rey D. Philippe IV. Escrivelo* —. Brujas de Flandres, 1643, 4.°

(Direito dos reis de Castella á corôa de Portugal.)

126) BIRAGO (GIO: BAT) — Jurisconsulto italiano, que vivia na primeira metade do seculo XVI. [1]

E. — *Historia delle revolutione di Portogallo per la quali la corona è transferita del re di Castiglia al duca di Braganza Giovanni IV.* Genova 1646, Leone 1646.

(Historia das revoluções de Portugal.)

Ha uma edição que apparece mencionada com o seguinte titulo: *Historia della desunione del regno di Portugallo dalla corona di Castiglia.* Amsterdam, 1646.

No catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio apparece men-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 4.°, pag. 115.

cionada outra edição d'esta ultima obra, impressa em Amsterdam no anno de 1646.

Encontrei ainda uma outra dada por impressa em Lugduni, 1644.

127) BIRAGUS &.

E. — *Responsio Juridico-politica ad librum inscriptum Jura Joannis IV. Portugalliae Regis & a Livio Giotta & in qua primo rejiciuntur praetensiones inhantium corona Portugalliae.* Augustae Vindelicorum, 1644, 4.°. Em latim e italiano.

(Resposta juridico-politica contra o livro intitulado *Jura Joannis IV Portugalliae Regis.)*

128) BLAIRIE (OLLIVIER DE LA).

E. — *Lisbonne et les Portugais, par* —. Paris, 1820.

(Lisboa e os portuguezes.)

129) BLANCHINO VERONENSI (JOSEPHO) — Presbytero Congregationis Oratorii Sancti Philippi Nerii de Urbe.)

E. — *Evangeliarium quadruplex Latinae Versionis antiquae seu Veteris Italicae nunc primum in lucem editum ex Codicibus manuscriptis aureis, argenteis, purpureis aliisque plus quam millenariae antiquitatis sub auspiciis Joannis V Regis Fidelissimi Lusitaniae, Algarbiarum &c. a* —. Romæ, 1748, 4 vol. fol.

Dá noticia d'esta obra o *Journal des Sçavants* de 1750 a pag. 308. É uma impressão dos Evangelhos feita sobre manuscriptos antiquissimos, debaixo dos auspicios do nosso D. João V.

130) BLANC (SIEUR VINCENT LE —).

E. — *Les voyages du — dans la plupart des pays de l'Asie et dans des Indes Orientales.*

(Viagem na maior parte dos paizes da Asia, e das Indias orientaes.)

Esta obra apparece citada na *Vida de Camões,* que precede a traducção dos *Luziadas* por Ortaire Fournier et Desaules (pag XXXVI).

Trata da India portugueza.

131) BLANEY (LORD).

E. — *Narrative of a forced Journey through Spain and Portugal,* 3 vol.

(Descripção de marchas forçadas atravez de Hespanha e Portugal.)

132) BLAZE (HENRI).

E. — *Don Sebastian.*

Romance publicado no *Musée des Familles* (anno de 1844, vol. 12.°) acompanhado de duas estampas.

133) BLONDIN (J. N.) — Sécrétaire-interprète à la Bibliotheque du

Roi, auteur de diverses grammaires dediées à S. M. Louis XVIII; d'un Manuel de la pureté du langage, adopté comme classique dans le Collége Royal de la Marine, etc.

E. — *Grammaire Polyglotte, Française, Latine, Italienne, Espagnole, Portugaise et Anglaise; Dans laquelle ces diverses langues sont considerées sous le rapport du mécanisme et de l'analogie propres à chacune d'elles. Dediée au Roi. Seconde edition.* Paris, Chez Brianchon, libraire, 1826, 4.°, 111 pag.

(Grammatica Polyglotta-latina-portugueza.)

134) BLOUNT (EDWARD).

E. — *The historic of the uniting of the kingdom of Portugal to the crown of Castile.* London, 1610.

(Historia da união do reino de Portugal á corôa de Castella.)

135) BLUTEAU (D. RAPHAEL).

Nasceu em Londres a 4 de dezembro de 1640, [1] e falleceu em Lisboa a 13 de fevereiro de 1734, sendo então Proposito dos regulares de S. Caetano, n'esta cidade.

Apezar de estrangeiro foi elle quem compoz o primeiro diccionario completo do nosso idioma com o seguinte titulo:

I. *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brazilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymio, Hierologico, Ichtyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Orthographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quiddidativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano, Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Terapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico, auctorisado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinos, e offerecido a el-rei de Portugal D. João V.* Tomo 1.°, Coimbra 1712, 8 vol. O ultimo tomo foi impresso em 1721, fol.

II. *Supplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino, que acabou de sair á luz. Anno de* 1721. Lisboa, 1727, 2 tomos.

Todos estes dez volumes custaram dez annos de trabalho ao seu auctor.

III. *Primicias Evangelicas ou sermões e panegyricos do P. D. Raphael Bluteau. Offerecido á serenissima alteza de Cosmo Terceiro duque de Toscana.* Lisboa, 1676, parte 2.ª 1685, parte 3.ª, Paris 1698, 4.°

IV. *Sermões panegyricos e doutrinaes.* Tomo 1.°, Lisboa 1732, tomo 2.° 1733, fol.

[1] *Archivo Pittoresco*, vol. 3.°, pag. 201. Porem o sr. Innocencio diz que nascera em 1638. V. *Diccionario Bibliographico*, vol. 7.°, pag. 42, bem como tambem discrepa em quanto ao dia do fallecimento.

V. *Prosas portuguezas, recitadas em differentes congressos academicos.* Parte 1.ª, Lisboa 1728, parte 2.ª 1728, fol.

VI. *Instrucção sobre a cultura da amoreira.* Coimbra, 1769.

136) BOA (DARTIN DE).

E. — *Flos sanctorum: fiestas y santos de Andalucia, Castilla y Portugal*, Sevilha, 1615. (Festas dos santos de —.)

137) BOCAGE (BARBIÉ DU).

Publicou em o n.º 195 do *Moniteur* de 1807 uma memoria, lida em 3 de junho do mesmo anno em sessão publica do Instituto, na qual pretende provar que a costa oriental da Nova Hollanda foi visitada pelos portuguezes em 1525, muitos annos antes que o capitão Cook alli abordasse em 1770. [1]

138) BOCANDÉ (BERTRAND) — Naturalista e viajante francez.

Nasceu em Nantes, no anno de 1800. Estabeleceu-se em Guiné, e escreveu. [2]

Notes sur la Guinée ou Sénégambie meridionale: E diversas memorias publicadas no — Bulletin de la Societé Geographique, en 1849.

(Notas sobre a Guiné portugueza.)

139) BOCANEGRA — (Ill.mo Senr. D. Francisco, entonces arcediano de aquella iglesia, y hoy obispo de Guadix y Baza).

E. — *Oracion funebre que en las suntuosas honras que á la perpetua, digna, bien merecida memoria de la Señora Doña Maria Anna de Austria, reina viuda de Portugal, consagró la M. N. M. L. ciudad de Almeria, con asistencia del Ill.mo Cabildo eclesiastico de ella, en los dias 4 y 5 noviembre del año 1754, dijo el —. Con licencia.* Madrid, 1770, imprenta de F. X. Garcia.

(Oração funebre de D. Maria Anna de Austria.)

140) BODIN (HENRI SOULANGE).

E. — *Histoire de Portugal depuis sa separation de la Castille jusqu'à nos jours, par Henri Schaeffer Professeur d'Histoire à l'Université de Giezen. Traduit par —. Avec une note sur la Chronique inedite de la Conquête de Guinée donnée par le Vicomte de Santarem de l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne, et Membre Correspondant de l'Institut de France.* Paris, Adolphe Delahays, libraire-editeur, 1858, 4.º, 662 pag.

A traducção franceza do original allemão não ficou terminada.

«A pesar nosso o dever e a justiça requerem acres e merecidas censuras ao traductor francez. Com effeito, se pelo dedo se conhece o gigante, avaliarémos logo a consciencia com que tal versão (antes inversão) se perpetrou, lendo na capa em letras, que arremettem com os olhos a clausula de ser feita a tra-

[1] Balbi — *Essai Statistique*, vol. 1.º, pag. 19.

[2] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains*, pag. 217.

ducção — avec des notes de M. le vicomte de Santarem, e logo no rosto a seguinte limitação contradictoria: avec une note sur la chronique de la conquête de Guinée, donnée par M. le vicomte de Santarem — avultando este ultimo nome em letra maiuscula. E realmente só uma nota, ou antes especie de annuncio, ou prospecto da nova publicação de Azurara, é que ahi apparece da penna do sr. Santarem.

«Vistes nunca mais dourada taboleta de vendedor de cominhos? Factos d'estes, que parecem de importancia nulla, são graves injurias contra todo o genero humano, que sabe ler; são crimes litterarios, que a todos os que pegam na penna cumpre punir. Servir-se de um nome accreditado na critica da historia portugueza como de isca para pescar assignantes e compradores á obra, é proprio de traficantes de letras, [1] e não de litteratos.

«A traducção nada contém de mais, e tem muito de menos do que o original, e pouco satisfeito ficaria o sr. Schaeffer, quando viu o seu filho querido e legitimo proclamado bastardo em nação estranha, e por juizes sem provas.

«O sentido do author, quando não adulterado, é saltado aos pés juntos pelo empenho de poupar escripta. A doutrina é apresentada, quando o é, com divisões de outra fórma. As notas, em que o sr. Schaeffer poz tanto esmero, principalmente as que são escriptas em portuguez, vem ás vezes tão desfiguradas que se não podem ler. Em citações não fallemos, que nem julgamos valer a pena de nos darmos a esses escrupulos de algarismos, quando temos tão notaveis pontos de censura. Por derradeiro nem vem o reinado do sr. D. João II, que já no allemão se publicou.

«No demais é um livro excellente — isto é no papel e no typo.» [2]

141) BOILEAU — Um dos mais celebres poetas francezes do tempo de Luiz XIV.

E. — *Resposta á Carta, que S. E. o Conde da Ericeira me escreveu de Lisboa, remettendo-me a traducção da minha — Arte Poetica — feita por elle em verso portuguez.* 1697.

«Apesar de minhas obras terem dado que fallar pelo mundo, não concebi todavia de mim uma opinião excessivamente alta; e, se os louvores, que me deram, me lisonjearam bem agradavelmente, não me cegaram com tudo. Mas confesso que a traducção, que v. ex.ª se dignou fazer da minha *Arte Poetica*, e os elogios, com que a accompanhou ao remetter-m'a, produziram em mim um verdadeiro orgulho. Desde então não me foi possivel julgar-me um homem vulgar, vendo-me tão extraordinariamente honrado; e pareceu-me que o ter um traductor com a vossa intelligencia e jerarchia era para mim um titulo de merito, que me distinguia de todos os escriptores do nosso seculo. Apenas

[1] Este facto traz á memoria a reimpressão da *Grammatica Ingleza*, de Urcullu, em Paris, como sendo composição do dr. Constancio.

[2] Sr. Francisco Adolpho Varnhagen na *Revista Universal Lisbonense*, vol. 1.º, pag. 24, anno de 1824.

possuo um imperfeitissimo conhecimento de vosso idioma, e nenhum estudo particular fiz d'elle. Com tudo comprehendi muito bem a vossa traducção, a ponto de n'ella me admirar a mim mesmo, e de me julgar um escriptor muito mais habil em portuguez, do que em francez. Realmente enriqueceis todos meus pensamentos, quando os exprimis. Tudo quanto manejaes, converte-se em ouro, e os proprios seixos, se a expressão é permittida, nas vossas mãos transformam-se em pedras preciosas. Á vista do exposto julgae, se deveis exigir de mim, que vos note as passagens, onde podereis ter-vos um pouco desviado do meu sentido.

«Quando, em logar dos meus pensamentos, me tivesseis, sem n'isso reflectir, emprestado alguns dos vossos, bem longe de os fazer desapparecer, pensaria em me approveitar do vosso descuido, e adoptal-os-hia para com elles me honrar: porém vós em nenhuma parte me fazeis passar por uma tal prova. Tudo é egualmente justo, exacto, fiel em vossa traducção: e, se bem que me tendes muito embellezado, não deixo eu de me reconhecer em toda a parte d'ella.

«Não torneis, pois, a dizer, senhor, que receiaes não me terdes entendido bem. Dizei-me antes o que fizestes para me entenderdes tão bem, e para perceberdes na minha obra até mesmo subtilezas, que eu julgava não poderem ser sentidas senão por pessoas nascidas na França, e educadas na corte de Luiz, o Grande. Vejo claramente que não sois estrangeiro em nenhum paiz, e que, pela extenção de vossos conhecimentos, sois de todas as cortes, e de todas as nações. D'isto dão testemunho a carta e os versos francezes, que me fizestes a honra de escrever. N'elles apenas se encontra de estrangeiro o vosso nome, e não existe na França um homem de bom gosto, que não desejasse tel-os feito. Mostrei-os a alguns de nossos melhores escriptores. Nenhum houve, que d'elles não ficasse extremamente encantado, e que não me désse a entender que, se de vós tivesse recebido eguaes louvores, ter-vos-hia já tornado a escrever volumes de prosa e verso. Que pensareis vós então de mim, tendo-me eu contentado com o vos responder por meio d'uma carta de cumprimentos? Não me accusareis então de ser ou incivil, ou grosseiro? Não, meu senhor: nem uma, nem outra cousa eu sou: mas, com franqueza, eu não faço versos, nem mesmo prosa, quando quero. Apollo é para mim um deus caprichoso, que não me dá a mim, como dá a vós, audiencia a todas as horas. É mister que eu aguarde os momentos proprios. E d'elles terei cuidado de lançar mão, quando os encontrar: e serei bem infeliz, se morrer ficando-vos em divida d'uma parte de vossos encomios. O que desde já vos posso dizer, é que na primeira edição de minhas obras, não deixarei d'introduzir n'ella vossa versão, e que não perderei nenhuma occasião de fazer saber a todo o mundo, que das extremidades de vosso continente, e de tão longe, como as columnas de Hercules, me vieram os louvores, de que eu me pago mais, e a obra com a qual me sinto mais honrado». [1]

[1] *Oeuvres de Boileau* Paris, 1864, vol. 2.º, pag. 206.

142) BOIS (DU).

E. — *Voyages faits par le sieur D. B. aux Iles Dauphines ou Madagascar et Bourbon ou Mascarenne, és années* 1669-70-71-72 *dans lesquels il est curieusement traité du Cap Vert &c. &c.* Paris, 1674.

(Viagens feitas a — nas quaes se trata curiosamente de Cabo Verde.)

143 BOLAFFIO (JOSÉ VITA) — Mestre de Arithmetica em Trieste.

E. — *Numeros certos para formar as combinações de cambio entre a praça de Lisboa, e diversas outras praças da Europa, que tem cambio estabelecido com a mesma. Compostos por* —. Vienna, na officina de Mathias André Schmidt, 1803, 4.°, com um mappa.

(Esta obra é dedicada a Antonio Maria Calvet, consul geral de Portugal em Trieste.

144) BONDE (GUILLELMUS).

E. — *Ad Serenissimum Dominum Joannem V Portugalliae regem de Julii Clovii clari admodum pictoris operibus, sive sermones tres.* Londini, 1733.

Esta obra, que vi citada pelas palavras referidas, parece ser um discurso offerecido ao nosso rei D. João V, a respeito das obras do celeberrimo pintor em miniatura D. Giulio Clovio.

145) BON (LE) ADVIS MESPRISÉ, *ou la lettre de Monsr. Tristan de Mendosse, Jadis Ambassadeur pour le nouveau Eletto Don Joan el Quarto: par grace de trahison Roy de Portugal, escrite à son successeur l'Ambassadeur de Portugal. Francisco de Sousa Cotinho: presente a la Haye.* 1649, 4 folhas, 4.°

Este folheto é relativo á restauração de Portugal, a qual vitupera; e faz parte d'uma bella collecção de opusculos, concernentes ao mesmo assumpto, e á lucta contra os hollandezes no Brazil, a qual pertence ao ex.mo sr. marquez de Sousa, e que este senhor teve a bondade de pôr á disposição do auctor d'este trabalho, para d'ella tirar os apontamentos que fossem convenientes. [1]

146) BONNET (CHARLES) — Engenheiro.

Escreveu a *Memoria sobre o Algarve*, abaixo citada, que é o fructo das suas viagens feitas n'esta provincia nos annos de 1846-47.

Mémoire sur le royaume de l'Algarve contenant la description des montagnes, des sources, des cours d'eau, des villes etc., du climat, de la végetation, des animaux, de l'industrie, du commerce, etc. ainsi qu'une esquisse historique de cette contrée. (Nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 2.ª série, tomo 2.°, parte 2.ª, de pag. 1 até 176.)

No vol. 9.° (pag. 230 e seguintes) da *Revista Universal Lisbonense* vem

[1] Sempre que d'aqui por diante apparecerem estas lettras M. S. é porque a obra referida vem na collecção do ex.mo sr. marquez de Sousa.

uma noticia de M. M. Franzini ácerca dos trabalhos da commissão geologica dirigida por mr. Charles Bonnet nas suas explorações á provincia do Alemtejo, em 1849.

147) BONNEVAL (RENÉ DE).

E. — *Réponses aux paradoxes de l'Abbé Desfontaines contre Ignez de Castro.* 1723.

(Resposta aos paradoxos do abbade Desfontaines contra Ignez de Castro.)

148) BONUCCI (ANTONIO MARIA, Della Compagnia di Giesu).

E. — I. *Orazione nelle solenni esequie Della Maestá del Ré de Portogallo scritta in italiano e in portoghese da — E detta nel primo linguaggio dal medesimo nella Chieza Nazionale di S. Antonio in Roma.* In Roma, nella stamperia di Antonio di Rossi, alla Piazza di Ceri, 1707. Con licenza dé Superiori, 8.°, 61 pag.

(Esta oração funebre de D. Pedro II é offerecida ao rei de Portugal D. João V.)

II. *Istoria della vita ed eroiche azioni de D. Affonso Henriques, primo re de Portogallo.* Veneza 1719.

(Historia da vida e acções heroicas de D. Affonso Henriques.)

Creio que este livro foi composto por occasião de se tratar da canonisação do nosso primeiro rei, ardentemente desejada por D. João V.

149) BORDIGNÉ (Conte de).

E. — *Legitimité Portugaise.* Paris.

Nada mais posso dizer a respeito d'esta obra, que vi citada.

150) BORELLO (CAMILLO).

E. — *Theatrum Regium sive Regum Portugalliae a —.* Bruxellas, 1628.

(Theatro régio, ou dos reis de Portugal.)

Parece ser uma biographia dos nossos reis.

151) BÖSCHE (EDUARDO THEODORO).

E. — I. *Novo Diccionario geral das linguas Portugueza e Allemã, com particular menção dos termos das sciencias, artes, industria, commercio, e navegação.* Hamburgo, em casa do editor-proprietario Roberto Kittler, o tomo 1.° de 847 pag. e o 2.° de 808.

Vi tambem n'um catalogo de livros esta obra como impressa em Leipsig.

II. *Dialogos Portuguezes e Allemães.* Hamburgo, 1836.

152) BOSSIO (MATTHEUS).

Diz o sr. Innocencio a pag. 164 do 4.° tomo do *Diccionario Bibliographico*, que este escriptor lhe parecia ser de nação italiano, que fôra secretario da embaixada de Saboia, n'esta côrte, e que traduziu do italiano para portuguez o seguinte livro:

Compendio genealogico da real casa de Saboya, com um appendice em

que se dá succinta noticia dos estados, rendas, forças e titulos que tem esta augustissima casa. Offerecida á Serenissima Infanta de Portugal pelo conde D. Jeronymo Marcello de Gubernatis, presidente no Supremo Senado de Nizza, enviado extraordinario de S. A. R. de Saboya, n'esta côrte, etc. Lisboa, por Miguel Deslandes, 1682, 4.°, 38 pag.

153) BOTERO (GIOVANNI—BENESE)—Escriptor italiano celebre.

E. — *Delle Relatione Universali di —. Parte prima. Nella quale si da raguaglio de Continenti, e dell'Isole sino al presente scoverte. Revista dall'Autore, e di nuovo arrichita in infiniti luoghi di cose memorabili e curiose.* In Roma, 1595, fol. 1.ª parte 403 pag. 2.ª 289.

Trata esta obra amplamente das descobertas e conquistas dos portuguezes, de cujos feitos era grande admirador, e aos quaes considera como um dos primeiros povos do universo.

«Má nissuna natione si mostró mai piu vehemente, e che partecipasse piu della terribilitá del furore, che i Portoghesi: le cui navigationi oltre al capo di Bonasperanza, e oltre allo streto di Sincapura, e gli acquisti di Ormuz, di Goa e di Malacca, e le difese di Cocin e di Diu, e di Cau *(sic)* e di Goa, hanno piu del vero, che del verisimile.

«Lisbonna á giuditio universale, la piu popolosa Citta delle Christianitá, se tu ne eccetui Parigi. Questa Cittá val quasi tutto il resto del regno; perche fá popolo grandissimo, e vi capita tutta la mercantia, e tutto il trafica dell'Ethiopia, del Brasil, della Madera, e dell'altre Isole, e di tutto Settentrione.»

154) BOUCHOT (AUGUSTE) — Professeur d'Histoire au Lycée Napoleon.

E. — *Histoire de Portugal et de ses colonies par —.* Paris, libraire de L. Hachette, 1854, 8.°, 470.

Esta historia de Portugal faz parte da collecção de compendios de historia, compostos por uma sociedade de professores e de litteratos, debaixo da direcção de M. Duruy. Seu auctor mostra-se um enthusiasmado admirador dos feitos dos portuguezes, e diz que Napoleão I tinha tido muita razão em mandar estudar a historia de Portugal nos lyceus de França.

155) BOULLIAU (ISMAEL).

E. — *Pro ecclesiis Luzitanicis ad clerum Gallicanum libri duo.* Strasbourg, 1656. Paris, 1657, Argentinae, 1670

(Dois livros dirigidos ao clero francez em prol das egrejas lusitanas.)

Todos sabem que depois da restauração de Portugal, o papa, acerrimo partidario de Castella, tinha-se obstinadamente recusado a confirmar bispos para o nosso paiz, d'onde resultou virem as dioceses portuguezas a ficar sem pastoras e o escreverem-se alguns livros a este respeito.

156) BOURCHIER (JOHAN).

E. — *The Cronicles of Englande, Fraunce, Spayne, Portyngale, &c. Translated out of Frenche into our maternall englisshe tongue.* London, 1523-25, 4 vol. (Chronicas de Inglaterra, França, Hespanha, Portugal, etc.

É a traducção das celebres *Chronicas de Froissart*, em que este famoso escriptor falla circumstanciadamente da nossa batalha de Aljubarrota, e dos feitos dos portuguezes por aquelles tempos.

157) BOURDIEC (MIGUEL LE).—Francez.

E. — I. *Nova grammatica da lingua franceza, por Lhomond, traduzida e accrescentada da conjugação por extenso dos verbos irregulares e defeituosos.* Lisboa, 1823.

II. *Grammatica ingleza de Siret, traduzida e posta em nova ordem, por um methodo mais claro e facil dos que tem havido até ao presente.* Lisboa, 1813.

III. *Elementos da grammatica latina, exposta em nova ordem.* Lisboa, 1816.

IV. *Historia da conjurasão de Catilina e da guerra de Jugurtha, por Sallustio, traduzida em vulgar com o texto latino em frente, e notas criticas e historicas para a intelligencia do auctor.* Lisboa, 1820.

V. *Jesu Christo por sua tolerancia modelo dos legisladores, traduzido do francez.* Lisboa, 1821.

158) BOURGOING (JEAN FRANÇOIS, Baron de) — Escriptor e celebre diplomata.

Nasceu em Nevers no anno de 1748, e falleceu em julho de 1811.[1]

Residiu pelo espaço de sete annos em Hespanha, como secretario d'embaixada, e durante este tempo recolheu os apontamentos necessarios para a sua obra *Quadro da Hespanha moderna*, obra estimada, da qual existem quatro edições, e que foi traduzida em dinamarquez, inglez e allemão.

Porém d'este auctor o que mais nos interessa é a *Voyage do Duc de Chatelet en Portugal.*

Eis o que Bourgoing nos diz a respeito da referida obra:

«Portugal, um dos paizes, com os quaes temos, ou pelo menos podiamos ter mais relações commerciaes, uma das potencias de segunda ordem, que mais nos interessam relativamente á politica, Portugal é muito pouco conhecido, especialmente pelos francezes. Até agora sómente appareceram descripções ou falsas, ou incompletas d'esta porção da Europa, outrora tão florescente, na actualidade tão degenerada. Algumas obras foram consagradas a appresentar certas epochas de sua historia; outras a narrar as conquistas e a gloria dos antigos portuguezes, e a pol-os em parallelo com a escravidão e nullidade dos nossos dias. Um inglez James Murphy publicou recentemente um volume

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 7.°, pag. 90.

sobre o estado de Portugal, mas quasi que n'elle se limitou a observações relativas á sua profissão de architecto... O auctor do *Tableau de Lisbonne* escreveu particularidades curiosas; porém limitou-se quasi unicamente á descripção d'esta capital. Faltava, pois, mostrar ainda Portugal debaixo de diversas faces, descrever suas provincias da Europa, e suas colonias, costumes, habitantes, população, progressos nas sciencias e artes, sua politica etc. e o duque de Chatelet, cuja obra publicamos, achou-se no caso de poder desempenhar esta tarefa. Consultou as pessoas mais instruidas do paiz percorrido por elle com maior cuidado, que pelo trivial dos viajantes. Vio de perto o marquez de Pombal em seu retiro; d'elle recebeu diversas informações tão curiosas, como authenticas, cuja exactidão verificou nos mesmos logares.

«Seu manuscripto, que nos foi confiado, continha algumas imperfeições. Diligenciamos rectifical-as, e substituir algumas lacunas. O auctor não tivera vagar para limar seu trabalho. O estylo achava-se por vezes incorrecto. Tomámos, pois, a liberdade de fazer desapparecer estas ligeiras manchas, sem alterar nem seu plano, nem suas idéas. Póde-se, por tanto, considerar o texto como pertencendo-lhe exclusivamente.

«Porém, como ha alguns annos que Chatelet viajou em Portugal, muito imperfeitamente offereceria sua obra a descripção d'este reino, se lhe não tivessemos ajuntado algumas notas, e até alguns supplementos, que farão completamente conhecer os portuguezes dos tempos actuaes. Para esse fim procurámos o auxilio dos escriptos mais recentes, e esclarecimentos fornecidos por pessoas que residiram n'aquelle paiz...

«Algumas attenções politicas tinham impedido no tempo de nosso antigo regimen a impressão d'este manuscripto. O auctor e editor procuraram egualmente evitar quanto podesse offender os portuguezes. Fazem-lhes por vezes algumas censuras assás graves, dão-lhes lições algum tanto asperas; porém abstiveram-se tanto um como outro d'aquelle azedume, que offende, e não corrige. Ha, todavia, portuguezes illustrados, que gemem sobre a situação de seu paiz tanto, quanto o podem fazer os mais severos estrangeiros.

«Conhecem as causas de sua degeneração, e os remedios, que curavam os males, que estão padecendo. Se o duplo terror, religioso e politico, que os contem, obsta a que se expliquem com franqueza, hão de perdoar, e agradecer talvez a estrangeiros mais independentes o pintarem as desordens, de que seu paiz é presa, o despertar em seus compatriotas a lembrança de sua antiga grandeza, o chamar para o meio d'elles a sabedoria, e a energia em appoio das antecipações da natureza. E que paiz na Europa foi mais bem tratado por ella, que Portugal? Rivaliza com todos pelo que diz respeito á bondade do clima, e á variedade das producções, que podem prosperar sobre seu terreno. Possue tantas costas, quantas comporta a extensão de seu solo. Tem valles ferteis e risonhos, montanhas repartidas de maneira a fazerem manar em todas as direcções de seu centro e alturas as aguas vivificantes, que tornam as irrigações faceis, e suavisam os inconvenientes das séccas debaixo d'um céo ardente; algumas, que para elle são uma trincheira quasi inexpugnavel contra o unico inimigo, que teem a temer por terra: varios rios, que podem ser

navegaveis; um, especialmente, cuja embocadura lhes dá um dos bellos portos da Europa: habitantes naturalmente espirituosos, e nos quaes o valor escapou ao torpor quasi universal, que se apoderou de todas suas outras faculdades: habitantes, que teem provado poderem ter a coragem e actividade necessarias para as grandes empresas, e manejar com prospero resultado todos os instrumentos da prosperidade.

«Porém ha mais d'um seculo que má administração, falsos calculos, instituições viciosas, o dominio dos frades e dos inglezes reduziram a quasi nada todas estas brilhantes vantagens. A philosophia allumia a maior parte da Europa, e Portugal ainda jaz nas trevas. Tem nas suas producções, e nas de suas vastas colonias os elementos do mais variado commercio, e desampara-o em mãos perfidamente obsequiadoras, que o condemnam á ociosidade e á miseria. Reina em Moçambique e Macao, e obedece servilmente em Lisboa e Porto.»

V. Chatelet (duc de).

159) BOURNISIEU (BERTHE DE).

E. — *D. Pedro à D. Ignez de Castro. Heroide.* Paris, 1788.

160) BOUTERWEK (FREDERICK) — Celebre philosopho, poeta e critico allemão.

Nasceu em Okar no anno de 1766, e falleceu em Gœttingue em setembro de 1828. [1]

«A obra capital que assegura ao nome de Bouterwek uma longa duração é a sua *Historia da poesia e da eloquencia dos povos modernos.*»

E. — *History of Spanish and Portugueze Literature by —. Translated from the original German by Thomasina Ross.* London, 1823.

V. Ross (Thomasina).

161) BOWDICH (THOMAS EDWARD). — Viajante inglez.

Nasceu em Bristol no anno de 1790, e falleceu em 1824. [2]

E. — I. *An Account of the discoveries of the Portuguese in the interior of Angola and Mozambique.* London, 1824.

(Narração das descobertas dos portuguezes no interior de Angola e Moçambique.)

Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

II. — *Excursions in Madeira and Porto Santo, during the autumn of 1823.* London, 1824.

(Digressões pela Madeira e Porto Santo.)

N'esta obra vem *Observações sobre Cabo Verde.*

162) BOWLES (W. L.) — Poeta inglez.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Générale*, vol. 7 °, pag. 127.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 7.°, pag. 154.

Nasceu em Kingis Hitton no anno de 1762, e falleceu em 1850. [1]

E. — *Last Song of Camoëns.* London, 1809. (Ultimo canto de Camões.)

163) BOYD (CAPTAIN).

E. — *A description of the Azores or Western Islands.* London, 1835.

(Descripção dos Açores ou ilhas occidentaes.)

«Esta relação rescende ao caracter britanico, que raras vezes pecca pela indulgencia para com as outras nações: acham-se n'ella comtudo muitas noticias importantes para o conhecimento physico do archipelago.» [2]

Vem uma pequena analyse d'esta obra em o n.º 1 do *Diario do Governo*, de 1835.

164) BRADFORD (WILLIAM).

E. — *Sketches in the country, character and costume in Portugal and Spain.* London.

(Esboços do paiz, caracter e costumes de Portugal e Hespanha.)

Traz ao lado uma traducção franceza.

165) BRADSHAW'S.

E. — *Illustrated Hand-Book to Spain and Portugal: a complet guide for travellers in the Peninsula. With maps, town plans, and steel illustrations.* Londres, 12.º largo.

(Guia illustrada de Hespanha e Portugal.)

166) BRANDANO (ALESSANDRO). — Natural de Roma.

E. — *Historia della guerre de Portugallo succedute per l'occasione della seperazione di quel regno della Corona Cattolica.* Venezia, 1689, 2 tomos, 4.º, o 1.º de 515 pag. e o 2.º de 432.

Chega até o reinado de D. João IV. — V. Brandano (Francisco).

(Historia das guerras de Portugal succedidas por causa da separação d'aquelle reino da corôa de Castella).

167) BRANDANO (FRANCESCO) — Sobrinho de Alexandre Brandano.

Continuou a historia começada por seu tio.

Dell' Istoria delle guerre di Portogallo che continua quella di Alessandro Brandano. Parte seconda, nella quale si contengono gli Avvenimenti accaduti nel tempo della Regina Ludovica. Roma, 1716, 4.º, 451 pag.

(Historia das guerras de Portugal continuada —.)

168) BRANDT IN BRAZILIEN *Gedruct in't Jaer ons Heeren.* 1648, 9 pag., 8.º

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 7.º, pag. 157

[2] Morelét — *Les Açores*, pag 15.

Diz respeito ás luctas entre os portuguezes e hollandezes por causa do Brazil.—M. S.

169) BRASILSCHE CORLOGHS OVERWEGING *Gedruckt in't Jaer.* 1648, 4 folhas sem numeração.

Diz tambem respeito á lucta dos nossos com os hollandezes.—M. S.

170) BRASILSCHE GELT-SACK WAER *in dat claerlijik vertoont wordt waer dat de Participanten van de West Indische Comp. haet Celt ghebleven is Gedruct in Brasilien op't Reciff.* Anno de 1647, 15 folhas sem numeração.—M. S.

171) BRASYLS SCHUYT *Praetien ghehouden tusschen enn Officer een Domine, en een Coopman, noopend den Staet van Brasyl: Mede hoe de Officieren en Soldaten tegenwoordich aldaer ghetracteer t werden, en hoe men placht te leven ten tyde doen de Portogysen noch onder het onverdraeghlijck Iock der Hollanderen saten Ghedruckt inde West Indische Kamer by Maerter, Daer het gelt soo lustich klinckt alsser zijn Aes-staerten.* 11 folhas.

Trata dos negocios do Brazil no tempo em que os hollandezes se queriam apossar d'aquelle paiz. [1] —M. S.

172) BRAY (Mr.)

E. — *Talba or the Moor of Portugal.* A romance. New York, 1831.

(Talba, ou o Mouro de Portugal. Romance.

173) BRAY (Mrs. ANNA ELIZA).

E. — *Von Dr. E. N. Barmann Der Talba von Portugal; oder schidfale der Ignez de Castro.* Kiel, 1835, 3 vol.

Parece-me ser um romance baseado na historia de D. Ignez de Castro.

174) BRESIL *et Portugal.* Paris, 1824. Imprensa de Plassan, 8.º, folheto.

175 BRETON.

E. — *L'Espagne et le Portugal ou meurs, usages et costumes des habitans de ces royaumes. Precedé d'un précis historique par —. Ouvrage orné de cinquante quatre planches représentant douze vues et plus de soixante costumes différents la plupart d'après des dessins executés en* 1809 *et* 1810. Paris, 6 tomos, 1815, 12.º

(A Hespanha e Portugal, ou costumes, usos, trajos d'este paiz etc.)

[1] O auctor deste trabalho não possue conhecimentos sufficientes da lingua hollandeza para poder fazer a traducção dos titulos das obras escriptas n'este idioma, nem conhece pessoa a quem possa consultar.

Até agora ainda não encontrei exemplar algum com as referidas estampas, apesar de não ser esta obra das raras, e que não passa d'uma compilação.

O volume sexto é o destinado para tractar de Portugal.

O compilador serviu-se para este trabalho das obras de Twiss, Raynal, Murphy, e de duas ou tres outras.

«Para formar uma idéa do aspecto encantador, que offerece a cidade de Lisboa, é necessario imaginar um rio magnifico, com mais de tres leguas de largura, e cujo vasto porto está continuamente coberto d'uma multidão de navios.

«Ao longe ergue-se em amphitheatro a cidade sobre soberbas collinas.

«Os proprios arrabaldes estão de tal maneira semeados de casas de recreio e de conventos, que toda a extensão das margens do Tejo, até se perder de vista, parece não formar mais que uma só cidade, e custa a differençar o que pertence exclusivamente a esta bella povoação. Com effeito, ainda que a propria cidade occupe sobre a margem do rio, um espaço de duas leguas, as povoações de Pedrouços, Belem e algumas outras são o prolongamento, como Chaillot, Passy e Auteuil o são da parte occidental de Paris na margem direita do Sena.

«Não se poderia imaginar na Europa cidade maritima mais favoravelmente situada para o commercio de todas as partes do mundo, principalmente da America. Lisboa é o principal mercado de todo o commercio do reino com suas colonias, e com os paizes mais ricos do universo. Sua riqueza e a de todo o Portugal seriam immensas, se os habitantes fossem mais industriosos, se não importassem da Inglaterra a maior parte dos objectos de consumo.

«Os negociantes portuguezes são fallados por sua probidade severa, e pelo seu zelo escrupuloso no cumprimento de seus deveres.

«A ignorancia, e a superstição em geral são os maiores defeitos, de que os habitantes de Portugal podem ser accusados, mas estes defeitos não os arrastam a excessos criminosos.»

176) BREVIS ASSERTIO *et apologia acclamationis et justitiæ, Serenissimi et Potentissimi Portugalliae Regis Joannis inter veros et legitimos Lusitaniae Reges nomine Quarti, opposita aliquibus contrariis, impudentibus et temerariis scriptoribus.* 9 folhas sem data nem logar de impressão.

(Breve vindicação e apologia da acclamação e justiça do serenissimo e potentissimo rei de Portugal João, o quarto em quanto ao nome entre os reis verdadeiros e legitimos de Portugal, contra alguns escriptores contrarios, descarados e temerarios).

Faz parte da collecção de opusculos formando um volume, e relativos á acclamação de D. João IV, pertencente ao ex.mo sr. marquez de Sousa.

177) BREVIS ET FIDA *narratio et continuatio rerum omnium a Drako et Norreysio (post felicem ex occidentalibus insulis reditum) in sua expeditione Portugallensi singulis diebus gestarum.* Francofurti, 1590, 4.º, folheto.

(Narração breve, e fiel continuação de todos os successos de Drake e Norrys (depois do seu feliz regresso dos Açores) acontecidos diariamente na sua expedição a Portugal.

178) BREVIS REPETITIO *omnium que, Excellentissimus D. Legatus Portugalliae ad componendas res Brasilicanas proposuit vel egit a die 23 Maij usque ad 1 Novembris hujus anni 1647. Exhibita Celsis Prepotentibus D. D. Ordinibus Generalibus harum Confœderatarum Provinciarum ad. 28. diem ejusdem mensis.* Hagae-Comitis. Excudebat Ludolphus Breeckevelt Typographus. Anno 1647. 8 folhas.—M. S.

(Breve recapitulação de tudo, quanto o ex.mo sr. Legado de Portugal propoz ou praticou com o fim de pacificar os negocios do Brazil desde o dia 23 de maio até 1 de novembro d'este anno de 1647. Apresentada aos potentissimos Senhores Estados Geraes d'estas provincias confederadas até o dia 28 do mesmo mez.)

179) BRIAND (P. CESAR).

E. — *Les petits voyageurs en Espagne et en Portugal.* Paris, 1835.

(Os pequenos viajantes em Hespanha e Portugal.)

180 BRIEFVE ET SOMMAIRE *description de la vie et mort de Dom Antoine premier du nom, et dix-huictiesme Roi de Portugal. Avec plusieurs Lettres servantes à l'Histoire du Temps.* A Paris. Chez Gervais Alliot, au Palais prés la Chapelle sainct Michel. MDCXXIX. Avec Privilege du Roy.

Traz um magnifico retrato de D. Christovão, filho de D. Antonio, em volta do qual estão os seguintes dizeres:

No alto — *Christophorus + Dei + Gratia + Princeps + Portugalliae +*

Por baixo — *Filius D. Antonii XVIII. Portugalliae Regis.*

Á esquerda d'estas ultimas palavras:

D.
Dumonstier
Pinxit. 9.e *Septembre*
1632.

Do lado opposto:

Iaspar
Isac Fecit »

E no baixo da folha:

Hic wultu. et. meritis Princeps de Sanguine Regnum
Quo magis alteritur, tanto virtute resurgit
Renatus de la Rachemaillet.

Começa esta obra por uma dedicatoria ao rei, feita por D. Christovão, filho de D. Antonio, e auctor d'este livro.

Segue uma advertencia ao leitor, e copia da approvação de dois doutores em theologia, datada esta ultima de 26 de janeiro de 1629.

«D. Antonio, primeiro do nome, e decimo oitavo rei de Portugal, descendente em linha varonil dos reis de França, Hugues Capet, e Roberto seu filho pelo ramo dos primeiros duques de Borgonha era filho legitimo de D. Luiz, segundo filho do rei D. Manuel de boa memoria; o que se viu claramente tanto pelo testamento do referido infante seu pae, como pelo tratamento e recepção que lhe fez o rei D. João III, seu tio, depois da morte de seu pae, deixando-lhe usar do timbre de suas armas, sem n'ellas haver signal de bastardia, e tambem pela estima, que d'elle fez o rei D. Sebastião, quando pela primeira vez foi á Africa, em Tanger, dando-lhe o cargo de condestavel na presença de D. Duarte, seu primo, que n'elle estava provido.

«Foi proclamado e reconhecido como verdadeiro rei, primeiramente em Santarem, e depois em Lisboa, dia de S. João, 24 de junho de 1580, e immediatamente depois em Setubal pelo corpo dos tres estados do reino, que alli estavam congregados, tendo fugido os cinco governadores, dos quaes tres para Hespanha, e tendo ficado dois em Portugal; e em seguida, depois de reconhecido pela Universidade de Coimbra, e por todas as outras cidades de Portugal, e possessões da corôa fóra do dito reino.

«D'alli voltou a Lisboa para se preparar contra as forças do rei de Hespanha Philippe II, commandadas pelo duque d'Alba, que começavam a entrar, dizendo pertencer-lhe o dito reino por ser filho da infanta D. Izabel sua mãe, fundando-se antes em suas forças, que no direito por elle pretendido, sabendo as leis do reino, que d'elle excluem as filhas, como a lei Salica na França; reconhecendo tambem a fraqueza do reino por causa da perda do rei D. Sebastião na Africa; e fiando-se em um grande numero d'aquelles, que tinham sido subornados com grandes promessas pelo duque de Ossuna e D. Christovão de Moura, seus embaixadores.

«Isto foi o que o resolveu a esta conquista, a qual se fez, como se segue:

«A saber:—Ao duque de Medina foram recommendadas as terras situadas ao longo do rio Guadiana até Moura e o reino do Algarve: ao marquez de Saraval a fronteira de Castellobranco até Pinhel e extremo da Beira: ao conde d'Alba e de Lista, senhor de Samora foi designada a cidade de Miranda até Torre de Moncorvo e Freixo d'Espada á Cinta: ao conde de Benavente foi recommendada a conquista de Bragança: ao conde de Monterei a da terra de Chaves, Vinhaes, e Mirandella; e ao conde de Lemos a provincia d'Entre Douro e Minho. A cada um dos quaes foram assignados dois mil homens de pé, e duzentos de cavallo, não fallando no exercito do duque de Alba.

«O rei D. Antonio, ainda que carecendo de forças, o esperava com grande coragem, e o referido duque de Alba tendo desembarcado na entrada do rio Tejo, tomou Cascaes, e o castello de S. Julião, por causa da traição do governador, que estava dentro, chamado Tristão Vaz da Veiga, e approximou-se de Lisboa. O dito rei com as poucas tropas, que tinha, o aguardou na ponte de Alcantara, e tendo alli combatido por alguns dias, vendo-se abandonado dos soldados, foi constrangido a deixar a ponte, e retirando-se para a cidade, achou que um dos seus servidores familiares estava cercado pelos inimigos, e querendo-o livrar, como o fez valorosamente foi ferido na cabeça, e assim passou atra-

vez de Lisboa mandando abrir as prisões da cidade, e foi fazer-se tractar a tres leguas da referida povoação, perto de Santo Antonio do Tojal, e depois em Santarem, onde começou a reunir algum resto da nobreza e dos fidalgos que o seguiam.

«D'ahi foi a Aveiro, e vendo que lhe não queriam abrir a porta, fez tomar de assalto a cidade em pleno dia, e entregou-a aos soldados para a saquearem. Em seguida marchou para o Porto, onde os da cidade receiosos de serem tambem saqueados e maltratados lhe mandaram por dois religiosos pedir misericordia, a qual sendo-lhes concedida, o rei entrou na cidade, e d'ella mandou ao rei de França Henrique III, e á rainha sua mãe, um embaixador chamado Antonio de Brito Pimentel pedindo-lhes soccorro, e fazendo-lhes saber o estado, em que se achava, dos quaes foi bem recebido e honrado.

«Fortificando-se o rei, e congregando suas forças na mencionada cidade approximaram-se os hespanhoes, e quizeram passar o rio Douro para o apanharem, emquanto elle lhes resistia por um lado; os habitantes da cidade lhes deram entrada por um outro, de modo que foi obrigado a retirar-se para um porto de mar chamado Vianna, para d'alli se embarcar, e ir á França, mas não o podendo fazer, retirou-se para os montes, donde deu aviso para França, por meio d'um portuguez chamado Jeronymo da Silva, de quanto lhe acontecera; e o rei Christianissimo e a rainha sua mãe enviaram um navio, no qual estava um chamado Pierre d'Or para procurar salval-o, o que não podendo por então fazer, mandou embora o navio, e o rei D. Antonio se conservou escondido em Portugal todo o resto do anno de 1580 até 6 de janeiro de 1581, em que se embarcou em um navio de Enchuse, cujo capitão se chamava Cornelius d'Egmond.

«Deve-se aqui notar que se embarcou á tardinha do dia de Reis, e começando a viajar, viram-se tres bellas estrellas no Céo, o que admirou a todos por não estarem no costume de serem vistas: o navio, no qual estava, chamava-se tres Reis: um galleão de guerra, que fazia guarda para reconhecer os navios, que passavam, e observar se elle estava dentro d'elle, perto do qual passava, tinham tambem o nome de Tres Reis, e chegando a Calais na França, a primeira hospedaria, em que entrou tinha por insignia Tres Reis.

«De Calais passou á Inglaterra, para dispôr a rainha Izabel a juntar suas forças com as de França, das quaes estava seguro; e voltou promptamente a Dieppe, onde o esperavam o senhor de Atrozze com varios senhores francezes; o condestavel de Portugal, e o embaixador Antonio de Brito; e d'alli foi conduzido a Paris, onde foi bem recebido tanto do rei, como da rainha sua mãe, pela qual foi tambem muito visitado, e pela rainha então reinante, e pela rainha de Navarra, e por todos os senhores, que então estavam na corte, e hospedou-se no palacio da rainha mãe, onde se conservou alguns dias: depois passou para o castello de Plessis Picquet, perto de Paris, e d'ahi para Tours, onde se descobriu um portuguez, que tinha sido mandado para o matar, e d'alli foi para Nantes para se embarcar na armada do senhor de Strozze, a qual se lhe preparava, e estando em Belle Isle á espera de tempo, o senhor de Saincte Soleine foi comprado por um hespanhol chamado o capitão Antonio por ses-

senta mil escudos pagaveis em Genova, o que foi a causa principal da perda d'aquella armada; e embaraço á restauração de Portugal.

«O rei retirou-se para a Ilha Terceira, onde mandou cortar a cabeça a um, que viera para o matar, e d'alli voltou á França, donde se mandou o commendador de Chastes com alguma tropas para o guardarem, e defenderem a dita ilha, a qual sendo assaltada pelo marquez de Santa Cruz, foi tomada pela combinação, que este marquez fizera com um sargento mestre chamado João Baptista Sarniche, o que foi a causa, porque o dito commendador voltou para França.

«O rei de Portugal estava então em Rueil, perto de Paris, onde vieram quatro para o assassinarem, e d'alli se retirou para Bretagne para um castello, que a dita rainha mãe lhe dera para seu retiro, chamado Sussignon, e depois de n'elle residir alguns mezes começou a liga na França, e sabendo que Montigny, capitão do dito castello, o queria entregar ao duque de Mercueur, d'elle saiu, e se retirou para perto d'Auray para casa d'um nobre e generoso gentilhomem chamado Le Plessis Duquer; e alguns mezes depois veiu a Poictou para o castello de Beauvoir sobre mar, onde a dama de la Ganache, duqueza de Ludunois lhe pedira que ficasse; e algum tempo depois o duque de Mercueur tendo suas tropas reunidas, e a dita dama sendo avisada de que elle queria mandar prender o referido rei, e pol-o nas mãos d'um pagador geral por nome D. João de Heredia, por outro nome Moreau, para o levar á Hespanha, lhe enviou seu mordomo com outras pessoas, cavallos e dinheiro (sabendo que o dito rei estava muito falto d'elle) e lhe pediu se deixasse acompanhar por elles para um logar seguro; o que o rei fez, levando unicamente o principe D. Manuel seu filho, um fidalgo, seu primeiro camarista, deixando alli o principe D. Christovão, seu outro filho, com todos os outros seus gentishomens, o qual disfarçado no trajo de lacaio veiu ter com o rei seu pae á Rochella.

«D'alli o dito rei passou á Inglaterra, tendo sido para alli chamado, e convidado pela rainha Izabel, a fim de o fazer escapar do perigo, em que podia incorrer por causa da liga; e indo de Plymouth a Londres, a rainha lhe mandou fazer uma magnifica recepção por alguns gentis-homens disfarçados em pastores sobre a montanha de Salisbery, dizendo-lhe que elle era o bem vindo, e assegurando-o da parte do grande pastor do paiz de sua benevolencia, com promessas de lhe dar todo o soccorro. E por todas as povoações, pelas quaes passava, os governadores d'ellas, o vinham receber ás portas, apresentando-lhe as chaves, e mandando tocar os sinos, como o faziam a seus reis:

«O rei estando em Londres enviou desde 25 de outubro de 1588 o principe D. Christovão, seu filho ao imperador de Marrocos para servir de refens de cem mil miticaes, equivalentes a quatro centos mil francos, que o dito imperador lhe promettera, e tendo alli estado mais de tres annos bem tratado, e honrosamente servido, enviou-o ao rei seu pae, sem nada ter cumprido de sua promessa, tendo ouvido que estava no caminho um dos quatro principaes chaoux do grão senhor para o sollicitar a cumprir a palavra, ou a remetter o dito principe para Constantinopla, e este chaoux tinha ordem de tomar todas as galés e gentes de guerra necessarias para accompanharem o dito principe.

«No principio do anno de 1583 a rainha d'Inglaterra deu um soccorro ao dito rei de doze mil homens para saltarem em terra, commandados por sir Francis Drak no mar, e pelo general Norris em terra, e estando prestes a fazerem-se de vela, o thesoureiro d'Inglaterra, milord Burlé propoz ao conselho, que seria bom, achando-se a armada tão forte, que procurassem na passagem tomar Corunha na Galliza; e effectivamente se mandou um postilhão para dar ordem aos generaes de effectuarem isto; o que foi causa de não terem libertado Portugal, e de tal sorte que sem tomarem a cidade de Corunha, se retiraram com perda de muita gente, e separação de navios. O que vendo o rei protestou contra os generaes não querendo passar adiante: mas dizendo estes que tinham ainda bastante gente continuaram sua viagem, e chegando a Peniche, o capitão, que estava dentro, entregou o castello, e ali se aprisionou o resto dos soldados, que tinham ficado, em numero proximo a cinco mil homens, com os quaes o rei marchou para Lisboa, distante quatro leguas, e pelo caminho não se encontravam mais que festejos dos portuguezes aos inglezes com abraços, bom agasalho e tratamento, dizendo-lhes que eram bem vindos, pois que lhes traziam seu rei; e assim chegaram aos arrabaldes de Santa Catharina de Lisboa sem nenhum obstaculo: estando alojado n'aquelle sitio, o rei era a toda a hora avisado da boa vontade dos coroneis e principaes commandantes das tropas da cidade, e que appresentando-se, se lhe abririam as portas.

«Elle communicou isto ao general Norris a fim de o persuadir a accompanhal-o, e entrar com suas tropas; ao que Norris respondeu, que não tinha polvora, nem balas, e que era mister il-a buscar a Cascaes, aonde Drak tinha chegado. O rei replicou-lhe dizendo: Que depois de o ter levado até á porta de sua casa, não o fizesse apartar d'ella; e lhe disse, que para o confirmar a respeito dos offerecimentos, que, lhe faziam de o receberem, elle iria a trezentos passos na frente com seus portuguezes, e no caso que lhe faltassem, e que elle fosse trahido, poder-se-hia facilmente retirar com todas suas tropas para Cascaes. Ao que o general Norris não querendo annuir, o rei viu-se na necessidade de voltar a Cascaes, e ali foi constrangido a embarcar-se na esquadra, a qual achando-se desprovida de viveres, e infectada da peste, em que se tinha contaminado na Corunha, voltou em desordem para Inglaterra, aonde, logo que o rei chegou, não perdeu tempo em participar á rainha, e descobrir-lhe a falta, pela qual nada se tinha feito em Portugal, sollicitando-a de novo a que o soccorresse, e lhe désse novas forças para lá tornar.

«A isto a rainha respondeu: Que em quanto ás despezas com os navios e munições de bocca e de guerra, ella as faria; mas que procurasse n'outra parte o dinheiro, que era necessario para pagar aos soldados. O que vendo o rei, e sabendo que o rei Henrique o *Grande* estava em Dieppe no anno 1590, foi ter com elle, e lhe pediu auxilio e soccorro. A isto lhe deu o rei em resposta: Que com grande sentimento seu n'aquella occasião não o podia prestar, mas que, quando se visse mais firme em seu estado, o faria com todo o prazer.

«D'ali voltou o rei D. Antonio para Londres, onde estava então o embaixador de França, o senhor de Beauvois la Nocle, a quem deu relação do offere-

cimento generoso, que o rei lhe fizera, pedindo-lhe que o avisasse das noticias de prosperidade de sua magestade; e d'ali por diante se communicavam e frequentavam até ao anno de 1594, em que o dito sr. embaixador o avisou de que podia então vir á França; o que fez: e por este tempo foi descoberta a traição de tres, que conspiravam contra sua vida, e contra a da rainha de Inglaterra; os quaes foram executados em Londres. E veiu ter com o rei em Chartres, onde foi bem recebido, e assegurado pelo sr. marechal de Matignon de parte de sua magestade, que teria toda a satisfação; o qual sr. marechal lhe disse que, se elle quizesse assistir á sagração do rei, fosse adiante, que teria cuidado de lhe ministrar o que lhe fosse necessario. O que o rei de Portugal não poude effectuar por causa de sufficação, que não o deixava descançar uma hora: e d'alli veiu a Paris, onde estando o rei, começou a sollicital-o para que lhe désse soccorro, e para este effeito que lhe emprestasse cento e vinte mil escudos: o que o rei lhe concedeu, e não lhes podendo fornecer em metal sonante, deu-lhe uma carta patente assignada por sua mão, e referendada por Neufville, e sellada com o grande sello na data de 22 de abril de 1595, com o fim de embolsar no anno seguinte a dita somma áquelles, que lh'a adiantavam; e lhe concedeu entre varios outros senhores o senhor de Clermont d'Amboise para ser general dos francezes, que deviam ir a Portugal; e o rei D. Antonio procurando quem lhe adiantasse esta somma, foi accommettido d'uma doença, de modo que a 26 de agosto no dito anno falleceu na edade de 64 annos, tendo alguns dias antes feito seu testamento, e disposição de sua ultima vontade, e deixando tres cartas, uma para o rei Christianismo, outra para a rainha d'Inglaterra, e a terceira para os senhores estados de Hollanda, pedindo-lhes que tivessem a bondade de proteger seus filhos e famulos. E o principe D. Christovão, seu filho, participou por um gentil homem mandado expressamente a sua magestade, (que estava n'aquelle tempo em Leão,) a morte do rei, seu pae, e lhe remetteu a mencionada carta, ao qual, e aos executores testamentarios d'aquelle rei, sua magestade referida respondeu e participou ao senhor principe de Conty, e ao cardeal de Gonday a ordem, que deviam observar a respeito do corpo do defuncto, os quaes o mandaram embalsamar, e estando n'um caixão de chumbo, queriam-n'o depositar na capella da defuncta rainha mãe com uma capella ardente, o que os referidos executores não quizeram permittir, dizendo que isso fazia uma despeza excessiva, e enviaram seu coração para a egreja da Ave Maria, e seu corpo para o convento dos Franciscanos de Paris por um dos mestres de ceremonias, o qual fez armar de preto com as armas de Portugal a capella, que fica por tráz do altar mór da egreja, onde foi depositado, e ainda agora repousa na dita egreja, na primeira capella da nave.

«O rei D. Antonio era dotado de todas as perfeições reaes, e dignas d'um grande principe, sendo misericordioso e compassivo, inimigo dos mentirosos, dos calumniadores, dos detractares, dos juradores, dos blasphemos, repellindo pessoas taes de sua presença, e dizendo que uns e outros eram indignos de estarem entre as pessoas de bem, visto que aquelle, que se fiasse n'elles, por fim seria trahido, sendo taes que não pensavam senão no seu proprio in-

teresse. Sua piedade e virtude se patenteia claramente nos psalmos penitenciaes, que deixou por sua morte. Era muito liberal, de maneira tal que não havia ninguem, quer fosse nacional, quer estrangeiro, de qualquer qualidade, que tendo recorrido a elle, não fosse ajudado liberalmente. E com effeito ninguem saia de sua presença que não tivesse bom resultado em seus pedidos, até seus inimigos, herdando isto do infante D. Luiz seu pae, que no seu tempo era cognominado pae dos estrangeiros, e da nobreza por aconselhar á obediencia, fidelidade, e amor, que devia ter ao rei D. João III, sendo inimigo de todos aquelles, que se esqueciam de tal dever, dizendo que não eram dignos do titulo de nobreza.

«O dito rei foi tão zeloso da liberdade de seu reino, que nada omittiu, nem deixou pedra, em que não bulisse, para o fim do livramento e restauração de Portugal, como se verá nas cartas seguintes, que d'isto fazem prova, e que testimunham a verdadeira justiça de sua causa. Deixou dois filhos, o principe D. Manuel (que na Hollanda se casou com a irmã do fallecido principe de Orange Mauricio de Nassau, da qual teve dois filhos, e seis filhas, e no fim de dois annos, que alli residiu, quer fosse pela viagem, que se fez ao Brazil sem lh'o participarem, ou por qualquer outra causa, elle se passou para o partido de Hespanha, com seus dois filhos no anno de 1626 (em abril), e indo-o visitar o principe D. Christovão, a quem o rei seu pae apresentou ao rei Henrique, o *Grande*, no dia seguinte áquelle, em que voltou a Paris, depois da tomada de Laon na Picardia, no fim de dezembro de 1594.

«O referido principe assistiu á morte do rei, seu pae, que lhe deu sua benção, de quem é actualmente verdadeiro e unico herdeiro e successor de todos os direitos, que lhe pertenciam; e tendo ficado debaixo da protecção do fallecido rei Henrique o *Grande*, e actualmente debaixo da do grande triumphador Luiz XIII, o *Justo*, acha-se sempre desejoso, como o dever o obriga, de achar, se fôr possivel, o meio de restituir Portugal á sua liberdade, tanto para alli mandar enterrar o corpo do fallecido rei, seu pae, como ordena em seu testamento, ao que é obrigado como seu filho, como para com Deus com todas as sortes de serviços e submissões, como deseja generosamente ser reconhecido á magestade do rei Christianismo, que o protege: e segundo a grandeza de seu valor, nada lhe será mais custoso que o morrer sem effectuar o que seu regio coração pretende, apesar de se achar sobrecarregado de maguas e de angustias.»

Depois d'esta biographia seguem-se as cartas:

I *Cartas patentes do rei Henrique III, a respeito da tomada dos navios portuguezes emprestados ao rei D. Antonio.* Em francez, pag. 29.

II *Cartas patentes de commissão para informar e proceder contra aquelles, que se tinham esforçado para tomar o dito rei de Portugal.* Em francez, pag. 39–44.

III *Carta do rei ao duque Mercueur relativa ao mesmo assumpto.* Em francez, pag. 45–48.

IV *Cartas patentes de salva guarda passadas pelo rei Henrique III ao rei de Portugal.* Em francez, 48–53.

V *Carta do rei a respeito das sobreditas cartas patentes de commissão e salva guarda aos maiores e almotaceis da cidade de Nantes.* Em francez, pag. 53–56.

VI *Carta em hespanhol do conde de Leycester ao rei de Portugal D. Antonio.* Pag. 57–58.

Traducção da mesma carta em francez, pag. 59–60.

VII *Carta da rainha mãe do rei Henrique III, escripta ao rei de Portugal, quando estava na Inglaterra.* Em francez, pag. 61–64.

VIII *Carta do imperador de Marrocos ao rei de Portugal, traduzida do arabe em latim pelo senhor Gabriel Sionita, professor regio da lingua arabica em Paris.* Em latim, pag. 64–69.

IX *Carta da rainha de Inglaterra Isabel, escripta ao imperador de Marrocos, na occasião em que o rei de Portugal lhe enviou o principe D. Christovão, seu filho.* Em hespanhol, pag. 69–74.

Traducção da mesma carta de hespanhol em francez, pag. 74–77.

X *Carta de Sir Francis Drak ao rei D. Antonio.* Em francez, pag. 78–82.

XI *Carta da referida rainha, escripta em latim ao grande senhor sultão Murad Cham a respeito do referido rei de Portugal.* Em latim, pag. 82–86.

Traducção da referida carta em francez, pag. 86–91.

XII *Carta em hespanhol da referida rainha escripta ao imperador de Marrocos, a respeito do dito rei.* Pag. 91–96.

Traducção da mesma carta em francez, pag. 98–102.

XIII *Carta em italiano da dicta rainha escripta ao rei de Portugal.* Pag. 102–107.

Traducção da mesma carta de italiano em francez, pag. 107–112.

XIV *Cartas patentes do rei Henrique o* Grande, *em favor do dito rei de Portugal.* Em francez, pag. 112–116.

XV *Carta do rei de Portugal, escripta em portuguez, pouco antes de sua morte ao rei Henrique o* Grande. Pag. 116–120.

Traducção da mesma carta em francez, pag. 121–125.

XVI *Extracto d'um artigo do testamento do rei de Portugal, feito em Paris a 13 de julho de 1595.* Traduzido de portuguez em francez, pag. 125–128.

Vem em seguida esta advertencia:

«O rei Henrique o *Grande*, escreveu de Lyon ao principe de Portugal D. Christovão uma carta, depois da morte do dito rei de Portugal, a qual tendo-se perdido durante as guerras, não poude ser incluida aqui, mas apresentam-se as duas seguintes, que o rei escreveu a Diogo Botelho, e Scipião de Figueiredo.»

XVII *Carta escripta ao senhor Diogo Botelho.* Em francez, pag. 128–130.

XVIII *Carta escripta ao senhor Scipião Figueiredo.* Em francez, pag. 130–132.

XIX *Carta que D. Antonio I d'este nome, e decimo oitavo rei de Portu-*

gal escreveu ao santissimo padre o papa Gregorio XIII, em Rueil no anno de 1583. Em francez, pag. 133-261.

XX *Segunda carta escripta da Rochella pelo rei D. Antonio ao nosso santo padre o papa Sixto V.* Em francez, pag. 261-275.

XXI *Terceira carta escripta de Inglaterra pelo mesmo rei ao papa Sixto V.* Em francez, pag. 276-282.

XXII *Quarta carta do dito rei ao papa Sixto V, escripta de Inglaterra.* Em francez, pag. 282-287.

XXIII *Quinta carta do dito rei ao papa Clemente VIII.* Pag. 287-291.

XXIV *Sexta carta do dito rei ao papa Clemente VIII.* Em francez, pag. 292-300.

O referido livro da vida de D. Antonio é d'uma raridade extraordinaria. O unico exemplar, que tenho visto, é o que obsequiosamente me emprestou o ex^mo^ sr. conde de Geraz do Lima para d'elle me servir n'este trabalho.

181) BRIGNOLI (Dr.)

E. — *In morte di Sua Alteza Imperiale La Principessa Amelia. Ode.*

Foi publicada esta sentida poesia no vol. 12.º da *Revista Universal Lisbonense.* (1853).

182) BRILLAC (Mademoiselle S. B. DE)

E. — *Agnes de Castro. Nouvelle Portugaise.* Amsterdam, 1710.

(Ignez de Castro, novella.)

183) BROCKWELL (C.)

E. — *Natural and political history of Portugal during the reign of John V.* London, 1726, 8.º

(Historia natural e politica de Portugal durante o reinado de D. João V.)

É livro rarissimo, diz o visconde de Santarem a pag. cccxxxii do tomo 5.º do *Quadro elementar das relações politicas de Portugal com as diversas potencias do mundo.*

A um escriptor do mesmo nome vejo attribuida na *Historia de Portugal* do sr. João Felix (Lisboa, 1848, vol. 1.º pag. 60) uma obra com o seguinte titulo: *The natural and political history of Portugal to which is added the history of Brasil, and o ther dominions subject to the crown of Portugal in Asia, Africa and America.* 1825.

Não vi nem uma nem outra, e por isso não posso dizer se ambas são uma e a mesma obra, ou se effectivamente são duas differentes.

184) BROME (JACQUES).

E. — *Travels through Portugal, Spain and Italy,* London, 1712.

(Viagens em Portugal. etc.)

185) BROOK (T. H.)

E. — *A history of the Island of St. Helena, from its discovery by the*

rtuguese. London, 1808.--(Historia da ilha de Santa Helena, desde a sua scoberta pelos portuguezes.)

186) BROUGHTON.

E. — *Letters from Portugal, Spain, and France during the campaigns of 1812, 13, 14.*—(Cartas escriptas de Portugal, etc. durante as campanhas de —.)

187) BROWN (GENERAL).

E. — *Portugal in 1820, an historical view of the late revolution of Portugal.* 1827.—(Portugal em 1820, vista historica da ultima revolução.)

188) BROWN (ROBERT) — Celebre botanico inglez.

Será este o agronomo escocez nascido no anno de 1770, e fallecido em 1834, de quem nos falla F. Didot no vol. 7.º da sua *Biographia Universal*?

«Este botanico dando noticia das *Observações botanico-medicas sobre as plantas do Brasil*, obra do nosso Bernardino Antonio Gomes, chama-lhe a *respectable work*. O mesmo botanico dando informações de uma nova orchidea do Brazil, descripta por elle, e estampada no vol. XLI do *Botanical Magazine*, de Curtes, pag. 1784, e reconhecendo a planta um genero novo, dedicou-a ao dr. Gomes, pelo serviço, que prestara com as suas observações botanicas, especialmente na parte phytographica.

«Em 1797 appareceu publicado em Edimbourg um escripto do dr. Currie com o titulo de *Medical reports on the effects of water cold and warm as a remedy on fever and other deseases*, do qual escripto sairam mais duas edições, até 1804. Esta obra, de que Bernardino Antonio Gomes teve noticia no anno de 1800, foi o incentivo para elle fazer ensaios sobre as effusões frias no tratamento de febres graves; ensaios para que muito auctorisavam os bons resultados d'esta pratica, annunciados na obra do dr. Currie. A occasião, que se offereceu para isso na epidemia de Gibraltar era a melhor, o auctor não podia deixar de a aproveitar. E' o que fez, e com a satisfação de obter effeito correspondente á sua expectativa.

«Estes bons resultados constaram ao dr. Currie, o qual escreveu ao dr. Baeta, com quem tinha relações, para d'este modo obter do auctor as informações desejadas. Isto foi motivo de uma extensa carta ao dr. Currie, na qual lhe dava miuda conta do que observou.

«Esta carta foi depois impressa pelo dr. Currie na ultima edição da obra citada (tom 2.º pag. 531), e ahi exprime o medico inglez o grande apreço em que teve as observações do nosso auctor, e o seu especial merecimento.

«O ensaio sobre chinchonino, obra tambem de Bernardino Gomes, foi em inglez reproduzido no *Edinbourg Medical and Cirurgical Journal*, vol. 7.º, pag. 120; e no *Medical and Physical Journal* vol. 27. 1

189) **BRUCE (JAMES).** — Celebre viajante inglez.

Nasceu em Kinnaird no anno de 1730 e falleceu em 1794. [1]

E. — *Voyage aux sources du Nil en Nubie et en Abyssinie pendant les annés* 1768, 69, 70, 71, *et* 72. *Traduit de l'Anglois par J. H. Castera.* Londres, 1791, 13 vol.

Ha varias outras traducções d'esta obra em differentes idiomas.

Se bem que este trabalho não foi escripto para tratar exclusivamente de assumptos portuguezes, é todavia um d'aquelles, em que a cada passo se está fallando das acções de nossos antepassados.

Vejamos algumas das passagens mais notaveis d'esta obra.

Tomo 4.º pag. 142 e seguintes: «João I rei de Portugal, depois de ter vencido os mouros em varias batalhas, constrange-os a tornarem a passar o mar, e a regressarem á sua patria. [2] Suas victorias apagaram a vergonha da alcunha, que lhe tinham posto; e João o Bastardo não foi depois designado senão pelo nome glorioso de João o *Vingador*. Não era porém isto ainda bastante para sua grande alma. Ajudado por alguns marinheiros inglezes, fez uma descida ás costas da Barbaria, poz cerco a Ceuta, e tornou-se promptamente senhor d'esta grande cidade. As ligações d'este principe com os inglezes eram uma consequencia de seu casamento com Filippa de Lancaster, irmã d'Henrique IV, rei d'Inglaterra. João, o *Vingador* teve d'este consorcio cinco filhos, todos bravos, todos guerreiros na tomada de Ceuta, e em estado de commandarem exercitos. Henrique, o mais novo d'estes principes, tinha então apenas vinte annos, mas foi o primeiro a subir á brecha debaixo das vistas de seu pae, que o nomeou immediatamente mestre da ordem de Christo.

«Apesar de todas as felicidades, que teve o rei João I na guerra d'Africa, o principe Henrique conheceu bem depressa que Portugal era excessivamente limitado para luctar sosinho contra o enorme poder dos mahometanos, cujo dominio se estendia sobre as mais ricas partes do mundo conhecido. O engrandecimento repentino de Veneza feriu ao mesmo tempo os olhos d'este principe. Veneza devia só ao seu commercio a vantagem de poder resistir a seus formidaveis inimigos. Portugal de per si era mais importante que Veneza; mas reinavam em seu seio a pobreza, a ignorancia, o orgulho, e a preguiça: desde a expulsão dos mouros ate a agricultura n'este paiz estava em despreso.

«Desde sua mais tenra juventude o principe Henrique [3] amara apaixonadamente as mathematicas, e cultivara cuidadosamente a astronomia. Generoso e valente era inimigo da superstição, da vaidade e da ira. Tratava com a maior bondade os judeus e os arabes, unicos, que podiam secundar o ardor, que tinha de se instruir. Em vão, indubitavelmente, teria elle tentado tornar Portugal rival do commercio do Mediterraneo, do qual Veneza estava de posse. Porém restava-lhe um outro meio d'ir procurar as mercadorias á India: era mis-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biogriaphie Universelle*, tomo 7.º, pag. 562.

[2] Bruce não estava, como se vê, perfeitamente conhecedor da historia de Portugal.

[3] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 4.º, pag. 143.

ter atravessar o Oceano Atlantico, dobrar o famoso Cabo, ao qual então se dava o nome de Promontorio das tormentas, e penetrar no mar da Asia. Estimulado por esta idéa o principe Henrique retirou-se para uma casa de campo solitaria, afim de poder consagrar todo seu tempo ao estudo e á meditação de seus grandes projectos. A ignorancia e os preconceitos de seu seculo eram contra elle. Não se conhecia então outra geographia mais que a dos poetas. Os portuguezes imaginavam que todas as terras semeadas entre os tropicos não podiam ter habitantes, sendo abrazadas por um sol, cujo ardor nada havia que refrigerasse, e banhadas por um mar ardente. Por isso acreditavam que qualquer empreza para descobrir aquellas regiões era não sómente uma loucura, mas até um excesso d'audacia, um attentado contra a Providencia.

«Com tudo se o principe Henrique teve que combater os preconceitos de sua nação, achou por outro lado poderosos motivos d'animação. A historia grega, que elle estudava cuidadosamente, lhe provou que a viagem, na qual pensava, tinha sido já executada duas vezes: primeiramente pelos Phenicios, durante o reinado de Necho no Egypto, e depois por Eudoxo, no reinado d'um outro rei do Egypto muito menos antigo, em tempo de Ptolomeu Lathyrus. Eudoxo dobrou a ponta mais meridional d'Africa, e chegou a Cadix. Hannon tinha ainda feito mais: partira de Carthago, e depois de ter passado o estreito, tinha avançado para o Oceano Atlantico, até 25° de latitude Norte.

«Mas um exemplo mais recente é o de Macham, navegador inglez, o qual no seculo XIV, voltando da costa occidental d'Africa, naufragou, e se salvou na ilha da Madeira, então deshabitada, com uma mulher, a quem elle amava ternamente. Pouco depois Macham teve a desgraça de perder sua companheira, e não podendo supportar por mais tempo a solidão completa, em que se achava, [1] construia uma canoa, com a qual ganhou o continente, onde os habitantes se apoderaram de sua pessoa, e o apresentaram ao califa como um objecto de curiosidade. Finalmente em 1364 os Normandos de Dieppe tiveram uma companhia, que ia commerciar até Serra Leoa, que não está mais que a 7° da linha.

«A doçura, com que o principe de Portugal, tratava os prisioneiros mouros, foi recompensada pelas instrucções, que recebeu d'elles. Participaram-lhe que alguns de seus compatriotas do reino de Suz tinham penetrado muito pelo deserto dentro, montados em camellos, levando comsigo agua e provisões; que depois de alguns dias de marcha tinham encontrado minas de sal; que tinham tomado um carregamento extrahido d'ellas, e depois tinham ido alem dos limites das chuvas do tropico, onde acharam grandes cidades habitadas por homens negros e de cabello revolto. Estes homens haviam recebido muito bem os viajantes mercadores, e lhes tinham ensinado que havia ainda alem de seu paiz um grande numero de tribus bem povoadas e guerreiras. Por fim D. Pedro, irmão do principe Henrique, trouxe na sua vinda de Veneza um mappamundi, no qual toda a costa do Oceano Atlantico estava distinctamente tra-

[1] James Bruce – *Voyage aux sources du Nil*. vol. 4.°. pag 146.

çada, e estava figurado na extremidade meridional d'Africa um cabo rodeiado d'um mar, que communicava com o Oceano Indico.

«Apenas o principe se julgou seguro de haver uma passagem para as Indias, dando a volta d'Africa, que se occupou em mandar construir quanto era necessario para esta navegação. Corrigiu as tabuas solares dos arabes, fez algumas alterações no astrolabio, porque o quarto do circulo ainda não era conhecido em Portugal.

«Henrique pela sua beneficencia e liberalidade tinha attrahido para seu lado os mais habeis pilotos de seu tempo, e os mais sabios mathematicos, e lhes propoz de pôr sua theoria em pratica. Havia já dez annos que fazia partir navios para tentarem executar seus projectos sem ter ainda podido determinar os marinheiros, que os tripulavam, a passarem o Cabo Nan, isto é, avançarem trinta leguas mais até ao Cabo Bojador. Sua coragem só se limitava a isto, e a idéa d'um Oceano tempestuoso lhes fazia uma tal impressão, que voltavam successivamente satisfeitos de sua audacia e de sua sciencia. Mas o principe pensava muito differentemente. Dissimulando comtudo a opinião desvantajosa, que elles lhe davam de seu talento, continuou a demonstrar-lhes a possibilidade, que havia, d'executar seu projecto, e a prometter-lhes recompensas. Então emprehenderam novas viagens, e bem depressa voltaram tendo adiantado tão pouco como da primeira vez. Ha até probabilidades de que estes ensaios inuteis teriam durado ainda muito tempo, se um acaso, ou antes a providencia, não tivesse vindo em sua ajuda.

«João Gonçalves e Tristam Vaz, ambos da casa do infante D. Henrique na qualidade de gentishomens de sua camara, vendo a impressão, que a incapacidade de seus pilotos fazia n'elle, obtiveram d'este principe o commando d'uma pequena embarcação, e resolveram dobrar o Cabo Bojador, e descobrir a costa, que se prolonga alem. Foram surprehendidos por uma tempestade violenta, e depois de terem estado por alguns dias em perigo de morte, abordaram a uma pequena ilha, a que deram o nome de Porto Santo. João Gonçalves e Tristam Vaz estavam animados d'um verdadeiro espirito de descobertas. Longe de se julgarem perdidos em um novo mundo, e de se contentarem com o que tinham feito, occuparam-se em examinar bem o local, aonde o acaso os tinha arrojado. Emquanto os dois viajantes percorriam esta ilha, que era esteril, e pouco valia, observaram no horisonte um ponto negro, que nem mudava de sitio, nem de figura, e convencidos de que era uma terra, voltaram a Lisboa para darem parte ao infante D. Henrique de sua duplicada descoberta.

«Immediatamente este fez preparar tres navios, dos quaes dois foram confiados a Vaz e a Zarco, e o terceiro a Bartholomeu Perestrello, gentilhomem da camara do principe D. João, irmão de Henrique. Estes navegantes não enganaram as esperanças de quem os enviára. Ganharam primeiro Porto Santo, e depois avançaram até o ponto negro, visto por seus predecessores, que não era outra coisa senão a ilha da Madeira, então completamente coberta de arvoredo. No tempo d'esta descoberta tinha cessado de viver João I, e D. Duarte subira ao throno. Porém não impediu isto a Henrique de continuar o curso de seus projectos.

«Gil Eannes estimulado pela ventura dos ultimos viajantes partiu com a intenção de dobrar o cabo Bojador, sem se desviar da costa, de maneira a poder encontrar terras desconhecidas. Os ventos e o mar favoreceram-n'o. Dobrou facilmente o cabo, e depois de se ter adiantado algumas leguas para a bahia, que fica ao sul, veiu felizmente contar para Portugal que tinha achado um mar não menos navegavel além, que áquem do cabo Bojador, e que as difficuldades, os perigos d'este oceano, que tinham até então espantado os marinheiros, eram sem nenhum fundamento.

«A passagem do cabo Bojador foi dentro em pouco conhecida na Europa, e despertou no espirito de todos os navegantes o desejo de tentarem aventuras. Os mais ousados vieram depressa ter com o infante D. Henrique; e esta emulação augmentou ainda a coragem dos portuguezes, já orgulhosos com suas prosperidades. Mas ha sempre homens, que incapazes de produzirem alguma cousa grandiosa, passam seu tempo a criticar as emprezas dos outros. Estes homens censuravam o infante de ter escolhido o momento, em que a guerra dos Mouros acabava de custar muita gente e dinheiro a Portugal, para fazer novas despêzas procurando descobrir paizes, que elles consideravam como inuteis e perdidos no oceano. Apesar de se não atreverem a avançar como outr'ora que este oceano fervia continuamente á roda d'estas terras ardentes, sustentavam ainda que estas terras estavam de tal sorte abrazadas pelo sol, que todos os homens, que as habitavam, deviam tornar-se pretos, e que n'ellas não podia haver alguma vegetação [1]. Raciocinios taes teriam com tudo sido sufficientes para transtornar todos os designios do infante Henrique, se o rei de Portugal tivesse pensado, como a maior parte de seus vassallos. Porém Portugal estava destinado a chegar dentro em pouco ao mais alto ponto de heroismo e de gloria, graças á longa serie de principes sabios e valentes, que o governaram.

«O rei Duarte em logar de responder aos detractores das novas emprezas, testemunhou mais respeito e confiança a seu irmão [2]. Querendo mesmo excital-o a levar ainda mais longe seus projectos deu-lhe por toda sua vida a soberania da Madeira e Porto Santo, e de quantos paizes podesse mandar descobrir sobre a costa d'Africa, e submetteu para sempre a jurisdicção espiritual da Madeira á ordem de Christo, do qual o infante era grão-mestre.

«As viagens continuaram então debaixo dos auspicios de Henrique. Nuno Tristão dobrou o cabo Branco, e chegou até um pequeno rio, em cujas margens encontrou habitantes, que possuiam ouro, pelo que este rio se ficou chamando rio do Ouro, e construiram alli um forte, a que pozeram o nome de Arguim. No anno 1445 Diniz Fernandes foi o primeiro, que descobriu o rio Senegal, cuja margem septentrional é habitada por mouros asenagi, de côr baça, e a margem meridional pelos Jalofs, negros que recolhem, e vendem a gomma arabica.

[1] James Bruce — *Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.º, pag. 152.

[2] Bruce chama-lhe tio (pag. 152). Como já disse este auctor commette muitas inexactidões na historia de Portugal.

«Depois o navegador portuguez avançando além do rio avistou Cabo Verde, e foi não menos encantado, que surprehendido do espectaculo, que se lhe offerecia no meio da zona torrida, quando achou uma região regada por grandes rios, e ornada da mais brilhante verdura. A guerra civil assolava o povo dos Jalofs. Bemoi, um de seus principes reinava pela astucia de sua mãe, que tinha conseguido collocal-o sobre o throno n'um tempo de menoridade com prejuizo de seus tres outros irmãos, que eram os herdeiros legitimos. O mais velho d'estes principes conservava uma sombra de poder, e parecia favorecer o usurpador. Durante aquelle tempo Bemoi se ligou estreitamente com os portuguezes. Prometteu-lhes tudo quanto elles quizeram, e principalmente de lhes conceder um terreno para construirem um forte sobre o continente, e até d'elle mesmo se converter ao christianismo, o que parecia mesmo desejar ardentemente. O irmão mais velho de Bemoi não tardou que morresse, e os outros dois irmãos attacaram Bemoi; porém foi defendido pelos portuguezes, de quem elle tinha recebido por emprestimo grossas sommas de dinheiro. Depois hesitou em se converter, e deu ordem aos portuguezes de sairem d'aquelle paiz, e de o deixarem sosinho sustentar sua fortuna. Com tudo tendo perdido uma batalha contra seus irmãos, foi bem depressa reduzido á necessidade de fugir atravez do deserto até Arguim, e d'alli embarcou para Lisboa com um grande numero d'aquelles, que lhe eram affeiçoados. Foi acolhido pelo rei de Portugal com todas as honras devidas a um soberano, e recebeu o baptismo sendo apresentado na egreja pelo rei e rainha. Fizeram-se muitas festas na occasião d'esta conversão.

«O rei de Portugal appressou os preparativos, que deviam servir a tornar a pôr seu alliado no throno: e logo que os festejos acabaram, estava prompta para partir uma frota e um exercito consideravel. Porém infelizmente para Bemoi o commando d'esta expedição foi dado a Tristão da Cunha, guerreiro bravo e experimentado, mas d'um caracter tão orgulhoso e cruel, que seus compatriotas lhe tinham posto a alcunha de Biragudo.

«A frota não tardou em chegar á Africa. Desembarcaram as tropas, e seu numero e valor não lhes deixando receiar alguma opposição, o general portuguez começou a construir um forte, sem se importar se o logar, em que lançava os alicerces, era doentio. Era um logar baixo e pantanoso, e por isso as febres começaram immediatamente a causar estragos entre os portuguezes, e a fazer perder de vista o fim da expedição.

«Com tudo os murmurios do exercito e o receio de ficar sosinho para commandar seu forte desesperavam Cunha. Um dia, que elle estava a divertir-se a bordo de seu navio, tendo tido alguma altercação com Bemoi, trespassou-lhe o coração com uma punhalada, e o estendeu morto a seus pés, sem que o desgraçado rei tivesse tempo de dizer uma só palavra. Immediatamente o forte foi abandonado, e o exercito voltou para Portugal, depois de ter feito maiores despezas, que todas as descobertas do principe Henrique.

«Porém o ceu recompensou a sabedoria do rei de Portugal com uma descoberta, que o indemnisou amplamente. O principal fim das expedições do principe Henrique era achar uma passagem para as Indias orientaes, dobrando

a ponta meridional d'Africa, coisa que se julgava então impossivel.[1] Para obviar aos inconvenientes, que podessem sobrevir nas viagens por mar, emprehendeu-se uma outra por terra. No commercio da India atravessava-se a Africa em toda sua largura, d'oriente para occidente. O principe Henrique tinha tido designio de fazer seguir um caminho parallelo para ir ao meio dia, passando por paizes, onde dominava o christianismo; por quanto alguns christãos vindo da Palestina tinham referido, havia muito tempo, que existia em Jerusalem um convento de monjes, subditos d'um principe christão, que habitava no coração d'Africa, e cujo imperio se estendia das costas do mar Vermelho até á do Atlantico. Accrescentavam ainda, que alguns d'aquelles monjes vinham frequentemente a Alexandria, cujo patriarcha era o unico, que tinha o privilegio de enviar um bispo ao paiz d'elles. Marco Paolo, viajante Veneziano, tinha derramado muita confusão sobre toda esta historia, dizendo que encontrara nas suas viagens na Tartaria este principe christão, que se chamava o Prestes João.

«Com tudo o rei de Portugal escolheu para seus embaixadores junto d'este principe a Pedro da Covilhã e Affonso de Paiva. Covilhã era um homem muito capaz de desempenhar uma tal missão. Empregado algumas vezes pelo ultimo rei em negocios mui delicados, tinha mostrado muita sagacidade e prudencia. Além d'isso estava ainda em todo o vigor da edade, corajoso, activo, dextro para manejar toda a qualidade d'armas, modesto e jovial na conversação; e o que coroava tantas qualidades brilhantes, era que tinha a feliz vantagem de adquirir promptamente o conhecimento das linguas, e de poder bem depressa explicar-se por toda a parte sem interprete.

«Foi na corte de Bemoi que se teve a primeira certesa, que existia um principe christão no interior d'Africa. Os habitantes das costas do mar Atlantico contavam, que penetrando no paiz para éste, encontravam-se algumas nações poderosas, habitando em cidades e governadas por principes independentes uns dos outros; e que mais longe, ao oriente d'essas nações, estava um soberano, cujos vassalos nem eram pagãos, nem idolatras; mas meio judeus e meio christãos.

«Parece que estes pormenores deveram ser levados ao Senegal pelas caravanas. Certamente a linguagem dos negros não foi na origem mais que um dialecto do abyssinio.

«No Benim, outro paiz da Negricia, tiveram os portuguezes uma nova prova

[1] Não admira que Bruce usasse de expressões tão enthusiasticas: a *Historia Universal* composta por uma sociedade litteraria, e traduzida em francez diz a pag. 433 do tomo 23.º— Les portugais furent les fondateurs du commerce, et de la marine des européens.

«O primeiro unicornio, ou rhinoceronte da Asia, do qual se publicou a gravura, foi pintado por Albert Durer no principio do seculo XVI, conforme um animal vivo, que os portuguezes trouxeram da India. Durer pintou-o superiormente: e todavia é conforme este quadro que se teem espalhado por todas as partes do mundo tantas copias informes e monstruosas.» (Bruce) *Voyage aux sources du Nil* vol. 13.º, pag. 110.

de que existia um principe christão no centro d'Africa, e ao sudoeste d'este paiz.

«Os habitantes referiam, que era um principe muito poderoso, o qual se chamava Ogané, e que seu reino ficava a perto de duzentas e cincoenta leguas de distancia de Benim. Accrescentavam que na sua elevação ao throno os reis de Benim recebiam d'este principe uma cruz de cobre, e um bastão curvo.

«Parece que esta palavra Ogané é uma corrupção de João ou de Jeanoy, titulo, que os christãos orientaes deram aos reis d'Abyssinia. Mas é bem difficil de se acreditar que houvesse relações entre o imperio de Abyssinia e o Benim, não somente por causa da distancia, mas porque o intervallo, que os separa, é habitado pelos povos os mais selvagens do mundo, os gallas e os shangallas.

«Com effeito a corte da Abyssinia residia n'aquelle tempo em Shoa, provincia fronteira do sudoeste, e seria possivel que tivesse estendido sua potencia pelo paiz de seus barbaros visinhos até perto de Benim, que está nas margens do mar Atlantico.

«O rei de Portugal estava resolvido a não demorar por mais tempo a descoberta dos logares, que produziam especiarias na India, e d'uma passagem para se dirigirem por terra para a costa oriental d'Africa. Covilhã e Paiva foram pois encarregados d'esta missão, e munidos de credenciaes se dirigiram a Alexandria. [1] Deu-se-lhes ao mesmo tempo uma carta redigida debaixo da direcção do principe Henrique, e se lhes recommendou que a verificassem, e a corrigissem conforme o que vissem. Deviam informar-se onde se faziam os principaes mercados de especiarias, principalmente de pimenta; quaes os caminhos por onde se enviavam estas mercadorias á Europa, d'onde vinham o ouro e prata: e finalmente o rei lhes tinha recommendado que se informassem, se era possivel dirigirem-se á India dobrando o promontorio meridional da costa d'Africa.

«De Alexandria os viajantes portuguezes se encaminharam para o Cairo, e depois para Suez, na extremidade do mar Vermelho; e tendo-se aggregado a uma caravana de mouros, caminharam por Aden, cidade rica e commercial áquem do estreito de Babelmandeb. Alli separaram-se. Covilhã singrou para a India, e Paiva se fez de vela para Suakem, ilha pequena, e de pouco commercio, situada sobre a costa de Berberia. De Paiva apenas sabemos, que querendo ir mais longe, perdeu a vida, e nunca mais se ouviu fallar n'elle. [2]

«Covilhã mais feliz chegou a Calicut e a Goa. D'alli atravessando o oceano indico, foi ver as minas de Sofala. [3] Depois tornou para Aden e Cairo, onde, em

[1] A esta missão se referiu, ha poucos dias, Lesseps n'um discurso na Sociedade Geographica de Paris, a respeito da descoberta da Australia, pelo portuguez Heredia.

[2] Bruce—*Voyages aux sources du Nil*. vol. 1.°, pag. 163.

[3] «Um dia fallei ao principe de Shoa a respeito da historia, que se contou aos portuguezes na occasião da descoberta de Benin. Perguntei-lhe se era verdade, como a tal historia o referia, que os negros de Benin tivessem relações com um estado christão,

vez de encontrar, como esperava, seu companheiro Paiva, recebeu a noticia de sua morte. Foi encontrado no Cairo por dois judeus, chamados Abraham e Joseph, que lhe traziam cartas do rei d'Abyssinia. Então entregando a Abraham suas respostas, conservou Joseph comsigo, e tornando a tomar o caminho de Aden, dirigiu-se a Ormuz no golpho Persico. Alli Covilhã separou-se do judeu Joseph, que se aproveitou d'uma caravana, que atravessava o deserto para ir a Alepo. Covilhã não tendo outro projecto mais que visitar a Abyssinia, voltou ainda a Aden, e passando o estreito de Babelmandeb, desembarcou finalmente nos estados do rei d'Abyssinia.

situado no interior d'Africa, que elles reconheciam como soberano, e de quem recebiam a investidura de suas provincias? Se existiam taes relações com o Shoa, ou alguns vestigios de que tivessem existido outr'ora? E se havia finalmente algum outro estado christão ou judeu na visinhança do logar, ao qual o que se diz dos negros de Benin, podesse applicar-se? Amba Iassus me respondeu: Que em Shoa não se conhecia Benin; que até nunca ouvira pronunciar este nome, nem citar algum costume similhante áquelle, de que falla; quenão conhecia nenhum outro estado christão mais para o interior ao sul senão o reino de Narea, do qual uma grande parte estava conquistado pelos Gallas, nação pagã. Accrescentou que os negros visinhos de Shoa eram excessivamente ferozes, crueis, mais perigosos que os Gallas, e eguaes aos Shangallas d'Abyssinia. Os outros poves, tornou elle, eram em parte Mahometanos, e quasi todos da nação dos Gallas, porque alguns d'estes abraçam a religião de Mahomet. Porém não fazem trafico algum com o Oceano apezar de conhecerem o commercio do Oceano Indico, por ficar mais perto d'elles, e por lhes levarem os negociantes mouros mercadorias da India. Porém os Gallas invadiram quasi todos os paizes, que separam estas nações da costa do mar, e fazem com que o caminho das caravanas seja muito perigoso.» (Bruce — *Voyages aux sources du Nil*, vol. 10.º, pag. 164.

«Foi em Gondar que os jesuitas portuguezes construiram sua primeira e mais magnifica casa, quando emprehenderam a conversão do rei da Abyssinia. Socinios, que reinava então deu-lhes o terreno, e forneceu-lhes o dinheiro. Fizeram o convento e a egreja com suas proprias mãos, e a obra de talha em cedro muito bem feita. O monarcha zeloso da egreja catholica, quiz depois ter uma casa de prazer no mesmo sitio. Fizeram-lha os jesuitas e elle recompensou-os magnificamente. É um dos mais bellos sitios do mundo. Na frente prolonga-se o vasto lago Trana. As planicies ricas e ferteis do Dembea, do Gojam, do Maitsha o rodeiam, e as vistas não são alli embaraçadas senão pelas altas montanhas de Begander s de Woggira.» (Idem, idem, vol. 9.º pag. 17.)

«Nenhum dos primeiros portuguezes (vol. 9.º pag. 201) que chegaram á Abyssinia, nem Covilhã, nem Rodrigues de Lima, nem Christovam da Gama, nem mesmo o patriarcha Affonso Mendes viram as nascentes do Nilo, nem disseram tel-as visto. Pedro Paes veio depois, no reinado de Denghel, e a elle é que se attribue esta honra. Vou considerar por um momento se estas pertensões são bem fundadas.

«Paes deixou uma historia manuscripta da missão dos jesuitas, e das coisas mais notaveis, que no seu tempo se passaram na Abyssinia.»

«Esta historia está escripta em dois grossos volumes em oitavo n'um estylo simples e natural. Espalharam-se copias por todos os collegios e seminarios dos jesuitas; e na occasião da suppressão de sua ordem encontraram-se copias em todas as suas bibliothecas.

«Athanasio Kircher, jesuita, que se tornou celeberrimo pela variedade de seus conhecimentos, pelo numero de seus escriptos, e muito mais pelo arrojo com que assevera

«O principe chamado Alexandre estava então á frente de suas tropas para obrigar vassallos rebeldes a pagarem lhe o tributo, que lhes tinha imposto.

«Recebeu Covilhã com bondade: porém a curiosidade, mais que o proveito que podia tirar d'uma tal embaixada o interessou em favor dos portuguezes, e levou-o comsigo para Shoa, onde a corte então residia.

«Comtudo Covilhã não tornou mais á Europa. Uma politica cruel não permitte que os estrangeiros, que poseram o pé na Abyssinia, possam d'alli sair Covilhã alli casou; e conservando seu favor no reinado de differentes principes, chegou aos primeiros empregos, que desempenhou sem duvida com a su-

factos inverosimeis, e contrarios a todas as noções, que temos em historia natural; Athanasio Kircher é o primeiro, que publicou uma descripção das nascentes do Nilo, que diz ter tirado do Diario ou Historia do Paes.

«Com tudo devo observar que tal não achei nas tres copias da Historia de Paes, que vi na Italia, no meu regresso da Abyssinia. A primeira, que vi estava em Milão, onde por intervenção d'alguns amigos obtive a facilidade de a examinar com todo o descanço. Vi uma outra em Bolonha; e a terceira veiu-me ás mãos em Roma. Percorri-as rapidamente, e depressa me dirigi ao sitio, em que julgava dever estar a descripção, que procurava, porém não a encontrei. Todavia não me arriscarei a dizer minha opinião por este unico exame Appresentarei outras provas em confirmação de meu parecer, e demonstrarei que o missionario Paes não falla da descoberta, da qual lhe querem dar a honra, em nenhuma de suas obras, excepto n'aquella, que passou pelas mãos de Kircher. Affonso Mendes chegou á Abyssinia cousa d'um anno depois da morte de Paes. Mas apezar de que a descoberta das nascentes do Nilo seria muito lisongeira para elle, para o Papa e para o rei de Hespanha, e para todos seus grandes patronos d'Italia e de Portugal; ainda que escreveu a historia de seu paiz, e de quanto dizia respeito á sua missão, d'uma maneira muito circumstanciada, e com muita sensatez, nunca disse coisa alguma da pretendida viajem de Paes às nascentes do Nilo: e todavia serviram-se da auctoridade mesmo d'Affonso Mendes para espalhar esta historia em Roma, e em Portugal. Balthazar Telles, jesuita muito sabio, escreveu a respeito da Abyssinia dois volumes em folio, nos quaes se encontra muita ingenuidade e imparcialidade, attendendo ao espirito d'aquelle tempo. Declara que sua obra é feita conforme as memorias do patriarcha Affonso Mendes, e os dois volumes de Paes, assim como conforme as relações e as cartas d'alguns outros jesuitas, que todos tinham estado em differentes sitios. Telles tinha tido uma plena communicação de todos estes escriptos. Principalmente não despreza as relações annuaes de Paes desde 1598 até 1622. E com tudo não fez nenhuma menção das nascentes do Nilo, apezar de não deixar de se espraiar com complacencia sobre o merito e os trabalhos de alguns missionarios, durante o longo reinado do sultão Segued, que occupava metade da sua obra.

«Em seguida ao que acabo de observar para provar que Paes nunca foi ás nascentes do Nilo, nem pretendeu ter la ido, quero transcrever a relação, que Paes faz d'esta viagem imaginaria, ou antes a relação que o padre Kircher lhe empresta. Se houver um unico de meus leitores, que possa accreditar que um homem de genio, tal como Paes, transportado por acaso junto d'essas nascentes, pulando de prazer, e sentindo toda a importancia de sua descoberta, como elle parece sentil-a, possa ter feito a descripção, que se lhe attribue, consinto em ser considerado sómente como o segundo depois d'este missionario.

«Porem, antes de copiar esta descripção, resta-me fazer uma observação a respeito das datas da viagem. O dia memoravel, que se marcou para o da descoberta, e 21 d'abril de

perioridade, que um homem, cuja educação tinha sido esmerada, devia ter sobre um povo ignorante e barbaro. Escreveu amiudadas vezes ao rei de Portugal, que por sua parte nada poupou para continuar uma correspondencia sem interrupção. No diario, que Covilhã enviou ao monarcha, descreveu cuidadosamente os differentes portos da India, que tinha visto, a situação e a riqueza das minas de Sofala. Disse que este paiz era mui povoado, e cheio de cidades opulentas. Exhortou o rei a proseguir a descoberta d'uma passagem pelo sul d'Africa, passagem, que elle sustentou ser sem perigo. Asseverou, ser o cabo conhecido na India, e finalmente remetteu um mappa, de que um moiro

1618. N'esta epoca as chuvas começaram já a cahir; e a estação sendo doentia, não se poem exercitos em campanha sem uma extrema urgencia. E' só depois do mez de Septembro até fevereiro que os abyssinios se afastam de seus lares, e vão para a guerra.

«Ha na Abyssinia duas nações d'Agows; uma é a dos Agows de Damot, que habitam os arredores das nascentes do Nilo; a segunda é a dos Agows, conhecidos debaixo do nome Tcheratz-Agows, que vivem perto das nascentes do Tacazzé. Vemos na historia do reinado de Socinios, que elle marchou differentes vezes contra os Agows. A primeira vez foi em 1608, no primeiro anno de seu reinado; e os annaes Ethiopios dizem que fôra contra Tcheratz-Agows. Em 1611 Sosinios foi combater ainda os mesmos Agows de Lasta; de sorte que, se Paes tivesse sido morto com este principe, não teria podido ver outras nascentes, senão a do Tacazzé. A terceira expedição do rei foi em 1625, dirigida contra Sacala, Geesh e Ashoa. Os Gallas fizeram uma invasão no Gojam; mas retiraram-se, porque o exercito real marchou contra elles, e tornaram a passar o Nilo, defronte do paiz d'elles. Socinios avançou então contra os Agows de Damot, e deu batalha aos habitantes de Sacala, d'Ashoa, e de Geesh, que viviam em volta das nascentes do Nilo. Foi então que Paes, ou outro qualquer, que estivesse na comitiva do imperador, teria podido ver estas nascentes com segurança, pois que o exercito real estava acampado não longe d'aquelle sitio, talvez mesmo ao lado das nascentes, pois o logar seria perfeitamente conveniente para um acampamento. Porém Socinios achava-se alli em 1625, e Paes tinha morrido em 1622.

«Agora vou copiar a descripção que Kircher fez das nascentes do Nilo, disendo que a tinha tomado de Paes, e submetto-a a todas as pessoas sensatas para julgarem se ella parece ter sido traçada por uma testemunha ocular; se ella não pode applicar-se á nascente de qualquer rio, ou de qualquer ribeiro, como o Nilo se finalmente não é excessivamente vaga para dar uma idea clara do que se quiz fazer conhecer.

«Os Ethiopios dão hoje ao Nilo o nome de Abaoy. Tem nascimento no reino de Gojam e no districto de Sabala, cujos habitantes se chamam Agows. O nascimento do Nilo fica na parte Occidental do Gojam, e no sitio o mais elevado d'um valle, que se parece com uma grande campina cercada de altas montanhas. Achando-me n'esta terra a 21 d'Abril de 1618 com o rei, e exercito, subi até o sitio, onde está a nascente, e observei tudo com muita attenção. Descobri primeiramente duas fontes redondas, tendo cada uma um diametro de coisa de quatro vezes a largura de minha mão; e contemplei com um prazer extremo o que nem Cyro, rei dos Persas, nem Cambyses, nem Alexandre o grande, nem o famoso Julio Cesar poderam descobrir. Estas fontes não correm na esplanada, que está no cume da montanha; mas a agua nasce no pé d'esta montanha. Estam a coisa d'um tiro de pedra de distancia uma da outra. Disem os habitantes estar toda a montanha cheia d'agua, e accrescentam que toda a planicie dos arrabaldes fluctua continuamente, prova certa que ha muita agua por debaixo. E'esta a razão, pela qual em vez de transbordar

lhe tinha feito presente no qual o promontorio estava bem marcado, assim como todas as cidades, que bordavam a costa visinha.

«Com estas instrucções o rei de Portugal mandou armar tres navios, cujo commando deu a Bartholameu Dias, recomendando-lhe que se informasse bem do rei da Abyssinia, quando se achasse nas costas ocidentaes d'Africa. Dias foi até 24° e meio de latitude sul, e depois de alli ter posto um padrão, tomou posse d'aquelle paiz em nome d'este principe. Fez-se de vela, e entrou na Bahia dos Pastores, nome que deu a este logar por causa da multidão de bois, que vio em terra, Não sabendo muito bem para onde dirigia sua navegação, Dias

pelo alto da montanha, a agua abre com violencia uma passagem por baixo. O povo do paiz, bem como o imperador, que estava alli á frente do seu exercito, disseram que n'este anno a terra tremia menos em volta d'estas fontes, por causa da secca, mas que nos annos antecedentes tremia a ponto que era muito perigoso approximar-se d'ella. A esplanada, que fica no alto da montanha, tem coisa d'um tiro de funda de largura. Os naturaes habitam no pé da montanha, do lado do occidente, a uma legua da fonte.

«Este sitio chama-se Geesh; e a fonte parece estar distante de Geesh um tiro de peça d'artilheria. Finalmente a planicie, onde a fonte está situada, é d'um accesso difficillimo de todos os lados, menos do norte por onde se pode la subir facilmente.

«Tomarei a liberdade de fazer algumas reflexões, mas que bastarão para provar que esta descripção não pode ser de Paes, nem de nenhuma outra pessoa, que tenha viajado pela Abyssinia. Em primeiro logar não ha por estes sitios logar algum conhecido pelo nome de Sabala, mas sim um que tem o nome de Sacala. Sacala em lingua Ethiopica significa terra muito alta, d'onde a agua corre de todos os lados, tanto a éste, como a oeste, a norte e a sul. Assim os telhados das casas em forma de cone são chamados Sacala, porque na occasião de chover, corre a agua egualmente de ambos os lados. Assim corre dos pincaros das montanhas. Assim se vê em Sacala o Nilo correndo para o norte ao passo que varias outras nascentes formam o lago e ribeira de Temsi, e precipitam-se para o sul na planicie de Ashoa, trezentos pés acima do nivel da montanha de Geesh.

«Nem Sacala nem Geesh estão a oeste do Gojam, nem se approximam d'esta direcção. Para ir de Sacala ao Gojam é necessario primeiramente atravessar as altas montanhas de Litchambara, depois as de Amid-Amid; descendo-se de Amid-Amid entra-se na provincia de Damot, e depois de se ter atravessado em toda sua largura, chega-se ás fronteiras occidentaes do Gojam. Os erros, que se encontram na descripção attribuida a Paes, são de tal fórma, que é impossivel terem escapado a um homem, que tivesse estado n'aquelles logares, e fazendo parte d'um exercito, no qual cada official, cada soldado o conheciam como o favorito do monarcha, e se teriam apressado a ministrar lhe informações seguras. Não havia até ninguem n'aquelle exercito, que não tivesse considerado como uma honra tel-o Paes sómente empregado a ir-lhe buscar uma palha no mais elevado pincaro das montanhas d'Amid-Amid.

«Tudo é inteiramente falso na descripção de que acabo de fallar, tanto em relação ao numero e á posição das nascentes, como á situação da montanha, e da aldeia de Geesh. Tinha nas mãos a pretendida descripção de Paes, quando fiz o exame das nascentes do Nilo, e dos logares adjacentes. Medi todas as distancias, e achei-as todas imaginarias.

«Não é facil conceber porque Paes observa: «Que a agua, que acha uma saida no pé da montanha, não corre do alto.» Seria bem para extranhar que fosse d'outra sorte; e não duvido que uma montanha fazendo esguichar a agua pelo seu cume, quando esta

chegou ao rio do Infante, depois de ter alcançado aquelle formidavel cabo, termo dos desejos de todos os portuguezes. Alli querendo approximar-se da terra, foi por um mar tempestuoso, e contrariado pelos ventos; porèm obstinou-se em descobrir a costa, e chegou finalmente á vista do cabo, a que deu o nome de Promontorio das Tempestades, por causa de tudo quanto seu navio tinha tido que soffrer para alli chegar.

«O grande fim d'esta viagem estava em summa realisado. Dias e seus companheiros tinham passado por muitos perigos; e por isso na sua volta não se deixou de fazer justiça á sua intrepidez, e constancia. Estes navegantes tinham

agua tinha uma saida livre pelo pé da montanha, fosse a coisa mais curiosa, que os dois jesuitas tivessem podido vêr em sua viagem.

«Mas de qual montanha falla o missionario? Não a nomeou: disse pelo contrario, que as nascentes do Nilo estavam situadas na parte mais alta d'uma planicie. Se assim era, esta maneira de descrever as coisas não poderia ser entendida sem um interprete. Paes diz depois que a montanha está cheia d'agua, e estremece; e que ha uma aldeia alguma coisa abaixo do cume. Emquanto a mim nada vi de tudo isso. Qualquer que seja a montanha, da qual Paes quer fallar, póde realmente haver alli terrenos frios e humidos: mas se é a respeito da montanha de Geesh, posso assegurar que não existe aldeia a mais d'um quarto de legua de seu ambito. A aldeia de Geesh está a meia subida d'um rochedo, d'onde se desce para a planicie d'Asha. O pé d'este rochedo, isto é, a planicie está a trezentos pés abaixo da base da montanha de Geesh, e do sitio d'onde brotam as nascentes do Nilo.

«Paes diz em seguida que ha tres milhas da aldeia de Geesh ás nascentes. Meu quarto de circulo estava em minha tenda, posto perto da aldeia: por isso era-me necessario medir a distancia afim de poder fazer a compensação, e calcular minhas observações, como se tivessem sido feitas nas proprias nascentes. Eu caminhei desde a margem do cume do rochedo até ao centro da esplanada verdejante, d'onde brota a principal nascente, e achei 1760; e é a isso que Paes chama uma legua, ou o maior alcance d'uma bomba. Pelo que me toca, creio que é impossivel que alguem tendo estado nos logares, commettesse taes erros, ou então a narração devia ser considerada como não tendo exactidão.

«Terminarei por uma observação, que prova, creio-o invencivelmente, que Paes nunca viu as nascentes do Nilo. Elle diz que o campo, no qual estão situadas estas nascentes, é d'um accesso difficil, e que a subida é muito ingreme, excepto do lado do norte.

«Mas se se reflecte nas primeiras palavras d'esta descripção, achar-se-ha que é a descida e não a subida, que deve ser custosa; pois as nascentes do Nilo ficam n'um valle, e desce-se antes para um valle, do que se sobe para elle.

«Todavia, suppondo que seja um valle, e que n'este valle haja um campo, e que no meio do campo se erga uma montanha, e que sobre a montanha brotam as nascentes, direi ainda, que, se estes logares são inaccessiveis, é principalmente do lado do norte, por onde se sobe para alli pelas planicies de Gontto. Quando vimos do éste, sobe-se por Sacala, e pelo valle de Litchambara; e quando se sae da planicie d'Ashoa para o meio dia, tem-se o rochedo perpendicular e escarpado de Geesh, coberto de arbustos espinhosos, de arvores, e de bambus, que occultam a entrada de cavernas medonhas. Ao norte temos as montanhas de Aformasha, cobertas egualmente de todas as especies de arvores, de plantas armadas de espinhos, e principalmente de kantuffas. Estes logares estão além d'isso cheios de feras, e de grande numero de enormes macacos de cabello comprido, que muitas vezes andam em pé como homens. N'estas montanhas escarpadas não se encon-

experimentado tantas tempestades; e arrostado com tantos perigos, que durante o resto da vida do rei João, não se cessou de fallar d'este terrivel cabo. Com tudo o rei trocou o nome de Promontorio das Tormentas, que Bartholomeu lhe tinha posto, e quiz que se chamasse Cabo de Boa Esperança.

«Todavia apezar de se achar descoberta a passagem do cabo, não faltaram poderosos na corte, que queriam que se renunciasse á empreza.

«Uma das razões, de que se serviam em appoio de sua opinião é verdadeiramente curiosa; e, se os portuguezes não tivessem depois mostrado o maior heroismo, teriamos direito a crer que não existindo o principe Henrique,

tram mais que sendas muito estreitas, que parecem ter sido feitas para cabras, e outros animaes selvagens; quando se caminha por estas sendas ellas conduzem muitas vezes á borda de precipicios, e somos obrigados a retrogradar para achar um melhor caminho. Emfim vindo de éste, dos arredores de Zeegam, e da planicie, onde o rio faz tantas voltas e zig-zags, acha-se o caminho menos custoso, e comtudo os que sobem ás nascentes do Nilo por aquelle lado, não acham ainda que seja muito facil.

«Não me resta mais que uma coisa a notar; é que nenhum dos jesuitas, quer seja Paes, quer seja algum outro missionario, faz uso d'esta descoberta na geographia, nem a applicou a fixar a latitude, nem a longitude de nenhum logar.

«Os historiadores d'esta sociedade litterata não julgaram mesmo a proposito approveitarem-se dos documentos, que lhe tinham apresentado para fazerem menção da viagem de Paes; porque não teria sido facil sem duvida sustentar só com a auctoridade de Kircher, que escrevia em Roma, a realidade d'uma descoberta, que elle attribue a Paes, e que não se acha nos escriptos do proprio Paes. Se esta viagem fosse verdadeira, ter-se-hia pelo menos publicado o itinerario; e a maior parte dos jesuitas eram assaz instruidos para determinarem, ou bem ou mal, a latitude e a longitude de alguns logares situados n'estes paizes, onde elles residiram perto de cem annos Accrescentemos que nenhum membro d'esta sociedade disse em tempo algum palavra a respeito da idolatria, que reina nas cercanias das nascentes do Nilo; e no emtanto parece que quanto diz respeito á religião, não lhes poderia ter escapado.

«Se os jesuitas tivessem querido ir ás nascentes do Nilo, teriam podido partir de Dancoz, e por meio d'uma bussola, cujo uso era então bem conhecido dos portuguezes, ter-lhes-hia sido facil encaminharem-se para alli, e traçarem exactamente sua marcha. Quando habitaram seu convento de Gorgora, não estavam a cincoenta milhas de Geesh. Enganaram-se comtudo dez milhas, dizendo que havia mais de sessenta milhas de distancia entre estes dois logares; porém este erro provém de accreditarem que as nascentes do Nilo estavam na provincia de Gojam, e que do Gojam a Gorgora ha effectivamente sessenta milhas.

«Quando, depois de ter bem determinado a latitude e a longitude de Gondar, eu parti para me encaminhar ás nascentes do Nilo, pensei que o conhecimento geographico dos logares era o unico fructo, que a posteridade poderia tirar de minha viagem, e que valia mais traçar um simples itinerario, que descripções mais agradaveis, mas menos uteis. Em conformidade com isto marquei diariamente a duração da minha marcha com o relogio na mão, e regulei a direcção d'elles com uma bussola. Tomei a altura do sol e das estrellas em Dingleber, nas margens do Helti, e em Goutt; e finalmente determinei a latitude das nascentes do Nilo por meio de varias observações, e sua longitude por uma observação unica, e mui favoravel. Retirei-me das nascentes do Nilo por um caminho differente d'aquelle, que tinha tomado, quando para lá me dirigi. Segui a margem

o zelo pela religião e o espirito de conquista tinha egualmente affrouxado n'esta nação.

«Os detractores das descobertas diziam pois, que a passagem a India pelo Cabo de Boa Esperança privando os estados Mauritanos do commercio das especiarias induziria estes povos a reunirem-se para exterminar os portuguezes. Porém o tirar-lhes este commercio fôra com effeito a ambição do principe Henrique. Queria a ruina dos moiros, como chefe da ordem de Christo, ordem estabelecida contra os infieis, e mais particularmente contra os sectarios de Mahomet.

opposta do rio e observei a altura do sol não longe do convento de Welled-Abbo, na propria casa do Shalaba Welled Amlac. Marquei tambem na minha carta todas as aldeias, que eu tinha atravessado, ou visto a pouca distancia do caminho, bem como o grande numero de rios, que me foi necessario passar. Quem lançar os olhos para a minha pequena carta, não poderá formar mais que uma idéa imperfeita dos incommodos que ella me custou. Todavia julguei-me amplamente recompensado de meus trabalhos, quando comparei em Gondar o calculo da minha jornada, conforme a bussola, com aquelle que me devia dar segundo minhas observações astronomicas. Achei que não me tinha enganado senão em coisa de nove milhas sobre a latitude, e sete milhas sobre a longitude, erro de mui pouca monta n'uma grande carta, e quasi imperceptivel n'uma carta reduzida. Certamente nem Pedro Paes, nem algum outro homem, que ouse aspirar a uma descoberta por tanto tempo, e tão ardentemente desejada, teria podido fazer o que eu fiz; de sorte, que partindo de Gongora ha metade menos de caminho, do que partindo de Gondar. Mas quando fosse verdade que Paes emprehendeu a descoberta, da qual Kircher lhe dá a honra, não era menos verdade, que tinha deixado o mundo na mesma ignorancia, em que o tinha achado, pois teria viajado como um ladrão, que descobrindo as nascentes occultas do Nilo, para ellas teria olhado, e de repente teria deixado cair o veu sobre ellas, como se tivesse receio de as vêr.

«Ludolfe Vossio divertiram-se muito com a historia d'esta descoberta; acreditam que Kircher a fez para Paes, do qual não citam o nome, mas a quem chamam o descobridor dos rios.

«Dizem ser muito ridiculo imaginar que o imperador d'Abyssinia fizesse vir um jesuita da Europa, para ser o antiquario do seu paiz, para lhe ensinar que as nascentes do Nilo estavam nos seus estados, e mostrar-lhe o logar d'onde ellas brotam. Mas a critica de Vossio é despropositada. Nem Paes nem Kircher, nem quem quer que foi o auctor d'este livro, onde se falla d'esta descoberta, nunca pretendeu que tivesse havido necessidade de ensinar ao imperador d'Abyssinia o logar, em que estavam as nascentes. Conta sómente que os Agows de Geesh lhe disseram que a montanha tremia no tempo da secca, e que mesmo tinha tremido n'aquelle anno, e que o imperador, que estava presente ao dito dos Agows, o tinha confirmado com seu proprio testimunho. Não é isto dizer que Paes ensinou o imperador, cujo exercito estava acampado perto de Geesh, que as nascentes do Nilo estavam em seus estados, o que eram aquellas mesmas, que elle estava vendo. (James Bruce — *Voyage aux sources du Nil*, vol. 9.º, pag. 201 a 220.)

«Conta-se que o celebre Affonso d'Albuquerque, vice-rei das Indias, escreveu muitas vezes ao rei de Portugal, D. Manuel, para lhe mandar alguns habitantes da Madeira, homens costumados a nivelar a terra, para prepararem plantações de canna de assucar. Albuquerque queria servir-se d'elles para executar a empreza que formára de lançar o Nilo para o mar Vermelho, com o fim de esfomear o Egypto. O filho de Albuquerque

«D. Manoel, que occupava então o reino de Portugal desviando-se de erros vãos, resolveu seguir o projecto, o mais nobre e o mais arrojado, que uma nação poude jamais emprehender, e que, apezar de ter custado já muito tempo e dinheiro, tinha tambem já começado a apresentar bellos resultados, superiores a quanto se esperava. Não teve necessidade de andar a procurar muito tempo para lançar as vistas sobre Vasco da Gama, homem distincto pela sua coragem e por uma grande presença d'espirito. Escolheu-o para commandar esta frota, e entregou-lhe na sua partida o diario, e o mappa da India por Pedro da

refere este caso inverosimil, e accrescenta que não duvida que seu pae se tivesse saido bem, porque elle sabia d'um modo incontestavel, que, quando os arabes do alto Egypto estavam em guerra com o sultão, interrompiam o curso do canal, que está entre Henna, no Egypto, e Cosseir sobre o mar Vermelho.

«Tellez e Le Grand ao referirem as opiniões de Albuquerque e de seu filho, fazem muitos elogios ao filho á custa do pae, mas sem duvida não teem razão.

«Em primeiro logar vimos na historia d'Abyssinia, que tudo quanto D. Manuel poude fazer, foi enviar quatrocentos homens em soccorro do rei d'Abyssinia, cujos estados estavam então quasi totalmente invadidos pelos turcos e pelos moiros. Não é pois da India que se podia esperar a execução d'uma empreza tão grandiosa e tão difficil, como a de desviar o curso do Nilo. Depois o joven Albuquerque engana-se evidentemente no facto que assevera.

«Nunca houve canal entre Cosseir e Cana. As mercadorias que veem pelo mar Vermelho foram sempre transportadas por caravanas. (Idem, idem, vol. 9.º, pag. 355.

«Diz-se nos escriptos dos jesuitas que os Agows adoram as cannas· Veja-se a notavel carta que o ras Sela Christos dirigiu ao imperador Socinios, e que está inserta em Balthazar Telles; tomo 2.º, pag. 496. Porem eu nunca observei n'este povo algum vestigio de tal culto. (Pag. 400.)

«A infanteria abyssinia tem estandartes pintados de duas côres differentes, e com tiras, que se cruzam em amarello e branco, ou em vermelho e verde; porém os estandartes da cavallaria teem um leão vermelho, verde ou branco. A primeira invenção d'isto é attribuida aos portuguezes. (Idem, idem, vol. 8.º, pag. 104.)

«Vou agora contar a relação que faz do baptismo annual dos abyssinios Alvarez, capellão do embaixador portuguez D. Rodrigo de Lima.

«O rei d'Abyssinia tinha convidado D. Rodrigo de Lima a assistir á celebração da Epiphania. Os portuguezes encaminharam-se a milha e meia do acampamento, para a borda d'um lago destinado para a cerimonia. Alvarez diz que todos aquelles, que encontravam no caminho, lhes perguntavam se se iam baptisar, ao que este capellão respondia que não, porque tinham sido baptisados á nascença.

«De noite, diz elle, reuniu-se um grande numero de padres, que se pozeram a cantar, ou para melhor dizer a mugir com a intenção de abençoarem a agua. Depois da meia noite começou o baptismo. O abuna Marcos, o rei e a rainha foram os primeiros a entrarem no lago. Tinham cada um d'elles uma porção de panno de algodão em volta da cintura; porém o povo não estava tão coberto. Ao romper do sol a cerimonia estava quasi acabada, e quando Alvarez chegou ao lago, viu que estava cheio d'agua benta, e que se tinha deitado n'elle muito azeite.

«Parece, segundo esta passagem, que o capellão portuguez não estava ainda no lago, quando a cerimonia estava mais de metade feita, e que elle não foi testemunha nem da benção da agua, nem da immersão do rei, da rainha e do abuna. Emquanto ao azeite

Covilhã, com cartas para todos principes indianos, dos quaes tinha ouvido fallar.

«Porém, o que Vasco da Gama fez na sua partida, não annunciava nem um guerreiro, nem um grande homem; suas procissões, seus votos, suas momices, sua devoção apparatosa e digna d'um verdadeiro supersticioso, todo seu procedimento finalmente parecia mais dirigido a desanimar seus soldados, do que a os animar a servir valentemente sua patria.

«Lembrou-lhes muito inconvenientemente as tempestades, que Dias tinha soffrido perto d'aquelle terrivel cabo que iam dobrar, e não fez mais que per-

deitado na agua, não quero contradizer positivamente Alvares, porque, ainda que eu tivesse chegado cedo, quando fui vêr o baptismo d'Adowa e o de Habha, seria possivel que se tivesse praticado a mesma coisa, e que a obscuridade me tivesse impedido de vêr. Comtudo, nunca ouvi dizer na Abyssinia que se empregasse o azeite para esta cerimonia. Continuemos a narração da Alvares:

«Tinha-se erguido um amphitheatro, onde o rei estava assentado, de maneira que tinha a face voltada para o lago. O rosto do monarcha estava coberto com um veu de tafetá azul; e um velho, que era o aio d'este principe, tinha-se mettido na agua até aos hombros, nú como a mão, e meio morto de frio, pois tinha caido muito gelo durante a noite.

«Este velho pegava na cabeça de todos aquelles, que se aproximavam d'elle, e os mergulhava na agua, dizendo-lhes em lingua abyssinia: Eu te baptiso em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

«A provincia de Shoa, onde o rei d'Abyssinia estava então, achando-se aos 8° de latitude norte, e o sol 22° sul de sua declinação meridional, avançando para o norte, este astro devia estar no dia da Epiphania a menos de 30° do zenith do lago, onde se fazia o baptismo. N'esta estação o thermometro de Farenheit sobe em Gondar a 68°, e em Shoa não póde elevar-se a menos de 70°; porque Gondar fica pelos 12° de latitude norte, isto é, a 4° mais ao norte. Ora é impossivel que a agua gele em Shoa, e posso asseverar que nunca vi gelo em algum sitio da Abyssinia, mesmo nas mais frias montanhas. E além d'isso n'este paiz o mez de janeiro é um dos mais quentes do anno.

«O baptismo, diz Alvarez, começou á meia noite, e o velho que presidia á cerimonia, mergulhava na agua a cabeça dos neophitos, dizendo-lhes: Eu te baptiso em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

«Ao romper do sol a multidão augmentou, e só ás nove horas é que tudo foi acabado. É mister convir que o tempo deveu parecer bem longo a um velho, que estava mettido até aos hombros na agua gelada.

Mas o numero dos baptisados não foi menos de quarenta mil, porque as mulheres estavam misturadas confusamente com os homens; e póde-se julgar que o baptisador geral teve bastante occupação para não ter frio, se é verdade que passaram pelas suas mãos no espaço de nove horas, quarenta mil pessoas.

«As mulheres, conforme o capellão portuguez, estavam na presença dos homens sem terem nada no corpo, que as podesse cobrir. O abuna, o rei e a rainha foram os primeiros baptisados, e não tinham outro vestuario senão um panno de algodão em volta dos rins, mas eu atrevo me a affirmar que nunca se contou coisa alguma mais opposta aos costumes d'um paiz. O rei d'Abyssinia anda todo coberto, e a unica parte do corpo, que se lhe póde vêr são os olhos.

«A rainha e todas as outras mulheres, quer em publico, quer em particular, estão

suadir-lhes por esta maneira, que esta viagem lhes offerecia maiores perigos, que gloria.

«Com tudo a 14 de julho de 1497 Gama partiu de Lisboa com sua pequena frota; e como a arte da navegação tinha já feito grandes progressos, singrou no alto mar em direitura ás Ilhas Canarias, e depois ás de Cabo Verde, onde lançou ferro, e onde tomou agua e mantimentos. Tendo-se feito de vella, foi contrariado quatro vezes pelos ventos e mau tempo, e opprimido de fadiga viu-se obrigado a entrar na grande bahia de Santa Helena. Vasco viu que os habitantes d'esta bahia eram baixos, negros, e fallavam uma linguagem desconhecida, linguagem que se vio depois ser a mesma, que a do Cabo de Boa Esperança.

«Os portuguezes não tinham ainda conhecimento dos ventos geraes e das

egualmente cobertas até á barba. Teem por vergonha deixar um estranho vêr-lhes a ponta do pé, e teem grande cuidado em terem as mãos cobertas até á extremidade das unhas.

«O velho aio, que estava no lago, pronunciava em abyssinio a formula: Eu te baptiso em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. É certo que Alvares não percebia uma unica palavra d'esta lingua, mas o que é mais para admirar é que o capellão portuguez fallou em latim ao rei, que o entendeu muito bem, e que lhe perguntou se se tinha doutorado em Sarbonne. *Qui crediderit, et baptisatus fuerit, salvus erit*, disse ainda Alvares.

«Tendes razão emquanto ao baptismo, responde o rei; estas palavras são do nosso Salvador; porém a cerimonia, que acabamos de praticar, foi inventada por um de meus avós, em favor dos abyssinios, que se tinham feito mahometanos, e que desejavam regressar ao christianismo.

«Alvares, querendo persuadir-nos que esta cerimonia era realmente um baptismo, diz que antes da sua chegada ao lago, tinha-se deitado azeite na agua. Não se atreve pois a affirmar que o vio fazer, porque é uma falsidade; mas sabe que era um dos ritos das egrejas do Oriente, é por isso que falla d'elle.

«O capellão de D. Rodrigo de Lima teria devido ver, que não sómente os homens e as mulheres se lavavam no lago, mas que faziam banhar alli os cavallos, vacas, mulas, e uma quantidade immensa de burros.

«Não terei por conseguinte escrupulos em dizer, que tudo quanto Alvares diz n'esta relação, não passa d'uma mentira grosseira, porque os abyssinios nunca olharam como um baptismo a cerimonia, que praticam no dia da Epiphania. *(Voyages aux sources du Nil*, vol. 8.°, pag. 138)

«A cataracta d'Atala, no rio Nilo offereceu á minha vista um dos mais bellos espectaculos, que tenho visto. O jesuita Jeronymo Lobo pretende que se poz debaixo do arco que fórma o Nilo, precipitando-se. Conta que não sómente alli se assentou com tranquillidade, mas que, olhando atravez da massa d'agua que cala, viu a luz dividida como por um prisma, n'uma infinidade de circulos matisados como o do arco iris. Porém eu ouso sem hesitar dizer que é uma mentira. A bacia que recebe a cascata é muito profunda, e a agua está alli extremamente agitada. Mas suppondo mesmo que houvesse no meio d'esta bacia uma elevação, onde se podesse sentar, seria impossivel a um homem chegar alli. (Idem, idem, pag. 281.»

Bruce a todos os escriptores portuguezes tinha, como se tem visto, na conta de falsarios e mentirosos. De egual modo procederam para com elle os escriptores europeus, que chegaram a duvidar que Bruce tivesse estado na Abyssinia.

monções, que reinam n'estes mares; e Gama tinha partido para a India na estação mais desfavoravel. A 16 de novembro fez-se de vela para o Cabo com vento de sudoeste: porém no mesmo dia o mau tempo se declarou, e os portuguezes foram de tal maneira acossados pelo temporal, que a 18, tendo finalmente descoberto o Cabo, não se atreveram a dobral-o. Viu-se então quanto as impressões, que lhes tinha deixado a viagem de Dias, eram mais fortes, que os deveres, obediencia e resignação, que tinham tão solemnemente jurado na capella da ermida, aonde Vasco os tinha levado em procissão. Toda a equipagem se revoltou, e se recuzou a ir mais longe, estando os pilotos, e contramestres mesmo á frente dos amotinados. Porém Vasco, bem convencido que nenhum perigo extraordinario os esperava alem do Cabo, persistiu em querel-o dobrar, e os officiaes animados do mesmo ardor, que seu commandante apoderaram-se dos chefes amotinados, e pozeram-nos a ferros no porão.

«O proprio Vasco tomou na mão o lème de seu navio, e se desviou da terra, com grande espanto de seus mais bravos companheiros. O temporal durou ainda dois dias, mas elle não poude abalar a constancia do almirante, que a 20 teve finalmente a honra de dobrar o cabo. N'este momento de triumpho as trombetas e tambores fizeram-se ouvir, e Vasco permittiu a seus companheiros toda a sorte de regosijos, a fim de banir a lembrança de seus receios, fazel-os concordar com elle em que este cabo tinha sido mui justamente chamado o Cabo de Boa Esperança.

«A 25 os portuguezes ancoraram n'um pequeno porto, a que deram o nome de S. Braz. Pouco depois viram um grande numero de habitantes, correrem á praia, e aos montes proximos. O almirante temendo alguma surpreza, fez desembarcar gente armada. Porém antes d'isso mandou que atirassem para a praia guisos de metal, e outras bagatellas. Os indigenas apoderaram-se d'ellas precipitadamente, e aventuraram-se mesmo a chegar tão perto, que um d'elles tomou alguma coisa mesmo da mão do almirante. Logo que Vasco desceu á terra, os selvagens acolheram-no cantando e tocando flauta; e elle mandou aos portuguezes, que tocassem trombeta, e dançassem á roda dos selvagens.

«De S. Braz até sessenta leguas mais longe, a costa pareceu aos portuguezes coberta de arvoredo, e d'uma verdura extremamente agradavel. Em dia de Natal approximaram-se da terra, e entraram n'um rio, ao qual deram o nome de rio dos Reis. Chamaram tambem toda a que se extende de S. Braz a este rio—Terra do Natal. O tempo tinha-se tornado muito bello; os portuguezes deitaram todas suas lanchas no mar para descerem a terra, e viram a praia juncada de homens e de mulheres de grande estatura, mas que não tinham maneiras affaveis e agradaveis. O almirante mandou desembarcar Martim Affonso, que fallava varias linguas dos negros. Este fez-se muito bem entender, e foi agradavelmente acolhido pelo chefe, ou rei, a quem o almirante mandou de presente algumas bagatellas, e que em compensação offereceu quanto produzia seu paiz. Tanto estava encantado dos portuguezes!

«A 15 de janeiro de 1498, tendo renovado sua provisão d'agua, que os proprios negros ajudaram os marinheiros a metterem a bordo, Gama deixou este povo affavel e generoso, e adiantou-se até ao Cabo, a que deu o nome de Cabo

das Correntes. Alli termina a Costa do Natal, e começa a de Sofala ao norte do Cabo. Gama, vindo do meio dia ao Cabo das Correntes, chegou exactamente ao mesmo sitio, aonde Covilhã tinha ido ao vir do Norte, de maneira que estes dois portuguezes tinham feito elles sós a volta inteira d'Africa.

«Subiu ao throno d'Abyssinia Iscander, e os portuguezes derramaram uma grande confusão sobre uma parte da historia d'este paiz, Iscander subiu ao throno em 1475. Morreu, diz-se, em 1490, o que é confirmado por Ludolf; e todavia todo o mundo sabe, que não devia ter morrido, senão em 1492. A maioria dos portuguezes confessa além d'isso que Covilhã viu Iscander, e conversou com elle algum tempo antes da sua morte: o que deve effectivamente ser verdade, se este principe viveu até 1492; porque Pedro da Covilhã entrou effectivamente na Abyssinia em 1490, assim como nol-o conta Galvão nas memorias de seu pae. Mas por outra parte Telles diz-nos que Iscander tinha morrido seis mezes antes da chegada de Covilhã. Que acreditar? Se Covilhã não chegou effectivamente á Abyssinia senão seis mezes depois do assassinato d'Iscander, foi então no fim do reinado de Amde-Sion, menino, que não occupou o throno mais que sete mezes. Nem Alvarez, nem Telles fazem menção d'este joven rei, e ambos commetteram uma serie d'erros, o que prova que os historiadores portuguezes prestam pouca attenção á Chronologia Abyssinia. Dizem que Iscander era pae de Naod, quando era seu irmão. Fallando depois a respeito de Helena apresentam-na como mãe de David; e todavia Helena, declarada Iteghé, durante a menoridade de David III, não era senão avó, ou para melhor dizer esposa do avô d'este principe, e ella nunca teve filho.

«Achei perto de quatro annos de differença entre meu calculo, e o dos auctores, que acabo de citar. Mas julguei não dever servilmente renunciar á minha opinião, para seguir a de estrangeiros, que entendiam muito mal a lingua, e quasi que não conheciam a maneira de contar do paiz, do qual escreviam a historia. Meu calculo aliás é apoiado por um eclipse de sol succedido em 1553, no decimo terceiro anno do reinado de Claudio. Partindo d'esta epocha até o instante, em que puz os pés nas terras d'Abyssinia; e remontando depois ao tempo d'Iscander, parece que este principe subiu ao throno em 1478, e que reinando 17 annos, deveu viver até o anno de 1495. D'esta sorte poude ver Pedro do Covilhã, e conversar com elle, se Covilhã effectivamente foi á Abyssinia em 1490.

«Depois do assassinato d'Iscander os abyssinios offereceram a coroa a Naod, irmão d'Iscander, e morrendo depois d'um reinado de treze annos, succedeu-lhe David. [1]

«Por este tempo os turcos, que até então tinham sido julgados como nada valendo no meio dia da Africa e da Asia se mostraram de repente debaixo d'um aspecto, que fez tremer todos estes estados.

«Selim, imperador de Constantinopla, venceu Canso El Guari, Sultão do Egypto, que morreu no combate. Algum tempo depois tendo dado uma segunda batalha, Selim ainda vencedor se apossou do Cairo, e debaixo do espe-

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol 1.°, pag. 189.

cioso pretexto que Tomum-Bey, successor de Canso, tinha mandado matar os embaixadores turcos, mandou enforcar o desgraçado Sultão na porta principal de sua capital, e com esta execução sanguinolenta destruiu a raça dos Mamelukos. Sinan-Becha, primeiro ministro e general de Selim; conquistou bem de pressa toda a peninsula da Arabia até ás margens do Oceano Indico.

«O povo por muito tempo acostumado a combater, e a quem Mahomet tinha inspirado seu enthusiasmo, conquistou o Oriente. Mas o luxo o desarmou bem de pressa, e o reduziu á mesma situação, em que elle estava, logo que Augusto quiz submettel-o. Sinan-Pacha não teve, pois, necessidade mais que d'um punhado de guerreiros para exterminar os soberanos legitimos d'estas regiões. Uns foram vencidos pela força, outros pela perfidia, e Sinan os substituiu em cada cidade principal por officiaes de confiança, com guarnições de janisaros, que não conheciam outras leis mais que as militares.

«A guerra comtudo tinha mudado de fórma debaixo d'estes novos conquistadores. As espingardas, a artilheria estavam empregadas contra os dardos, lanças, frechas, unicas armas usadas na Arabia e na Abyssinia. Uma frota carregada de soldados, e de instrumentos de guerra, cujos nomes eram tão desconhecidos aos povos d'estas regiões, como seus effeitos destruidores, foi destinada pelos turcos a conquistar a India; e ainda que o valor portuguez veiu em ajuda dos indios, e repellisse gloriosamente os othomanos, estes fortificaram sem cessar os diversos postos, que tinham na Arabia, e com os soccorros dos quaes contavam, se um inimigo quizesse detel-os, se a tempestade, ou qualquer outro obstaculo tivesse podido oppôr-se ao regresso d'elles.

«Póde se dizer que estas guarnições de janisaros devoravam as entranhas do commercio debaixo do pretexto de o proteger. Seu commandante tinha pois estabelecido alfandegas em alguns portos. Mas viu-se bem depressa que o verdadeiro motivo era o de conhecer melhor as pessoas, ás quaes podiam extorquir mais dinheiro. Jidda, Zibid, Moka, cidades commerciantes e visinhas de Abyssinia, ainda que situadas sobre a costa d'Arabia; Suakem, ilha na costa d'Africa, ás portas dos abyssinios, e no caminho das caravanas, que vão da Abyssinia ao Cairo, estavam todas debaixo do commando d'um bachá turco, e tinham guarnições turcas enviadas pelo imperador Selim, e por Solimão, seu successor.

«Os mercadores arabes não gostando senão da paz, e tendo aquella boa fé, que um commercio prospero inspira, fugiram sem demora para longe da violencia, e da injustiça dos turcos, e levaram suas riquezas para as costas do reino d'Adel. O commercio da India, querendo escapar aos mesmos tyrannos, foi tambem para Adel refugiar-se entre seus amigos; e alli foi que os mouros o cultivaram durante todo o tempo, que durou a impolitica e barbara oppressão dos turcos.

«Zeyla é uma ilhota, situada na costa d'Adel, opposta á Arabia Feliz, na entrada do Oceano Indico. Os turcos estabelecidos na Arabia, apesar de não advinharem a verdadeira causa da fugida do commercio, ficaram muito quizilados de o verem refluir para o reino d'Adel. Apoderaram-se de Zeyla, e estabeleceram alli uma alfandega, e por meio d'este posto, e das galeras, que en-

viavam em cruzeiro para os estreitos, submetteram o commercio, que o reino d'Adel fazia com a India, ás contribuições, que podiam d'alguma sorte indemnisal-os da deserção, que suas injustiças e violencias tinham occasionado na Arabia.

«Este novo estabelecimento dos turcos ameaçou destruir ao mesmo tempo o reino d'Adel, e o imperio d'Abyssinia. Considerando a disciplina firme e severa do governo dos turcos, e a politica fraca, os prejuisos dos adelios e dos abyssinios, parece mais que provavel, que estes dois ultimos povos teriam sido submettidos, se a India não tivesse sido o principal alvo da ambição dos turcos, e se não tivessem alli encontrado os portuguezes solidamente estabelecidos. Os portuguezes foram governados por uma successão de reis, que não tiveram talvez outros, que os egualassem; e seus officiaes e soldados eram superiores emquanto á disciplina, á coragem, ao amor da patria, a todos os exercitos, dos quaes a historia nos offerece o exemplo.

«A imperatriz Helena informada então dos progressos do poder portuguez na India conheceu que o soccorro d'esta nação era o unico, que podia salvar Adel e a Abyssinia.

«O portuguez Pedro da Covilhã vindo como embaixador á côrte d'Abyssinia, alli tinha residido durante dois reinados, sem que quizessem de modo algum deixal-o ir embora. Tinha-se d'alguma sorte tornado antes um objecto de curiosidade, que de utilidade. Além da liberdade nada lhe faltava. A imperatriz tinha-o casado com uma mulher de alta jerarchia, e accumulado de riquezas e de honras. Comtudo, na época em que havia a receiar as conquistas dos turcos, esta princeza começou a perceber de que importancia podia ser para ella um homem, que lhe fornecesse meios seguros de correspondencia com a India e Portugal; pois as pessoas, a quem ella tinha resolvido dirigir-se, não lhe eram menos desconhecidas, que as linguas d'ellas.

«Havia então na corte d'Abyssinia um mercador chamado Matheus, [1] homem intelligente, honrado, e havia muito tempo acostumado a percorrer os estados do Oriente para as necessidades mercantis do rei e dos grandes da Abyssinia. Estivera no Cairo, Jerusalem, Ormuz, Ispaham, nas Indias Orientaes, e na costa de Malabar, tanto nos logares conquistados pelos portuguezes, como nos que tinham ficado debaixo do dominio de seus principes legitimos. Era finalmente um d'esses agentes que eram empregados pelos monarchas e abyssinios ricos a irem vender ou trocar as mercadorias, que lhes são pagas em generos. Em summa Matheus foi escolhido pela imperatriz Helena para ser seu embaixador junto do rei de Portugal: ella o mandou acompanhar por um joven abyssinio, que morreu na viajem. As cartas, que Helena dirigiu n'esta occasião ao monarcha europeu, são muito extensas, e conteem mais ficções e vaidade, que coisas verdadeiras.

«Na primeira metade da carta, metade que se suppõe dictada por Covilhã, a imperatriz diz que o que ella pede ao rei, lhe será explicado por Matheus, seu embaixador, a quem ella qualifica com o titulo de confidente, e

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 1°, pag. 198.

de homem informado de seus mais secretos designios. Pede ao monarcha, que dê credito a quanto este embaixador lhe disser em particular, [1] como se ella mesma lhe fallasse. Tanta prudencia annuncia sem duvida tudo que se devia esperar d'um homem por muito tempo acostumado a negociações secretas.

«Mas o final d'estes mesmos despachos divulga todo o segredo da embaixada, e este final é dictado, segundo se póde crer, pelos ministros da Abyssinia.

«Pede-se ao rei de Portugal que envie forças sufficientes para libertar Meca e Medina; que arme uma esquadra para defender as costas d'Abyssinia, e atacar o poder dos turcos por mar, ao passo que os abyssinios exterminariam por terra todos os mahometanos. Finalmente prodigalisam-se aos mahometanos turcos e moiros os epithetos mais injuriosos.

«A primeira parte d'esta missiva não podia impedir Matheus de passar, nem causar-lhe algum desgosto, mas comtudo se Matheus tivesse sido preso, e seus despachos interceptados, sua embaixada teria sido recompensada com a perda da vida.

«Quando o joven monarcha d'Abyssinia esteve em edade de reinar, longe de approvar a missão de Matheus, obstinou-se em ser contra ella.

«Matheus chegou felizmente até Dabul, mas o governador tomando-o por um espião mandou prehdel-o. Foi salvo das mãos d'este governador por Affonso d'Albuquerque, que tinha já suas vistas sobre a Abyssinia.

«Albuquerque, antes que Matheus desembarcasse, quiz tractar particularmente com elle, afim de o persuadir a que lhe mostrasse seus despachos. Mas Matheus recusou-se absolutamente a isso. Este procedimento foi prejudicial ao embaixador, pois Albuquerque desde este momento pareceu disposto, bem como todos seus officiaes, a fazerem pouco caso d'elle, quando desembarcasse. Porém Matheus sabendo bem que o caracter, de que estava revestido, tornava sagrada sua pessoa, não quiz ser tractado como um simples particular. Mandou advertir o vice-rei, o bispo, e todo o clero que independentemente de seu titulo de embaixador, que exigia o respeitassem, elle era portador d'um pedaço da verdadeira cruz, que a imperatriz enviava ao rei de Portugal; e lhes mandou dizer que a não ser que quizessem ser arguidos de sacrilegos, deviam testemunhar a maior veneração a esta reliquia preciosa, e celebrar sua chegada com uma festa solemne. Não foi preciso mais. Todas as ruas de Gôa foram cheias de procissões. [2] O vice-rei e os primeiros officiaes foram receber Matheus, quando descia da chalupa, e o acompanharam ao palacio, onde foi alojado e tratado com magnificencia. Mas, apesar d'isto, só passados tres annos de residencia na India é que teve licença, em 1513, de continuar sua viagem para Portugal.

«O historiador Damião de Goes, homem cheio de bom senso e de candura não pode comprehender, porque se enviava como embaixador um armenio, e não um dos primeiros nobres da Abyssinia. Mas é provavel que ninguem fosse mais capaz que elle para desempenhar as intenções da imperatriz.

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.º, pag. 200.
[2] Idem, idem, pag. 203.

«A desgraça, que tinha acompanhado Matheus á India, o acompanhou até Portugal. Os capitães dos navios pareciam disputar entre elles sobre quem o trataria peor. Mas finalmente chegou a Lisboa. O rei, apenas foi informado da maneira indigna como seus officiaes tinham procedido com Matheus, mandou-os carregar de ferros, e provavelmente teriam ficado presos o resto da vida, se o proprio armenio não tivesse tido a generosidade de pedir o perdão d'elles.

«David não tinha mais que doze annos, quando subio ao throno, e durante sua menoridade Helena concluira um tratado de paz com o rei de Adel. Mas os turcos continuavam suas hostilidades, e David não tendo ainda 16 annos tomou repentinamente o partido de reunir um exercito, e de o commandar em pessoa. Deu-se a batalha n'um valle entre a provincia montanhosa de Fatigar e as planicies de Adel. Diz-se que ficaram no campo de batalha doze mil mussulmanos, e que os abyssinios pouca gente perderam. O estandarte verde de Mahomet foi tomado, bem como a tenda de veludo preto bordada a ouro, que o rei deu depois ao embaixador de Portugal, para servir para a celebração da missa. Esta victoria foi alcançada no mez de julho de 1516, e no mesmo dia uma esquadra portugueza, debaixo do commando de Lopo Soares de Albergaria se apoderou da ilha de Zeyla na entrada do mar Roxo, e queimou os estabelecimentos d'ella. [1]

«É certo que nem as suspeitas que tinha havido na India a respeito do armenio Matheus, nem o nascimento obscuro d'este embaixador fizeram impressão no rei de Portugal. Este principe prestou-lhe as maiores honras á sua chegada, e não lhe testemunhou menos apreço para com os objectos de sua missão, que consideração para seu amo. Emquanto Matheus esteve em Lisboa foi alojado e tratado magnificamente.

«O rei D. Manoel considerando de quanta utilidade podia ser para os portuguezes um amigo tão poderoso nas costas do mar Vermelho, onde suas esquadras achavam toda a sorte de provisões e de soccorros, quando perseguissem as esquadras turcas, mandou preparar uma embaixada, e ao mesmo tempo enviou Matheus na frota de Albergaria. E Duarte Galvão homem de grande capacidade, foi nomeado para ir como embaixador á Abyssinia.

«Com tudo a esquadra de Soares entrou no mar Vermelho, e parou na ilha baixa de Camarão, sobre a costa d'Arabia Feliz. [2] Era o logar mais doentio, que o almirante podia escolher. Por isso Duarte Galvão alli morreu. Com tudo Soares resolveu passar o inverno n'aquelle sitio, e levou ao cabo sua resolução.

«Quando o ignorante Soares voltou á India, foi substituido por Lopes Sequeira. Saiu de Goa com uma frota consideravel, entrou no mar Vermelho, fez-se de vela para a ilha de Masuah, aonde chegou a 16 d'abril de 1520, levando comsigo o embaixador Matheus. Á primeira vista da esquadra todos os habitantes de Massuah abandonaram a ilha, fugiram para o continente, para Arkééko. Sequeira tendo-se conservado alguns dias em frente de Massuah, sem

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 215.
[2] Idem, idem, pag. 216.

deixar praticar o menor acto de hostilidade, um christão e um mouro vieram ter com elle, e lhe participaram que a costa fronteira fazia parte do imperio da Abyssinia, e era governada por um official abyssinio, revestido com o cargo de Baharnagash. Disseram-lhe que os habitantes de Massuah haviam fugido, porque os turcos tinham por costume desembarcar na ilha, e saquear-a, mas que todos os habitantes eram christãos. O commandante portuguez ficou encantado com taes novas, e vendo que Matheus só tinha dito a verdade, entrou a tratal-o com muito maiores attenções. Louvou os habitantes por terem fugido para Arkééko, antes do que exporem-se aos insultos dos turcos, e disse-lhes que eram christãos os portuguezes, e que tinham vindo para aquellas paragens em seviço ao rei da Abyssinia.

«No dia seguinte o governador d'Arkééko veiu á praia, acompanhado de trinta homens a cavallo, e de duzentos a pé. A conversação entre este governador e Sequeira foi franca e amigavel. O abyssinio convidou o portuguez a vir a terra, affirmando lhe que o Baharnagash estava já informado da chegada da esquadra.

«Sequeira fez-lhe varias perguntas relativas á religião do paiz; o governador indicando-lhe com o dedo uma montanha, que estava a cousa de vinte milhas de distancia, lhe disse haver alli um convento, que se chamava o mosteiro de Bissan, cujos monges informados de sua chegada tinham mandado sete d'entre elles para irem ao seu encontro. Com effeito os sete monges não tardaram em appresentar-se e o general portuguez recebeu-os mui affectuosamente. Matheus tinha muitas vezes fallado a Sequeira a respeito do mosteiro de Bissan.

«Os monges, apenas viram Matheus, derramando lagrimas d'alegria felicitaram-no pela sua vinda, depois d'uma tão longa ausencia. O general portuguez convidou estes monges para virem a bordo, deu-lhes um banquete, e presentes convenientes. Depois escolheu sete portuguezes, á frente dos quaes estava Pedro Gomes Teixeira, auditor das Indias Orientaes, a quem a lingua arabe era muito familiar, para irem pagar a visita ao mosteiro do Bassan. Teixeira trouxe do mosteiro um manuscripto em pergaminho, de que os monges lhe fizeram presente para o rei de Portugal.

«A 24 d'abril o Baharnagash veiu a Arkééko. Este começou dizendo ao portuguez que, por certas prophecias, havia muito tempo, que eram esperados no paiz; e que elle e os outros empregados abyssinios estavam promptos a prestrar-lhes todos os serviços, que estivessem nas suas mãos. Depois que o general portuguez lhes agradeceu, os padres e monges terminaram sua conversação por alguns actos religiosos, e deram presentes uns aos outros.

«N'esta entrevista todas as suspeitas, que tinha havido a respeito de Matheus, cessaram, e foi reconhecido como um verdadeiro embaixador. Todos os portuguezes se agruparam então em volta de Sequeira desejando cada um ser escolhido para acompanhar o Armenio á côrte. Nomeou então para embaixador a D. Rodrigo de Lima, em logar do fallecido Galvão, e escolheu para o acompanharem a Jorge d'Abreu, Lopez da Gama. João Scolare era o secretario; João Gonçalvez seu feitor e interprete; Manuel de Mara, seu organista, e

mestre João, seu medico. Havia ainda na sua comitiva mais tres portuguezes. Os capellães eram João Fernandes, Pedro Affonso Mendes, e Francisco Alvares. Ia tambem Matheus, e levava comsigo tres portuguezes, Magalhães, Alvarenga e Diogo Fernandes. O rei, que andava em guerra com os turcos, tinha marchado para o oriente, até ás fronteiras de Fatogar, e alli se tinha deixado ficar, achando-se exactamente ao meio dia de seus estados. O embaixador portuguez tinha desembarcado ao Norte da Abyssinia, de maneira que para ir ter com o monarcha foi preciso atravessar quasi todo o imperio, caminhando por florestas, sobre serras inteiramente differentes das da Europa, cheias de féras, e de homens ainda mais selvagens, que as proprias féras, e separadas por grandes rios, que as chuvas do tropico fazem muitas vezes transbordar. Além d'isto encontram-se muitas vezes por este caminho desertos, que realmente não são muito extensos, mas onde nem homens, nem animaes podem encontrar alimento, ou soccorro algum. Comtudo este pequeno bando de portuguezes, foi tão bravo que não hesitou um só momento. Nada do que podia contribuir para a gloria de seu principe, honra de seu paiz lhes pareceu difficil. [1]

«Depois de muitos trabalhos encontraram os portuguezes uns monges do convento de S. Miguel, que lhes deram uma vacca. Aqui Matheus separou sua bagagem da dos outros viajantes, e a pôz debaixo da guarda dos monges. Trazia sem duvida dinheiro de Portugal; e desconfiando da recepção do rei, teve a prudencia de pôr o, que lhe pertencia, ao abrigo do perigo: mas foi-lhe inutil esta precaução, porque oito dias depois uma febre fez morrer este armenio. Pouco depois o criado de D. Rodrigo foi victima da mesma doença.

«Comtudo a morte de Matheus não deixava meios aos portuguezes de se explicarem com o rei a respeito d'uma promessa, que elle, ou a imperatriz mãe tinham feito de lhes ceder um terço do reino como paga dos soccorros, que dessem aos abyssinios. Temiam além d'isso a epidemia, á qual Matheus acabava de succumbir.

«Vou deixar agora D. Rodrigo continuar sua viagem, cuja relação escripta por seu capellão Alvares não achou grande credito nos historiadores do seu paiz. É verdade que ha, principalmente no tocante á religião, um grande numero de coisas mui difficeis de se acreditarem, e que, segundo creio, são obra dos jesuitas. Alguns annos depois de Alvares deixar a Abyssinia, Telles, contemporaneo de Alvares, o accusou de falsidades, e Damião de Goes, um dos primeiros historiadores portuguezes diz que viu debaixo do nome de Alvares um diario muito differente d'aquelle, que se publicou. Emquanto a mim confesso que o, q e se contou da primeira audiencia concedida pelo rei, me parece ser, bem como outras muitas coisas mencionadas depois, obra de pessoas, que nunca estiveram na Abyssinia. Se minha opinião é justa, Francisco Alvares não deve ser accusado das interpolações mentirosas, das quaes não foi auctor. Não posso conceber como os catholicos poderam ser tão bem e tão ge-

[1] James Bruce — *Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.° pag. 224. É muito curiosa a descripção da viagem, e gloriosa para os portuguezes, mas não se traduz, assim como se tem já feito a outras passagens interessantes, por este artigo ir já excessivamente longo.

nerosamente recebidos, como nos diz Alvares. O sangue, que se derramou pouco depois, nos prova que, se os abyssinios sentiram com effeito alguma inclinação em si para a egreja Romana, esta inclinação foi passageira. Emquanto ao resto da relação entrego-a ao juiso do publico, como uma obra bem pouco digna de fé.

«Ha na relação de Alvares duas coisas, que me surprehenderam muito. A primeira é o perigo continuo, que correram os viajantes de serem devorados pelos tigres, que se approximavam até ao alcance d'uma lança; [1] e a segunda é o campo de favas, por meio do qual passaram. Confesso que nunca vi favas na Abyssinia.

«D. Rodrigo de Lima tinha desembarcado na Abyssinia a 16 d'abril de 1520, e não chegou á vista do acampamento do rei, senão a 16 d'outubro do mesmo anno. E depois d'uma viagem tão penosa, que acabava de fazer, esperava ter sem difficuldade uma audiencia d'este principe, mas enganava-se. Em vez de o mandar vir á sua presença, o rei mandou-lhe ordem pelo commandante dos burros para assentar sua tenda a tres milhas mais longe do acampamento.

«O embaixador portuguez nem por isso foi muito bem acolhido por David, e parece mesmo que as intenções d'este principe eram não o deixar regressar ao reino, o que era costume na Abyssinia, mas, depois de o ter demorado cinco annos, como resolveu enviar uma embaixada a Portugal, era necessario deixar partir D. Rodrigo, todavia reteve á força o secretario da embaixada, o mestre João, e o pintor Lazaro d'Andreas, e D. Rodrigo foi obrigado a retirar-se sem elles.

«Zaga-Zaab, monge abyssinio, que tinha aprendido a lingua portugueza durante a residencia de D. Rodrigo na corte d'Abyssinia, foi escolhido para embaixador. Os portuguezes, e elle partiram bem fornecidos de tudo, que lhes era necessario para a viagem, e chegaram felizmente a Massuah, onde encontraram uma esquadra commandada pelo governador do India Heitor da Silveira, que estava esperando D. Rodrigo. Mas ou o imperador d'Abyssinia tivesse mudado de parecer, ou não, a 27 d'abril de 1526 quatro mensageiros chegaram da côrte, trazendo ordem para D. Rodrigo voltar para traz, e levar Heitor comsigo. Os portuguezes recusaram obedecer, e contentaram-se com que Zaga-Zaab fizesse o que quizesse. O abyssinio declarou que se fosse apanhado, talvez fosse lançado n'uma cova de leões, e por isso apressou-se a embarcar na esquadra, que saiu de Massuah no dia seguinte.

«As viagens frequentes dos portuguezes causaram serios sustos aos turcos; mas nem o rei d'Abyssinia, nem os portuguezes tinham tirado alguma vantagem d'estas viagens. E ha muitas apparencias de que as diversas esquadras, que se dirigiam a Massuah, não tinham outro fim senão procurar o embaixador D. Rodrigo. Os seis annos perdidos em questões e em puerilidades entre o rei d'Abyssinia e o embaixador de Portugal tinham tido ar de formar ligações serias entre as duas nações; e o que inquietava ainda mais os mouros,

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 1.º, pag. 231.

era que nada transpirava. [1] Mas, porque não tinha nada transpirado? Porque não se tinham fixado em nenhum plano determinado, porque não se tinham feito mais que propostas vãs e ociosas, que não havia nem poder, nem vontade d'executar. Tal era por exemplo o projecto de reunir dois exercitos para conquistar a Arabia até Jerusalem.

«Depois da chegada de Covilhã á Abyssinia as coisas estavam bem mudadas. Os portuguezes tinham primeiramente desejado a amisade dos abyssinios para poderem por meio d'estes communicar com a India. Porém depois podiam prescindir d'um tal soccorro, pois que tinham achado a util passagem do Cabo da Boa Esperança. Por outro lado David, livre de receio dos mouros d'Adel, a quem elle vencera, vendo que o poder formidavel dos turcos, depois de terem conquistado o Egypto, era constantemente repellido na India pelos portuguezes, e descontente finalmente do procedimento pouco affavel do embaixador D. Rodrigo, e das promessas exorbitantes, que a imperatriz Helena tinha feito, sem elle saber, por meio do armenio Matheus, não desejou apertar mais com os portuguezes laços, dos quaes não previa a utilidade.

«A conquista da India era o principal objecto da ambição de Selim; mas encontrou tantos obstaculos, que renunciou a isso, e tendo já submettido a Arabia, que se estende sobre um lado do mar Vermelho, resolveu levar seu dominio para a margem opposta. Tres rasões o determinavam a este projecto: a primeira, que a cidade sancta de Meca estaria então em muito maior segurança, caso que uma esquadra portugueza viesse unir suas forças a um exercito abyssinio; segunda que as galeras turcas não haviam de navegar tranquillamente na extremidade do golpho arabico, emquanto os abyssinios fossem senhores de conceder aos portuguezes uma ilha, ou um porto de mar, para alli se estabelecerem e fortifical-o. A terceira, finalmente, porque sendo o imperador da Abyssinia, segundo se dizia, um principe, do qual o propheta tinha honrado um predecessor com uma correspondencia, julgava Selim de seu dever convertel-o e a seu reino ao islamismo por meio da espada.

«Os turcos eram habeis no manejo da espingarda, e munidos d'uma poderosa artilheria, e ajudados por numerosas esquadras, que apesar de continuamente vencidas na India pelos portuguezes, contra os quaes eram destinadas, não tinham comtudo cessado jamais de cruzarem no mar Vermelho, e de reforçarem os portos turcos com guarnições novas.

«A imperatriz Helena morreu em 1525, um anno antes que D. Rodrigo deixasse a Abyssinia. Pouco depois da morte d'esta rainha David se preparou a começar de novo a guerra contra os mouros. [2] Depois do rei da Abyssinia ter ganho uma batalha, avançou para perseguir os mouros, e deu um combate em Shimbra-Coré, em que os abyssinios ficaram completamente derrotados, e os mouros continuando a guerra iam assolando quanto encontravam, e reduziam ao captiveiro os habitantes poupados pela espada. No primeiro de maio de 1528 deu-se ainda outra batalha, e o monarcha abyssinio foi outra vez

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 1.º pag. 240.
[2] Idem, idem, pag. 245.

vencido, e nos annos seguintes os mouros iam sempre invadindo os territorios, assolando tudo, e queimando as egrejas. A 6 de fevereiro de 1531 foi outra vez David derrotado em Dalukus, nas margens do Nilo, e os mouros, julgando então não ser necessario estarem unidos, se dividiram em dois corpos; um separando-se para ir queimar Axum, e o outro ficando em Amhara, e continuando de victoria em victoria obrigaram o rei, para salvar a vida, a refugiar-se nas montanhas.

«Havia doze annos que D. Rodrigo de Lima tinha partido de Massuah para regressar a Portugal, levando comsigo a Zaga-Zaab, embaixador do rei da Abyssinia. Este embaixador chegou felizmente a Lisboa, e foi recebido com muita magnificencia pelo rei João. Mas, como na sua saida Zaga, tinha deixado a Abyssinia prospera, e como provavelmente a vida, que passava em Portugal, era mais agradavel para elle, que a de seu paiz, não se appressou a pôr fim á sua embaixada. Além d'isso os estabelecimentos portuguezes na India tinham chegado a tal ponto de grandesa, e de prosperidade, que não lhes deixavam tempo para cuidar d'um alliado tal como o rei da Abyssinia. E no decurso de doze annos as cousas estavam tão mudadas, que não tinha ficado ao rei da Abyssinia mais que o titulo de rei, e uma vida tão aventurosa, e tão perigosa, que um só dia não podia contar com o dia seguinte.

«David tinha retido na Abyssinia dois portuguezes, que D. Rodrigo trouxera das Indias, um chamado mestre João, e o outro Lazaro d'Andrade. O abuna Marcos, velho, e enfermo, já não tendo relações com o Cairo desde a conquista dos turcos, tinha-se tornado muito indifferente para com a egreja grega. Algum tempo antes de sua morte designou a pedido do rei para seu successor ao portuguez João; e por conseguinte sagrou-o abuna, depois de lhe ter dado as ordens inferiores todas d'uma vez; porque João não era mais que um secular estudante de medicina, muito simples e muito supersticioso. Chamar-lhe-hemos d'aqui por diante João Bermudes.[1]

«Este João consentiu promptamente em acceitar a prelatura,[2] com a condição todavia que o papa a approvaria; e partiu para Roma, não pelo caminho ordinario da India, mas atravessando a Arabia e o Egypto. O novo bispo chegou sem accidente á Italia; e Paulo III, então, papa lhe confirmou não sómente o patriarchado d'Abyssinia, mas deu-lhe tambem o de Alexandria. A estes empregos Bermudes ajuntou ainda um outro. Foi nomeado embaixador de David na corte de Portugal; e certamente era digno de desempenhar este cargo, quaesquer que fossem seus talentos militares. Tinha residido doze annos na Abyssinia, conhecia perfeitamente o paiz, e fôra testemunha d'uma alluvião de desastres, que pozeram este imperio na ruina. As desgraças de David estavam então no seu cumulo, e este principe morreu em 1540.

«Pela morte de David subiu Claudio ao throno. Todos os chefes mahometanos se apressaram a formar uma liga contra elle, mas Claudio caiu sobre aquelles de subito, e completamente os derrotou. Depois seguindo de victoria

[1] Este famoso João Bermudes jaz na egreja de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa.
[2] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, pag. 258.

em victoria poz seu estado em posição bem differente d'aquella, em que o tinha deixado seu pae.

«Em quanto as cousas se mudavam tão favoravelmente na Abyssinia, o embaixador João Bermudes dirigiu-se de Roma a Lisboa, onde o rei de Portugal o reconheceu por patriarcha d'Alexandria e d'Abyssinia. A primeira cousa, que fez, foi dar um exemplo de disciplina abyssinia pondo em ferros Zaga Zaab por ter perdido tanto tempo em cumprir o objecto de sua missão. Mas o rei de Portugal obteve poucos dias depois que Zaga Zaab fosse solto. Bermudes occupou-se então com zelo do motivo de sua viagem. Fez um quadro tão sombrio dos desastres da Abyssinia, tanto intrigou junto do rei e dos grandes, que obteve uma ordem do monarcha para que D. Garcia de Noronha, que ia exercer o cargo de vice rei das Indias, enviasse quatro centos soldados portuguezes a Massuah para soccorrerem a Abyssinia.

«João Bermudes querendo ainda melhor certificar-se d'este soccorro, resolveu embarcar na frota, que levava D. Garcia de Noronha; mas foi repentinamente accommettido d'uma doença, a qual elle attribuiu a veneno, que lhe dera Zaga Zaab, e adiou sua partida. Achando-se restabelecido no fim d'um anno chegou felizmente á India. Mas D. Garcia de Noronha tinha já morrido, e seu successor D. Estevão da Gama não seguiu o projecto de soccorrer a Abyssinia com tanto ardor, como Bermudes o teria desejado.

«Com tudo, depois d'algumas delongas, D. Estevão da Gama emprehendeu passar o estreito de Babelmandeb, e ir queimar as galés turcas, que estavam em Suez. Mas o general portuguez não conseguiu seu fim, pois tendo sido descoberto seu projecto, as galés estavam todas varadas em terra. De Suez dirigiu-se para Massuah, onde a esquadra tinha necessidade de fazer aguada. Por conseguinte mandou suas barcaças a Arkééko, onde a agua é muito boa. Mas os turcos e os moiros de Zeyla e d'Adel, então senhores de Arkééko se apoderaram d'uns mil fardos d'algodão, que tinham sido mandados em troca da agua e mantimentos, e mandaram dizer ao general portuguez: Que o rei de Adel, seu senhor, era d'aqui por diante senhor de toda a Ethiopia, e não queria que se continuasse a regosijar com seus vassallos; com tudo, se o commandante da esquadra quizesse fazer paz com elle, restituir-lhe-ia seus mil fardos d'algodão, fornecer-lhe-ia mantimentos com abundancia, e lhe daria as satisfações necessarias por causa d'uns sessenta portuguezes, que tinham sido mortos junto de Zeyla.

«D. Estevão viu facilmente o laço, que lhe armavam os mouros, e querendo pagar-lhes na mesma moeda, lhes mandou dizer: Que estava disposto a tratar com o official mouro, que não pedia a restituição dos mil fardos d'algodão, em quanto aos portuguezes mortos, que mereciam a morte como traidóres e desertores; que remettia ainda mil fardos d'algodão para que lhe désse agua e mantimentos, principalmente gado vivo; que finalmente, como era tempo de festa, queria celebrar paz com os habitantes, e que elle mesmo traria suas mercadorias a terra, apenas o dia de paschoa tivesse passado.

«Tendo sido acceites estas convenções com má fé reciproca, D. Estevão tendo obtido os fornecimentos, de que tinha precisão, prohibiu expressamente

aos portuguezes irem a terra. Depois escolheu seiscentos homens, dos quaes deu o commando a Martim Correa, que embarcou em barcos ligeiros, desembarcou ás escondidas junto de Arkééko, apoderou-se da povoação, e passou todos os habitantes ao fio de espada. Nur, que commandava na provincia pelo rei d'Adel fugiu, mas foi morto com um tiro de espingarda por Martim Correa, que lhe cortou a cabeça, e a mandou de presente á rainha Sabel Wengel, que a recebeu com grandes signaes de alegria.

«Com tudo D. Estevão da Gama escolheu os portuguezes, que destinava para ajudar Claudio. O desgraçado resultado d'esta campanha, em que os portuguezes ficaram completamente derrotados, e seu general D. Christovão da Gama morto, pode ver-se em Diogo de Couto.

«Claudio mostrou o maior pesar pela morte de D. Christovão;[1] pranteando-o por tres dias; depois mandou tres mil onças para serem repartidas pelos portuguezes, que para o logar de D. Christovão tinham nomeado por general Affonso Caldeira. Estes bravos soldados appressaram-se então em ir ter com Claudio, e lhe pediram fervorosamente que os levasse ao combate, a fim de poderem vingar a morte de D. Christovão. Pouco depois morreu Affonso Caldeira, e foi para seu logar Arias Dias, que veiu a ser um dos favoritos do rei. Os portuguezes effectivamente foram levados ao combate, os inimigos foram derrotados, e seu general morto pelo portuguez Pedro Leão.

«Claudio, depois de ter destruido completamente os inimigos do seu paiz, applicou-se aos negocios da religião. Tinha mandado pedir ao Cairo um abuna para successor do abuna Marcos, e já este successor vinha no caminho, quando Bermudes, não podendo supportar este golpe, declarou publicamente ao rei, que tendo sido embaixador de David em Roma, e tendo feito homenagem do reino e do rei ao soberano pontifice, esperava que Claudio cumpriria as obrigações de seu pae abraçando a religião romana. Porém o rei recusou. Até então os abyssinios tinham assistido com respeito á missa dos portuguezes, e estes iam ás egrejas dos abyssinios, e casavam com mulheres abyssinias, e parece que as creanças eram baptisadas indifferentemente nas egrejas dos dois povos. Claudio dizia que não tinha feito promessa alguma, e que Bermudes não era verdadeiro abuna, e que não o considerava senão como abuna dos Francos, Bermudes porém declarou-lhe que estava maldito e excommungado, e que ia reunir todos os portuguezes, e retirar-se para a India. Ao que o rei deu em resposta que desejava até que Bermudes se retirasse; mas que em quanto aos portuguezes não podiam sair do reino sem licença sua. As disputas theologicas, e por fim as injurias e desordens continuavam sempre, e chegaram as cousas a ponto, que n'uma noite os portuguezes assaltaram a tenda do rei, e mataram alguns de seus creados. Bermudes foi mandado então para o paiz dos gafats, onde residiu sete mezes, e, quando voltou á corte, achou já Arias Dias morto, e os portuguezes muito affeiçoados ao monarcha. Bermudes quiz então intrigar, mas Claudio desterrou-o para as montanhas pelo resto de sua vida.

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 4 °, pag. 288.

«O novo general dos portuguezes era Gaspar de Sousa, [1] homem egualmente amado de sua nação e do rei da Abyssinia. Suas sollicitações e as de Kasmati Robel foram a causa de se effectuar o desterro de Bermudes, mas aconselharam-lhe secretamente que embarcasse para a India, em quanto ainda era tempo. Por conseguinte dirigiu-se a Dobarwa, onde parece que se demorou dois annos tranquillo e esquecido da corte, dizendo todos os dias missa a dez portuguezes, [2] que se tinham estabelecido n'esta cidade, depois da derrota de D. Christovão. Depois foi a Massuah, e approveitando-se d'uma monção favoravel embarcou n'um navio portuguez, levando comsigo seus dez compatriotas, que persuadira a deixarem Dobarwa, e que chegaram felizmente a Goa. Ignacio, fundador da ordem dos Jesuitas, estava então em Roma, e acabava de lançar os alicerces do poder, a que se elevaram seus discipulos. A conversão da Abyssinia pareceu importante ao Santo, e nomeou um jesuita patriarcha da Abyssinia sem se importar de Bermudes. O novo patriarcha chamava-se Nunes Barreto. Ignacio entregou-lhe para Claudio uma carta, e com ella, e accompanhado de grande numero de padres, Barreto se dirigiu para Goa. Porém, sendo informado ao alli chegar da aversão de Claudio á egreja catholica, julgou que, em logar de comprometter a dignidade d'um patriarcha, valia mais enviar André Oviedo, bispo d'Heliopolis, Melchior Caneyro, bispo de Nicea, e alguns outros padres como embaixadores do vice rei das Indias junto de Claudio, e fornecel-os das necessarias cartas de crença. Estes enviados chegaram a Massuah em 1558. Quando Claudio foi informado da sua chegada, ficou contente por julgar ser um reforço, mas vendo que eram padres mudou de sentimento e disse: Que muito se admirava de que o rei de Portugal se envolvesse em seus negocios; que elle e seus predecessores não tinham prestado homenagem senão á cadeira de S. Marcos, e reconhecido outro patriarcha senão o de Alexandria. Todavia mandou-os admittir á sua presença.

«Nunes Barreto morreu na India, e Oviedo herdou o titulo de patriarcha d'Alexandria, como o papa tinha ordenado.

«Pela morte de Claudio, n'uma batalha contra os mouros em 1559, subiu ao throno seu irmão Menas.

«D. Sebastião, rei de Portugal, informado do mau estado da religião na Abyssinia, pediu ao papa que encarregasse todos os missionarios, que alli estavam já, que fossem prégar o Evangelho ao Japão. Mas Oviedo deu ao papa uma resposta, em que appresentou tão boas rasões, que sua missão na Ethiopia foi confirmada.

«Na sua elevação ao throno Menas tinha recebido com complacencia as felicitações do patriarcha portuguez Oviedo. Mas, sabendo depois que elle prégava, e que suas prégações semeavam a discordia e a animosidade entre seus vassallos, mandou-o vir á sua presença, e lhe impoz um silencio absoluto. [3] Oviedo recusou obedecer; e então o rei perdendo a paciencia, deitou-se a elle,

[1] James Bruce — *Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.º, pag. 301.
[2] Idem, idem, pag. 302.
[3] Idem, idem, pag. 320.

bateu-lhe indignamente, arrancou-lhe a barba, rasgou-lhe o fato, tirou-lhe o calix a fim de o impedir de dizer missa. Depois desterrou-o, bem como a Francisco Lopes para uma montanha deserta, onde estes dois padres passaram por toda a sorte de soffrimentos durante os sete mezes, que alli estiveram.

«Menas fez ainda publicar varias ordens rigorosas contra os portuguezes. Não quiz consentir que elles casassem com mulheres abyssinias, e mandou ás abyssinias, que estavam casadas com elles, que fossem para as egrejas catholicas. Depois d'isto, tendo mandado chamar o patriarcha do logar do desterro, prohibiu-o de ficar no reino debaixo de pena de morte. Mas Oviedo recusou obedecer, e o rei puchando pela espada o mataria, se não fosse contido pelas supplicas da rainha, e das pessoas, que o cercavam.

«Depois de terem batido muito em Oviedo foi outra vez mandado para a montanha; e d'esta vez a ordem de seu banimento comprehendia o de todos os portuguezes, que se achassem na Abyssinia, mas o patriarcha em logar de cumprir esta ordem, juntou-se a seus compatriotas, e todos se passaram para o Baharnagash, que era inimigo do rei; e acabava de concluir um tractado com Selim. Os portuguezes, como este mostrava desejos de abraçar a religião christã, lhe asseguravam que receberia promptamente da India todos os soccorros, de que tivesse necessidade.

«N'esta esperança postou-se o mais vantajosamente, que lhe foi possivel, evitando a batalha, e poz sua esperança nos auxilios portuguezes, cuja chegada o rei muito receiava, mas tendo-se passado a estação da chegada de navios da India sem que nenhum apparecesse, resolveu dar combate ao rei, mas foi derrotado por Menas a 20 d'abril de 1562.

«O comportamento dos catholicos no reinado antecedente tinha-lhe causado horror. Que se imagine um rei tal como Claudio sentado no seu throno, no meio de seus cortezãos, maldito, anathematisado e chamado na sua face hereje e mentiroso por um padre ignorante e grosseiro como João Bermudes, atacado de noite, e obrigado a fugir para salvar a vida do furor d'um bando de estrangeiros, aos quaes sustentava com seu pão. Depois considere a Menas pedindo a Oviedo que não prégasse uma religião nociva á tranquillidade de seu paiz, e o fanatico Oviedo declarando, não querer obedecer ás ordens do rei? Que teria acontecido na França, na Hespanha, em Portugal a estrangeiros, que tivessem procedido de fórma egual?

«Accrescentemos ainda que desde o primeiro portuguez até o ultimo todos combateram no exercito do Baharnagash, que lhe queria tirar a coroa.

«Pela morte de Menas succedeu no throno Sertza-Denghel, que tomou o nome de Melec Segued.[1]

Oviedo e os outros portuguezes não lhe appareceram na corte. O rei não impedia comtudo que os padres catholicos baptisassem, prégassem, e desempenhassem outras funcções de seu ministerio. Fallava muitas vezes com elogio de sua moral, de sua paciencia e da pureza de seus costumes; mas condemnava altamente seus principios religiosos.

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, pag. 328.

«O reinado d'este principe foi passado quasi todo em guerras, e sempre muito affeiçoado á egreja de Alexandria. Morreu em 1595.

«Succedeu-lhe Zą Denghel.

«A religião romana achava-se sem appoio.[1] Todos os padres d'esta religião, que tinham ficado na Abyssinia, alli tinham morrido, e a entrada no reino ficara fechada aos outros por causa da violenta animosidade dos turcos, e das crueldades, que exerciam sobre os missionarios, que caiam nas suas mãos. Comtudo Melchior Silvano, indio, vigario da egreja de Santa Anna em Goa foi julgado proprio para ir levar alguns soccorros ao pequeno numero de catholicos, que a Abyssinia contava ainda. Dirigiu se a Massuah em 1597, e penetrou na Abyssinia, sem que se suspeitasse quem elle era.

«Em 1600 Pedro Paes, o mais estimavel de quantos missionarios appareceram na Abyssinia, e aquelle, que melhores resultados colheu, chegou a Massuah. Tinha estado preso por muito tempo, e soffrido muito, antes de poder chegar a esta ilha, mas finalmente poude conseguir tomar a direcção d'um pequeno rebanho catholico.

«Paes não se appressou a appresentar-se na côrte, como tinham feito seus antecessores, mas conservando-se fechado no convento de Tremona, na provincia de Tigre, começou a aprender sem descanço a lingua geez, e adquiriu um conhecimento d'ella tal, que a sabia muito melhor, que os naturaes do paiz. Applicou-se á instrucção da mocidade, e recebia na sua escola tanto os rapazes abyssinios, como portuguezes. Os grandes progressos dos discipulos levaram bem depressa longe a reputação do mestre. João Gabriel, um dos officiaes portuguezes mais distinctos foi o primeiro, que fallou d'elle ao rei, o qual deu ordem para que Paes fosse á sua presença.

«Em abril de 1601 Paes accompanhado de dois de seus jovens discipulos se apresentou ao monarcha, que tinha então sua corte em Dancan,[2] e que o recebeu com as mesmas honras, que se concedem ás pessoas de primeira cathegoria. Uma tal distincção não deixou de desagradar aos monges abyssinios, que previram brevemente que o abatimento d'elles se seguiria á elevação de Paes no que se não enganaram. N'uma disputa, a que se procedeu na presença do rei no dia seguinte ao da chegada de Paes, este portuguez quiz que seus dois jovens discipulos sustentassem sua causa contra todos os theologos abyssinios. Uma victoria a mais facil e a mais completa ficou do lado dos estudantes.

«Então disse-se a missa conforme o rito da egreja romana, e Paes recitou em seguida um sermão, que apesar de ser o primeiro prégado na Abyssinia, excedeu tanto em elegancia e pureza de dicção tudo, quanto se conhecia na lingua sábia, no Geez, que os ouvintes o consideraram como um primeiro milagre do prégador.

«O rei ficou tão encantado da belleza d'este sermão, que desde este instante não sómente tomou a resolução de abraçar a religião catholica; mas até

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 5.º, pag. 12.

[2] Idem, idem, pag. 14.

deu parte d'isso a Paes, obrigando-o todavia a jurar que havia de guardar segredo por um certo tempo.

«Todavia este juramento exigido foi imprudentemente violado pelo proprio rei, que prohibiu d'ahi por diante festejar o sabbado dos judeus. Escreveu ao mesmo tempo a Philippe III rei de Hespanha e de Portugal pedindo-lhe jesuitas para a prégação da fé.

«Estas medidas promptas de mais foram bem depressa divulgadas, e cada descontente, que trazia em seu coração os principios de revolta, não deixou de asseverar que seu descontentamento provinha de seu zelo em prol da verdadeira religião.

«A maior parte dos cortezãos seguiram o exemplo do rei. Alguns trabalhavam como cortezãos para merecerem o favor do principe, e propunham-se a seguir a religião catholica, só em quanto fosse moda, e em quanto os não expozesse a perigo. Outros conformavam-se com o sentimento do rei pela verdadeira affeição, que a este tinham.

«Entre as pessoas da corte mais affectas ao rei distinguiu-se Laeca Mariam, o companheiro inseparavel de sua boa e má fortuna. Foi este homem um dos que abraçaram a religião catholica no mesmo dia, que o principe. Mas esta conversão tornou-se bem depressa o pretexto, de que se serviram seus inimigos para assassinarem a ambos.

«Za-Selassé irritado começou a formar conventiculos com os monges, aos quaes fez crer que o procedimento do rei annunciava diariamente, que a egreja de Alexandria ia ser totalmente reprovada, e que nenhuma outra religião seria tolerada na Abyssinia, senão o romana.

«A provincia de Gojam sempre opposta ao, que apresentava a menor apparencia d'inclinação para a egreja Romana, declarou-se contra o rei. [1] Za Selassé teve uma conferencia com o abuna Petros, e lhe propoz de absolver os soldados, e todos os vassallos do rei de seu juramento de fidelidade. E o abuna depois d'alguma hesitação desligou todos os abyssinios da fidelidade, que tinham jurado a Za Denghel, declarando o rei maldicto e excommungado, bem como todos aquelles, que defendessem e favorecessem sua causa. Za Selassé poz-se á frente do exercito dos rebeldes reunidos em Gojam, e o rei estava prompto a partir de Dancaz para marchar ao encontro do traidor.

«Za Denghel avançou repentinamente para a planicie de Bartcho. Emquanto ia no caminho foi desamparado pelo ras Athanasius, e depois por uma grande parte de suas tropas. Esta deserção mostrou-lhe os primeiros effeitos da excommunhão lançada pelo abuna; e as coisas chegaram a ponto que João Gabriel, official portuguez de primeira distincção, aconselhou ao rei o evitar uma batalha, e retirar-se, em quanto ainda era tempo, para algum logar fortificado, com o fim de passar alli o resto do anno, e esperar que o erro de seus vassallos se dissipasse. Mas este principe julgando-se deshonrado se désse ares de fugir na frente d'um rebelde, resolveu combater Za Selassé.

«A 13 d'outubro de 1604, tendo o rei formado seu exercito para a batalha,

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.º, pag. 20.

estando á direita o proprio rei com 200 portuguezes, e um grande numero de abyssinios, mandou chamar Paes para lhe deitar a absolvição, mas este jesuita estava então muito longe, na provincia de Tigré.

«Deu-se a batalha, e depois d'uma lucta porfiada as forças do rei achando-se envolvidas pelo exercito inteiro de Za Selassé, e seu numero diminuindo a cada instante não poderam resistir por muito tempo. O proprio rei foi morto, e com elle acabou a batalha.

«O resto d'este anno e o seguinte foram passados em terriveis luctas entre Jacob e Socinios, aspirando ambos a subirem ao throno. Feriu-se finalmente uma grande batalha entre os dois, na qual Jacob foi derrotado, e perdeu a vida. Os jesuitas dizem que a perseguição dos vencidos entrou pela noite dentro, que um corpo de cavallaria, no qual havia muitos portuguezes, e que fugia diante dos vencedores, caiu n'um precipicio muito profundo, que a obscuridade não deixava ver. Que o portuguez Manuel Gonçalves sentindo que o seu cavallo faltava debaixo de si, se agarrou a uma arvore, onde passou a noite com grande medo, e sem saber onde se achava; mas que o dia lhe augmentou o susto, descobrindo-lhe seus companheiros esmagados, bem como os cavallos, no valle profundo, que estava por baixo d'elle. [1]

«Socinios achando-se sem competidor começou a reinar em 1605.

«Os portuguezes, que restavam do exercito vindo á Abyssinia debaixo do commando de Christovão da Gama, tinham-se excessivamente multiplicado, e haviam sempre acostumado seus filhos ao uso das armas de fogo. Formavam então um corpo particular commandado por João Gabriel, antigo official, que se conservou sempre junto do rei, se bem que depois do reinado de Claudio a maior parte dos soldados seguia a fortuna, que mais lhes convinha.

«Menas não estimava muito os portuguezes, para os conservar no seu exercito, com receio das fallas sediciosas de seus padres, sempre promptos a dizerem mal da religião e do governo do rei. Expulsou-os pois a todos de seu reino; porém em vez d'obedecerem, reuniram-se ao Baharnagash Isaac, então ligado com os turcos, e revoltados contra seu amo. Não parece que Sertza Denghel fizesse mais caso dos portuguezes, que Menas, nem que os empregasse muito durante seu reinado. Mas, quando o rei menino Jacob subiu ao throno aggregaram-se-lhe todos; e, depois do desterro de Jacob, alguns d'elles seguiram o partido de Za Denghel, e combateram com a maior coragem na batalha de Bartcho.

«Quando Jacob tornou a tomar posse da corôa, os portuguezes voltaram para elle, e foram vencidos com este principe no combate de Lebart, onde se tinham reunido todos contra Socinios. Vê-se pois que para qualquer parte, que se declaravam, eram batidos por causa da cobardia dos abyssinios, com os quaes se achavam ligados. Comtudo, apesar dos multiplicados revezes dos partidos, que abraçavam, perdendo sempre pouca gente, fosse qual fosse a sorte do resto do exercito, as tropas do paiz nunca ousavam fazer-lhe frente, e se retiravam com a mesma segurança, que se tivessem alcançado victoria, pois

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 5.°, pag. 39.

os vencedores tinham interesse em não os atacarem, estando quasi sempre certos de que não podiam resistir a suas armas.

«Socinios procedia d'um modo inteiramente contrario ao de Menas. Resolveu attrair a si os portuguezes, e pol-os em estado tal que podesse perfeitamente contar com elles. Por isso começou a fazer grandes favores a seus padres. Chamou o jesuita Paes para a côrte, onde, depois das costumadas disputa sobre a supremacia do papa, e as duas naturezas de Christo, foi celebrada uma missa, e prégado um sermão com o mesmo resultado, que no tempo de Za Denghel, e com não menor descontentamento do clero. [1]

«A provincia de Dembea estendendo-se em roda do lago Trana, é a mais fertil, e a melhor cultivada de toda Abyssinia. Sobre a borda meridional d'este lago ergue-se, mas não a grande altura, um rochedo, formando uma especie de promontorio, e avançando muito para o lago. Não ha talvez no mundo sitio mais bello, e pittoresco do que este, regado d'aguas por todos os lados, menos pelo sul. O clima é alli delicioso, e a febre não faz estragos. Paes pediu este promontorio, e o rei lhe concedeu a posse para sempre. Depois ficaram os abyssinios cheios de pasmo ao contemplarem um convento construido de pedra e cal, coisa, de que até então não tinham a menor idéa. Mas ficaram ainda muito mais maravilhados, quando Paes emprehendeu construir da mesma um palacio, que o rei lhe tinha pedido. Este palacio está na extremidade mais meridional da peninsula, n'um sitio chamado Gorgora. Os abyssinios experimentavam uma admiração misturada com terror ao verem uma casa erguer-se sobre outra casa, pois assim é que chamam a uma casa, que tem mais d'um andar. Paes desenvolveu n'esta occasião toda sua industria, e a extensão de seus talentos. Foi ao mesmo tempo architecto, pedreiro, carpinteiro, ferreiro, e se serviu com muita destreza das variadas ferramentas, das quaes se faz uso n'estes officios.

«Como Socinios se propunha então a atacar os Agows de Damot, que se tinham revoltado, e reprimir as incursões, que faziam os Gallas na provincia de Gojam, viu com a maior satisfação um edificio commodo, collocado na parte de seus estados, em que contava fazer sua principal residencia. Seus desejos mais ardentes eram mandar vir para seu reino um certo numero de portuguezes, que juntos aos, que lá estavam já, e aos neophitos, que elle se lisonjeava de ter, quando abraçasse a religião Catholica, podessem ajudal-o a extirpar esse espirito de rebellião, que parecia ter-se apoderado geralmente do coração de seus vassallos, e principalmente do clero, ensinado havia pouco a servir-se do perigoso privilegio de amaldiçoar e excommungar os reis. Este principe não tinha visto em Paes e seus companheiros, nada senão a submissão e um grande amor á monarchia. Seu procedimento e costumes eram verdadeiramente apostolicos.

«Quando Paes construiu o palacio de Gorgora, desenvolveu genio e talento universaes, que lhe mereceram a admiração de todo o imperio d'Abyssinia.

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol 5.°, pag. 45.

Mas se empregou zelo e actividade n'esta obra, não foi remisso n'um outra mais importante a seus olhos, o da conversão d'aquelle paiz. [1]

«O proprio ras Sela Christos tinha-se convertido estando proximo a ir a Gojam para ir combater os Gallas, e desejou muito fazer uma abjuração authentica na presença de Paes; mas como este trabalhava então no palacio e mosteiro de Gorgora, Sela Christos foi obrigado a contentar-se com um outro jesuita chamado Francisco Antonio de Angelis. Depois. tendo regressado vencedor dos Gallas, deu á companhia um terreno e dinheiro para fundar em Collela um convento, que foi o terceiro, que os jesuitas tiveram na Abyssinia.

«Comtudo, apesar de convertido no fundo do coração, não tinha ainda Socinios dado um passo, que podesse chamar a conversão dos outros. Assistia frequentemente ás disputas theologicas entre os missionarios e os monges abyssinios, disputas, que versavam quasi todas sobre a questão muito tempo agitada das duas naturezas de Christo; mas ainda que a victoria ficasse do lado dos jesuitas, não conseguiram comtudo convencer seus adversarios. O abuna Simão acabou por se queixar mesmo ao rei de que se tivesse disputado sobre artigos de fé sem o convidarem a ajudar o clero nas suas controversias.

«O rei, que não pensava que o saber e eloquencia do abuna podessem ser d'um grande peso n'estas disputas, mandou que fossem renovadas na presença do pontifice. Porém a ignorancia do abuna ainda foi mais nociva á sua egreja; e o rei olhando desde este momento a questão como decidida, declarou publicamente pela primeira vez, que havia duas naturezas, uma divina, outra humana, absolutamente distinctas entre si, mas reunidas n'uma só pessoa, que é Christo.

«N'aquelle tempo o rei recebeu por via das Indias cartas de Philippe II, de Madrid em 1609, e do Papa Paulo V com data de 1611. Mas estas cartas nada continham senão exhortações empoladas para induzir a Socinios, que perseverasse na religião Catholica, e para o assegurar do soccorro do Espirito Santo, em vez do soccorro dos portuguezes, que elle pedira. Todavia a conversão de Socinios estava combinada entre o rei e Paes, e foi decidido que faria primeiramente uma abjuração publica, e depois se contaria com o rei e com o papa para lhe enviarem soldados.

«Era necessario que o monarcha abyssinio escrevesse ao papa para lhe dar parte de sua submissão á Sé de Roma. Mas pensou-se que cartas sobre um tai assumpto eram importantes de mais para se enviarem como seus primeiros despachos para a Europa, sem as mandar acompanhar por pessoas, que podessem em occasião conveniente tomar o caracter d'embaixador, e dar as explicações e seguranças necessarias. [2]

«Considerou-se primeiramete que o caminho de Massuah estava sugeito a muitos perigos, e que talvez as cartas não chegassem á Europa, por causa do estado de rebellião, em que aquella provincia se achava, e então escolheu-se o mais longo por ser o mais seguro. Havia de se passar por Narea, e pelas

[1] James Bruce — *Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.º, pag. 110.
[2] Idèm, idèm, pag. 113.

provincias meridionaes para irem a Melinde, nas costas do Oceano Indico, onde ellas por mar pederiam ser enviadas para Goa.

«Os missionarios tiraram á sorte qual d'elles emprehenderia esta longa e perigosa viagem; e a sorte cahio em Antonio Fernandes, homem muito prudente, e estimado do rei, e por confissão geral o mais proprio para levar ao cabo uma tal empresa. Depois Fernandes escolheu para seu companheiro, e embaixador junto ao papa, e ao rei de Hespanha a Fecur Egrié, um dos primeiros Abyssinios convertidos á religião Catholica, na qual persistio até á morte.

«No principio de março de 1613 Antonio Fernandes partiu para a provincia de Gojam, onde encontrou o ras Sela Christos. Fecur Egrié tinha partido adiante para poder dispôr seus negocios domesticos, levando comsigo dez portuguezes, dos quaes seis só o deviam accompanhar até Narea, e os quatro deviam embarcar com elle para a India. Sela Christos procurou guias entre os Shats e os Gallas, povos barbaros, fazendo-os dar refens, e pagando-lhes muito bem para ensinarem o caminho aos portuguezes.

«A 16 de abril os viajantes deixarem Umbarma, onde estava acampado Sela Christos, que tambem os tinha feito accompanhar de quarenta homens, armados de escudos e dardos. Dirigiram-se para o occidente, e no fim de dois dias chegaram a Senassé, villa principal dos Gongas. Fernandes vendo que estes povos estavam dispostes a tratarem mal os portuguezes, foi com um d'estes a Sela Christos, que immediatamente mandou partir tres officiaes e um corpo de tropas para castigar os Gongas, e accompanharam a caravana até fóra do seu territorio e alcance. Mas os Gongas sabendo o que se passava appressaram-se em dar ao embaixador uma guarda, que o accompanhou até Mine junto d'um vau do Nilo. Um dia depois de atravessarem o Nilo, entraram no reino de Bizamo, habitado pelos Gallas. No dia seguinte entraram num bosque, do qual tiveram muito trabalho para sair, e era quasi meia noite, quando chegaram á margem do rio Meleg. Ao outro dia acharam o vau, e passaram-no sem difficuldade. Atravessaram depois uma serra, e chegaram a Gonea, onde encontraram tropas commandadas pelos principaes officiaes d'este reino, que os receberam com muita honra.

«Seis dias depois de terem deixado Ganea os Socinios chegaram á corte de Bonero. Este rei recebeu-os com civilidade, mas com um ar de constrangimento e de friesa; e os viajantes souberam que provinha isto de ter um monje persuadido ao rei que o fim d'aquella viajem era conduzirem para Abyssinia tropas portuguezas por aquelle caminho, as quaes mais cedo ou mais tarde haviam de destruir Narea. Por tanto os conselheiros de Bonero fizeram com que elles fossem desviados do caminho direito, e tivessem que passar no reino de Bali por um caminho mais comprido e mais perigoso, dando-lhes com tudo cincoenta cruzado em ouro como indemnisação, e recommendando-os a um embaixador do rei de Gingiro, por onde os portuguezes tinham que passar.

«Fecur Egrié e sua comitiva partiram da corte de Narea com este embaixador, e caminharam directamente para Oriente. Ao quinto dia chegaram a um posto dos nareenses, no qual o official estava encarregado de lhes dar uma guarda até ás fronteiras.

«Tendo marchado quatro dias seguidos num paiz inteiramente devastado pelos Gallas, sempre com receio de serem encontrados por estes povos, tiveram de se esconder até á noite num bosque, para não serem vistos pelo Galas, que andavam guardando seus rebanhos na planicie; e só de noite poderam continuar seu caminho. Chegaram depois á margem d'um rio que os portuguezes chamavam Zebée. A passagem d'este rio, foi medonha para os viajantes. Tinham-se amarrado arvores da praia ao primeiro rochedo; depois d'este rochedo, a um outro, e assim sem interrupção até á margem.

«Eram tão elasticas estas arvores, que o peso d'uma só pessoa as fazia vergar. A corrente rapida e escumante do rio formava um abysmo tão profundo, que perturbava a cabeça d'aquelles, que passavam por cima d'esta ponte oscilante, presa á ponta das rochas. Com grande susto passaram pois a ponte, e foi então necessario informar o rei de Gingiro da chegada d'esta caravana, e pedir-lhe a honra d'uma audiencia. Mas só passados oito dias é que foram admittidos á sua presença. Levavam uma carta do imperador d'Abyssinia para este rei, o qual depois de a ter lido disse que a unica coisa que Socinios n'ella pedia era de os proteger, e de lhes dar uma boa guarda, em quanto estivessem em seus estados, e de os mandar acompanhar mais longe: o que faria com o maior prazer.

«O embaixador e o jesuita deixando o reino de Gingiro, marcharam directamente para Oriente, e entraram no reino de Cambat, independente do imperio d'Abyssinia. Pararam em Sangara, capital do paiz, onde residia um mouro, que era o governador. Passados dois dias tiveram que repellir uma aggressão dos povos Guragués, tribu visinho, os quaes ficaram derrotados.

«Ao sairem do reino de Cambat [1] os viajantes entraram no pequeno territorio d'Alaba, independente do rei d'Abyssinia, cujo governador era mouro, e se chamava Aliko.

«Este crendo que o fim da viagem do jesuita era fazer vir por este caminho os portuguezes da India, para trabalharem na destruição da religião mahometana, como o tinham feito outr'ora, entrou n'uma tal colera, que chegou a ameaçar o jesuita de o mandar matar, bem como a quantos o accompanhavam; e teria immediatamente posto em execução sua ameaça, a não ser a segurança, que Baharo lhe deu da autenticidade das cartas do rei, e a não ser o respeito para com o direito das gentes, que lhe inspirava o titulo de embaixador, de que Fecur Egrié estava revestido. Com tudo mandou fechar toda a caravana n'uma estreita prisão, onde alguns portuguezes morreram. Depois reuniu um conselho, no qual houve quem désse o voto de se matarem todos; mas um homem d'um caracter distincto disse que bastava contentarem-se com o mandarem os estrangeiros para Amelmal, de cuja casa vinham, e esta opinião prevaleceu.

«Rectaram pois para o reino de Cambat, e d'alli para a corte de Socinios, sem nenhuma vantagem para elles.

«Ainda que Socinios não tinha declarado abertamente a resolução, que hou-

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.°, pag. 141.

vera formado, de abraçar a religião catholica, com tudo significou que sua vontade era que d'aqui por diante ninguem negasse que havia duas naturezas em Christo, e quem se atrevesse a negal-o, ou pol-o em duvida, seria desterrado por sete annos.

«Mas o abuna, orgulhoso com a protecção d'Emana Christos, um dos irmãos uterinos do rei, pronunciou uma sentença de excommunhão, que mandou affixar n'uma das portas da egreja do palacio, declarando amaldiçoados quantos sustentassem que havia duas naturezas em Christo.

«O rei tinha marchado contra os agows, mas ao saber a audacia do abuna, marchou promptamente para Gorgora, e mandou-lhe dizer que, se immediatamente não levantava a excommunhão, lhe mandava cortar a cabeça. O abuna receioso obedeceu. Com tudo formaram-se depois varias conjurações umas, atraz das outras contra o rei, mas foram debelladas, n'uma das quaes os portuguezes prestaram grande auxilio ao rei.

«Foi em 1620, anno, em que Socinios marchou contra um revoltoso chamado Janael, que Paes empregára na construcção da egreja de Gorgora. Ao voltar para Dancaz o imperador encontrou Paes em Gorgora pela primeira vez, e alli esteve até 3 d'outubro, em que lhe trouxeram na presença de Paes a noticia da victoria de Sela Christos sobre os rebeldes de Damot. [1]

«Depois da derrota de Jonael o rei tinha resolvido deitar fóra a mascara, e professar abertamente a religião catholica, e as prosperidades do Sela Christos o confirmaram n'esta opinião. Mandou ir á sua presença Paes com o fim de fazer uma profissão publica do catholicismo, e depois de lhe ter declarado suas idéas, disse-lhe que para prova da sinceridade de sua conversão, não ficava senão com sua primeira mulher, e que tinha mandado embora todas as outras.

Paes, depois de ter recebido a confissão do imperador, e a abjuração publica da religião grega, voltou para Gorgora, cantando o cantico de Simeão *Nunc dimittis*, como se sua missão estivera acabada. Não se enganou, pois sendo atacado d'uma febre violenta, morreu em maio de 1623, com grandes signaes de piedade e resignação, e uma firme convicção de ter cumprido seus deveres durante o curso d'uma vida pura, activa e bem empregada. Tinha estado sete annos captivo entre os mouros d'Arabia, e dezenove annos missionario na Abyssinia, durante os mais difficeis tempos, e sempre saira das situações perigosas com honra sua, e vantagem para a religião. Era extremamente magro por causa de sua abstinencia e trabalhos continuos. Conhecia perfeitamente a theologia escholastica, e todos os livros, que diziam respeito á sua profissão. Intendia muito bem o latim, o grego e o arabe, e trabalhava continuamente com suas mãos, mostrando-se tão bom obreiro como architecto. Tinha-se feito pintor, esculptor, pedreiro, carpinteiro, ferreiro, ferrador e carreiro: estava em estado de erigir conventos, palacios, ornal-os, mobilal-os, sem ter necessidade da ajuda d'uma só pessoa. Assim é que fez o mosteiro de Collela, e o convento e palacio de Gorgora. Porém o seu dote mais distincto era

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.º, pag. 166.

a paciencia e o zelo, que tinha na instrucção da mocidade. N'uma palavra era elle na Abyssinia o sustentaculo da religião. Na sua chegada havia cem annos, que as sementes do catholicismo tinham sido lançadas no paiz, mas só mui pouco fructo tinham produzido. Dezenove annos de trabalho d'este missionario mudaram de tal sorte as cousas, que a religião romana foi abraçada publicamente pelo monarcha, e seis annos depois da morte de Paes caiu n'este paiz a religião, apesar de defendida vigorosamente por um principe, por um patriarcha enviado de Roma, e por mais de vinte missionarios muito zelosos.

«A abjuração que fez Socinios da religião grega, foi seguida por um violento manifesto, em que começa por estabelecer a supremacia da egreja de Roma e da cadeira de S. Pedro. Insiste muito sobre as duas naturezas de Christo, e accusava em geral o clero abyssinio de mau procedimento.

«Mas nem o exemplo do rei, nem seu manifesto, tiveram o effeito que se desejava.[1] Um rebelde se declarou contra o rei na provincia de Ambara, e foi necessario o emprego d'armas para o anniquilar.

«A alegria da victoria foi augmentada com a da chegada d'um patriarcha. Era este o jesuita portuguez Affonso Mendes, sagrado em Lisboa a 25 de maio de 1624, e homem de muito saber, o qual depois de muitos trabalhos na viagem chegou á Abyssinia, e teve a primeira audiencia do imperador a 11 de fevereiro de 1626, e foi decidido que Socinios prestaria juramento de obediencia á cadeira de Roma.

«Celebrou-se esta ceremonia com toda a pompa. O patriarcha para mostrar sua superioridade sobre os abunas, prégou um sermão em lingua portugueza, no qual provava a supremacia da cadeira de S. Pedro. O imperador, o principe real Facilidas prestaram o juramento, mas a corte estava cheia de descontentes. Pronunciou-se uma excommunhão solemne contra as pessoas, que traissem seu juramento, e que todos aquelles, que estavam a ponto de receber ordens sacras, deviam primeiramente abraçar a religião catholica, debaixo de pena de morte no caso de desobediencia, que todos os abyssinios em geral deviam celebrar a paschoa, e guardar a quaresma conforme os ritos da egreja de Roma, com risco de serem egualmente mortos, se a isso faltassem.

«Ainda que o patriarcha tinha chegado á Abyssinia, não succedia o mesmo áquelles, que deviam ajudar a missão. O rei deu ordem para se mandarem cartas de protecção a Francisco Machado e a Bernardo Pereira, dois jesuitas, que estavam na India, para chegarem com segurança a Bilur, no reino de Dancali; mas o secretario do monarcha poz por malicia, ou descuido Zeyla, em vez de Bilur, e n'aquella ilha pertencente ao rei de Adel havia o maior odio á religião catholica, e o sheik de Zeyla mandou-os matar. Além d'isto escreveu-se uma carta a Socinios, na qual o tratavam de apostata e d'outros nomes odiosos por ter desamparado a religião de seus paes.

«Tecla Georgis, genro de Socinios, governador então na provincia de Tigré resolvido a revoltar-se, associou-se aos homens mais distinctos e mais poderosos da provincia, e particularmente a Guebra Mariam e a João Akayo, a quem

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.º, pag. 174.

declarou não poder supportar por mais tempo a religião romana, e querer defender a antiga egreja de Alexandria. E para melhor convencer os abyssinios de sua sinceridade, queimou todos os crucifixos, todas as imagens de santos e todos os paramentos das egrejas, e mandando vir o abbade Jacob, seu capellão catholico, o matou por sua propria mão.

«Á primeira noticia da traição de seu genro Socinios deu ordem a Keba Christos de marchar contra os rebeldes com as tropas, que tinha comsigo.[1] Este cumpriu as ordens, e derrotou completamente as forças de Tecla Georgis, e foi apanhado e enforcado. Revoltaram-se depois os agows de Lasta, e derrotaram as tropas do imperador, o qual no principio de fevereiro de 1629 marchou contra elles, mas ficou mal, e os adversarios creando brios marcharam para a capital: foram todavia derrotados pelas forças do rei.

«N'aquelle tempo o principe Facilidas começou a attrair as attenções de todos os abyssinios. Tinha mostrado grande valor na guerra, e julgavam-n'o inimigo da religião catholica. Comtudo vivia com os jesuitas de maneira, que não sabiam se era amigo, ou inimigo d'elles.

«Este principe recebeu do papa Urbano VIII uma mensagem muito lisongeira, á qual não respondeu.

«Outra grande perda para os catholicos foi a morte de Fecur Egrié, um dos primeiros sustentaculos da religião catholica. Tinha a mesmo abraçado antes do rei, e de Sela Christos, e foi o principal author da versão dos livros portuguezes em lingua ethiopica, versão em que foi muito ajudado pelo jesuita Antonio de Angelis. Entraram logo os catholicos a serem perseguidos pelos revoltosos, e o rei vendo o descontentamento geral, que havia no seu reino, foi permittindo a pouco e pouco algumas das ceremonias da egreja grega. O imperador partiu então para a guerra de Sasta á frente d'um grande exercito, do qual um dos principaes corpos era formado por filhos de portuguezes. Depois de se ter assenhoreado de duas montanhas, chegou a uma terceira tão excessivamente alta e d'um accesso tão difficil, que os assaltantes cheios de terror perderam logo as esperanças de se fazerem senhores d'ella. Todavia o principe perdeu alli muito menos gente, porque foi ajudado pelos portuguezes, que interceptando por baixo toda a communicação, fizeram com que a guarnição d'uma montanha não podesse soccorrer a da outra; fizeram-se senhores d'ella, e um capitão portuguez tomou a cadeira, que servia de throno ao rebelde Melcha Christos, que teve de fugir só com dez cavalleiros.

«Quiz depois o imperador entrar em segunda companha contra os habitantes de Lasta, mas então as tropas recusaram obedecer, mandando-lhe dizer Que ellas não podiam dizer se a religião romana era má, porque a não conhciam, nem a desejavam conhecer: que ninguem podia pretender professar ur religião, que se não podia comprehender, nem acreditar: que finalmente e vam promptas a combater, e a perder a vida pelo imperador, mas com a c dição, que lhes restituiria a sua antiga religião; sem o que não podiam to parte nas suas guerras, nem desejarem ser victoriosas.

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 3.°, pag. 200.

«O rei mandou então responder que restabeleceria a religião, se voltasse victorioso de Lasta.[1]

«Tendo com effeito regressado vencedor teve uma conferencia com o patriarcha Affonso Mendes, que lhe censurou muito ter abandonado a fé catholica no mesmo tempo, em que a victoria obtida pelas orações dos padres d'esta religião lhe forneciam uma occasião de melhor a consolidar. O rei respondeu com um modo de grande indifferença: Que tinha feito todos os esforços possiveis para a defender: Que se tinham já derramado torrentes de sangue, sendo ainda necessario vir a derramar outro tanto, e que com tudo era incerto se isso viria a produzir algum effeito: mas que pensaria, e no dia seguinte daria resposta.

«Com effeito no dia seguinte Socinios remetteu uma declaração ao patriarcha por meio de Za-Mariam: Quando abraçamos a religião romana, sustentamol-a com zelo; mas o povo não lhe mostrou nenhuma affeição. Julio revoltou-se por causa do odio, que tinha a Selas Christos, mas servindo-se do pretexto de defender a fé de seus paes, e morreu com um grande numero de seus partidarios. Gabriel imitou-o depois, e teve a mesma sorte. Tecla Gorgoris formou tambem uma liga a favor da egreja de Alexandria, e arrastou á ruina uma immensa multidão de bravos guerreiros. Tal foi, não ha mais que um anno, o motivo da rebellião de Serca Christos; e agora mesmo é isto o que põe as armas na mão aos montanhezes de Lasta. A religião romana não tem nada de mau; mas os habitantes d'este paiz não a comprehendem. Que aquelles, que são affeiçoados a esta religião, continuem a seguil-a, como fizeram os portuguezes em tempo de Azenaf Segued; porém que comam e bebam com os abyssinios, e casem com suas filhas. Mas tambem que aquelles, que não gostam da religião de Roma, sigam aquella, que antigamente receberam da egreja da Alexandria.

«O patriarcha perguntou a Za Mariam se esta declaração vinha do mesmo rei, ao que respondeu que sim. E o patriarcha tendo reflectido por um momento, encarregou Manuel de Almeida de levar ao rei esta resposta: Que o patriarcha acabava de ser informado que o exercicio das duas religiões seria livre no reino, e que os sectarios da egreja da Alexandria obteriam quanto se lhes podesse conceder, sem violar a pureza da fé catholica, que effectivamente não havia difficuldade em conceder aos habitantes de Lasta a religião de seus antepassados, tal como era, pois não tinham abraçado outra. Mas que em quanto áquelles, que tinham promettido ser fieis á egreja catholica, e que tinham commungado n'esta egreja, não se podia, sem commetter um grande peccado, permittir-lhes renunciar uma religião, na qual tinham entrado com o juramento de viver e crer n'ella.[2]

«O rei ouviu com attenção esta resposta, a qual bem esperava, e replicou sómente: Que posso eu fazer? Não me é possivel governar por mais tempo meu reino! E immediatamente deu ordem para se fazer a seguinte proclamação feita a 14 de junho de 1632: Ouvi! Ouvi! Ouvi! Nós o primeiro vos demos

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 3.º, pag. 245.
[2] Idem, idem, pag. 250.

a religião romana, julgando-a boa: mas varias pessoas morreram combatendo contra esta religião, entre outras Julio, Gabriel, Tecla Gorgoris, Serca Christos, e ultimamente ainda os selvagens camponezes de Lasta. Nós vos restituimos pois a fé de vossos paes.

«Que os padres digam suas missas em suas proprias egrejas. Que o povo volte a seus primeiros altares, á sua primeira liturgia, e que seja feliz. Em quanto a mim, já velho pela edade, e pela guerra, e opprimido de enfermidades, já me não sinto com forças para governar; e nomeio meu filho Facilidas para reinar em meu logar.

«Assim foi destruida n'um só dia a egreja catholica, e a jerarchia de Roma na Abyssinia. Foi destruida pelos esforços, que o governo civil fez para se defender das usurpações dos padres, e da tyrannia ecclesiastica, que sem duvida não tinham outro alvo mais que anniquilar a constituição da Abyssinia, e de submetter este imperio ao governo portuguez, como já o tinham experimentado varios reinos da India.

«O rei morreu a 7 de setembro de 1632, tendo professado a religião romana até o ultimo momento de sua vida.

«Facilidas escreveu ao patriarcha: Que a religião grega achando-se restabelecida, tornava-se indispensavel que todos os padres catholicos deixassem a Abyssinia: que acabava de saber que um abuna pedido do Cairo pelo imperador seu pae, e por elle mesmo, estava a caminho, e só esperava para entrar no imperio o ver sair todos os missionarios romanos: que lhes ordenava que deixassem seus conventos, e se reunissem em Fremona, e esperassem alli suas ordens.

«Chegaram pois o patriarcha e seus companheiros a Fremona no fim de abril de 1633, tendo sido maltratados no caminho, e resolveram fazer partir para a India e para Hespanha Jeronymo Lobo, o mais fanatico d'aquelle grupo, com o fim de fazer vir um exercito, que podesse assolar, e submetter a Abyssinia.

«Mas Facilidas estava informado de tudo. Vendo que o patriarcha só procurava ganhar tempo, e sabendo que elle e seus missionarios tinham um grande montão de armas de fogo, deu ordem a um de seus officiaes para ir a Fremona pedir aquellas armas, e todas as munições de guerra, que tinham;[1] e os mandou prevenir ao mesmo tempo que estivessem promptos para partir para Massuah. O patriarcha recusou primeiramente obedecer, e Facilidas, em logar de o punir se contentou de lhe mandar representar com doçura, a imprudencia e inutilidade de sua recusa, e as más consequencias, que podia ter para elle. Então o patriarcha entregou as armas. Mas em logar de conduzir seus missionarios para Massuah, tinha intenções bem differentes das do rei da Abyssinia. Concebeu o projecto de deixar seus padres, e de os fazer dispersar por todas as provincias do imperio, se fosse obrigado a embarcar para Massuah, bem resolvido a não o fazer senão em ultima extremidade.

«Com este designio tractou de se pôr debaixo da protecção do Baharna-

[1] James Bruce— *Voyages aux sources du Nil*, vol 5.º, pag 263.

gash João Akay, que estava então revoltado contra seu soberano; e elle reuniu um grupo de homens armados para irem buscar os missionarios perto de Fremona, e pol-os fóra do alcance do governador de Tigré. Este projecto audaz teve o melhor resultado. Akay prometteu sua protecção; e o patriarcha e seus companheiros tendo fugido de noite á vigilancia dos guardas, a quem o rei os tinha confiado, encontraram-se com os soldados do Baharnagash, commandados por Tecla Emanuel, e se refugiaram em Adicota. O Baharnagash recebeu muito affectuosamente o patriarcha e os missionarios.

«Porém algum tempo depois receberam os padres ordem de sair de Adicota, e o Akay continuou a transferil-os d'um logar doentio para outro, até que lhes estragou a saude.

«Com tudo Facilidas mandou dizer ao Baharnagash, que lhe perdoaria tudo quanto se tinha passado, com a condição de lhe entregar o patriarcha e seus companheiros: mas João Akay recusou. Para não faltar á sua palavra não quiz entregar os jesuitas ao rei, mas consentiu em os vender aos turcos. Por isso estes padres foram entregues por uma somma de dinheiro ao bacha de Massuah, que os acolheu muito bem.

«Dois jesuitas ficaram em Adicota de combinação com Akay, sem que Facilidas o soubesse. Esperavam occasião de soffrerem o martyrio, e ella chegou. Todos que ficaram na Abyssinia morreram de morte violenta, por ordem do monarcha, e a maior parte foram enforcados, sendo o ultimo Bernardo Nogueira.

«Facilidas irritado com a obstinação dos missionarios, e principalmente com o boato, que espalharam, que o vice rei das Indias não tardaria em enviar um exercito á Abyssinia, concluiu um tratado com os bachas de Massuah e de Suakem para fecharem seus portos aos portuguezes, não deixando nenhum d'elles penetrar na Abyssinia.

«Com effeito, quantos padres europeus poderam conseguir entrar na Abyssinia durante este reinado e o seguinte foram todos mortos.

«Depois da morte do ultimo missionario Bernardo Nogueira nada mais se soube do que se passava na Abyssinia, senão por meio d'alguns mercadores ethiopes, que iam commerciar com os hollandezes da Batavia. Foi alli que o engenhoso Ludolf, muito occupado com a historia Abyssinia, e não se poupando a algum trabalho para conservar correspondencia com aquelle paiz, soube que Facilidas depois d'um longo e prospero reinado tinha morrido e deixado a coroa a seu filho Hannès, primeiro.

«Este mandou ajuntar todos os livros, que os jesuitas tinham traduzido em lingua ethiopica, e fel-os queimar. Morreu em 1680, e succedeu-lhe seu filho Jasous I.»

Realmente este artigo tem sido excessivamente longo, mas a penna recusa-se a parar, quando vê a cada passo nomes e recordações portuguezas n'aquelle celebre paiz, conhecido antigamente pelo nome de imperio do Preste João das Indias. Sendo a obra de Bruce composta de treze volumes, se d'ella extrahisse só o que nos diz respeito, teria traduzido um terço de toda ella.

«Durante o anno de 1835 e 1836 Mauricio Tarnisier e Edmundo Combes viajaram na Abyssinia, e imprimiram a relação no *Boletim da Sociedade Geographica de Paris* nos mezes de junho e julho de 1837. Esta viajem duroa quinze mezes, e tiveram a felicidade de percorrer e estudar paizes ainda pouco conhecidos, e encontrar os vestigios deixados pelos portuguezes.» [1]

«Ás dez horas atravessei o Tadda, [2] uma das aldeias mais risonhas e pittorescas da provincia: passo o Moghetch por uma ponte levantada pelos portuguezes, bellissima construcção, sem a qual as communicações estariam interrompidas durante cinco mezes do anno entre Gondar e as provincias do sul.»

190) BRUCKER (MIGUEL RAYMOND).

E. — *La chapelle des crânes dans l'Ile de Madère.*—(Capella dos craneos na ilha da Madeira.)

E' uma extensa descripção acompanhada d'uma estampa, que publicou a pag. 19 e seguintes do *Musée des Familles*, do anno de 1834.

191) BRY E MERIANI (De Franckfort).

E. — *Collectiones Peregrinationum in Indiam Orientalem et in Indiam Occidentalem.*

«De vinte e cinco partes, [3] memorias de differentes escriptos em diversas épocas, e originalmente em idiomas varios, se compõe a *Collecção*, que é entre os amadores conhecida pelo titulo convencional de grandes e pequenas viagens, denominação, que lhe nasce de formato menor e maior das duas séries, em que parece estar dividida.

«A primeira série, em folio ordinario, comprehende doze partes, em cinco volumes, e consta toda de escriptos relativos ás Indias Orientaes. A segunda série *(Grandes viagens)* em folio maior, abrange treze partes, em tres volumes, respeitantes ás Indias Occidentaes, sob o titulo de *Historia da America ou do novo mundo.*

«Paciencia e trabalho aturado tirariam d'esta grande collecção de viagens muitas noções da nossa historia; algumas importantes, outras de pequena transcendencia, inda que assim mesmo uteis talvez um dia á controversia; e todas perdidas em velhos livros, por cujos titulos se não denunciam.

«Oitava entre as partes, que compõem a primeira série da *Collecção* é o itinerario do hollandez João Hugo Lintschoten ás Indias portuguezas, ou Orientaes: volume unico, impresso a duas columnas. que abre com a viagem de Lisboa para a India começada em 8 d'abril 1583.

«Muitas são as edições e traducções, que este livro tem tido. Escripto originalmente em hollandez, saio em 1596; depois em latim em 1599; em francez em 1610; em allemão em 1614 etc.»

[1] Urcullu—*Geographia*, vol. 3.°, pag. 160.

[2] Guillaume Lejean—*Voyage en Abyssinie* en 1862 a 1863. No *Tour du Monde* de 1865, pag. 216.

[3] José de Torres — *Panorama*, vol. 13.°, pag. 394.

Parte d'esta viagem foi traduzida sobre o latim pelo sr. José de Terres, e publicada no vol. 13.º e 14.º do jornal litterario *O Panorama*, impresso em Lisboa. Vide Lintschoten.

192) BUCHANAN (CLAUDIO).

No 4.º volume do *Investigador Portuguez em Inglaterra* encontra-se a traducção d'uma curiosa viagem feita por este escriptor inglez a Gôa com muitas noticias da nossa inquisição n'esta cidade.

«A magnificencia das egrejas de Gôa excedeu toda a idéa, que formava de prévias descripções. Gôa he propriamente a cidade das egrejas, e parece que a riqueza das provincias se tem gasto na sua erecção. As amostras de architectura antiga n'este logar excedem tudo o que se tem feito de semilhante na outras partes do Oriente, em tempos modernos, tanto em grandeza, como em gosto. A capella do Palacio é edificada segundo o plano de S. Pedro em Roma, e diz-se ser um exacto modello d'aquella incomparavel architectura. A egreja de S. Domingos, fundador da inquisição é decorada com pinturas dos mestres da Italia. S. Francisco Xavier jáz encerrado em um bello monumento de arte, e o seu caixão é marchetado de prata e pedras preciosas. A Cathedral de Gôa é digna de uma das principaes cidades da Europa! e a egreja e Convento dos Agostinhos he um nobre edificio situado sobre uma eminencia, e faz de longe uma vista magnifica. (Pag. 27.)—Sobre Goa Velha. Vide Pyrard.

193) BULLAR (JOSEPH).

E. — *A winter in the Azores, and a summer at baths of the Furnas.* Londres, 1841, 2 vol. com estampas. — (Um inverno nos Açores, e um verão nos banhos da Furnas.)

«Obra consagrada principalmente á descripção pittoresca do paiz, e dos usos, contém informações uteis acerca do clima, aguas e doenças do archipelago.» [1]

194) BULLIALDI (ISM.)

E. — *Pro Ecclesiis Luzitanicis libelli duo (mense decembri 1649, mense martio 1651)* Parissiis. Ex officina Cramosiana, 1653. — (Dois opusculos a favor das egrejas de Portugal.)

Mencionado no catalogo manuscripto dos livros portuguezes e relativos a Portugal existentes na Bibliotheca Imperial de Paris.

195) BURGE (GUILLAUME VANDEN).

E. — *Niewe Historische en geographische Reisbeschryvinge.*

(Novo Itinerario historico e geographico de Hespanha e de Portugal. Contendo uma descripção exacta d'estes reinos e dos paizes e cidades submettidas a seu dominio tanto na Europa, como nos outros continentes. Com uma expo-

[1] Morelet — *Les Açores*, pag. 15.

sição clara de suas divisões antigas e modernas, de sua situação. Tudo em forma de cartas por —. Haia, 1705, 4.°)

196) BURGO (THOMAS DE).

E. — *A Cathechism moral and controversial proper for such as are already advanced to some knowledge of the Christian Doctrine to which is annexed by way of an appendix a practical method of preparing for Sacramental Confession, dedicated to his Eminence Cardinal Manuel.* Lisbon, 1752, 8.°, 446 pag.

Este cathecismo é destinado para as educandas e freiras irlandezas do convento dominicano do Bom Successo (proximo de Lisboa) fundado em 1639 por D. Irena de Brito, condessa da Atalaia. [1]

É de suppôr que Thomaz de Burgo fosse algum padre irlandez, capellão d'este convento.

197) BURY (DE).

E. — *Lettre au sujet de la découverte de la Conjuration formée contre le roy de Portugal.* — (Carta a respeito da descoberta da conjuração formada contra o rei de Portugal.)

198) BURKHARDT.

E. — *Methodo de Ahn em Portuguez.* Leipsig, 1868, 1 vol. 8.°

Vi esta obra citada em catalogos, e d'ella nada mais posso dizer.

199) BURNETT.

E. — *Views of Cintra.* London. — (Vistas de Cintra.)

É apenas uma collecção de estampas, da qual só tenho visto um exemplar.

200) BURTON (RICHARD FRANCIS) — Viajante e orientalista celebre.

Nasceu no condado de Norfolk, em 1820. [2]

E. — *Goa and the blue Mountains.* 8.° — (Goa e as montanhas azues.)

201) BUSSIÈRE (VICENTE TH. DE).

E. — *Histoire du Schisme Portugais dans les Indes, par* —. Paris, 1854. — (Historia do scisma portuguez na India.)

202) BUSCA (GABRIELLO).

E. — *Della espugnatione et difesa delle Portuguezze.* Turine, 1598. — Attaque e defeza dos portuguezes.)

[1] Fr. Lucas de Santa Catharina — *Quarta parte da Historia de S. Domingos*, cap. 19.° e seguintes.

[2] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains*, pag. 308.

203) **BYRON** (Lord). — Um dos mais famosos poetas inglezes dos tempos modernos.

Nasceu em Londres no anno de 1788, e falleceu em Missolonghi (na Grecia) a 19 de abril do anno de 1824. [1]

Por algum tempo a leitura favorita do grande poeta britanico foi a traducção das poesias do nosso Camões, vertidas em inglez por lord Strangford.

Lord Byron escreveu a seguinte poesia, na qual lamenta as amarguras do poeta, recommenda a uma dama a leitura de suas obras, e deseja a esta que não passe pelas mesmas desventuras, que tornaram a vida de Camões tão amargurada

STANZAS TO A LADY

WITH THE POEMS OF CAMOENS

This votive pledge of fond esteem,
Perhaps, dear girl! for me thou' lt prize;
It sings of Love's enchanting dream,
A theme we never can despise.

Who blames it but the envious foul,
The old and disappointed maid,
Or pupil of the prudish school,
In single sorrow doom'd to fade?

Then read, dear girl, with feeling read,
For thou will ne'er be one of those;
To thee in vain I shall not plead.
In pity for the poet's woes.

He was in sooth a genuine bard;
His was no faint, fictitious flame:
Like his, may love be thy reward,
But not thy hapless fate the same.

CINTRA

XVIII

Lo! Cintra's glorious Eden intervenes [2]
In variagated maze of mount and glen.
Ah, me! what hand can pencil guide, or pen.

[1] John Galt — *Lord Byron, complete Works and Life*. Paris, 1837.

[2] Para fugir da immundicie de Lisboa, e de seus ainda mais immundos habitantes, a villa de Cintra, a umas quinze milhas da capital, é talvez a todos os respeitos a mais deliciosa da Europa. Contém bellezas de todo o genero, naturaes e artificiaes, palacios e jardins saindo do meio das rochas, cataractas, despenhadeiros conventos sobre alturas es-

To follow half in which the eye dilates,
Through views more dazzling unto mortal ken
Than those whereof such things the bard relates,
Who to the awe struk world unlock'd Elysium's gates?

XIX

The horrid crags, by toppling convent crown'd,
The cork-trees hoar that clothe the shaggy steep,
The mountain-moss by schorging skies imbrown'd,
The sunken glen, whose sunless shrubs must weep,
The tender azure of the unruffled deep,
The orange tints that gild the greenest bough,
The torrents that from cliff to valley leap,
The vine on high, the willow branch below,
Mix'd in one mighty scene, with varied beauty glow.

XX

Then slowly climb the many-winding way,
And frequent turn to linger as you go,
From loftier rocks new loveliness survey,
And rest ye at «Our Lady's house of woe;»
Where frugal monks their little relics show,
And sundry legends to the stranger tell:
Here impious men have punish'd been, and lo!
Deep in yon cave Honorius long did dwell,
In hope to merit Heaven by making earth a Hell.

XXI

And here and there, as up the crags you spring,
Mark many rude-carved crosses near the path:
Yet deem not these devotion's offering
These are memorials frail of murderous wrath:
For wheresoe'er the shrieking victim hath
Pour'd forth his blood beneath the assassin's knife,
Some hand erects a cross of mouldering lath;
And grove and glen with thousand such are rife
Throughout this purple land, where law secures not life.

pantosas, uma distante vista do mar e do Tejo e alem d'isto é noiavel (se bem que de consideração secundaria) como scena da convenção de sir Hew Dalrymple. Une em si mesmo toda a rusticidade das serranias com a verdura do sul da França —*Byron's cumplete Works* pag. 86

No 3.º vol. do *Investigador Portuguez* (pag. 449 e seg.) vem uma traducção em prosa destes versos do Childe Harold e uma censura a Lord Byron.

XXII

On sloping mounds, or in the vale beneath,
Are domes where whilome kings did make repair;
But now the wild flowers round them only breathe;
Iet ruin'd splendour still is lingering there
And yonder towers the Prince's palace fair:
There thou too, Vathek! England's wealthiest son,
Once form'd thy Paradise, as not aware,
When wanton Wealth her mightiest deeds hath done,
Meek Peace voluptuous lures was ever wont to shun.

XXIII

Here didst thou dwell, here schemes of pleasure plan,
Beneath yon mountain's ever beauteous brow:
But now, as if a thing unblest by Man,
Thy fairy dwelling is as lone as thou!
Here giant weeds a passage scarce allow
To halls deserted, portals gaping wide;
Fresh lessons to the thinking bosom, how
Vain are the pleasaunces on earth supplied;
Swept into wreks anon by Times's ungentle tide!

XXIV

Behold the hall where chiefs were late convened!
Oh! dome displeasing unto British eye!
With diadem hight foolscap, lo! a fiend,
A little fiend that scoffs incessantly,
There sits in parchment robe array'd, and by
His side is hung a seal and sable scroll,
Where blazon'd glare names known to chivalry,
And sundry signatures adorn the roll,
Whereat the Urchin points and laughs with all his soul.

XXIX

Yet Mafra shall one moment claim delay,
Where dwelt of yore the Lusian's luckless queen;
And church and court did mingle their array,
And mass and revel were alternate seen;
Lordlings and freres-ill-sorted fry I ween!
But here the Babylonian whore hath built
A dome where flaunts she in such glorious sheen,
That men forget the blood which she hath spilt,
And bow the knee to Pomp that loves to varnish guit.

XXX

O'er vales that teem with fruits, romantic hills,
(Oh, that such hills upheld a freeborn race!)
Whereon to gaze the eye with joyaunce fills,
Childe Harold wends through many a pleasant place.
Though sluggards deem it but a foolish chase,
And marvel men should quit their easy chair,
The toilsome way, and long league to trace,
Oh! there is sweetness in the mountain air,
And life, that bloated Ease can never hope to share.

XXXI

More bleak to view the hills at length recede,
And, less luxuriant smoother vales extend;
Immense horizon-bounded plains succeed!
Far as the eye discerns, withouten end,
Spain's realms appear, whereon her shepherds tend
Flocks, whose rich fleece right well the trader knows
Now must the pastor's arm his lambs defend:
For Spain is compass'd by unyielding foes,
And all must shield their all, or share Subjection's woes.

XXXII

Where Lusitania and her Sister meet,
Deem ye what bounds the rival realms divide?
Or ere the jealous queens of nations greet,
Doth Tayo interpose his mighty tide?
Or dark sierras rise in craggy pride?
Or fence of art, like China's vasty wall?
Ne barrier wall, ne river deep and ride,
Ne horrid crags, nor mountains dark and tall,
Rise like the rocks that part Hispania's land from Gaul

XXXIII

But these between a silver streamlet glides,
And scarce a name distinguisheth the brook,
Though rival kingdoms press its verdant sides.
Here leans the idle shepherd on his crook,
And vacant on the rippling waves doth look,
That peaceful still 'twixt bitterest foemen flow;
For proud each peasant as the noblest duke:
Well doth the Spanish hind the difference know
Twixt him and Lusian slave, the lowest of the low.

C

204) CABANES (D. FRANCISCO XAVIER DE) — Brigadero de infanteria de los reales ejercitos.)

E.— *Memoria que tiene por objeto manifestar la posibilidad y facilidad de hacer navegable el rio Tajo desde Aranjuez hasta el Atlantico, las vantajas, de esta Empresa, y las concesiones hechas à la misma para realizar la navegacion. Por* —. Publicase de real Orden. Madrid Imprenta de D. Miguel de Burgos. Año de 1829. fol. 210 pag.

«Durante a guerra de Hespanha contra as tropas de Napoleão meus diversos empregos nos exercitos me subministraram meios de observar em differentes occasiões o curso e propriedades do rio Tejo desde Aranjuez e Toledo até Lisboa. Surprehendia-me que um rio tão caudaloso, que atravessa de levante a poente duas terças partes da Peninsula, e que em seus extremos tem dois mercados tão concorridos, como Madrid e Lisboa, não tivesse fixado a attenção das gerações passadas, nem merecido ao menos um ensaio pratico, se podia, ou não ser navegavel; mas o que mais contribuiu para excitar minha surpreza foi a navegação pelo mesmo rio desde Abrantes até Villa Velha, promovida e executada pelo engenheiro portuguez Anastacio, e que tão util foi ao governo portuguez n'aquella epoca. Dizia então commigo: Porque motivo não se ha pensado em prolongar esta obra do Tejo até Alcantara, Talavera, Toledo o Aranjuez? Quando via em algumas antigas relações, que n'outro tempo se transportavam cereaes, e outras mercadorias desde Cordova a Sevilha, não podia deixar d'exclamar: porque não imitamos este exemplo? Não cessei de pensar nos meios de formar uma planta da navegação do Tejo, que na minha opinião é a obra mais facil de executar de todas d'esta classe, e a mais propria para dar áquelles, que a tentarem, uma lucrativa e proporcionada recompensa de sua decisão, trabalhos e riscos.

«Convencido da exactidão e verdade, com que está escripto o projecto de navegação geral da Peninsula, formado pelos fins do seculo XVI por João Bau-

tista Antonelli, e inserto n'um dos tomos dos Elementos de Mathematica (tom. IX) por D. Benito Bails, dei começo á tarefa de colligir apontamentos, e de emprehender diligentes investigações, que me podessem elucidar ácerca de quanto diz respeito ao rio Tejo, do qual sómente se tinham idéas mui confusas. Na continuação do *Almacen de frutos literarios*, publicada no anno de 1818, encontrei algumas noticias relativas ao meu projecto, mas pouco claras, e ainda menos seguras para poder formar juizo ácerca do conjuncto e dos pormenores da operação. Por ultimo as relações, que tive com algumas pessoas curiosas e instruidas, me proporcionaram varios conhecimentos applicaveis ao mesmo designio, de sorte que cheguei a saber que o rio Tejo havia sido objecto de grandes considerações em tempo de Filippe II, e que sua navegação havia sido intentada com tal actividade, e praticada com tão bom exito, que o engenheiro Antonelli, chegou n'um barco desde o Oceano até Aranjuez, e logo por Jarama e Manzanares até mais alem da ponte de Segovia, e sitio, que chamavam *el molino quemado*, coisa que pareceria incrivel, se não convencessem de sua verdade os documentos authenticos, em que o facto está consignado, e que ainda se conservam. Abandonou-se depois por varias causas, sendo uma d'ellas a separação de Portugal, um plano, que havia já feito tantos progressos; mas sempre ficou assegurada a idéa de sua possibilidade.

«Em 1827 tive occasião de observar tanto na França, como na Inglaterra e Paizes Baixos a applicação do vapor por meios mais adequados ao meu projecto do Tejo, do que os, que me haviam suggerido os trabalhos feitos pela companhia do Guadalquibir para as obras d'aquelle rio. Tambem rectifiquei então minhas idéas em geral; porém confirmando-me cada vez mais de que era possivel a navegação do Tejo, mediante o conveniente indireitamento de suas margens, pois d'este modo tornava-se mui facil praticar-se n'ella uma via constante de aguas de tres pés e meio a quatro de profundidade, e de vinte e cinco de largura, que é de quanto se necessita para a navegação a vapor.

«Antes das investigações ultimamente feitas sómente se conheciam alguns pormenores ácerca da navegação do Tejo, contidos nas Memorias de Garibay, bem como n'uma relação do passeio, que pelas aguas dos rios Jarama e Tejo deu embarcado o rei D. Filippe II, e aquelles de que se faz menção n'uma carta do padre Burriel, e no informe de Savedra sobre varios pontos de navegação interior. Parte d'estas noticias estavam ineditas. Por noticias de tal qualidade, tão minuciosas e authenticas fica provado até á evidencia ser mui possivel navegar pelo Tejo.

«João Bautista Antonelli era um engenheiro distincto, e mui acreditado, que havia servido com applauso e bom exito em muitas commissões importantes, auxiliando D. Filippe II e o duque d'Alba na expedição de Portugal no anno 1580. O plano geral de navegação interior, que propoz da Peninsula Hespanica podia reputar-se para aquelles tempos como grandioso, extraordinario, de muita novidade e merito, superior ás producções contemporaneas. Filippe II, que adoptou a proposta de Antonelli, tributou-lhe uma solemne homenagem navegando pessoalmente acompanhado de sua familia pelos rios Jarama e Tejo desde Vaciamadrid até mais abaixo de Aceca.

«Os procuradores do reino reunidos em Madrid em 1583 approvaram o projecto de navegação interior apresentado por Antonelli, e votaram para sua execução cem mil ducados, que se não deviam applicar para outro fim; e o famoso architecto do Escurial, Herrera, era o conselheiro de Filippe II n'esta empreza.

«No tempo de Filippe IV os engenheiros Carduchi e Martelli procederam a um novo reconhecimento no rio.

«Tambem se póde contar em o numero dos monarchas hespanhoes, que hão favorecido esta idéa, D. Fernando VI, que a poz debaixo de sua protecção para que se realisasse! Por isso seu ministro D. Ricardo Wall ouviu os informes, e examinou os planos e propostas, que lhe appresentou o alcaide D. Carlos de Simon Pontero, que abundava nas mesmas idéas de Antonelli e Carduchi, e a cujo dictame se aggregaram varias pessoas illustradas, e com especialidade os engenheiros Briz e Simó Gil.»

Os documentos relativos a esta importante empreza estavam guardados nos archivos de Simancas e de Toledo, e bom serviço prestou o hespanhol Cabanes publicando-os por meio da imprensa, pois d'esta fórma podemos conhecer com a maior minuciosidade quanto se passou relativamente a este assumpto.

Dá-nos, pois, o auctor [1] todas as noticias seguintes:

«Desde Aranjuez até Toledo (dez leguas) é mui regular o curso do Tejo, e em geral tem todas as apparencias d'um canal sem corrente excessiva.

«Nas immediações de Toledo ha muitos obstaculos, mas evitar-se-hiam na maior parte com o canal, que estava projectado.

«Desde Toledo até Puente del Arzobispo (vinte e seis leguas) offerece o Tejo as mais formosas e faceis ribeiras para a navegação, como o declara o engenheiro Antonelli, a ponto de as comparar com as do Pó, e outras da Lombardia.

«Desde Puente del Arzobispo até Herrera (quarenta leguas) ha lanços de mais difficuldade, que os já citados: porém tambem é maior o numero das obras a que se deve proceder, com que ficariam notavelmente acommodados e dispostos para a navegação.

«De Herrera até Abrantes (dezesete leguas) torna o Tejo a ser mais facil para se navegar por elle, de maneira que a maior parte d'este districto, ou pelo menos desde Villa Velha até Abrantes se navegou sem interrupção em 1812 e 1813, e actualmente por elle se navega tambem.

«Desde Abrantes até Santarem (onze leguas) está sempre aberta a navegação, a qual é muito facil de Santarem até Lisboa, por espaço de quatorze leguas.

«Tanto as obras necessarias para passagem das represas e pontes, como as, que exigem as limpezas e encanamentos, longe de serem d'um custo muito grande, podem realisar-se por uma quantia bastantemente modica em compa-

[1] Pag. 13.

ração das vantagens, que devem proporcionar. [1] Calcularam-se as despezas superiormente ao que hão de ser effectivamente, e vê-se que a somma total d'ellas não excede a somma de 11.600:000 reales de velon.

«Ha mui exactos dados, que asseguram não estarem errados estes calculos. Em primeiro logar as vinte e quatro leguas, que ha de rio desde Abrantes a Alcantara, custaram, incluindo o caminho de sirga 418:000 reales velon. Ha noticia do importe do encanamento da navegação desde Talavera la Vieja a Toledo, vinte e cinco leguas, que importou em 14.742:995 maravedis, que são 433:617 reales de velon. Comparando o valor do dinheiro da Peninsula do seculo XVI com o que tem actualmente equivaleria ao seguinte calculo:

Obras	Importaram	Corresponde ao dinheiro actual
De Abrantes a Alcantara.....	418:000 r. v.	1.672:000
De Alcantara a Talavera la Vieja...	343:095	1.372:381
De Talavera la Vieja a Toledo.....	433:617	1.734:470
Somma.....	1.194:712	4.778:851

«E como nenhuma d'estas obras exige muitos mezes para sua conclusão, bastará um só verão para tornar navegavel o Tejo.

«É preciso confessar em boa fé, que a respeito d'esta empreza se tem procedido em todos os tempos com bastante injustiça, e mesquinhez implacavel. Em primeiro logar, porque desde o reinado de Filippe II em nenhum tempo quizeram examinar lealmente, nem mesmo ouvir as razões, que a favor d'ella apresentavam pessoas de merecimento, que d'ella trataram; e em segundo, porque sempre foram mesquinhos com fundos para um objecto tão grandioso, e de tão incalculaveis vantagens, quando pelo contrario se teem applicado immensas quantias para obras inteiramente improductivas, e de cuja utilidade, mesmo considerada debaixo do aspecto de ornato, se duvida não poucas vezes.

«Como se responderá á accusação, que a respeito de nossa incuria nos póde fazer a posteridade, sabendo que até ao anno de 1829 nada de positivo se sabia emquanto á navegação do rio Tejo, ao passo que em Simancas, e n'outros archivos existiam os documentos preciosos, que agora pela primeira vez sáem á luz? Como se responderá á accusação, que a mesma posteridade nos poderá fazer de não havermos tirado partido do rio Tejo para exportar nossas amontoadas colheitas, em tempo, que nos sobrava o oiro e a prata, que empregavamos inconvenientemente em objectos contrarios a nossos interesses?

«As causas principaes, porém, que teem obstado á canalisação do rio são as seguintes: 1.ª O serem despovoadas as margens do Tejo, e os terrenos adjacentes a ellas. 2.ª A escacez de conhecimentos relativos ao curso d'este rio, e aos terrenos visinhos. 3.ª A desconfiança dos proprietarios das obras construidas no Tejo, e a falta de direitos para a existencia de algumas d'ellas. 4.ª A necessidade de caminhos de sirga. 5.ª A constante escassez da falta de nume-

[1] Pag. 14

rario. 6.ª A separação de Portugal. 7.ª A preferencia, que se dá aos canaes de derivação, por causa da dupla utilidade de navegação e rega, que proporcionam.

É incrivel a falta de povoação, que se nota nas margens d'este rio, pelo menos desde Talavera até Abrantes.

O Tejo partindo de Aranjuez corre na Hespanha as provincias de Toledo e Extremadura, e em Portugal as do Alemtejo e Extremadura portugueza. Na provincia de Toledo está deserto o districto de Aranjuez a Toledo, e regularmente povoado o que corre desde este ponto, até Talavera. Continua logo o Tejo atravessando o districto mais deserto da Extremadura hespanhola, a qual provincia é a mais despovoada de Hespanha. Entra em seguida na do Alemtejo, que das de Portugal é a menos povoada, e só desde Abrantes, onde começa a Extremadura portugueza, entram a encontrar-se povoações importantes, como a mesma villa de Abrantes, Constancia, Tancos, Santarem, Villa Franca e outras. Por isso o viajante, que sem grandes conhecimentos da Peninsula, percorre pela primeira vez as margens do Tejo, não pode deixar de admirar-se como margens de tanta celebridade se encontram em tão incrivel desamparo.

«Garibay nas suas memorias manifesta claramente a opposição dos toledetanos á navegação, e além d'isso sabe-se que os procuradores do reino, reunidos em Madrid no anno de 1583 adoptaram com gosto a proposta d'esta empreza, não estando situadas nas margens do Tejo as cidades ou villas, que representavam: e somente se oppozeram, mas mui fortemente, os procuradores de Toledo, que representavam e pertenciam a uma cidade situada na margem d'aquelle rio. E não é possivel explicar o fundamento d'esta opposição, senão attribuindo-o ao errado conceito, que d'ella formaram, com respeito a seus interesses, os proprietarios das obras praticadas no rio.

«Outra difficuldade eram os caminhos de sirga, pois se tratava nada menos que de praticar uma linha de communicação pelo espaço de cento e vinte seis leguas, com seis palmos de largo, conforme exigia Antonelli, o que não podia deixar de custar sommas immensas.

«Antonelli, o dr. Guillen, e varias outras pessoas [1] empregadas nas obras do Tejo durante o reinado de Filippe II se queixaram constantemente da escassez de numerario para as mesmas. Vê-se pelos documentos, que o dinheiro se desviava d'estes trabalhos para outras obras.

«Nos dois reinados, que se seguiram, a falta de numerario foi cada vez maior, a ponto de acconselhar ao rei o conselho d'estado a que mandasse parar as obras por causa da falta de meios. Na ultima metade do seculo XVII era quasi impossivel pensar em similhante negocio, pois as hostilidades dos dois povos duraram pelo espaço de vinte e oito annos desde 1640. Depois de reconhecida a independencia de Portugal pelo governo hespanhol, D. Pedro, que governava então Portugal, achou-se em circumstancias tão difficeis, que estas o obrigaram a pensar em assumptos bem differentes, ao passo que na Hespanha a complicação dos negocios não era menos lastimosa.

[1] Pag. 20.

«Um canal de derivação, que se praticasse desde Aranjuez até ao Atlantico n'um calculo moderado importaria em quinhentos milhões de reales: mas não daria resultados, que compensassem tão enorme despeza. Porém a navegação do Tejo é de tal importancia, que não é possivel prescindir de indicar suas vantagens, e para isso se partirá sempre da hypothese, que verificando-se a passagem de barcos de Lisboa até Toledo e Aranjuez, se continuem os trabalhos em termos, que depois não haja difficuldades, em que prosigam até Madrid.

«Pelo espaço d'umas quarenta leguas desde a fronteira de Portugal [1] até ao Atlantico appresenta o curso e estado do rio differenças notaveis, que dão margem a varias reflexões não faltas de importancia. Para examinar este districto convenientemente considerar-se-ha dividido em tres partes, a saber: desde Villa Velha, ou portas de Rodas até Abrantes: desde Abrantes até Santarem, e desde Santarem até Lisboa.

«Pelo primeiro lanço, perto de quinze leguas de comprimento, se navegou pelos annos de 1811, 1812 e 1813 pelo systema do engenheiro portuguez Anastacio, em barcos chatos de capacidade de cento até cento e cincoenta quintaes os quaes barcos tripulados por tres ou quatro homens faziam sua viajem de subida por meio de remos e sirga, e raras vezes á vela, n'uns oito dias só. Com estes barcos se levavam a Villa Velha os viveres, de que necessitava o exercito anglo-luso.

«Pelo segundo lanço, desde Abrantes até Santarem, doze leguas, navega-se actualmente sem interrupção em barcos chatos da capacidade de duzentos quintaes.

«Pelo terceiro lanço até Villa Franca navegam barcos de seiscentos até setecentos quintaes.

«Por agora só diremos que o rio Jarama offerece meios seguros de estabelecer uma navegação activa entre Aranjuez e Vaciamadrid durante oito mezes do anno, e que as combinações, de que é susceptivel o real encanamento de Jarama com os recursos, que hão-de augmentar as aguas de Madrid e do Manzanares, estabelecerão uma commoda e rapida communicação por agua entre as respectivas capitaes dos dois reinos, que formam a Peninsula Iberica.

«Em nosso modo de intender a navegação do Tejo deve assegurar aos que a verificarem meios de transportar annualmente acima de dois milhões e seis centos mil quintaes, a saber: milhão e meio em direcção desde o Atlantico até Aranjuez, e acima de milhão e cem mil quintaes em direcção desde Aranjuez até ao Atlantico. Para chegar a este fim parece-nos que serão sufficientes quarenta barcos a vapor, e outros quarenta de transporte sem machina, trinta e seis dos quaes estarão em continuo serviço, e os quatro restantes em reserva, tendo cada um setenta pés de largo, e dezeseis de comprimento, de quinze toneladas, e da força de vinte cavallos, e calculando-se cada viagem entre ida e volta desde Aranjuez até Lisboa em doze dias.

«Depois de concedido pelo governo hespanhol o privilegio da navegação no Tejo ao auctor d'estas memorias, era necessario, além do privilegio, que o go-

[1] Pag. 29.

verno de Portugal permittisse a passagem dos barcos até ao Atlantico; dirigiu-se por isso ao governo portuguez, que despachou, depois d'um detido exame, d'um modo favoravel ao interesse dos dois paizes. [1] As pessoas, que mais contribuiram para esta concessão, além dos ministros, foram o duque de Cadaval, visconde de Santarem, o conde da Figueira, Joaquim Severino Gomes e D. Joaquim Acosta y Montealegre, ministro plenipotenciario de Hespanha.

«O calculo dos gastos do estabelecimento da empreza chegará tão sómente á importancia de vinte milhões de reales. Constam estes gastos de tres partes: 1.ª Obras avaliadas em 11:600:000 reales: 2.ª barcos 8:000:000 reales: 3.ª gastos imprevistos 400:000 reales.

Os rendimentos annuaes devem orçar por.....	17:620:000 reales
Despezas annuaes.....	10:500:000
Differença a favor da empreza.....	7:120:000

«Regosijemo-nos, pois, hespanhoes e portuguezes, com a celebração d'este tratado, e consideremol-o, como o pacto de familia peninsular, que unirá as duas nações com um vinculo tão intimo, como é evidente signal da concordia e harmonia, que reina entre as esclarecidas e augustas dynastias de Borbon de Hespanha e de Bragança de Portugal. [2]

«Sendo necessario examinar a fundo a corrente do rio, a 8 de abril de 1829 embarcou em Aranjuez n'um barco, a que se poz o nome de Antonelli, o ingenheiro Marco Artu, e com uma viagem de quarenta dias chegou a Lisboa, durante os quaes só navegou vinte e seis, sendo os outros destinados para observar todos os pormenores e incidentes dignos de se notarem. A admiração, que isto causou aos habitantes das margens do Tejo, foi extraordinaria, e inexprimivel, pois por nenhum modo julgavam que um barco procedente de Aranjuez podesse descer pelo rio, sem ser arrebatado pelas correntes, ou sem se despedaçar contra os penedos. Porém, onde a admiração chegou ao cumulo, foi em Lisboa, em cujas aguas, ainda que frequentadas por navios de todo o universo, não se tinha visto nenhum, que procedesse do centro da Peninsula desde o seculo XVI, em que o immortal Antonelli levou ao cabo egual operação debaixo dos auspicios de Filippe II. A viagem de regresso durou 138 dias, dos quaes sómente se navegou por 112, sendo os restantes empregados em estudos e reconhecimentos.»

205) CABINET (THE) *Cyclopedia*. London, 1832.

Apparece n'esta collecção uma *Historia de Portugal e de Hespanha* em 1 vol., obra de que vi um exemplar em poder do sr. Francisco Arthur da Silva.

[1] Pag. 43.

[2] Pag. 51. Se bem que toda esta *Memoria* é mui interessante não se fazem mais extractos, porque a via ferrea fez dispensavel a navegação pelo Tejo, como a propunha Cabanes. Diz o sr. Ribeiro de Saraiva em o n.º 4:749 do *Jornal do Commercio* de Lisboa que as diligencias para a navegação do Tejo foram suspendidas e frustradas pela revolução franceza de 1830, e pela invasão de Hespanha por Mina, sob auspicios francezes.

206) CABRERA (LUIS DE CORDOBA) — Chronista hespanhol. Falleceu em 1655. [1]

E. — *Cronica de Felippe II re d'España.* Madrid, 1619.

A historia de Hespanha está tão intimamente entrelaçada com a de Portugal, que difficilmente se encontrará livro historico hespanhol, no qual se não tope com passagens, que nos digam respeito. No entanto (por causa da brevidade) só mencionarei um ou outro.

207) CACELADA (JUAN LOPES).

E. — *Profecia politica verificada en lo que está succidiendo a los portugueses por su ciega aficion a los inglezes, hecha luego despues del terremoto de* 1755. Mexico, 1808.—(V. Profecia politica.)

208) CAILLEMER (E.)

E. — I. *Ant. Goveani ad DD. titulum ad senatusconsultum Trebellianum commentariolum quae supersunt juxta fidem Gratianopolitani Codicis edidit.* — Paris, 1865, 8.°

É uma nova edição da obra aqui citada do nosso tão famigerado jurisconsulto Antonio de Gouvea, que, apesar de ser um dos maiores vultos litterarios, que mais honra dão ao nosso paiz, ainda não teve um portuguez que condignamente lhe escrevesse a biographia.

II. *Antoine de Govea fut il conseiller au parlement de Grenoble?* Paris, 1865.

III. *Etude sur Antoine de Govea* (1505-1566), Paris, 1864, 8.° 46 pag.

209) CALANDRELLI (JOSEPH) — Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a qual lhe publicou no 2.° volume das *Memorias* [2] o seguinte artigo:

Observatio Eclipsis Lunaris habita die 3 *januarii anno* 1787, *in Collegio Romano.*—(Observação do eclypse lunar no Collegio Romano).

210) CALDERON.

E. — *Memoria sobre el estado de la industria minera de Partugal.*

Vem no *Bulletin de la societé geologique de France,* 2.ª serie, tom. 7.°

211) CAMMARANO.

E. — *Ines de Castro. A Lyric Tragedy, in three acts. Poetry by Signor Salvador Cammarano. The Music by Signor Persiani. As represented at her Majesty's theatre. Haymarket,* 1840. London, 1840, 8.° 81 pag. Em inglez e italiano.

Os cantores, que desempenharam esta opera, foram os seguintes:

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. 8.°, pag. 43.

[2] Pag. 39 do mencionado volume.

HOMENS

D. Affonso, rei de Portugal, *Lablache.*— D. Pedro, *Rubini.*— Gonçalves, fidalgo hespanhol, *Morelli.*— Rodrigo, capitão de archeiros, *Gulli.*

DAMAS

D. Branca, *Mademoiselle E. Grisi.*— Ignez de Castro, *Madame Persiani.*— Elvira, *Madame Bellini.*

Ha mais duas edições d'esta opera publicadas ambas no anno de 1839, uma em Londres, e outra em Firenze.

212) CAMPADELLI (F.)

Publicou no tomo 13 do *Panorama* uma ode em louvor do grande florista portuguez Constantino, então residente em Paris.

ODE Á MONSIEUR CONSTANTIN

L'art sous ses mille aspects est d'essence divine;
Son horizon sans borne est l'espace vermeil;
En tous lieux il rayonne, il brille, il illumine:
C'est le disque d'or du soleil.
Il revêt à l'envi cent formes saisissantes.
Ici, sous les couleurs qu'animent les pinceaux,
Il étale à nos yeux des toiles ravissantes
Et de magnifiques tableaux.
Là, d'instruments sans nombre aux gammes infinies,
Et de la voix humaine aux magiques ressorts,
L'art créateur enfante un monde d'harmonies
Dans les plus merveilleux accords.
En mille objets divers il s'étale et s'exprime
A l'ouie, à la vue, à tous les sens humains;
Sous sa main qui le guide et l'esprit qui l'anime.
Il a des charmes souverains.
Constantin, vous, artiste, aux rives embaumées,
Au ciel des doux parfums, aux régions des fleurs,
Vous avez apporté d'autres fleurs animées,
D'autres parfums, d'autres senteurs.
Dans ce mond attrayant de graces merveilleuses,
De multiples couleurs, de beautés, de rayons,
Vous semez à l'envi sous nos mains curieuses
Vos charmantes créations.
Sur vos habiles doigts, dans vos ardentes veilles,
La nature à vous seul explique ses secrets;
Elle ouvre à votre esprit ses plus riches merveilles,
Qu'elle cache aux yeux indiscrets.

Votre art, c'est la nature, et les fleurs sont vos œuvres;
Fleurs des champs ou des monts, des jardins ou des bois,
Qu'on le doive au soleil comme aux soins des manœuvres,
Se multiplient sous vos doigts.
A ces créations, fruits de votre génie,
Rien ne manque, l'éclat, la fraicheur, la bonté;
Tout fait brillant cortège à la grace infinie.
C'est la nature en vérité!
Oui, vous êtes artiste, et le premier sans doute
Qui jamais ait traduit, à notre étonnement,
Les ouvrages de Dieu semés sur votre route
Avec autant de sentiment.
Car vous trompez nos sens, l'âme, l'intelligence,
Hesitent á marquer, dans mille fleurs au choix,
Celles que nous devons á la Toute-Puissance
Ou qui sont l'œuvre de vos doigts.

213) CAMPAGNE DE SIX MOIS *dans le Royaume des Algarves en Portugal.* Bruxelles, J. de Mat, imprimeur libraire, 1834, 4.º 54 pag. com um mappa do Algarve.

Esta obra é o diario do corpo de atiradores belgas commandado pelo tenente coronel Lecharlier no serviço de Portugal.

Em 23 de janeiro de 1834 o corpo belga, contractado por Mendizabal, achava-se reunido em Falmouth, donde saiu com destino a Portugal em dois vapores *Royal William* e *City of Edimburg.* Foi este corpo enviado para o Algarve com o fim de combater as guerrilhas, principalmente a de Remechido, tanto n'esta provincia, como na do Alemtejo. Celebrada a convenção de Evora Monte regressaram os belgas immediatamente ao seu paiz.

214) CAMPAGNE (LA) DE PORTUGAL, *en* 1810 *et* 1811. *Ouvrage imprimé á Londres, qu'il était defendu de laisser penetrer en France sous peine de mort; dans lequel les jactances de Buonaparte sont apréciées, ses mensonges dévoilés, son caractère peint au naturel, et sa chute prophetisée. Seconde édition.* Paris, 1814, 8.º, 67 pag.—(Campanha de Portugal.—Obra impressa em Londres, e prohibida de entrar na França debaixo de penna de morte, etc. etc.)

215) CAMPAIGNS OF THE BRITISH ARMY IN PORTUGAL, *under the command of general the earl of Wellington H. B. commander in chief, etc. etc. Dedicated by permission to his Lordship.* London, Printed by W. Bulmer and Co. 1812.—(Campanhas do exercito inglez em Portugal etc.)

Folio maximo (e a ponto de ser incommodo,) com treze magnificas estampas, e quatorze paginas de texto.

As estampas tractam dos seguintes assumptos:

1.ª Desembarque do exercito inglez na Bahia do Mondego.—2.ª Ataque

dos corpos franczes commandados pelo general Laborde, a 17 de agosto de 1808.— 3.ª Batalha do Vimeiro.— 4.ª Embarque do general Junot no caes de Sodré, depois da convenção de Cintra.— 5.ª Ataque da forte posição de Grijó, a 11 de maio de 1809.— 6.ª Passagem do Douro pela divisão do commando do tenente general Edward Paget.— 7.ª Passagem do Douro pela divisão do tenente general Sir John Murray.— 8.º Ponte de Nodin, em que se representa os francezes a deitarem ao rio Ave a ultima de suas peças de artilheria.— 9.ª Ataque de retaguarda dos francezes em Salamonde.— 10.ª Ponte de Saltador, onde terminou a perseguição depois do successo de Salamonde.— 11.ª Vista da Ponte de Miserere, a umas tres leguas de Salamonde, onde os francezes fatigados estão em preparativos de se retirarem para a fronteira de Hespanha.— 12.ª Batalha de Talavera.— 13.ª Batalha do Bussaco.

216) CAMPOMANES (D. PEDRO RODRIGUES).

E.— *Noticia geografica del reyno y caminos de Portugal.* Madrid, 1762.

217) CANDAU (M. L.) — Ancien chef d'institution.

E.— I. *Expéditions portugaises aux Indes Orientales par—*.Tours, 1857, 8.º, 140 pag. com uma estampa, que diz representar Mendes Pinto visitando o rei d'um paiz da India. Esta obra faz parte da *Bibliotheque des Ecoles Chretiennes approuveé par l'Evêque de Nevers.* Ha outra edição de 1858, e ainda outra de 1860.

Este pequeno trabalho não é mais do que um resumo das viagens de Fernão Mendes Pinto.

II. *Mendes Pinto par —*. Tours, 1847, Idem, 1851.

218) CAÑETE (D. MANUEL).

Escreveu um artigo em o numero 15 da *Revista Litteraria Hespanhola,* em elogio da *Harpa do Crente* do sr. Alexandre Herculano. [1]

219) CANNECATIM (FR. BERNARDO MARIA DE) — Capuchinho italiano da provincia de Palermo, missionario apostolico, ex-prefeito das missões de Angola e Congo, e superior actual do hospicio dos missionarios capuchinhos italianos de Lisboa.

E. *Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense, compostas por —*. Lisboa, na impressão régia. Anno MDCCCV, por ordem superior, 4.º, 218 pag. É dedicada a João VI.

Esta obra é precedida d'um interessante prefacio, no qual apresenta a historia da lingua bunda, e a utilidade do conhecimeuto d'este idioma.

Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza e latina. Lisboa, impressão régia, 1804, 4.º, 720 pag.

220) CARAYON (PÈRE AUGUSTE) — Jesuita e historiador francez.

[1] *Revista Universal Lisboncnse*, vol. 5.º, pag. 156.

Nasceu no anno de 1813.

E. — I. *Prisons du marquis de Pombal, ministre du Portugal — Journal de 1759 à 1777.* Paris, 1865, 8.º — (Prisões do marquez de Pombal.)

II. *Lettres inédites sur le rétablissement des jésuites en Portugal, du pere Joseph Delvaux.* Paris, 1866, 8.º — (Cartas ineditas ácerca do restabelecimento dos jesuitas em Portugal.)

221) CARDON (EMILE).

E. — *Études sur l'Espagne, le Portugal, et leurs colonies, Lettres sur l'Exposition Universelle de 1862 par —.* Paris. *Revue du Monde Colonial,* 1865, 8.º, 75 pag. — (Estudos sobre a — e suas colonias.)

Faz uma pequena descripção de Portugal e suas colonias, apresenta um pequeno catalogo dos productos portuguezes, e prova que o paiz havia prosperado ultimamente, apezar das calamidades, que o teem ferido.

222) CAREL (AUGUSTE).

E. — *Precis historique de la guerre d'Espagne et de Portugal depuis 1808 jusqu'à 1814.* Paris, 1815. — (Resumo historico da guerra —.)

223) CARLISLE (Sir ANTHONY)—Presidente do Collegio dos Cirurgiões da Cidade de Londres.

Em 1835 presenteou a Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa com uma bella collecção de livros escolhidos.

Vide *Diario do Governo* de 1835, n.º 297.

224) CARLOS (D.) E D. MIGUEL, *Oui et non, est-il de l'intérêt des puissances légitimes et monarchiques de laisser périr dans la Péninsule la monarchie et la légitimité?* Paris, 1823, 4.º, Idem 1838. — (Sobre a guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel.

225) CARNARVON (Conde de).

V. *Portugal and Gallicia.*

226) CARNÉ.

E. — *Le Portugal au XIXème siècle.* (Na *Revue des deux Mondes.)*

227) CARNOTA (Conde de).

V. *Smith (John).*

228) CARRERE (PEDRO).

V. *Voyage en Portugal, particulièrement à Lisbonne.*

229) CARRILLO (Fr. JUAN).

E. — *Historia de Santa Isabel, infanta de Aragon y reina de Portugal.* Zaragoça, 1615.

230) CARRILHO (FR. JUAN).

E. — *Relacion historica de la real fundacion del Monasterio de las Descalzas de S. Clara de la villa de Madrid. En las vidas de la princeza de Portugal D. Juana y de la Emperat. Maria su hermana.* Madrid, 1616, 4.°

O unico exemplar, que tenho visto d'esta obra, foi em outubro de 1873 em um leilão de livros.

231) CARTA D'UM INGLEZ *a respeito do mathematico José Anastacio.*

Appareceu a traducção no 4.° vol. do *Investigador Portuguez*, pag. 31.

232) CASAUS (D. PEDRO FERRER Y).

E. — *Descripcion estadistica y geografica de España y Portugal. Escrita en inglez, traducida y aumentada com notas por* —. Madrid, 1817.

233) CASIOVAI (STANISLAS).

E. I. — *Monumenti relativi al giodizio pronunciato dell' Academia Etrusca di Cortona di un elogio d'Amerigo Vespucci.* Florença, 1780.

II. *Elogio d'Amerigo Vespucci, che ha riportato il premio dalla nobile Academia Etrusca di Cortona.* Florença, 1788.

III. *Dissertazione sopra il primo viaggio d'Amerigo Vespucci alle Indie Occidentali.* Florença, 1809.

IV. *Exame critico del primo viaggio d'Amerigo Vespucci.* Florença, 1811.

Americo Vespucci, como todos sabem, andou servindo na marinha portugueza, e tudo, quanto se escrever ácerca d'este celebre navegador, interessa áquelle, que estudar nossas antigas descobertas.

234) CASTRO (FRANCISCO DE).

E. — *Miraculosa vida y santas obras del beato Juan de Dios.* Granada, 1588. Ib. 1613, Burgos, 1621.

Como todos sabem este sancto é portuguez, natural de Extremoz.

235) CASTRO (NICOLAU FERNANDES).

E. — *Portugal convencido con la razon para ser vencido con las Catolicas potentissimas armas de D. Philippe IV.* Milan, 1648.

236) CATALANO (JOSEPHO).

E. — *De vita venerabilis servi Dei Bartholomæi de Quental.* Romae, 1734.

237) CATALDO (AQUILA SICULO). — Natural da Sicilia, estudou em Bolonha.

Desejando el-rei D. João II, escolher um mestre habil para seu filho natural D. George, havido de D. Anna de Mendonça, escreveu a João de Azevedo, então residente n'aquella cidade pedindo-lhe inculcasse pessoa idonea para o fim desejado.

Foi Cataldo o indigitado, veiu para Portugal. [1] Dirigiu-se para Aveiro, onde então se achava o discipulo entregue aos cuidados da princeza Santa Joanna. [2]

D'ahi a dez annos passou este principe para casa do Conde de Abrantes, para onde tambem Cataldo foi viver. Pela morte de D. João II, ficou o nosso escriptor ao serviço d'el-rei D. Manuel, com o fim de lhe escrever cartas em latim, e ao mesmo tempo occupava-se na educação litteraria dos filhos das pessoas mais distinctas da corte. Morreu em Lisboa com 52 annos de edade.

Em relação á sua epoca possuia Cataldo bastante instrucção, e vê-se pelas suas obras ter sido eminente no conhecimento da lingua latina, na qual todas são escriptas. O unico exemplar d'estas, que actualmente me consta existir em Portugal, acha-se na Bibliotheca Publica do Porto, havendo tambem na da Academia Real das Sciencias algumas folhas d'um outro exemplar. Um outro ainda se sabe existir em Paris em poder do sr. Ferdinand Denis. O exemplar da Bibliotheca do Porto está falto de rosto, e de algumas folhas no fim.

Na primeira folha lê-se o seguinte titulo: *Cataldi aquile primus ad Emanuelem philosophantissimum portugaliae regem ethiopie maritime et indie.*

Esta obra (da qual já o sr. Alexandre Herculano fez menção no primeiro volume do *Panorama*) é em folio: os caracteres são gothicos, os proprios da época.

Diz-se na primeira folha, em letra de mão, que este livro pertencera á livraria do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e no fim da obra tão bem se acha escripto na mesma fórma de letra—Impressum Ullissipone anno a partu Virginis MD mensis Februarii die XXI.

Além de se tornar este livro muito apreciavel pela sua extrema raridade, [3] faz-se tambem muito digno de estimação como documento do progresso da arte typographica em Portugal. Segundo nos diz o *Panorama*, foi seu impressor Valentim de Moravia.

E' muito interessante uma carta de Cataldo ao rabi de Napoles procurando tanto a conversão d'este como de seus correligionarios. Porém para melhor intelligencia d'ella é mister saber que tendo os reis catholicos expulsado de seus estados os judeus n'elles residentes, e querendo D. Manuel rei de Portugal casar com D. Isabel, filha dos referidos reis, viu-se por isso obrigado a annuir ás exigencias fanaticas d'aquelles de expulsar tambem d'este reino os ju-

[1] N'este resumo biographico, extrahido do que precede a collecção das obras de Cataldo publicadas no vol. 6.º das *Provas da Historia Genealogica*, composto em latim por Antonio de Castro, nada se vê que nos possa levar a crer que Cataldo, por se ver despresado na sua patria, viesse estabelecer-se em Portugal, como se diz no 1.º vol. do *Panorama*, a pag. 165.

[2] Devia ser antes de maio de 1490, epocha da morte da Princeza Santa Joanna. — V. Fr. Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, liv. 5.º, cap. 10.

[3] Antonio Ribeiro dos Santos teve conhecimento de tres exemplares, ainda existentes em seu tempo. *Memorias de Litteratura da Academia*, vol. 8.º, pag. 97.

deus aqui residentes. Foi um passo bem impolitico e funestissimo para este paiz, mas o caso é que de poucas perseguições tão crueis nos faz menção a historia, como da, que se fez aos judeus d'este paiz em 1496. Entre outras cruezas praticadas contra este infeliz povo mandou D. Manoel tirar-lhes todos os filhos e filhas de quatorze annos para baixo, e distribuil-os pelas villas e logares do reino, onde á sua propria custa mandava que os creassem e doutrinassem na Fé de Christo. Esta crueldade encheu os judeus d'um tal furor que muitos d'elles mataram os filhos, afogando-os e lançando-os em poços e rios, atirando até mesmo com elles á parede, e querendo antes vel-os acabar d'esta maneira, que apartal-os de si, sem esperança de os tornarem a ver' chegando muitos no auge de seu furor até a matarem-se a si mesmos. [1]

Não só em Portugal e Castella eram os judeus opprimidos e detestados, eram'no egualmente em outros paizes, e daqui infere Cataldo que deveriam deixar sua religião, e seguir a de Christo, sendo tambem argumentos condescentes para o mesmo fim o cheirarem mal, e alguns outros de egual valor. Eis a traducção da carta curiosa, como lhe chama o sr. A. Herculano. [2]

CARTA DE CATALDO

Cataldo ao venturoso rabi de Napoles, afim de o converter á verdade.

«Accorda, accorda depressa: ergue finalmente a cabeça: até agora bastante, e de mais tens dormido.

«E' chegado o tempo de despertares. Porque hesitas ainda, e não vais lavar todo esse corpo com agua sacratissima, verdadeiramente salutifera?

«Obriga-me a escrever-te o amor da patria. E' mais perdoavel o crime saindo-se cedo do erro, que permanecendo n'elle. Se me fôra possivel da melhor vontade fallaria pessoalmente comtigo.

«Não vês claramente todo o mundo n'uma inundação contra os judeus? Arder em fogo todo o mundô contra elles ? Vós estaes já reduzidos a nada;

[1] Damião de Goes — *Chronica d'el-rei D. Manuel*, parte 1.ª, cap. 20.

[2] Quando Antonio de Castro publicou as obras de Cataldo estava persuadido de que ainda se achavam ineditas. «Venerant forte in manus nostras, Serenissima Princeps, Cataldi quæcumque extabant opera, quæ, cum studio quam maximo potuimus, illustrata, a tenebris in lucem edere, victus amicorum precibus statuissem: te potissimum eligi, cui Siculum ipsum una cum lucubratiunculis nostris, licet non fallaci ingenio, nostra tamen mediocritate appositis: nunc primum editum consecrarem.

N'outra parte. «Scio ego, fore quamplures, humanissime Lector, qui cum primum hæc. Cataldi opera in lucem venerint (ut sunt hominum ingenia) nostram quantumlacumque in his fuit, operam si non palam, saltem clanculum remordeant; et genio indulgentes libere insectentur.... Forte in bibliotheca quadam inter quædam nondum excussa cum plura evolvo volumina, librum capite censum lacerum semissum conspicio: et qui (ut ita dicam) jam pene cum blattis, et tineis rixabat, quem cum lego, cœpi continuo heroici carminis majestate moveri.» *Provas da Historia Genealogica da Real Casa Portugueza*, vol. 6.º, pag. 391 e 393.

É porém esta edição muito menos digna de apreço que a de 1500, até mesmo por não trazer os escriptos em prosa.

tendes sido expulsos da Allemanha, Inglaterra, Hespanha, França e Sicilia: n'uma palavra de toda a Europa para a casa da perdição. Não tendes onde reclinar a cabeça, ou para fallar com mais precisão, onde ponhais um unico pé!

«Como é grande vossa cegueira! Não reconheeeis vir tudo isto de Deus! Não queiras pois ser, rogo-te, tão intrepido soldado para perdição de teu corpo e de tua alma. Deus clementissimo pelo espaço de mil e quinhentos annos suavissimamente vos chamou, e vos nutrio: e agora mesmo, apezar de toda vossa dureza, não cessa de vos chamar: actualmente porem insta muito mais, e esta será a ultima admoestação.

«Com effeito, Manoel ministro de Deus Santissimo, vos acconselha, como a filhos carissimos, e dirige para o caminho da verdade. Não me admira que jovens e ignorantes se conservem pertinazes; porém admiro-me que velhos e peritos versados em tantos e tão excellentes livros permaneçam emperrados.

«Se recusas crer em tantos milagres não so manifestados, mas até evidentissimos depois do nascimento de nosso Redemptor dá credito a teus numerosos e grandes prophetas cantando por diversas maneiras, como musicos em côro, a concepção de nosso Salvador, seu nascimento, humanidade immaculatissima, vida, paixão e resurreição.

«Todas essas bellas prophecias, todas tendentes ao mesmo fim, foram já plenamente cumpridas. E senão fôras instruido n'ellas, de bom grado t'as repetiria uma por uma; N'essas prophecias muitas vezes os prophetas fallando dos tempos passados referiam-se comtudo ao futuro. — *Como filhos os creei e exaltei, porém elles me despresaram.—Conheceu o boi seu dono, e o jumento a estrebaria, que lhe dava seu dono; porém Israel me não conheceu.—E elle foi levado como um cordeiro á morte.—Sublevaram-se os reis da terra, e os principes se congregaram contra o Senhor e contra seu Christo:* e outras muitas, que tu bem sabes, e cujo sentido tu embaraçado invertes e depravas com rodeios e subterfugios.

«Mas dizes, (como tambem os outros teem por costume), se Deus estava possuido de tão ardente desejo de reparar o genero humano, não o poderia fazer com o minimo aceno, conforme aquellas palavras—*O mesmo fallou, e tudo se fez; o mesmo mandou, e tudo foi creado?*

«Ó miserrimo entre os miseraveis! Sequioso no meio de crystallinas e abundantes fontes, não vês a agua, e esfomeado no meio das mais delicadas iguarias recusas a comida? Visto estares a ponto de perecer uma só te offerecerei, mas delicadissima, a qual se bem comeres e digerires, nunca morrerás: *Deus é a summa bondade, e pertence á summa bondade o repartir de si alguma coisa com todos. Para nos fazer participantes de seus dons foi mister encarnar o Verbo de Deus, e viver entre nós para nos ensinar. Finalmente para exemplo da humanidade não recusou padecer uma morte, pela qual se havia de viver eternamente.*» Ora pois, amigo, dissipa de tua alma as trevas; arreda a escuridão dos olhos da intelligencia, e dirige sem constrangimento teus passos para a direita, que é estrada real, pois o caminho da esquerda nunca é bom.

«Chamei-te amigo na qualidade de homem; mas na de judeu tenho-te por

inimicissimo. Permittisse Deus, que como tal nem te conhecesse, nem te experimentasse. Muito melhor é começar mal, e acabar bem, que fazer o contrario.

«Põe diante dos teus olhos a Paulo e a Judas: Judas começando bem, acabou mal: com Paulo deu-se o contrario. Faze por ser antes Paulo, que Judas. Este, desesperando, inforcou-se, e matando-se deu cabo d'um homem scelerado. Aquelle, emendando seu erro, veiu a ser o mestre das nações. O primeiro está vivendo com o Diabo, o segundo com Deus. Está na tua mão seguires a um, ou a outro.

«Se por acaso cem famosos medicos, entre os quaes Hippocrates, Chiron e Esculapio, ou Apollo em pessoa, viessem juntos para curar um doente, se o doente não quizesse tratar-se, debalde empregariam seus artificiosos poderes contra vontade do enfermo.

«Deixa, deixa por algum tempo examinar túas feridas: não vae n'isso nem perigo de vida, nem terás alguma dôr ou incommodo. Responde-me: d'onde procede que nem um só judeu, posto que perfumado com bons aromas, e vestido com preciosas roupas, deixa de cheirar mal; fede, e causa nausea aos circumstantes: e apenas recebe o sagrado e santo baptismo, já não exhala, como anteriormente, fetido, parecendo ter vindo das immundicies; mas pelo contrario, como se tivesse saido d'um rosal, ou d'um logar cheio de deliciosos aromas, não sei a que suave e odorifero cheiro rescende, por um repentino milagre de Deus.

«Mas asseveras que n'esta tão grande assolação, destruição e carnificina os judeus são martyres á maneira dos discipulos de Jesus Christo, que com grande promptidão soffreram variadissimos tormentos em diversos logares pelo seu predilectissimo mestre!

«Em tudo devemos oppôr exemplo a exemplo. Teriam esses ladrões soffrido tantos trabalhos e afflicções, tão crudelissimas mortes corporeas com o mesmo espirito com que aquelles ditosissimos varões as padeceram? O martyrio convertia-se para os christãos, quando estavam no meio das torturas, em delicias, alegria e admiravel jubilo: as brazas convertiam-se em rosas, que facilmente os reanimavam quasi moribundos. Quem os invocava, e cria n'elles promptamente, era livre de doenças e padecimentos. Peço-te ainda que me digas: qual é a lei, que ordena que aquelle que se inforca, se apunhala, ou se deita ao mar, seja havido por martyr? Será martyr, mas de Satanaz.

«Oh! Quantos vimos nós n'este mesmo anno coroados com um tal martyrio? Muitos valentes e magnanimos circumcidados com o fim de não possuirem a gloria eterna, para cuja posse deveriam praticar isso mesmo, primeiramente degollavam sua mulher e filhos, e em seguida á degollação, para que elles não fossem sem companhia, apertado o pescoço com uma corda, ficavam dependurados como lindissimo espectaculo! Ó cavalleiros dignos de eterna memoria!

«Tu, porém, manhoso, no meio de miserias taes, como da seita de Platão, e tambem para pareceres outro Platão, ris, e finges-te contente, emquanto os outros pelos seus merecimentos vão caminhando para o inferno.

«Andas bem: exhorta-os nas synagogas com tuas arengas a que se mostrem fortes alliados de Satanaz.

«Dizei-me, ó filhos e perfeitissimos imitadores de Judas: porque julgaes vós que o ser christãos é ser uma coisa vil, abominavel e horrenda: vós que, apesar de não serdes christãos, ousaes commetter acções tão infames? Quando o piedosissimo Manuel, depois de muitas supplicas, exhortações e carinhos, á maneira d'um optimo pae, vos chamava (não se passou ainda muito tempo) para a fé catholica, fé propria de homens de intelligencia, obriga-vos por acaso a vos transformardes em serpentes, sapos, morcegos, e percevejos? [1]

«Ó geração não de homens, mas de malvados brutos! O benignissimo rei acolheu-vos, e não se despresou de tornar-se vosso pae junto da fonte sagrada, e tambem de dar seu nome áquelles, que não o mereciam.

«Vós, os mais perdidos de todos os animaes, obraes como mulas. Tratadas bem por seus donos, que em signal de amisade e carinho as affagavam, passando-lhes levemente a mão por cima do espinhaço, recalcitram, e ou lhes ferram os dentes, ou lhes atiram um couce ao peito, ou ao estomago, d'onde lhes provém muitas vezes uma horribilissima morte.

«Ó viboras, ó basiliscos mais perniciosos, que as proprias viboras, e os proprios basiliscos! O justissimo rei não poderia, em minha opinião, offerecer um mais agradavel presente ao rei celeste, que esfollar a todos os principes da synagoga, e, depois de esfollados, arrojal-os a um rio, onde houvesse bastantes penedos: rio, que, ha tanto tempo, desejam ir vêr, e onde, (conforme elles proprios dizem) ha abundancia de judeus reinando e triumphando; e as pelles d'elles cheias de palha, collocal-as nas summidades das torres. Ignoras porventura, que n'este mesmo anno, em que nos achamos, os Davids, teus parentes (cujo numero era infinito) foram todos mortos na Panonia, e piissimamente estrangulados pelo povo? Ó habitantes da Panonia, vossos excellentes manjares constam de optimas carnes! *Julgando ter um lirio, senti um espinho.*

«Mas voltemos ao motivo, pelo qual se escreveu esta carta.

«Se eu visse, que tão excellentes pessoas (toma bem sentido no, que vou dizer-te), quaes são os pontifices, imperadores, reis, duques e condes eram judeus, e não christãos: ou que os vilissimos judeus faziam ao menos um pequenino milagre d'aquelles prodigalisados pelos apostolos, tão pobres, eu renegaria a crença, que hoje tenho por inabalavel, e me faria um immundo circumcidado. Mas como observo perfeitamente o contrario, sou mais duro, que diamante, e até mesmo nem o sangue de bode me amolleceria. [2] Faze-me a mercê de me provares que na lei de Christo existe alguma coisa, de que se deva fugir.

[1] Estes e ainda maiores improperios eram usados trivialmente nas argumentações d'aquella epoca. Para prova leiam-se os escriptos do nosso theologo Diogo Paiva de Andrade contra o lutherano Kemnitz, e vice versa.

[2] Era opinião de nossos antepassados que os diamantes amolleciam facilmente com o sangue de bode. V. Fr. Amador Arraes—*Dial.* IV *da gloria e triumpho dos lusitanos*, cap. 23 fol. 130. (Ed. de 1604).

«Ora, pois, o premio do paraizo, apesar de haver de ser muito grande, não o teriam as boas acções; e as más não teriam o do inferno, sendo dignissimas d'elle? Na necessaria lei de viver, que melhor coisa e mais conveniente se póde descobrir para a conservação do corpo e da honestidade da vida? Converte-te depressa ao caminho da verdade, e não queiras esperar os males. Deus, de todos os bens é o bem mais perfeito, e tem os braços e o peito muito abertos para os peccadores, e não para os justos. O Espirito Santo te illumine.»

*
* *

Na referida collecção das obras de Cataldo, impressas em 1500 apparece em primeiro logar um poema em quatro cantos sobre o fallecimento do principe D. Affonso, dedicado a el-rei D. Manuel, e o qual começa do seguinte modo:

1 Mesta [1] viris: jocũda deo: superũque catervis
2 Cũ gemitu: fletuque cano: reditũque per auras
3 Alphonsi in patriam: falsoque cetera lugent
4 Extinctum: eterno cum multis vere fruentem
5 Cum patris matrisque graves in gaudia luctus
6 Tum varii populi: pro re pro tempore versos
7 Sacrosque cum ludis eburе festosque hymeneos:
8 Jura diem diem functi successit avunculus heres
9 Emmanuel: summo regnis electus olympo:
10 Pace pius: belloque ferox: mirandus utroque
11 Mox letus dominum (trinum veneratus) et unum
12 Omnia victuro cantabo secula plecto.
13 Tu mihi mecœnas: tu sis octavius: et tu
14 Rex divine (precor) faveas quodcunque canenti:
15 In mea tu spira foturum viscera numen
16 Ipse licet nostri pars sis non parva laboris. Etc.

Este mesmo poema (mas com bastantes variantes) apparece reimpresso no já referido volume das *Provas da Historia Genealogica.* [2] Segue-se outro poema, a que seu auctor deu o nome de Arzitinge, offerecido a D. João II, rei de Portugal, e nó qual canta a conquista de Arzilla e Tangere occupadas por D. Affonso V.

Vem depois o *Liber de perfecto homine,* obra composta por ordem do rei D. João. Na dedicatoria queixa-se o auctor das difficuldades, que teve para escrevel-a, pois necessitando consultar para a composição d'ella varias obras, o não poude fazer por serem então em Portugal os livros muitos raros, e es-

[1] Como sabem os versados nos livros antigos esta é a orthographia do seculo XVI.

[2] Omnia Cataldi Aquilæ Siculi, quæ extant, opera per Antonium de Castro, denuo correcta, ac nunc primum in lucem edita, quorum Catalogum sequens pagella indicabit. Appositis in margine adnotatiunculis, quæ brevis commentarii vice esse possunt.

ses poucos, que possuia, tinha-os trazido de Italia, sendo em geral obras de jurisprudencia.

Seguem-se varias outras composições, até que se encontra a oração recitada por Cataldo em Evora na occasião de chegar alli a princeza D. Izabel. N'esta composição engrandece os portuguezes o mais possivel, fazendo-nos os mais pomposos elogios.

Segue-se sua correspondencia com pessoas das mais distinctas, tanto nacionaes, como estrangeiras.

Creio ser este o livro mais antigo impresso em Portugal, no qual se encontram caracteres gregos.

Antonio Ribeiro dos Santos diz que em 1509 se fizera uma segunda edição das obras de Cataldo: isto parece-me engano: não conheço outra edição senão a de Affonso de Castro, (e esta só das obras poeticas) e impressa no VI vol. das *Provas da Historia Genealogica da Real Casa Portugueza*, a começar na pag. 389 d'este vol, até 572.

Era Cataldo respeitado pelos sabios estrangeiros, e muitas vezes consultado em varios assumptos, principalmente no, que dizia respeito á pureza das palavras latinas, de que temos um exemplo na carta, que lhe escreveu o Sicilianno Marco Ennensi.

Tambem Cataldo (como já notou o sr. Alexandre Herculano) [1] sempre que designa em latim as palavras portuguez e Portugal emprega os termos *Lusitani* e *Lusitania*, contra o que estava em uso pouco antes, que era dizer-se n'aquella lingua Portucalenses e Portucale.

Para se ver como os estrangeiros muitas vezes andam levianamente na composição de suas obras basta dizer que consultando eu varios livros para me informar do que dizem ácerca de Aquila (este escriptor é assim conhecido entre os estrangeiros) copiando-se todos uns aos outros; apenas dizem ser natural da Sicilia, e ter-se vindo estabelecer em Portugal em 1509, onde compozera varias obras!! Já vimos, que se devia achar entre nós antes de 1490.

238) CAUSES DE L'ÉVÉNEMENT DE PORTUGAL. *Ouvrage dedié à toute puissance seculière et temporelle.* 1759. Sem logar de impressão.

239) CAVAZZI (P. GIO: ANTONIO — DA MONTECUCCOLO). Falleceu em Genova, no anno de 1692. [2]

E. — *Istorica Descrizione de' tre regni Congo, Matamba, et Angola situati nell' Etiopia inferiore Occidentale e delle Missioni Apostoliche esercitatevi da Religiosi Cappucini, accuratamente compilata dal — Sacerdote Cappucino il quale vi fu' Prefetto e nel presente stile ridotta dal P. Fortunato Almandini da Bologna Predicatore dell'istesso Ordine all' illustrissimo Signor Conte Giacomo Isolani.* In Bologna 1687, per Giacomo Monti, fol. 933 pag. Com estampas no texto representando feras, aves, e usos dos povos mencionados.

[1] *Historia de Portugal.* Introducção pag. 9.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 9.°, pag. 287.

F. Didot falla-nos d'uma outra edição feita em Milão, no anno de 1690.

240) CENNI STORICI E CANONICI *del patronato portughese nelle Indie Orientali.* Parigi, 1834, folheto. — (Sobre o padroado portuguez no oriente.)

241) CENSORINO (VICTORIANO).

E. — *Furfur Logicae Verneyanae.* Pampelunae, 1752, 4.º

Este opusculo foi escripto impugnando o *Novo Methodo de estudar* do nosso celebre Luiz Antonio Verney.[1]

[1] «Luiz Antonio Verney, auctor do verdadeiro methodo de estudar. A acceitação, que esta obra grangeou, e com justa rasão na republica litteraria, deu o ultimo testemunho ao merecimento do seu auctor, sendo logo traduzida por varias nações estrangeiras, e adoptada nas escolas da mesma Italia. É digno de ler-se o elogio, que modernamente lhe consagrou Degerando, correspondente do Instituto Nacional de França e das academias de Turim, Leão e da sociedade das artes de Genova, na sua historia comparativa dos systemas de philosophia relativos aos principios dos conhecimentos humanos, tomo 1.º, pag. 402, onde diz: Que Luiz Antonio Verney, escriptor tão animoso em suas tentativas, como sabio em suas maximas fizera, apesar de tudo, no seculo passado admiraveis esforços para que brilhasse na Hespanha e em Portugal a luz que illustrava o resto da Europa.»

Para completar este trabalho e pôr em pratica as regras, que prescrevia em seu methodo compoz uma grammatica philosophica da lingua latina, que será sempre louvada e estimada entre os litteratos; obra de apurado gosto e de tanta utilidade para todas as nações, que mereceu logo ser adoptada nas escolas de Italia, no collegio real de Napoles, no ephebeo regio, e em outros diversos seminarios na Apulia, e em muitos mais fóra de Italia. Compoz tambem a sua *Logica* em 6 livros, que imprimiu em Roma, e dedicou ao rei D. José I, o qual convencido do seu merecimento, creando então as escolas menores d'este reino, a mandou logo adoptar para uso d'ellas. Não foi só aquelle grande rei, tambem as nações estrangeiras a adoptaram, convencidas de sua utilidade, e de quanto eram bem merecidos os elogios que lhe faziam, no *Journal des Sçavants*, os quaes analysando-a com toda a imparcialidade, lhe deram a preferencia a todas, quantas até então tinham apparecido dizendo que Verney pela firmeza de seu caracter e espirito, pela attenção com que evitava os enganos dos sentidos, e pela louvavel perseverança com que regeitava todas as preoccupações que o habito, e costume e as diversas paixões tem introduzido no mundo, era o unico homem que julgavam mais proprio para tratar dignamente a *Logica*. Assim, e pelo mesmo systema, publicou em 1753 quatro livros de metaphysica, que tambem imprimiu em Roma, e tiveram egual estima em toda a Italia, que então era o berço das sciencias. No *Jornal dos Litteratos de Roma* para os annos de 1752 e 1753 se dão a esta obra os titulos de bellissima e eruditissima por illustrar maravilhosamente aquella materia. Escreveu outra obra intitulada *Apparatus ad Philosophia et Theologiam*, que lhe grangeou muito credito, e os elogios dos sabios auctores do referido jornal, os quaes disseram que a historia d'estas sciencias escripta com gosto e intelligencia fôra bebida pelo seu aactor nas mais puras fontes, e que elle mostrava uma equidade e moderação tal, que era pouco commum, e que fazia tanta honra aos verdadeiros sabios.

Retratos e elogios dos varões e donas, por Pedro José de Figueiredo.

242) CENTELLAS (JOACHIM DE).

E. — *Voyages et conquestes des roys de Portugal ès Indes de Orient, Ethiopie, Mauritanie d'Afrique et Europe. Le tout recuelly de fideles tesmoings et mémoires du Sieur.* Paris, 1578, 8.º

243) CERUTI (D. JACIMTO).

Parece ter sido socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, por isso que no 1.º vol. das *Memorias* d'esta illustre corporação apparece um pequeno artigo com o seguinte titulo: [1]

Observacion de la total Emersion ò fin del eclipse de sol del dia 17 de octobre de 1781, al Observatorio de la Academia Real de los Cavalleros Guardias Mariñas de Cartagena por—. Primer Professor de Mathematicas y director de los Estudios, y D. Joseph Gonzales alferes de nàvio y segundo professor de mathematicas de la referida Academia.

244) CERVANTES.

O celebre auctor do *D. Quixote*, uma das maiores glorias de Hespanha, mostrava-se muito affeiçoado ás coisas portuguezas. O sr. Carlos Barroso escreveu e publicou em Lisboa no anno de 1872 um opusculo no qual menciona os differentes logares, em que Cervantes se occupa de Portugal.

«Cervantes veio a Lisboa com Phelippe II em 1581, onde se namorou secretamente de certa dama incognita, e de quem teve uma filha, cujo nome foi Isabel de Saavedra. Suppôe-se que seus amores na corte Lusitana lhe inspiraram a linda novella pastoril da *Galatea*, onde o auctor figura disfarçado no pegureiro Lauso, que suspira pela formosa pastora Silena. O escriptor de tão bello idyllio assistiu á tomada da Ilha Terceira pelo Marquez de Santa Cruz.

«No D. Quijote dedica Cervantes um merecido elogio ao famoso rio Tejo, que beija as praias da inclyta cidade de Ulysses, e cujas areias consta da tradição serem de ouro.

«Entre os livros, que adornavam a bibliotheca do engenhoso fidalgo, encontraram alem de outros de auctores portuguezes, o Palmeirim de Inglaterra, e a Dianna de Jorge de Montemayor.

Quando exalta a imaginaria jerarchia de D. Dulcinea del Toboso, affirma que não é oriunda de outras familias celeberrimas de Hespanha, que menciona, nem mesmo dos Alemcastros, Pallas e Menezes de Portugal.

Era do excellentissimo Camões uma das eclogas, que haviam de representar as pastoras, em cujas redes se embaraçou o pensativo escravó de Dulcinea.

No *Licenciado Vidraça* observa-se a anecdota do portuguez, que pintava as barbas de negro, o qual altercando com um castelhano disse-lhe por estas barbas, que tenho no rosto, a quem redarguio o licenciado: Não digaes tenho, dizei Tinõ (palavra hespanhola, que em portuguez equivale a Tinjo.)

Em lingua portugueza canta o namorado Manuel de Sousa Coutinho seus

[1] Esta *Observação* occupa as pag. 526 e 527 do referido volume.

amores, cuja narração occupa todo o cap. x do liv. I dos Trabalhos de Persiles e Segismunda.

Na interessantissima parte terceira dos mesmos presenceamos a chegada a Portugal, e desembarque dos viajantes na praia de Belem, donde se dirigem á famosa Lisboa, cujos ricos templos e hospitaes são celebrados.—Aqui el amor y la honestidad se dan las manos, y se pasean junto: la cortesia no deja que se llegue la arrogancia, y la braveza no consiente que se le acerque la cobardia: todos seus moradores son agradables, son cortezes, son liberales, y enamorados, porque son discretos: la ciudad es la mayor de Europa, y la de mayores tratos: em ella se descargan las riquezas del Oriente y desde ella se reparten por el universo; su puerto es capaz no solo de naves, que se poedan reducir á numero, sino de selvas movibles de árboles que los de las naves forman: la hermosura de las mujeres admira y enamora, la bisarreria de los hombres pasma, como ellos dicen; finalmente esta es la tierra que da al cielo santo y copiosismo tributo.»

Ao fallar Cervantes de Valencia e de suas lindas mulheres, diz que é gracioso o dialecto valenciano, e que só com o idioma portuguez—puede competir en ser dulce y agradable.

Na *Viagem do Parnaso,* canto IV encontram-se os seguintes versos:

Asi como las naves que cargadas.
Llegan de la oriental India á Lisboa,
Que son por las mayores estimadas;
Esta llegó desde la popa á proa
Cubierta de poetas, mercancia
De quien hay saca en Calicut y en Goa.
De la alta cumbre del famoso Pindo
Bajaron tres bizarros lusitanos,
A quien mis alabanzas todas rindo
Con prestos pies y con valientes manos
Con Fernando Correa de la Cerda
Pisó Radrigues Lobo monte y llanos.
Y porque Febo su razon no pierda,
El grande Don Antonio de Ataide
Llegó con furia alborotada y cuerda.

Fallando de Bento Caldera traductor dos *Luziadas* diz o seguinte:

Tu que de luso el singular tesoro
Irigiste en nueva forma á la ribera
Del fertil rio, a quien el lecho de oro
Tan famoso le hace adonde quiera;
Con el devido aplauso, y el decoro
Devido á ti, Benito de Caldera,
Y á tu ingenio sin par prometo honrarte
Y de lauro, y de hiedra coronarte.

245) CHAPELLE (J. DE LA).

E. — *Vingtroisième lettre du Suisse contenant un examen du Manifeste Latin de Portugal.* Basle. 1704, 4.º — (Vigessima terceira carta do Suisso, contendo um exame do manifesto latino de Portugal.)

246) CHARTE DU PORTUGAL *comparée à la Charte Francaise et à la Constitution du Brésil.* 1826.

247) CHASTE.

E. — *Voyage à l'Ile Terceira des Azores.* Paris, 1796.

248) CHASTE (Commendador de)

«A esquadra de D. Antonio [1] que em julho de 1582 chegou á ilha de S. Miguel, e n'ella entrou, mal poude gozar da rapidez do triumpho, que egual, ou maior poder do marquez de Santa Cruz corria sobre ella. Doze dias depois, nas aguas de Villa Franca do Campo, oppunham armada a armada, e, em ordem de batalha, terrivel era o aspecto de ambas as forças. Combatiam, d'uma parte o desespero d'uma causa quasi perdida; da outra, o receio de um revez, que podia difficultar, comprometter mesmo a posição, e o poder do soberano de Castella. Eram dois tremendos competidores rivaes empenhados em lucta de morte! Ao mais infeliz. que succumbisse, ignobil sepultura; ao vencedor, a posse da belleza, que na lucta ambos iam jogar uma corôa, objectos então de tantas ambições e complacencia; hoje, ornarto espinhoso, talisman impotente, cuja fronte miraculosa estancou para sempre!

«Depois de tão amarga provação só as ilhas Terceira e Fayal continuaram a resistencia ao vencedor até o anno seguinte (1583), em que novo e maior poder de nova armada, commandada pelo mesmo marquez chegou a vencel-as a despeito mesmo do recente soccorro, que tinham recebido de França na expedição commandada por mr. de Chaste.

«E' d'esta ultima expedição Franceza e dos maus successos, com que o partido de D. Antonio desfalleceu de todo ante o triumpho, que rematou a conquista dos Açores pelos hespanhoes, que trata a relação que agora, e em continuação damos pela primeira vez em lingua vulgar, como valioso subsidio para a nossa historia.

« A viagem feita á ilha Terceira dos Açores pelo commendador de Chaste foi original e contemporaneamente escripta em francez. Que o auctor foi testemunha ocular dos successos, que narra, parece proval-o o que elle proprio diz quando no fim da viagem falla da barbaridade dos biscainhos, cujos navios faziam tambem parte da armada hespanhola. Seria auctor da viajem o proprio commendador de Chaste?

«No fim d'ella se diz que elle entregára nas mãos da rainha de França— un *abregé de ce discours*—e mais abaixo na allocução, que por essa occasião lhe dirige, confessa que o discurso summario fôra escripto por elle «vous ver-

[1] *Panorama* de 1856, vol. 13.º, pag. 37.

rez s'il vous plaist, ce que la verité m' a *fait ecrire en ce papier.*» Não nos parece pois mui arriscado a erro suppor que a viagem seja escripta pelo proprio commendador.

«Melchisedec Thevenot foi, que nós saibamos, o primeiro, que d'ella fallou, e que a prometteu dar nas suas Relations de divers voyages curieux; mas não appareceu na primeira edição, que fez, e só depois da sua morte vem na 4.º parte do tomo 2.º da nova edição; Paris 1696, comprehendendo 18 pag. em folio.

«O titulo da obra é o seguinte:

«Viagem feita á ilha Terceira pelo sr. Commendador de Chaste, gentil homem ordinario da camara d'el-rei (de França) e governador por sua magestade da cidade e castello de Dieppe e Arques.» [1]

E' narração mui interessante e digna de ser lida.

249) CHATEAUBRIAND (FRANÇOIS RENÉ).

Nasceu em Saint Maló em setembro do anno de 1768, [2] e falleceu a 4 de julho de 1848.

Fugindo em 1791 aos furores da revolução franceza com destino á America, passou o immortal auctor do *Genio do Christianismo* pelas nossas ilhas dos Açores, e desembarcou na Graciosa, onde foi muito bem acolhido pelos frades d'um convento, que ali havia. N'esta mesma ilha esteve em perigo de vida por se virar a lancha, quando ia a desembarcar. Admirou então Chateaubriand, segundo nos diz o escriptor de sua vida, as ricas collinas cobertas de cepas, o aceio das casas, a apparencia vigorosa dos camponezes queimados pelo sol, e quasi nus, a vivacidade das mulheres baixas e morenas, mas bem apessoadas e vivas.

Ao chegar á Graciosa o navio, em que Chateaubriand ia embarcado, os ha-

[1] A rainha mãe do rei, resolve oppor-se aos esforços que o rei de Hespanha tentava para reduzir á sua auctoridade as ilhas Terceira e Fayal, resto do reino de Portugal, que já possuia, havia cinco ou seis annos, sob titulo de vizinho forte e esperto, segundo creio, para cujo fim desde muito preparava, tanto em Lisboa como nos demais portos do seu dominio, uma grande armada. O senhor D. Antonio, acclamado rei do dito reino depois da morte de seu predecessor el-rei D. Sebastião, tendo por muito tempo implorado auxilio da dita rainha na extremidade de seus negocios, e para isso seguido e andado largamente na côrte do rei de França por boas considerações, prometteu Sua Magestade assistir-lhe, dando ao sr. commendador de Chaste o commando de nove companhias de pé.» Pag. 38.

«Depois do dito commendador agradecer a Sua Magestade lhe supplicou mui humildemente considerasse a importancia d'este plano e d'este embarque, a que não dava consideração pela perda da sua vida, com tanto que podesse dar alguma satisfação a Sua Magestade o que julgava mui difficil precipitando a viagem por causa das proposições de um pobre rei apaixonado e desesperado de poder ser jámais restabelecido no seu reino de Portugal, de que lhe não restavam senão as ditas ilhas, que se propunha conservar a expensas da honra e da vida de outrem, sem ter mesmo a menor experiencia em cousas de armas.» Idem.

[2] Ancelot, de l'Academie Française — *Vie de Chateaubriand*, pag. 2.

bitantes d'aquella ilha, desconfiando de que fosse algum navio argelino, por não conhecerem a bandeira tricolor, que ainda não tinham visto, correram todos á praia e perguntavam em portuguez e em varias outras linguas, quem eram, e que queriam, e os do navio tambem lhes respondiam em *portuguez*, e em outras linguas.

O illustre auctor dos *Martyres* e do *Itinerario de Paris a Jerusalem*, obras em que por vezes tambem apparece o nome de Portugal, conhecia bem quanto valia o nosso primeiro épico, pois fallando d'elle, diz:

«Finalmente os portuguezes perseguiam na Africa os mouros já expulsos das margens do Tejo: eram necessarios navios para sustentarem e accompanharem os combatentes ao longo das costas. O cabo Nunes deteve por muito tempo os pilotos; Gil Eannes o dobrou em 1433; a Madeira foi descoberta, ou para melhor dizer tornada a descobrir: os Açores sairam do seio das ondas; [1] e como se estava sempre persuadido, segundo Ptolomeu, que a Asia se approximava da Africa, tomaram os Açores pelas ilhas, que, na opinião de Marco Paolo limitavam a Asia no mar das Indias. Pretendeu-se, que uma estatua equestre, mostrando o occidente com o dedo se erguia na praia da ilha do Corvo: algumas medalhas phenicias foram tambem trazidas d'esta ilha.

De Cabo Nunes os portuguezes surgiram no Senegal: costearam successivamente as ilhas de Cabo Verde, Costa de Guiné, o Cabo Mesurado ao meio dia da Serra Leoa, o Benin e o Congo. Bartholomeu Dias tocou em 1486 o famoso Cabo das Tormentas, ao qual deram dentro em pouco um nome mais auspicioso.

Assim foi reconhecida esta extremidade meridional da Africa, que, no sentir dos geographos gregos e romanos, devia ligar-se á Asia. Alli se abriam as regiões mysteriosas, onde não se tinha entrado até então senão por este mar de prodigios, que viu Deus e desappareceu — *Mare vidit et fugit.*

Um espectro immenso, medonho ergue-se em frente de nós: sua attitude é ameaçadora: seu aspecto feroz; sua tez pallida; sua barba espessa e esqualida: seu cabello carregado de terra e lodo; seus labios são negros; seus dentes amarellos: seus olhos scintillam chamejantes.....

Elle falla: sua voz formidavel parece sair dos abysmos de Neptuno.

Eu sou o genio das tempestades, diz elle, domino este vasto promontorio que nem Ptolomeu, nem Strabo, nem Plinio, nem Pomponio, nem nenhum de vós conheceu. Eu ponho aqui balizas á terra africana, a este pincaro, que olha para o polo antarctico, e que até hoje, escondido aos olhos dos mortaes, se indigna n'este momento com a vossa audacia.

De minha carne secca, de meus ossos convertidos sem rochedos, os deuses, os inflexiveis deuses, formaram o vasto promontorio, que domina estas vastas ondas.

A estas palavras deixou cair uma corrente de lagrimas, e desappareceu. Com elle extinguiu-se a nuvem tenebrosa, e o mar pareceu lançar um longo gemido.

[1] *Voyage en Amérique*, pag. 28.

Vasco da Gama terminando uma navegação de memoria eterna, chegou em 1478 a Calicut, na costa do Malabar.

Tudo muda então no globo; o mundo dos antigos está destruido. O mar das Indias já não é um mar interior, um lago rodeado pelas costas da Asia e da Africa: é um oceano, que d'um lado se junta ao Atlantico, do outro aos mares da China, e a um mar do Este, mais vasto ainda. Cem reinos civilisados, arabes ou indios, mahometanos ou idolatras, ilhas embalsamadas por aromas preciosos, são patenteadas aos povos do occidente. Apparece uma natureza completamente nova; o véo, que desde milhares de seculos occultava uma parte do mundo, levanta-se: descobre-se a patria do sol, o logar d'onde elle sahe todas as manhãs para distribuir sua luz: vê-se a descoberto esse sabio e brilhante Oriente, cuja historia se misturava para nós ás viagens de Pythagoras, ás conquistas de Alexandre, ás lembranças das crusadas, e cujos perfumes nos chegavam atravez dos campos da Arabia e dos mares da Grecia. A Europa lhe enviou um poeta para o saudar, cantar e descrever: nobre embaixador, cujo genio e fortuna pareciam ter uma sympathia secreta com as regiões e destinos dos povos da India! O poeta do Tejo fez ouvir sua triste e bella voz nas margens do Ganges: pediu-lhes por emprestimo seu brilho, sua fama e suas desgraças, não lhes deixou mais que suas riquezas.

E é um pequeno povo encerrado n'um circulo de montanhas na extremidade oriental da Europa que abriu caminho para a parte mais pomposa da residencia do homem!

Em quanto os portuguezes costeam os reinos de Quiteve, de Sedanda, de Moçambique, de Melinde; que elles impõem tributos aos reis mouros; que penetram no mar Vermelho; que terminam a volta da Africa; que visitam o golfo Persico, e as duas peninsulas das Indias; que sulcam os mares da China; que tocam no Cantão, reconhecem o Japão, as ilhas das Especiarias, e até as costas da Nova Hollanda, multidão de navegadores seguem o caminho traçado pelas velas de Colombo.

Os portuguezes exploravam então as costas da India e da China; os companheiros de Vasco da Gama e de Christovão Colombo saudavam-se das duas costas do mar desconhecido, que as separava: uns tinham encontrado um mundo antigo, os outros descoberto um mundo novo; das praias da America ás praias da Asia os cantos de Camões respondiam aos cantos de Ercilla atravez das solidões do Oceano Pacifico.»

*
* *

«Era ainda um rico assumpto o dos Lusiadas [1]. Custa a conceber como um homem do genio de Camões não soube tirar d'elle maior proveito. Mas convém notar que esse poeta foi o primeiro poeta épico moderno, que vivia n'um seculo barbaro; que ha passagens patheticas e algumas vezes sublimes nos seus versos, e muito para notar-se é que foi o mais desgraçado dos homens. É so-

[1] *Genio do Christianismo*, tomo 1.°, pag. 215.

phisma digno da crueldade do nosso seculo affirmar que os bons escriptos são inspirados na desgraça. É falso que se possa escrever quando se soffre. Os homens consagrados ao culto das musas succumbem mais depressa á dôr que os espiritos vulgares. Um genio forte depressa quebranta o corpo que o encerra: as grandes almas, como os grandes rios, assolam as suas margens.»

* *
*

Carta de mr. de Chateaubriand, auctor dos *Martyres* ao sr. Francisco Manuel do Nascimento, traductor da mesma obra.

5 de setembro de 1812. Senhor:

Se tivesse recebido as cartas, que teve a bondade de enviar-me, terme-hia apressado a responder-lhes. Ignorava totalmente a honra, que me fez, traduzindo os *Martyres* na lingua de Camões. Acceite, por tanto, Senhor, todos os agradecimentos, que lhe devo. Tenho um ardentissimo desejo de ver minha fraca obra ataviada com todas as graças, que o Senhor lhe soube dar. Estou desde já convencido que Eudoro e Cymodocea hão de parecer bem mais nobres e bêm mais enternecedores trajando os vestuarios de Gama e de Ignez.

Tenho a honra de ser com uma alta consideração,

Senhor,

Seu mui humilde e mui obediente servo.

Chateaubriand.

250) CHATELET (DUKE DE).

E.— *Travels in Portugal*. London, 1809, 2 vol.

(Viagens em—).

251) CHATELET (Duc. du).

E. —*Voyage en Portugal, ou se trouvent des details intéressants sur ce Royaume, ses habitants, ses colonies; sur la Cour et M. de Pombal, sur le tremblement de terre de Lisbonne, etc. Revu, corrigé sur le Manuscrit, et augmenté de notes sur la situation actuelle de ce royaume et de ses colonies, par J. Fr Bourgoing, ci-devant Ministre plénipotentiaire de la Republique française en Espagne, Membre associé de l'Institut National, etc. Avec la Carte du Portugal, et la Vue de la Baie de Lisbonne. Seconde edition. Tome 1. A Paris Chez F. Buisson.* Imp. Lib. rue Haute Feuille, n.º 20.

An 9.º (1801) 268 pag. 8.º gr. [1] Com uma estampa representando a torre de Belem e bahia de Lisboa: e com uma carta geographica de Portugal: ambas as cousas gravadas por Tardieu, l'ainé.

O duque de Chatelet achava-se em Londres, quando concebeu o desejo de visitar Portugal. Embarcou em Falmouth, a 8 de maio de 1777, a bordo do *Emblen*. Depois d'uma viagem de seis dias chegou a Lisboa.

«Na época de minha chegada achava-se Lisboa em agitação impossivel de

[1] A *Nouvelle Biographie Universelle* de Firmin Didot, tomo 7.º, pag. 90, menciona outra edição de 1808.—V. *Bourgoing*.

descrever. Era vespera da celebração da coroação da rainha. O povo corria por aqui e por acolá cantando e dançando a *foffa*, especie de dança nacional que se executa aos pares com accompanhamento d'uma guitarra e d'outro qualquer instrumento: dança lasciva a tal ponto, que o pudor córa ao ser testemunha d'ella, e não ousaria eu emprehender descrevel-a. Atravessei pela multidão, e fui alojar-me n'uma hospedaria ingleza, situada em Buenos Ayres: sitio agradavel, e ao abrigo de cheiros fétidos, com os quaes a cidade está infectada durante o estio, e das chuvas, de que está innundada durante o inverno.

«Tinham escolhido a praça do Commercio, como o logar mais appropriado á ceremonia da coroação. Fez-se esta com grande magnificencia, ao som da artilheria, e das acclamações d'um povo immenso, que concorrera de todas as partes para assistir a ella. Só a rainha pareceu não participar do jubilo geral. Achava-se dolorosamente affectada. Os principaes senhores da corte tinham resolvido mandar-lhe pedir pelo povo a cabeça de Pombal: a rainha achava-se informada do designio d'aquelle, e receiava o perigo d'uma recusa; porém, apesar de não gostar do marquez, respeitava-o como amigo de seu pai.

«Eu estava egualmente informado de quanto se tramava: quiz ser de perto testemunha da agitação, que d'isto havia de resultar. Percorri as ruas com um francez versado na lingua portugueza, e introduzi-me na multidão. Por toda a parte nada mais se ouvia, que o nome de Pombal: os espiritos azedavam-se: o motim estava prestes a romper, quando de repente sobreveiu uma patrulha de cavallaria, com um official á frente, o qual dirigindo-se ás pessoas, que formavam este grupo, prohibiu-lhes debaixo das mais rigorosas penas de fallarem no marquez de Pombal. [1] Dentro em pouco dispersou a multidão; as ruas acharam-se n'um instante cheias de soldados a pé e a cavallo; e com tanta constancia se entretiveram na dispersão dos grupos na occasião em que parecia formarem-se, que o povo se dirigiu para a praça antes de ter podido decidir alguma cousa.

«Todos os fidalgos pareciam muito espantados, e no extremo da agitação. Viamol-os ir, vir, mandar emissarios do alto da galeria, onde se achavam, lançar para o povo olhares, nos quaes se pintavam a colera e a impaciencia. Tinha havido a prudente cautella de dividir este povo, mandando construir na praça uma estacada de distancia a distancia, de fórma que se achou separado, e por assim dizer preso sem ter dado por isso. Percebeu-se todavia uma especie de rumor, e sete ou oito vozes gritaram: *Pombal, Pombal*, porém foram no mesmo instante abafadas pelos gritos de *Viva a rainha*, que os partidarios do marquez levantaram. Uma grande quantidade de espectadores se tinha introduzido no interior da galeria depois de ter derribado os guardas, a rainha mandou que os deixassem alli estar. Não se podendo as carruagens approximar, ella mesma se viu obrigada a passar por entre a multidão com o fim de se dirigir para seu coche: foi este para ella o mais doce momento de sua vida: uns deitavam-se a seus pés, outros beijavam-lhe a ponta do vestido, e com isto se enterneceu a ponto de lhe marejarem os olhos.

[1] Duc de Chatelet — *Voyage en Portugal*, tomo 1.º, pag. 6.

«Foram brilhantes as illuminações: a ceremonia celebrou-se com tanto de pompa, quanto de tranquillidade: a colonia ingleza deu á noite um sumptuoso baile aos principaes habitantes da cidade, sem duvida em testemunho de seu reconhecimento, porque era ella nação ingleza a verdadeira soberana de Portugal que tinha sido coroada na pessoa da rainha. No dia seguinte tomaram outra vez o lucto, que na vespera se tinha largado. No meio da alegria geral produzido pela queda de Pombal, tudo tornou a tomar um aspecto lugubre, e sairam do baile para correrem para as egrejas.

«A rainha assignalou sua elevação ao throno por actos de bondade e clemencia. Mandou abrir as prisões, e soltar todos os desgraçados, que alli estavam detidos, alguns havia mais de vinte annos. Vi duas raparigas, que para alli tinham entrado ainda de mama na companhia de seus paes e mães: teem uma dezenove annos, e a outra vinte, e parecem ter quarenta. São as filhas do desditoso conde de Alorna, compromettido na conspiração. Seu unico crime era e ter emprestado, pela manhã do dia do assassinato, uma espingarda ao joven Aveiro, um dos conjurados, que lh'a pediu para ir á caça: pagou este favor, bem como sua mulher e filhos com vinte e um annos de prisão. É verdade que o marquez de Pombal tinha lançado mão da conjuração para abater a arrogancia dos fidalgos portuguezes, e reprimir as atrocidades até então impunes, das quaes se tornavam culpados frequentemente. Tinha-se visto alguns d'elles matar um seu criado, ou um particular d'uma classe inferior, quando tinha a desgraça de lhes cair em desagrado, ou praticar alguma falta. A severidade de Pombal tinha posto freio a excessos tão terriveis. [1]

«N'uma das digressões, que fiz em Portugal com o fim de visitar o interior d'este reino, fui ver o marquez de Pombal. Eu lhe era recommendado d'um modo particular, motivo pelo qual me recebeu com todas as attenções possiveis. Conhecia este ministro de fama, e não se podia exprimir o desejo, que eu tinha de conhecel-o pessoalmente. Cheguei pois á villa de seu nome, e, da minha hospedaria lhe escrevi com o fim de saber a hora, em que lhe poderia entregar as cartas, que tinha para elle. Alli me dirigi pelas dez horas da ma-

[1] A nobreza era tão insolente, tão desenfreada, que era para temer não sómente de noite, mas até mesmo de dia. Eis o que se passou em Lisboa ha algum tempo. Dois fidalgos vão em sua carruagem, e encontram um corregedor, que ia tambem na d'elle: era um velho de vista muito curta, que não conheceu os fidalgos, e passou sem os cumprimentar. Estes offenderam-se d'isso, desceram da carruagem para maltratar o velho, e depois de algumas representações, que este julgou poder-lhes fazer, um d'elles o atravessou com sua espada. Fugiram para casa do embaixador de França, que os fez embarcar, mas passado pouco tempo tornaram a apparecer, tendo facilmente obtido seu perdão. Durante o ministerio do marquez de Pombal teriam sido punidos severamente. Ha seis annos um senhor matou um de seus criados n'um accesso de colera: conseguiu escapar-se, porém voltou para Portugal logo depois do exilio d'este ministro.»

«N'aquella epocha o gosto da maior parte dos nobres era ir de noite atacar as patrulhas, que percorriam a cidade. Tinham á sua frente o irmão do rei, homem feroz e cruel. Todas as noites eram assignaladas por encontros sanguinolentos entre estes estroinas e as patrulhas, e quasi sempre d'elles resultavam assassinios.» Tomo 1.º, pag. 120.

nhã, e fui introduzido na habitação d'este grande homem. Actualmente está algum tanto melhor alojado, mas na época, em que o vi, estava n'uma pobrissima casa, e dormia n'um quarto, cujas paredes tinham sido estucadas de novo.

«As maneiras do marquez de Pombal são agradaveis e attenciosas em extremo. Fez-me mil perguntas; affectou ignorar completamente o que se passava pela Europa. Pediu-me que o informasse dos acontecimentos. Até me fez perguntas relativas a Portugal, e sobre o estado em que se achava Lisboa. Quiz saber que motivo, ou acaso me conduzia áquelle logar tão affastado.— Costumado, lhe disse eu, a viajar desde minha mocidade, visito sempre o interior dos paizes, que percorro, não me limitando ás cidades principaes, e portos de mar, nos quaes nada ha de novo a estudar. Mas além d'isto desejava conhecer quem tanto tinha beneficiado seu paiz. Entramos pouco a pouco em conversa: convidou-me a passar com elle oito dias, e fez-me ficar para jantar e ceiar n'aquelle dia. Exprimi-lhe meu espanto sobre o estado, em que tinha achado Lisboa, attendendo ao pouco tempo decorrido depois de sua catastrophe. Respondeu-me que presentemente não cuidava em nada d'isso; achava-se velho, e pensava em descansar; porém que, se a providencia lhe tivesse conservado seu amo por mais tempo, ter-se-hia esforçado em continuar com o mesmo zelo a empreza, cuja execução apenas pudera esboçar; e que, sem duvida, teria lançado os alicerces d'um palacio para o rei. Patenteou-me o magnifico plano, que tinha adoptado para este edificio. Situado n'uma pequena eminencia, perto de Belem, teria dominado o mar e a cidade, seria construido no centro d'um grande jardim, cercado de altos muros, aos quaes estariam de distancia em distancia contiguos os palacios dos principaes senhores da corte, e aposentadas as pessoas, que n'elles fossem obrigadas a residir por causa de seus cargos.

«O marquez de Pombal trouxe comsigo muitos livros: ou lê, ou manda ler continuamente: os livros são todos francezes. Falla nossa lingua tão facilmente, como nós mesmos: sabe egualmente bem o allemão, inglez, e italiano. Não pronunciava sem grande ternura o nome de seu respeitavel amo. «Honrava-me, dizia elle, com sua confiança. Perder seu rei e seu amigo! É uma prova forte de mais para eu poder resistir a ella! Por isso o sol para mim perdeu o brilho de seus raios! Nada, nada me póde indemnisar da perda, que padeci!» A isto algumas lagrimas cahiam de seus olhos. Em vão procurava eu desviar a conversa para um outro assumpto, para este me levava sempre.—«Ao menos, continuava elle, aqui serei feliz. Vedes esta choupana? Não é minha: tomo-a de aluguer. Aquelle homem accusado de não ter pensado mais que em si, nem mesmo na sua terra mandou construir um aposento»—[1] Depois mostrando-me um grande edificio novo. «É um armazem pertencente á villa. Mandei-o construir para n'elle se guardarem os cereaes, dos quaes está cheio. Em

[1] Crê-se geralmente ter sido Lisboa sua patria. «Sebastião José de Carvalho e Mello nasceu em Lisboa, na bella casa da rua Formosa. Francisco Luiz Gomes, *Le Marquis de Pombal*, pag. 29.—*Panorama*, 1839, pag. 138.

fim, á maneira de Sully, viverei mais afortunado em meu retiro, que no meio dos grandes e da côrte. Deixaram-me trazer meus livros, e por isso pouco me resta a desejar.

«Acabava, quando a marqueza de Pombal, sua mulher, chegou: teve a bondade de me appresentar a ella. Conserva ainda uma parte de seus dotes pessoaes; e veste-se com muita arte e gosto. É discreta, sem duvida; porém não possue a força, nem o valor de seu marido para tolerar sua situação. No tempo da prosperidade do marquez de Pombal tinha a seus pés os grandes e o povo: sua casa era uma especie de corte. Quando os homens a iam visitar, punham-se de joelhos para lhe beijarem a mão, segundo o costume do paiz.

«Sua vaidade lisonjeada por tantas adulações não se póde acostumar ao isolamento, a que foi condemnada pela desgraça de seu marido.

«Desamparada de toda a gente, solitaria, n'uma villa desviada de povoações, a unica satisfação que tem, é de ver seus filhos, que algumas vezes vão passar com ella quinze dias. Nascida allemã tem o orgulho das grandes familias de sua nação, e, depois de ter tido tanto de que lisonjear-se, geme em segredo sua expiação.

«Tentou disfarçar suas maguas, mas não o poude conseguir por muito tempo. Passados dez minutos de conversação, achavam-se seus olhos arrazados de lagrimas. «Aquillo é proprio de seu sexo, me dizia o marquez; consolal-a é para mim uma outra occupação, mas seguindo meu exemplo, bem depressa apprenderá a supportar nosso infortunio.» Um instante depois vieram participar, que o jantar estava na mesa. «Vinde disse-me elle, tomar parte na comida frugal d'um eremita.» Em vez de comida frugal, que me annunciava, encontrei uma mesa bem servida, e na qual nada se resentia de sua desventura, nem mostrava o sainete da desgraça. Ao todo não passavamos de tres. A conversa foi muito longa. Entrei a fallar com a marqueza a respeito de Allemanha, e por algum tempo fallamos na sua lingua. Foi breve o jantar, ou pelo menos assim me pareceu: o calor era excessivo.»

«Depois de nos levantarmos da mesa, cada um foi descançar por alguns momentos. Approveitei me d'este tempo para ir percorrer o logar habitado pelo illustre par. Não é tão desagradavel, como em Lisboa m'o tinham pintado. N'uma altura estão as ruinas d'um velho castello, offerecendo uma vista bastante pittoresca; as aguas são excellentes.

«Ao sair de casa do marquez encontrei á sua porta mais de duzentas pessoas, a quem se distribuia pão e caldo. D'este modo é que elle tem adquirido um grande numero de partidarios, que o exaltam mesmo com sua desgraça: pareceu-me ser bem quisto de todos habitantes do logar. Finalmente depois d'um passeio de cerca de duas horas, voltei para casa do marquez, a quem encontrei no meio de seus livros. Continuámos a conversa. Perguntou-me se tinha visto a ceremonia da coroação da rainha. Advinhei onde queria chegar: respondi-lhe que sim, e que me parecia ter-se celebrado com muita pompa e magestade.

«Quiz saber se eu tinha reparado em todos os incommodos, a que seus inimigos se tinham entregado para o perderem; e até me pediu alguns pormeno-

Quiz saber a maneira como o povo tinha procedido. Disse-lhe quanto sabia, e accrescentei que esta circumstancia era mais um triumpho para elle, porque demonstrava não só a impotencia de seus adversarios, mas até sua animosidade. A estas palavras disse-me com a maior vivacidade, a qual lhe fica muito bem. «Avançam um paradoxo, fazendo-se interpretes do povo : mandam-lhe dizer que me deteste! Mas isso é impossivel : minhas acções, meu procedimento, tudo me assegura do contrario. O povo portuguez não me póde odiar, e vós ides ouvir a rasão. Que é o portuguez hoje? Que era elle ha quarenta annos? Não o puz eu em estado de já não ter necessidade de seus visinhos? Não estabeleci eu por toda a parte as artes, as officinas, o ensino? Não fiz além d'isso reedificar um terço da cidade de Lisboa? Não propaguei a actividade, e não derramei o bem estar por entre os operarios? Por todos os direitos, que eu creio ter ao reconhecimento d'esse povo, tenho-o por assaz justo, para me querer devorar : e até não o fez. Vou dizer-vos quaes os auctores de quanto podereis ter ouvido e percebido no tempo da coroação. Os fidalgos, que se obstinavam em suas insolentes pretensões, as quaes eu quiz anniquilar, empregaram todos os meios possiveis para me perderem. Elles não podiam decentemente mostrar-se á frente do partido perseguidor. Que fizeram? Escolheram algumas de suas creaturas, que disfarçadas em barbeiros, cosinheiros, marinheiros, etc. divagavam pelos logares publicos, desacreditando-me e pintando-me com as mais horriveis cores. O povo, que facilmente é seduzido, secundou um resentimento, ao qual lhe faziam crer ser um dever associar-se. Aborrecia-me, porque lhe diziam que assim era mister. Varias pessoas, que vós conheceis, accrescentou elle, com o fim de malquistar-me, andaram por alguns dias debaixo d'um tal disfarce, confundiram-se com a ralé, e inventaram calumnias, que lhe appresentaram como verdades incontestaveis. Finalmente quanto obrei, foi por ordem de meu amo, e nada tenho de que arrepender-me. Accusam-me principalmente de ter sido cruel; mas obrigaram-me a ser rigoroso. Quando eu annunciava as ordens do rei, e não faziam caso d'ellas, era indispensavel recorrer á força : as prisões e os carceres foram os unicos meios, que encontrei para domar esse povo cego e ignorante.

«D'esta fórma passei em casa d'este ministro cinco dias nas conversas as mais interessantes. Teve a bondade de communicar-me a respeito de Portugal varias noções e reflexões, de que fiz uso no decurso de minha obra.

«O 2.º volume das *Viagens de Chatelet* (que nada appresenta digno de especial menção) termina com um *Supplemento* composto por Bourgoing, no qual se corrigem algumas inexactidões inseridas n'esta obra.

«O duque de Chatelet, de quem nos temos occupado n'este artigo, parece ter sido filho da celebre marqueza de Chatelet, amante de Voltaire, e o qual morreu no cadafalso revolucionario, em 1794 depois de ter sido embaixador na Austria e em Portugal, e coronel do regimento das guardas francezas em 1722 e 1729. [1]

«Veja-se Bourgoing.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, tomo 14.º

«Porém o que no duque de Chatelet nada tem de agradavel é a pintura, que nos faz do caracter dos portuguezes no tempo do marquez de Pombal.

«O povo portuguez é naturalmente orgulhoso, soberbo e animoso, e detesta em geral qualquer outro povo: crê sinceramente que não existe no universo nação mais esclarecida e perfeita, que a sua. Seu odio contra os hespanhoes é inexprimivel: até mesmo tem aversão aos inglezes, aos quaes olham como seus mais temiveis inimigos. Não sei se é prevenção nacional, mas julguei descobrir em Lisboa que ali não se viam os francezes com maus olhos.

«Seus habitantes nos consideram como intrepidos: estimam nossos militares, dos quaes concebem a mais elevada idéa: além d'isto, nossa vivacidade sympathisa com a d'elles. São (o que todavia custa a accreditar) propensos aos prazeres, e entregam-se a elles, quando o podem fazer commodamente. Ha, segundo julgo, poucos povos mais feios, que os portuguezes. São baixos, morenos, mal conformados: o interior corresponde bastante, em geral, a este repugnante involucro, principalmente em Lisboa, onde os homens parecem agglomerar todos os vicios da alma e do corpo [1]. Ha, todavia, entre a capital e o norte d'este reino uma differença notavel. Nas provincias septentrionaes os homens não são tão trigueiros, nem tão feios; são mais francos, mais trataveis na sociedade, muito mais valentes, e mais laboriosos; porém, se é possivel ainda mais escravisados pelos preconceitos. Esta differença dá-se egualmente nas mulheres: são muito mais brancas, que as do sul.

«Os portuguezes considerados no geral são vingativos, vis, soberbos, escarnecedores, presumpçosos excessivamente, ciosos e ignorantes. Depois de ter descripto os vicios, que julgo descobrir n'elles, seria injusto calando suas boas qualidades. São affeiçoados a sua patria, amigos generosos, leaes, sobrios e caritativos. Seriam bons christãos, se não estivessem cegos pelo fanatismo. Acham-se tão acostumados ás praticas religiosas, que são mais supersticiosos, que devotos. Os fidalgos ou grandes de Portugal teem uma educação muito escassa; orgulhosos e insolentes, vivendo na mais crassa ignorancia, quasi nunca saem de seu paiz para verem outros povos. A familia do marquez de Pombal, a qual frequentei muito, é quasi a unica onde encontrei instrucção, e um conhecimento não superficial dos outros povos: fala nossa lingua, o inglez e o italiano com facilidade; e o que n'ella me agradou infinitamente, foi o ver que pensava a respeito de seu proprio paiz mui sensatamente, e sem nenhuma preoccupação: cousa rara, mesmo nos povos os mais instruidos e civilisados. Se algum fidalgo portuguez vir o que escrevo, ganharei titulos a seu rancor, porque votou odio a quanto diz respeito ao nome de Pombal. Algumas outras casas se acham, mas em bem pequeno numero, nas quaes existem livrarias: porém mesmo essas casas e livrarias estão fechadas para os estranhos.

«Podemos, sem exaggeração, gabar os encantos das portuguezas. Não ha europeas, que tenham melhor carnação. Teem muito espirito, e talvez ainda mais vivacidade que as francezas. Em quanto ao galanteio excedem todas as mulheres da Europa: teem na expressão essa ternura seductora, que desperta

[1] Chatelet — *Voyages*, tomo 1.º, pag. 70.

e promette prazer: mas se este é facil, é muito perigoso obtel-o, porque os maridos e parentes conhecendo a extrema fraqueza de suas mulheres, nunca as desamparam, espionando quantos rodeiam a casa, e se por acaso sae ou entra alguem, que desperta suas suspeitas, cravam-lhe no coração um punhal, de que andam sempre munidos. As damas de classe superior vestem-se á francesa, exceptuando a cabeça, que enfeitam á moda do paiz com flores e diamantes collocados com muita garridice e arte. Todas ellas teem lindos olhos pretos muito expressivos.»

252) CHAUVAIN (LÉONCE — DE CETTE).

E. — *Histoire de Portugal et de la Maison de Bragance par* — Chez l'Auteur, a Cette. 1871, 8.º, 232. (Historia de Portugal e da casa de Bragança).

É dedicada a D. Luiz, rei de Portugal.

Esta obra não passa d'um não interrompido panegyrico dos portuguezes.

«É no livro d'um dos maiores poetas do mundo, do maior poeta portuguez, é nos *Luziadas* de Camões, que se encontra a primeira historia de Portugal. Camões foi o historiador épico de seu paiz á maneira do immortal Virgilio, e os *Lusiadas* é um poema nacional como a *Eneida*.

«O que os outros historiadores portuguezes, João de Barros, Diogo do Couto, Lopes de Castanheda contaram eloquentemente em prosa, Camões o consagrou melodiosamente em verso. Na poesia épica moderna Camões é em Portugal o que Tasso é na Italia, e Milton na Inglaterra. Não lhes procuremos equivalentes na França: o proprio Voltaire, sem embargo da sua Henriada asseverou que os francezes não tinham cabeça épica: outro tanto é mister dizer da Allemanha. A França tem grandes poetas, taes como Corneille e Racine; a Allemanha tem Goethe e Schiller; mas nenhuma das duas possue um Camões, um Virgilio, e um Homero.

«O assumpto dos *Lusiadas* não é nem uma guerra fabulosa, nem uma altercação de heroes, nem o mundo em guerra por causa de uma Helena, como na Iliada; não são as aventuras d'um Ulysses, como na Odyssea. E no emtanto é um poema inteiramente homerico. A base dos *Lusiadas* é uma nova especie de epopea, que celebra a descoberta heroica e maravilhosa d'um paiz por meio da navegação portugueza. O poeta dirige a frota para a embocadura do Ganges, descreve-o ao passar as costas occidentaes do meio dia e do oriente da Africa, e os differentes povos, que vivem n'essas regiões até então desconhecidas.

«As descobertas, expedições e conquistas dos portuguezes enchem bellas paginas na historia. Esta nação pouco ampla na geographia da Europa, é todavia muito vasta em todas as partes do mundo.

«São os portuguezes soldados honestos e excellentes. Quando se levantaram em massa para a defeza de seu paiz, mostraram-se certamente superiores aos hespanhoes, pois não deshonraram seu patriotismo com horriveis guerrilhas: e os francezes, ao combaterem contra Portugal, acharam n'elle inimigos, mas não aventureiros. Todas as tropas portuguezas foram encontradas com honra no campo de batalha, entre os soldados francezes e inglezes.

«Em seguida á França de 1789 foram os portuguezes os primeiros, que adoptaram uma constituição, que mais se approxima da franceza, e que já serviu, ou ha de servir um dia de modelo a muitos governos europeus. Por este meio o reino de Portugal alcançou, ha muito tempo, maiores proveitos para a humanidade, do que tantos outros colossos ou imperios.

253) CHEMNITIUS (M.)

De Lusitanorum in Indiam Orientalem navigatione Carmen. Lipsiae, 4.°, 1580. (Poesia á navegação dos portuguezes ás Indias Orientaes).

Ternaux Compans., pag. 63.

254) CHERINGTON.

E. — *Memoirs of the right honorable Lord Viscount Cherington containing a genuine description of the government, and manners of the present Portuguese.* London, 1782, 2 vol. 8.°— (Memorias de — contendo uma verdadeira descripção do governo e costumes actuaes dos portuguezes).

255) CHERUBINI (LUIGI CARLO ZANOBI SALVATORE MARIA).

E. — *L'hotellerie Portugaise.* Opera, 1798.

256) CHEVALIER (MICHEL).— Economista francez notavel, que tem escripto muitos artigos em diversos jornaes a respeito de nossas cousas, mas principalmente na *Revue des deux mondes*, e que sempre se tem mostrado muito affeiçoado aos portuguezes.

Tendo recebido o diploma de socio estrangeiro enviado pela nossa Academia das Sciencias, na carta de agradecimento, que remetteu, entre outras coisas, diz as seguintes:

«Quando a navegação aperfeiçoada e auxiliada pela sciencia abria um caminho inesperado á actividade commercial, industrial e scientifica da Europa nos fins do seculo XV, e principios do XVI, Portugal compartiu com a Hespanha a gloria das descobertas admiraveis, que caracterisaram e immortalisaram essa época.

«Se depois a fortuna de Portugal se eclipsou, hoje póde-se affirmar sem lisonja, que esse accidente, que aliás experimentaram todas as nações da terra em differentes épocas, cada uma por seu turno, está passado.

«O espirito novo reanima os portuguezes, e representa-os principalmente um soberano, a cujo respeito em toda a Europa só ha um parecer: representa-o uma pleiade de estadistas afamados, de sabios escriptores, cujo saber eguala o patriotismo, muitos dos quaes me felicito de haver encontrado no theatro das exposições universaes de Londres e de Paris, e de cuja amisade me lisonjeio.[1]

«Portugal é o paiz fadado, mais que qualquer outro, para auferir as m

[1] *Annuario do Archivo Pittoresco*, (1865), pag. 136.

res vantagens dos inventos, que distinguem a nossa época, e particularmente dos caminhos de ferro e da navegação a vapor.

«A liberdade do commercio, esta fórma especial do principio da liberdade geral, e de que a civilisação moderna tão namorada é, e com rasão, promette a este paiz uma inexhaurivel fonte de prosperidade.

«Pela sua peculiar situação topographica, Portugal está fadado para ser um dos agentes mais uteis da grandeza, e da riqueza collectiva de toda a Europa.»

Um dos trabalhos de Michel Chevalier é o seu estudo sobre o marquez de Pombal, publicado no jornal acima mencionado, em setembro de 1870.

257) CHIUMAZERO E CARRILLO (GIOANNI).

E. — *A sa Santita. Per — ambasciatore di S. M. C., contra la pretensione del Vescovo di Lamego.*

C. M. B. I. P.

258) CHONSKI (DE).

E. — *Etablissement Portugais de Macao, par* — Paris, 1850, 8.º

259) CHRETIEN (NICOLAS).

E. — *Les Portugais infortunés.* Tragedie, 1608.

260) CIBRARIO (LUIGI) — Senatore del regno, ministro da fazenda da Sardenha e successor de Cavour.

E. — *Ricordi d'una missione in Portogallo al re Carlo Alberto per —. Nuova edizione accresciuta. Torino, Dalla Stamperia Reale.* 1850, 8.º, 378 pag.

Carlos Alberto, rei da Sardenha, havendo sido derrotado pelos austriacos na batalha de Novara e tendo em seguida abdicado, demandara um asylo na cidade do Porto. Aqui o foi procurar uma deputação composta de tres membros Cesare Alfieri, Giacinto di Callegno e Luigi Cibrario. Os dois primeiros regressaram para o seu paiz, e o ultimo accompanhou o monarcha até á sua morte, acontecida em 28 de julho de 1849. Publicou depois em Turim o livro mencionado, no qual dá uma descripção de Portugal, e tracta extensamente da doença, morte, e enterro do rei Carlos Alberto.

«Não tem Portugal algum lago digno de ser mencionado, e só o Tejo forma um, o mais incantavel, e o mais bello porto do mundo.»

«Em quanto a livros de miniaturas Portugal possue um thesouro, com o qual nenhum outro pode ser comparado. Vi a preciosa collecção do rei de Wurtemberg, vi os livros com miniaturas de Vienna, Paris, Turim, Milão, Siene Roma, Napoles, Monte Cassino, e La Cava, mas não encontrei cousa, que se podesse comparar com a Biblia em 7 volumes dada de presente a el-rei D. Manoel pelo papa Julio III.»

«Quer pela via terrestre cheguemos [1] da deliciosa provincia da Beira ás mar-

[1] A traducção d'esta passagem foi publicada no *Panorama* de 1852.

gens, do Douro, quer, deixando o Oceano, vencidos os bancos de areia, que obstruem a foz, remontemos breve espaço do curso do rio, summamente magestosa e pitoresca é a vista da cidade do Porto, a qual campeia sobre duas altas collinas, cobre com seus variados edificios todo o declive até vir banhar quasi n'agua a extrema casaria.

«Por isso, contemplando-se do meio do Douro [1] veem-se umas casas surgindo de traz d'outras até mais a cima dos dois montes coroados pela Sé, o palacio do bispo, a porta do Sol e a Torre dos Clerigos, que serve de balisa aos navegantes.

«Em certos logares, onde mais ingreme é o declive, os edificios, que se levantam a varias alturas, uns acima dos outros, parece formarem um corpo só, de proporções desmesuradas, de altura gigante. Junte-se a isto um rio caudal, entalado nas margens, e fundo, sulcado de navios e barcos de todas as nações, atravessado pela ponte pensil, que liga a cidade á povoação de Villa Nova de Gaya, aggreguem-se-lhe as quintas espalhadas pelas encostas de ambas as margens em meio das mais excellentes e robustas arvores, que ha no mundo; o convento da Serra, que se eleva solitario á esquerda do Douro; o ceu, ora avivado pelos esplendores do sol meridional, ora offuscado pelos nevoeiros do oceano, os quaes, quando não se condensam muito, não tolhem a formosura das scenas da natureza, revestindo-as de tintas melancolicas, ora esfumando lentamente as ladeiras dos montes, ora afogando os pinheiraes solitarios, em parte occultando, em parte escurecendo apenas os objectos, multiplicam os paineis, que a vista procura, e em que se compraz a imaginação, principalmente quando pensamentos tristes e intimos, fructos de amargos desenganos e previsões sinistras agitam a mente, e, parece que a magoa se mitiga, se acha correspondencia no melancolico aspecto da natureza.»

O auctor descreve em seguida os principaes estabelecimentos, mas isto pouco interesse offerece para um portuguez, dando-se a circumstancia de haver hoje outros muito mais modernos, e tambem muito notaveis. O Porto é uma das povoações do nosso paiz, que mais tem progredido. É realmente uma grande e sumptuosa cidade, cheia de vida e de animação.

Desde pag. 184 até ao fim trata o livro da biographia, residencia no Porto e morte de Carlos Alberto, a quem a nossa cidade prestou as maiores homenagens. D'aqui proveiu serem os habitantes do Porto considerados como cidadãos da cidade de Turim.

«A cidade do Porto, que foi a primeira que em Portugal levantou o estandarte da liberdade, não teve nem terá outro hospede egual. Povo piedoso

[1] Cibrario é um dos mais distinctos escriptores da Sardenha, e é geralmente considerado como um dos primeiros escriptores da litteratura contemporanea em Italia. É auctor de uma *Historia da casa de Saboya*, bem conhecida e bem apreciada pelos sabios da Europa. Foi outr'ora conselheiro do tribunal de contas, e por algum tempo chefe d'uma repartição no ministerio da fazenda.— *Revista Universal Lisbonense*, vol. 10.º, pag. 516.

e cortez, que comprehendes os grandes pensamentos, e te compadeceste dos infortunios dos italianos, Deus te dê os agradecimentos das homenagens que prestaste ás virtudes de Carlos Alberto, Deus te conceda gozares por muito tempo d'uma verdadeira liberdade e d'uma verdadeira paz!»

261) CIERA (MIGUEL ANTONIO). Natural do Piemonte, e professor de mathematica no collegio dos nobres, e depois na universidade de Coimbra.

E. — *Os tres livros de Cicero sobre as obrigações civis, traduzidos em lingua Portugueza, para uso do Real Collegio dos Nobres.* Lisboa, officina de Miguel Manescal da Costa, 1766, 16.º

Ha outras duas edições mais modernas.

262) CINCO LIBROS DE LA HISTORIA DE PORTUGAL, *y conquista de las Islas de los Açores en los años de* 1582 *y* 1583. Madrid, 1591

263) CIRCOURT (Mr. ADOLF).

E. — *Catherine d'Atayde. Tiré de la Bibliotheque Universelle de Genève.* Juillet, 1853. Genève Imprimerie Ferd. Hamboz, 1853.

264) CIVIL (THE) WAR IN PORTUGAL, *and the siege of Oporto. By a British Officer of Hussars, who served in the Portuguese army during the Peninsular War.* London, Edward Moxon, 1836, 8.º, 285 pag. (Guerra civil em Portugal.)

Esta obra começa na conspiração de Gomes Freire, e termina na morte de D. Pedro. Seu author, que dizem ser o coronel inglez Owen, mostra-se muito sentido pelo fallecimento d'este soberano, e acerrimo partidario de sua politica.

Parece-me ser esta já uma segunda edição: da primeira nunca pude encontrar o original inglez, mas ha uma traducção em máo portuguez com o seguinte titulo: *A guerra civil em Portugal, o sitio do Porto e a morte de D. Pedro. Por um estrangeiro.* Impresso em Londres em 1836.

265) CLAIRE (SAINTE-DEVILLE), geologo francez, socio do Instituto;

Nasceu nas Antilhas no anno de 1814. [1]

E. —*Voyage géologique aux Antilles et aux iles Ténériffe et de Fogo.* Paris, 1856-1864.

266) CLARAMOND (PRIVAT JOSEPH), Comte de la Pelet de la Lozere.

E. I — *Coup d'œil militaire sur le Portugal.*

II *Relations de la Campagne de Portugal en* 1810-1811.

[1] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains*, pag. 1612.

Conservam-se estes trabalhos ineditos, segundo diz a *Nouvelle Biographie Universelle* de F. Didot.

267) CLARETA (BARONE GAUDENZIO).

E. — *Notizie storiche intorno della vita ed ai tempi di Beatrice di Portogallo duchessa di Savoia.* Torino, 1863. (Noticias historicas ácerca da vida e tempos de Beatriz de Portugal, duqueza de Saboia).

268) CLEDE (N. DE LA), historiador francez.

Nasceu no anno de 1736.

E. — *Histoire générale de Portugal.*

Tome première *contenant l'origine, les mœurs, et les guerres des anciens Lusitaniens, leur etat sous la Domination des Romains, l'invasion des Gots et celle des Maures, l'érection du Portugal en Royaume et les Regnès de Henry et d'Alfonse jusqu'à celui de Dom Jean III inclusivement.* Paris, Chez Collin, Fils. 1735, 4.º gr. 783 pag.

Tome secundième *contenant les regnès de Sebastien, de Philippe II etc. jusqu'à celui du roi Jean á present regnant.* Paris, Chez Collini, Fils. 844 pag.

Ha outra edição do mesmo anno em 8 vol. in-8.º, em Paris em casa de Theodore le Gras.

A respeito d'este trabalho litterario diz o sr. Ferdinand Diniz. [1] «As fontes consultadas foram Marianna, Faria, Brandão, Birago, Barros, Ericeira, e o conde de Alegrete. Os chronistas do XV e do XVI seculos lhe são desconhecidos completamente: Fernão Lopes, Ruy de Pina, Azurara, Rezende nunca por elle foram citados, e até mesmo não conhece a compilação de Duarte Nunes de Leão.»

A traducção de algumas passagens do prologo d'esta obra fará conhecer o intuito d'ella:

«Como possuimos em nossa lingua a historia geral da maior parte das monarchias da Europa, julguei ser conveniente termos a historia completa d'um reino, que, apezar de pouco consideravel em extensão, o é todavia muito por sua vantajosa posição, fertilidade, industria e riqueza de seus habitantes, pelas gloriosas victorias, que os portuguezes obtiveram sobre seus inimigos na Europa, e pelas uteis conquistas, que fizeram em o novo mundo.»

A *Historia de Portugal* por La Clede era out'rora muito apreciada; hoje as tendencias historicas são mui diversas e póde-se asseverar que os leitores d'esta obra são actualmente bem pouco numerosos. Quem terá hoje paciencia para ler um escriptor, que narre a historia dos antigos lusitanos, seguindo as pisadas de Frei Bernardo de Brito?

D'esta obra se publicou em 1781 uma traducção portugueza em 16 volumes, illustrada com muitas notas historicas, geograficas e criticas; e com algumas dissertações singulares.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Générale*, vol. 28.º, pag. 535.

269) **CLENARTZ, KLEINARTZ**, ou á latina **CLENARDUS (NICOLAUS)** — Philologo celebre, natural de Diest, no Brabante.

Nasceu no anno de 1495.

Depois de ensinar por alguns annos as linguas grega e hebraica em Louvain, veiu para Portugal, convidado por el-rei D. João III com o fim de ser mestre de D. Henrique, depois cardeal e rei. Mais tarde estabeleceu aula de latim em Braga.

E. — I *Institutiones Grammaticae Latinae.*

II *Comitis Palatini, Ducis Bavariae, S. R. Imperii Electoris etc. ubi de diversoriis Hispanicis. Hanoviae. Typis Wechelianis apud Claud Marnium et heredes Joan.* Aubrii, 1606, 8.º, 340 pag.

III *Institutiones Grammaticae Graecae. Bracharae, etc.* D'estes dois compendios ha um numero extraordinario de edições.

IV *Nicolai Clenardi Epistolarum libri duo. His accedunt excerpta Huberti Thomae Leodii Annalibus de vita Friderici.*

Na Bibliotheca Publica de Lisboa existe um exemplar d'esta obra, que é rara, e que mereceria ser traduzida em vernaculo, se na época actual houvesse entre nós leitores para tal genero de livros.

São estas cartas escriptas em estylo faceto, e d'ellas parte foram dirigidas a Jacob Latómo, mestre de Clenartz, e parte a varios outros litteratos.

Logo na primeira dirigida a seu mestre narra como a convite do rei de Portugal se dirigira de Salamanca para Coimbra, e dá conta da sua viagem.

Diz que são tantos os mouros e ethiopes empregados na qualidade de criados de servir em Portugal, que lhe parece maior o numero de escravos, que o de pessoas livres n'este paiz.

Vamos agora ver como Clenartz aprecia alguns dos litteratos portuguezes d'aquelle tempo, e o estado dos estudos n'este paiz.

«Est Conimbricae apud Lusitanos jam praelum [1] non solum Latinarum, sed etiam Graecarum literarum, vide num consilium aliquod reperire possis, ut inde semper Graecorum librorum numerum justum consequaris: id quod facile fiat, si cum Vincentio Fabricio per epistolas aliquando confabuleris, qui illic Graece docet.

«Resendius primas partes obtinet, poeta cum veteribus comparandus, cui si juge studium staret poeticum, non minus nobilitaret suam Eboram, quam Lucanus Cordobam.

«Georgii Cœlii viri praeter Graecarum literarum peritiam, sic et prosa et carmine celebris, ut dubites utro magis polleat. Mihi semper ob id probata est oratio ejus soluta, quod nesciam an hodie sint qui tam prope accedant ad illam Romanam eloquentiam. Sermo est purus, concinnus, et eleganti munditie, nec quicquam tamen prae se fert affectatum. Videorque mihi non immerito Resendium inter poetas, Cœlium inter oratores collocasse, ut in bello, quod

[1] *Carta a João Vasco*, pag. 177.

spiro contra Machometum, Cœlius orare melius, Resendius canere possit sonorius. Inter Theologos autem quem, quaeso, praeferam Joanni Parvo?...

«Ceteras dotes et viri probitatem hinc colligite, quod cum multis egregie doctis spectataeque vitae non careat Lusitania, Parvum tamen nuper Rex inclytus, caeteris posthabitis, sua sponte designavit Episcopum.

«Erat etiam non postremae notae D. Franciscus Mellonius, genere ac literis adeo praeditus, ut et inter aulicos proceres dignitatem, et inter eruditos claram famam teneret.

«Nec silentio praetereundus est Franciscus Geraltes egregius medicus, utraque lingua bene percultus, et vir acerrimi judicii, qui tametsi inter amicos non infimum locum occupavit, partim eruditione commendatus, partim in me collato beneficio.

«Missos faciam reliquos, ut properem ad Antonium Philippum, tam deditum Medico Arabico, quam devotus esset Geraltes Graeco. Est hic, Antonius inter Eborenses summi nominis, et quod me titillabat libris Arabicis instructus quamplurimis.

*
* *

«Omitto reliqua quo properemus Conimbricam, ubi rex novam tum moliebatur Academiam. Hic quid opus est multis laudibus, quando se ipsa in dies magis ac magis commendat? Erant vacationes, et in ceteris professionibus [1] feriae. Nec judicium ferre possum nisi de auditorio Graeco, quod novo miraculo reddit attonitum. Vincentius Fabricius enarrabat Homerum, non ut Graeca verteret latine, sed quasi ageret in ipsis Athenis; et nihilo segnius discipuli praeceptorem imitabantur, ferme in totum usi et ipsi sermone Graecanico. E quibus auspiciis si fas est divinare, florentissima erit Conimbrica linguarum studiis.

«De Theologia speciem praebuerunt tres monachi, qui cum paucis mensibus in ea palaestra fuissent versati, de themate proposito disputaverunt argutissime, et reipsa testati sunt quam eruditis viris illic darent operam. Quod si *honos alit artes*, quid manet Conimbricam, nisi ut ipsam aliquando vincat Salmanticam? Neque enim Rex parcit ullis sumptibus, ut tam opimis proventibus donat Cathedras, ut in universa Hispania non sit Professoribus fructus uberior.»

270) CLUSII (CAROLI).

E. — *Aliquot notae in Garcia aromatum historiam ejusque descriptiones nonnullarum stirpium et aliarum exoticarum rerum quae a generoso viro F. Drake observatae in longa navigatione.* Plantin, 1582. T. Compans, pag. 62. (Algumas annotações ao livro de Garcia da Horta sobre as drogas do oriente.)

271) COCIO (D. MARGARIDA IRIARTE E SOMALLO AYMERIK BIOSLADA DE).

Nasceu em Buenos Ayres (America) no anno de 1804, e depois condessa do

[1] *Epistola ad Christianos de professione Arabica, militiaque constituenda adversus Machometum.*

Casal, por ter casado com José de Barros e Abreu Sousa e Alvim, conde do mesmo titulo).

E. — I *Poema épico, dedicado á nação portugueza.* Porto, Typographia de Sebastião José Pereira, 1849.

II *Branca. Drama em quatro actos e oito quadros. Producção e engenho da condessa do Casal.* Porto, Typographia de Sebastião José Pereira, 1847.

272) COCKBURNE (Miss. CATHERINE).

E. — *Agnes de Castro. A. Tragedy.* London, 1697.

273) COISSARD (MICHEL).

E. — *La vie du bienheureux François Xavier, mise en français sur le latin d'Horace Tursellini.* Lyon, 1612, 8.º (Vida de S. Francisco Xavier.)

274) COLBATCH (Dr.)

E. — *An examination of the late Archdeacon Echard's account of mariage-treaty between King Charles the second and queen Catherine infanta of Portugal.* Cambridge, 1733. (Exame do tratado de casamento do rei Carlos, com a infante D. Catharina.)

Apparece esta obra mencionada no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

275) COLLECTION *of general voyages, from the commencement of the Portuguese discoveries to the present time.* London.— (Collecção de viagens.)

276) COLLOQUIA *et Dictionariolum octo linguarum: Latinae, Gallicae Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae et Portugallicae. Liber omnibus Linguarum studiosis domi ac foris apprime necessarius.— Colloques ou Dialogues avec un Dictionaire en huict languages Latin, Flamen, François, Alleman, Espagnol, Italien, Anglois et Portuguez: Nouvellement revues, corrigéz et augmentéz de quatre dialogues, tres profitables et utiles, tant au faict de marchandise, qu'aux voyages et autres trafiques.* Londini. Excusa typis E. G. impensis Michaelis Spark Junioris, 1639, 362 pag.

277) COLMENAR (DON JUAN ALVAREZ DE)—Escriptor hespanhol, que vivia na primeira metade do seculo XVIII [1].

E. — I. *Les Delices de l'Espagne et du Portugal, où l'on voit une description exacte des Antiquitez, et des Provinces, des montagnes, des villes, des Rivieres, des Ports de mer, des Forteresses, Eglises, Academies, Palais, Bains etc. De la Réligion, des mœurs des habitants, de leurs fêtes, et généralement de tout ce qu'il y a de plus considerable à remarquer. Le tout enrichi de figures en taille douce, dessinées sur les lieux mêmes, par — A. Leide.* Chez Pierre Vander,

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 11.º, pag. 366.

1707, 5 vol. 8.º Com grande numero de estampas. Leyde, 1715 em 6 vol. Esta obra foi traduzida em Flamengo.

O vol. 4.º é o que trata especialmente de Portugal, se bem que nos outros tambem se encontra alguma coisa a este respeito. Diz que Portugal é um paiz muito bom, rico, fertil, e abundante de tudo, quanto se póde desejar para as necessidades e delicias da vida.

ESTAMPAS

1.ª Vista do Villa Nova e forte da Conceição (da Cerveira?) — 2.ª Vista de Braga.— 3.ª Vista de Coimbra.— 4.ª Vista de Lisboa.— 5.ª Vista do Terreiro do Paço.— 6.ª Palacio do rei em Lisboa.— 7.ª Vista d'um palacio, que o rei de Portugal comprou.— 8.ª Vista de Cascaes e Belem.— 9.ª Vista da barra de Lisboa e egreja de Belem.— 10.ª Vista da Egreja de Belem.— 11.ª Vista de Setubal.— 12.ª Vista de Evora.— 13.ª Vista de Estremoz.— 14.ª Vista de Elvas.— 15.ª Vista de Arronches.— 16.ª Vista de Olivença.— 17.ª Vista de Villa Viçosa. — 18.ª Vista de Ferreira.

No 2.º vol.—Vista d'uma corrida de touros em Lisboa.

No 6.º vol.—1.ª Embarque da princesa de Portugal, Catharina, esposa de Carlos II, rei d'Inglaterra.— 2.ª Vestuario dos cavalleiros de Portugal.

II. *Annales d'Espagne et de Portugal, contenant tout ce qui s'est passé de plus important dans ces deux royaumes et dans les autres parties de l'Europe, de même que dans les Indes Orientales et Occidentales, depuis l'etablissement de ces deux monarchies jusqu'à present. Avec la description de tout ce qu'il y a de plus remarquable en Espagne et en Portugal. Leur etat present, leurs interets, la forme du Gouvernement, l'etendue de leur commerce etc. par* — Le tout enrichi de Cartes Geographiques et de très belles figures en taille douce. A Amsterdam. Chez François L'Honoré et Fils, 1741, 4 vol. 4.º gr.

Algumas das estampas relativas a Portugal, que enriquecem esta obra, fazem differença, das que appareceram na outra já mencionada — *Les Delices.*

278) COLMEIRO (D. MIGUEL).

E. — *La Botanica y los Botanicos de la Peninsula Hispano-Lusitana. Estudios bibliographicos y biographicos.* Madrid, 1858.

279) COLOMEZ (JUAN).

E. — *Ignez de Castro.* Tragedia. Livorno, 1781.

280) COLVOCORESSES (LIEUT. GEO. M. — U. S.)— Navy and officier of the expedition.

E. — *Four years in the government exploring expedition commanded by captain Charles Wilkes to the Island of Madeira, Cape Verd Islands, Brazil, Coast of Patagonia, Chili, Peru, Paumato Group, Solety Islands, Navigatour group. Australia, Antarlick Continent, New Zealand, Friendly Islands, Fejee Group, Sandwich Islands. Northwest Coast of America, Oregon, California, East Indes, St. Helena, etc. etc. Second edition.* New-York, R. T. Ioung Publisher, 1858, 8.º, 371 pag. Com algumas estampas.

281) COMEDIA FAMOSA: *El falso nuncio de Portugal.* Barcelona, 1769.

282) COMEDIA FAMOSA *dos successos de Jahacob e Essav, composta por um auctor celebre, estampada á custa de Abraham Ramires e Ishac Castello, em cujo poder se acham a vender.* Delft. Anno 5459. (Corresponde a 1699.)

Falla d'esta obra o sr. Innocencio Francisco da Silva a pag. 92 do 2.º vol. do seu *Diccionario.*

283) COMELLA (D. LUCIANO FRANCISCO).

E. — I. *Doña Ines de Castro. Escena tragico-lirica por* —. Valencia, 1815.

II. *El mayor rival de Roma, Viriato. Drama tragico.* Cadix.

284) COMPARETTI (ANDREA) — Medico italiano.

Nasceu em Frioul no anno de 1746 e falleceu em Padua no de 1801. [1]

E. — *Osservazioni sulla proprieta della China del Brasile.* Padua, 1794, 8.º — (Observações sobre a quina do Brazil.)

285) COMPENDIO DE LA HISTORIA DE PORTUGAL *desde el principio de su monarquia hasta el año de 1823 por Alfonso Rabbe... traducido al Castellano.* Paris, 1827, 2 vol. 12.º

286) CONCERT VAN REGLEMENT *op Brasil Ghenoment by haere Ho. Do. de Heeren Staeten General der Hereenighde Nederdanden ende de Temindt-Hesboren der Teoctroveerde West-Indische Compagnie,* 1648, 8.º, fol. sem pag. — M. S.

287) CONDER (JOSIAH).

E. — *Spain and Portugal.* London, 1831, 2 vol.

288) CONESTAGIO (JERONIMO DE FRANCHI-GENTILHUOMO GENOVESE).

Nasceu em Toledo no anno de 1528, e ahi morreu em 1601.

E. — *Del unione del regno di Portugallo allo Corona di Castiglia. Istoria del Sig.*— In Genova. Appresso Girolamo Bartoli, 1589, 4.º peq., 412 pag.

«Tenciono escrever as coisas do reino de Portugal, desde o tempo que el-rei D. Sebastião I com uma numerosa armada passou á Africa para fazer guerra aos mouros da Mauritania Tingitana, até que (depois de varios trabalhos) o referido reino em tempo de Philippe II rei de Castella se uniu aos outros de Hespanha.»

Eis o começo d'uma obra bem conhecida em toda a Europa, e da qual existem varias traducções e edições, mas que em Portugal fez levantar altos

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. 11.º, pag. 366.

brados de indignação contra seu auctor, [1] por se julgarem os portuguezes n'ella calumniados por um portuguez, [2] por isso que se accreditou que o tal Franchi Conestagio nada mais era de que um pseudonymo, sendo o verdadeiro nome do auctor D. João da Silva, conde de Portalegre. Realmente passagens como estas, e outras muitas do mesmo calibre não eram muito para lisonjear nossos antepassados:

«As delicias da India, e a abundancia do commercio tendo-os corrompido, não pensaram mais que em gosar do que ganharam, sem pensarem em Deus. Cairam n'uma ociosidade cheia de orgulho e de presumpção. Era impossivel retirar um povo tão corrupto do desregramento em que estava. É a nação a mais orgulhosa do mundo. D. Sebastião educado no meio de mulheres e de frades, sustentado nos prazeres e nas delicias, tinha tão grande paixão pela guerra, como se tivesse nascido e sido educado no meio do exercito.

«Entre todos aquelles preparativos não se via aquella ordem, e aquella intelligencia tão necessaria a todas as coisas da guerra: tudo era embaraço e confusão; nenhuma exactidão nas revistas, nenhuma fidelidade no pagamento, uma extrema abundancia de coisas inuteis, e uma grande carencia do que era mais necessario. Toda a nobresa por um requinte extraordinario vestia-se á hespanhola, não se lhe viam nem armas, nem couraças, nem as provisões necessarias de agua e biscouto para embarcarem. Tudo eram bordados, casquilhismo de estofos magnificos, doces e licores. Sómente se via baixella de prata, tendas forradas com fazendas de seda, e por toda a parte equipagens de principes, ao passo que os soldados morriam á fome.»

Realmente estas expressões parecem d'uma audacia inaudita attendendo aos tempos, em que se escreviam; mas os seguintes trechos deviam encher os portuguezes d'uma colera inexprimivel.

Trata-se da batalha de Alcacer Quibir — «Os portuguezes dispararam sua artilharia com tão pouca ordem e intelligencia, que se tornou quasi inutil; mas á segunda carga dos mouros, mal viam o fogo, deitavam-se immediatamente no chão. Na terceira linha os portuguezes, deitando fóra, as armas punham-se de joelhos diante dos mouros, e lhes pediam a vida. Os mouros preferem os prisioneiros portuguezes aos de todas as outras nações, pois sendo excessiva-

[1] É fama publica que o verdadeiro auctor da referida obra é D. João da Silva, hespanhol, conde de Portalegre, bem acceito ao sobredito Philippe II. O erudito e judicioso D. Francisco Manuel de Mello na sua Epanaphora 2.ª faz da sobredita Historia e do seu auctor em summa o seguinte juizo: Que elle se roubou a si mesmo, mais que a nós. Pois apesar das imposturas com que quiz escurecer a nossa fama, os portuguezes ficaram reputados por gente valerosa no mundo, e elle por auctor fabuloso do tempo.» *Bibliotheca Historica de Portugal*, pag. 337.» Jeronymo de Mendonça diz porém mui positivamente que o auctor era genovez, e occupado na feitoria da alfandega de Lisboa.

[2] Escreveu obras mencionadas por Barbosa, que attribuindo-lhe a qualidade de portuguez por sua mãe, lhe deu por isso logar na *Bibliotheca Lusitana*.» Sr. Innocencio. Dicc. tomo 1.º, pag. 35.

mente effeminados para soffrerem os incommodos do captiveiro, sacrificam facilmente grandes sommas para se resgatarem.

«Moura, foi quem n'esta conjunctura fez progredir mais os interesses de seu amo, mas de todos os meios, que empregou, o dinheiro e as promessas foram os mais efficazes para associar os nobres ao partido de Philippe II.

«O calor do clima, a immundicie da cidade de Lisboa, o mau sustento do povo, que em geral só vive de peixe, o pouco cuidado dos magistrados em separar os empestados dos que não o estavam, seu desleixo em tudo mais contribuiu muito para augmentar a epidemia de 1580.

«A confusão, em que se achava o reino, lançou os frades n'uma extraordinaria relaxação. Nada mais se via que devassidão e escandalo derramado por toda a ordem ecclesiastica.

«A desordem não era menor no governo ecclesiastico, do que no temporal. Todos os religiosos, á excepção dos jesuitas, renunciando á sua profissão, e a seu caracter, do qual nada mais guardavam senão o habito e o nome, passavam uma vida de soldados, todas suas funcções eram uma continua profanação de seu ministerio. Parecia que para elles não havia Deus, e D. Antonio, o prior do Crato, no meio de suas desgraças, continuava sempre uma vida de devassidão. As mulheres mais honestas mal se podiam livrar de suas violencias. Violou até religiosas, entre as quaes a luxuria e o escandalo se tinham introduzido como entre os homens.

*
* *

Vê-se pois que inevitavelmente os portuguezes se deviam julgar escandalisados com estes e varios outros trechos, e por isso Jeronymo de Mendonça publicou em 1607 a sua jornada de Africa, em a qual responde a Jeronymo Franqui: «Vendo o modo com que alguns estrangeiros como Jeronymo Franchi, e frei Antonio de S. Romão, tratam d'ella, accrescentando ás faltas e miserias outras muito maiores, como senão bastaram as que na verdade aconteceram, e que nosso descuido podia acreditar seus erros, vendo os que depois vieram, que ninguem os contradisse, sendo tão manifestos; me pareceu rasão não passar em silencio cousa alguma, porque se saiba em todo o tempo o que aconteceu na verdade, apontando alguns lugares nos quaes se verá claramente aquillo de que estes auctores deviam ter errada informação.

«Assi que está manifesto não poder Jeronymo Franqui escrever dos portuguezes, nem é rasão se lhe dê algum credito, pois não se achou presente em quanto diz: errando o nome aos homens, e muitas vezes e officio, e quasi sempre os successos, além de ser suspeito claramente, tanto que frei Antonio de S. Romão diz que a nação portugueza se póde chamar offendida, e que as obras de Franqui arguem vingança contra os portuguezes, o que devia nascer de algumas paixões particulares.»

Seja como for, o que é certo é que das obras relativas a assumptos portuguezes, a mencionada de Franqui é uma das mais conhecidas na Europa, sendo uma leitura muito amena.

1.ª edição do original italiano. Genova, 1585.

2.ª edição Genova. Appresso Girolamo Bartoli, 1589. Traz uma dedicatoria ao governador da republica de Genova, onde o auctor se defende de varias accusações, que fizeram á sua obra.

3.ª edição, Venetia, 1592. Outra em 1642. Firenza, 1642.

O sr. Innocencio menciona edições de Milão, 1616, e Verona, 1642. Foi traduzido em hespanhol, por Luiz Bavia, Barcelona, 1610, 4.º Em francez, por Th. Nardin, Besançon, 1596, 2.ª edição, 1600, 3.ª 1601, 1613. Nova traducção em 2 vol. Paris, 1680, e reimpresso em 1695. E em latim com o seguinte titulo: *De Portugalliae conjunctione cum regno Castellae historia, ex italico sermone in Latinum conversa.* Francofurti, 1602.

289) CONFUTATIO NUGARUM NONII LEONIS, *Juris Consulti Lusitani, nonnullorumque ejusce farinae interpolatorum, qui lingua, calamoque venales, ex vafris mendaciis, atque scurrilitate quaestum sibi parant, molientes, Portugalliae regnum Philippo Austriaco, Castellae Regi, jure haereditario obvenisse, ignaris priscorum Portugallensium morum in suis Regibus eligendis, inaugurandisque falso persuadere, et Serenissimi Principis Domini Antonii, veri legitimiq; Portugalliae etc. Algarbiorum Regis jus vellicare:*

Excerpta ex incorruptis rerum Portugallensium monimenis, sed ex eruditissimi R. P. F. Joseph Texerae, Ord. Praed. Sacr. Theol. Magistri ad Inquisitores Portugalliae Anticrisi, cujus pars magna Lugduni Galliae anno 1589 *typis mandata fuit.* Ticini, Ad insigne persequentis iniquos et mendaces, anno 1594, 8.º, 123 pag. além d'um longo prefacio não paginado.

Dois fins tem este livro: 1.º Refutar a genealogia dos reis de Portugal, composta por Duarte Nunes de Leão, não deixando passar occasião favoravel para dirigir insultos a este auctor. 2.º Provar que D. Antonio, prior do Crato, é o legitimo rei de Portugal. Que pena, o não possuirmos um trabalho perfeito ácerca da biographia d'este varão, um dos vultos europeus mais notaveis do seu tempo!

290) CONQUISTA DE LA ISLA DE LA TERCERA *y de las demas islas de los Açores que hizo D. Alvaro Bazan, marques de Santa Cruz,* 1583.

«Le-se no fim d'este opusculo: Fecha en la Ciudad de Angra a onze de agosto de mil y quinientos ochenta y tres. M. Cotton no seu Typographical gazetteer infere que este volume foi impresso em Angra. Porém eu creio que é erro, e que esta data se refere ao logar em que a carta foi escripta, e não ao logar da impressão.» F. Compans, pag. 65.

291) CONSTANTINI (EMAN).

E. — *Historia de origine atque vita regum Lusitaniae.* Romae, 1601. (Origem e vida dos reis de Portugal).

292) CONTRERAS (FRANCISCO).

E. — *Nave tragica de la India de Portugal.* Madrid, 1624. T. Compans, pag. 148.

293) COOLEY AND QUEEN.

E. — *Africa. A memoir of the civilization of the tribes inhabiting the highlands near Delagoa Bay.* London, 1833.

294) COPIA DELLA REPLICA *fatta di ordine de S.S. dal nuntio di Spagna al Ré Catholico interno la lega diffensiva e pace con Portogallo.*

Sem data, nem logar de impressão.— C. M. B. I. P.

295) COPIA DI SCRITTURA *informativa concernente le presente vertenze di Portogallo con li P.P. Gesuiti, secondo le notizie trasmesse in Roma di monsignor nunzio alla Segretaria di Stato, o distribuite alle signori Cardinali del Sant'Offizio, unitamente col memoriale presentato da Padre Generale di Jesuiti il die* 31 *Luglio* 1758 *alla Santita di Clemente* VIII.

Sem data, nem logar de impressão.— C. M. B. I. P.

296) COPPOLLA.— Maestro italiano.

Compoz uma opera, intitulada — *Ignez de Castro*, a qual foi representada no anno de 1841, no theatro de S. Carlos em Lisboa; mas o exito não foi prospero, segundo diz a *Revista Universal Lisbonense* a pag. 169 do 1.º volume.

297) COPYE VAN DE RESOLUTIE *van de Heeren Burgemeesters ende Raden tot Amsterdam. Op't stuck vande West-Indische compagnie.* Genomen in August 1649, 8 pag. sem numeração.

298) CORDUSA (P. JULES CESAR).

E. — *Il buon Raciocinio dimostrato in duo scritti, ossia saggi apologetici sul famoso processo e tragico fine del fu P. Gabr. Malagrida.* Venezia, 1782. Ibid. 1784.

299) CORNER (Miss.)

E. — *The histories of Spain and Portugal from the earliest period to the present time, adapted for youth, schools and families by.*— London, 8.º, 176 pag. Com uma estampa na frente representando D. Ignez pedindo a vida ao rei de Portugal.

300) CORNIDE (D. JOSÉ).

E. — I *Estado de Portugal em* 1800. Obra manuscripta, que se conserva na Real Academia de Historia, em Madrid.

II *Descripcion geographica e historica de los pueblos mais notables del reino de Portugal.*

«D. José Cornide demorou-se em Portugal durante os annos de 1794 e 95 encarregado pela Academia Hespanhola, de estudar as antiguidades de Portugal. A maior parte dos seus papeis encontram-se em Madrid; de alguns porém existem copias na Bibliotheca Nacional de Lisboa.» [1]

301) CORONACION DE LA MAGESTAD DEL REY DON FELIPPE III *nuestro señor. Juramento del serenisimo principe de España, su hijo. Celebrado todo en el salon de palacio de la ciudad de Lisboa. Dase quenta de la forma y ceremonia con que se celebran estes solemnes actos, assistindo su magestad y alteza, compañados de los grandes, titulos, señores, prelados y procuradores de las ciudades de aquel reino. Quien tomó el juramento à S. M. y la forma y palabras del* etc. *Sasimismo se dice que dia començaron las Cortes, quien hizo por S. M. la proposicion dellas, donde se hacen al presente, y quantos dias han de durar. Y la grandeza que su magestad hizo con la duqueza de Avero etc.* Sevilla, 1619.

302) CORPORAL KNIGHT.
E. — *Battalion at Oporto with adventures, anecdotes and exploits in Holland at Waterloo, and in the expedition to Portugal.*

303) CORREA (NICOLAS CASTOR DE CAUNEDO SUAREZ Y).
E. — *Arvore genealogica dos Reis de Portugal.*
Publicou-se este trabalho no IV vol. da *Revista Popular.*

304) CORRESPONDENCE *relating to the affairs of Portugal.* London, 1847.

305) CORTADA (JUAN).
E. — *Historia de Portugal desde los tiempos mas remotos hasta* 1839, *escrita por.*— Barcelona, 1844, 8.°

306) COSTANZO (SALVADOR).
E. — *Juicio critico sobre la obra del sr. Alejandro Herculano, titulada «Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal.» Tentativa historica.* Lisboa, 1854 e 1855.

307) COSTE (OLIVIER DE).
E. — *Vita Sanctae Elizabethae Lusitaniae Reginae.* Parisiis, 1625. Aix 1639.

308) COTARELO (JUAN).
E. — *Guia del militar en marcha, ò itinerario general de Espana y Portugal, dividido en distritos militares por el Capitan.* Madrid, 1843.

[1] Hubner. *Noticias Archeologicas*, pag. 7.

309) COSTIGAN (ARTHUR WILLIAM —) Esq. late a captain of the Irish brigade in the service of Spain.

E. — *Sketches of Society and manners in Portugal in a series of letters from — to his brother in London. In two volumes.* London, Printed for F. Vernor, Birchi-lane Cornhill. (Esboço da sociedade e costumes de Portugal).

1.º vol. 8.º gr., 424 pag.

2.º vol. 8.º gr., 424 pag.

A primeira carta de Arthur William Costigan a seu irmão Charles Arthur Costigan é datada de Cadiz do anno de 1778, e n'ella faz sciente a Charles de que deixara o serviço no exercito hespanhol, e que achando-se resolvido a retirar-se da vida publica para a particular na companhia d'este seu irmão na Irlanda, approveita a occasião da sahida d'um barco de pesca de Cadiz para Faro, embarcando n'elle para fugir das horriveis *pousadas* hespanholas.

«A segunda é datada já de Faro. Aqui o auctor resolveu-se a visitar minuciosamente o paiz, para se achar habilitado a asseverar com conhecimento proprio se os portuguezes eram ou não um povo tão despresivel como os hespanhoes lh'o representavam, [1] e para melhor se entender com o povo toma para sua companhia um joven padre, que era um *perfeito mestre, tanto de portuguez como de inglez.* Acha esta cidade agradavelmente situada com lindos campos em volta, empinando-se gradualmente até formar uma alta cordilheira de montanhas. O principal commercio consistia em figos, e outros objectos monopolisados por tres ou quatro casas inglezas alli estabelecidas, as quaes auferiam lucros exorbitantes, comprando aquelles artigos por quantias insignificantes.

«Foi escripta a terceira carta em Mertola. D'esta povoação dirigiu-se para Tavira, onde encontrou ao entrar o povo na rua cantando o Terço, do qual faz a descripção. [2]

N'esta povoação foi que o auctor nos refere ter observado o seguinte caso. Achava-se na companhia de mr. Bagot, e este fallava ácerca da livraria d'um fidalgo de Tavira, o qual passava por ser muito instruido, e por ter uma excellente bibliotheca. Mas examinae sua livraria, dizia mr. Bagot, e se vós encontraes n'ella mais de tres mil volumes, não encontraes todavia tres livros militares, ou algum outro digno de se abrir, á excepção d'uma Biblia em inglez, lingua da qual nada entende.

«Quando mr. Bagot fallou da Biblia, um joven padre que alli se achava, mostrou um grande desejo de a ler, pois, dizia elle, era livro que nunca tinha visto!

«A pag. 73 e seguintes d'este volume [3] tambem se encontra a seguinte anedota, que pinta bem o estado de superstição, em que então nos achavamos:

[1] Vol. 1.º, pag. 13.

[2] Acha-se na 4.ª carta, datada de Beja, pag. 43.

[3] «Consta-nos tambem que o marquez de Pombal fizera encarcerar o juiz por lhe ter mostrado os inconvenientes da fundação de Villa Real de Santo Antonio, no local em que o marquez a fundou.» Pag. 57.

«Vós sabeis muito bem que não se encontra nos paizes catholicos, especialmente na Hespanha, e em Portugal, uma provincia, cidade, freguezia, ou mesmo individuo que não tenha como tutelar seu Santo, ou Anjo, a quem se recommenda a si e a seus negocios. Por conseguinte não ha um regimento n'este paiz, que se não tenha posto ha muito tempo debaixo da protecção d'algum Santo particular, segundo lhe dicta sua devoção, ou affeição; e um d'elles tomou Santo Antonio de Lisboa por seu patrono, ou protector, o qual cedo depois recebeu o posto de capitão do mesmo regimento, e soldo regular d'ahi por diante, o qual, bem como dois vintens pagos regularmente por cada pessoa do mesmo corpo se empregam n'um determinado numero de missas pelas almas d'aquelles, que morrem, em fazer a festa ao Santo, em sustentar os capellães, em enfeitar a capella, e em pagar varios encargos eventuaes debaixo da inspecção d'um official do regimento nomeado para esse fim. Este encargo de superintendente de Santo Antonio foi desempenhado por um major do dito regimento, fidalgo e estupido, por muitos annos com grande zelo e devoção, e nunca depois cessou de importunar a corte com memoriaes e certificados de serviços em favor de Santo Antonio, com o fim de ser promovido ao posto de major adjunto ao regimento. O ultimo ministro ria-se grandemente de taes memoriaes, lançava-os para os papeis velhos declarando que era apenas um outro meio de roubar o rei n'aquelle dinheiro empregado mensalmente em sustentar padres ociosos, procissões e superstições. Porém a rainha D. Maria I e seus ministros tomaram o caso a serio, e promoveram Santo Antonio para animar a superstição.

«Entre os milagres mencionados nos referidos certificados havia os seguintes: Ter restituido á mulher do major um cão de regaço muito estimado, que lhe tinham furtado, e ao qual tinha perdido as esperanças de tornar a ver outra vez, até que seu padre director a aconselhou a importunar Santo Antonio, o que ella apenas fizera por dois dias lhe levaram o cãosinho. Ter salvado tambem um pobre soldado, [1] que o invocou estando a ponto de afogar-se ao passar um profundo rio, atirando-lhe milagrosamente com uma corda. Ter um outro escapado das bexigas agradecendo a Santo Antonio, e isto depois de ter o estertor na garganta, e de ter sido abandonado pelo cirurgião do regimento. Finalmente uma outra certidão assevera que estando um tambor do regimento chamado João Ivo Alegre, na cama com sua mulher, e um filhinho dormindo no meio d'elles, quando se levantou de manhã, encontrou uma grande cobra (a qual se introduzira por debaixo da porta de sua barraca) na cama com estes, mamando no peito de sua mulher, em quanto ella estava profundamente adormecida, com a cauda na bocca do menino, que a estava chupando com muito contentamento. Á vista de tão extraordinaria apparencia o tambor immediatamente invocou Santo Antonio, que lhe inspirou presença de espirito e valor sufficientes para agarrar ao mesmo tempo pela cabeça e rabo da serpente, agora empanturrada com a grande quantidade de leite, que tinha mamado, e pondo cada um de seus pés por cima d'estas par-

[1] Vol. 1.º, pag. 76.

tes, segurou-a para não lhes fazer algum mal, em quanto com sua faca de matto, que estava á cabeceira da cama, cortou a cabeça do animal, e fel-a em bocados, como se para prevenir que lhe causasse mal.

«D'esta fórma o homem, mulher e menino tiveram uma salvação miraculosa!»

O attestado para provar que o caracter de Santo Antonio era o de um homem honrado, e d'um bom soldado era na fórma seguinte:

«D. Hercules Antonio Carlos Luiz Joseph Maria de Albuquerque e Araujo de Magalhães Homem, moço fidalgo de Sua Magestade, cavalleiro da sagrada ordem de S. João de Jerusalem, e da illustrissima ordem militar de Christo, senhor do districto e villas de Moncarapacho e Farragudo, alcaide mór hereditario da cidade de Faro, e major do regimento de infanteria da cidade de Lagos n'este reino do Algarve por S. M. F. a quem Deus guarde por longos annos.

«Attesto e certifico a quantos virem estas presentes, escriptas por minha ordem, e assignadas no fim com meu sello manual, com o grande sello de minhas armas, fechado pela minha dita assignatura, e um pouco á esquerda d'ella, que o Senhor Santo Antonio, por outro nome o grande Santo Antonio de Lisboa (commum e falsamente chamado de Padua) foi alistado, e teve praça n'este regimento sempre desde 24 de janeiro do anno de Nosso Senhor Jesus Christo 1668, como se evidenciará mais particularmente abaixo: attesto mais que os cincoenta e nove inclusos certificados, contando desde o numero 1 até 59, e com a firma de meu nome posta junto de cada nome, conteem e comprehendem uma verdadeira e fiel relação dos milagres e outros serviços eminentes que o referido Santo Antonio tem em épocas differentes feito e praticado n'este regimento pelo motivo de ter praça n'elle, dos quaes, além d'outras muitas incontestaveis evidencias, eu sou confirmado por ter conversado com muitas das pessoas agora vivas, que receberam estes serviços do dito Santo: Pelo que duvidar da veracidade d'estes milagres é um atroz crime contra o Espirito Santo, bem como o duvidar de qualquer dos dogmas de nossa Santa Fé, ou dos milagres do proprio Christo, cujas evidencias não são tão fortes e convincentes, como estas no presente caso diante de nós, e pelas quaes as proprias palavras de nosso bemdito Salvador são cumpridas; quando disse a seus discipulos, que — Depois de mim virá quem hade fazer obras maiores, que aquellas, que eu tenho feito — a qual prophecia claramente diz respeito ao nosso grande Santo Antonio.

«Certifico outro sim por minha palavra de honra, como nobre, como cavalleiro, e christão catholico (como sou pela graça de Deus) o que abaixo se segue: [1]

«Que tendo lido e observado attentamente todos os papeis de notas, livros e registros de nosso regimento, desde o principio de sua instituição, e tendo cuidadosamente copiado dos referidos papeis todas as cousas relativas ao acima mencionado Santo Antonio, é *de vérbo ad verbum* como se segue aqui: por

[1] Vol. 1.º, pag. 82.

cuja veracidade me reporto aos ditos livros e papeis, guardados nos archivos de nosso regimento.

«Que a 24 de janeiro de 1688, por ordem de S. M. D. Pedro II (que Deus tem na gloria) então principe regente do reino de Portugal, dirigida ao vice-rei d'este reino do Algarve, foi Santo Antonio alistado como soldado raso n'este regimento de infanteria de Lagos, logo no principio que se formou por ordem do mesmo principe; e de tal entrada no serviço militar se formou um registro, que agora existe no primeiro volume do livro de registros do regimento, fol. 143 vers. e onde deu por seu fiador a Rainha dos Anjos [1] que se tornou responsavel em como não havia de desertar do seu regimento, mas pelo contrario se conservaria sempre como um bom soldado nas suas bandeiras; e assim o santo continuou a servir e a fazer serviço na qualidade de soldado raso no regimento até 12 de setembro de 1683, no qual dia o mesmo principe regente foi elevado a rei de Portugal, pelo fallecimento de seu irmão D. Affonso VI; e n'esse mesmo dia S. M. promoveu Santo Antonio ao posto de capitão no regimento, por se ter pouco tempo antes posto corajosamente á frente d'um destacamento do regimento, que estava marchando de Jorumenha para a guarnição de Olivença, ambas na provincia do Alemtejo, e poz em fuga um forte corpo de castelhanos, em numero quatro vezes maior que a gente do referido destacamento, o qual corpo tinha sido posto em emboscada contra o destacamento, com a intenção de o levar todo prisioneiro para Badajoz, tendo o inimigo por meio de espiões obtido esclarecimentos a respeito de sua marcha.

«Outro sim certifico que em todos os papeis e registros acima mencionados não existe alguma nota de Santo Antonio, de mau comportamento ou irregularidade praticada por elle; nem de ter sido em tempo algum açoutado, preso, ou de qualquer modo punido durante o tempo, que serviu como soldado raso no regimento: Que durante todo o tempo, em que tem sido capitão, vae quasi para cem annos, constantemente cumprio seu dever com o maior prazer á frente de sua companhia, em todas as occasiões, em paz e em guerra, e tal que tem sido visto por seus soldados vezes sem numero, como elles todos estão promptos para testemunhar: e em tudo o mais tem-se comportado sempre como fidalgo e official: e por todos estes motivos acima referidos considero-o muito digno e merecedor do posto de major aggregado ao nosso regimento, e de quaesquer outras honras, graças ou favores que approuver a S. M. conferir-lhe. Em testemunho do que assignei meu nome, hoje 25 de março do anno de N. S. J. C. 1777.

MAGALHAENS HOMEM.

O livro das viagens de Costingan é sempre interessante, e ignoro o motivo porque o não vejo citado pelos escriptores, que narram os feitos do reinado

[1] Cada districto é obrigado a fornecer um certo numero de recrutas, os quaes devem ser filhos de mercadores, negociantes, campouezes, lavradores, etc., habitantes do districto; e o pae, irmão, algum parente, ou outra pessoa idonea fica responsavel pelo bom comportamento de cada recruta, e se o recruta desertar, é obrigado a apresentar outra, pela qual tambem fica responsavel. É o motivo porque Santo Antonio dá aqui por seu fiador a Virgem Maria.» Vol. 1.º, pag. 83

de D. Joseph e D. Maria I. Os livros de viagens escriptos por estrangeiros teem muita cousa approveitavel para a historia.

A 5.ª carta é ainda escripta em Beja, a 6.ª em Evora, a 7.ª em Villa Viçosa, e a 8.ª em Jorumenha, e n'esta ultima, conta como encontrou em Evora um padre irlandez, que lhe deu minuciosas informações ácerca do estado do paiz, e do reinado de D. João V. A respeito d'este rei disse o irlandez (que era homem instruido) o seguinte:

«D. João V [1] gastou seu tempo na companhia ou de padres ou de mulheres, elevou a egreja de Lisboa a patriarchal, deixou reduzir seu exercito a nada, animou a superstição, a inquisição, e a nobreza. Na velhice para se tornar mais proprio para a companhia de mulheres, fazia uso de cantharidas, cujos effeitos o debilitaram a ponto que o puzeram n'uma continua desordem; e, depois de ter vivido como um sultão no goso de seu favorito prazer, teve não só tempo, mas tambem todos os meios de conversão, e de reconciliação com o céo, o qual padres velhacos e lisongeiros lhe podiam conceder para morrer como santo: de sorte que seus vassallos diziam d'elle—Viveu, como quiz, e morreu, como quiz.

«A administração d'este paiz durante o ultimo reinado foi marcada por feições muito differentes: um ministro resoluto e atropellador do direito, centralisou em si todos os canaes de poder e auctoridade: um rei fraco e pusillanime, tendo-se tornado desconfiado por causa da deslealdade de sua propria nobreza, lançou-se inteiramente nos braços de seu ministro, como sendo a unica pessoa, na qual podia confiar, e o ministro conscio de que era odiado ou despresado pela nobreza, não perdeu nenhuma opportunidade, que a loucura ou imprudencia d'ella lhe conferia para curvar sua insolencia, e abater seu poderio. Uma questão pessoal, que o ministro tivera com um jesuita, o confessor do rei, no principio de sua administração, addicionada a outras causas preexistentes, tornaram-n'o séria e cordealmente resolvido a dispor de todo o maquinismo para trabalhar para destruição dos jesuitas, o que finalmente conseguiu. O terremoto de 1755 serviu apenas para confirmar sua auctoridade, e tornal-a mais absoluta, e foi então que se tornou dictador perpetuo. A guerra contra Hespanha, que se seguiu alguns annos depois, com a introducção de tropas estrangeiras no reino, e d'um numero de officiaes estrangeiros nos regimentos nacionaes, habilitou-o a pôr seu pé effectivamente em cima do pescoço do clero, de sorte que desde aquelle tempo até ao fim de sua administração, nunca o clero ousou levantar a cabeça. Fez muito bem, e egualmente muito mal, derivando-se tudo antes de motivos pessoaes, e de interesse proprio, do que de alguma consideração pelo bem de seu paiz. Diminuiu o numero das casas religiosas, e desanimou ou supprimiu o furor de se enterrarem na vida monastica. Arruinou ou empobreceu a parte mercantil de seus subditos, lançando o commercio (ao qual affectou animar muito) nas mãos de companhias exclusivas, compostas de alguns individuos favoritos, que foram os

[1] Vol. 1.º, pag. 137.

unicos a lucrar, em quanto o grande corpo d'aquelles, cuja subsistencia dependia do commercio, ficaram pobres.

«Depois da guerra, poderia ter formado um exercito completo, e menos mal armado, que effectivamente incutiria desconfiança, em todas as forças de terra, que a Hespanha podesse trazer contra elle, e para fazer isto tinha a cooperação d'um general muito habil, bem conhecido na Europa pela sua capacidade, e pela de alguns generaes experimentados: mas em vez de assim praticar, despresou o exercito, e julgou-o excessivamente dispendioso. Comportou-se para com o conde de Lippe da maneira mais velhaca e desagradavel, e tratou a maior parte dos officiaes estrangeiros com insolencia ou despreso, de sorte que seus melhores amigos consideravam seu procedimento a este respeito como um paradoxo; e ficavam perplexos, quando se tratava de o desculparem do seu desprezo para com o exercito, que fôra o melhor dos meios para consolidar sua auctoridade, e seria seu unico recurso, se aquella auctoridade n'algum tempo houvesse mister de defesa.

«O ultimo acto de seu governo, e quando o rei seu amo estava já no leito da morte, foi casar o herdeiro presumptivo da coroa, rapaz de dezeseis annos de edade com sua propria tia, mulher de trinta e um annos feitos, e foi este acto uma digna conclusão de sua tempestuosa administração.

«A morte de D. José I foi o signal da desgraça de seu ministro, e verdades e mentiras industriosamente se espalharam contra elle por um numero superior a oito centas pessoaes de todas as jerarchias, as quaes elle tinha conservado nas prisões, e que agora soltas augmentavam e inflammavam o popular rugido de clamor e insultos, que o accompanharam ao seu degredo, para o qual se retirou com toda a magnanimidade d'um antigo atheniense, exilado pelo ostracismo.

«Foi substituido, como é usual em casos taes, por um de seus maiores antagonistas, que durante a precedente administração fôra obrigado a conservar-se muito quieto, e a pôr em acção toda a vil astucia, de que era dotado para o deixarem viver em paz: pois é geralmente reconhecido que possue todas as más qualidades do antecessor no governo, e isto talvez em mais eminente grau, ao passo que juizes imparciaes, e os menos affeiçoados ao scepticismo duvidam que seja herdeiro d'alguma das virtudes de seu predecessor.

«Segundo uma observação commum o tempo e governo presentes são sagrados, e ninguem por isso se deve involver com elles. O confessor da rainha intromette-se excessivamente nos negocios temporaes: o confessor do rei escreve ensaios, que o expõem ao ridiculo publico: a rainha permittiu que a inquisição reasumisse sua auctoridade abdicada por muito tempo; e esta circumstancia fará com que a Europa em peso exclame —Vergonha sobre uma tal rainha e um tal governo. [1]

«Chegámos a Elvas: [2] ao approximar-nos da porta uma sentinella pergun-

[1] Vol. 1.º, pag. 144.

[2] Carta IX datada de Castello Branco, pag. 154. Lord Ficeman andava actualmente viajando na companhia de Costingan.

tuo em alta voz quem eramos, e que queriamos? Respondemos que vinhamos de Estremoz, e traziamos cartas para s. ex.ª o governador. A sentinella então appresentou-nos ao official commandante da guarda, e este nos mandou com um soldado, armado segurando no freio dos dois cavallos, á presença do governador: n'esta situação nos conservámos á sua porta na rua. Depois de s. ex.ª acabar de ouvir missa, mandou-nos admittir á sua presença, e lord Freeman appresentou-lhe uma carta que para elle trazia. Depois de ler, disse-nos o governador que elle era muito feliz por ter a honra de nos conhecer, que sua casa, o regimento de seu commando, os fortes adjacentes de Santa Luiza e de Lippe, até mesmo toda a provincia do Alemtejo estavam ás nossas ordens para dispormos d'elles como julgassemos conveniente: que nos pedia o obsequio da nossa companhia ao jantar, que era á uma hora em ponto.

Chegamos a tempo, e servio-se o jantar. A esposa do governador era a unica senhora que estava á mesa. O governador tomou seu logar á direita da mulher, pedindo a Mr. de Valeré que se sentasse á esquerda. Lord Freeman sentou-se em seguida a Valere, e um homem prodigiosamente gordo, com o fardamento de official, e a cruz de Malta ao peito, sentou-se em seguida ao governador. Seu nome era D. João, e a companhia dava-lhe o tratamento de excellencia. Não disse uma palavra durante todo o tempo do jantar, mas comia e bebia mui regaladamente, e apparentemente com grande prazer, e ria com descomedimento, quando o governador e sua mulher diziam por acaso alguma coisa que estes desejavam que fosse tomada por engraçada. Em occasiões taes seus olhos desappareciam completamente, e sua proeminente barriga augmentava de volume, e era affectada de movimentos fortes e convulsivos. O resto da companhia, que era numerosa, occupava seus logares segundo suas jerarchias: o cavalleiro trinchante na extremidade da mesa servia os convidados em roda, os quaes estavam quietos e cerimoniosos: recorria se á ajuda do copo animador para alegrar os hospedes, mas parecia que a agua, da qual tomavam grandes golos, produzia o mesmo effeito: s. ex.ª D. João em particular despejou tres copos de quartilho, cheios do chrystalino licor, cada um n'um trago, o que fazia arripiar lord Freeman. Por fim o governador mandou vir um copo de vinho, no qual deitou coisa d'um dedal d'este liquido, e bebeu á nossa saude. Nós approveitámo-nos do ensejo, bem como mr. de Valeré, para correspondermos ao cumprimento, mas tinhamos nossos copos mais bem cheios, e repetimos isto duas vezes ainda á saude da senhora e de D. João. Um dos padres, que parecia ser divertido, pedia vinho repetidas vezes, pelo que a senhora entrou a motejal-o dizendo-lhe que parecia beber como um *almocreve ou um inglez*. Então o governador pedindo uma outra gota de vinho, bebeu á saude do rei de Inglaterra, chegando o copo aos beiços, mas de nenhuma vez bebeu o vinho. O padre bebeu de novo, conversava, e dentro em pouco se tornou o mais folgasão da companhia; a senhora sorria-se, e D. João continuava a dar gargalhadas com todas as suas forças. Apenas acabou o jantar abriu-se uma porta, que estava fechada por detraz da senhora, e a companhia passou para a sala contigua, onde a sobremesa, consistindo de doces e fructas, estava posta n'uma mesa mais pequena; os convidados tomaram seus as-

sentos, e não estavam apertados, pois mais de metade d'elles se tinham retirado.[1]

«O luxo principal dos jantares portuguezes consiste na sobremesa. Cada um dos convidados toma uma, ou mais colheres de sopa cheias de doce liquido, e quanto mais está carregado de assucar, tanto mais é reputado por saboroso. Um criado está em pé atraz de cada cadeira com um largo copo de quartilho, cheio de agua muito fria, a qual bebem logo em seguida aos doces. Seus epicuristas, ou requintados no prazer da comida (taes como D. João) bebiam a agua muito vagarosamente, com o fim de prolongarem a deliciosa sensação, que a agua fria causa no paladar, quando misturada com a doçura, da qual n'esse mesmo instante acaba de ser tão fortemente impressionado, e asseveram que a agua n'essa occasião excede muito o sabor do mais delicioso vinho, que se possa beber. É verdade que os bebedores de agua na Hespanha e em Portugal, principalmente entre as classes mais elevadas, distinguem com maravilhosa exacção todas as graduações de differença entre as respectivas aguas, das quaes provam, o que seria totalmente imperceptivel para nós por termos o nosso sentido do gosto comparativamente grosseiro e embotado pelo frequente uso de vinho e d'outros licores embriagantes.

«Os convidados, depois de terem comido de differentes fructas, beberam um calix de vinho da Madeira, o qual estava em cima da mesa em garrafinhas de meio quartilho, com copinhos dourados nas cercaduras. Nós porém não bebemos d'este vinho por ser excessivamente adocicado a ponto de enfastiar. Depois de muita conversa sobre ninharias, appareceu o café, e lord Freeman approveitou-se da occasião para pedir ao governador licença para visitar o forte de Lippe. Valeré[2] puchou-lhe pela manga (mas já muito tarde) para evitar ouvir uma recusa. O governador immediatamente reportou-se ao proprio Valeré para servir de testemunha das ordens positivas, que elles tinham da corte, de se não deixar ver a pessoa nenhuma, fosse quem fosse, á excepção dos officiaes, que estavam em serviço. O governador exprimiu seu muito pezar por lhe não ser possivel condescender com os nossos desejos; porém que podiamos visitar toda a guarnição e forte de Santa Luzia na companhia de Valeré.

«Mr. de Valeré offereceu se para nos appresentar ás freiras de Santa Clara, o que aqui se considera como um cumprimento; mas lord Freeman não acceitou, annuindo todavia a accompanhal-o á noite ao palacio do bispo, onde ha uma sorte de assembléa, e onde podiamos jogar uma partida de whist. Mas dizei-me, perguntou lord Freeman a Valeré, quem era aquelle official monstruosamente gordo, que estava sentado ao jantar junto do governador? Uma besta, respondeu este, um animal, um verdadeiro emblema e epitome da fidalguia portugueza. Mas não penseis que é a materia que pense, ou, se aquelle possue o dom de pensar, não o emprega mais que no comer, no beber, e em procurar rapazes..... É um de quatro irmãos d'uma antiga familia. É o mais velho d'elles, e casou com uma filha do ultimo ministro, ao qual odiava

[1] Vol. 1.º, pag. 139.

[2] V. este nome no seu logar competente.

e despresava; mas deram-se occurrencias taes, que fazendo uso de sua rasão pela unica vez na sua vida, descubriu que era melhor estar preso pelo casamento, que por quatro fortes muros de pedra. Estes irmãos, cujo nome de familia, é Vilhena, hão de vos beber qualquer porção de vinho com os inglezes, ou de agua com seus compatriotas sem sentirem o mais leve incommodo com qualquer d'estas bebidas. Durante a campanha de 1762, e mesmo por alguns annos depois, quando ainda havia muitos officiaes inglezes n'este serviço, faziam repetidos ataques sobre estes irmãos, com o fim de beberem vinho, punch, ou qualquer outra bebida forte, mas eram constantemente derrotados, postos fóra de campo, ao passo que os irmãos ficavam triumphantes. N'elles ha realmente verdadeira vida animal, sem percepção, ou instrucção de qualquer especie, corpos sem almas; comer, beber e dormir é a principal occupação da familia dos Vilhenas. Todavia seria bem para desejar que todos os irmãos nobres fossem tão innocentes e inoffensivos como estes. O fidalgo, que vos vistes, é o irmão mais novo, é coronel do regimento de cavallaria d'esta guarnição; mas ha cinco ou seis annos, que não monta a cavallo, por não ter sido possivel encontrar um capaz de resistir ao seu peso: de fórma que supponho que depois de engordar um pouco mais, ha de ser nomeado, como seus irmãos o foram successivamente, quando inhabilitados para qualquer outra occupação, governadores nominaes de algum velho castello ou forte, para lhes darem o privilegio de usarem d'um colete encarnado com um grande laçarote por cima d'elle, e de se menearem até á corte aos dias santos para beijarem a mão de sua magestade.

«Lord Freeman perguntou então porque um tão grande numero dos convidados se tinham retirado depois do jantar sem terem participado da sobre mesa. A isto respondeu mr. de Valeré que havia um livro intitulado o *Perfeito capitão portuguez*, approvado pelo santo officio, e por muitos frades de differentes ordens, o qual nada continha relativamente aos deveres militares dos officiaes, mas que era o espelho da polidez e decoro, o qual ensinava o numero de pregas, que devia haver na camisa, como se havia de encrespar o rabicho, a largura do laço sobre o colete, como se devia curvar e ajoelhar ao entrar n'uma sala, a natureza dos sacramentos, e como se deviam receber, e entre outras muitas coisas, que todos os officiaes se deviam retirar, acabado o jantar, e quando o general ia comer a sobremesa. [1]

«Lord Freeman perguntou ainda qual a causa d'uma tão humilhante distincção para com os subalternos do exercito? A isto respondeu Valeré que a causa provinha de serem em geral os criados dos fidalgos, os que eram nomeados para officiaes dos regimentos.»

Acaba n'este logar a carta 9.ª, e a 10.ª datada tambem de Castello Branco começa por estas palavras: «Que delicioso paiz se poderia fazer d'aqui dentro em pouco, se estivesse nas mãos dos inglezes, francezes ou irlandezes, em vez de estar nas d'uns taes porcalhões! e logo continua a narração da fórma seguinte:

[1] Vol. 1.º, pag. 167.

«Em nossos passeios matutinos por aqui aconteceu-nos passar pelo convento dos frades capuchos: com effeito nossa attenção foi para alli chamada pelos guinchos de mulheres, os quaes ouviamos ao passar junto da porta da egreja. Ao entrar vimos dois dos frades revestidos de sobrepelizes e estolas em pé diante do altar mór lendo os exorcismos contra os endemoninhados. Diante d'elles jaziam sobre o chão tres mulheres. Duas d'estas uivavam piedosamente, e a outra estava guinchando e puchando pelo cabello, fazendo as mais estranhas contorsões com suas feições. Pela minha parte tenho visto e ouvido tantas cousas a respeito d'aquellas miseraveis velhacadas, que me retirei, e lord Freeman observou que na sua opinião aquelles frades eram bem proprios para exorcismar as mulheres. Depois disseram-me que aquelles dois eram no convento os unicos peritos nos exorcismos.

«Á noite fomos para casa do bispo. Pelo caminho nos foi dizendo Mr. de Valeré que este bispo certamente nos obsequiaria muito, mas emquanto ao caracter era o padre mais intrigante e malvado, que tinha conhecido. Sua occupação era propagar accusações e informações falsas pela guarnição contra o governador que se nomeasse; que se indispozera com um governador inglez para alli nomeado durante a guerra, debaixo do piedoso pretexto que uma pessoa do bello sexo viera de Lisboa para o visitar, o que escandalizou a pretendida severidade do bispo, ao passo que elle mesmo bispo mantinha em casa um par de amantes debaixo da denominação de sobrinhas, com as quaes nós provavelmente iamos jogar as cartas n'aquella noite.

«Dirigimo-nos pois para o palacio. Algum tempo depois appareceu o bispo precedido por tres jovens ecclesiasticos, e acompanhado das duas sobrinhas. Fomos apresentados e recebidos com grande cordialidade. Depois de muito ceremonial e tempo, salvas de bolos e copos d'agua foram offerecidos á sociedade, e em seguida veio chá e café. Pozeram-se depois as banquinhas para o jogo de cartas. O bispo pediu a lord Freeman que jogasse uma partida composta do governador e de sua sobrinha mais nova. Ao tirar parceiros, a sobrinha coube a lord Freeman, com o que a menina pareceu muito satisfeita. Lord Freeman julgou ser tempo de corresponder a alguns delicados toques, que tinha sentido repetidamente nos dedos dos pés, durante o jogo: porém não se aventurou a fazer o mais leve movimento até se certificar de que as pisadellas provinham da menina, e não casualmente de algum dos parceiros da direita ou esquerda. Porém, quando começou a segunda partida, viu os pés da menina muito bem estendidos para o seu, e não lhe restou a este respeito a mais pequena duvida, e então começou o jogo tanto em cima como debaixo da mesa. O mesmo me succedeu na mesa, em que eu jogava.

«Era tempo de nos retirarmos. O bispo parecia muito satisfeito, e as meninas mostravam-se muito felizes.»

As tres cartas seguintes, escriptas todas em Castello Branco, conteem a biographia de Mr. Valeré, biographia que realmente mais parece um romance, ou conto da carochinha, que vida de um militar[1]. Porém a carta 14.ª é já data-

[1] Isto é confirmado pela obra *Elogio de Mr. de Valeré*, publicada em Paris por sua filha.

da do Porto. Esta-occupa-se da biographia de alguns officiaes inglezes n'aquelle tempo ao serviço de Portugal, e de pouco mais. Nas cartas seguintes narram-se factos tão aviltantes praticados por portuguezes, que realmente, se nossos avós no fim do seculo passado eram taes como nol-os descreve Costingan, tinha Byron rasão quando disse:

> Poor, paltry slaves! yet born! midst noblest scene
> Why, Nature, waste thy wonders on such men! [1]

No emtanto as viagens de Costingan fazem-nos lembrar as Chronicas monasticas: n'estas todos os frades eram santos, apesar de serem de carne e osso como quaesquer outros peccadores; n'aquellas todos os officiaes inglezes são excellentes, e todos os portuguezes vis e miseraveis!

«Os frades em vez de reprimirem o progresso do vicio nas familias [2], nas quaes eram recebidos, ou com as quaes estavam relacionados, servem de principaes alcoviteiros do grande vicio da nação: de sorte que por meio d'elles o incesto e o adulterio eram quasi universaes, e toda a sua habilidade consistia em conservar as mais rigidas apparencias exteriores de decoro; de fórma que debaixo d'este elles revelavam cada especie de desordem, a que aquella paixão livre de qualquer constrangimento póde levar; e de todas as enormidades, de que os penitentes se accusavam, o peccado da carne era aquelle que encontrava mais prompta e mais ampla indulgencia, da cadeira da penitencia; e por isso mui provavelmente se originou d'aqui um proverbio que diz: «Se Deus castigar a luxuria, pode ficar só no céo.»

Poremos ponto aos extractos das viagens de Costingan com o seguinte caso, o qual mostra como a inquisição ainda era formidavel no tempo de D. Maria I. [3]

«Sou natural da provincia de Entre-Douro e Minho. Meu pae possuia bellas fazendas na margem do Lima, a duas leguas de distancia de Vianna, que é perto do mar. Por ser herdeiro de seus bens, tive uma educação acommodada á vida de fidalgo de provincia; ia frequentemente á cidade do Porto, onde tinha algumas relações, e conhecia muitos dos feitores e negociantes inglezes d'alli, a um dos quaes meu pae vendia annualmente de cem a cento e cincoenta pipas de vinho. Meu pae tambem semeava uma consideravel porção de trigo e de milho, a qual vendia vantajosamente em Lisboa; de sorte que nós tinhamos uma boa carroagem, onde a minha familia costumava ir a Vianna assistir ás funcções. Ha n'aquella cidade um convento de frades capuchos, do qual minha familia é padroeira. Meu pae tinha sido sempre muito liberal para com estes frades, e um d'elles geralmente dizia missa em minha casa aos domingos e dias santos.

»Eu vivia muito satisfeito, mas aconteceu que n'uma manhã muito cedo navegando nós pelo rio abaixo, dentro do nosso pequeno barco, para irmos a

[1] Childe Hareld's Pilgrimage. Cant. 1—28.
[2] Vol. 2.º, pag. 68
[3] Vol. 2.º, pag. 178.

uns navios que estavamos carregando de cereaes para Lisboa, ao passarmos pelo castello, que está na barra de Vianna, vimos a porta, que deita para o mar, aberta, e alguns homens tirando fazendas de dentro de um barco, e levando-as para dentro do castello: esta circumstancia maravilhou-nos por sabermos que aquella porta estivera tapada com pedra e cal por muitos annos, e que ainda assim estava, havia poucos dias; todavia, como isso nos não importava, continuámos o nosso caminho.

«Algum tempo depois o intendente geral das alfandegas veiu á nossa provincia para devassar se alguem tinha transgredido as leis e ordenações, passando fazendas por contrabando; meu pae foi citado para comparecer em Vianna perante elle, e alli, depois de ter jurado aos santos evangelhos de responder com verdade ás perguntas que lhe fossem feitas, foi interrogado se em tal manhã tinha visto aberta a porta do castello, que deita para o mar, e um barco diante d'elle descarregando fazendas? Ao que obrigado em consciencia respondeu affirmativamente; porém como não estava obrigado ao segredo, foi immediatamente procurar o commandante do castello, fidalgo, e seu amigo intimo, para o informar do que se passava. Este abraçou-o cordialmente, como de costume, agradeceu-lhe sua participação, e disse que este caso de nenhum modo tinha relação com elle, e que meu pae obrára como devia, depondo a real verdade do que tinha observado.

«Coisa de dois mezes depois mandaram-nos dizer de Vianna que o dito commandante do castello tinha sido expulso do exercito pelo crime de contrabando; e tambem nos informaram de que isto proviera principalmente do depoimento de meu pae contra elle.

«A esta noticia, meu pae, que estava então em casa doente da garganta, mandou-me a Vianna para lhe dar os sentimentos pela sua infelicidade, e assegurar-lhe quanto estava mortificado por essa causa. O major respondeu: Que nenhuma censura fazia a meu pae, que era um juizo de Deus contra elle mesmo, por seus peccados, do qual faria o conveniente uso, segundo esperava como bom catholico.

«Era o dia 12 de dezembro seguinte (dia que nunca me ha de esquecer) um pouco antes da meia noite, quando toda a nossa familia estava deitada, e a maior parte acordada, pensei ouvir um forte e desusado sussurro e barulho da parte de fóra. Corri á janella, e vi que a nossa casa estava cercada por uma companhia de soldados armados. Estava para perguntar que queriam alli, quando fui prevenido por uma bulha como de trovão á porta principal. Mandei fóra saber o que queriam? Em resposta mandaram-me immediatamente abrir a porta da parte d'el-rei, e do santo officio. Obedeci sem demora, sabendo perfeitamente que não havia outro remedio, e alli passeiava na primeira fileira dos mosqueteiros seguidos por Constantino Rodrigues Calvo Mendragão, um velho commissario da inquisição, a quem eu tinha conhecido em Braga, com seu notario e alcaides ecclesiasticos. Disse ter vindo por ordem do santo officio de Coimbra para levarem preso meu pae para alli, para responder aos artigos de accusação que tinham recebido contra elle, e que se apromptasse para ir n'uma liteira, que estava prompta á porta para o transportar.

Não podia haver resistencia. Toda a familia rompeu em choros e prantos; os proprios soldados estavam compadecidos, todos, á excepção do endurecido velho padre, bem costumado a taes scenas.

«Por fim meu pae foi mettido na liteira, e eu pedi para o acompanhar, mas fui grosseiramente repellido. Muitos dos soldados o seguiram, e sómente um guarda foi posto em nossa casa, a respeito da qual o notario, que tambem ficou, me notificou que estava confiscada para o santo officio, com todas as terras, moveis e immoveis: e que tinha ordem de fazer um exacto inventario de todas as coisas, e intimou nossa familia para se retirar no dia seguinte.

«Era por este mesmo tempo que um fidalgo de Barcellos estava para casar com minha irmã. Escrevi-lhe participando-lhe o que se passava, e elle poz-se a caminho apenas recebeu o recado. Chegou, mas minha irmã impressionada com a prisão do pae, tinha adoecido, e morreu no mesmo dia em que estava para casar.

«Não tendo onde residir, fomos para Vianna com o fim de alugarmos uma casa, mas nem uma pessoa n'aquella terra nol-a quiz ceder, sendo unanimes em nos terem por abominaveis, visto ter sido indispensavel o santo officio apoderar-se da pessoa de meu pae. Foi então um inglez meu amigo o unico que nos soccorreu, levando-nos para o Porto.

«Com dinheiro emprestado pelo inglez dirigi-me a Lisboa ver se podia fazer soltar meu pae: mas dinheiro, um anno inteiro e todas as minhas diligencias foram baldadas, até que passados oito annos, recebi uma carta do filho do referido major de Vianna informando-me que seu pae, em perigo de vida, muito anciosamente pedia para me vêr antes da morte. Para alli me dirigi, onde o encontrei tendo já recebido todos os Sacramentos, e indo-se começar missas por sua alma, e estando os frades de S. Domingos a ajudal-o a morrer. Á minha vista declarou que tinha subornado falsas testemunhas para irem denunciar á inquisição meu pae de ter batido e cuspido n'uma cruz, que estava n'um caminho, com o fim de se vingar de ter perdido seu emprego por causa de seu depoimento, de ter elle major passado contrabando; mas que agora declarava publicamente que elle estava innocente, e pedia perdão a Deus e a todos bons catholicos, que alli se achavam presentes. Ditas estas palavras, expirou. Eu tive cuidado de mandar lavrar uma certidão de quanto se passou alli, e de a fazer assignar por quantos se achavam presentes, para com ella requerer a soltura de meu pae. No emtanto era isto exactamente na occasião da morte do rei D. José, e nos principios do reinado seguinte nada mais havia que desordem e confusão. Promettia-se-me todavia depois de muitas instancias que meu pae seria solto pela occasião do primeiro auto de fé.

«Passado coisa de anno e meio celebrou-se o auto de fé. Fui dos primeiros a dirigir-me para a grande sala da inquisição. Appareceram muitas pessoas de differentes trajos: alguns até eram militares, e seus differentes crimes e sentenças foram lidas pelo secretario do tribunal. A sala estava prodigiosamente cheia,[1] e não era possivel mecher-me no meu logar; porém alongava

[1] Costingan. *Sketches of Society and Manners*, vol. 2, pag. 203.

meus olhos para descobrir, se fosse possivel, a face de meu pae entre os outros presos, o que era realmente muito difficil por causa dos horriveis vestuarios que elles traziam, com as cabeças rapadas, ou com o cabello cortado á escovinha, e as horrendas carapuças nas cabeças. Todos os presos foram por suas sentenças condemnados a soffrerem uma ou outra sorte de castigo, exceptuando unicamente meu pae, cujo nome o secretario pronunciou por fim, e mencionou os motivos pelos quaes fôra preso, por denuncias falsas, mas ordenava-se que sua honra fosse reintegrada e restaurada, e posto outra vez em posse de seus bens, dos quaes o santo officio tomára apenas administração.

«Apenas os presos foram removidos, eu dirigi-me ao secretario dizendo-lhe ser o unico filho da pessoa ultimamente mencionada na lista do auto de fé, e pedia-lhe que dissesse se estava já fóra da prisão, e onde o poderia encontrar? O secretario entregou-me então com a maior indifferença um papel dizendo-me que o levasse. Santo Deus! Porque sobrevivi eu um instante depois d'aquella terrivel leitura! Este papel era uma certidão assignada pelo proprio inquisidor geral certificando que meu pobre e innocente pae tinha morrido de rheumatico, havia tres annos, nos carceres da inquisição, pedindo ardentemente a Deus que perdoasse a seus inimigos. Passados alguns dias depois d'esta noticia, logo que meu estado de saude o permittiu, transmitti a nova do fallecimento de meu pae a minha mãe, a qual depois de a ouvir deu um alto grito e morreu.

«Tratou depois o filho de haver a restituição de seus bens em virtude da sentença dada pela inquisição; mas os memoriaes apresentados ao inquisidor geral eram por elle enviados ao secretario d'estado, e este mandava-os outra vez para o inquisidor, e n'estas voltas se passaram annos.»

Eis por extracto a traducção d'algumas das passagens mais notaveis da obra attribuida a Costingan. Mas será verdade quanto nos refere? Para apurarmos alguma coisa a este respeito temos um auxiliar. Costingan no primeiro volume traz uma biographia (não muito crivel) de Valeré: ora a filha d'este general francez mandou publicar tambem o elogio-historico de seu pae; vejamos pois se estão de accordo.

Mas eis o que nos diz a biographia de Valleré: «Na Bibliotheca Britannica, tomo 6.º pag. 213 e 327, vem insertos os extractos de algumas das cartas sobre a sociedade e os costumes em Portugal por Arthur William Costingan, e impressas em Londres depois de passados dez annos. Os francezes, que teem feito da litteratura um ramo de commercio, e que por isso se não teem descuidado de traduzir tudo quanto tem apparecido mau e bom sobre Portugal e Hespanha, não as traduziram até agora,[1] o que prova a pouca estimação que ellas merecem. Ninguem hoje ignora que o brigadeiro F. é o verdadeiro auctor das sobreditas cartas, o qual pelo seu mau caracter moral, e opiniões religiosas foi constrangido a largar o commando do regimento de artilheria do Minho, e a sahir de Portugal no primeiro anno do reinado de S. M. que D. G.

[1] O elogio de Valeré, 2.ª edição, foi impresso em Paris em 1808.

«Este homem, para exhalar o veneno, que lhe roia o coração contra o governo e a nação portugueza, dos quaes se considerava offendido, serviu-se de um nome supposto para merecer mais crença, e soltar livremente as redeas á sua maledicencia, escrevendo um amontoado de calumnias e vituperios contra a nação em geral, e em particular contra aquelles, que tiveram a desgraça de serem d'elle conhecidos.

«Finge pois dois inglezes de distincção viajando em Portugal, e nas conversações, que os faz ter com diversas pessoas, não hesita um só momento em comprometter nomes respeitaveis, com tanto que satisfaça a sua raiva e o desejo insaciavel que tem de dizer mal, tendo a baixesa e infamia de attribuir ás pessoas, com quem suppõe fallar, o que sómente escreveu a sua penna, suggerido pelá sua imaginação. Uma d'estas foi meu pae, e por esta rasão me propuz mostrar a falsidade de tudo o que elle disser.

«Lembro-me muito bem do brigadeiro F... ter estado em Elvas, e ser ahi hospedado por meu pae, que o recebeu com aquella affabilidade e franquesa, que lhes eram naturaes, e com que recebia todas as pessoas; duvido porém muito que elle lhe contasse alguns dos successos da sua vida, e se o fez, o brigadeiro os alterou de maneira que posso affirmar não haver uma só verdade em toda a sua narração!!«

Vê-se, pois, que o livro publicado debaixo do pseudonymo de Costingan não merece grande confiança: os insultos dirigidos aos portuguezes não podem ser maiores... no emtanto creio que alli ha tambem muitas verdades; os viajantes contemporaneos, e os factos historicos são concordes com muitas das asserções do Esboço da sociedade e costumes de Portugal.

Marianne de Baillie diz-nos na sua descripção de Lisboa (tomo 2.º pag. 2) que a obra attribuida a Costingan fôra tão mal recebida em Portugal, que se arriscava a ser punido pela inquisição quem a tivesse em sua casa.

É porém engano dizer que esta obra não foi vertida em francez: pelo menos o primeiro volume foi traduzido n'este idioma com o seguinte titulo: — Arthur William Costigan — *Lettres sur le gouvernement, les mœurs et les usages en Portugal.* Paris, 1810.

310) COUCHE (FRANÇOIS.)

E. — *Relations veritabiles et curieuses de l'ile de Madagascar et du Brasil,* etc. Paris, 1651.

311) COUSTOS.

E. — *Sufferings for Freemasonry etc. in the Inquisition at Lisbon.* London, 1746.—(Soffrimentos de um pedreiro livre).

312) CROKER (R.)

E.— *Travels trough Spain ad Portugal.* 1799.

213) CROSSE (H.)

E.—*Faunula malacologique terrestre de l'ile Saint-Thome par* —. (No *Journal de Conchyliologie*, vol. 8.º, 1868, pag. 125).

É uma lista de 9 especies determinadas por este habil conchyliologista á vista de exemplares authenticos, parte dos quaes haviamos submettido ao seu exame, por occasião da nossa ultima viagem a Paris. [1]

214) CRUZ (C. DE LA —) — Professeur de français, mathématiques, dessin d'architecture, auteur de la Methode unique de prononciation française, approuvée par le conseil genéral d'instruction publique. Natural de Malaga. Ensinou francez por algum tempo em Lisboa, e d'aqui passou para Mesão Frio, e actualmente é professor no Porto.

E. — I. *Grammaire Française á l'usage des Portugais, approuvée par le conle conseil de l'instruction publique, par* —. Lisbonne. 8.º, 298 pag.

II. *Diccionaire des Verbes irreguliers défectifs et impersoneles de la Langue Française, intièrement conjuguées dans leurs temps simples, contenant leur prononciation figurée, leur signification en portugais d'après les meilleurs dictionnaires, et la solution analytique des difficultés auxquelles ils peuvent donner lieu, par* —. Lisboa, 1866. 8.º, 143 pag.

215) CUDEÑA (PEDRO).

Escreveu uma descripção do Brasil, do qual se fez uma traducção em allemão, que foi impressa em Brunswich no anno de 1780.

216) CUSANI (MARQUEZ FRANCESCO).

E. — *Don Duarte de Braganza, prigionero nel castello di Milano, episodio storico del seculo* XVII. (D. Duarte de Portugal preso no castello de Milão).

Traz o fac-simile do principe e a gravura da chave do caixão em que foram encerrados os restos mortaes de D. Duarte.

Esta obra appareceu mencionada no *Jornal da Noite*: mas d'ella ainda não pude ver nenhum exemplar.

[1] *Jornal de Sciencias Mathematicas etc.*, vol. 2.º pag. 168.

D

217) DAL (NICOLAU).—Parece ser dinamarquez. Era missionario protestante, e morreu em 1747 em Trangambar, na India Oriental.

E.—I. *Primeira parte da Grammatica Portugueza para uso da escola portugueza de Trangambar.* Trangambar, na officina da Real Missão da Dinamarca. 1725, 8.º

II. *Segunda parte da Grammatica Portugueza para uso da mesma escola* Ibid. 1726.

218) DALHUNTY (MARCUS).

Nasceu em Belfast no anno de 1816, e actualmente residente em Lisboa.

E.—I. *Grammatica Ingleza.* Lisboa. Imprensa Nacional, 1855, 8.º, 275 pag.

II. *Explicações de mathematica theorica e pratica para ensino popular.* Lisboa. Imprensa Nacional, 1859. 193 pag.

III. *Explicações de Arithmetica superior, em seguimento ás da elementar.* Lisboa. Imprensa Nacional, 1862.

Escreveu no *Panorama* alguns artigos sobre coincidencias notaveis de algarismos com factos da historia de Portugal. E na *Revista Popular* (2.º anno, 1849) alguns artigos sobre o ensino das linguas.

219) DALLA BELLA (JOÃO ANTONIO).

Nasceu em Padua, e para aquella cidade se retirou pelos annos de 1818 a 1820. Foi lente da Universidade de Coimbra, para a qual veio reger uma cadeira de philosophia, convidado pelo marquez de Pombal.

E.—*Memoria 1.ª sobre a força magnetica* (Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, tomo 1.º, de pag. 85 a 116.

Memoria 2.ª sobre a força magnetica (Id. id., de pag. 116 a 199).

II. *Noticias historicas e praticas ácerca do modo de defender dos raios.* Lisboa, 1783.

III. *Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a manufactura do azeite em Portugal*, remettidas á Academia Real das Sciencias. Coimbra, 1784.

IV. *Memoria sobre a cultura das oliveiras em Portugal.* Coimbra, 1786. 2.ª edição accrescentada com um appendice, por Sebastião Francisco Mendo Trigoso. Ibid. 1818.

320) DALLAS (ALEXANDER R. C. — Esq).

E. — *Felix Alvares or manners in Spain: containing descriptiv accounts of some of the prominent events of the late Peninsular War; and authentic anecdotes illustratives of the Spanish characer; interspersed with poetry, original, and from the Spanish — by — Three volumes in two. New York. Published by J. Eastburn and Co.* 1818. (Costumes de Hespanha, contendo alguns successos da guerra peninsular, etc.)

O segundo volume é o que mais interessa aos portuguezes.

321) DALRYMPLE (General Sir HEW — Bart.)

E.—*Memoir written by of his proceeding as connected with the affairs of Spain and the commencement of the Peninsular War. London — Thomas and Willian Boone.* 1830, 8.º longo, 317 pag.

Esta obra trata miudamente dos feitos dos portuguezes durante a guerra peninsular.

322) DARD (JEAN).

E. — *Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Bresil et ces Indes Orientales, traduit de l'Italien.* Paris, 1628.

323) DARWIN.

E. — *Journal of researches into the various countries visited by Beagle.* London, 1840. (Diario das investigações geologicas de varios paizes.

[1] M. Darwin contava com infinita graça suas excursões geologicas na ilha Terceira, onde as aves e os insectos, que observou, lhe trouxeram á idéa as de Inglaterra. Infelizmente o navio em que os trazia, o *Beagle*, perdeu-se.

324) DAUNCEY (JOHN).

E.— *A compendious Chronicle of the kingdom of Portugal from Alphonso the 1.º to Alphonso the sixth.* London, 1661. (Chronica resumida dos reis de Portugal).

325) DAUX (A. A.) — Francez residente em Paris.

Trata actualmente (1875) de imprimir na referida cidade uma Historia de Portugal, escripta por elle em linguagem portugueza.

O auctor esteve por algum tempo em Lisboa, onde ensinava seu idioma.

326) DAVILLE (FRANÇOIS).

E.—*Déclaration sommaire des ilégitimes usurpations des roiaumes de Portu-*

[1] Morelet.—*Les Açores*, pag. 13.

gal, Navarre et autres pays, terres et seigneuries faictes par le roy de Castille et ses prédecesseurs sur les roys et princes de la Chretienté. Extretrait d'un escript de—estant à Seville adressé à frère Luys de Grenade, estant lors en Portugal. (C. M. B. I. P.)

327) DAVY'S LETTERS ON LITTERATURE.

Foi n'esta obra que pela primeira vez appareceu estampada aquella celebre descripção do terremoto de Lisboa em 1755, a qual o *Penny Magazine* (de Londres) publicou acompanhada de estampas no seu 1.º volume (anno de 1832), e foi reproduzida tanto em inglez, como em traducções n'uma infinidade de selectas e jornaes litterarios.

328) DAZA (FR. ANTONIO).

E. — *Quarta parte de las Chronicas de la Orden de S. Francisco, sive continuatio Historiæ Minorum a Marco Ulyssiponensi.* 1559. Valladolid, 1611. fol.

329) DE BRASILSCHE BREED. *E-bil-ofte T'Sanaen Spraek, Tusschen hees Jansz. Schott, zomende uyt Brasil, en Jan Maet, Koopmans — knecht, hebbende voor desen oek in Brasil geweest Over den verlop in Brasil. In't Jaer onses Heeren,* 1647. 8.º, 36 pag. (M. S.)

330) DECANDOLE.

Na theoria Elementar de Botanica de Decandole, que foi o maior botanico da Europa, vem o seguinte elogio ao nosso sabio abbade José Corrêa da Serra:

«O termo *Symitria*, foi empregado pela primeira vez por Linneo, e o seu emprego indica que elle tinha idéas muito justas sobre o methodo natural. Porém Corrêa da Serra foi o primeiro que nas *Memorias da Sociedade Linneana* desinvolveu realmente sobre esta materia considerações novas e fecundas, e de que eu tenho feito muitas vezes uso n'esta discussão.» — *(Revista Universal Lisbonense,* vol. 3.º, pag. 565).

331) DECISIONES ANONIMI JURISCONSULTI. *Augustæ Taurinorum.* 1646, fol. (Tracta da prisão de D. Duarte, infante de Portugal).

332) DÉCLARATION DES EMBASSADEURS D'ESPAIGNE, *touchant une treve pour Portugal.*

No fim — *Faict á Munster ce* 14 *Aoust,* 1647, 7 pag. (M. S.)

333) DECLARATIONUM (NOVARUM) ET VARIARUM LECTIONUM, *resolutionumque Juris libri XXII diversorum Jurisconsultorum, scilicet: Vaconii à Vacuna, Ant. Goveani, Ant. Contii, Jac. Raevardi, Rain, Corsi, Nic. Belloni.* Coloniæ Agrippæ, 1575, fol.

334) DEFENSE (THE) *against the petitions of some English Factores at*

Oporto, by the correspondents of the Royal Wine Company for the Agriculture of the Wines do Alto Douro. London, 1812. (Defesa contra os pedidos de alguns feitores inglezes no Porto.)

335) DE JURE SUCCESSIONIS REGIÆ LUSITANIÆ, *deque legitima regis Antonii successione.* Middelbergi, 1596, (Do direito da regia successão de Portugal, e da legitima successão do rei D. Antonio).

336) DELLE COSE DEL PORTOGALLO, *rapporte à p. p. Gesuiti.* Lugano, 1760-62.

337) DELLON.

E. — I. *Voyage avec sa relation de l'inquisition de Goa.* Cologne. 1711.

II. *Relation de l'inqusition de Goa, revue, corrigée et augmentée.* A Cologne chez les heretiers de Pierre Marteau, 1711. Segue se o 3.º vol.: *Histoire des Dieux, qu'adorent les gentils des Indes, avec une addition de l'inquisition de Goa, etc.*—Todos em 8.º Este volume è obra d'um Missionario Portuguez.

Esta obra é rara, principalmente em Portugal, onde até hoje apenas tenho visto tres exemplares.

Creio haver uma edição anterior, feita em 1709, mas a qual ainda não vi.

Foram estas viagens vertidas em portuguez por Miguel Vicente d'Abreu, e impressas em Nova Goa no anno de 1866.

Dellon, impellido pelo ardente desejo de vêr o mundo, embarcou em Port-Louis, na Bretanha a 20 de março de 1668, na qualidade de cirurgião de um navio pertencente á Compagnie Royal des Indes. A 30 de abril achava-se em Cabo Verde. A 3 de setembro ancorou seu navio na ilha de Bourbon (chamada anteriormente de Mascarenhas). A 30 d'este mez entrou em Madagascar (por outro nome S. Lourenço). D'esta ilha foi mandado em um navio a serviço da Companhia das Indias Francezas a varias povoações com o fim de receber o pessoal das feitorias, que a Companhia abandonava, por lhe darem prejuiso; e a 12 de agosto do seguinte anno (1669) de Madagascar navegou para a India. A 21 de setembro achava-se em Surrate, onde permaneceu até o principio do anno seguinte. Saiu d'esta povoação a 6 d'este ultimo mez em direcção a Mirzeou, no reino de Visapur, d'onde saiu a 19. Foi depois para Tissery tratar de negocios da referida companhia, em cujo serviço percorreu muitas terras. A 31 de janeiro de 1673 ancorou dentro da barra de Goa.

«Haverá difficuldade em acreditar que uma cidade (Goa), cujos arrabaldes são tão soberbos, contenha em seu ambito com que causar admiração aos que a vêem. Com effeito, apesar de seus dominadores se acharem em decadencia pelos prejuisos soffridos, superiores á comprehensão, e do negocio já não ser nem a sombra do que foi n'outro tempo, Goa ainda é uma das mais bellas, e mais sumptuosas cidades do Oriente.» V. Pyrard.

«A 6 de fevereiro sahiu Dellon de Goa com destino a Rajapour. Em outubro achava-se já em viagem para a Persia, com destino a Bandar Abassi para com seu navio comboiar um outro, que se dirigia a Surrate. A 6 de janeiro

de 1673 pairava em frente de Diu, e a 12 entrava em Bombaim. Resolveu depois fazer uma digressão ás possessões portuguezas na costa de Coromandel. Passou a Damão, a que chama uma das praças mais fortes de todo o Oriente. Aceitando as vantajosas propostas que lhe fez o governador d'esta cidade, deixou-se ficar n'ella, na qualidade de cirurgião. Durante sua residencia em Damão, fez uma digressão a Tarapour, villa pertencente aos portuguezes.

«Havia n'esta povoação uma egreja parochial, uma da Misericordia, e um convento de Dominicos, a cuja egreja foi Dellon ouvir o sermão de sexta feira santa.

«Quando atravessava o claustro com destino a uma tribuna, em que lhe tinham reservado um logar, viu alguns penitentes com a cara tapada, e hombros nús, ferindo-se tão cruelmente com disciplinas guarnecidas de aço, que o sangue esguichava com bocados de carne. Pelo receio de que com o sangue lhe sujassem o fato, pediu-lhes que se afastassem alguma coisa para o deixarem passar; fizeram-n'o, e depois continuaram a disciplinar-se.

«Um momento depois de ter entrado na tribuna, appareceu o prégador. [1] Notei, que durante seu sermão fez muitas pausas para dar tempo a que seus ouvintes observassem os differentes mysterios da Paixão, que estavam sendo representados n'um theatro, como uma tragedia dividida em varios actos. O tal theatro estava tapado com um panno, que se levantava a cada pausa, que o prégador fazia. Da minha tribuna via quanto se passava no corpo da egreja, na qual os homens estão separados das mulheres por uma teia, onde ellas se acham: corre ao longo d'esta uma cortina, para não poderem ser vistas pelos homens.

«Mas, não obstante não se verem, teem grandes desejos de se fazerem ouvir, soltando gritos agudos, dão tão grandes pancadas no peito e na cara, e até arrancam os cabellos todas as vezes que o prégador diz alguma coisa, que desperta a compaixão dos ouvintes. O pranto das mulheres portuguezas, suas exclamações, a dôr de que parecem estar penetradas, não obsta a que muitas abusem da liberdade, que teem, de sair n'estes santos dias. Esperam-n'os algumas vezes com a maior impaciencia durante todo o anno, para os empregarem em usos bem differentes d'aquelles para que taes dias foram instituidos, e este tempo sagrado serve frequentemente para ultimar aventuras, nas quaes a prudencia não toma parte.

«Acabado o sermão, representou-se a descida da Cruz, e pozeram n'um esquife a imagem de nosso Senhor, que n'aquella occasião desprenderam. Á vista d'este novo espectaculo redobraram os gritos e alaridos. Começou no entretanto, a procissão a sair; os penitentes, em mui grande numero, marchavam na frente com o rosto coberto, e batiam nos hombros com tal violencia, que arrancavam ao mesmo tempo horror e piedade. Eram seguidos pelos habitantes mais distinctos da terra, caminhando dois a dois, levando na mão uma vella accesa. Vinham em seguida os frades, e depois d'elles trazia-se a imagem do Senhor deitada n'um esquife armado de preto, e descoberto. Rodea-

[1] Vol. 1.º, pag. 155.

vam-n'o uns vinte pretos mascarados, e armados de lanças, espadas e dardos. Tinham á sua frente um official, que de vez em quando voltava atraz para ver o esquife, como receioso que lhe tivessem roubado o corpo. Toda esta comitiva era precedida de tambores e clarins, que produziam um som perfeitamente lugubre e funebre. A procissão d'esta fórma disposta deu volta pela povoação. Depois de entrar na egreja pozeram o esquife com a imagem, que estava dentro, n'um sepulchro muito decentemente preparado. Acompanhei esta procissão até parte da volta que deu. As ceremonias, ou antes as caretas, que faziam os guardas pretos á roda do esquife, e seu official inspiravam devoção e arrancavam lagrimas a todos os portuguezes. Mas confesso que isto produziu em mim um effeito differente, porque fui obrigado a parar, quando passava por diante da casa de D. Petronilla, e de ficar alli, não podendo por mais tempo reprimir a vontade que tinha de rir, o que para mim seria bem perigoso, se se viesse a conhecer.

«No dia seguinte, sabbado santo, assisti ainda ao officio, onde nada observei de notavel; porém no domingo de paschoa, tendo-me dirigido, com os mais, muito cedo para a egreja dos Dominicos, acompanhei o Santissimo, que levavam em procissão com muita pompa e respeito d'alli para a parochia.

«Esta procissão começa ao despontar do dia, e acaba ao pôr do sol. É instituida para honrar e recordar a resurreição de nosso Senhor Jesus Christo, que, na opinião de muitos, saiu vivo e glorioso do seu tumulo ao nascer do sol. Pareceu-me muito edificante, muito convenientemente disposta, e a mais bella das ceremonias peculiares das egrejas de Portugal. Tendo o Santissimo entrado na egreja, deu-se benção ao povo, e fechou-se depois no tabernaculo. Immediatamente o mesmo, que prégara na quaresma, e na sexta feira, subiu ao pulpito, e recitou não um sermão, mas sim um discurso jovial. A instituição d'este ridiculo discurso foi, segundo se diz, para recrear os ouvintes e fazel-os rir, e para mitigar algum tanto a tristeza de que podessem ter sido affectados durante a quaresma.

«Confesso que esta oração me pareceu tão extravagante, e tão pouco em harmonia com a solemnidade da paschoa, que julguei a proposito referil-a succintamente.

«Tendo o prégador feito o signal da cruz, disse: Sabeis, senhores, que este sermão foi instituido por tres rasões. A primeira para dar as boas festas aos ouvintes. Para satisfazer, senhores, a esta obrigação, desejo-vos a todos n'estes santos dias todas as sortes de bens e de prosperidades. O segundo motivo d'esta prégação é para pedir os ovos da paschoa, ou, por outras palavras, os presentes, que é costume mandar ao prégador no fim da quaresma. Em quanto a este artigo, exhorto-vos a cumprir, o melhor, o mais depressa, e o mais generosamente possivel; e declaro-vos que receberei tanto mais gostosamente vossos presentes quanto mais valiosos forem. Finalmente, meus senhores, a terceira rasão para se prégar n'este dia, é, como sabeis, a de fazer rir alguma coisa os ouvintes, que talvez estejam abatidos e afflictos de mais com as austeridades e mortificações praticadas durante a quaresma. Com o fim de tentar conseguil-o, dir-vos-hei, que hontem pela manhã, ao sair do meu con-

vento, encontrei o pansudo do Gregorio, que julguei já não estar em jejum, e disse-lhe: Falla, ladrão, has de tu fazer sempre de Pilatos na paixão? Estas poucas palavras foram proferidas em um tom gracioso e chocarreiro de modo tal, que toda a assembléa rompeu em gargalhadas. Depois o orador, que tambem se estava rindo, desceu vagarosamente do pulpito, sem dizer mais palavra, e sem ter deitado a benção, deixando cada um na liberdade de rir quanto quizesse, e de se retirar depois de rir á vontade.

Tendo Dellon fixado a sua residencia em Damão, e vivendo com a maior satisfação n'esta cidade, foi denunciado á inquisição por um visinho, e preso a 24 de agosto de 1673, época em que contava 24 annos de edade. As causas apparentes da prisão parece terem sido o dar a perceber em algumas conversas, que duvidava da validade do baptismo do fogo: o não beijar as imagens dos santos, que alguns pedintes traziam ao pescoço em oratoriosinhos,[1] obstinar-se em não querer trazer o rosario ao pescoço, e não acreditar que o Espirito Santo assistisse ás sentenças dos inquisidores, etc., mas a verdadeira diz o auctor ter sido o desejo que o governador da cidade tinha de o ver removido para longe, cheio de ciumes com a affeição que nosso viajante mostrava a uma joven dama, á qual o governador fazia côrte.

«O denunciante fôra um dia a casa de Dellon, e vendo um crucifixo á cabeceira do leito, disse-lhe: Não se esqueça, senhor, de tapar aquella imagem se por acaso vier a sua casa alguma mulher, quando com ella estiver entretido. Pois que, disse-lhe eu, acredita que nos possamos assim esconder aos olhos de Deus? Crê, como as mulheres devassas, que depois de tapar a cabeceira do leito, as reliquias e rosarios, que geralmente trazem comsigo, possam então entregar-se a toda a sorte de excessos? Vá-se embora, tenha sentimentos mais nobres a respeito da Divindade, e não creia que um bocado de trapo possa occultar nossos peccados aos olhos de Deus, que vê o que existe no fundo dos corações: e demais aquelle crucifixo é apenas um pedaço de marfim.

«Meu visinho foi-se embora, e tratou de cumprir seu dever denunciando-me á inquisição, pois é bom saber que todas as pessoas vivendo em paizes sujeitos á jurisdicção do santo officio, são obrigadas, debaixo de excommunhão maior reservada ao inquisido-mór, a declararem no espaço de 30 dias tudo quanto virem ou ouvirem dizer relativo aos assumptos de que este tribunal toma conhecimento. E aquelles que faltarem a esta declaração dentro do referido praso, são reputados criminosos, e depois castigados como se tivessem commettido aquelles delictos, que não forem delatar. É este o motivo por que os amigos atraiçoam os amigos, os pais seus filhos, os filhos por um zelo indiscreto esquecem-se do respeito a que os obrigam Deus e a natureza.

«Dellon teve desconfianças de que seu visinho o fôra denunciar, e para vêr se desviava a tempestade, que se estava armando por cima da sua cabeça, resolveu-se ir ter com o commissario do santo officio, contar-lhe como as coisas realmente se tinham passado, e pedir-lhe a sua protecção,[2] e que lhe in-

[1] Tomo 2.°, pag. 10.
[2] Idem, pag. 18.

sinuasse de que maneira se devia portar para o futuro, declarando-lhe estar prompto a retractar-se do que tinha dito, se o julgasse conveniente.

«Respondeu o padre que meu proceder tinha escandalisado a bastantes pessoas, que estava persuadido não terem sido más as minhas intenções, e que em tudo quanto eu tinha dito nada havia, que em rigor fosse criminoso; mas que me dava o conselho de me accommodar algum tanto aos usos do povo, e de não fallar tão livremente n'aquelles assumptos. Que mui especialmente devia ser mais reservado, quando fallasse das imagens, não dizendo que não devem ser adoradas, e procurando proval-o com citações da Escriptura. Que o povo realmente vivia em certos erros passageiros, que se tinham como verdadeira devoção, porém que ninguem me tinha encarregado de o corrigir e reformar.

«Agradeci ao commissario os bons conselhos, que me tinha dado, e retirei-me da presença d'elle muito alliviado por saber que tendo-me confessado espontaneamente antes da prisão, já me não podiam prender, segundo os estatutos da inquisição.

«Mas apesar d'isto o governador, sempre ferido de ciumes, e sempre mostrando-se meu amigo, recebendo-me obsequiosamente em sua casa, sollicitava vivamente o commissario a que escrevesse para Goa informando os inquisidores a respeito das expressões proferidas. Este, apertado pelo governador, e por um padre secretario do santo officio, tambem inimigo de Dellon, e que tambem estava apaixonado pela mesma dama, escreveu para Goa, e d'alli recebeu ordem para mandar prender o francez.

«A prisão de Damão fica mais baixa que o rio, que d'ella fica perto, e o qual a torna humida, e os muros são muito espessos. Consiste esta triste habitação em duas grandes salas baixas, e uma superior proximo da qual fica o aposento do governador. Os homens ficam por baixo, e as mulheres no andar superior. A maior parte das duas salas baixas teem uns quarenta pés de comprimento sobre quinze de largura, a outra póde ter dois terços d'esta extensão. N'este espaço estavamos umas quarentas pessoas, e não havia logar para satisfazer as nossas necessidades senão aquelle. Os presos urinavam no meio d'esta sala, e o ajuntamento d'estas urinas estagnadas formava uma especie de pantano. Tambem as mulheres não tinham outra qualidade de latrina, e havia sómente entre ellas e nós esta differença: suas urinas corriam de sua sala alta, e caiam por entre o sobrado em a nossa, na qual todos estes liquidos se agglomeravam. Para os outros excrementos sómente havia uma grande celha, que apenas se despejava uma vez na semana, de maneira que d'alli se gerava uma multidão innumeravel de bichos, que cobriam o sobrado, e vinham até nossas camas. O fedor, apesar do cuidado que tinha de lavar o sobrado, era insupportavel.

«Não havia comida determinada para os presos: os magistrados descançavam na caridade das pessoas, que os queriam soccorrer; e como apenas havia duas pessoas na cidade, que lhes remettiam comida regularmente duas vezes por semana, e não recebiam na maior parte dos dias nenhuma coisa, viam-se reduzidos a uma miseria digna de piedade. Alguns dos que viviam na sala pe-

quena, chegavam a ponto de procurar subsistencia em seus proprios excrementos. Contaram-me que alguns annos antes, tendo sido aprisionados 50 corsarios malabares e encerrados n'esta mesma prisão, passaram tão grande fome, que uns quarenta cheios de furor se estrangularam com os seus proprios turbantes.

«Tinha-me accusado o padre commissario de herege dogmatisante. Ter-me-hia podido remetter para a inquisição de Goa logo immediatamente depois de minha prisão; e se assim tivesse praticado, poderia ter saido da prisão tres mezes depois, no auto de fé celebrado em dezembro, mas não era o desejo de meus rivaes que eu fosse posto em liberdade. Por isso o commissario em vez de fazer que eu saisse de Damão, elle mesmo é que tinha saido d'esta cidade para não ouvir minhas supplicas; e, apenas deu ordem para me prenderem, retirou-se para Goa, d'onde não voltou senão acabado o auto de fé, isto é, no fim de dezembro; e creio até que empregou os quatro mezes, que me fez jazer nas prisões de Damão, em me recommendar ao inquisidor como homem muito criminoso e perigoso, a quem era indispensavel afastar da India, no caso de não julgar conveniente mandar-me matar n'ella.

«Voltou o commissario para Damão em 20 de dezembro, e mandou-me preparar para partir para Cambaia. No dia ultimo de dezembro mandou o commissario ferros e grilhões para pôr nos pés de quantos deviam ser conduzidos para Goa. Prendiam-se os pretos a dois e dois, á excepção de alguns que se achavam tão extenuados pela fome, que houve necessidade de lhes deixar a liberdade dos pés, da qual já não podiam fazer uso. Em quanto aos portuguezes e a mim fizeram-nos a honra de nos pôr ferros a cada um em separado.

«Saimos, pois, do rio, no dia 1 de janeiro de 1674 com o fim de esperar o resto da frota em Baçaim, [1] onde chegámos no dia seguinte. Levaram-nos logo para a cadeia, onde nos conservaram até 7 de mesmo mez, em que nos embarcámos, e a 14 chegámos á barra de Goa, e no dia seguinte fui remettido para o Aljube. Esta prisão é a mais immunda, mais escura e horrivel de quantas tenho visto, e duvido até que se possa imaginar coisa alguma mais ascorosa e horrenda. É uma especie de cova, onde se não vê a claridade senão atravez d'uma pequena abertura, em que os raios do sol, mesmo os mais subtis, não penetram: o fedor é extremo; não ha outro logar para as immundicies senão uma especie de cisterna, aonde nem mesmo eu ousaria approximar-me.

«Tendo chegado a noite não me pude resolver a deitar-me, tanto por causa dos bichos, de que a prisão estava cheia, como das immundicies espalhadas por toda a parte. Vi me pois obrigado a passal a assentado e encostado ao muro. Comtudo apesar de ser horrivel esta prisão, tel-a-hia preferido ás cellas aceiadas e claras da inquisição, porque no Aljube havia companhia e conversa, e nas prisões do santo officio não.

[1] «N'esta cidade existe o mais sumptuoso e magnifico templo de quantos os portuguezes erigiram ao verdadeiro Deus no Oriente.» Tomo 2.º, pag. 35.

«A 16 de janeiro, pelas 8 horas da manhã, veiu um official da inquisição com ordem de nos acompanhar a todos para o santo officio.»

N'esta prisão foi retido Dellon até janeiro de 1676. Chegou a tal auge seu desespero que por vezes tentou suicidar-se, o que não poude realisar por causa da incessante vigilancia que havia sobre os presos. Saiu por fim, depois de horriveis soffrimentos, no auto de fé celebrado em Goa em 12 de janeiro de 1676, tendo sido condemnado na confiscação de todos os bens, a ser expulso da India, e a servir nas galés de Portugal por espaço de cinco annos.

Embarcaram-n'o portanto com ferros aos pés, a 27 de janeiro em um navio com destino a Portugal. A 20 de março viu-se o navio obrigado a arribar á Bahia, da qual saiu a 3 de setembro n'uma embarcação, que fazia parte de uma frota de 30 navios, que se destinava a Lisboa, aonde chegou a 15 de dezembro.

Do navio foi remettido para a prisão das galés. N'esta cidade esteve por algum tempo obrigado a trabalhar na Ribeira das Naus, até que por influencia de Mr. Fabre, francez e medico da rainha, a inquisição perdoou o resto dos cinco annos de trabalhos publicos, com a condição de se retirar para França, para onde embarcou, tendo perdido toda sua fortuna, confiscada pelo infame tribunal, que tão horrenda nodoa lança nas bellas paginas da historia de Portugal. A *Nouvelle Biographie Universelle de Firmin Didot* [1] diz-nos que Dellon na sua volta para a França exercêra a medicina com muita distincção, e que desde 1685 nada mais se sabe a respeito d'elle.

A leitura das viagens de Dellon deve ser recommendada áquelles que teem a mania de só elogiarem os tempos passados, e de nada acharem bom na actualidade. Taes pessoas só podem revelar muita ignorancia ou muito má fé. Ao mesmo tempo dá-nos noticias muito aproveitaveis para quem escrever sobre os usos e costumes d'aquella época.

«Nas festas mais solemnes, depois de acabar o serviço divino, fazem vir para dentro da egreja as mulheres ricamente enfeitadas, as quaes, na presença do Santissimo Sacramento, que fica exposto, dançam ao som de guitarras e de castanholas, cantam modinhas profanas, tomam mil posturas indecentes e impudicas, que mais conviriam para logares publicos, que para egrejas que são casa de oração.»

Não se passaram ainda muitos annos que taes danças impudicas e lascivas foram prohibidas dentro da sé do Porto, por occasião da festa de S. Gonçalo, chamada a festa das regateiras. E quem ignora o que ainda se pratica nos cirios e romarias?

O terceiro volume das obras de Dellon comprehende a historia dos deuses adorados pelos gentios. Não foi composta por Dellon, mas sim traduzida por elle de um manuscripto portuguez, composto por um frade nosso, que o deixou por sua morte ao escriptor francez. Contém 19 capitulos, e de pag. 103 até 276 traz um curiosissimo supplemento á historia da Inquisição.

A leitura d'esta obra foi prohibida pelo edital da mesa censoria de 12 de dezembro de 1769. Foi traduzida com o titulo: *Dellon's account of the in-*

Tomo 13°, pag. 481.

quisition of Goa. Translated from the French. With an appendix containing an account of the escape of Archibald Bover (one of the inquisitors) from the inquisition at Macerata in Italy. London, 1812.

338) **DEMERSAY (ALFRED —)** De la commission centrale de cette Societé, de l'Institut Historique et Géographique du Brésil, de la Societé Archéologique de L'Orléannais, Docteur en Medecine, etc. etc.

E. — *Une mission Géographique dans les Archives d'Espagne et de Portugal.* 1862-1863. *Fragments lus à la Societé de Géographie dans la séance générale du 15 avril 1864 par* — Paris. Librairie de L. Hachette et compagnie 4.°, 45 pag.

«As duas nações peninsulares muito mal conhecidas, frequentemente mal appreciadas, merecem as mais vivas sympathias da França. Conteem elementos de prosperidade moral e material ainda cobertos do pó dos tempos passados, mas fecundados pouco a pouco pelo sopro vivificante d'uma sábia liberdade.

«É principalmente quando se trata da geographia e da historia do Novo Mundo que os documentos affluem na peninsula, e que experimentamos mui seriamente o embaraço das riquezas. Se a Hespanha descobriu a America, algum tanto contra vontade d'aquella, é mister que se diga que a arrojada nação portugueza a tinha precedido na carreira das descobertas, a qual coroa tão gloriosamente o fim do seculo xv: ella não tardou em achar-se de costas a costas com sua rival; e em o novo bem como em o antigo continente uma antipathia desrasoavel continuou a dividir dois povos para os quaes, segundo a bella expressão de Montesquieu, parecia que o mundo se alargava.

«Foi na America do sul, entre as provincias do Rio da Prata e o vasto imperio do Brazil, cuja extensão excede doze vezes a da França, que a lucta se empenhou viva e encarniçada, ao mesmo tempo que no archipelago das Molucas, nos antipodas da velha Europa. Será necessario recordar aqui esses tratados numerosos, sellados com promessas solemnes, muitas vezes sanccionadas pelo poder então incontestado do chefe da egreja, mas ainda mais frequentemente ficando no estado de lettra morta? Que pareciam não ter por alvo mais que conseguir treguas, durante as quaes cada potencia procurava engrandecer-se, adjudicar a si mesma provincias grandes como reinos, e arruinar com um contrabando desenfreado o commercio de sua rival?

«Ha muito tempo, que o homem de estado, que nos preside, se tinha convencido do interesse que havia em propôr uma exploração nos archivos peninsulares; e chegando a ministro me confiou o cuidado de procurar na Hespanha e Portugal documentos relativos á historia da geographia Sul-Americana, e á da dominação dos dois povos além do oceano. No mez de novembro de 1862, dirigi-me a Toulon, d'aqui a Marseille, donde parti para Barcelona, de Barcelona a Madrid, e d'esta capital para Lisboa.

«Atravessemos pois o nobre Tejo, tantas vezes celebrado pelos poetas, e entremos em Lisboa, n'esta bella cidade, cujo solo appresenta ainda vestigios da catastrophe que em 1755 enguliu quarenta mil de seus habitantes.

«Portugal conta entre seus filhos alguns homens applicados ao estudo das sciencias geographicas e das associações sabias, com as quaes nossa sociedade está em relações incessantes e regulares. Recebi d'elles o acolhimento mais favoravel, e posso dizer que desde o humilde empregado das bibliothecas até o joven soberano, que preside aos destinos d'este bello paiz, todos procuravam coadjuvar-me no cumprimento da tarefa, que me fôra confiada.

«Os estabelecimentos scientificos, que me promettiam mais ampla colheita, eram:

«Archivos do reino. (Torre do Tombo.)

«Bibliotheca publica.

«Bibliotheca da Academia das Sciencias.

«Archivo do Ultramar.

«Seriam necessarios muitos volumes para fazer uma enumeração, mesmo summaria, das riquezas, que conteem os archivos celebres da Torre do Tombo.

«A este immenso deposito de papeis do estado relativos a todos os ramos de administração se vieram ajuntar em 1835 os archivos dos conventos supprimidos, os das corporações religiosas e de certos tribunaes excepcionaes abolidos, entre os quaes citarei a Mesa de Consciencia e Ordens.

«Esta collecção, que augmenta continuamente, abrange hoje mais de vinte mil maços, compondo-se cada maço d'algumas centenas de documentos.

«Só a inquisição fornecen quarenta mil processos.

«Algumas obras manuscriptas teem um grande valor bibliographico ou historico: tal é o *Atlas* de Fernão Vaz Dourado; tal é a *Biblia* celebre do convento de Belem, que Junot levara para França, e que foi restituida a Portugal na época de nossos desastres.

«Quando o marquez de Pombal decidiu a suppressão da ordem dos Jesuitas, mandou reunir n'estes archivos os documentos pertencentes á Companhia, porém mais tarde desappareceram alguns, que mais a compromettiam. Investiguei comtudo os que ainda restam, e este trabalho não foi infructuoso.

«A Bibliotheca Publica continha em outubro de 1853, 132:000 volumes, sem contar as obras dos conventos supprimidos. E entre os seus dez mil volumes escolhi dois para d'elles fazer analyse. Papeis relativos á entrega da colonia do SS. Sacramento, onde encontrei documentos do mais alto interesse para a historia da guerra hispano-portugueza causada pela fundação da colonia em frente da cidade de Buenos Ayres.

«Outro volume contem o *diario da segunda marcha, que fizemos com o nosso exercito portuguez auxiliando o de sua magestade catholica para a evacuação das sete missões* N'este acha-se uma narração muito circumstanciada da campanha de 1755 a 1756. Esclarece com uma luz muito viva uma multidão de pontos, que tinham ficado obscuros na historia d'esta longa expedição. Mandei copiar as passagens mais notaveis d'este manuscripto para as offerecer á Bibliotheca Imperial.

«A Bibliotheca da Academia das Sciencias possue cerca d'uns 50:000 volumes e 833 manuscriptos.

O Archivo do Ultramar contém papeis relativos ás colonias. Encontram-se

alli reunidos com ordem os officios dos vice-reis, relatorios dos governadores das provincias dirigidos ao seu chefe immediato, ou ao primeiro ministro, as propostas relativas ás operações militares, aos reconhecimentos dos rios, ás obras publicas, etc.

«A parte politica d'estes relatorios (só fallo dos concernentes á America) mostra a cada instante usurpações de territorios commettidas pelos hespanhoes. Mostra, por assim dizer, dia por dia, a historia das relações do Brasil com seus visinhos. Consultei com fructo a correspondencia dos governadores da provincia de S. Paulo, cujas dependencias se estendem até aos confins do Paraguay. Sabe-se a guerra encarniçada que durante mais de um seculo os paulistas, debaixo do nome de mamelukos, fizeram aos estabelecimentos dos jesuitas, cujos habitantes estes vinham roubar para os fazer trabalhar nas minas, ou vender como escravos nos mercados do Rio e da Bahia.

«Nem todos os documentos relativos á historia das possessões transoceanicas de Portugal estão encerrados nas ricas collecções da capital, bom numero dos mais interessantes fazem parte da Bibliotheca de Evora. É n'esta bibliotheca que se guarda o celebre esmalte de Limoges, o qual pertenceu a Francisco I, e lhe foi tomado na batalha de Pavia.[1]»

339) DE PORTOGYSEN GOEDEN BVYRMAN GHETROCHEN *uzt de Registers van syu goet Gebuers van syn goet Gebuerschap gehouden in Lissabona, Maringan Coep Sint Augustin, Sint Paulo de Loando, en Sant Thomé. Gheduckt tot Lisbon, inde groote Druck sael Daer uzt hangh her Verradich Portegael. Anno* 1649, *den* 24 *December*. 8 folhas sem paginação. (M. S.)

340) DEPPING.

E. — *Vocubulaire geographique de l'Espagne et du Portugal, suivi d'un itinéraire de ces deux royaumes, traduit de l'espagnol; revu et augmenté d'un Aperçu historique et géographique de l'Espagne et du Portugal, par* —. Paris, 1823, 8.° longo, 111 pag.

É um resumido Diccionario geographico de Hespanha e Portugal.

341) DER NEUSTE STAAT DES KONIGREICKS PORTAGAL. (Situação actual do reino de Portugal, e de suas possessões na Europa, e em todas as outras partes do mundo, descripta conforme os escriptores antigos e modernos mais dignos de credito.) Halle, 1714, 2 vol. 8.°

342) DESCRIPTIO URBIUM TOTIUS ORBIS. Fol.

«N'esta obra[2] impressa no meiado do seculo XVI vem não só a vista de Lisboa em referencia ao anno 1500, mas tambem a de Cascaes, e outras, Goa, Diu, Damão, Cochim etc. com a descripção de cada uma d'ellas.

[1] Sobre as bibltothecas de Hespanha póde ver-se um artigo mui curioso, que vem no n.° 100 do *Diario do Governo* de 1835.

[2] *Revista Universal Lisbonense*, vol. 5.°, pag. 54.

343) DESCRIPTION DE LA VILLE DE LISBONNE *où l'on traite de la cour de Portugal, de la langue portugaise, et des mœurs des habitants; du gouvernement, des revenus du roi, et de ses forces par mer et par terre, des colonies portugaises et du commerce de cette capitale.* A Paris, chez Pierre Prault, 1738. 8°, 268 pag.

«Sendo Lisboa uma das mais celebres cidades da Europa, tanto por sua grandesa, como pela vantagem que tem de ser a residencia dos reis de Portugal, e até pela extensão de seu commercio, julgou-se que o publico receberia com algum prazer a descripção d'esta capital.

«Esta grande cidade está situada sobre sete montes, na margem do Tejo, a tres leguas do Oceano.

«Avançando coisa de duas leguas, encontram-se algumas povoações; a ultima, que tem o nome de Belem, dá á margem um ar muito risonho, por haver alli bellas quintas e magnificos conventos, entre os quaes um é da ordem de S. Jeronymo, de grandesa prodigiosa, e magnificamente construido, onde se vêem os tumulos de alguns reis de Portugal. Ha n'esta povoação uma torre grande e forte, edificada sobre uma lingua de terra que entra pelo mar dentro.

«Ao passo que se continua a subir pelo rio, este alarga-se, e acha-se defendido por diversos fortes de distancia a distancia até ás approximações da cidade, e do primeiro logar destinado para ancoradouro dos navios. D'alli descobre-se Lisboa, que ostentando-se como um soberbo amphitheatro, offerece á vista, por sua elevação, por sua extensão, e por uma especie de symetria natural um dos mais bellos aspectos do mundo. O Tejo fórma tambem em frente d'esta capital um porto muito consideravel, que tem tres leguas de largura, e está sempre cheio de grande numero de navios.

«As ruas proximas do rio são ingremes, estão bem calçadas, e são de largura variavel, mas muito immundas, não as varrendo senão de tres em tres, ou de quatro em quatro dias. Encontram-se alguns bellos palacios, e em geral as casas são bem bonitas. A pedra é muito vulgar, mas não produzindo o paiz quasi nenhuma madeira, vêem-se obrigados a servirem-se de pinho, que se manda vir do norte.

«O palacio do rei fica no meio da cidade, na margem esquerda do Tejo, sobre uma praça chamada Terreiro do Paço. Sua face principal reina sobre toda a largura d'esta praça, e termina n'um magnifico pavilhão, em cuja frente ancoram os navios, d'onde o rei tem o praser de vêr quantos entram ou saem do porto, e mesmo de olhar para o mar até ao mais longe que a vista póde alcançar. A area d'este palacio é consideravel, as salas muito grandes e mui ricamente mobiladas. Prolonga-se de um lado ao comprimento do rio, e do outro para as ruas visinhas. Contém um pateo cercado por um edificio quadrado, sustentado por arcadas, debaixo das quaes numerosos mercadores apresentam á venda tudo o que o commercio póde fornecer de mais raro em mercadorias.

«Entre outras praças as mais consideraveis são aquellas onde está situado o palacio real, e a que se chama o Rocio. A primeira tem uns quatrocentos passos de comprido sobre duzentos de largo. Além do palacio real, ella é ter-

minada pela alfandega, que é muito vasta, pelo tribunal de contas, e outros tribunaes, e por varias casas pertencentes a particulares, porém estes differentes edificios não teem nenhuma conformidade uns com os outros, e a vista d'esta praça é além d'isto um pouco repugnante por algumas barracas, que servem de açougues. A praça do Rocio tambem não é mais regular, nem tão grande como a primeira. Tem d'um lado arcadas, onde quantidade de pequenos vendilhões armam suas barracas, no meio um chafariz sem agua quasi sempre. N'esta praça estão o palacio da Inquisição, o grande convento dos Dominicanos e o hospital de todos os Santos.

«A Sé patriarchal está estabelecida na capella do palacio do rei. Sua architectura e pintura nada tem senão de muito vulgar, mas é muito vasta. Conta além do altar do côro, doze capellas especiaes, que estão soberbamente ornadas. Vê-se alli uma grande tribuna, d'onde o rei e a rainha ouvem ordinariamente missa. Officia n'ella o patriarcha regularmente todos os domingos e dias de festa: dezoito conegos o acompanham no altar, e o ajudam todos com mitra. O côro composto de perto de trinta ou quarenta beneficiados é acompanhado de musica á romana, isto é, sem orchestra, mas entre o grande numero de vozes que alli ha, são excellentes algumas.

«Quando o patriarcha sae á rua, caminha na fórma seguinte: Vê-se primeiramente a cruz patriarchal levada por um homem a cavallo; logo em seguida vae o patriarcha levado n'um rico coche ladeado de vinte lacaios a pé; a isto seguem-se quatro coches de um gosto e uma grandesa extraordinaria, cada um puxado por seis mulas. O primeiro coche, que é o de honra vae vasio, e os outros tres contéem os officiaes de seu sequito. Os conegos andam quasi sempre de trem, seguidos de seis criados a pé.

«A casa da camara é contigua á egreja de Santo Antonio. Nenhuma bellesa ou particularidade encerra.

«Expõem algumas egrejas, particularmente em quinta feira d'Ascenção canarios em gaiolas muito aceiadamente enfeitadas com flores e fitas, de sorte que estes passarinhos animados pelo cantar dos padres, não interrompem seu canto, e formam um concerto e um espectaculo assaz novo para os estrangeiros.

«Além do convento dos Capuchinhos italianos existe á porta de Santa Catharina uma egreja d'esta nação muito grande e muito rica, e que tem um orgão o mais bello de Lisboa. Tem capellão-mór, vinte capellães, oito clerigos, dois sacristães, e outros empregados que recitam diariamente o officio divino.

«Encontra-se na parte occidental, á borda do Tejo, uma casa da moeda, onde se fabrica dinheiro, tão bem, pelo menos, como em França. Perto vê-se o Arsenal, que é muito bello.

«O estaleiro para os navios de guerra quasi que toca no palacio.

«Vê-se na extremidade da cidade occidental uma casa chamada das galés. Tomou este nome do uso, em que se está de prender n'ella os condemnados ás galés, que pela maior parte procedem das assaltadas que os portuguezes fazem de vez em quando sobre os mouros, com os quaes estão continua-

mente em guerra. Esta sorte de escravos está empregada durante o dia nos navios de guerra, ou a acarretar lenha e agua para uso dos principaes officiaes de marinha, e de noite levam-nos para a prisão.

«A cidade tem alguns hospitaes perfeitamente administrados.

«Lisboa não tem nenhum passeio publico, nem outro divertimento mais que um mau theatro hespanhol. Os grandes e fidalgos frequentam muito, comtudo, este espectaculo; e quando saem d'elle vão passar o resto do dia a passeiarem dentro de seus trens na praça do Rocio, onde conversam uns com os outros até á noite, sem sairem de suas carruagens. Vêem-se muito poucas carruagens, por serem as ruas muito más.

«Ha muita caça, presuntos de Lamego, que são melhores que os de Bayona e de Magence. Os alugueis das casas são muito elevados.

«O açougue principal, que fica na praça do palacio, é notavel tanto por sua extensão e aceio, como pela boa policia, que alli se observa. Todas as paredes pela parte interior estão revestidas de quadradinhos de azulejo e cobertas de uma quantidade prodigiosa de carnes, expostas na altura de seis pés e mais: os compradores indicam as peças de carne que desejam, e immediatamente os cortadores, que estão em cima de estrados muito aceiados, á maneira de theatro, lh'as entregam ao longo d'uma taboa posta muito convenientemente para esse fim. No meio d'este recinto está um assento para um empregado, com balanças; e este empregado está sempre presente, a fim de se oppôr á desordem, e de administrar justiça promptamente áquelles que forem lezados.

«Pouco adiante fica uma praça para a venda de peixe, que é das mais bem fornecidas, que existem em todo o mundo. O peixe é em quantidade prodigiosa, e muitissimo barato. É trazido em duzentas ou trezentas caravellas e muletas que diariamente o transportam. As peixeiras distinguem-se pelo seu aceio e ricos ornatos, consistindo em braceletes de oiro, que trazem nos braços, cordões, aneis, cruzes, brincos, de sorte que se vêem algumas trazendo em cima de si até um marco d'este metal.

»N'esta cidade não ha mais que tres chafarizes com agua de beber; trazem-na em cima de burros, e vendem-na a quatro soldos a carga. Ha o inconveniente de ficarem todos no mesmo bairro, e de se estar exposto a ser enganado pelos vendedores, que para pouparem a caminhada, vendem algumas vezes agua d'uma quarta fonte muito perto das outras, que não é boa senão para cavalgaduras, o que faz com que as pessoas ricas a mandem buscar por seus proprios criados.

«Acha-se ao lado da praça do palacio[1] uma rua onde estão os confeiteiros, rua que tem a particularidade de, apesar de ficar sua area no mesmo nivel que o rio, o qual está sempre salgado, e de não estar distante mais de trezentos passos, terem as casas poços de agua doce excellente. As pessoas que vão áquella rua regalar-se com doces, segundo o costume do paiz, não põem duvida em bebel-a, e os que alli moram não bebem d'outra.»

[1] Description de Lisbonne, pag. 41.

«Apesar de serem os viveres muito baratos, as boas hospedarias quasi todas francezas, inglezas e hollandezas são muito caras. Na melhor, que é franceza, situada na margem do Tejo, n'uma pequena praça chamada Romulares, o preço é seis francos por dia, e as inferiores, onde pessoas decentes se possam accomodar, varia o preço de 48 soldos a 3 libras. Tanto n'uma como n'outra, fica a gente mal hospedada, mas come soffrivelmente. A causa d'esta carestia procede do pequeno numero de pessoas que vão hospedar-se n'ellas, e faz com que a maior parte dos viajantes, que teem de se demorar na capital, vão hospedar-se em casa de amigos, ou aluguem quartos.

«As pessoas que tomam este ultimo partido, contentam-se ordinariamente com muito pouca mobilia e da mais mediocre; apenas uma mesa com seis cadeiras de palha, alguma loiça de barro e camas, muito em voga no paiz, isto é, sem leito nem cortinas, consistindo apenas n'uma enxerga e dois colchões, que se estendem de noite por cima de esteiras, ou tecidos de junco muito aceiados. Comtudo, como as casas estão sempre muito caiadas, e teem por toda a parte até certa altura um revestimento de azulejo e são muito risonhas, prescindimos facilmente de cortinados. Por esta fórma poupa-se consideravelmente, e achâmo-nos alojados muito commodamente em comparação d'aquelles, que estão em casas terreas, e pela maior parte nos sitios mais ordinarios [1].

«Affirmam que o rei tenciona augmentar a cidade, construindo em linha recta de uma extremidade á outra um caes, que deve entrar pelo Tejo dentro umas cincoenta toezas, o que se póde fazer facilmente, porque o rio quasi que não tem profundidade até ao sitio, a que as obras devem chegar. E no local chamado a Boa Vista deve o rei mandar abrir uma doka para n'ella se acolherem os navios de guerra em occasiões de mau tempo.

«Em 1724 appareceu em Lisboa o cavalheiro Porta, gentilhomem de Lausanna na Suissa, para um negocio particular, que era reclamar os bens de D. Antonio, que foi antigamente proclamado rei de Portugal, de quem a esposa d'este gentilhomem descende em linha recta. Houve por esta causa diversas audiencias do rei, que o recebeu honrosamente, e que nomeou duas juntas ou conselhos para a decisão de seu negocio. Porém os letrados opinaram que este gentilhomem não tinha nenhum direito legitimo, pois D. Antonio fôra proscripto por Filippe II como traidor á patria, e seus bens justamente confiscados em proveito da corôa. Depois d'esta decisão o gentil homem despediu-se do rei, e este lhe mandou dar um presente.

«A côrte de Lisboa é muito triste. Ordinariamente não se encontra muita nobreza junta. O rei come sosinho, raras vezes com a rainha, e nunca em publico: sáe muito pouco, e apezar de ter uma casa de recreio em Salvaterra, a dez leguas de Lisboa, rodeada de vastos terrenos para caça, passa annos inteiros sem ir lá. Nada é mais simples do que sua saida ordinaria; vêem-no n'uma carruagem puchada por seis cavallos, na companhia do infante D. Antonio seu irmão, o duque D. Jaime, seu escudeiro mór, e gentil homem de semana. Sua comitiva não passa de cinco ou seis pessoas a cavallo.

[1] *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 48.

«A rainha sae tambem muito poucas vezes. Vae todos os sabbados, depois do jantar, por devoção a um convento que fica no fim da cidade de Lisboa, acompanhada do principe do Brazil, das princezas sua filha e cunhada, da condessa de Unhão sua primeira camarista. Sua saida é sempre annunciada de manhã por um tambor e um pifaro, que andam a tocar pela cidade com o fim de que a este signal todos os archeiros, que não estão de guarda se dirijam para o palacio. A carruagem da rainha vae rodeada de alguns pagens a pé, e precedida por todos estes archeiros sem chapeo, commandados por um capitão e por um tenente a cavallo. O resto da sua comitiva consiste em quatro carruagens, em tres das quaes vão doze damas de honra.

«Antigamente os dias de grande gala eram festejados com corridas de toiros, que duravam alguns dias; foram porém supprimidas no fim do ultimo reinado pela influencia da rainha. Como o rei D. Pedro, seu marido, que tinha uma força extraordinaria, gostava immenso de ir n'estas occasiões agarrar um toiro á unha, a rainha receiando com razão que lhe acontecesse alguma desgraça, tanto trabalhou que obteve d'elle a suppressão d'estas corridas, e contentaram-se depois com o dal-as por occasião do nascimento de principes e princezas.

«Os portuguezes são ciumentos no ultimo grau, dissimulados, vingativos, escarnecedores, vãos e presumpçosos sem motivo, não tendo, com excepção da nobreza, senão uma educação muito mediocre, não estando acostumados á leitura, e quasi que não viajando para outra parte mais que para o Brazil, Africa e Indias Orientaes. São porém estes defeitos contrabalançados por outras qualidades estimaveis. Teem muita vivacidade e penetração, uma affeição extraordinaria a seu principe, são muito guardadores de segredos, amigos fieis, generosos, caritativos para com seus parentes, sobrios na comida: quasi que só comem peixe, arroz, aletria, legumes, bolos, e não bebem ordinariamente senão agua.

«Vê-se andarem os homens pela rua trazendo uma espada comprida, a maior parte do tempo debaixo do braço, e um rosario na mão, fallando ácerca de negocios e de seus divertimentos, mas não deixando de resar, ou pelo menos de o fingir, particularmente quando estão uns com os outros. Sua maior paixão no exterior consiste n'uma devoção apparente, capaz de enganar aquelles que não tiverem alguma pratica d'este paiz.

«A gente ordinaria ajunta-se em ranchos nas ruas em frente de nichos, onde rezam e dão bofetadas em si mesmos. Nas procissões de Quaresma azorragam-se a si proprios horrivelmente, ou arrastam ao andarem cadeias presas ás pernas, trazem barras de ferro com os braços em cruz e outras penitencias similhantes. Com tudo n'estas mesmas occasiões alguns trazem uma fita no hombro para serem reconhecidos de suas namoradas. Outros namoram por signaes na egreja, e isto diariamente, entregam cartinhas de namoro com muita dextreza. Estão mesmo tão acostumados a verem todas estas coisas, que as pessoas do paiz as mais morigeradas não se escandalisam por observarem isto. A bondade do clima e a doçura da vida tornam-os preguiçosos, fazem com que trabalhem pouco, e se contentem com uma fortuna mediocre.

«Os judeus são muito mais laboriosos, o que provém de sua paixão ordinaria para ajuntar riquezas, e do desejo de se verem em estado de deixar um paiz, onde a Inquisição lhes faz uma guerra cruel. De vez em quando alguns, depois de terem adquirido fortuna, embarcam secretamente e passam para Inglaterra, Hollanda e outros paizes, em que podem exercer livremente sua religião. Sua vida em Portugal está cheia de contrariedades e inquietações. Fazem exteriormente todos os exercicios da nossa religião com a maior pontualidade para que não desconfiem que são judeus.

«Os que se convertem egualmente passam por muitos desgostos. São desprezados e marcados para sempre com o epitheto infamante de *Christão novo*, que os exclue a elles e a seus descendentes, a não ser por um extremo favor, da maior parte dos cargos seculares, e lhes tira para sempre a esperança de se poderem alliar com os christãos velhos. Fazem-se estas allianças algumas vezes, mas só por occasião de alguma aventura amorosa, ou quando christãos novos, sendo ricos, fazem a fortuna de raparigas pobres. Mas os filhos provenientes d'estes casamentos são chamados *meio christãos novos*, e successivamente á proporção. Finalmente quando se perdeu a memoria do grau de sua origem judaica, chamam-lhes *parte de christão novo*, de sorte que esta especie de infamia não se extingue quasi nunca. [1]

«Dizem que as mulheres por indole são muito affeiçoadas a seus maridos [2] e que é raro encontrar alguma que lhes seja infiel. É comtudo necessario confessar que o excessivo ciume dos maridos, e as precauções extraordinarias que tomam, poderiam fazer julgar que ellas são de uma compleição bem differente. Seja como fôr, o que é certo é que sua sorte é bem triste. Teem-nas quasi sempre fechadas, e vêem-se até mesmo simples commerciantes terem em sua casa capellas, em que mandam dizer missa para tirarem a suas mulheres e filhas qualquer pretexto para saida.

Não podem ellas fallar senão aos padres e aos frades: estão privadas absolutamente de todo o commercio com os outros homens, e não teem mais recreação que de dentro das gelosias olharem para quem passa.

Apenas se podem ver na egreja quando lá vão: collocam-se na têa separadas dos homens, mas isto não obsta a que por signaes e linguagem de dedos substituam a palavra. Accrescentarei ainda que estes signaes se fazem de uma e outra parte d'uma maneira tão subtil e tão prudentemente dirigida que um estrangeiro, que não estivesse prevenido d'este uso, juraria que elles não disseram uma unica palavra.

Esperam com grande impaciencia as procissões de Quaresma, porque se lhes permitte então sairem para irem ver as ceremonias, e porque aquellas que teem desejo de fazer outro uso da liberdade d'aquelle tempo, o podem fazer sem perigo, não sendo quasi possivel expial-as por causa da quantidade de mulheres, que se vêem n'estas occasiões, e da conformidade de seus vestuarios. Vão tambem na noite de Quinta-feira Santa visitar as egrejas, e em quanto

[1] *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 99.

[2] *Idem*, pag. 110.

os maridos dormem tranquillamente por causa do preconceito geral que não lhes permitte resistirem à devoção verdadeira ou fingida de suas mulheres, diz-se que ha então muitas, que se indemnisam do tempo que passaram no constrangimento.

«Os medicos portuguezes passam no espirito da nação por muito habeis: odavia são extremamente prodigos de sangue, e quasi que não conhecem outro remedio senão a sangria. Nas doenças ordinarias começam por applicar *meia duzia de sangrias*; e, quando o mal é teimoso, elevam a receita até quinze ou vinte, de fórma que o que de melhor póde acontecer ao doente é ficar livre da molestia por meio de uma debilidade de que com muita difficuldade se restabelecerá. Finalmente se seus remedios não aproveitam, e o doente cae n'um estado desesperado, receitam-lhe *Agua do Francez*, e experimenta-se que muitas vezes os doentes recuperam sua saude com o uso d'esta agua. O francez, que a vende, é um provençal por nome Estienne, estabelecido em Lisboa, ha muitos annos, o qual sem ser medico ou cirurgião applica a toda a qualidade de doenças esta tisana, cuja composição diz ter aprendido de um turco. Apresenta certidões de uma infinidade de pessoas, a quem curou perfeitamente; e bem que mostrando o credito de sua tisana ou suas curas maravilhosas, tenha grande cuidado de guardar silencio a respeito das occasiões em que ella produziu effeito contrario; é todavia certo que tem ajuntado grossos cabedaes, e conservado sempre sua reputação com o mesmo vigor.

«Observa-se que a maior parte dos medicos e dos advogados são de raça judia: os cirurgiões, apezar de serem ignorantes, acham o sangrar muito abaixo de sua dignidade: são os barbeiros os que se prestam a este mister.

«Os homens e mulheres teem grande devoção a S. Bento, cujas reliquias repousam n'uma grande egreja de seu nome. Vê-se a 21 de março, dia da festa d'este santo, um concurso extraordinario de povo, que batendo á porta d'esta egreja pede ao Santo que não lhe deixe faltar o pão: e pelo anno adiante as raparigas mandam ali dizer missas para encontrarem bons maridos.

«Os velhos e pessoas achacadas teem egualmente uma singular devoção a S. Gonçalo, portuguez de nação, que está no convento dos dominicanos, na praça do Rocio. No dia de sua festa fazem ali suas danças bailando e cantando:

Quem com o santo quizer sarar,
Ao santo ha de bailar.

«Comtudo as ceremonias mais respeitaveis de nossa religião fazem-se n'este paiz de uma maneira pomposa. Leva-se o corpo de Nosso Senhor aos doentes com muita magestade. O padre vae debaixo de um pallio sustentado por seis pessoas, caminha vagarosamente, precedido por varias especies de trombetas, e seguido de uns vinte irmãos de capas encarnadas, uniformes, levando cada um uma véla na mão e as coisas necessarias para administração do Sacramento.

«A procissão do Corpo de Deus faz-se desde alguns annos com uma pompa e solemnidade, que excede tudo o que se pratica nos outros paizes da chris-

tandade. As ruas por onde passa a procissão, estão juncadas de verdura e de flores, e guarnecidas de tropas: estão tapadas pelo telhado das casas de um lado a outro com um toldo de damasco carmesim: vêem-se alli grandes lustres de distancia a distancia e magnificos altares. Ha n'aquelle dia, na praça do palacio e na do Rocio, uma fileira de columnatas de madeira em arcadas muito largas e altas, em fórma de arcos de triumpho envernizados e enriquecidos de bellas pinturas, debaixo dos quaes passa a procissão, como em todo o resto do caminho a coberto das injurias do tempo.

«As casas estão armadas com sedas; vêem-se ás janellas as mulheres mui ricamente ornadas, e é prohibido aos homens apparecerem n'ellas.

«O rei assiste á ceremonia acompanhado de todos os grandes de sua côrte, e precedido de todas as irmandades, cavalleiros de Christo, de Aviz, de S. Thiago, de todas as ordens ecclesiasticas, do patriarcha com seu cortejo, ao qual os conegos mitrados dão grande esplendor [1].

«A rainha dirige-se n'esta occasião para a residencia do ministro, cuja casa está situada de modo que S. M. tem o prazer de se ver alli no meio da Procissão; porque ella descobre-a ao longe vindo da sua esquerda, d'onde se estende depois para a grande rua dos ourives de oiro, que fica na frente das janellas que ella occupa, vê-a ainda voltar pela rua dos mercadores, que fica á sua direita.

«Esta procissão contém tanta gente, que grande parte está já de volta antes que a outra tenha acabado de passar por este sitio: de maneira que a rainha avistando a procissão de principio a fim a egual distancia da janella de sacada que occupa, a vê então em fórma de cruz, e a vista é soberba.

«Tanto os portuguezes são economicos em suas casas, tanto são gastadores na celebração de seus casamentos, e nas ceremonias publicas. Para sustentarem o explendor e despeza pedem emprestado sobre penhor, e alienam seus rendimentos; de maneira que ha poucas casas, que não estejam muito individadas. Algumas d'ellas qualificam-se de puritanas, o que quer dizer, que não houve em suas familias alguma mistura com o sangue dos moiros ou dos christãos novos, e d'isto se ufanam a ponto de não quererem alliar-se com as que não o são, e por esta razão é que se vê mui commummente os portuguezes casarem-se com suas parentas, apesar de lhe custarem muito dinheiro as dispensas em Roma. Vêem-se ainda casas de tal fórma enfatuadas de sua nobresa, que ellas preferem anniquilar-se a alliarem-se com outras menos illustres do que as suas.

«A lei permitte todavia ás filhas casarem-se conforme a sua inclinação, de maneira mesmo que um homem do commercio, a quem uma menina de primeira nobresa tivesse promettido casamento, poderia desposal-o apesar da resistencia dos paes, com tanto que a menina não se retractasse: comtudo isto quasi nunca acontece, porque o pretendente seria infallivelmente assassinado, porém estes exemplos são vulgares na nobresa ordinaria, e entre os mecanicos. Eis a maneira como os pretendentes se comportam n'estas occasiões: ex-

[1] *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 125.

põem seus direitos ao vigario geral, que ordena immediatamente que a menina compareça na sua presença. Feito isto, este ministro a interroga, e se as respostas se acham conformes á exposição do cavalheiro, dá-lhes immediatamente licença para irem casar-se.

«Esta lei dá occasião a aventuras muito divertidas, das quaes referirei uma que aconteceu á filha de um bom commerciante. Tendo-se esta pessoa enamorado de um particular, apesar de sua figura muito mediocre, o qual morava defronte d'ella, o amante não perdeu tempo em ir ter com o vigario geral; não procedeu todavia com tanto segredo, que o pae da noiva não fosse pouco tempo depois informado de suas pretenções e diligencias; mas como quasi que não ha remedio para contrariar taes golpes, este pobre homem contentava-se com deplorar sua sorte, não podendo principalmente consolar-se por ser seu pretendido genro, que apenas tinha uma fortuna muito mediocre, de raça judia, raça detestada por aquelles que não pertencem a ella. Em quanto derramava lagrimas na sua loja, passou um de seus amigos, que vendo-o n'aquelle estado, lhe perguntou a causa, ao que tendo-o o pae satisfeito, o amigo o consolou dizendo-lhe que elle se gabava de o tirar da difficuldade n'aquelle mesmo dia. Acrescentou que, como o ponto principal consistia em fazer desdizer sua filha, era necessario para o conseguir prometter-lhe satisfazel-a immediatamente no desejo que mostrava em casar-se. Que lhe affirmasse que conhecia intimamente um mancebo, bello, bem apessoado, muito proprio a fazel-a feliz: que este mancebo tinha na verdade pequena fortuna, mas que não lhe faltava talento, sendo principalmente christão de raça. O pae encantado do expediente, concordou em que, em quanto seu amigo ia trabalhar para lhe alcançar um novo genro, elle previniria sua filha, e nada esqueceria para lhe fazer um retrato do cavalheiro capaz de a lisonjear. A esta nova achou-se a menina muito embaraçada; comtudo sua inquietação não durou, pois o cavalheiro sensivel ás vantagens, que se lhe offereciam, tendo-se dirigido com o amigo a casa da menina, esta o achou de tal fórma á sua vontade, que n'um instante se lhe agarrou ao pescoço, dizendo: Este é meu marido; não quero outro.

«Tendo as coisas chegado a este estado, e depois d'uma affeição tão rapida, da qual a familia tinha interesse em obstar ao esfriamento, em nada mais se pensou do que em tomar todas as medidas necessarias para consummar o casamento antes do dia seguinte, o que foi executado com tanta diligencia e felicidade, que a bella foi dormir n'aquella mesma noite com seu marido. O antigo pretendente não deixou de se apresentar pela manhã muito cedo de sege, acompanhado por doze de seus amigos, e munido com a ordem do vigario geral; mas ficou bem depressa espantado, quando lhe disseram que a pessoa que elle pedia em casamento, se tinha recebido com fulano, morador em tal rua. Alli voou immediatamente com o seu cortejo, e o marido informado do motivo que alli o levava, e bem seguro de que a scena findaria pela confusão do outro, tomou o prazer de reunir promptamente um numero de amigos seus egual ao que tinha este rival, para acompanhar sua mulher com mais luzimento a casa do vigario. Tendo a coisa sido assim exe-

cutada, ella declarou a este juiz, na presença de todo este numeroso cortejo, por seu marido aquelle que a tinha acompanhado. D'esta sorte terminou este processo com grande regosijo do pae e do esposo, e o illudido pretendente voltou para sua casa, passando por milhares de apupos, e acabrunhado de dôr e de confusão.

«Quando um fidalgo tem seu casamento justo com alguma das damas do paço, deve trazer na abetoadura uma fita, que é um dos signaes de sua promessa; além d'isto é obrigado pelo espaço de seis mezes a apresentar-se no palacio todas as vezes que as damas saem ou entram com a rainha, e a seguil as de longe sem que lhe seja permittido fallar á sua namorada senão por meio de signaes até ao dia da consummação do casamento.

«A mulher ennobrece o marido: os engeitados são nobres pela supposição de que podem ter fidalgos por seus paes.

«Os portuguezes ordinariamente fazem frades a seus filhos segundos, ao que estes raramente resistem, pois este estado é muito asado para a devassidão. A vista dos paes com isto é de tornar ricos os primogenitos, e procede tambem da impossibilidade em que se acham de dar aos primeiros um emprego honesto, não havendo alli nenhuma arte liberal, e o commercio sendo muito limitado. Além d'isto, quando teem um filho padre ou frade, consideram-no como uma grande honra, e ninguem pode ignorar que ficam isentos de judaismo, pois aquelles, que teem uma tal mancha, por muito leve que seja, estão excluidos do sacerdocio para sempre.

«Os paes empregam o mesmo constrangimento para com as filhas, mettem-nas a quasi todas freiras, quer seja por falta de meios de lhes dar um dote para terem um marido, seja pelo perigo em que incorrem por causa da liberdade que a lei concede ás raparigas de se casarem á sua vontade. Os paes de condição mediocre obrigam-nas a tomar este partido ainda por outro motivo, que é a honra de terem uma filha freira. Estas victimas da vaidade renunciavam além d'isto ao mundo tanto mais voluntariamente, quanto lhes parecia que deixando-o ellas entravam n'elle em vez de sair, pois sendo em casa d'ellas extrema a prisão, e achando nos conventos a liberdade de verem homens e de poderem conversar com elles quasi todo o dia, sua sorte parece-lhes mais agradavel.

344) DESCRIPTION *du tres humain, vertueux et invectissime roy de Portugal. Envoyé à nostre sainct pere le pape, des gestes faictz en la mer rouge. Et de la paix, paction, convenance commencée par lui avec prebistre Jehan roy de Ethiopie.* Lisbonne, 1521.

Apparece citada esta obra n'um catalogo de livros raros.

345) DESCRIPTION *geografica, historica de el reyno de Portugal.* Madrid (sem data), folheto.

346) DESE MACHTEGUE EN GROT STATE ÀDE GENCEMT *die gelege es int conincrye va persê indem wech va mecha was bestormt en*

heuochtê va Alfonso d'Albukerque capitein generael vandê bogê en machtege edele conic va portegael heer Emanuel mr. drieduist vyfhodert volchx vock te drie urê lac tregê die ide stat warê dese bataelge gesciede up dê beiigê, etc. Anvers, 1513.

Trata esta obra da tomada de Adem por Affonso d'Albuquerque, no reinado de el-rei D. Manuel, e vi-a citada n'um catalogo de livros raros para venda.

347) DESFONTANES (ABBÉ GUYOT).

E.—I. *Histoire de D. Juan, fils de D. Pedro et de D. Ignès de Castro.* Paris, 1724.

II.—*Inez de Castro ou histoire de Pierre de Portugal.* Paris, 1722.

348) DE ZEEUSCHE VERRE-KYKER.

Ghedrucht tot Ulissingen in 't Groene Wout. 1649. 8 folhas sem numeração. (M. S.)

349) DIAS (PEDRO).

E.—*Epistolæ de 52 Jesuitis interfectis in Brasilia,* Antuerpiæ, 1605.

350) DICTIONARIUM MALAICO LATINUM *et Latino Malaicum cum aliis quamplurimis quae quarta pagina edocebit. Opera et studio David Haex. Romae. Typis et impensis Soc. Cong. de Propag. Fide.* 1631. *Superiorum permissu.*

No fim d'este Diccionario Malaico Latino ajuntaram-se alguns termos portuguezes, que são muito communs entre os vocabulos malaicos, e usados nas ilhas de Amboyno, Banda, Java e Molucas. A lista das palavras portnguezas usadas por estes povos contéem 143 vocabulos.

O exemplar por mim consultado em 1861 existia na Bibliotheca do Porto.

351) DIDOT (M. FIRMIN).

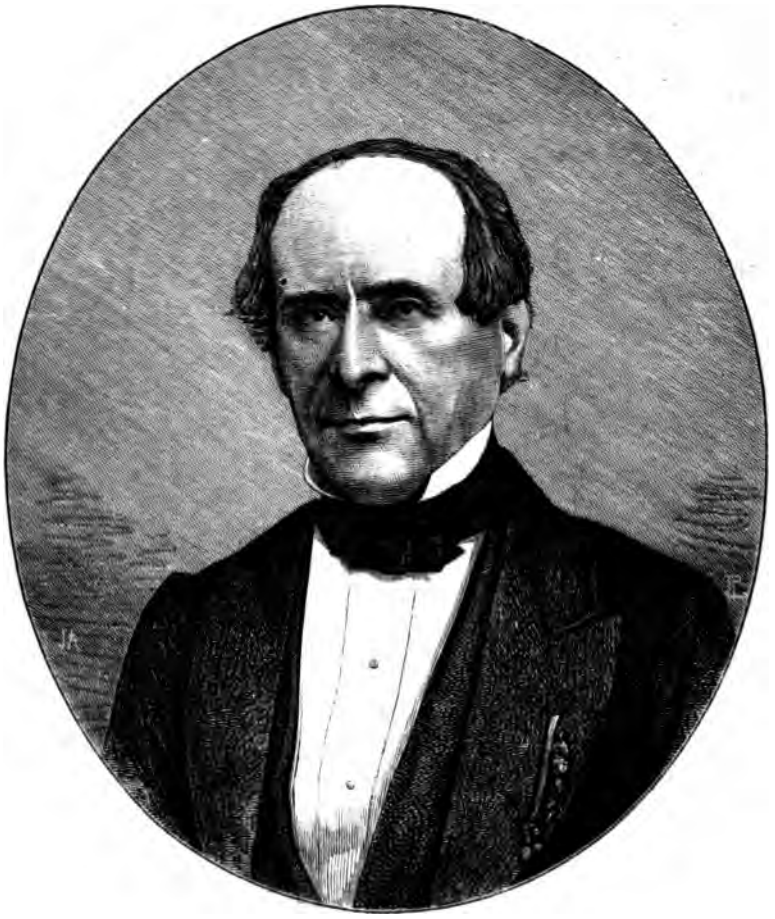
Nasceu em Paris no anno de 1764, e falleceu no de 1836. [1]

E.—*La reine de Portugal.* [2] *Tragedie en cinq actes par —. Representée pour la première fois, sur le second theatre Français, le* 20 *octobre* 1823. Paris. De la Typographie de l'auteur, 1824, 4.º, 88 pag.

Pessoas, que entraram em scena: Affonso de Portugal, Mr. Lafangue.—Branca, esposa d'Affonso, M.elle Gros.—D. Pedro, Mr. David.—Constança, filha de Branca, Melle Falcoz.—Ignez, dama de Constança, Melle Dupont.—Castro, condestavel, irmão de Ignez, Mr. Delaunay.—Alvares, juiz, Mr. Auguste.—Maria, dama de Ignez, Melle Alex. Perroud.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 14.º, pag. 115.

[2] Personne n'a pu s'interesser aux amours d'Edouard et d'Eugénie, composition de Gresset, au lieu qu'on s'interesse beaucoup à ceux d'Inés et D. Pierre. — *La Harpe — Cours de Littérature I*, pag. 844.



FERDINAND DINIZ

352) DIEZE (JEAN ANDRÉ).

E.—*Histoire d'Espagne et de Portugal*. Leipzig. 1774.

353) DINIS (FERDINAND).

Nasceu em Paris no dia 13 de agosto de 1798, onde recebeu sua educação. Sendo mui moço residiu por espaço de tres annos e meio no Brazil. Foi primeiro nomeado bibliothecario do ministerio de instrucção publica, e passou depois na qualidade de conservador para a Bibliotheca de Santa Genoveva. [1]

E. — I *Histoire Géographique du Brésil*. Paris, 1833, 107 pag. Faz parte da *Bibliotheque Populaire*. Traz uma larga introducção, na qual faz uma resenha dos escriptores que escreveram sobre o Brazil.

Estes escriptores são: Jean de Lery, francez. 1578 — André Thevet, francez, 1558 — Hans Staden, 1556 — Claude d'Abbeville, francez, 1614 — Pison et Margraff, 1648 — Barlœus, 1647 — Roulox Baro, 1651 — Staunton, 1797 — Barrow, 1807 — Lindley, 1804 — Mawe, 1812 — Langsdorff — Koster, 1816 — Neuwied, 1819 — Spix — Martius.

II. *Le Bresil*. Na conhecida collecção do *Univers Pittoresque* editado em Paris por Firmin Didot. E' o primeiro volume da collecção relativa á America. Esta obra foi traduzida em portuguez, e impressa em Lisboa no anno de 1844, formando dois volumes.

III. *Resumé de l'Histoire Litteraire du Portugal suivi du resumé de l'Histoire Litteraire du Brésil*. Paris, Lecointe et Durey, libraires, in-8.°, 625 pag.

«Para bem analysar os *Lusiadas*, (pag. 76), para fazer conceber suas bellezas, seria mister ser transportado por um momento ao cume d'essa collina á qual o Gama é conduzido por uma divindade, que lhe faz contemplar os gloriosos destinos de Portugal.

«Examinando esta vasta concepção, veem-se desenrolar todos os acontecimentos, que tornaram tão poderosa uma nação fraca ao principio, e dentro em pouco superior a todas as outras, porque reuniu a constancia ao valor. O que ha de mais admiravel, é que as bellezas d'esta epopea brilhante appresentam-se sem mostrar os esforços da arte; é o poeta viajante, o soldado, que canta navegantes e guerreiros.

«Deu-lhe a natureza um profundo sentimento da harmonia; pertence ao numero d'aquelles, que fixam uma lingua pelo encanto de seu estylo, pertence tambem ao numero d'aquelles, que animam um povo inteiro com um grande pensamento.

«O mais bello privilegio d'um poema épico é enobrecer uma nação a seus proprios olhos, é fixar nos corações as lições dadas pela coragem e pela honra; enternecer sobre os erros, inspirar horror aos crimes. Camões não mereceu grandes censuras no decurso de sua composição, mas desempenhou o verdadeiro fim a que se deve propôr um poeta nacional.

«O acontecimento, que acabava de elevar sua nação acima dos outros povos, era o que naturalmente elle devia escolher: Gama foi seu heroe.

[1] Visconde de Jorumenha.—*Obras de Luiz de Camões*, vol. 1.°, pag. 244.

«Um de nossos poetas modernos, capaz de bem comprehender o auctor dos *Lusiadas*, e de o fazer sentir, mostrou-nos a fórma adoptada por elle desde o principio—«O começo dos *Lusiadas*, diz Raynouard, é original, nobre, poetico, tem uma fórma magestosa, porque indica, agrupa e accumula os factos, que devem ser reproduzidos no poema; e somente quando este quadro feriu a imaginação do leitor, é que annuncia, que cantando-o ha de espalhar a fama pelo universo [1].

«Já que vemos apparecerem aqui os deuses do Paganismo n'um assumpto no qual em nossos dias só os poderes da religião christã se fariam intervir, lembremos que é necessario julgar os homens segundo os tempos, e não nos mostremos severos de mais, quando se nos offerecem grandes bellezas. Talvez não seja fóra de proposito recordar aqui a maneira como madame de Stael explica o emprego do maravilhoso mythologico, associado ao que era indicado pela religião christã; provavelmente que o pensamento do poeta está todo inteiro n'esta phrase, principalmente applicando-a á época, em que morreu Camões. «Censuram-n'o por esta alliança, mas não nos parece que nos *Lusiadas* produza uma impressão discordante. Sente-se alli muito bem que o christianismo é a realidade da vida, e o paganismo o adorno dos festins.»

«Na primeira descripção (pag. 81) da attitude e dos costumes d'um povo estrangeiro Camões mostra-nos qual a exactidão, qual a tinta local que deve conservar nas numerosas pinturas dos paizes longinquos.

«Ninguem melhor, que Camões (pag. 87) sabe variar todos os movimentos d'uma poesia brilhante; se no principio nos revelou as pompas do Olympo, agora ostenta a nossos olhos todo o luxo da Europa e dos paizes visinhos da Asia: suas pinturas são preciosas para o nosso seculo, e variou-as sem cessar.

«Ao ler o enternecedor episodio de *Ignez de Castro*, onde vemos agglomerados todos os generos de merecimento, quem se não sentirá commovido? (pag. 91.) O proprio Voltaire proclamou-o uma obra primorosa, apesar de muitas vezes não fazer justiça ás outras bellezas do poema. Parece, e tanta melancolia existe n'este canto lastimoso, que é um ultimo grito de dor escapado ao infeliz D. Pedro, que sua constancia fez sobreviver ao desespero. Camões recolhe tudo quanto póde despertar uma nobre tristeza; não se esforça em augmentar a dor, recorda o que fez já tantas vezes custar lagrimas.

«Os navios de Gama estão promptos para irem á descoberta. Comprehende-se que o poeta deixou sua patria, e que tambem elle viu mães abraçarem seus filhos, mulheres soluçarem nos braços de seus maridos. Camões, dotado da mais bella alma, representando sempre o que sentiu, Camões n'isso ainda é admiravel. Se pinta o poder dos laços da natureza, pinta tambem a ambição, e as desgraças que ella póde causar: fal-as annunciar por um velho, que se dirige aos navegantes; e este velho, a quem o prestigio das conquistas não póde seduzir, é sublime em suas expressões, como em seus pensamentos.

«Os viajantes costeam a Africa, e dentro em pouco vão passar a linha. As pinturas do poeta vão ser novas. Para descrever uma tromba maritima, não

[1] *Journal des Savants*, julho de 1825.

podia achar cores nos antigos. Sua profunda observação lh'as forneceu. Eu mesmo fui testemunha, ha alguns annos, d'este espectaculo, que causa aos viajantes tanta admiração e susto. Tornei a ler Camões, e conheci que elle era um dos maiores pintores dos phenomenos da natureza.

«Montesquieu disse, que este poema continha bellezas dignas da Eneida e da Odyssea. Mas é na apparição do gigante Adamastor, que se sente a verdade d'esta reflexão (pag. 103.) E como o estylo se modifica! Como este gigante vae fazer sentir todo o amor em que se inflammou para com a esposa de Peleo! Como elle faz comprehender todo seu furor, pintando a maneira como foi enganado! Não ajuntarei nenhuma reflexão a esta mais bella passagem dos *Lusiadas*, e contentar-me-hei em dizer com Parseval de Grandmaison na sua obra—*Les amours epiques*—que é talvez a mais primorosa da epopea.

«Nada ha mais animado que o episodio dos doze de Inglaterra, nada mais cavalheiresco do que a pintura dos torneios, e das festas.»

*
* *

«No começo do seculo XVII bastantes epicos se appresentam a nossos olhos, todos dotados d'um verdadeiro talento. Possuiam-nos os portuguezes n'uma época, em que nós os francezes apenas tinhamos informes ensaios. Corte Real, Quevedo, Pereira de Castro e Menezes escreviam n'uma lingua já elevada ao seu mais alto grau de perfeição.

«Em quanto Camões se entregava á solidão, depois de ter percorrido os logares, que cantava em seu poema, um homem celebre ia procurar em paizes estrangeiros estas cores brilhantes, com as quaes queria ornar sua poesia. Corte-Real percorreu a India e Africa, assistiu mesmo á celebre batalha de Alcacer-Quibir. Na volta para sua infeliz patria entregou-se á solidão, e resolveu consagrar seus ultimos descanços a celebrar a gloria de Portugal. Em seu poema o *Naufragio de Sepulveda*, as maiores bellezas brilham ao lado dos defeitos. Poema, do qual a maior parte nos deve commover profundamente, pois offerece sentimentos os mais ternos, e acontecimentos os mais pungentes. Este poema não podia ser concebido senão por uma alma ardente e sensivel. Desembaraçado das ficções mythologicas, Corte Real seria o primeiro depois de Camões [1].»

IV. Um grande numero de artigos relativos aos grandes homens, que Portugal tem produzido, publicados na *Biographie Universelle* de Firmin Didot, em 46 volumes. Estes artigos distinguem-se em geral pelo seu desenvolvimento e exactidão. Tanto n'estes artigos, como em todas suas obras, Ferdinand Denis mostra-se muito affeiçoado aos portuguezes.

V. *Une Fête Brésilienne celebrée a Rouen en 1550 suivie d'un fragment du*

[1] F. Denis analysa tambem varios outros poemas, como Affonso Africano, a Ulyssea, Malaca Conquistada, Viriato tragico, o Hyssope, o que não fizeram nem Bouterweck, nem Sismondi, nos quaes, bem como no escriptor francez citado, se encontram muitas paginas de nossos escriptores traduzidas.

VXI° Siècle roulant sur la Théogonie des anciens peuples du Brézil et des poesies en langue Tupique de Christovam Valente. Paris, J. Techener, 1851, in-4.° 104 pag. Com uma estampa representando a lucta simulada dos brasileiros.

É a reimpressão d'uma obra publicada em Rouen no anno de 1551, e que se tinha tornado da maior raridade. O titulo da edição antiga era o seguinte:

Cest la dedu-
ction du sumptueux ordre plaisantz spe-
ctacles et magnifiques theatres
dresses et exhibes par les citoi-
ens de Rouen ville Metropolitaine du pays de Normandie, A la
sacre Maiesté du Treschristian Roy de France, Henry secōd
leur souverain Seigneur, Et à Tresillustre dame, ma Dame
Katharine de Medicis, La Royne son espouze, lors de
leur triumphant ioyeux et nouvel advenement en
icelle ville, Qui fut es iours de Mercredy et ieu-
dy premier et secōd iours d'octobre, Mil
cinq cens cinquante, Et pour plus ex-
presse intelligence de ce tant ex-
cellent triumphe, les figu-
res et pourtraicts des
principaulx aorne-
mentz d'iceluy
y sont apposez chascun en son lieu comme l'on pourra veoir
par le discours de l'histoire.
Avec privilege du Roy.
On les vend à rouen chez Robert le Hay Robert et Jean dictiz-
du Gord tenantz leur boutique, Au portail des libraires.
1551

«Meio seculo se tinha apenas passado desde a descoberta do Brazil, e coisa de cincoenta indios completamente nus, pertencentes á raça dos tupinambas reunidos a 250 marinheiros normandos, vinham simular seus combates nas margens do Sena, na presença de Catharina de Medicis. Facto que não deve admirar, se considerarmos por um momento quanto eram activas as relações de Rouen, Dieppe Honfleur com a America meridional. A este espectaculo assistiram o nuncio do papa, os embaixadores de Hespanha, Allemanha, Veneza, Inglaterra, Portugal, e d'outras nações estrangeiras.»

A edição moderna é acompanhada de grande numero de notas interessantissimas.

VI. *Chroniques Chevaleresques de l'Espagne et du Portugal suivies du Tisserand de Segovie, drame du XVIIe Siècle, publiées*—Paris, Ledoyen, Libraire editeur, 8.° gr. 1839, 1.° IV, 382 pag. 2.° 492 pag.

Traz as seguintes lendas e episodios portuguezes: I *Tomada de Evora, por Giraldo Sem-Pavor, conforme Fr. Bernardo de Britto.* Tomo 1.° pag. 45.—

O mau rei e o bom vassallo. Historia de Martim de Freitas, conforme Duarte Nunes de Leão. Pag. 62.—*Historia de D. Constança Manuel, conforme Ruy de Pina.* Pag. 83.—*Chronica de Ignez de Castro.* Pag. 105.

«Seria obra para um laborioso bibliographo o recordar mesmo summariamente tudo quanto tem sido escripto a respeito de Ignez de Castro. Poemas, romances, novellas, dramas, tragedias, e até coplas de romance popular, todas as fórmas litterarias e poeticas teem sido esgotadas a respeito d'esta grande catastrophe, que completa actualmente em todas as nações a historia cavalheiresca da edade média.»

A Garça de Portugal. Narração verdadeira, onde se refere a historia lamentavel de D. Ignez de Castro. Romance hespanhol. Pag. 143.—*Poesias do Rei D. Pedro a uma dama.—Os amores d'um filho de D. Ignez de Castro.* Pag. 167.—*O primeiro dia do trafico da escravatura em Lagos.* Tomo 2.º pag. 41.—*O naufragio de Sepulveda.* Pag. 78.

VII. *Luiz de Sousa,* par—Paris, Librairie de Charles Josselin, 1835, 8.º gr., 1.º vol. 351 pag., 2.º 336 pag.

E' um romance baseado na vida do nosso grande escriptor. O rei D. Sebastião dirige-se ao mosteiro da Batalha com o fim de ver os corpos dos reis e principes alli sepultados, e de pedir orações a favor de sua proxima expedição a Africa. Luiz de Sousa, D. Magdalena e o marquez de Kleist, parente do imperador de Allemanha n'aquella occasião achavam-se na egreja. Luiz de Sousa é chamado para fazer ao rei um breve elogio das pessoas, cujos corpos D. Sebastião ia visitando. Em quanto falla, D. Magdalena de Vilhena, mulher de D. João de Portugal conserva-se extasiada para o orador, a ponto de se tornar reparada. D. Magdalena casara violentada, e nutrira sempre uma grande paixão por Luiz de Sousa, e este é o motivo porque n'uma entrevista nocturna com este, insta e alcança a promessa de não ir para Africa, pois lhe tinha obtido do rei o emprego de governador do castello de Belem. Tendo encontrado, porém, na retirada o marquez de Kleist, que tambem estava apaixonado de Magdalena, e que cheio de ciumes andava espreitando Luiz de Sousa, chega á falla com este, provoca-o, e ha um desafio entre ambos ficando o marquez gravemente ferido. Achando-se Luiz de Sousa compromettido acompanha o rei para Africa, fica captivo, e consegue d'alli fugir por intervenção d'uma escrava moura, que D. Magdalena alli mandara expressamente. Casam, e passados poucos dias encontram na egreja de Belem um peregrino, que lhes dá noticia de que D. João de Portugal ainda é vivo. Cheios de escrupulos separam-se, e cada um vae professar em conventos da ordem de S. Domingos.

«Quem não viu a embocadura do Tejo com suas bellas collinas cobertas de palacios e de mosteiros, suas larangeiras cobertas de flor, seus limoeiros, que se miram no Tejo, nada tem visto. Os portuguezes possuem um velho proverbio, que o diz, e repetem com mais justa rasão talvez do que os enfatuados habitantes de Sevilha. No seculo XVI Lisboa era a maravilha do universo; era a maior cidade da christandade. No tempo de D. João III era já como Roma a cidade dos sete montes, a cidade guerreira, e de immensos conventos. De Belem ate S. Bento de Enxobregas tinha perto de seis milhas: Paris não contava

então outras tantas. Era maravilhoso o contemplar esta cidade de soldados e de padres, formando um semicirculo de palacios.»

VIII. *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur influence sur la poesie; suivies de Camoens et José Indio;* par — A. Paris, Chez Louis Janet, 8.° IV, 514 pag. e uma estampa representando os ultimos momentos de Camões no hospital. O *José Indio* é um romance, no qual Ferdinand Dinis conta a vida de Camões. Termina este livro com a bella ode de Raynouard em honra do nosso poeta.

IX. *Hippolite Taunay et Ferdinand Dinis.— Le Brésil ou mœurs et coutumes des habitants de ce royaume.* Paris, 1822, 6 vol. in-12.°

X. *Analyse das viagens de A. Sainte Hilaire ao Brasil.* Na *Revue des deux Mondes*, vol. 1.°, pag. 405 e seg. (Anno 1831).

XI. *Atlas de la Litterature Portugaise.* Paris, 1831.

XII. *Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614 par le P. Ives d'Evreux. Publié d'aprés l'exemplaire unique conservé à la Bibliotheque imperiale de Paris avec une introduction et des notes.* Paris, 1864, 456 pag.

XII. *Tableaux Chronologiques de Litterature Portugaise dans les Atlas des litteratures de mr. Janny de Moncey.*

«Consta-nos que ha dias mr. F. Denis enviara a S. M. F. um exemplar da sua obra — *Chroniques Chevaleresques.*

«E' este livro, como quasi todos os que saem da inexgotavel e deliciosa penna de seu auctor, uma brilhante manifestação de quanto elle conhece, e de quanto por isso mesmo, ama o nosso Portugal. Quem não leu uma e muitas vezes a sua *Novella historica de Camões*, e *José Indio*, o seu *Resumo da Historia Litteraria de Portugal*, a sua traducção da *Flor do Theatro Portuguez* e o seu *Prefacio a uma nova traducção dos Lusiadas?* Quem ao reler todos os seus outros escriptos, mormente as *Scenas da Natureza sob os Tropicos*, não julgou estar ouvindo o mais zeloso, o mais ardente portuguez? E que se em linguagem franceza se exprimia, era só pela ancia de tornar mais geralmente comprehendidos por esse mundo os nossos louvores E qual será o portuguez devéras, a quem, n'esta época de nosso quasi universal desamparo não faça muita força este amor d'um estrangeiro illustre, que nada nos deve, e só nos conhece pelos retratos, que de nós lhe hão dado os livros? Por nós confessamos que ao pronunciarmos ou ouvirmos pronunciar seu nome, dois affectos se nos levantam sempre na alma, ambos justos, ambos nobres, ambos vehementes, o primeiro a altiveza de havermos nascido na riquissima pobreza d'este ninho: o segundo respeito e gratidão para com o talento peregrino, que tão gratuita e generosamente dispende o seu cabedal poetico em coroas e incensos, com que atavie o nosso tumulo, com que divinise as nossas até já quasi por nós mesmos, tão apesinhadissimas reliquias.» A. F. de Castilho, *Revista Universal Lisbonense*, vol. 1.°, pag. 544. [1]

[1] Veja-se o mesmo escriptor no 2.° vol.

354) DISCOURS DE LA PAIX CONTRE *(sic)* PORTUGAIS.— 15 pag.

355) DISCOURSE OF THAT WHICH HAPPENED IN BATTLE *fought between the two navies of Spaine and Portugal at the Islands of Azores, anno* 1582 *by D. Alvaro Bazan, of Santa Cruz.* London, 12.° 1582. (Discurso do que aconteceu na batalha pelejada entre as duas frotas de Hespanha e Portugal nas ilhas dos Açores, etc.)

356) DISSERTATIO DE TRIBUS IN LUSITANOS JESUS *Socios publicis juditiis.* Norimbergæ, 1792.

357) DIX (JOHN A·)
E.—*A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence.* (Um inverno na Madeira e um verão em etc.)

358) DOMINIQUE (PIERRE FRANÇOIS BIANCOLLELI).
E.—*L'Agnes de Chaillot, parodie de l'Ines de Castro de Lamotte,* Paris, 1723.

359) DONIZETTI (GAETAN) — Celebre compositor italiano.
Nasceu em Bergamo no anno de 1798, e ahi falleceu em 1840.[1]
E. — *D. Sebastiano, re di Portugallo. Opera.* Paris, 1843.
Diz-se que o trabalho assiduo a que se entregou pelo espaço de dois mezes na composição d'esta opera fôra uma das causas da sua morte.

360) DOUVILLE (JEAN BAPTISTE).
E. — *Voyage au Congo et dans l'Afrique Equinoxiale.* Paris, 1832. 4 vol.
Esta obra foi considerada como um acervo de falsidades, e o auctor viu-se obrigado a escrever um livro em sua justificação.

361) DRIVER (JOHN).
Letters from Madeira in 1834, *with en appendix illustrative of the history of the Island, climate, wines, and other information up to the yar* 1838. *By.* London, 1838.

362) DROUET (HENRI).— Naturalista francez.
Nasceu em Troyes, em novembro do anno de 1829. Em 1857 effeituou na companhia de Arthur Morelet, de Dijon, uma viagem scientifica em Portugal e nos Açores.[2]
E.— I. *Rapport à S. M. le roi de Portugal sur un voyage d'exploration scientifique aux Açores.* Paris, 1858, 4.°, 2.ª edição.
II. — *Mollusques marins des Iles Açores,* 1859, 4.°

[1] Bouillet.—*Dictionnaire Universel d'histoire et geographie.*—Supplemento, pag. 40.
[2] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains,* pag. 562.

III. — *Cleopteres Açoreens*, 1859, 4.º

IV. — *Eléments de la Faune Açoreense*, 1860, 4.º

V. — *Lettres Açoreenes*. Poitiers, 1862.

VI. — *Catalogue de la Flore des iles Açores, procedé de l'itineraire d'une voyage dans cet archipel*. Paris, 1866.

Foi este trabalho publicado primeiramente nas *Memorias de la Societé Academique de l'Aube*.

363) DUBEUX (LOUIS).

Nasceu em Lisboa, de paes francezes, em 2 de setembro de 1778, e falleceu em Paris a 4 de outubro de 1863. Seu pae era armador de navios. A sua primeira educação foi inteiramente portugueza, e então é que elle se iniciou no estudo da lingua hebraica.

Tendo 20 annos, a familia passou a residir em Paris. Continuou alli os estudos orientaes, que, no tempo de Luiz Philippe, lhe deram posse da cadeira de turco na escola de linguas vivas, e em 1858 a successão provisoria de Quatremère na cadeira da mesma lingua no Collegio de França. Seus trabalhos, dos quaes grande parte foi publicada no *Nouveau Journal Asiatique* pertencem á litteratura da Asia; ligam-se á historia e á geographia pela traducção da *Chronica de Tabari*, emprehendida por conta da sociedade das traducções de Londres, cuja 1.ª parte apenas saiu a lume (Londres, 1836, em 4.º) e por 2 volumes escriptos para o *Univers Pittoresque* da livraria Didot, a *Persia* 1840; e o *Afghanistan* (em collaboração com Valmont), 1848.[1]

Annotou a traducção que dos *Lusiadas* fez J. B. J. Millié, e estampou em Paris no anno de 1862, de que foi editor Charpentier.

364) DUBLIN (THE) *University Magasine*.

Em o n.º 156 (vol. 26.º), 1845, traz uma curiosa viagem feita em Portugal.

«Tanto se tem dito a respeito de viajar no interior de Portugal e Hespanhá, que poucas pessoas teem desejos de emprehenderem tão aventurosas jornada s porém um conhecimento mais bem fundado da condição social da Peninsula principalmente de Portugal, dentro em pouco dissipará taes receios, ou pelo menos mostrará que são excessivamente exagerados.

«Quaesquer que tenham sido os perigos de viajar em Portugal outr'ora, elles actualmente não são para temer, e não devem assustar o mais timido.»

Nos Carvalhos teve o viajante occasião para notar o conforto dos portuguezes comparado com a miseria dos homens do campo irlandezes.

Passou por Alcobaça e viu que a descripção da cosinha do mosteiro, feita por Beckford, não é exagerada.

Nada mais podia fazer que admirar o bello mosteiro da Batalha, cujas bellesas architectonicas eram o seu menor encanto, pois considerava aquelle monumento como pertencente a um periodo dos mais gloriosos da historia portugueza. Lastima os estragos feitos pelos francezes, e diz que as atrocidades

[1] Vivien de Saint Martin.—*Année Geographique*, 2 année, pag. 131.

de Massena, Loison e Kellermann estavam pouco em harmonia com o procedimento dos officiaes francezes, pois uma tal maneira de guerrear só era propria de turcos e selvagens.

«Na universidade de Coimbra, quando um estrangeiro entra na casa da aula, é recebido com a usual polidez portugueza; o professor pára, comprimenta, e os estudantes levantam-se. Ha tambem nos portuguezes um outro caracteristico não menos amavel. Estão alli muitos mancebos de Goa, Brasil e colonias portuguezas, cuja côr os excluiria das aulas, entre os democratas dos Estados-Unidos, amantes da egualdade, mas em Coimbra prevalece o sentimento mais christão; nenhuma pessoa é despresada por causa da côr da pelle, ou pelo crespo do cabello. É agradavel fallar da boa ordem e respeito que reina durante a lição.

«A faculdade de direito é considerada como a mais importante por causa de seu grande numero de estudantes. Nas disciplinas ensinadas inclue-se canones, direito romano, legislação portugueza, economia politica, medicina legal etc., de maneira que, se os diversos ramos da jurisprudencia fossem bem ensinados, os lettrados portuguezes deveriam ser os mais instruidos dos jurisconsultos europeus.

«Esta universidade está muito superior a qualquer universidade hespanhola. Mr. Kinsey, que visitou em 1826 o museu de Coimbra, queixa-se da imperfeição da collecção geologica, especialmente dos ossos fosseis. Porém n'aquelle mesmo periodo é que o estudo estava principiando a tornar-se popular, e talvez, exceptuando Londres e Paris, em nenhuma outra parte se poderiam encontrar collecções geologicas importantes.»

365) DUBLIN (THE) *University Magazine*, n.º 160 — February, 1847. — *Historia de Portugal* do sr. A. Herculano.[1]

«A historia de Portugal, se inferior em lustre á de Hespanha, é comtudo sómente a segunda no que toca á importancia; e com quanto menos poetica, offerece maior materia de interesse ao philosopho que pensar n'ella. Portugal, mais que nenhuma outra nação da Europa, nos espanta pela energia do seu povo, e pelo contraste entre a pequenez e fraquesa de seus meios, e a grandesa dos resultados e feitos que obrou. Os descobrimentos maritimos do illustre infante D. Henrique formaram a escóla que impelliu Colombo e Magalhães ás empresas atrevidas, que executaram em serviço de Hespanha: sendo que Portugal, por consequencia, tem parte indirectamente na gloria do descobrimento do novo mundo, bem como lhe compete a honra indisputavel de haver descoberto o caminho da India, abrindo assim á navegação e commercio da Europa as mais ricas regiões do Oriente. Por virtude d'aquella sua maravilhosa energia achamos que em pouco menos de um seculo os portuguezes estabeleceram o seu dominio ao longo das costas de Africa, desde Ceuta até ás costas do mar Vermelho. Na Asia estenderam suas conquistas desde o Golfo Persico até aos varios emporios da India e Ceilão, e d'ahi até Malaca e Cantão e ilhas

[1] *Revista Universal Lisbonense*, vol. 7.º, pag. 173.

de Maluco no mais remoto Oriente. Durante este glorioso periodo, seus navegantes visitaram o Japão, descobriram as ilhas de Loo-Choo, e abriram o caminho para Australia e archipelago de Tahiti. N'aquella época de energia e frenesi de empresas e navegações não se deram comtudo por satisfeitos os portuguezes com o senhorio do Oriente, e preciosidades da Asia. Fundaram o imperio do Brasil, e sem embargo da opposição de França e obstinados esforços em contrario dos hollandezes, conseguiram dominar nas mais extensas e ferteis regiões da America do Sul. O portuguez patriota, que lamenta a decadencia da sua patria, póde ainda ao menos consolar-se com a idéa de que a lingua de Camões, logo depois da de Milton, haja de ser a mais extensamente fallada no continente americano. Era pois com vangloria desculpavel que os antigos historiadores portuguezes costumavam dividir as suas obras pelas quatro partes do mundo.

«Além da grande energia que os portuguezes desenvolveram no seculo XVI cujas vastas consequencias deram em resultado tornarem-se os annaes de um pequenino reino um importante capitulo da historia do mundo e progresso da civilisação, ha tambem n'isto uma especie de interesse domestico para os inglezes.

«E com effeito, não só é Portugal o nosso mais antigo e mais seguro alliado, mas desde a fundação da sua monarchia, amigaveis relações teem subsistido entre os dois reinos. Na edade media os cruzados dos Paizes Baixos e da Inglaterra ajudaram, mais de uma vez, os portuguezes nas suas guerras com os mouros, tendo sido com similhante auxilio conquistada Lisboa aos serracenos. O primeiro bispo de Lisboa era inglez, e alguns seculos mais tarde a batalha de Aljubarrota, que estabeleceu a independencia do reino, foi ganha aos hespanhoes e francezes pelas forças alliadas de Inglaterra e Portugal. O casamento de D. João I de Portugal com D. Filippa, filha do nosso João de Gaunt, cimentou a amisade dos dois paizes. Quando depois de sessenta annos de oppressão hespanhola, Portugal em 1640 recobrou a sua independencia, os inglezes, seus alliados, segunda vez o ajudaram n'aquelle empenho, e fizeram bom serviço nas batalhas do Ameixial e Montes Claros. Foi desde aquella época que se estabeleceu intima alliança entre Portugal e Inglaterra. Carlos II casou com uma princesa de Portugal, e o celebre duque de Schomberg commandou os inglezes auxiliares, a cujos esforços se attribue principalmente a derrota dos hespanhoes.

«Não obstante o interesse da historia de Portugal, suas antigas relações com a Inglaterra, o facto de sermos nós seus successores no imperio do Oriente, e mais que tudo o ser ella um campo novo e inexhausto, é notavel que tenha sido tão completamente despresada pelos escriptores inglezes. Á excepção de Southey [1] ninguem mais ousou entrar no campo da historia de Portugal, e Mickle e Adamson são os unicos escriptores de algum tomo na quasi ainda não explorada mina da litteratura portugueza. A despeito d'esta incuria ha bellissimos themas de reserva para os estudiosos que se derem a historiar as coisas de Portugal. A historia do engrandecimento e decadencia do imperio

[1] Este nosso trabalho prova exactamente o contrario.

portuguez no Oriente não póde deixar de interessar o leitor inglez, e a vida do infante D. Henrique, o pae da navegação moderna, é apenas a segunda em pontos de interesse depois da de Colombo, cujo foi precursor. N'estes interessantes topicos e materias, a litteratura do continente é menos esteril do que a nossa, e differentes locubrações teem apparecido com o fim de dar uma historia a Portugal, ou de illustrar o seu estado presente. A historia de Portugal em allemão, por Schaeffer, não a vimos; mas emquanto ás obras francezas de Balbi e Ferdinand Denis, merecem que d'ellas demos uma breve noticia. A obra de Balbi é dedicada quasi exclusivamente á estatistica de Portugal, e póde dizer-se que é uma obra indispensavel a quem desejar ter conhecimento do estado d'este reino, anterior a 1834.

«A historia de Portugal por Mr. Denis é uma das da serie de obras histocas, que vem na collecção chamada *O Universo*. O auctor mostra conhecer muito a fundo a linguagem e litteratura d'este paiz, e a sua situação como bibliothecario tem-lhe dado a vantagem de consultar muitas obras novas e até manuscriptos. A Mr. Denis falta-lhe todavia inteiramente o talento da historia, e o melhor, que podemos dizer da sua obra, é que ella é uma especie de selecta de escolar, ou livro de logares communs, contendo mui raras e curiosas informações. Mas, completamente ignorante dos mais simples elementos de economia politica ou philosophia da historia, não achamos n'elle nenhumas d'aquellas discussões philosophicas, a que o commercio portuguez da Asia ou a colonisação do Brasil em tanta copia dão margem a quem tiver a minima aptidão para estudos especulativos. Se a nossa censura podesse parar aqui, desejáramos não ter dado noticia da obra; porém F. Denis é cumplice em commum com muitos de seus compatriotas de faltas mais graves — e não só de defeitos intellectuaes, senão tambem de culpas de vontade. *A anti-anglo-mania* de que tanto são iscados os francezes póde ordinariamente ser objecto de compaixão ou despreso; mas quando levada até para o campo da historia da Europa na edade media, ou adulterando os factos, ou sem ter conta com elles, e isto por parte de um escriptor, que aliás conhece a fundo a verdade, rasão é para que o publico se acautele de dar o mais pequeno credito á sua obra. Antes porém de apresentar prova alguma de exacção das nossas observações, não deixaremos passar por alto outra falta, que é commum a ambos, Mr. Denis e Mr. Balbi, a que immediatamente alludiremos.—Fallamos do espirito com que ambas as obras são escriptas: cada uma é ahi pintada e colorida, como se existisse em Portugal o systema do *optimismo*, e como se não houvesse um meio termo entre um louvar exagerado e um censurar desmedido. Se este modo de escrever procede de brandura e timidez de caracter, póde-se porventura admittir desculpa da nossa parte, mas combinado com observações malignas e narrativas falsas a respeito da legislação, não faz senão redobrar o nosso desgosto.

«Apontaremos agora alguns exemplos do modo como escreve a historia. Em 1147 Lisboa foi reconquistada com a ajuda de um corpo de cruzados, que visitaram os portos de Portugal na sua jornada para a Palestina. Mr. Denis conta-nos como ainda subsistem alguns costumes originados d'aquella época,

que attestam a *influencia franceza* n'aquelle remoto periodo. Ora tal coisa não attestam, nem podem attestar, porque o exercito dos cruzados vinha do norte da Allemanha, Flandres e Inglaterra. Diz que recordará o nome dos portuguezes que se distinguiram no cerco, e omitte os homens que estabeleceram a influencia franceza: mas elles ainda se conservam nos antigos archivos, e tem um sabor maravilhoso ao hollandez e ao inglez. No fim do seculo XIV a familia real portugueza se extinguiu, seguindo-se um longo periodo de discordia similhante ao que houve entre a Inglaterra e a Escocia durante o reinado de Duarte I. A desavença portugueza, bem como a escoceza, findou por uma victoria decisiva. Durante a contenda os portuguezes foram ajudados por expedições de Inglaterra: uma d'estas é descripta o mais miuda e prolixamente possivel, e as crueldades do exercito capitaneado pelo duque de Cambridge, pintadas com côres bastante negras. Poucos annos depois deu-se a celebre batalha de Aljubarrota. Os invasores hespanhoes foram ajudados por um poderoso corpo de auxiliares de França, e do outro lado um pequeno exercito inglez dava soccorro aos portuguezes. Durante este combate os inglezes derrotaram os francezes, e depois juntando-se aos portuguezes, os ajudaram a vencer os hespanhoes. Tudo isto, com quanto se ache na obra de Froissart, é omitido pelo nosso historiador, cujos leitores ficarão ignorando inteiramente esta circumstancia essencial do combate. Poderamos, se preciso fosse, alargar-nos sobre este objecto, a que meramente alludimos como prova de que pontos e questões, que todos os homens de tino reputam merás curiosidades historicas, podem ser torcidas por aquelles cujos fervidos sentimentos levam o fanatismo da *joven França* até ás recordações dos tempos feudaes.»

«Passando agora a considerar a valiosa obra do sr. Herculano, achamos nas suas paginas profundo saber unido á maior candura, uma liberdade de linguagem, e não sujeição a preconceitos nacionaes, que o elevam á categoria dos mais eminentes historiadores modernos. Quando reflectimos que é sómente ha poucos annos que existe em Portugal alguma coisa que se assimilhe á liberdade de fallar, ou de escrever, o apparecimento de uma obra tal como a do sr. Herculano, é uma prova da aptidão dos seus compatriotas para tomar parte no progresso litterario e scientifico da moderna Europa, e que, não obstante a tarefa e exito até hoje infeliz das suas instituições liberaes, o são juiso e as opiniões illustradas vão fazendo progressos. Nas honestas paginas do sr. Herculano não ha ver adulação servil ás preoccupações nacionaes; as fabulas (honradas pelo tempo) dos annaes portuguezes, acham-se expostas com severissima critica, e removidas da historia authentica para a epopea de Camões, onde tem graça e logar proprio. Os que sabem quanto é intensa a nacionalidade dos portuguezes, e com que tenacidade adherem a lendas tão absurdas como as de Heitor Boecio, ou Geoffrey de Monmouth, melhor poderão apreciar a coragem com que o historiador dissipa ou faz esvaecer a illusão dos contos de fadas da antiga Lusitania. Ha outra, e não menos importante especie de merito, que pertence ao sr. Herculano, é o haver elle estudado a fundo o seu assumpto, o ter intimo, e podemos até dizer familiar conhecimento com a historia portugueza, durante o periodo feudal no meio de um vasto cahos de suc-

cessos, composto de dissensões intestinas e conspirações, desavenças com Castella por via de independencia nacional, e incessantes guerras de aggressão contra varios regulos e dynastias mouriscas. A narrativa é clara, limpida e corrente, e nós vemol-os e sentimol-os, como se o auctor fosse contemporaneo, os acontecimentos que relata. Mas não pára aqui o elogio devido ao historiador, elle aponta a um alvo de maior utilidade, e o systema social do seu paiz, no decurso da edade media occupa sua attenção principalmente, mostra bem que conhece a natureza da instituição municipal, a influencia do clero e as relações em que a aristocracia se achava com a realeza e com o povo; n'uma palavra, não é a historia dos reis de Portugal, que elle descreve, mas sim a dos progressos da nação portugueza. Talvez seja a historia de Escocia, de Tytler, aquella com que a obra do sr. Herculano tenha mais pontos de similhança, tanto pelo que respeita ao plano e extensa escala em que são concebidos, como pelo que pertence ao numero de investigações originaes a que em ambas se procede. Ha todavia uma differença e individualidade de caracteres e gostos que distingue os dois historiadores. Herculano é inferior a Tytler nas descripções, e mostra gostar bem pouco do estylo de Froissart no tocante a historiar por miudo os brilhantes feitos d'armas; mas por outro lado é mais profundo antiquario, e tem mais philosophia politica, a structura da sociedade e as remotas causas dos eventos e successos são para elle assumptos caseiros, com que, por assim dizer, está em tracto familiar. Criticar o estylo d'um escriptor portuguez será porventura em nós presumpção arriscada; todavia entendemos que, com quanto simples e claro, parece ás vezes falto de animação, o que certamente é devido a entrar em mais miudesas do que parece fôra mister: ou por outra, a que parte da materia introduzida no texto poderia talvez com vantagem da narrativa ser transferida para as notas.

«Como nós reputamos o sr. Herculano inquestionavelmente o primeiro dos historiadores portuguezes, não esquecendo nunca do que é inferior a Barros em energia e eloquencia, e até talvez lhe não seja superior em profundidade de saber, seremos brevissimos nas nossas observações a respeito dos escriptores antecedentes. Durante o periodo que abrange a edade media em Portugal abundou em monges, hagiologos e chronistas que recordavam muitos excessos contemporaneos, e por vezes deixaram brilhantes pinturas do caracter dos personagens, ou do estado social da época. No curto periodo em que as lettras floresceram em Portugal, mais extensas historias se escreveram, que podem dividir-se em duas classes, umas compostas segundo o modelo dos classicos, e outras que bem podem chamar-se uma ramificação, e as mais das vezes corrupção das chronicas antigas.

«Ora na ultima sorte de compiladores, a maior parte ecclesiasticos, podemos mencionar Brito, com quanto não seja o mais respeitavel, pois que apresenta da maneira mais frisante os defeitos e absurdos dos da sua classe. Á similhança de Heitor Boecio e do nosso Geoffrey Keating, principia pela creação do mundo. Entretanto os annaes do reino acham-se escriptos por Faria, Sousa e Brandão, homens que, supposto bastante credulos, eram com tudo mui superiores a fr. Bernardo de Brito.

«Ao tempo em que estes escreveram, surgiu ahi outra classe de historiadores, homens de caracter energico, que havendo recebido em Coimbra educação classica, entraram para a vida publica, já no mister da milicia, já no da magistratura. Estes escriptores, homens experimentados, e de juiso solido, por terem servido nas armadas e estabelecimentos portuguezes da Africa e da India, tinham, além do que aprenderam e estudaram, quanto á theoria, um conhecimento intimo das coisas e dos logares. No numero d'estes auctores podemos nós incluir João de Barros, o mais eloquente dos historiadores portuguezes, e que serviu em Africa; Castanheda, que visitou a India com o fim de habilitar-se para o mister de historiador, etc. etc.

«A decadencia de Portugal foi mais rapida que a de Hespanha. No anno de 1588 a sua dynastia real extinguiu-se, e elle definhou por sessenta annos debaixo do mau governo hespanhol. A litteratura tambem jazeu em abatimento, e todos os estabelecimentos de educação no reino ficaram prostrados debaixo do governo e influencia dos jesuitas. A universidade de Coimbra viu-se reduzida a um estado de degradação que mal póde imaginar-se; e uma das acções melhores e mais louvaveis do marquez de Pombal foi a reforma, que lhe fez, e o transferir para mãos mais dignas o cuidado da educação. Quanto, porém, de independencia intellectual poude escapar aos jesuitas de Coimbra, foi effectivamente encadeado e reduzido ao silencio pela inquisição: de modo que de então até aos nossos dias difficultosamente houve homem de lettras, que mais ou menos não soffresse por via de tão detestavel instituto. Em taes circumstancias mal poderia florecer o estudo da historia; e ainda que Portugal reconquistou a independencia politica sob a dynastia de Bragança, não aconteceu o mesmo com a intellectual, que continuou a jazer em lethargo.

«Durante os ultimos doze annos e que alguma coisa parecida com o livre exercicio do entendimento ha revivido em Portugal. Apraz-nos reconhecer que desde o indicado periodo as lucubrações historicas tem excitado progressivamente a attenção, contribuindo muito para isso, e do modo mais efficaz, tanto os esforços particulares, como o patriotismo do governo. O visconde de Santarem com auxilio do governo tem feito publicações de grande monta. Publicou a Chronica de Azurara, a mais antiga e mais authentica relação das expedições maritimas, que o infante D. Henrique despachou, enviando-as a explorar a costa d'Africa. O visconde publicou tambem uma explendida e inapreciavel obra original sobre os descobrimentos portuguezes na Africa, em que se vindicam as antigas glorias do paiz, e se prova que ainda ha n'elle talentos actualmente capazes de o defender. Este infatigavel fidalgo emprehendeu ultimamente, tambem sob os auspicios do governo, publicar uma volumosa e inapreciavel compilação com o titulo de *Quadro elementar*, etc., collecção de varios tratados entre Portugal e as outras nações. A valia de uma tal collecção é evidente, e a forma, porque é publicada, merece tambem grande louvor. O governo inglez publicaria uma obra d'esta natureza no formato de explendido e custoso in-folio só proprio de livrarias publicas e collecções particulares dos que raramente as consultam. As collecções portuguezas porem são fei-

tas no modesto formato de oitavo, e por consequencia ao alcance, em rasão do modico preço, dos estudiosos mais pobres. Com o mesmo espirito liberal e judicioso o governo portuguez tem auxiliado a publicação de uma serie de opusculos intitulados *Ensaios sobre a Estatistica das possessões portuguezas no Ultramar*. É na verdade lisonjeiro e agradavel mencionar empresas taes como estas.»

366) **DUBOIS (ABBÉ)** Emigrado francez, empregado no ministerio da guerra.

E. — *Grammaire Portuguaise*. Paris. — A primeira edição foi impressa em Agen, mas d'ella ainda não encontrei nenhum exemplar.

367) **DUBOIS (PIERRE).**

Escreveu no jornal francez — *La Patrie* — n.º 25, de abril de 1852 um extenso artigo ácerca do — *Ensaio sobre a Historia da Cosmographia e da Cartographia durante a edade media* — pelo nosso visconde de Santarem.

«O sabio auctor do *Ensaio sobre a Cosmographia e Cartographia* tomou sobre si uma tarefa das mais arduas; porém superou mui felizmente todas as difficuldades, e n'isso deu prova não somente da sua erudição, mas tambem da sua profunda sollicitude por uma sciencia, que no dizer de Strabão é das mais dignas das meditações do philosopho.

«Julgar-se-ha da vastidão dos trabalhos do visconde de Santarem, sabendo-se que este sabio membro do Instituto, antes de poder traçar o plano da sua obra, devia ter conhecimento dos livros d'uma multidão de auctores, verdadeiramente prodigiosa, que desde Moysés até á nossa época escreveram sobre a geographia, a cosmographia, e cartographia. Colligiu todas as cartas que reputou necessarias para a sua historia; fel-as gravar e cobrir com extremo cuidado, e formou d'ellas um atlas de inapreciavel importancia. N'esse atlas, e auxiliado pelo texto que o acompanha, poderá o leitor perceber todas as transformações geologicas, que successivamente soffreram as differentes regiões do globo desde os tempos mais remotos até nossos dias. Ver-se-ha até que época as cidades e localidades se conservaram nas cartas em logares que lhes não pertenciam; e tambem a época posterior em que essas cidades e localidades, em virtude de viagens, de observações astronomicas etc. foram collocadas exactamente nos mappas modernos.

«Finalmente, e é este um ponto bem importante para a historia e geographia, consultando o livro e o atlas do visconde de Santarem, poderá marcar-se com certeza as cidades, que desappareceram da superficie do globo, cedendo o campo a cidades novas, conhecer-se-hão as vicissitudes, que padeceram no correr dos seculos outras cidades grandes e florescentes n'outras eras, e que não se encontram já nos mappas modernos, ou estão convertidas em aldeias sem consideração; tambem as causas humanas ou physicas, que anniquilaram certas povoações maritimas out'rora commerciantes e ricas; e a rasão, porque outras sendo na edade media portos de mar insignificantes, progressivamente se engrandeceram, e se fizeram cidades maritimas de primeira ordem.

«Por tanto o visconde de Santarem prestou um serviço eminente á geographia; e o seu ensaio historico durará como uma das mais excellentes obras scientificas da época. Não se reproduzirão as cartas do seu atlas, sendo mui subido o preço da gravura; mas de certo as primorosas paginas que escreveu serão reproduzidas frequentemente. Os futuros geographos tomarão d'este livro mui interessantes documentos. Os commentadores procurarão talvez invalidar algumas asserções do auctor; serão porem baldados os estereis seus esforços. O visconde com a sua elevada e severa imparcialidade, aclarando o cahos que reinava na cartographia da edade media, só buscou a verdade e disse-a com independencia. Além d'isto pelas citações dos geographos, dos philosophos, dos historiadores, dos poetas que escreveram sobre geographia, reproduzindo o texto é que demonstrou os erros d'elles e provou sua ignorancia.

«O visconde ainda não publicou senão os dois primeiros volumes da sua obra, que deve constar de quatro. Acudiremos a dar conta dos dois que faltam, logo que estejam publicados, porque desde já estamos certos de achar n'elles factos interessantissimos relativos á historia e á sciencia geographica.»

368) DUCKETT (Dr. Richard.)—Missionario irlandez, residente no seminario inglez de S. Pedro e S. Paulo em Lisboa.

Préga frequentemente na capital em nossa lingua, e com facilidade, e n'este mesmo idioma compoz e mandou imprimir um Sermão sobre o Mysterio da Conceição.

369) DUFOND (JOÃO ROBERTO).—Italiano.

E. — I *A Maquina Aerostatica:* Poema epico dedicado a si mesmo. Lisboa. Officina de Lino da Silva Godinho, 1787, 8.º 52 pag.

II *O Novo Phebo em Lysia.* Lisboa. Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1788, 4.º 13 pag.

III *D. Elvira ou a noiva de si mesma.* Comedia extrahida das historias de Aragão, e adaptada ao theatro nacional. Lisboa, 1800.

IV *Os voluntarios do Tejo:* composição dramatica composta em as duas linguas, portugueza e italiana. Lisboa. Officina de Simão Thadeu Ferreira, 1783 8.º 71 pag.

370) DUJARDAY (M.me H.)

E. — *Resumé des voyages, découvertes et conquêtes des Portugais en Afrique, et en Asie aux XVme et XVIme siecles,* par — Paris. H. Fournier Jeune, 1839, tom. 1.º 400 pag. 2.º 321, 8.º

371) DULAC (ANTONIO MAXIMIANO).—Era francez, e naturalisou-se portuguez em 1793 [1].

Falleceu em Lisboa a 5 de janeiro de 1819 [2].

[1] *Diccionario Bibliographico*, tomo. 1.º, pag. 206.
[2] *Revista Universal Lisbonense*, vol. 9.º, pag. 165.

Escreveu varias obras em lingua portugueza, mas a seguinte é a mais notavel, e ao mesmo tempo muito vulgar.

Vozes dos leaes Portuguezes, ou fiel ecco de suas acclamações á Religião, a El-Rei e ás Côrtes d'estes reinos. Lisboa, 1820, 2 tomos.

372) DUMAND (JOSEPH.)

E. — *Lettre historique et critique dans laquelle on prouve que Henri de Portugal n'est pas de la maison de Bourgogne duché, mais de celle des contes de Bourgogne,* 1758.

373) DUMAS (ALEXANDRE).— Um dos mais celebres romancistas francezes contemporaneos, e ha poucos annos fallecido.

E. — *Martim de Freitas,* romance.

Alexandre Dumas era tambem um grande admirador de Luiz de Camões.

374) DUMAS (LOUIS CÉSAR).— Professeur de Langue Française à Lisbonne.

E. —*Vasco da Gama.* Lisbonne. Imprim. Nationale, 1871, 8.° 35 pag.

E' um poemeto em louvor do nosso famoso navegador.

375) DUMESNIL (M. M. VICTOR PIERROT ET ARMAND).

E. — *Camoens. Drame en cinq actes et en prose par — representé pour la premiére fois à Paris sur le théatre royal de l'Odeon (Second theatre Français) le 29 Avril* 1845. Paris, Beek editeur, 1845.

376) DUMOURIEZ (CHARLES FRANÇOIS).— General Francez.

Nasceu em Cambrai no anno de 1739, e falleceu em Turville Parc no anno de 1823 [1].

E. — I *État present du royaume de Portugal en l'année* 1766 *A. Lausanne Chez François Grasset,* 1775, 2.ª edição correcta e augmentada, Hamburgo, 1796, 4.°

II *Campagnes du maréchal Schomberg en Portugal, de* 1662 *á* 1668, *traduites de l'Allemand de J. F. Aug. Hagner, avec des notes importantes.* Londres, 1807, 12.°

Este escriptor não se mostra nada affeiçoado aos portuguezes; mas uma das passagens, que mais desafia a gargalhada, é a seguinte: *Os portuguezes em todos os tempos foram pessimos navegadores!* [2]

377) DUNBAR (LADY — OF NORTHFIELD.)

E. — *A family tour round the coasts of Spain and Portugal during the winter of* 1860-1861. *Edinburgh and London, William Blackwood,* 1862, 8.°

E' obra insignificante; chama ao nosso Vasco da Gama — *Vasca de Gamos.*

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. 15.°, pag. 223.

[2] *Etat présent de Portugal,* pag. 60.

378) **DUNHAM.**

E. — *The History of Spain and Portugal.* London.

379) **DUNKER (G.)**

E. — *Index molluscorum quae in itinere ad Guineam inferiorem collegit G. Tams, auctore.* Cassel, 1853.

«Em quanto á zoologia dos Açores, ninguem ainda se occupou d'ella a não ser o dr. Tams, que tocou accidentalmente no Fayal em 1841, e o dr. Albers, que ao voltar da Madeira, dez annos mais tarde fez uma residencia de tres dias em S. Miguel. Estes dois naturalistas trouxeram de sua viagem um pequeno numero de molluscos terrestres e maritimos, os primeiros que foram recolhidos d'aquellas paragens [1].»

380) **DUABYMONT.**

E. — *Fuora villaco. C'est à dire la liberté du Portugal. Auquel se monstre le droit chemin et vrais moyens de résister à l'effort du Castillan, rompre la trace de ses desseins, abaisser son orgueil et ruiner la puissance... Traduit de langue Castillane en langue Française par —.* 1641.

C. M. B. I. P.

[1] Morelet — *Les Açores*, pag. 14.

E

381) EBELING.

E' indubitavel que um escriptor d'este nome compoz uma obra a respeito de Portugal, que julgo ser uma chorographia do nosso paiz, mas como nunca pude ver um exemplar d'ella, é o motivo, porque não me acho habilitado para dizer mais alguma coisa a este respeito.

382) EEN SCHOON HARANGUE AEN DE KONINCKLICHE MAJESTEYT PORTUGAEL DOM ALPHONSO DEN VI. *Op Dagh van Krooninge geprononchieert, door den Peer Antonio de Sousa Macedo, haet in't Parlement van Lisbona, in den naem vande drie Staten des Portugael, Schen Rijchx. Ulyt't Porrugees vertaelt.* In s'Graven, Hage. 1657, 4 fol. M. S.

383) ELIOT (WILLIAM GRANVILLE). — Captain in the royal regiment of artillery.

E.— *A treatise on the defense of Portugal with a military map of the country; to which is added a sketch of the manners and customs of the inhabitants, and principal events of the campaigns under lord Wellington. By—. The second edition, with considerable additions. London. Printed for T. Egerton, military library.* Whitheall, 1811. 4.°, 304 pag. Com alguns mappas, representando:

1.° Novo mappa militar do reino de Portugal.—2.° Esboço do ataque contra as posições francezas em Zambueira, nas alturas da Roliça.—3.° Esboço da acção entre as forças britanicas e francezas no Vimeiro.—4.° Plano geral das marchas dos exercitos, antes e depois da batalha de Talavera, 1809.—5.° Plano da batalha do Bussaco a 27 de setembro de 1810.—6.° Vista dos arrabaldes de Lisboa, com as linhas de lord Wellington.

Esta obra trata principalmente dos obstaculos e defesa que Portugal podia n'aquelle tempo apresentar contra uma invasão estrangeira: nota alguns erros ao general Dumouriez no seu livro sobre o nosso paiz, e faz egualmente os maiores elogios ás tropas portuguezas:

«O exercito portuguez, depois da chegada do marechal Beresford, avan-

çou rapidamente[1] a um estado de disciplina muito além do que se poderia esperar. Bem armado, pago e alimentado (o que não acontecia anteriormente) agora rivalisa na apparencia com as melhores tropas do continente; e se eu posso julgar por uma brigada que vi marchar para um campo de batalha em setembro de 1809, não tardará que em pontos de disciplina se colloque em egualdade com a maior parte d'ellas. E estas mesmas tropas se mostraram dignas de combater nas fileiras juntamente com os soldados inglezes.

«Os camponezes de Portugal possuem duas das mais estimaveis qualidades exigidas para formarem um bom soldado, sobriedade e obediencia passiva ás ordens de seus superiores; e as occorrencias posteriores são sufficientes para removerem todas as duvidas nos espiritos dos mais incredulos com respeito á bravura do soldado portuguez, quando convenientemente disciplinado. Em prova d'isto basta-nos apenas referir a valente defesa da ponte de Alcantara pelo primeiro batalhão da Leal Lusitana Legião, as proezas do segundo batalhão d'aquelle corpo em Carvalho d'Este, e a magnifica maneira como lord Wellington em seus despachos menciona um regimento portuguez na tomada do Porto. Se precisassemos de mais alguma prova da energia do soldado portuguez, quando disciplinado convenientemente, bastava-nos olhar para o mappa da Peninsula,[2] e ficariamos absortos como um povo tão pequeno teve a possibilidade de manter sua independencia, estando completamente fechado pela Hespanha ao norte e ao nascente.

«A que se deve então attribuir senão ao valor proprio do paiz e ao patriotico ardor de seus habitantes? Sem este ultimo nenhum paiz é forte, por mais bem disciplinado que seja seu exercito. Rios, desfiladeiros, serras, baluartes, tudo isto para nada serve: defendidos porém por verdadeiros patriotas tornam-se completamente inexpugnaveis.»

384) ELOI (JOSEPH).—Barão de Munch Bellingausen.
E. — *Camões*, tragedia. 1837.

385) ELWES (ALFRED).
E.—*A. Portuguese Grammar in a simple and practical form, with a Course of Exercises. By* —. London, 1874.

386) EMPOLI (GIOVANNI).
E.— *Navigazione degli Indie sotto la autorita del signori Affonso di Albuquerque.* Vem na collecção de Ramusio.

387) EMPRUNT ROYAL DE PORTUGAL. *Réclamation des porteurs*

[1] Pag. 110.

[2] Id. id. pag. 113. Fallando o nosso escriptor do theatro de S. Carlos, diz que é dirigido por Marcos de Portugal, compositor da bella opera *Semyramis*, bem conhecido na Inglaterra, e cujos talentos são bem notorios e altamente apreciados. Pag. 185.

français de cet emprunt. Mémorandum (20 *juillet* 1852). Paris 1852. (Emprestimo real de Portugal, etc.)

388) ENGELMAN (W. H.).

E.—*Glossario das palavras hespanholas e portuguezas derivadas do arabe.* Leyde, 1861.

Não me foi possivel encontrar esta obra, mas creio que foi escripta em allemão.

389) EPISODE DE LA GUERRE D'AFFRANCHISSEMENT DE PORTUGAL. 1830-1836. Paris, 1873, 4.º gr., 47 pag.

Achando-se na Belgica, e em o Norte de França, um grande numero de emigrados portuguezes fugidos á perseguição, que lhes fazia D. Miguel, M. G. Malo, habitante de Dunkerque offereceu-se em 1831 a transportar n'um navio de 200 toneladas os emigrados portuguezes para o seu paiz, com o fim de tratarem de desthronar D. Miguel. Porém D. Pedro preparando então sua expedição para Portugal, Malo forneceu mais outro navio; com outro seu irmão tomou parte na expedição, poz-se ao serviço do governo portuguez, e foi de grande proveito á causa liberal, prestando os maiores serviços durante o cerco do Porto.

Em 16 de maio de 1834, pedindo uma indemnisação, lembrava o seguinte: «Não se deve esquecer que tomámos parte nos perigos durante o espaço de um anno, que dois dos nossos navios foram empregados no Porto activamente pelo espaço de 9 mezes, tendo então duas tripulações inteiramente ao nosso soldo, e que todas as despesas sem excepção foram pagas por nós: além de que os navios foram retidos em Dunkerque por mais de seis mezes, esperando todos os dias que nos dessem ordem de partida, o que o imperador bem sabia, e até nos disse que estava informado de que havia dezoito mezes estavamos a seu serviço...»

Os dois irmãos estiveram egualmente servindo durante o tempo do cerco, e um d'elles até recebeu uma bala na garganta, da qual esteve á morte.

A recompensa porém que lhes deram faz lembrar a que teve o conde de Farrobo: depois de os entreterem por muito tempo, nenhuma indemnisação pagamento ou agradecimento tiveram do governo portuguez.

390) ERCILLA (ALONZO DE).—Poeta hespanhol celebre.

Nasceu em Bermeu na Biscaia, e falleceu no anno de 1600.[1]

E.—*Primera, segunda y tercera partes de la Araucana.* Cadiz, 1626.

Ha varias outras edições.

N'este poema canta tambem seu auctor as glorias de Philippe II na conquista de Portugal.[2]

[1] Bouillet.—*Dictionnaire d'Histoire et de Geographie.*

[2] É verdade que, se Alonzo n'um só logar é inferior a Homero, em todo o resto fica abaixo do menor dos poetas. Ficámos assombrados de o ver cahir tão baixo depois de ter

891) ERNAULT.— Este francez pretendeu ser o auctor do methodo de ensinar a fallar aos mudos e surdos. Vejamos porém um interessante artigo, que a este respeito apparece a pag. 105 do 1.º vol. da *Revista Universal Lisbonense*:

«Os francezes consideram como inventor do methodo de ensinar a fallar os surdos-mudos o abbade L'Epée. Não é para admirar que a Portugal se pretenda roubar a gloria de um tal invento, quando isso lhe tem acontecido já por mais de uma vez; e sirva de exemplo o nonio, o sino mergulhador, os balões aerostaticos, etc., o que é para estranhar é que os proprios portuguezes ajudem a similhante roubo, pois em vez de revindicarem a gloria nacional por esta fórma ultrajada, contentam-se em repetir com os francezes que o abbade L'Epée foi o inventor, quando realmente o verdadeiro auctor é Jacob Rodrigues Pereira, natural de Peniche, que havendo posto por obra o seu methodo em Cadix, Rochelle e Paris, foi premiado e elogiado pela Academia Real das Sciencias d'esta cidade, e recebeu de Luiz XV em 1751 uma pensão annual de 128$000 réis, além de outras honras, com que depois foi agraciado. O seu alphabeto manual, a que chamou *dactilologia*, que compoz para se fallar aos surdos-mudos, que ainda não intendiam o que se lhes dizia, pelo simples movimento dos labios, e a mui engenhosa machina que inventou para ensinar arithmetica a seus discipulos, eram materia bastante para lhe grangear o reconhecimento de todos os homens philantropos; porém succedeu-lhe o mesmo que acontece á maior parte dos homens de merito e inventores. Em quanto animado pelos desejos de aperfeiçoar sua obra, e a que havia até sido estimulado pela mencionada academia (que tinha reconhecido já a bondade do seu methodo pelas provas publicas que em algumas das suas sessões haviam dado varios discipulos do nosso Pereira) trabalhava no melhoramento d'este tão engenhoso methodo, um tal Ernault quiz arrogar a si a honra de auctor de uma tão preciosa descoberta, apresentando á mesma Academia um opusculo sobre este assumpto, do que se seguiu grande emulação entre os dois rivaes; mas este não poude gosar as honras de inventor, porque documentos irrefragaveis comprovam a prioridade da descoberta do nosso portuguez, como se póde ver na historia da Academia Real das Sciencias de Paris, annos de 1740 e 1750, no *Journal des Savants*, dezembro de 1777, *Biographie Universelle ancienne et moderne*, Paris, 1823; Buffon na parte das suas obras que trata da historia natural do homem, etc. Foi d'isto que o abbade de L'Epée imaginou os signaes methodicos para ensinar os surdos-mudos, contra cujos principios o nosso patricio escreveu uma carta, que se imprimiu em Paris em 1777 na folha intitulada *Avis divers* de 22 e 26 de julho.

«A pag. 32 do tomo 20 da *Histoire Naturelle generale et particulière*, por Buffon, (edição de Sonnini) quando aquelle eximio pintor da naturesa, que

tomado um vôo tão alto. Ha sem duvida muito fogo em suas batalhas, porém nenhuma invenção, nenhum plano, nada de variedade nas descripções, nada de unidade em a narração. Este poema é mais selvagem do que as nações que d'elle fazem o assumpto.—Voltaire. *Essai sur la poesie epique*.

tantos encantos soube espalhar no estudo da historia natural, falla do sentido do ouvido, por occasião de contar a historia de um surdo-mudo de nascença, por nome Azy d'Etavigny, a quem o nosso Pereira havia ensinado a fallar, ler, escrever etc. exprime-se assim a respeito do nosso portuguez: Rodrigues Pereira, portuguez, havendo diligenciado achar meios faceis de fazer fallar os surdos-mudos de nascença, tem-se dado de ha muito ao exercicio d'esta arte singular, a fim de a levar ao maximo grau de perfeição.

«Na historia da Academia Real das Sciencias de Paris, do anno de 1740, a pag. 184, tratando-se das machinas e invenções approvadas pela Academia n'esse anno, depois de se mencionarem os resultados espantosos, que pelo seu methodo havia Pereira conseguido em dois surdos-mudos de nascença, que foram apresentados áquella respeitavel corporação, e que muitos gabos lhe mereceram, remata-se o curto artigo, que a este respeito alli vem, com o seguinte trecho: «Como os progressos dos discipulos de Pereira demonstram a bondade do seu methodo (cujo segredo elle tem reservado para si), a Academia julgou do seu dever animal-o com todas as suas forças a cultivar uma arte, que póde restituir á sociedade consideravel numero de individuos, que sem o seu soccorro lhe serião inuteis; pois d'algum modo os tira, por uma feliz metamorphose, do estado de simples animaes para os fazer homens.»

«Na mesma obra do anno de 1750, a pag. 160, se encontra uma pequena noticia sobre a machina que o nosso Pereira inventou para ensinar arithmetica aos surdos-mudos, e que é do theor seguinte: Uma machina arithmetica de Pereira, já conhecido pelo seu methodo de ensinar a fallar surdos-mudos de nascença, que não fallam por não ouvirem. Esta machina pareceu reunir á simplicidade do Abacorabdolegico de Perrault a facilidade de operar das de L'Epine e Boistissandeau, e ter demais sobre uma e outra a vantagem de ser mui pouco volumosa. Sobretudo a maneira de fazer com que cada roda d'uma divisão se adiante, quando a precedente tem corrido dez das suas, pareceu simples e engenhosa, e julgou-se que esta machina poderia ser de uso facil e commodo.

392) ESCALANTE (Licenciado BERNARDINO DE).

E.— *Discurso de la navegacion que los portugueses hazen a los reynos y provincias del Oriente, y de las grandesas del reyno de la China (ó sea autor Frey Gaspar de la Cruz, religioso portugues de la orden de St.º Domingo.)* Sevilha, 1577.

393) ESCHWEGE (GUILHERME, Barão de) — Allemão.

Falleceu em o 1.º do mez de fevereiro de 1855, em Welsfsanger, no eleitorado de Esse.[1] Estudou mineralogia na Allemanha, e applicou-se aos trabalhos d'este genero nas explorações do Hartz no Hanover. Veiu para Portugal em 1805, sendo a sua primeira praça no exercito em 24 de junho de 1807,

[1] *Revista Militar*, tomo 2.º, abril de 1853, pag. 187. O barão de Eschwege foi um dos fundadores d'este jornal. Tinha nascido no anno de 1788.

logo em capitão, e aggregado á companhia de mineiros do primeiro regimento de artilheria. Durante a invasão franceza desempenhou varias commissões de que fôra encarregado pelo governo portuguez. Foi incumbido desde 1839 da direcção das obras do palacio da Pena em Cintra. Era socio da Academia de S. Petersburg e de varias sociedades mineralogicas de França e de Allemanha.

E.—I. *Memoria sobre a decadencia das minas de oiro da capitania de Minas Geraes, e sobre varios outros objectos montanisticos* (vol. 4.º das *Memorias da Academia*. Parte 2.ª, de pag. 65 a 76).

II. *Noticias e reflexões estatisticas a respeito da provincia de Minas Geraes.* (*Memorias da Academia*, vol. 9.º, parte 1.ª, de pag. 1 a 27).

III. *Memoria Geognostica, ou golpe de vista do perfil das estratificações das differentes rochas de que é composto o terreno desde a Serra de Cintra na linha de Noroeste a Sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até á Serra da Arrabida, e sobre a sua edade relativa.* (Id. vol. 11.º, parte 1.ª, de pag. 253 até 280, com um additamento por Alexandre Vandelli.)

IV. *Memoria sobre o melhoramento das providencias para atalhar os incendios, e para o augmento d'agua em Lisboa.* (Id. vol. 12.º, parte 1.ª)—O visconde de Villarinho de S. Romão escreveu umas Reflexões a esta Memoria, as quaes no referido volume veem como Appendice.

V. *Memoria Geognostica. Prospecto geognostico dos arredores de Setubal.* (Mesmo volume).

VI. *Memoria sobre as difficuldades das fundições e refinações nas fabricas de ferro.* (*Memorias Economicas da A. R. das Sciencias de Lisboa*, tomo 4.º)

VII. *Relatorio abreviado sobre o estado actual da administração das minas em Portugal.* Lisboa, 1826.

VIII. *Memoria sobre a Historia Moderna da administração das minas em Portugal.*

IX. *Asphalto, particularmente o asphalto artificial portuguez: reflexões dirigidas aos engenheiros e architectos.*

X. *Odologia dos engenheiros constructores, ou guia para a construcção e conservação das estradas em Portugal e Brasil.* 2.ª edição com additamentos. Lisboa, 1843. 4.º, 53 pag.

XI. *Portugal — Ein Staats-und — Sittengemaelde in Skivren und Bildern nach dreissyaehrigen. Beobachtungen und Erfahrungen. Hamburg*, 1837. *Bei Heffman und Campe* 312 *pag.* 8.º *Erster Theil.* (Quadros estatistico-moraes. Scenas.—Bosquejos extrahidos das observações e tracto de 30 annos. Tomo 1.º)

Esta obra nunca se completou.

Trata este volume dos seguintes assumptos: Situação moral e politica depois da quéda de D. Miguel.—Modo de alcançar os cargos publicos.—Ratoneiros, salteadores, barbaridades, prisões.—Estabelecimentos para a civilisação do povo e educação da mocidade. — Administração policial. —Guerra civil.— Vida do principe de Leuchtenberg em Portugal e sua morte.

XII. *Sobre os poços artezianos* (*Panorama* de 1838, de pag. 393 a 396).

XIII. *Caminhos de ferro.* Artigo inserto a pag. 367 da *Revista Universal Lisbonense* do anno de 1842.

XIV. *Sitios em que se encontra azougue em Portugal. Revista Universal Lisbonense.* Anno de 1843, pag. 166.

XV. *Sobre estradas.* Id. id. pag. 358.

XVI. *Sobre estradas e carros em Portugal.* Id. vol. 3.º, pag. 199.

XVII. *Maneira de abastecer de agua a cidade de Lisboa.* Id. vol. 4.º pag. 49.

N'este mesmo volume principia a publicação de alguns artigos sobre as minas em Portugal.

XVIII. *Sobre o systema metrico na Allemanha.* Id. vol. 9.º pag. 265.

XIX. *Abreviada exposição do estado da fabrica de ferro da Foz d'Algez.* (*Diario do Governo de* 1837, n.º 86.)

394) ESSAI HISTORIQUE SUR LA COLONIE DE SURINAN, *sa fondation, ses revolutions, ses progrès depuis son origine jusqu'à nos jours. Avec l'histoire de la nation juive portugaise et allemande y etablie etc. Le tout redigé sur des piéces authentiques y jointes, et mis en ordre par les régens et representants de la dite nation juive portugaise.* A Paramaribo, 1788. 8.º

Creio ser uma das obras mais raras entre aquellas que nos dizem respeito, pois d'ella um só exemplar tenho visto, o qual appareceu á venda no leilão de livros do sr. Arthur da Silva, em outubro de 1873.

395) ESSAI SUR LES ÉVÉNEMENTS DE PORTUGAL. Paris, 1833; folheto. (C. M. B. I. P.)

396) ÉTAT ACTUEL DE LA MONARCHIE PORTUGAISE. Paris, 1829.

397) ETIENNE (CHARLES GUILLAUME).

E.—*Isabelle de Portugal ou l'heritage.* Comedie historique. Paris, 1804.

398) EXAMEN DE LA BROCHURE *intitulé—Un mot sur la crise de Portugal.* Paris, 1827, folheto. (C. M. B. I. P.)

399) EXAMEN *vande valsche resolutie vande Heren Burgemeesters ende Raden tot Amsterdam op't stuck vande West-Indirch Compagnie. Amsterdam.* 1649. 8.º, 36 pag. (M. S.)

400) EXCELLENT ET LIBRE DISCOURS *du droit de la succession royale au royaume de Portugal et la légitime succession du roy Dom Anthoine. Avec plusieurs lettres curieuses de papes, rois, princes et monarques de la Chrestienté sur la recognoissance du dit Dom Anthoyne roy de Portugal. Utile et necessaire aux amateurs de justice et equité.* A Paris. Chez Jean Micard tenant sa boutique au Palais, en la galerie allant à la Chancellerie. 1607. 12.º, 395 pag. numeradas, acabado de imprimir em 4 de janeiro de 1607.

O sr. José de Torres publicou no volume 9.º do *Archivo Pittoresco*[1] uma

[1] A pag. 378 e seg.

circumstanciada analyse d'este livro, pelo qual se prova a existencia de algumas cartas escriptas por D. Antonio em lingua portugueza.

401) EXPLANATIO *veri ac legitimi juris quo serenissimus Lusitaniæ rex Antonius ejus nominis primus nititur ad bellum Philippo regi Castallæ pro regni recuperatione inferendum.* Lugduni Batavorum, 1585. Coloniæ Aggrippinæ, 1613.

(Declaração do direito que assiste a D. Antonio etc. para fazer guerra a D. Philippe com o fim de recuperar Portugal etc.).

402) EXPLANATION (THE) *of the true lawful right and tytle of the most excellent Prince Anthonie, the first of that name against the king of Castile and against his subjects and adherents for the recoveries of his Kingdmo. By the commandment and order of the superiors.* Leyden, 1585.

É a traducção para inglez da obra mencionada em o n.º 401

403) EXPLICATION DE L'ESTAMPE DE LA VILLE DE LISBONNE *avec une description succinte des curiosités et événemens memorables de cette ville.*

Não tem declaração do logar, nem do anno da impressão. Julga-se que foi composta pelos fins do anno de 1754, ou nos principios do anno de 1755.

É um caderno de 20 folhas.

404) EXTRACT *ende Copye van vers-cheyde Brieven en schriften, Belangende de Rebellie der Paepsch Portugesen van desen Staet in Brasilien. Tot bewijs Dat de Koon van Portugael schuldich is aen de selve.*

Ghedruckt in't Iaer ons Heeren, 1646. 8.º, 31 pag.

405) EXTRACT *uyt den Brief vand Politicque Kaeden in Brasil, aende etc.* In 's Graven-Haghe. Anno 1635. 2 fol. sem pag. Sobre o Brasil. (M. Sousa).

406) EXTRACT *uyt seecker Missione gheschzeven eñ gesenden aen Siin Excell: den Heer Ambassadeur van Portugael, etc.* In 's Graven-Hage. Anno 1642. 4 folhas. (M. S.)

407) EXTRACT *uyt de Missione vanden President aende H. Mo. Heeren Staten Generael op't Recif den 22, April* 1648. In 's Graven-Hage. By Ludolph Breeckevelt. Anno 1648. 4 folhas.

408) EXTRACT *van leeckeren brief gheschreven uyt Loando, St.-Paulo in Angola, van wegen de groote victorie die de onse verkregen hebbentegen de Portugesen.* S'gravenhage. 1648, 4.º

(Extracto de algumas cartas escriptas de Loanda e de S. Paulo de Angola relativas á grande victoria, que os nossos alcançaram dos portuguezes). T. Compans, pag. 308.

409) EYE-WITNESS (AN).

E.—*Historical view of the revolutions of Portugal since the close of the Peninsular War exhibiting a full account of the events which have led to the present state of tat Country.* London, 1827. (Historia das guerras que em Portugal se seguiram á campanha da Peninsula, etc., por uma testemunha de vista.)

410) EYRIÉS (JEAN BAPTISTE BENOIT).

E.— I. *Voyage dans l'interieur du Bresil en* 1809 *et* 1810, *traduit de l'Anglais.* Paris, 1816.

II. *Traduction du voyage au Bresil par Maximilien, prince de Wied.* Neuwied, 1821-1823. 3 vol.

F

411) FABER (JEAN ERNEST).

E.—*Nachreehten von dem Portugiesischen Hofe und der Staatsverwaltung des Grafen von Geyras.* Francfort. 1768.

412) FAMIN (PIERRE NOEL).

E.—I. *Histoire monetaire du Portugal.*—II. *Expeditions maritimes des Portugais.*—III. *Essai sur l'industrie agricole au Portugal.*

Todas estas obras se conservam ineditas, e d'ellas nos dá noticia o sr. Ferdinand Denis no vol. 17.º da *Nouvelle Biographie Universelle* de Firmin Didot.

Parece que este mesmo escriptor residiu em Lisboa, onde se tornou fallado por causa da grande collecção de medalhas e moedas portuguezas, que chegou a juntar, e das quaes vem noticia a pag. 273 do vol. 7.º da *Revista Universal Lisbonense.*

413) FANSHAW (SIR RICHARD).

Morreu em Madrid a 16 de junho de 1666.[1]

E.—*Original Letters during his ambassies in Spain and Portugal.* London, 1702, in-8.º[2]

414) FAU (PEDRO DU). Francez.—Cirurgião chamado para reger a cadeira de anatomia do hospital real de Todos os Santos.

E.—*Exposição de Anatomia, pelo que respeita aos ossos e musculos.* Lisboa, 1764.

415) FAUCHER (PAUL).

E.—*D. Sébastien de Portugal.*

Villemain dá-nos noticia d'este drama[2] apresentado á Academia de Paris

[1] Rebello da Silva.—*Quadro Elementar das relações de Portugal com diversas potencias*, vol. 18.º, pag. 41.

[2] *Discours et Mélanges Litteraires*, Paris, 1855, pag. 393.

em 1845, e faz ácerca d'elle o seguinte juiso critico: «Pareceu este drama pedir menção publica, e como um penhor do interesse que se ligava a fragmentos da epopea christã, apresentado no theatro por uma imaginação estudiosa e viva. Offerecendo grandes desegualdades, mas sustentado por fortes intenções, e algumas scenas felizes, este drama é menos uma obra completa, do que uma esperança. Mostra um novo caminho, o da exaltação poetica unindo-se ao drama familiar n'um assumpto moderno.»

416) FAURE (H.)

E.—*De maritima navigatione veterum Hispania a Sacro Promontorio ad Pyrinæos usque montes.* Molinis, 1870, 8.º (Da navegação dos antigos desde o cabo de S. Vicente até os montes Pirynéos).

417) F. C.

E.—*Anonimous poems. Imitations from Camoens.* London, 1850.

418) FEITH (RHYNVIS). Poeta hollandez.

E.—*Inez de Castro*, tragedia. Amsterdam, 1793.

419) FENGER (J. FERD).

E.—*History of the Tranquebar Mission.* Tranquebar, 1863. (Historia da Missão de Tranquebar).

420) FENZL (Dr. ED.)

E.—*Bericht uber cinige der wichtigsten Ergebnisse der Bercisung der Portugiesischen Colonie von Angolà in West Africa in den Jahren* 1853-60 *durch Herrn Dr. Fried Wolwistch.* (No *Sitzungsberichte der Kaiserl Academie der Wissenschaft.* 48. Band. pag. 104).

421) FERAUD.

E.—*Vocabulary and Dialogues in the three languages English Spaniss and Portuguese, on subjects adapted to general use, as well as to military and naval affairs.* London, 1812.

422) FEURSTEN (ALBERT).

Eis a versão litteral do titulo de uma obra allemã.[1]

Historia dos reinos hespanhol, portuguez e africano: a saber — em qual época particularmente Portugal teve começo, e por quem foi elevado a reino, quaes guerras, qual commercio por mar ou por terra, tambem esta má guerra ordenada pelo rei Sebastião em Africa, e na qual guerra foi tão infeliz, tambem dois reis mouros e dezoito mil homens foram mortos, e por ella privou seu reino de herança, fortuna e melhor nobresa, e então varios reinos foram tirados a Portugal. Como D. Antonio, que esperava ser rei de Portugal, saindo

[1] Não se transcreve o titulo em allemão por ser excessivamente extenso.

da prisão em Africa, esperava ser eleito rei de Portugal, e do perigo em que incorreu, e por que meio escapou das mãos dos hespanhoes, e como o reino de Portugal voltou para a corôa de Hespanha, etc. Traduzido do italiano por —,

E no fim do livro: Impresso na capital de Munich, em casa de Adam Berg. em dia de Santa Anna, no mesmo dia em que no anno 82 os hespanhoes, D. Antonio e os francezes luctaram, e este livro foi acabado em allemão a 26 de julho de 1589.»

Esta obra in-folio compõe-se de 182 folhas, e é ornada de duas bellas estampas representando a primeira a batalha de Alcacerquibir, e a segunda uma batalha naval nas proximidades da ilha de S. Miguel.

423) FEVAL (PAUL HENRI CORENTIN).—Romancista francez.

Nasceu em Rennes no anno de 1817. [1]

E.—*Les fanfarrons du Roy par —. Nouvelle édition.* Paris. Michel Levy, 1869, 8.º, 286 pag.

O auctor pretende descrever n'este romance a côrte de Affonso VI, a loucura e extravagancias do rei, e muitas outras coisas da invenção do romancista.

Será um excellente romance para os estrangeiros, mas para um portuguez, que saiba a biographia do desditoso monarcha, deve ser bem insupportavel a leitura de tantos desconchavos. Entre outras coisas diz-nos que D. Pedro e sua mulher a rainha estiveram presos no Limoeiro.

424) FIELDING (HENRY) Celebre romancista e auctor dramatico inglez.

Nasceu em Sharpham-Park em abril do anno de 1707, e falleceu em Lisboa em outubro de 1754. Jaz no cemiterio inglez dos Cyprestes em Lisboa. [2]

Além do *Joseph Andrews* e *Tom Jones*, romances que immortalisaram seu nome, escreveu a seguinte obra:

Journal of a voyage to Lisbon by the late Henry Fielding. London, 1755.

Foi passada para francez com o seguinte titulo:

Journal d'un voyage de Londres à Lisbonne par Henri Fielding Écuyer, auteur de l'histoire de Joseph Andrews, de Jonathan Wild, de Tom Jones, des Aventures de Ruderic Randon, d'Amélie, et de beaucoup d'autres livres. On y a joint un abregé de la vie de l'auteur et le catalogue raisonné de tous ses ovrages. A Lausanne, 1883, 8.º, 72, 225.

Ninguem espere encontrar n'este livro a descripção de Lisboa; não trata elle mais do que dos incommodos que o auctor padeceu na sua viagem para Portugal em procura de allivios para seus horriveis padecimentos

O tumulo de Fielding no cemiterio inglez em Lisboa tem o seguinte epitaphio, de cuja copia sou devedor ao sr. Angelo Carrero:

Henrici Fielding a Somersentensibus apud Glastonem oriundi viri summo ingenio, en quae restant stylo quo non alius unquam qui potuit cordis reserrare

[1] Vapereau. *Dictionaire des Contemporains.*

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 17.º, pag. 647.

mores hominum excolendo suscepit virtuti decorem vitio fœditatem suum cuique tribuens non quin ipse subinde irretiretur evitandis, ardens in imicitia, in miseria sublevanda effusus, hilaris, urbanus et conjux et frater adamatus aliis non sibi vixit: sed mortem victricem vincit dum natura durat.....[1] *dum saecula currunt, natura prolem scriptis præ se ferens suam et suæ gentis extenderet famam.*

Perto d'este tumulo fica o de Philipp Doddridge, fallecido em 26 de outubro de 1751, que se diz ter sido muito sabio, e amigo de Fielding.

425) FIGUEROA (C. MOSQUERA).

E.—*Commentario de disciplina militar, en que se escrive la jornada de las Islas de los Açores por* —. Madrid, 1596.

426) FLAUGERGUES (Mlle PAULINE DE)

E.—*Au bord du Tage.* Collecção de poesias. Paris, 1841.

N'esta collecção de poesias apparecem algumas cujos assumptos são portuguezes.

«Mademoiselle Flaugergues é energica, e muitas vezes sublime como madame Emilie Girardin, graciosa e ao mesmo tempo sabia como madame Amable Tastu; lyrica e florida como madame Desbordes Valmore; melancolica e apaixonada como madame Dufresnay, Mademoiselle Flaugergues, pelo rumo que sua propria indole, suas reflexões ou suas penas tem dado ao seu poetar, entre ellas apparece como o auctor das *Meditações* entre os extraordinarios poetas seus contemporaneos: é ella o Lamartine do seu seculo.»[2]

427) FLEURIAU (BERTRAND GABRIEL).

E.—*Relation des conquêtes faites dans les Indes par D. P. M. d'Almeida marquis de Castel Nuevo, conte d'Assumar.* Paris, 1749.

428) FLOREZ (EL P. M. FR. HENRIQUE —) del orden de San Augustin, rector que ha sido una y outra vez del Real Colegio de Alcalá, doctor theologo de dicha universidad, y consultado á sus cathedras de theologia por el supremo consejo de Castilla, etc.

E.—*España Sagrada. Theatro geographico-historico de la Eglesia de España. Origen, divisiones y terminos de todas sus provincias. Antiguedad, traslaciones y estado antiguo y presente de sus villas, en todos los dominios de España y Portugal. Con varias dissertaciones criticas para ilustrar la historia eclesiastica de España.* Madrid. Por Don Miguel Francisco Rodrigues, 1747.

Obra verdadeiramente monumental, na qual o padre Florez com uma critica quasi sempre judiciosa, e baseada em documentos authenticos trata das antiguidades sagradas e profanas da Peninsula Iberica. São numerosissimas as estampas disseminadas por todos os volumes, representando já folhas de

[1] Não se percebe aqui uma palavra.

[2] A. F. de Castilho.—*Revista Universal Lisbonense.*

codices antiquissimos, já medalhas e moedas, já inscripções e monumentos romanos, godos, mozarabes.

Esta obra tem sido e ha de ser em todos os tempos consultada pelos nossos escriptores, que minuciosa e seguramente quizerem fallar de nossos feitos em épocas tão remotas. É porém do tomo 13.º por diante que este trabalho interessa mais aos portuguezes. E bem se vê que d'elle se aproveitaram Antonio Pereira de Figueiredo, A. Herculano e muitos outros, o que não podiam deixar de fazer, pois n'esta obra é que pela primeira vez se imprimiu a *Historia Compostellana* (no tomo 20.º), onde se referem os factos mais notaveis acontecidos em Galliza e Portugal durante o governo de D. Theresa.

É pois a *Espagna Sagrada* livro de primeira necessidade para quem tratar de escrever a respeito de nossas antigas coisas.

429) FOLQMAN (CARLOS).— Clerigo presbytero do habito de S. Pedro, e Capellão mor de S. Bartholomeu dos allemães.

E.— *Grammatica Hollandeza ou Arte Compendiosa para um portuguez aprender a lingua Hollandeza. Com uma Nomenclatura copiosa, varios dialogos, e uma Collecção dos mais selectos Proverbios de ambas as linguas, pelo*— Lisboa. Impressão regia, 1804, 8.º, 118 pag. Ha outra edição.

430) FONDEYRE (POURCET DE).

E. — *Lisbonne et le Portugal.* Paris, 1846, 8.º

Segundo diz o *Atheneu* (vol. 1.º, pag. 228) este escriptor publicou um trabalho a respeito de Portugal, onde, entre outras coisas: Que viu barcos navegando em Cintra, um tal rei João mostrando uma perna de fóra do tumulo aos viandantes em S. Vicente de Fóra, e outras gentilezas peores ainda.

431) FONSECA (ANT. EDM. WOLLHEIM DA).

E. — *Diccionario portatil das linguas portugueza e allemã.* Leipzig.

432) FOR FORTUGUESE SAILORS, London, 1874.

Dizem ser uma collecção de contos moraes em portuguez e apropriados para a leitura dos marinheiros portuguezes.

433) FORRESTER (JOSÉ JAMES).— Barão de Forrester, membro correspondente da Academia Real das Sciencias de Turim, das reaes sociedades antiquaria, geologica, geographica e zoologica da Gran Bretanha; das sociedades geographicas de Paris e Berlin, etc. etc., e um dos estrangeiros que mais serviços prestaram a Portugal, e que em todo o tempo se mostrou affeiçoado aos portuguezes.

Nasceu na Escocia em maio do anno de 1809 [1], e falleceu afogado no rio Douro, no ponto do Cachão, em 12 de maio de 1861, não tendo sido possivel encontrar seu cadaver.

[1] *Archivo Pittoresco*, vol. iv, pag. 339.

Escreveu muito este homem, darei porém noticia do que julgar mais importante.

I. *Vindicação de—contra as imputações a elle feitas no parecer da direcção da Associação Commercial do Porto de 15 de maio de 1845, e observações sobre o que no dito parecer se assevera a respeito ao vinho do Porto. Com um Post-Scriptum sobre o folheto intitulado «A questão dos Vinhos do Douro, considerada politicamente.* Porto. Typographia Commercial, 1845, folheto de 16 pag.

Forrester sustentava que o vinho do Porto devia ser puro e bem fermentado, e sem mistura de qualidade alguma. (Folheto citado, pag. 6.)

II. *Paiz vinhateiro do Alto Douro. «É um precioso mappa do paiz vinicola, dedicado á rainha D. Maria II, publicado em portuguez e inglez, tendo uma nova edição em Londres, por ordem, e á custa da Camara dos Communs.*

«*O Douro Portuguez e o paiz adjacente*, grande mappa, que pela portaria de 1 de abril de 1848 foi adoptado como nacional, e premiado depois pelos monarchas de Hespanha, Sardenha, França, Prussia, Austria, Russia, Pio IX, e incorporado no Blue Book da Camara dos Communs em Inglaterra, sendo sem contestação o seu mais completo e valioso trabalho, em cuja composição e aperfeiçoamento gastou mais de doze annos, e valiosas quantias. N'este bello e interessante mappa não ha um claro por encher, nem o mais pequeno espaço que não fosse aproveitado com criterio. O Porto, e a ponte pensil, a Regoa, um barco do Alto Douro, um escaler do Porto, as pedras das Ancoras, os pontos do Cachão, salto da Sardinha e outros, são delicadas e lindissimas illustrações, que embellezam este minucioso, apreciavel e instructivo trabalho [1].»

III. *Prize Essai on Portugal, or Portugal and its capabilities.*

Esta obra foi premiada com uma especial e honrosa medalha de oiro.

Além d'estas escreveu varias outras obras, todas uteis e interessantes, que se podem ver mencionadas a pag. 331 do 4.º vol. do *Archivo Pittoresco.*

434) FORTUNATUS.

E. — *Historia de missionibus Angolae, Congi et aliorum regnorum Africae et Indiarum cum moribus illarum regionum.* Bononiae, 1687, fol.

435) FORTIS (LEONE).

O sr. José da Silva Mendes Leal traduziu em verso um poema dramatico, composto em italiano pelo referido escriptor, natural de Veneza, e poema que a celebre tragica Ristori representou em Lisboa.

«O auctor do poema inculca imaginação fogosa frequentemente desregrada. A verdadeira sensibilidade não abunda. A imitação de affectos convencionaes predomina. É antes um reflexo brilhante do que uma concepção feliz. O que

[1] O dito mappa é exactissimo pelo que respeita ás villas e freguezias, ás quintas e principaes fazendas vinhateiras, aos rios e regatos, estradas, pontes e até caminhos travessos, e creio que tambem o será, quanto é possivel, ácerca da posição geographica das povoações e montanhas.» Visconde de Villarinho de S. Romão. *Revista Universal Lisbonense*, vol. III, pag. 145.

mais naturalmente respira é a impaciencia e o odio á dominação estrangeira.

Quanto póde a fraternidade intellectual! Quem diria, ha tres seculos, que a orgulhosa Veneza, desapossada pelo Gama do imperio do Oriente, cantaria hoje o cantor do grande almirante.»

436) FOUCHER (PAUL HENRI).

Nasceu em Paris no mez de abril de 1810 [1].

E. — *D. Sebastien de Portugal, tragedie en 5 actes.* Paris, 1839.

437) FOURNIER (EDOUARD). — Auctor dramatico e romancista francez. Nasceu em 1809.

E.— *Un prétendant Portugais au* XVI *siècle. Lettre adressée a M. M. Dantas, sécretaire de la legation de S. M. TF. à Paris, sur D. Antonio, prieur de Crato, suivie d'études sur un predicateur portugais à Paris en* 1610; *la Rosalinda et l'origine portugaise de la fiancée du roi de Garbe.* Paris. Imprimerie de Moulde et Renou, 1851, 141 pag. [2].

438) FOURRIER (ORTAIRE —) Chanceller da legação franceza em Lisboa.

E.— *Revue Lusitanienne.* 2 tomos, Lisbonne, 1852.

É um jornal litterario, onde se encontram alguns artigos importantes.

N'elle reproduziu Fourrier a sua traducção do *Naufragio de Sepulveda,* (mas com alterações), a qual já tinha sido publicada em Paris no anno de 1844. E tambem uma versão tambem na linguagem franceza da *Sobrinha do Marquez,* do nosso Garrett. E além d'estas traducções um romance intitulado *La Reine de Mohawks,* etc. etc.

«De todas as litteraturas modernas a menos conhecida talvez é a litteratura portugueza, e sem os sabios trabalhos do visconde de Santarem, Ch. Magnin, Dubeux, Ferdinand Denis, Princepe Liknowski, poetas e escriptores d'esta nação, com algumas gloriosas excepções, seriam para o mundo litterario, como se nunca tivessem existido. Ha principalmente um contemporaneo do immortal auctor dos *Lusiadas,* e que talvez occupa immediatamente logar depois d'elle no antigo Parnaso, Jeronymo Corte Real, que mais que nenhum, padeceu este infeliz destino. E todavia Corte Real é uma d'essas intelligencias extraordinarias, das quaes o céo é avaro, um d'esses sublimes encantadores, cuja voz harmoniosa evoca todos os poderes creadores do pensamento, cuja imaginação rica e fecunda abre um largo rego no magnifico campo da poesia, e faz produzir magnificas searas.

«Sim, a obra de Corte Real é uma obra de genio, e pouco falta para que

[1] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains,* pag. 694.

[2] Fournier é um dos escriptores francezes mais antigos e entendidos da nossa historia e litteratura. Traduziu em francez a ballada *Rosalinda*». (*A Semana,* vol. II, pag. 433.)

elle lhe tenha merecido uma d'essas coroas, que consagraram para sempre o nome de Camões e o de Tasso.»

439) FOWLER (REGINALD —) Esq. Barrister-at-law.

E.— *Hither and thither, or, sketches of travel on both sides of the Atlantic, containing notes of a visite to Madeira, Lisbon, Gibraltar, Cadiz, Malta, Rome, New York, Canadá, Kingston, the falls of Niagara, Bay of Quinté and Montreal. By.*—London. (Aqui e acolá, esboços de viagens em Portugal, etc.)

440) FOY (Général).

E. — *History of the war in the Peninsula under Napoleon, translated from the french.* London, 1827, 3 vol. (Historia da guerra na Peninsula etc.)

441) FOY (Le Général. MAXIMILIEN SEBASTIEN).

Nasceu em Ham no anno de 1775, e falleceu a 28 de novembro de 1825.

Passou de Constantinopla para Portugal, distinguiu-se na batalha de Vimeiro, esteve a ponto de ser assassinado no Porto, recebeu uma ferida no Bussaco, e foi escolhido por Massena para ir á França avisar Napoleão do estado em que se achava o exercito francez em Portugal. Chegou á França quasi nu, tendo escapado como por milagre, das guerrilhas [1].

E.— *Histoire de la guerre d'Espagne et du Portugal sous Napoléon, precedée d'un tableau politique et militaire des puissances belligérantes, par — publiés par M.e La Comtesse Foy.* Paris Baudoin Frères, 1829, 4 vol. in-12.º Esta edição, creio ser a 2.ª, pois tenho visto exemplares d'outra in-8.º impressa em Paris no anno de 1827, com Atlas á parte. Ha outra edição. Paris, 1834, 8.º gr.

O general Foy nem teve tempo de concluir nem de limar esta historia, a qual apenas chega á retirada dos francezes de Portugal, depois da convenção de Cintra.

«Não conhecemos na Peninsula monumento algum notavel da industria de nossos inimigos inglezes, mais do que as linhas construidas em 1810 para defesa de Lisboa, mas d'ellas deve-se conceder a honra em grande parte aos engenheiros de Portugal, que communicaram aos inglezes, quer emquanto á concepção do projecto, quer emquanto á execução dos trabalhos, idéas luminosas e dados exactos recolhidos havia muito tempo.» 1, pag. 197.

«Portugal cobriu o Oceano com suas esquadras, submetteu a suas leis o litoral da India e as mais bellas porções da America meridional. Lisboa tomou no meio do mundo engrandecido por Colombo e por Vasco da Gama o logar que Constantinopla occupára no antigo continente. E como todas as faculdades do espirito humano caminham a par, pouco tempo depois que um pequeno povo europeu fez adoptar sua lingua aos habitantes dos paizes onde pararam as conquistas de Alexandre, esta lingua ennobrecida pela victoria produziu um poema epico antigo na sua fórma, e nacional em seu assumpto. Camões é o poeta da patria e da gloria. Seus *Lusiadas* fazem sentir á alma com

[1] F. Didot. *Biographie Universelle*, tom. XVIII, pag. 414.

a magnificencia da Illiada alguma coisa dos encantos da Odyssea.» 1.º, pag. 267.

«As tropas portuguezas partiram em numero de 8 a 9 mil homens. Mais de 4 mil, e entre estes alguns officiaes, fugiram ao atravessarem a Hespanha, e tornaram para o seu paiz. Quinhentos ou seiscentos ficaram nos hospitaes. Alguns foram mortos no primeiro cerco de Saragoça. Só 3240 soldados chegaram a Bayonna. Napoleão passou-lhes revista, e disse ao principe Wolkonski, ajudante de campo do imperador da Russia, que então se achava ao seu lado: «São homens do meio dia: teem paixão, hei de fazer d'elles uma excellente infanteria.» Com as tropas portuguezas formou-se uma legião. O general Junot recebeu ordem de apanhar os desertores, e de enviar soldados do paiz para completal-a. Esta ordem não poude ser posta em execução. Na falta de nacionaes completou-se a legião nos deposito de prisioneiros hespanhoes. Passou por diversas organisações até ao mez de novembro de 1813, em que um decreto imperial ordenou o desarmamento de todas as tropas estrangeiras, que se achassem no grande exercito, com excepção dos polacos.

«A legião portugueza nunca foi empregada na sua totalidade d'uma só vez; mas serviu por destacamentos. Dois batalhões cobriram-se de gloria na batalha de Wagram, no corpo de exercito commandado por Oudinot. Um regimento distinguiu-se na batalha de Smolensko. Os habitantes das serras ardentes do Alemtejo e da Estremadura estavam em bom numero entre os desgraçados que morreram gelados nos gelos de Moscou. Estes estrangeiros conduzidos pelo acaso debaixo das bandeiras de Napoleão, tinham tomado por divisa:

Vadimus immixti Danais, haud numine nostro.

Mereceram com tudo em todos os logares a estima de seus companheiros de armas. O imperador teve bem cuidado em não os tornar a mandar para a Peninsula. 2.º, pag. 27.

«M. de Pradt, que em 1808 era bispo de Poitiers e esmoler do imperador Napoleão, assistiu á audiencia dada por este principe á deputação portugueza. Elle faz conhecer nas suas *Mémoircs historiques sur la revolution d'Espagne* algumas particularidades, que devem ter aqui seu logar:

«A deputação portugueza esperava o imperador em Bayona, e lhe foi apresentada algumas horas depois da sua chegada. Achava-se á sua frente o conde de Lima, a quem tinham visto como embaixador de Portugal em Paris, o qual estava muito relacionado na sociedade. Napoleão não esperou que este presidente pronunciasse seu discurso, como era de estilo em eguaes circumstancias: mas quer fosse demora do conde de Lima em dizer o que tinha preparado, quer impaciencia natural da parte de Napoleão, abriu a conferencia de uma maneira muito singular. Depois de algumas formulas de polidez, disse dirigindo-se aos deputados: «Não sei o que hei de fazer de vós, pois isso dependerá do que se passar no Meio-dia. Estaes vós comtudo no caso de formar um povo? Tendes o volume necessario para isto? Vós estaes desamparados de vosso principe: deixou-se encaminhar pelos inglezes para o Brasil. Fez n'isso uma grande tolice; ha de arrepender-se d'ella.» Depois voltando-se para mim accrescentou com um ar muito satisfeito: «Os principes teem a mesma

obrigação que os bispos; é necessario que residam.» Dirigindo-se em seguida ao conde de Lima, perguntou-lhe por quantos homens era Portugal povoado; e juntando immediatamente resposta á pergunta, coisa que lhe acontecia muitas vezes fazer, e que succede ás pessoas que respondem ás suas idéas: «Dois milhões?—Mais de tres, respondeu o conde.—Ah! Não sabia, replicou Napoleão. E Lisboa, cento e cincoenta mil almas?—Mais do dobro, respondeu o conde de Lima.—Ah! não o sabia, respondeu de novo Napoleão.» Outras perguntas e respostas foram trocadas com esta mesma differença de opiniões e de avaliações, e de »não sabia, e não sabia, succedeu perguntar ao conde de Lima: «Que quereis vós outros, portuguezes? Quereis ser hespanhoes?» A estas palavras vi o conde de Lima, crescendo dez pés, empertigando-se na sua posição, levando a mão aos copos da espada, e com uma voz que retumbou pelas abobadas da sala, responde: «Não!» Os antigos heroes portuguezes não teriam dito melhor.» — 2.º, pag. 33.

442) FOZIO (JOSEPH).

E.— *Informatio pro venerabili servo Dei Ignatio Azebedo et socüs in odium fidei interfectis ab haereticis.* Romae, 1662. (Informação a favor do veneravel Ignacio de Azevedo, e de seus companheiros mortos em odio á fé.)

443) FRAMPTON (J.)

E.— *Discourse of the navigation which the Portuguese doe make to the realms and provinces of the east parties of the world, and of the knowledge that growes by them of the great things which are in the dominions of China. Written by Bernardine of Escalanta, of the realme of Galisia. Priest. Translated out of spanish into english by* — London, F. Dawson, 1579. (Discurso sobre a navegação, que os portuguezes fazem nos reinos e provincias orientaes, etc.)

444) FRANCAN.

E. — *Itinerarium Portugallensium e Lusitania in Indiam.* 1508. (Itinerario dos portuguezes de Portugal para a India.)

445) FRANCESCO (P.)— Carmelitano.

E. —*Viaggi all' Indie Oriéntali.* Roma, 1672, fol.

446) FRANCISCI XAVIERI (SANCTI).

E. — *Epistolarum libri V.* Pragae, 1667, 8.º (Estas cartas relatam por miudo os feitos dos portuguezes na India.)

447) FRANCIS MARIA.—Episcopus Portuensis.

E. — *De vita, sanctitate, canonisatione et miraculis Sancti Francisci Xaviéri.* Dillingae, 1622.

448) FRANCKENSTEIN (JACQUES AUGUSTE).

E.— *Das historische Theatrum von Portugall, Engelland und der Scyweitz.* Halberstadt, 1823. (Theatro historico de Portugal, Inglaterra e Suissa.)

449) FRANÇOIS COUCHE ET ROULOX BARRO.
E.—*Voyage du Madagascar et du Bresil.* Paris, 1658.

450) FRASCARELLIO (A PRESBYTERO CAIETANO).—Era empregado na Nunciatura em Lisboa, e capellão do duque de Saldanha.)
Natione Italo, Domo Asculo, Picentium a Secretis Legationis Apostolicae.
E. I.—*Inscriptiones Regum Lusitanorum — Apud Reginam Fidelissimam exaratae.* Ulyssipone. Ex Officina Typographica Nationali, 1850.
II. *Inscrizioni Portoghesi che existono in diversi luoghi di Roma per* — Roma, 1862.

451) FRASSO.
E.—*De regio patronatu Indiarum.* Madrid, 1677, 2 vol. fol.

452) FRAZER (SIR A. S.)
E.— *Letters of Colonel, commanding the royal horse artillery in the army under the Peninsular War, and Waterloo campaigns.* London, 1859, in-8.°

453) FRIRION (FRANÇOIS NICOLAS, BARON DE)
E.— *Journal historique de la campagne de Portugal entreprise par les Français sous les ordres du marechal Massena, prince d'Esling, du 15 septembre 1817 au 2 mai 1811.* Paris, 1841.

454) FRISON.
E.—*Xaverius Thaumaturgus.* Burdigalae, 1684.

455) FRITZ (SAMUEL).
E.— *El gran rio Maranon ó Amazonas con la mission de la Compañia de Jesus geographicamente deleneado.* Quito, 1707. (Os Jesuitas eram os soberanos verdadeiros do Paraguay. Voltaire, vol. IX, pag. 489.)

456) FROGER (FRANÇOIS).
E.— *Relation d'un voyage fait en* 1695-1697 *aux côtes d'Afrique, détroit de Magellan*[1] *Brésil, Cayenne, etc.* Paris, 1698, ib. 1700. Amsterdam, 1699, ib. 1702, ib. 1715.

[1] Tu Magaglianes, ti renditi al Mondo
nel tuo Nome immortal con chiaro vanto;
del Sol mentre immitasti il corso tondo
degno d'Istoria, e d'alto Aonio canto:
d'un generoso ardir nel cor secondo
tu si carpisti il tuo camin; ma quanto
o hime! soffristi dall'aversa sorte
che s'oppon qual Nemica all Huo che forte

Girolamo Bartolomei Gia Smeducci — *L'America*, c. XXVI est. 8.ª

457) **FROISSART (MESSIRE JEHAN).**—Chronista celeberrimo. Nasceu em Valenciennes no anno de 1337, e falleceu, segundo parece, no principio do seculo seguinte. Viajou muito pela França, Italia, Inglaterra e Escocia.

E.—*Histoire et Chronique mémorable de—Revue et corrigée sur divers exemplaires et suivant les bons auteurs, par Denis Sauvage de Fontenailles-ens Brie, historiographe du tres chrestien roy Henri deuxiesme de ce nom.* A Paris, chez Jehan Ruelle, 1574, fol. A primeira edição foi impressa tambem em Paris no anno de 1498.

Froissart na sua *Chronica* conta muitos dos successos de Portugal occorridos por aquelle tempo. Mas mereceu-lhe especial attenção a nossa batalha de Aljubarrota, á qual não assistiu como Ayala, mas teve particular cuidado de pedir esclarecimentos minuciosos a cavalleiros, que n'ella se tinham achado. É pois a sua famosa *Chronica* um como subsidio para a historia da nossa heroica lucta.

458) **FULIGATI (JACQUES).**

E.—*Vita di Santa Elisabetha, régina di Portogallo.* Roma, 1625.

459) **FURIEUSE ET SANGLANTE BATAILLE,** *donnée entre les Portugais et les Hollandois aupres de Malacca en la quelle a paru la valeur de quatre seigneurs François descripte par le Capitaine Marque d'Or, Provençal present en icelle.* Paris, 1621, in-8.°

G

460) GALARDI (Mr. de)

E.—*Raisons d'Estat et reflexions politiques sur l'histoire et vies des roys de Portugal.* A Liege. Chez Pierre du Champs, 1670. 12.°. 370 pag. Offerecida á rainha da Grã-Bretanha.

E' uma Historia de Portugal, que chega até ao reinado do cardeal-rei D. Henrique. O auctor promette um segundo volume; ignoro se cumpriu sua promessa.

461 GALERIE (LA) AGRÉABLE DU MONDE,

O primeiro tomo d'esta obra [1] dedicado a el-rei de Portugal D. João V, comprehende Portugal e Hespanha e traz os mappas de Lisboa, Cascaes, Evora, Belem, Estremoz, Elvas com a planta da fortificação, e assim Olivença, Villa Nova, Arronches, Villa Viçosa, Ferreira, Setubal, Braga, Coimbra, além de muitas gravuras e vistas.

462) GALIANO (D. ANTONIO ALCALA, hijo.)

E.—*Portugal, su passado y su presente. Lecciones pronunciadas en el Ateneo cientifico y literario de Madrid.* Por —. Madrid, 1873. 8.°, 24 pag.

Só vi o 1.° folheto, e ignoro se o auctor publicou os restantes que prometteu.

463) GAMOND (M. A. THOMÉ DE). Engenheiro Civil.

E.—*Mémoire sur le projet d'agrandissement de la ville de Lisbonne comprenant l'établissement d'un grand port maritime: la création de quartiers nouveaux, et le chemin de fer de Collares. Ouvrage publié dans les trois langues française, portuguaise et anglaise avec le plan général et particulier des travaux projetés par* —. Paris. Dunond, editeur. 1870, fol.

Esta obra é dedicada ao duque de Saldanha.

[1] *Revista Universal Lisbonense*, vol. 5.°, pag. 51.

464) GARCIA (F.)

E.— *Vida de S. Francisco Xavier, apostolo de las Indias.* Toledo, 1673. Madrid, 1676.

465) GAUTHIER (MADAME).

E.— *Les amours de Camoens et de Catherine d'Athaïde.* Paris, 1827. 2 vol. 8.º

«Não foram só os *Lusiadas* que eternisaram o nome de Camões, a collecção de suas poesias o puzeram a par dos maiores lyricos: tanto se podia modificar aquelle genio! Bastantes vezes tenho tido pena, ao desenhar o quadro de seus amores e de suas desgraças, de não saber bem a fundo a lingua portugueza, para me arriscar a dar a meus leitores algumas imitações de seus canticos. Esta impossibilidade me reduziu a pôr na bocca do meu heroe versos da minha composição, que se não podem de maneira alguma comparar com os que legou á posteridade, e que devem ser considerados, conforme a sua situação, como um impulso d'uma alma victima de seus pesares, que esquece um instante depois as queixas escapadas á sua dôr, e que não lhe dá importancia alguma poetica.

Os infortunios de Camões e seu amor por Catharina d'Athaide não a base sobre que fundei a obra que offereço agora ao publico.»

466) GAZZERA (CONSTANCIO).—Secretario da Academia de Turim.

Publicou um manuscripto antiquissimo e muito importante para a historia de Portugal, com o seguinte titulo:

De itinere navali, de eventibus de que rebus a peregrinis Hierosolymam petentibus 1189 *fortiter gestis narratio.* Turim, 1840.

E' a historia da derrota e aventuras de uma armada de cruzados, que desaferrou do Escalda em o anno de 1189 com destino de arrancar a Terra Santa do poder dos infieis. Encerra a mencionada relação uma parte mui interessante da nossa historia nos tempos primitivos da monarchia portugueza, tal como o cêrco e tomada de Silves por el-rei D. Sancho I. [1]

467) GABAEURS (GEORGE CHRISTIAN).

E.—*Portugisiche Geschichte, etc.*

Traducção do titulo da obra:

Historia Portugueza desde os tempos mais remotos, em que se acham vestigios d'este povo até ao presente, acompanhada de tabellas genealogicas e muitas annotações. Para conhecimento e comprovação dos verdadeiros factos historicos. Leipzig, 1759.—4.º, 2 tomos n'um vol. O 1.º 238 pag., o 2.º 222. pag.

468) GEDDES (MICHEL).

E.—I. *The history of the Church of Malabar, by* —. London, 1694. 8.º

II. *Church History of Æthiopia.* London, 1696. 8.º

[1] João Baptista da Silva Lopes—*Relação da derrota naval, façanhas, successos dos cruzados, que partiram do Escalda para a Terra Santa no anno de* 1189.

469) GEDINKS ERIFTEN VAN DEN MARQUIS DE POMBAL. Te Amsterdan, 1784.

470) GEIBEL (EMMANUEL) — Poeta lyrico allemão celebre.

Nasceu em outubro de 1815 em Lubech.[1]

E.—*Spanish Volkslledec.*

Um volume de cantos populares e romances de Hespanha, seguido de dois outros volumes de poesias hespanholas e portuguezas. Stuttgard, 1862.

471) GENITZ (H. B.).

E.—*Analyse da obra de B. A. Gomes — Flora fossil do terreno carbonifero das visinhanças do Porto, Serra do Bussaco e Moinho d'Ordem, proximo a Alcacer do Sal.*

(No *Neues Jahrbuch fur Mineralogie, Geologie and Palaeontologie*, 1867 n.º 3).[2]

472) GÉNERAL (A) *collections of voyages and discoveries made by the Portuguese in the fifteenth and sixteenth century.* London, 1789.

473) GENERAL ORDERS OF THE DUKE OF WELLINGTON IN PORTUGAL, SPAIN AND FRANCE. London. 1832.[3]

[1] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 745.

[2] *Jornal de Sciencias Mathematicas*, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. 2.º, pag. 7.

[3] S. ex.ª o sr. marechal commandante em chefe do exercito portuguez tem que cumprir o agradavel dever para com as tropas de S. A. R. que estiveram na batalha do Bussaco, de lhes assegurar a sua plena satisfação pela brilhante maneira com que se houveram, a qual adquirìu a estima, admiração e confiança de seus companheiros de armas do exercito inglez. S. ex.ª viu factos no combate, e uma conducta nas tropas portuguezas, de fazer honra ás tropas mais aguerridas, e não faltará a dar a saber a S. A. R. o merecimento distincto das suas tropas, e em particular dos corpos e individuos que mais se assignalaram, e não tem que limitar-se senão a respeito d'aquelles que tiveram a fortuna de combater com o inimigo, todos estes cumpriram como deviam, e o inimigo o póde melhor dizer pelo que experimentou.»

«A conducta do regimento n.º 8 foi extremamente brilhante pelo ataque de bayoneta que fez ao inimigo com os regimentos inglezes. A conducta da brigada que commanda o sr. brigadeiro Pack, foi excellente. O batalhão de caçadores n.º 4, pela distincta coragem e constancia com que atacou o inimigo e soffreu o seu fogo durante todo o dia, merece tambem os maiores elogios, e o tenente coronel Luiz do Rego Barreto e seus bravos officiaes e soldados receberam approvação de s. ex.ª O sr. brigadeiro Colleman e os srs. coroneis Luiz Ignacio Xavier Palmeirim e José Cardoso de Menezes Souto Maior receberam a segurança da satisfação de s. ex.ª pela sua conducta. A boa carga que deram cinco companhias do regimento n.º 19, debaixo das ordens immediatas do tenente coronel M. Bean mereceu ser particularisada, e foi admirada de todo o exercito. O batalhão de caçadores n.º 2, commandado pelo tenente coronel Nixon, mereceu approvação de s. ex.ª O batalhão de caçadores n.º 1, commandado pelo tenente coronel Jorge d'Avilez compor-

474) GÉNERAL VIEW OF THE STATE OF PORTUGAL *containing a topographical description thereof.* (Descripção topographica de, etc.) London, 1799.

475) GENIGE ADVYSEN *ende verklaringhen uzt Brasilien. In dato den* 19 *Mez* 1648. *Van 't gepasseerde.* Tot Amsterdam. By Philips van Macedonien. Anno 1648, 4 fol. sem numeração. (M. S.)

476) GENLIS (Comtesse de).

E.—I. *Les tableaux de M. le Comte de Forbin, ou la mort de Pline l'ancien et d'Ines de Castro. Nouvellas historiques* Paris, 1817.

II. *Ines de Castro, suivie de la mort de Pline l'ancien.* Paris, 1826.

477) GENLIS (M.me de).

E.— *The companion for conversation as occur most frequently in travelling in English, French, Italian, Spanish, Portuguese.* Bremen, 1818. (É uma collecção de dialogos em, etc.)

tou-se extremamente bem, e contentou perfeitamente a s. ex.ª, e o tenente coronel acceitará seus agradecimentos. O batalhão de caçadores n.º 3, e o tenente coronel Elder tem que accrescentar a brilhante conducta n'esse dia á sua reputação já tão justamente adquirida: este batalhão tem sempre sido, e continua a ser admirado pelo exercito e por s. ex.ª O brigadeiro Campbell deu a melhor informação do modo com que se houve o batalhão de caçadores n.º 6, commandado pelo tenente coronel Sebastião Pinto d'Araujo Corrêa. A conducta das brigadas de artilheria de 9 e 6, commandadas pelo major Arenstchild, as quaes soffreram todo o dia o fogo de quatorze peças do inimigo, é digna de grandes elogios. O sr. general Picton informou a respeito d'ellas o melhor possivel. As brigadas de artilheria 3 e de montanha conduziram-se muito bem, e s. ex.ª dá os seus agradecimentos a todas estas brigadas e aos respectivos commandantes.

«S. ex.ª deseja que todos os srs. brigadeiros e commandantes dos sobreditos corpos deem aos officiaes e soldados a sua plena approvação e agradecimento pela sua conducta da qual elle mesmo foi testemunha; e os srs. commandantes enviarão ao ajudante general os nomes d'aquelles officiaes, officiaes inferiores e soldados que se distinguiram, a fim de que S. A. R. os recompense como elles merecem. S. ex.ª viu em todas as mais tropas o desejo e boa disposição com que se achavam para atacar o inimigo, e desejou que este lhes desse occasião de egualarem os seus companheiros, e de vingarem as offensas que sua patria tem recebido; mas esta occasião não está distante, e chegará quando o inimigo quizer, e será outro dia de gloria para o exercito portuguez, pois que o exercito deve estar seguro, que ainda que o inimigo não se atrevendo a tornar a atacar a frente por novas tentativas, tem influido em s. ex.ª o sr. marechal general lord Wellington para deixar uma posição, da qual todas as forças e esforços do inimigo não podiam desalojal-o, jámais com um exercito de soldados taes como os inglezes e portuguezes, elle poderá preencher as suas vistas contra a liberdade e felicidade do paiz; e quanto mais avançar, tanto mais caro pagará a sua temeridade, a sua cubiça, e sua injusta ambição. Vós sois portuguezes, e está aqui o exercito inglez, e ambos os exercitos conduzidos e dirigidos por aquelle que tem vencido tantas vezes o inimigo na causa de Portugal; e com taes exercitos, e debaixo das ordens de s. ex.ª o sr marechal general lord Wellington, está segura a victoria.—Ajudante general, Mousinho.—Ordem do dia.—Quartel general do Bussaco, 28 de setembro de 1810.»

478) GENTLEMAN.

E.—*A picture of Lisbon.* London, 1809. (Pintura de Lisboa).

479) GEORGE ANDRIESR.

E.—*Reyzen door Oort. Sina, etc.* (Viagem ás Indias Orientaes, China, Tartaria, Persia, Turquia, etc.) Amsterdam, 1670. 8.º

480) GEORGE (MR. DE SAINT).

E.—*L'esclave de Camoens*, opera comique en un acte, par—, musique de Fletaw. Paris, 1843.

481) GESTA PROXIME PER PORTUGALENSES *in India, Aethiopia, et aliis orientalibus terris, Petri Alfonsi Malhereo industria et correctione impressa.* (Feitos obrados recentemente pelos portuguezes na India, etc.) Romæ, 1506. J. Besicmenk, 4.º Coloniae Agripinae, 1507.

482) GHILLANY (FRÉDERIC GUILLAUME).—Escriptor allemão. Nasceu em Erlangen, no anno de 1807.[1]

E.—*Geichichte des Seefahrers Mart. Bahein.* Leipsick, 1853. Nurberg. 1853. (Historia do navegador Martin Behaim).

483) GIL (ANTONIO).

E.—*Don Pedro de Portugal, tragedia en 5 actos, escrita en francés por Mr. Lucien Arnault y traducida libremente al castellano por —.* Madrid, 1829.

484) GIO: GIOSEPPE DI S. TERESA (Carmelitano scalzo).

Nasceu em Lisboa, Marianno, chamado no seculo João de Noronha Freire.[2]

E.—*Istoria delle guerre del reyno del Brasile accadute tra la corona de Portugalo, e la republica di Olanda, composta ed offerta alla sagra reale Maesta di Pietro secondo re di Portogallo, etc.* Roma, 1698; fol. com grande numero de mappas de cidades do Brasil, e com os retratos de D. Pedro II e de D. João IV. 1.ª parte 232 pag.; 2.ª 211 pag.

Como unica excepção á regra por mim estabelecida de não tratar senão de obras compostas por estrangeiros, menciono esta: 1.º por ser escripta em lingua estranha; 2.º por ser impressa em paiz estrangeiro; e 3.º por ser obra muito conhecida e citada pelos escriptores estranhos, e na actualidade não facil de ser encontrada.

485) GIOIA.

E.—*Vita del P. Caraffa da Gaeta, capucino e in Affrica missionario apostolico, il quale mori in Loanda di Angola, l'anno de* 1662. Napoli, 1669. 4.º

[1] Vapereau. *Dictionaire des Contemporains*, pag. 758.
[2] *Bibliotheca Historica de Portugal*, pag. 185.

486) GLAZEMAKER.

E.—*Sheepvaart der Frantschen naar Oost-Indien*, etc. (Viagem dos francezes ás Indias Orientaes com tres navios da Normandia por Beaulieau, e traduzido por —). Amsterdam, 1669, 4.°

487) GLEIG (G. R.)

E.—I. *The hussar. Scenes in Spain and Portugal.* London. (Scenas em Hespanha e Portugal.)

II. *The light dragoon. Peninsular War.* London, 1850. (Sobre a guerra peninsular.)

488) GLUCK.

E.—*Parid ed Elena. Dramma per musica dedicato a sua alteza el signor duca Don Giovanni de Braganza.* Vienna. Nella estamparia de Giovanni Tomaso, 1770. V. *Bibliographia Critica de Historia e Litteratura*, pag. 110.

489) GODEFROY (DENIS THEODORE).

E.—*De l'origine des roys de Portugal, issus in ligne directe masculine de la maison de France.* Paris, 1610. Ibid. 1612. Ibid. 1614. Ibid. 1616. Ibid. 1624.

490) GODIGNI (N.)

E.—*Vita patris Gonzali Silveriæ in urbe Monotapa martyrium passi.* Lugduni, 1612. 8.°

(Vida do P. G. da Silveira, que padeceu o martyrio em, etc.)

491) GODMAN (F. DU CANE).

E.—*Notes on the birds of the Azores.* (Notas a respeito dos passaros dos Açores). No jornal *Ibis*, janeiro de 1868, pag. 88. V. *Morelet.*

492) GOES (FERNANDO DE).

E.—*Breve summa y relacion de las vidas y hechos de los reys de Portugal y cosas succedidas en aquel reyno desde su principio hasta el anno de 1595.* Mantua, 1596.

493) GOEZE (EDMOND).—Jardineiro allemão, chamado a Portugal com o fim de dirigir os melhoramentos do jardim botanico de Coimbra, e actualmente encarregado de formar o jardim botanico da escola polytechnica de Lisboa.

E.—I. *Sur la variabilité des espèces. Examen de la doctrine de la variation des espèces dans le règne végétal de M. Herdel.* (No *Jornal de Sciencias Mathematicas etc.* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. 1.°, pag. 209 e seg.)

II. *Bibliographie Botanique.* Idem, vol. 2.°, pag. 70.

E varios artigos sobre assumptos botanicos *Jornal do Porto.*

494) GOIMPY (Comte FRANÇOIS LOUIS EDMONDE GABRIEL DE MAITZ DE —)

E.—I. *Compte rendu au roi de Portugal des operations astronomiques et geographiques faites sur les côtes de ce pays.*

II. *Observations faites à Aveiro et à Funchal.* (Manuscriptos ineditos guardados na Academia da Marinha em Paris).

495) GOLDSCHMIDT (BERTOLD).

E.—*Noções praticas da lingua allemã.* Leipzig, 1859.

496) GOLLUT (LOUIS).

E.—*Mémoires historiques de la republique Sequanoise et des princes des catholiques rois de Castille et de Portugal, et de la maison desdicts princes de Bourgogne. Dole,* 1592, fol.

497) GONDAR (ANGE).

E.—*Discours politique sur le commerce des anglais en Portugal.* Paris, 1756.

498) GONZALEZ (D. JUAN).

E.—*Nueva corografia. Descricion de todas las provincias, villas e bispados, arzobispados, puentes, fortalezas y considerables lugares del reino de Portugal, en que se muestra el modo de hallar estes lugares en sus respectivas provincias, con los principales rios, bahias, mares, montañas, llanuras, sierras y collados, sobre que estan situadas, etc.* Su autor —. Sevilla, imprenta de J. Padal. 100 pag. Sem data. [1]

499) GONZALES (MODESTO FERNANDEZ) De la Sociedad de escritores y artistas, auxiliar del ministerio de hacienda.

E.— I. *Pastellero de Madrigal.* Romance.

II.— *Retratos y Semblanzas por* —. Madrid. Imprenta de la Biblioteca de instruccion y recreo. 8.°, 238 pag.

E' uma collecção de pequenas biographias de escriptores portuguezes e hespanhoes. Os portuguezes biographados são: Theophilo Braga — Eduardo Coelho —Luiz de Campos — Miguel Lobo de Bulhões — A. A. Teixeira de Vasconcellos —J. Costa Goodolphim — A. Pereira Marecos — Antonio Rodrigues Sampaio —José Maria Latino Coelho.

III.—*Portugal Contemporaneo. De Madrid á Oporto pasando por Lisboa. (Diario de un caminante).* Madrid. Imprenta de Manuel Tello, 1874. 8.° 256 pag.

«Portugal tem historia propria, ostenta galharda litteratura, e offerece a nacionaes e estrangeiros os productos do trabalho, do saber e do genio humano.

«Não póde renegar de sua origem nem tradições. Irmãos temos sido e con-

[1] Deve ser do anno de 1762. Hidalgo.—*Boletim Bibliografico Español*, tomo 3.°

tinuaremos a ser, sem cada paiz perder sua necessaria independencia. Não obsta porém isto a que Portugal reuna condições proprias para viver sem auxilio estranho, já pelos esforços dos naturaes, já pelas riquesas de seu solo.

«A natureza o tem favorecido com rios navegaveis, altas serras, valles ferteis e pittorescos, campinas deliciosas, lindas collinas, costas dilatadas com bahias abrigadas dos ventos, mineraes abundantes, e com as margens do Douro, Minho, Mondego e Tejo, base da agricultura nacional.

«O trabalho, o desinteresse e a piedade dos homens lhe deram templos sumptuosos, hospitaes magnificos, monumentos desejados, cidades bellissimas, caminhos de ferro e estradas com abundancia, formosas estatuas, castellos e muralhas sem conto, productos do solo excellentes, praças de guerra em estado de defesa, bibliothecas escolhidas, innumeraveis asylos de ensino, manuscriptos valiosos, palacios, amphiteatros, museus, quarteis, portos, diques, aqueductos: em summa, tudo de quanto ha mister uma nação na sua vida interna e manifestações exteriores.» Pag. 84.

«Poucas povoações europeas ostentam arrabaldes tão pittorescos e uma vegetação tão exuberante como a cidade de Lisboa. Belem, Bemfica, Queluz, Campo Grande, Paço d'Arcos, Oeiras, Nova Cintra, Cacilhas, Collares e Mafra comprovam que a capital do reino lusitano não tem que invejar ás mais afamadas do mundo civilisado. A profusão de casas de campo, a abundancia de arvoredo, o esmero nos jardins e a mimosa côr das flores predispõem o viajante para novas visitas e prolongadas demoras. Começa, pois, nossa peregrinação pelas profundas e risonhas quintas de Lisboa, e em primeiro logar por aquella de que disse o poeta Campoamor:

Lo tengo bien presente;
La quinta de Pombal, honra del Tajo,
Se encuentra rio abajo, rio abajo,
Saliendo de Lisboa hácia el Poniente.
En Portugal los suenos son pasiones;
Y en el bello jardin que os ha nombrado,
Hecho por algun sabio enamorado
Del arte de avivar las tentaciones,
Um dia, el más hermoso de mi vida,
Ninas bellas y jóvenes rendidos,
Jugamos a escondernos y en seguida
A volvernos á hallar bien escondidos. Pag. 397.

IV. *Los Compañeros de Vasco da Gama.* Madrid, 1875. Foi este romance vertido em vernaculo pelo sr. Candido de Figueiredo.

500) GOTOGRIDI.

E.—*Indiæ Orientalis Historia.* Francofurti, 1628, fol.

501) GOULARD (SIMON).

E.—*Histoire de Portugal depuis l'an 1496 jusqu'en 1578 sous Emanuel II Jean III et Sebastien I en vingt livres, dont les premiers sont traduits du Latin*

de Jerome Osorius, et les huit suivants pris de Lopez de Castagnede et d'autres historiens. Saint Gervais, 1588.

502) GOURLAY (Dr. WILLIAM).

E.—*Observations on the natural History, climate and deseases of Madeira during a periode of eighteen years.* London, 1811. (Observações sobre a historia natural, clima e enfermidades da Madeira, durante um periodo de dezoito annos).

503) GOURNÉ (PIERRE MATHIAS).

E.—*Description géographique des royaumes d'Espagne et de Portugal.*— 1743.

504) GRAHAM (MARIA).

E.—*Journal of a voyage to Brasil, and residence there during part of the yars,* 1821-22-23. London, 1824.

505) GRAMMATICA (NOVO E FACILIMMO METHODO DE) *Franceza e Portugueza, recopilada dos melhores auctores que escreveram Artes e Orthographia, de la Rue, Restaut, e Gelmace, de la Touche, Desmarais, etc. Feito por ordem do ex.mo cardeal de Rohan, ordenado por um genio amante dos progressos dos estudiosos d'este idioma.* Treveux. Na officina de Antonio Ginião, 1776. 8.º, 342 pag.

506) GRAMMATICA PORTUGUEZA. *Vocabulario em portuguez e malabar.* Tranquebar, 1733.

507) GRAMMATIK PORTUGUESISCHE. *Francfort, by Carl Gottlieb.* Etrauss, 1778.

508) GRANADA (Fr. LUIZ DE).—Celebre escriptor ascetico, frade da ordem de S. Domingos.

Nasceu em Granada[1] no anno de 1504, e falleceu em Lisboa no de 1587. Jaz ao entrar a porta travessa em S. Dómingos de Lisboa.

E.—I. *Compendio da doutrina christã, recopilado de diversos auctores, que d'esta materia escreveram, pelo R. P. F. Luiz de —, provincial da ordem de S. Domingos.*—Accrescentaram-se ao cabo treze sermões das principaes festas do anno pelo mesmo auctor. Foi impresso em Lisboa, em casa de Joannes Blavio de Agripina Colonia. Anno 1559. 4.º, 174 fol.

509) GRANDPERE (LOUIS MARIE JOSEPH OLIVIER).

E.—*Voyage à la cote Occidentale d'Afrique, contenant la description des mœurs, usages, lois, gouvernement, et commerce des états du Congo, etc., et une*

[1] Fr. Luiz de Sousa *Historia de S. Domingos*, liv. 5.º, cap. 12.º

discussion où l'on examine si les anciens avaient doublé le promontoire du Cap de Bonne Esperance avant les Portugais. Paris, 1801. 2 vol.

510) GRANT.

E.—*History of Brasil, comprising a geographical Account of the Country a narrative of remarkable events.* (Historia do Brasil).

511) GRAVIO (CADABALE).

E.—*De Ichthyotyrannide. Lib. in lusitanorum regum gratiam et commendationem.* Coloniae Agripinae. 1563. (Da tyrannia dos peixes. Livro em obsequio e louvor dos reis de Portugal).

Não pude encontrar este livro, por isso nada posso mais dizer. Talvez seja alguma obra graciosa.

512) GRENAILLE (CHESTONNIERES DE)

E.—*Mercure Portugais, ou relations politiques de la fameuse révolution d'Etat arrivée en Portugal depuis la mort de D. Sebastien jusqu'au couronnement de D. Jean IV à présent régnant.* Paris, 1643. 8.°

513) GREVILLE (Lord GEORGE).

E.—*Portugal. A poem. in two cantos.* London, 1812.

514) GRYSLEY)GABRIEL).—Allemão que veiu estabelecer-se em Lisboa no reinado de D. João IV.

E.—*Desengano para a Medicina, ou botica para todo o pae de familias. Consiste na declaração das qualidades e virtudes de 260 hervas, com o uso d'ellas: tambem de 60 aguas estiladas, com as regras da arte da estilação. Dirigido ao illm.° senado da camara de Lisboa,* por Henrique Valente de Oliveira, 1656. 8.°, 182 folhas.

II. *Viridarium Lusitanicum Ulysipone.* 1661.

Id. nominibus Linneanis illustratum a Dominico Vandelli. Olyssipone, 1789.

515) GROGNARD (Sieur P. CHAPELAIN DE M. R.)

E.—*La couronne du Portugal ou la perfaite connoissance de ses royaumes, conquêtes, loix, maximes, interets, etat presant etc. Avec un abregé de son histoire, et un traité curieux de la marine: du change de Portugal et du mariage de S. A. R. Le tout recueilli en abregé pour servir d'instruction à ceux qui auront l'honneur d'être à son service. Par le —.* A Turin, 1682. Chez Barthelemy Zappate. Avec permission. 12.°, 254 pag.

É dedicada esta obra a D. Diogo de Carvalho Cerqueira, enviado extraordinario de Portugal a sua alteza real.

Faz o auctor os maiores elogios a Portugal chamando-lhe um dos mais bellos paizes do Universo, e á cidade de Lisboa um dos mais bellos theatros do mundo. A fertilidade das margens do Tejo parece incrivel. Palmella é um logar de delicias e pode-se dizer que é um logar encantado (pag. 56.) A provin-

cia d'Entre Douro e Minho é um pequeno paraiso terreal. São n'ella os alimentos tão bons, que ali se vive muito tempo. N'uma palavra a Portugal nada falta, seja o que fôr.

«Não custa a conhecer a nação portugueza, se se reparar na historia de suas emprezas, nas suas victorias, gloria e conquistas.

«São os portuguezes ordinariamente mais propensos á navegação, ao commercio, á guerra, do que ás bellas lettras, apesar de serem elles dotados d'um espirito subtil. O que para isso mais contribue, é o exemplo de seus avós, que por aquelles meios estabeleceram suas casas e serviram ao rei para augmentar a gloria e forças do estado. Tem-se visto que souberam fazer para as consolidar e conservar tão bellas conquistas nas costas d'Africa, Asia e em o Novo mundo. Commerceiam com todos os povos do septentrião e enriquecem-se em pouco tempo.» (Pag. 63.)

«São mais cortezes que os castelhanos, cujo orgulho lhes pareceu sempre intoleravel. São tambem homens muito expertos, civis e proprios para tudo.

«As conquistas d'este reino estendem-se a mais de cinco mil leguas de costa, e como os portuguezes teem querido tornar-se por toda a parte senhores do commercio, todas suas praças estão á borda do mar, onde seu principe, que é conhecido em todas as quatro partes do mundo, tem varios reis por vassalos e tributarios com a commodidade de fazer vir para a Europa as mais raras e preciosas mercadorias do Oriente.»

Desde pag. 66 até 88 é a lista das possessões portuguezas nas differentes partes do mundo. «Póde-se dizer, exclama o auctor, que não ha nação na Europa que seja tão poderosa, tão rica e tão estimada como o é a portugueza nas Indias orientaes, quer isto provenha da pesca das perolas, e das conquistas que soube ganhar e conservar tão gloriosamente, quer de sua maneira de proceder, mais affavel que a dos hespanhoes, e de sua habilidade admiravel em todas as coisas.

«Castella deve sua liberdade aos reis de Portugal (pag. 181), cujas armas mais contribuiram do que as d'ella a expulsar os mouros dos reinos de Granada e de Andaluzia, e a desviar as conquistas que seus miramolins poderiam emprehender, se os portuguezes não se tivessem opposto a seu furor, etc.

«O reino é muito povoado, e todos os portuguezes aguerridos. D'aqui sairam grandes exercitos, e a nação povoou colonias muito notaveis, mesmo antes da conquista da India, e apezar de ter sido Portugal em todos os seculos um campo de batalhas ou de revoluções. Seus reis sustentaram só com as forças do paiz guerras contra os mouros e castelhanos, e outros visinhos que tinham um numero quasi infinito de soldados. Ampliaram os limites do paiz, e levaram ao cabo emprezas, que uma parte da Europa nem mesmo teria ousado emprehender. Povoaram as costas d'Africa, as Indias Orientaes, o Brazil, e para alli continuam a mandar annualmente mais de seis mil homens.....» Em quanto a marinha Portugal é a primeira nação do Universo (pag. 198). Os navios são tão bem construidos, e a habilidade dos marinheiros ajuda tão bem a coragem dos soldados e os projectos dos generaes, que com justa rasão a esquadra de Portugal é o terror das Indias, e por isso alli conserva praças afas-

tadas umas das outras, e no meio de tantos reis inimigos. A causa d'isto é que o numero dos navios em serviço da corôa é extraordinario; e se todas estas esquadras se unissem á frota que anda a crusar por aquelles mares ás ordens de S. M. Portugueza seria uma frota capaz de fazer tremer uma infinidade de povos.»

516) GUALTIERI (G.)

E.—*Relazione della venuta de gli ambasciatori Giaponesi à Roma, fino alla partita de Lisbona. Con una descrizione del loro paesi e costumi e con le accoglienze fatte loro da tutti i principi Christiani per dove sono passati.* Venezia, 1586.

517) GUATTANI (G. A.)

E.—*Pompa funebre par le solemni exequie di Maria Isabella di Braganza, regina delle Spagne et delle Indie, fatte celebrare in Roma da S. M. C. l'augusta consorte Ferdinando VII.* Roma, 1820, fol. max. Com magnificas estampas. Existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

518) GUATTINI E CARLO.

E.—*Viaggio nel regno del Congo.* Venezia, 1679, Reggio, 1672. Bologna, 1678. Em francez. Lyon, 1680.

519) GUÉNÉE (ABBÉE).

E.—*Lettres de quelques juifs portugais, allemands et polonais a M. de Voltaire, avec un petit Commentaire, extrait d'un plus grand, à l'usage de ceux qui lisent ses œuvres: suivies des Memoires sur la fertilité de la Judée par —. Dixième édition revue, corrigée d'après les manuscrits de l'auteur, et augmentée d'une table alphabétique et raisonnée des matières et des notes qui mettent cet ouvrage en rapport avec les œuvres de M. de Voltaire, imprimées à Kiel, ou leurs réimpressions,* Lyon, 1819. 3 vol. 8.°

As cartas de alguns judeus portuguezes são obra de Isaac Pinto, judeu portuguez. Estas cartas foram muito apreciadas, e teem por fim corrigir os erros que formigam nas obras de Voltaire, sempre que falla da religião judaica. Seguem-se depois as cartas dos judeus allemães e polacos, dirigidas ao mesmo fim. Veja-se a Biographia de Guenné, que precede esta edição.

520) GUERRA (LA) DELLA PENISOLA *sotto il suo vero punto di vista ossia lettera al Sig. Abbate F.... riguardo alla storia dell'ultima guerra publicata recentemente in Firenze. Con un Appendice, ed una Tavola Cronologica degli Avenimenti piu memorabili dall'anno* 1803 *al* 1814. 4.°, 253 pag. Italia, 1816.

O auctor pretende mostrar por occasião de censurar alguns erros que se encontram na historia da referida campanha escripta por Du Pradt, que os serviços prestados pelos portuguezes foram muito mais importantes, e contribuiram muito mais não só para a independencia da Peninsula, mas até para a queda de Napoleão, do que os dos hespanhoes. *Todo o continente Europeu*

chegou a estar debaixo do dominio do imperador dos francezes á excepção de Portugal.

«As tropas portuguezas foram um modelo de firmeza, regularidade e rapidez de movimentos, todas as vezes que se viram em frente das tropas francezas.» Pag. 9.

«Napoleão resolveu mandar em 1810 para Portugal um exercito de 115.000 homens sob o commando de Massena. E se elle poude destacar áquelle numero de soldados para fazer a conquista de Portugal, se durante os dez mezes d'aquella invasão não houve algum outro acontecimento notavel na Peninsula, nem os hespanhoes fizeram algum movimento para se approveitarem da diversão do marechal Massena e da de Soult, que tinha recebido ordem de se apossar de Badajoz e occupar a parte meridional do Tejo em Portugal, era evidente ser Napoleão senhor da Hespanha nos annos de 1809–1810–1811, como o era do resto do continente. Por isso em vez de considerar debaixo d'um ponto de vista secundario os acontecimentos de Portugal, e dar toda importancia aos movimentos da Allemanha, devia o auctor considerar n'aquella época a causa de Portugal, como a causa do continente inteiro.

«Por occasião da batalha de Barrosa, dada perto de Cadix a 5 de março de 1811 desenganaram-se os inglezes da possibilidade de formar um exercito hispano-inglez. D'aquella época por diante não pensaram mais os inglezes em entrarem sosinhos na Hespanha, e depois da retirada de Massena em maio de 1811 só houve o exercito Anglo Luso, que figurasse no referido paiz. A este de longe a longe se uniu algum pequeno e insignificante corpo hespanhol, mas em geral os hespanhoes operavam somente como guerrilhas; e depois de 1809 pode-se dizer que mui pequena parte tiveram nos brilhantes successos da guerra. Nenhuma, por exemplo, na batalha do Bussaco a 27 de setembro de 1810, e em todo o tempo da invasão de Massena.

«Nenhuma nos assaltos de Ciudad-Rodrigo, e de Badajoz no anno de 1811.

«Muito pouca e debil na batalha de Albuera a 16 de maio de 1811.

«Quasi que nenhuma na de Salamanca a 21 de julho de 1812.

«Muito pouca na de Victoria a 21 de julho de 1813.

«Nenhuma no assalto de S. Sebastião.

«Pouquissima em diversas batalhas de Pamplona e dos Pyrineos.

«Muito pouca em differentes refregas em torno de Bayona.

«Muito pouco na batalha de Orthez a 13 de fevereiro de 1814.

«Pouca na de Tolosa a 10 de abril de 1814.

«Por conseguinte o auctor da Historia representa-a debaixo de falsas cores quando omitte fallar dos triumphos de lord Wellington em Portugal, e dos esforços dos portuguezes, que foram o primeiro passo decisivo para o livramento do continente. Quando faz figurar um exercito anglo-hispano, que nunca existiu, e passa em claro o exercito anglo-luso.

«Lord Wellington, quando chegou a Portugal, escreveu aos ministros inglezes, dizendo-lhes que lhe parecia surprehendente a insurreição de Portugal, pois aos hespanhoes ainda restavam algumas tropas e todos seus arsenaes, ao passo que aos portuguezes nada que tal nome merecesse.

«A *Historia de Portugal* em quanto a este ponto desafia o calculo e a sagacidade dos mais habeis politicos. Esta nação em todos os tempos se mostrou bellicosa e propensa a defender sua patria, e todas as vezes que tem sido bem dirigida, tem obrado prodigios na guerra; duas vezes esteve sem offerecer resistencia em 1580 e 1807, e duas vezes se insurgiu contra o inimigo que a molestava, e em ambas foi bem succedida.» (Pag. 65.)

Depois de impresso o presente artigo vim no conhecimento de que este livro é trabalho de um general portuguez.

521) GUERRA (PADRE JOSEPH).

E.— *Padre Retter. Vida y virtudes de la Señora D. Maria Anna, reyna de Portugal, traduzida por* —. Madrid, 1757.

522) GUEVARA (LUIZ VELEZ).

E.—*Comedia Famosa.—Reyna depues de morir. Inez de Castro.* Barcelona, 1768,

523) GUIA DE CARRERAS DE CABALLOS *en Andalucia y Portugal*, 1874. Malaga, imprenta de Ramon Párraga, 8.º

524) GUINGRET (M.—) Chef de bataillon en demi-activité, et officier de l'ordre royal de la Legion d'Honneur.

E.—*Relation historique et militaire de la compagne de Portugal sous le maréchal Massena, prince d'Essling. Contenant les opérations militaires qui se rapportent à l'expedition de Massena, et les divers faits de l'armée de Portugal, jusqu'à la fin de la guerre d'Espagne. Par*—. Limoges. Mai, 1817, 8.º gr. 271 pag.

«É Portugal um dos paizes mais montanhosos e mais pittorescos; regado e fecundado por alguns rios magestosos, ornado de bosques e florestas, sendo tambem cortado por pequenos ribeiros e torrentes, que engrossam prodigiosamente com as menores chuvas. N'elle se veem logares os mais pittorescos e risonhos junto de vistas da maior aridez.»

«Apesar da antiga reputação de bravura dos hespanhoes, e de nos terem por bastante tempo causado muito mal, todavia não mostraram contra nós uma coragem tão activa, como a dos portuguezes. Nos ultimos tempos as tropas d'estes rivalisavam em valor com a melhor infanteria ingleza.»

«Citarei o sangue frio de alguns artilheiros portuguezes no cerco de Almeida, que tendo tido a felicidade milagrosa de sobreviverem á explosão, continuaram a disparar suas peças, em quanto os destroços da praça ainda voavam, e ameaçavam esmigalhal-os. Gostamos de admirar a coragem, mesmo em nossos inimigos.»

«Em geral todos os chefes inimigos que commandaram praças na Hespanha, ou em Portugal, adquiriram muita gloria. Quasi todos desenvolveram grande coragem, mostraram uma dedicação rara, e deram provas do mais nobre desinteresse durante suas defezas. Parecia que quanto menos esperavam

soccorro, tanto maior pertinacia mostravam. Um comportamento militar tão bello em nossos inimigos, realça a gloria dos chefes francezes que foram encarregados de lhes tomar as praças.»

«Passámos por Mangualde, pequena, mas bonita povoação. As plantas e arvores indigenas, que embellezam este logar, concorrem a tornal-o mais delicioso aos olhos do estrangeiro. Começamos aqui a encontrar monumentos de utilidade publica, monumentos muito raros na Hespanha, onde ainda menos existiam antes do reinado de Carlos III.

«Além dos monumentos de utilidade publica, as diversas fabricas, e as boas livrarias que se acham tão frequentemente nas cidades, e até nas villas, onde os principaes habitantes teem sempre porção de excellentes obras em varias linguas; os instrumentos de mathematica, physica, astronomia, marinha, que vemos frequentemente em Portugal, e cuja fórma se ignora mesmo na Hespanha, tudo isto parece attestar que a nação portugueza está muito mais adiantada que a hespanhola. Pode provir esta differença em parte por exercer a inquisição um despotismo menos fanatico em Lisboa, do que em Madrid. Em toda a parte onde os padres reinam exclusivamente, o erro tem seus altares, e a verdade encontra barreiras inexpugnaveis.» Pag. 44.

«Massena e Wellington attrahiram as attenções da Europa inteira: um veiu macular em Portugal uma reputação brilhante adquirida por vinte annos de victorias; o outro na mesma campanha começou a aureola d'um nome tornado depois illustre na guerra, mas ao qual a lisonja, espirito de partido e villeza de alguns escriptores assalariados quizeram collocar n'uma altura excessivamente elevada pondo-o a par com os maiores capitães. O vulgo enthusiasta e ignorante exagerou egualmente as qualidades e defeitos d'estes dois homens celebres.» Pag. 68.

«Durante o inverno tinha eu supportado noites bem terriveis na Allemanha e na Polonia, mas aquella, em que deixámos a posição do Bussaco é uma das épocas de minha vida, em que fui mais penosamente affectado. A marcha lenta e grave de nosso exercito occupada em transportar seus numerosos feridos em macas, offerecia o aspecto d'uma longa fileira de accompanhamentos funebres. O silencio melancolico da obscuridade era perturbado pelo ranger surdo e lugubre das carretas de artilheria. Alguns infelizes soldados esforçavam-se em vão para reprimir a expressão de seus soffrimentos: os gritos enternecedores, meio comprimidos pelos esforços da coragem, fugiam de vez em quando, do fundo de suas entranhas, e faziam estremecer compassivamente o coração menos sensivel. Os cadaveres d'aquelles, cuja morte terminava os males no meio d'esta marcha lugubre, lançados para a borda das covas, serviam para fazer reconhecer o caminho atravez da obscuridade ás tropas, que nos seguiam. Os gritos agudos das aves de rapina, que fugiam de seus esconderijos, e abandonavam seus ninhos á medida que avançavamos, e das quaes algumas acompanhavam atrevidamente o exercito por appetecerem sua presa, accrescentavam alguma coisa de sinistro a esta scena.» Pag. 79.

«Avistámos então o convento do Bussaco, do qual tinhamos distinguido uma parte da torre no dia da acção. Os religiosos d'este mosteiro tinham recolhido

e tratado com a maior humanidade os feridos do nosso exercito que tinham ficado no campo de batalha, a distancia fóra do alcance do soccorro, que nós lhes tivessemos desejado dar. Em muitos logares de Hespanha os frades tel-os-hiam matado em vez de diligenciarem sua conservação.» Pag. 70.

«Uma circumstancia bem particular d'esta guerra, e da qual nunca se fallou, é que chegou a relaxação até ao ponto de vender mulheres! Trocavam-se até por viveres e por cavallos: jogou-se ás cartas uma rapariga contra um objecto de luxo. Até um empregado do commissariado me sollicitou mui seriamente de lhe ceder por duas onças de ouro a propriedade de uma mulher, que se tinha refugiado na villa do meu commando.» Pag. 127.

«Tinham-se descoberto tantos esconderijos, que se não encontravam mais nenhuns; ou pelo menos os que ainda existiam tinham sido feitos com um cuidado tal, que era quasi impossivel dar com elles. O tacto, que nossos soldados tinham adquirido pelo habito, falhava cada vez mais: e as necessidades augmentavam gradualmente de maneira horrivel. A penuria era tão grande que tornava nossos soldados insensiveis e crueis, tentaram torturar os habitantes obstinados, que podiam apanhar com o fim de lhes fazer declarar os esconderijos de que tinham conhecimento. Este meio, d'uma barbaridade inaudita, aproveitou-lhes, e o exercito inteiro viveu algum tempo das confissões arrancadas por meio da tortura! Soldados, que nas circumstancias anteriores tinham mostrado sentimentos generosos, contavam então a sangue frio estas abominações.»

«Se a historia fallar um dia a respeito d'estas atrocidades, lembre-se que só restava ao exercito de Portugal commandado pelo principe de Esseling (Massena) este unico e ultimo meio para não succumbir ás agonias da fome, e isto ao passo que o exercito anglo-luso vivia na abundancia.»

«É com injustiça que se attribue a expulsão dos francezes da Hespanha aos hespanhoes: devem principalmente o livramento de sua patria ás forças de Inglaterra, e ás de Portugal.

«Estavam os hespanhoes mergulhados n'um somno apathico, quando uma perfidia inaudita lhes roubou Fernando VII. O despertamento foi terrivel. A indignação transformou de repente na peninsula o espirito de fanatismo em furor guerreiro. Numerosos exercitos se formaram; fortificaram-se á pressa muitas cidades e conventos, por toda a parte ouviram-se canticos patrioticos, misturavam-se com os hymnos consagrados á Divindade. Com o sentimento profundo da justiça de sua causa todos os hespanhoes levavam no coração a confiança da victoria. No emtanto não poderam resistir á superioridade, que o habito de vencer tinha dado a nossos soldados. Os exercitos hespanhoes vencidos logo que eram atacados; desappareciam diante de nós como areias assopradas pelo vento. Sanguinolentas derrotas, a queda de Saragoça affrouxaram os energicos esforços dos povos de Hespanha. Esta nação vilipendiada renunciou então em parte ao plano de defeza activa que tinha abraçado ao principio, e oppoz sua inercia natural á invencibilidade dos francezes.»

«No emtanto os destroços dos exercitos hespanhoes, numerosos corpos milicianos commandados por generaes patriotas; bandos de guerrilhas, á frente

das quaes se achavam contrabandistas, aventureiros e mesmo antigos chefes de salteadores conseguiram manter continuamente a maior parte das provincias n'um estado de guerra vantajoso á causa da nação. Os hespanhoes teem coragem, porém exagerou-se muito o valor que mostraram na ultima guerra. Os elogios excessivos que lhes prodigalisaram não são devidos mais que á sua perseverança, virtude inherente á sua vaidade.»

525) GUIZOT (Mr.). Escriptor francez contemporaneo muito conhecido.

E.—*Du gouvernement de la France depuis la restauration et du ministère actuel par —. Quatrième edition, revue, corrigée et augmentée d'un avant propos et d'une note sur les revolutions d'Espagne, de Napoles et de Portugal.* Paris.

526) GUMIEL (PABLO —.) Natural de Cuenca.

E.—*La victoria que tuvo Don Alvaro Baçan, marques de Santa Cruz contre Felipe Stroço en la isla de San Miguel a 26 de julio de 1582.*

É obra muito rara.

527) GUTHNICK, HOCHSTER E GIGAX.

E.—*Uebersicht der Flora der Azcrischen insel — no Wiegmanns Archiv. fur. naturg.* 1843 [1].

Vid. *Seubert (Mauritius).*

528) GUTHRIE (G. J.)

E.—*Commentaries on the surgery of the war in Portugal, Spain, etc.* London, 1853. (Commentarios a respeito da cirurgia militar, etc.)

529) GUTIERREZ (GARCIA).—Dramaturgo hespanhol.

E.— *Afectos de odio y amor.*

D'esta obra dá-nos noticia o sr. Pinheiro Chagas a pag. 79 do seu livro intitulado *Madrid.*

«A scena passa-se em Portugal em 1580. D. Diogo de Tavora é um portuguez, que vive em Evora com uma filha e uma pupilla, Ignez e Theodora. Cada uma d'ellas está occultamente apaixonada por um capitão hespanhol dos terços do duque d'Alba. Entra o seu terço em Evora, e ambas reconhecem que o seu namorado é o mesmo. D'aqui resultam ciumes entre as duas, e na patria nenhuma d'ellas pensa, nem sequer ao menos para sentir no fundo do coração um ligeirissimo remorso. Pelo contrario Theodora chama insolente ao povo portuguez, que accusa de atrocidades os castelhanos, e ambas desejam que o prior de Crato se affunde por uma vez no Douro, e que essa guerra acabe com a victoria de Philippe II. Accompanha-as n'esse desejo a sua creada Beatriz, que tambem traz amores com o camarada do capitão em conformidade com os velhos imbroglios, a que o theatro hespanhol é mais fiel do que seria para desejar.....

[1] Morelet.— *Les Açores*, pag. 11.

«Não censuramos o sr. Garcia Gutierrez pelo altivo escarneo, com que trata a frouxa resistencia do povo portuguez a Philippe II: o nosso orgulho não se revolta, ou pelo menos não se queixa. Em questões de arte não fazemos intervir um patriotismo deslocado; mas o que nos impressiona, revelando-nos mais uma vez o defeito caracteristico do theatro hespanhol, é a negligencia no estudo das paixões, na investigação psychologica; é esse castelhanismo declamatorio, que substitue a linguagem da verdade e do sentimento, pelo pomposo e muitas vezes admiravel lyrismo das apotheoses da honra hespanhola, e da grandeza de Castella. *Amor, honor y poder* é o titulo de uma peça de Calderon, e pode tambem ser o eterno mote glosado pelo theatro hespanhol.»

530) GUYON (JEAN LOUIS GENEVIÉRE). Cirurgião francez
Nasceu em abril do anno de 1794, em Albert (Somme).
E.—*Un mot sur la fievre jaune de Lisbonne en* 1857.[1]

[1] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains*, pag. 840.

H

531) **HADFIELD (WILLIAM).**

E.—*Brazil, the River Plate and the Falkland Irland etc., including notices of Lisbon, Madeira etc.* London, 1854, 8.º

532) **HADET (MARIE ADELAIDE RICHARD).**

E.—*La vierge de l'Indoustan ou le portugais au Malabar.* Paris, 1816-1821. 4 vol.

II. *Les portuguais proscrits ou le dominican ambitieux.* Paris, 1821-1823.

Não vi as mencionadas obras, mas creio serem romances.

533) **HAEBERLIN (CHARLES LOUIS).**

E.—*Romantische Erzaehlungen aus Portugal Geschicht.* Franchfort, 1834. (Contos romanticos extrahidos da Historia de Portugal).

534) **HAERLEMS SCHUYT PRAETIEN** *op't Reders vande West—Indische Compagnie. Gedruet op't Jaer*, 1649. 12 folhas.

535) **HAGEMEIER (JOACHIM).**

E.—*Epistolae IX de statu Hispaniae et Portugalliae.* (Nove cartas a respeito de Hespanha e de Portugal).

Não vi esta obra, e nada mais posso dizer a respeito d'ella.

536) **HALLER (CHARLES LOUIS).**

E.—*Etudes historiques sur les revolutions d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1840. 2 vol.

O proceder de D. Miguel e de sua mãe encontra um egregio apologista em Carlos Haller.

537) **HALLIDAY (ANDREW, Dr. M).**

E.—I. *Observations on the present state of the Portuguese Army as orga-*

nised by lieutenant general in W. Carr Beresford H. B. London, 1811. (Observações a respeito do estado actual do exercito portuguez.)

Eis o conceito que a respeito d'esta obra, tão fallada entre nós no principio do corrente seculo, fórma o *Jornal de Coimbra* (tomo 1.º, pag. 33).

«Temos á vista esta obra, e tambem a sua analyse escripta em reino estranho em dois jornaes differentes. Um, pertencente ao mez d'outubro, comprehende-a em 6 paginas; não duvida da exactidão das observações e factos, que Halliday refere sobre o commissariado e a repartição dos hospitaes do exercito portuguez; deixa aos medicos portuguezes o defender-se da proposição de Halliday — *Em Portugal os medicos parecem em pratica de sua profissão estar um seculo atrasados do resto da Europa.* — O outro jornal, *Investigador portuguez em Inglaterra*, pertencente ao mez de dezembro, comprehende-a em 50 paginas, das quaes só ao departamento medico-militar pertencem 42 e as 8 restantes abrangem tudo o mais.

«A obra, que temos á vista, foi escripta nos poucos momentos que os doentes e feridos deixavam a seu auctor; foi escripta no campo da batalha; foi impressa em uma mui curta licença, que elle obteve; e com tanta precipitação, que muitas folhas elle as reviu já para Portugal. Similhantes circumstancias não podiam deixar de dar de si muita imperfeição á presente obra; e seria talvez por isso, que Halliday acha necessario publical-a segunda vez.

«O nome de Halliday nunca se ouviu entre os litteratos. Medicos portuguezes, só os da Figueira e Abrantes (não sei se algum mais) tiveram com Halliday relações, que por caridade, que elle todavia não merece, devem occultar-se. A obra de Halliday não seria conhecida em Portugal senão na capa, e só das pessoas que por civilidade lha acceitassem, se o *Investigador Portuguez* lhe não désse um vulto tão grande; se não repetisse suas opiniões; se se não encarregasse de as refutar tão fundamental e extensamente, etc. Se na obra de Halliday ha verdadeiros insultos a Portuguezes, o *Investigador* é o culpado na sua leitura, na sua publicação em Portugal, e talvez na Inglaterra.

«Faltou a Halliday o tempo, crêmos nós, para se informar das coisas portuguezas mais triviaes, de factos que ninguem ignora. Diz Halliday que foi em 1802 a nossa ultima campanha com a Hespanha; e ella foi em 1801: a paz de Badajoz assignou-se, acho, que em 6 de julho d'aquelle anno. Chama D. Affonso ao duque marechal general n'aquella campanha: era o sr. D. João Carlos de Bragança, duque de Lafões, e não ha almanach que o não diga; não ha soldado, não ha portuguezes que o não saibam.—Julga o conselho de guerra composto de officiaes generaes com um ou dois desembargadores: talvez que Halliday quizesse dizer conselho de justiça; e então só havia a emendar que os desembargadores são agora quatro, algumas vezes tem sido cinco; menos que nós saibamos, nunca o mesmo almanach o mostra. Persuade-se que o conde Lippe foi desterrado de Portugal, entretanto que S. A. sahia d'este reino em tão boa amisade que em suas retiradas ia de caminho visitando regimentos e praças, voltou de seus estados aqui, fez o campo de instrucção nos Olhos d'Agua, e voltara mais vezes, se tão cedo não morresse; sendo tão constante a boa amisade, que aquelle homem grande nos conservou sempre, que em

seus estados, diz-se, até celebrava o anniversario natalicio do senhor rei D. José, mesmo de uniforme portuguez, e salvando das janellas de seu palacio com peças de artilheria e construcção e mimos portuguezes, etc.

Este mesmo vol. do *Jornal de Coimbra*, a pag. 402, nos dá a noticia de que Halliday fizera uma declaração no *Times* de 25 de abril de 1812 confessando: Que ha muitos erros na sua obra, os quaes elle se propõe corrigir na 2.ª edição, que vae dar da mesma obra: que sente muito ter, por falta de advertencia, publicado opiniões não só injustas e mal fundadas, mas offensivas á religião estabelecida e ao governo de S. A. R. o principe regente, etc.

Fez-se a promettida segunda edição da obra de Halliday, e ainda nos diz o *Jornal de Coimbra* [1]: «Interpretámos pela sua obra o espirito e o caracter de Halliday, e os factos nos tem mostrado que não foi mau o retrato que de Halliday fizemos.» Foi esta obra egualmente censurada no 5.º vol. do *Investigador Portuguez*, [2] e parece que por algum tempo o nome de Halliday se considerou entre nós como synonymo de charlatão e de mentiroso.

A nova edição tem o titulo seguinte:

The present state of Portugal, and of the Portuguese Army, With an epitome of the ancient history of that Kingdom, a sketch of the campaigns of the marquis of Wellington for the last four years; and observations on the manners and customs ef the People, agriculture, commerce, arts, science, and literature. By —. M. D. late assistant inspector of hospitals with the portuguese forces. Edimburg, 1812. 4.º

As inexactidões d'esta nova edição tambem veem censuradas n'um opusculo do P. J. A. de Macedo, intitulado—*Halliday*.

O mesmo auctor escreveu ainda o seguinte livro:

An historical view of the revolutions of Portugal since the close of the peninsular War, by an eye witness. 1827.

538) HALLIWELL (JAMES ORCHARD). Litterato inglez.

Nasceu em junho de 1820 [3].

E.—*Torrent de Portugal*. London, 1842.

Ignoro sobre que assumpto verse.

539) HALM'S (FRIEDERICH.)

E.—*Camoens. Dramatiches Godicht*. Wien, 1838. [4]

540) HAMONIERE (G).

E.—I. *Recueil de morceaux de prose en portugais et en français*. Paris, 1818.

[1] Tomo 3.º pag. 107 e seguintes.

[2] De pag. 190 a 242.

[3] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 851.

[4] *An extensive and unique collection of various editions of the Rimas, Obras and Lusiadas in the original Portuguese and other languages; biographies of the Poet and criticisme*, London, 1875, pag. 12.

II. *Grammaire Portugaise divisée en quatre parties, dont la première traite de la pronunciation, la seconde des différentes especes de mots; la troisieme de la syntaxe, et la quatrième de l'orthographie, et de la ponctuation, et de la prosodie. Avec un appendice contenant des remarques diverses; suivie d'un cours de themes, et d'un traité de versification. Par —. Seconde édition, corrigée et augmentée.* Paris. Bebée et Hingray, 1829. 8.º, 397 pag.

«O estudo da lingua de Camões, d'esse cantor immortal das proezas de seus compatriotas, não póde deixar de ter encantos para um litterato. Possue ainda esta lingua poetas e prosadores de um talento notavel, cujos nomes quasi ignorados na França, mereciam ser mais conhecidos. Em quanto a relações commerciaes é incontestavel a utilidade da lingua portugueza. Este idioma dos primeiros conquistadores da India é senhor de um vasto dominio nos dois hemispherios. Falla-se em Portugal, nas costas orientaes da Africa, n'algumas partes do continente da India, na maior parte das ilhas do Oceano Indico, e do mar da Africa, na Madeira, Açores e Brasil. O estabelecimento de uma monarchia independente n'este bello paiz, que por sua amplitude, posição, salubridade de seu clima e riquesas variadas de seu solo, deve aspirar a um crescimento rapido de população, e a brilhantes destinos, não póde deixar de dar ainda á lingua portugueza nova importancia.

«Tendo o estudo da lingua portugueza sido até ao presente pouco propagado na França, só duas grammaticas d'esta lingua foram publicadas; uma pelo abbade Dubois, e a outra por Sané. A primeira contém noções exactas sobre algumas partes da grammatica, porém o auctor despresou outras. A segunda não passa de uma traducção da grammatica portugueza escripta em inglez por Vieyra; contém principios muitas vezes inexactos, expostos sem ordem nem claresa, e é extremamente incompleta.»

541) HANS STADEN DE HOMBERG, EN HESSE.

E.—*Veritable Histoire et description d'un pays habité par des hommes sauvages nus, féroces et anthropophages, situés dans le nouveaux monde nommé Amérique, inconnu dans le pays de Hesse, avant et depuis la naissance de Jésus-Christ, jusq'à l'année dernière. Hans Standen de Homberg, en Hesse, l'a connu par sa propre expérience et le fait connaitre actuelment par le moyen de l'impression.* Marbourg, chez André Holben. 1557.

Vem reproduzida esta curiosa viagem no 2.º vol. da collecção de Henri Ternaux. Segundo diz este compilador appareceu ella pela primeira vez escripta em allemão, em Marbourg, no anno de 1557. Foi traduzida em latim por De Bry, e inserta na terceira parte da Collecção das grandes viagens.

A passagem seguinte que se encontra a pag. 29 da traducção franceza mostra quão grande era n'aquelle tempo a navegação portugueza:

«Encontrámos depois cinco navios que pertenciam ao rei de Portugal: tinham ordem de esperarem junto das ilhas os navios que voltavam das Indias, para os comboiarem para Portugal. Ficámos com elles, e os ajudámos a comboiar um navio que chegava da India, até uma ilha chamada Terceira. Um grande numero de navios, procedentes todos do novo mundo, se tinham re-

unido n'esta ilha. Uns dirigiram-se para Hespanha, outros para Portugal. Deixamos pois a Terceira em companhia de perto de cem navios, e cheguei a Lisboa a 8 de outubro de 1548, depois d'uma ausencia de dezeseis mezes.

542) HARCOURT (EDWARD VERNON).

E.—*Madeira. A Sketch of — containing information for the travellers or invalid Visitor.* London, 1851.

543) HARDUNG (VICTOR EUGENE).

E.—*Cancioneiro d'Evora publié d'aprés le manuscrit original et accompagné d'une notice litteraire-historique par* —. Lisboa. Imprensa Nacional, 1875. 8.º gr. 77 pag.

«A memoria, ou folhas volantes foram ao principio os unicos archivos nos quaes os trovadores, os menestreis e os minnesingers allemães conservavam suas poesias e melodias. Quando o numero sempre crescente já não permittia reter a memoria d'ellas d'esta sorte, e que alguns espiritos esclarecidos encontravam bastante interesse em ler e estudar as producções d'estes cantores populares, começaram a recolher os textos dispersos, e organisaram collecções mais ou menos vastas.

«Assim se formaram, em quanto á poesia provençal, as celebres collecções do Vaticano, cod. 3206 e 5232, os manuscriptos 7226, 7614, 7693, 7698 da Bibliotheca Nacional de Paris, e o cod. 42 da Bibliotheca Laurenziana em Florença. Os cancioneiros de Heidelberg, de Benedictbeuren, de Wemgarten e do cavalleiro Manessi, que transmittiram á posteridade grande numero de canções dos minnesingers, deveram sua origem á mesma necessidade.

«Em Portugal, estas collecções de poesias, a que dão o nome de cancioneiros são mais numerosas do que em nenhuma outra nação, e possuem uma importancia fundamental para a historia litteraria d'este paiz.

«A poesia lyrica começou em Portugal, por onde ella terminou nos outros paizes, por uma poesia aulica, vinda do estrangeiro. E no reinado de D. Diniz chegou a formar uma escola independente.

«O *Cancioneiro d'Evora* pertence ao fim do seculo XVI, e foi provavelmente composto entre 1590 e 1600.»

544) HARLEY (CAPTAIN).

E.—*Veteran or forty years in the British service in Egypt, Spain, Portugal.* 2 vol. (Quarenta annos de serviço em Portugal, Hespanha, etc.)

545) HARTNACK (DANIEL).

E.—*Sanches aliquid sciens.* Stettin, 1665. (Sanches sabendo alguma coisa.)

«Francisco Sanches, medico portuguez, fallecido em Toulouse no anno de 1632, era filho de um medico, judeu de religião, que o levou para Bordeaux ainda de pouca edade.[1] Destinando-se para a mesma profissão, visitou parte

[1] F. Didot. *Biographie Universelle*, vol. 43, pag. 254.

da Italia, e tomou seus graus em Montpellier. A fim de viver separado das questões religiosas, que agitavam esta cidade, estabeleceu-se em Toulouse, onde professou a philosophia, e em seguida a medicina, e dirigiu por espaço de trinta annos n'aquella cidade o *Hotel de Dieu*. Bayle disse d'elle: *É um grande pyrrhonico*, o qual o avaliou ligeiramente, e só pelo titulo do seu primeiro tractado de philosophia — *De multum nobili et prima universali scientia quod nihil scitur*. Leão, 1581. Francfort, 1621. (Da muito nobre e primeira sciencia — *que nada se sabe*).

«Em vez de collocar Sanches ao lado de Montaigne e de Charron, convem mais fazer d'elle um precursor de Descartes. «Meu projecto, disse elle, é o fundar uma sciencia solida e facil, purificada d'essas chimeras sem base, que se reunem com o fim não de nos instruirem, mas de nos mostrarem o espirito do auctor.» Porém contentou-se com lavrar contra a philosophia e methodo de argumentação um libello de accusação em regra, e as objecções, que apresenta antecipadamente, encontram-se mais tarde, e com mais força em Bacon. Definiu a sciencia *rei perfecta cognitio*. Seu livro é de uma leitura agradavel, escripto n'um estylo variado e animado; lamenta-se que não tivesse acabado sua tarefa fazendo conhecer as verdadeiras bases da sciencia e do methodo, e que os relampagos do seu espirito, conforme a expressão de Tenneman, em vez de dissiparem as trevas, não tivessem servido mais do que a tornal-as visiveis. Ulric Wild tentou refutar o pretendido scepticismo de Sanches na these intitulada *Quod aliquid scitur* (Que tambem se sabe alguma coisa). Leipsick 1664, e foi por sua vez refutado por Daniel Hartnack na obra acima referida.»

546) HARTUNG (GEORGE).

E.—*Die Azoren in ihrer aüssern Erscheinung und nach ihrer geognostischen. Natur geschildert. Nebst einen Atlas.* Leipzik, 1860. 8.º

547) HASSENSTEIN UND AUGUSTUS PETERMAN.

E.—*Geographische Keunstniss von Kongo und Angola in Jahre*, 1862. (Noções geographicas sobre o Congo e Angola no anno de 1862).

Appareceu esta publicação no Mittheilungen de Peterman n.º 12 com um mappa do Congo.

548) HAUTFORD (CH. V. D').

E.—*Coup d'œil sur Lisbonne et Madrid en 1814, suivi d'un Memoire politique concernant la Constitution promulguée par les cortes á Cadix, et d'une notice sur l'état moderne des sciences mathématiques et physiques en Espagne. Ouvrage dedié ao roi.* Paris, 1820. 8.º, 439 pag.

«O espectaculo de Lisboa, elevando-se em fórma de amphitheatro na direita do Tejo, offerece os mais bellos typos ao pincel dos Vernet, e ao buril dos Woolett. A bahia, que se abre abaixo de Lisboa, ancoradouro excellente para todas as sortes de embarcações, é formada pelas aguas do Tejo, que n'este sitio conta tres leguas de largura. A multidão de navios alli ancorados, o aspecto variado dos edificios, que se desenhavam a meus olhos, os diversos ac-

cidentes d'este quadro, produzidos pela natureza e pelas artes, cobertos por uma incommensuravel cortina do mais bello azul, mergulharam minha alma n'um d'esses extasis, cuja força creadora tem produzido as primorosas télas dos Vanden-Velde, Vroom, Borzoni e Salvator-Rosa admirados pela Europa em suas galerias.» Pag. 6.

«Merece especial menção a maneira como em Portugal trabalham na pedra produzida n'este paiz. Nenhum outro possue melhores materiaes para as construcções. Esta pedra é calcarea, e o marmore nobile de Linneo. A pericia dos habitantes para a lavrarem é pouco vulgar, e as obras que sahem de suas mãos, são de uma perfeição admiravel.» Pag. 13.

«No centro da praça do Commercio admira-se a estatua equestre em bronze, de Joseph I, obra de Joaquim Machado de Castro, e que assegura a este esculptor uma reputação immortal. Tropheus e grupos emblematicos, collocados aos lados do pedestal, executados pelo mesmo artista dão a este monumento um ar de grandeza que eu não observei nas estatuas equestres dos grandes duques Cosme e Fernando, que vemos em Florença nas praças do Palacio velho, e da egreja da Annunciada, pertencentes ambas ao cinzel de João Bologna.»

«Bartholomeu da Costa é o nome d'aquelle que fundiu a estatua de um só jacto, operação que merece elogios, attendendo á dimensão da figura do rei e do cavallo. As proporções d'esta estatua equestre são as mesmas que as da estatua de Luiz XIV na praça Vendome; mas a figura do rei Joseph é de onze pollegadas mais, o que provém do capacete.

Não tendo podido ver o mosteiro de Belem, nada posso fazer para satisfação de meus leitores senão reportar-me ao elogio, que d'elle fazem Fregier e Aviler: o primeiro na sua obra de Stereotomia (tomo 3.º, livro 4.º, parte 2.ª, pag. 28); e o segundo no seu Diccionario de Architectura, na palavra *Haedi.*»

«Hautefort teve o talento raro de descrever melhor Lisboa depois de uma residencia sómente de duas semanas, do que o fizeram outros viajantes depois de a terem habitado por muito tempo.».—Balbi. *Essai Statistique*, vol. 1.º, pag. 32.

519) HAY (Sir ANDREW LEITH).

E.—*A narrative of the Peninsular War, by* —. Edimburg, 1831. London, 1839. 8.º, third edition. (Narração da guerra peninsular.)

530) H. (COMES DE SOLMS-LAFBACH). Philos. doctor. socio ad exponendum assumpto, Knipling, stud., etc.

E.—*Tentamen Bryo-geographiae Algarviae regni Lusitani provinciae. Commentatio, quam consensu et auctoritate amplissimi philosophorum ordinis in Academia Fridericiana Halensi cum Vitebergen consociata pro venia legendi rite impetranda die* 16 *maii* 1868, *hora* 12. *in auditorio maximo una cum thesibus publice defendit. Halis.* Typis Orphanotrophei.

Trata esta obra das plantas do Algarve, e principalmente das cryptogameas.

551) HEATHER (W.)

E.—*A niew and complete pilot containing sailing directions for the Bay of Biscay, coast of France, Spain and Portugal.* London, 1804.

552) HEBBE.

E.—*Relation sur l'ile du Fayal.* Stockolm, 1804.

«O auctor, official da marinha sueca, é o mais antigo viajante, que forneceu informações circumstanciadas e dignas de interesse ácerca de paragens tão pouco frequentadas na época em que as visitou.[1]

553) HEERINGEN GUSTAVE DE).

E.—*Meine Reise nach Portugal, etc.* (Viagem em Portugal no principio de 1836 por —.) Leipzig, 1838. 2 vol. 8.°

554) HEMAN (Mistress).

Escreveu uma linda poesia intitulada *The Coronation of Inez de Castro,* a qual anda na collecção de suas obras poeticas.

Dá-nos esta noticia M.me H. Dujarday na sua obra—*Résumé des voyages des Portugais.* Tomo 1.° pag. 365.

555) HEMSO (JACOB GROBERG DE). Consul da Suecia em Tanger e correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.[2] Em maio de 1838 achava-se em Florença, segundo se vê do estado do pessoal da Academia n'este anno.

E.—*Indagações sobre a lingua dos Barbaros. (Memorias da Academia das Sciencias.* Tomo 5.°, parte 2.ª, pag. 49 a 56.)

556) HÉNAULT (CHARLES JEAN FRANÇOIS).

E.—*Abregé Chronologique de l'Histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1759. 1765. 2 vol.

557) HENDERSON (J.)

E.—*A history of the Brasil, comprising its geography, commerce, colonisation, aborigenal inhabitants.* London, 1821.

558) HENNEQUIN (PIERRE).

E.—*Cours de Litterature ancienne et moderne, contenant un traité complet de poetique extrait des meilleurs critiques et commentateurs: enrichi de sept cents notices sur les poetes les plus celebres de tous les temps et de*

[1] Morelet.—*Les Açores,* pag. 15.

[2] *Memorias da Academia,* tomo 5.°, parte 2.ª, pag. 26.—*Memoria interessante sobre a lingua dos Barbaros, vulgarmente chamados Berberes e Chillohes, que habitam as serranias do Atlas, e fallam dialectos differentes da mesma lingua.* M. A. Tomo 4.°, parte 1.ª, pag. 16.

toutes les nations : ouvrage orné de citations et de traductions de differents poetes en français, en latin, en grec, en russe, en anglais, en allemand, en italien, en espagnol et en portugais. Moscou, 1821. 4 vol.

559) HENRY (WILLIAM JOHN CHARLES). Commendador da ordem de Christo.

Nasceu em Londres a 27 de março do anno 1846. Veiu para Portugal como secretario do sr. conde da Carnota. Reside em Alemquer.

E.— *Alemquer e seu concelho.* Lisboa.

Traduziu para inglez um folheto composto pelo duque de Saldanha com o titulo de *Verdade.* Londres, 1872.

Acha-se actualmente compondo em portuguez um *Guia do Viajante na Europa.*

560) HERNOUX (Contre-amiral).

E.—*Notice historique sur le Portugal.* Paris, 1851, 8.º

561) HEROS (D. MARTIN DE LOS).

Leu á Academia de Historia de Hespanha uma dissertação intitulada : — *Examen historico critico de la supuesta aclamacion del primer rey de Portugal en el campo de Orique, y falsedad de las cortes de Lamego.*

Dá-nos esta noticia C. Ximenes de Sandoval na sua obra intitulada : *Batalha de Aljubarrota*, pag. 7.

562) HERPORT (ALBERCHT).

E.— *Ostindianische Reisebeschreibung.* (Viagem ás Indias Orientaes.) Schleswig, 1669, fol. Amsterdam, 1670, 4.º

563) HERRERA (ANTONIO).

E.— *Cinco libros de la Historia de Portugal y conquistas de las islas de los Açores en los años de* 1582 *y* 1583. Madrid, 1591.

564) HERRERA (D. BERNARDINO).

E.—*Memorias historicas de los desposorios, viajes, entregas y respectivas funciones de las reales bodas de las serenissimas señoras infantas de España y de Portugal, la señora D. Carlota Joaquina Mariana Victoria en el año de* 1785, *escritas en seguinte de* 1786 *por* —. Madrid, 1787. Imprensa de Sanches, 250, pag. 8.º

565) HERRERA (FERDINAND). Um dos mais notaveis poetas hespanhoes, cognominado por seus contemporaneos *o Divino.*

Nasceu em Sevilha no anno de 1534, e falleceu em 1597.

Suas duas mais notaveis odes teem por assumpto a batalha de Lepanto e a morte do rei D. Sebastião na desastrosa batalha de Alcacer-Quibir. A tra-

ducção franceza d'esta ultima, que appareceu no *Magasin Pittoresque,* é da maneira seguinte[1].

Donnez-moi une voix de douleur, un chant de plainte,
Un esprit de terreur et de colère,
Pour eterniser le cruel souvenir
De ce jour fatal, abhorré,
Où la malheureuse Lusitanie pleure
Sa valeur trompée et sa gloire eclipsée
Que les larmes de l'histoire
Couvrent à jamais de tristesse et d'horreur
Les terres funestes qui s'etendent depuis le pied brulant de l'Atlas
Jusqu'aux lieux où la mer a eté rougie par le sang,
Et où les ardentes barrières de l'Orient
Et ses nations féroces ont vu reculer les etandards du Christ!
Qui sont ils devenus ceux qui, confiants en leur chevaux
Et en la multitude de leurs chars
Pénétrèrent dans tes deserts, ó Lybie?
Comptant sur leurs forces et sur leur courage,
Ils n'ont pas mis leur espoir dans l'eternelle justice;
Leur orgueil assuré
N'a attendu que de soi une victoire incertaine;
Et sans élever les yeux vers le ciel,
La tête haute, le cœur enflé,
Ils n'ont consideré que les depouilles;
Et le Dieu d'Israel a ouvert sa main
Et les a laissés aller, et tout est tombé dans l'abime,
Le char, le cheval et le cavalier.
Il est venu le jour affreux, le jour plein
D'indignation, de colère et de rage, qui a precipité
Dans la solitude et dans les gémissements
Tout un royaume desherité désormais de ses enfants et de sa joie.
Le ciel est demeuré obscur; le soleil
A voilé sa face pour présager un si grand malheur.
Entouré de ses épouvantes,
Le Seigneur a visité les orgueilleux
Pour les frapper et pour les humilier;
Et il a preté main forte aux Barbares,
Qui, etonnés de voir la partie egale,
Du moins n'ont pas mis leur courage
A conquerir de l'or, mais avec le fer rapide
Ont tiré la vengeance du ciel et ont puni ses fils ingrats.
Les infidèles, pleins d'une aveugle rage,
Ont tiré leurs epées inflammées

[1] *Magasin Pittoresque* de 1843, pag. 274.

Pour obscurcir l'éclat sans tache
De ta gloire et de ta valeur; et non contents
De t'avoir donné la mort, ils ont voulu ôter ta gloire,
O Lusitanie, désormais condamnée au malheur!
D'un front assuré,
Ils ont brisé sans crainte, avec un affreux carnage,
Tes escadres et ton courage.
Le sable s'est changé en un marais sanglant,
La plaine en une montagne de morts.
La force et l'audace ont passé tout entières d'un côté,
De l'autre la faiblesse, la peur, la honte.
Sont-ce donc là les fameux,
Les forts, les intrepides guerriers.
Dont la colère a emu toute la terre?
Qui ont ebranlé tant de puissants empires;
Qui ont dompté tant de nations redoutables;
Qui dans leurs impitoyables guerres, ont changé en un désert
Tous les rivages que baigne la mer des Indes;
Qui ont renversé tant des superbes cités?
Que sont devenus leur grand cœur; leur hardiesse?
Comment ont ils perdu
Leur heroique valeur en un jour?
Ecrasés, loin de leur patrie,
Ils n'ont pas même reçu de sépulture.
Tel le cedre magnifique
Du haut Liban, couvert
De rameaux, de feuilles, touchant les nues.
Les eaux l'ont fait puissant;
Elevés au dessus des plus grands arbres,
Ses bras ont vu chaque jour croître
Leur force et leur grace;
Sous ses vastes abris, les oiseaux que nourrit l'immense ciel.
Ont suspendu leurs nids.
Dans les cavités de son tronc, il a vu naitre les animaux sauvages;
Il a offert sa tente et son ombre à tout un peuple de créatures;
En grandeur, en beauté,
Il etait sans rival sur la terre.
Mais aussi haut que sa verte cime
S'eleva son orgueil;
Plein d'une folle présomption,
Il n'a fait estime que de sa majesté;
Et Dieu l'a livré
A des mains impies, étrangères,
Qui l'ont coupé par la racine.
Celui qui faisait gémir sous son poids les hautes montagnes

Est etendu sans rameau, sans feuilles, dépouillé.
Les hommes qui vivaient sous son ombre
S'enfuient pleins d'effroi,
Et parmi ses ruines les oiseaux,
Les animaux féroces, cherchent encore leurs abris violés.
Mais toi, Lybie maudite, qui sur ton sec rivage
As vu la Lusitanie expirer,
Et son honneur finir avec elle,
Ne sois point vaine, et ne t'enfle point d'un fol orgueil.
C'est sans espoir, que ta main débile
A remporté cette victoire,
Indigne de souvenir;
Car si jamais une juste doleur excite à la vengeance
Le courage espagnol
Mise en pièces par ta lance acérée
Tu expieras par ta mort tes outrages,
Et tu seras forcée de payer ta dette de sang
A la mer epouvantée.

566) HERVEY (C.)

E.—*Lettres from Portugal, Spain, Italy and Germany in the years* 1759, 1760, 1761, 1762, 3 vol. London, 1785.

567) HET NADERSTE ENDE SCHERSTE JOURNALIER *Werhael ofte Copye van sekeren Brieff, gheschreven uyt Brasil, aen de cen Heeren Bewint hebberen der geoctayeerde West Indische Compagnye, ter Kamer vande Mase, nopende de treffelijcke ende laughgwenschte Victorye die Gordt Almachtigh ons verleent heeft, onder't wysselijck beleyt Syn: Excell: Graef Maurits van Nassau etc. in Brasil, tegen de machtige Vloot des Konings van Spangen, bestaend in* 88. *Zeylen, voor-ghevallen in de Maendt van Januario etc In's Graven-Haje.* 1640, 8 pag. sem numeração. (M. S.)

568) HEZECQUES (RAYMOND DE),

E.—*Isaias inter majores prophetas primus a R. P. Hieronymo Oleastro Lusitano, quondam Inquisitore commentarius illustratus.* Paris, 1622. (Commentario de Isaias, composto pelo padre Jeronymo da Azambuja, e illustrado por —).

569) HILAIRE (GEOFFROY ETIENNE ST.) Celebre zoologista francez. Nasceu em Etampes, no anno de 1772, e falleceu em 1844.[1]

Vejamos o que a respeito d'este homem tão celebre nos diz o *Magasin Pittoresque.*[2]

[1] Bouillet.—*Dictionnaire Universelle d'Histoire et Geographie. Supplement*, pag. 50.
[2] *Magasin Pittoresque*, vol. 16.º, pag. 173. *Id.*, anno de 1845.

GEOFFROY SAINT-HILAIRE EM PORTUGAL

«A missão de Geoffroy St. Hilaire em Portugal, que alcançou para nossas diversas collecções riquesas tão preciosas, póde ser citada como um dos mais bellos exemplos das vantagens positivas, que resultam da moderação e da humanidade no exercicio do poder. É cheia de incidentes de toda a especie, que fazem da sua narração um dos capitulos mais interessantes da historia d'este illustre sabio.

«Pela occupação de Portugal em 1807, o imperador, que jámais separava os interesses da sciencia dos da politica, quiz que um naturalista alli se dirigisse immediatamente para explorar as riquesas scientificas que a longa dominação de Portugal na America n'aquelle paiz accumulava. O enviado do governo francez devia visitar as collecções d'historia natural, e determinar quaes os objectos que poderiam ser transportados para Paris. A pedido de Geoffroy St. Hilaire, encarregado da missão, juntaram-se á historia natural não sómente todas as sciencias em geral, mas até as lettras e artes. Suas instrucções confidenciaes davam-lhe a este respeito poderes illimitados. Por uma determinação cheia de grandeza, e cujos resultados deviam amplamente mostrar toda a prudencia, Geoffroy St. Hilaire quiz que sua missão fosse egualmente util a Portugal e á França. As collecções de Portugal eram ricas em objectos trazidos pelos navegantes dos paizes longiquos, mas incompletas em outros objectos não menos importantes, desordenadas, mal classificadas: nosso sabio tendo concebido a idéa de levar comsigo varias caixas cheias de duplicados do museu que, inuteis aqui, se tornavam n'aquelle paiz do mais alto apreço, e por conseguinte de servir aos interesses da sciencia nos dois paizes ao mesmo tempo.

«Chegado a Lisboa, depois de ter estado a ponto de ser assassinado na Hespanha, que elle acabava de atravessar no primeiro fogo da insurreição contra os francezes, foi recebido de braços abertos por Junot, pois este ultimo fôra seu companheiro no Egypto, e que dispondo de um poder quasi absoluto, lhe assegurava antecipadamente toda a protecção, de que podesse carecer na sua missão. Deram-se ordens aos conservadores dos museus e bibliothecas do Estado e dos conventos, e até dos particulares, de communicarem ao commissario imperial todas suas riquezas, e de annuir a todos seus pedidos. Houve um susto geral: via-se já Portugal despojado de todas suas riquezas litterarias e scientificas. Porém o receio não durou muito. Geoffroy St. Hilaire começou por declarar que os depositos publicos ou dos conventos seriam todos visitados por elle, mas na qualidade de inspector. O rico convento de Nossa Senhora de Jesus foi o primeiro a receber sua visita. Deixou aos frades quanto tinham, e recebeu d'elles sómente alguns fosseis, cuja importancia estavam bem longe de apreciar, e algumas amostras de mineralogia, que possuiam em duplicado. Por isso bem longe de esconderem, apressavam-se a tudo lhe patentearem. Em S. Vicente de Fóra, estando a admirar os manuscriptos preciosos que vinham mostrar-lhe, crendo que esta admiração não era mais que o preambulo adocicado d'um pedido formal, apressaram-se de o prevenir, pedindo-lhe unicamente licença para ficarem com as copias. Vim, respondeu elle, organisar os estudos, e não roubar os elementos. Contentou-se com

fazer n'este convento o que fizera no outro. Porém os religiosos em sua alegria foram mais expansivos, e lembraram-se de lhe enviar um presente. «E' pena, disse Geoffroy, ao retirar-se; eu tinha vontade de ir-me despedir d'esses bons religiosos. Os gabinetes de historia natural pertencentes ao governo não tiveram menos que lhe agradecer. Tratava-se aqui dos bens do rei, e, apesar de mais livre, tambem não abusou. Estes gabinetes na occasião de sua chegada nada mais eram que um montão de objectos não classificados, offerecidos á curiosidade publica muito mais que aos estudos e investigações dos sabios. Na sua partida tudo estava mudado. A ordem methodica e os rotulos tinham sido introduzidos, e a preciosa serie de mineraes levada por elle de Paris, tinha sido trocada.

Não se contentou em proteger as collecções, protegeu tambem os sabios. A amisade de Junot lhe forneceu os meios. Muitos sabios affeiçoados á antiga ordem de coisas eram victimas da nova: tiveram desde então em Geoffroy St. Hilaire um confrade dedicado. Por isso um dos professores mais distinctos da universidade de Coimbra, o botanico Brotero, suspenso e privado de seus ordenados, tinha-se refugiado n'um arrebalde, onde vivia obscuramente, e em miseria extrema. Geoffroy corre a sua casa, faz-se seu advogado perante Junot, insiste, e nada consegue. Brotero recebe comtudo no dia seguinte uma parte do que reclamava, com um convite a que guardasse segredo. «O general, disse, nem mesmo quer que vós lhe agradeçais, pois o caso se divulgaria, e toda a gente reclamaria como vós.» Apesar d'este convite, o reconhecimento não o poude conter. Brotero escreve ao duque, que fica como furioso, pois toma estes agradecimentos, não merecidos, como uma ironia. Mas bem depressa a confissão do piedoso estratagema de St. Hilaire o commove e desarma, e concede o que até então obstinadamente tinha recusado.

«O mesmo caso se deu com Verdier, membro correspondente do Instituto de França. Gravemente compromettido pelos acontecimentos politicos do começo de 1808, estava no exilio, e Junot mostrava-se excessivamente irritado contra elle. Á força de pedidos, e de ter attrahido sobre si mais do que uma vez a colera do general, o nosso joven sabio obteve que finalmente o tirassem do exilio: e foi Verdier quem no anno de 1814 por um generoso impulso escreveu a relação dos serviços prestados á instrucção publica em Portugal por Geoffroy St. Hilaire.

«Mas de todas as bellas acções do mesmo genero, que foi permittido a St. Hilaire fazer n'esta época de commoções e de reacções, nenhuma recebeu uma mais tocante recompensa, que o serviço que teve a ventura de prestar ao arcebispo de Evora, ameaçado um instante durante a occupação d'esta cidade. Algumas semanas depois o arcebispo por sua intervenção omnipotente, salvava por sua vez os homens dos nossos postos surprehendidos pelo inimigo, e dirigia a Geoffroy St. Hilaire estas enternecedoras palavras: Lembrei-me de vós.

«Em seguida aos dias de triumpho, como se vê em quasi todas as coisas humanas, vieram os dos revezes. Junot, reduzido a dez mil homens, contra o exercito inglez desembarcado debaixo do commando de Wellington, viu-se obrigado a deixar Portugal. Geoffroy St. Hilaire, que figurava na desastrosa

batalha do Vimeiro como cirurgião militar, teve que seguir a fortuna de seu general, e foi levado para França n'uma fragata ingleza. Não se retirava com as mãos vazias, pois as tinha enchido muito gloriosamente. Os commissarios inglezes, logo depois da sua occupação de Portugal, tinham-lhe dado ordem de largar immediatamente todas suas collecções; mas, apoiado pela Academia de Lisboa, que tanto tinha que lhe agradecer em attenção aos perseguidos, agora poderosos, aos quaes tinha soccorrido, obteve que suas caixas lhe fossem deixadas, mas como objectos d'elle, ao passo que para prestar homenagem ao principio, abandonava quatro. E' o que praticou; mas abandonou quatro, que lhe pertenciam.[1]

«Não foi bastante ter levado as collecções para França: 1815 veiu ainda alli ameaçal-os. O duque de Richelieu, tomando a iniciativa, escreveu ao ministro de Portugal convidando-o a fazer valer seus direitos. A resposta de Portugal foi que nada se reclamava, porque nada havia a reclamar. «Os commissarios da Academia e os conservadores da Ajuda (diz o ministro officialmente) consideram que Mr. Geoffroy recusou usar da auctorisação que tinha obtido para escolher os objectos unicos: sómente pediu duplicados, e o que recebeu lhe foi dado em troca de objectos de mineralogia raros e desconhecidos em Portugal, que trouxera de Paris, e por causa do cuidado que teve com a classificação e rotulos das collecções deixadas na Ajuda.

«Eis indubitavelmente um documento unico nos actos diplomaticos de 1815, e que não dá menos honra a Portugal, que ao sabio francez.»

E.—*Note sur les objets d'histoire naturelle recueillis en Portugal.* (No tomo 12.º dos *Annales du Museum de Paris).*

570) HILAIRE (ROSSEUW SAINT).

E.—*A revolução de Portugal em 1640, Memoria apresentada á Academia das sciencias moraes e politicas* (Instituto de França).

Foi vertida em portuguez esta Memoria, e publicada no n.º 5727 do *Jornal do Commercio.*

«A revolução de Portugal é uma grande pagina da historia. Em todas as outras conspirações se vê as mais das vezes os interesses particulares cobrirem-se com a capa do interesse publico, e as más paixões occultarem-se por detraz das boas. Mas aqui os homens desapparecem, porque os acontecimentos lhes são superiores, e arrastam-os em logar de lhes obedecerem. Não ha

[1] As galerias do museu achavam-se enriquecidas com uma multidão de objectos de Malabar, Cochinchina e sobre tudo do Brasil, o mesmo com varias especies desconhecidas totalmente na sciencia até então, e que Geoffroy St. Hilaire foi o primeiro a descrevel-as, taes como os coriamas, e os cephalopteros. Porém não se tinha limitado á historia natural, e a Bibliotheca nacional deve-lhe um dos mais preciosos accrescimos de seus manuscriptos. E com um verdadeiro transporte (diz Mr. Pavie no seu relatorio ao ministro de instrucção publica ácerca d'estes manuscriptos) que vi offerecerem-se-me a meus olhos cartas de todos os soberanos, que governaram Portugal desde 1557 até 1715, D. Sebastião, o cardeal rei D. Henrique, Philippe II de Hespanha, Luiz XIV, Delphim, Carlos II de Inglaterra, etc. Ao todo cinco mil documentos originaes.»

duvida que Pinto é a mola principal d'aquella grande empresa, em que, á excepção do duque de Bragança, todos teem a sua parte de acção e de dedicação; mas o verdadeiro auctor da conjuração é o povo tomando a palavra na sua accepção mais lata; nobres, burguezes e artifices, todos se unem n'um accordo patriotico. Todos os interesses particulares se calam ante aquelle grande, aquelle immenso interesse, a resurreição da patria portugueza, saindo do tumulo para não voltar mais para elle. Raro e sublime momento, como se não encontram dois na vida de um povo, e que consola o historiador das cobardias e dos crimes, de que se compõe ordinariamente o sanguineo encadeamento da historia.»

571) HILL OF CAMALVA *containing sketches of Portugal, Spain, and part of France.* 3 vol. (Monte de — contendo esboços de Portugal, etc.)
Não pude encontrar esta obra.

572) HIMMEL (FREDERIC HENRY).
E.—*Vasco di Gama*, opera. Berlin, 1801.

573) HINCKLEY (JOHN-ESQ.)
Traduziu do allemão para inglez as viagens de Link com o titulo seguinte:
Travels in Portugal and through France and Spain with a dissertation on the litterature of Portugal and the Spanish and portuguese languages by Henry Frederick Link professor at the University of Rostock, and member of various learned societies translated from the German by — with notes by the translator. London, 1801.

574) HINTS THO TRAVELLERS IN SEARCH *of the beautiful and grand in Portugal.* London. (Guia para viajantes.)

575) HISPANIAE ILLUSTRATAE *sive rerum urbiumque Hispaniæ, Lusitaniæ, Æthiopiæ et Indiæ scriptores varii.* Francofurti, 1603. 4 vol. fol. (Varios escriptores da *Hespanha Illustrada*, ou dos feitos e das cidades de Hespanha, Portugal, Ethiopia, etc.)

576) HISTOIRE *de ce qui s'est passé au royaume d'Ethiopie ès années* 1624, 1625 *et* 1626 par G. Scion.
Histoire de ce qui s'est passé au royaume de la Chine en 1624, par V. Pantaleon.
Histoire de ce qui s'est passé ès royaume d'Ethiopie, par A. d'Almeyda.
Histoire de ce qui s'est passé au royaume de Thibet, par A. d'Andrade. *De la Chine*, par A. Diaz, *et du Tunquira*, par Baldinotti.
Ces quatre histoires tirées des lettres adressées au général de la Compagnie de Jesus, et traduites de litalien en français, par un pretre. Paris, 1629.

577) HISTOIRE *de ce qui s'est passé en Ethiopie, Chine, Brésil, tirée des lettres ecrites à M. Vitelleschi.* Paris, 1628-1629. 3 vol. T. Compans, pag. 156.

578) **HISTOIRE** *de la première decouverte et conquete des Canaries en 1402 par Jean de Bethencourt escrite du temps même par P. Bontier et Jehan Leverrier, et mise en lumière par Galien de Bethencourt: plus un traité de la navigation et des voyages et conquetes modernes, et principalement des François.* Heuqueville, 1630.

579) **HISTOIRE DU PERE VIEYRA,** *jésuite portugais, missionaire dans l'ancien et le nouveau monde.* Lyon, 1875. 8.°, 168 pag.

«.....Se a Egreja nas suas tribulações poude salvar do naufragio a milhares de seus filhos; se ella poude arrancar á heresia a Polonia, a Hungria, a Austria e as provincias Rhenanas etc.: se ella obstou a que o erro se introduzisse na França; se nos logares onde não lhe foi possivel salvar o principio catholico, fez com que pelo menos boiasse á superficie: n'uma palavra, se o que ella não poude subtrahir ao inimigo na Europa, o foi tornar a buscar na America, atraz dos passos dos conquistadores do Novo Mundo, a historia nos attesta, que n'esta lucta encarniçada os mais intrepidos combatentes, aquelles que incessantemente encontramos na brecha, e no mais furioso da peleja, são os filhos de Santo Ignacio. Sim: eis um facto historico dos mais certos; porém que, entre esses valentes athletas tenha existido um que, por sua pujante originalidade, tenha levado uma grande vantagem aos outros, é o que a historia ainda não disse, pelo menos na França, e é o que vamos tentar de lhe fazer confessar.

«O facho da discordia, uma vez arrojado pelos innovadores, os grandes christãos que reuniram seus esforços contra o fatal incendio, são grandemente benemeritos da religião e da humanidade. Abalisaram-se uns pela santidade, outros pela sciencia, todos por um zelo infatigavel: porém se, entre elles, quizessemos encontrar um, que pela incommensuravel fecundidade de seus recursos, se houvesse mostrado o digno antagonista do chefe dos sectarios, é bem de crer que nos vissemos obrigados a fixar nossas vistas no padre Vieyra. E com effeito, quanto mais estudamos o caracter, a vida, o genero de eloquencia, os sermões d'este fervoroso missionario, d'este formidavel combatente, mais ficamos convencidos que, homem contra homem, podia medir-se, com armas eguaes, com Luthero.

Porém, tanto Vieyra se parece com o coripheu do protestantismo pela natureza, e pela potencia de seus meios d'acção, quanto differe d'elle pelo uso que d'ella fez. Vieyra via tambem os abusos e as desordens reinando; para as extirpar atacava as paixões dos homens, e não a obra de Deus, a Egreja de Jesus Christo: tambem Vieyra detestava a oppressão, a tyrannia, mas não queria que a liberdade tivesse seus direitos, senão para mais consolidar os direitos da auctoridade. Todo entregue aos interesses da verdade e da justiça, sua grande dôr era vêl-os sacrificados a indignas preoccupações pessoaes: O' Luthero, exclamava Vieyra n'um dos seus sermões (o do Jubileu), dize-me, se te houvessem nomeado prégador das indulgencias, não terias tu feito o mais pomposo elogio d'ellas? Não terias tu empregado toda a tua eloquencia em as recommendar? Sim, evidentemente. Ora essas mesmas indulgencias, que, se tu

as houvesses prégado, seriam verdadeiras, agora se tu não as prégas, são então falsas? Ah! desgraçado, vê com que ridiculos pretextos desertas da verdadeira fé!» Basta só a força d'esta apostrophe para conhecermos, que entre esses dois combatentes, se a Egreja era violentamente atacada, não o era ella menos ardentemente defendida. Comparando o ardor de um com o impeto do outro, vendo o mesmo fundo de intelligencia e de coragem, quer se estribe na humildade quer na oração, produzir tudo o que as paixões teem de mais ou menos funesto, ou tudo quanto a virtude possue de mais heroico, conhece-se melhor de que lado está a boa parte. Sendo dados os mesmos talentos, o emprego d'elles mostra n'um quanto no outro foi culpado o abuso; em compensação a profundidade do abysmo, para onde o arrastou a infidelidade, ainda mais faz brilhar todo o merito da fidelidade; e, tanto d'um lado, como do outro, sómente nos podemos inclinar perante os adoraveis decretos da divina providencia, que não permitte os grandes males, senão porque ella sabe oppor-lhe os grandes remedios.

«Sendo, porém, o padre Vieyra de nacionalidade portugueza, achar-se-hia no estado de representar um papel tão importante? Sim, e por esta mesma rasão. Na época de que se trata, Portugal, havia um seculo, tinha voltado toda sua actividade para o lado da navegação: tendo estendido seu imperio não sómente pelo littoral da Africa e da Asia, mas até por uma grande parte da America do Sul, tinha-se elevado á altura das primeiras potencias da Europa. É certo que a tanto esplendor succedeu repentinamente o mais profundo eclipse. Com effeito, o joven rei D. Sebastião, no seu ardor cavalheiroso, tendo ido com a flôr de seus guerreiros fazer-se matar nas planicies de Marrocos, tinha deixado o throno a um tio velho, o cardeal Henrique, que nada mais foi do que o triste espectador das intrigas que, depois de sua morte, tinham de fazer cahir o paiz no dominio do rei de Hespanha, Philippe II, em 1580. No emtanto, Portugal, assim convertido em provincia hespanhola, não se podia resignar a uma tal degradação. Esta nação pertence ao numero d'aquellas que são curaveis, e se mesmo hoje, apesar de seu enfraquecimento material, acha ainda no vigor de seu temperamento e na energia de sua fé, solidas garantias para o futuro, com mais forte rasão as achava no tempo em que, debaixo do dominio estrangeiro, seu patriotismo retemperado pela adversidade, estava prompto para todos os sacrificios, e não esperava mais do que o momento d'uma brilhante restauração. Todavia, só foi em 1640 que, com sua independencia Portugal recuperou suas colonias, suas jerarchias e toda a sua influencia.

«E' para notar que Vieyra estreiava-se na vida publica pelo mesmo tempo, em que sua patria renascia de suas ruinas, e não era homem para malbaratar circumstancias tão providenciaes. Ser então portuguez, era pertencer ao mesmo tempo ao mundo antigo e moderno, e poder tomar parte em tudo que de grande se fazia n'um e n'outro continente. Ora, se quizermos penetrar no amago dos grandes acontecimensos d'aquelles tempos, sigamos por um instante a Vieyra. Este homem de Deus e do povo, este verdadeiro padre, só teve sempre um pensamento, um alvo: defender, propagar a fé; porém a este alvo dirigiu-se elle de diversos modos, segundo os diversos logares em que se achava.

Se missiona no Brasil, onde o obstaculo é a escravidão, applica-se a mostrar que a liberdade não é outra coisa mais do que o respeito aos direitos de todos, a stricta justiça. Missiona na Europa, onde o embaraço é o descommedimento da rasão, prova a esta que nunca é mais forte, senão quando é mais crente. D'uma tal doutrina, quando a vemos illuminada pelas prégações, pelos exemplos e por toda a vida d'este humilde e grande religioso, nenhuma outra coisa podemos tirar como consequencia, senão que a nossos irmãos separados foi necessaria uma extraordinaria cegueira para se obstinarem em nome da liberdade e da rasão, em se revoltarem contra nossa mãe commum, a santa Egreja, que é o unico guarda da sã rasão e da verdadeira liberdade.»

580) HISTOIRE DU SCHISME PORTUGAIS EN ORIENT. Paris. 8.º

581) HISTOIRE DE JEAN VI, *depuis sa naissance jusqu'à sa mort, en 1826; avec des particularités sur sa vie privée et sur les principales circonstances de son règne.* Paris. Ponthieu et Compagnie, libraires, 1827.

É obra bem escripta, e na qual apparecem poucas inexactidões. Foi traduzida, e impressa em Lisboa em 1838. Fez-se ha pouco tempo uma nova edição, apresentando-a o editor como obra inedita e original!

582) HISTOIRE *de la reunion du royaume de Portugal à la couronne de Castille. Traduite de l'Italien de Jerosme Conestage, gentilhome genois.* A Paris, chez Lovis Billaine, 1680. 2 vol., o 1.º 533 pag., o 2.º 399.

O traductor diz na advertencia, que fez algumas alterações n'esta obra para accommodar o genio da lingua italiana ao da franceza, que não é sempre tão arrojada, nem tão figurada, E' por isso que abreviou no 2.º livro o discurso de Mulei Moluco, e no 7.º o de D. Sancho d'Avila. V. *Conestagio.*

583) HISTOIRE DE PORTUGAL *depuis* 1090 *jusqu'en* 1610 *comprise en* 20 *livres, parmi lesquels sont les douze d'Osorius, traduits en français, et les autres tirés de divers auteurs.* Géneve, 1610, 2 vol.

584) HISTOIRE DE PORTUGAL *depuis* 1496 *jusqu'en* 1578. Paris, 1581.

585) HISTOIRE PALLADIENNE, *traitant des gestes et généroux fait-d'armes et d'amour de plusieurs grands princes et seigneurs, speciallement de Palladien fils du roy Milanor d'Angleterre et de la belle Selerine sœur du roy de Portugal.* Paris, 1555. (É um romance.)

586) HISTOIRE *des choses memorables advenues en la terre du Bresil, partie de l'Amerique Australe, sous le gouvernement de Nicolas de Villegaisgnon depuis l'an* 1555 *a* 1558 *imprimée l'an* 1561.[1]

[1] No tomo 3.º a pag. 38 do *Catalogue des livres de la bibliotheque du feu mr. le duc de la Vallière*, par Guillaume de Bure vem uma lista de varias obras raras relativas a Villegaignon.

587) HISTOIRE SECRÈTE *de D. Antoine, roy de Portugal, tirée des memoires de D. Gomes de Vasconcellos Figueiredo.* Paris, 1696.

588) HISTOIRE VERITABLE *des dernieres guerres advenues en Barberie, et du succès pitoyable du roy de Portugal dernier D. Sebastien, qui mourut en bataille le 1er aout 1573. Traduite de l'espagnol en françois,* Paris, 1579.

589) HISTORIA DE BELLO AFRICANO *in quo Sebastianus rex Portugalliæ periit ad diem 4 aug. Anno* 1578. Noribergae, 1580. (Historia da guerra d'Africa, em que pereceu el-rei D. Sebastião, etc.)

590) HISTOIRE *des Brigands célebres et des bandits fameux en France, en Angleterre, en Italie, en Espagne, en Belgique, en Portugal, en Suisse et dans les autres pays du monde. Tirée de tous les documents authentiques.* Paris, 1837. 16.°

591) HISTOIRE VÉRITABLE *des dernières et piteuses adventures de D. Sebastian, roy de Portugal depuis sa prison de Napoles jusqu' aujourd'hui qu'il est en Espagne à S. Lucar de Barrameda* (30 *aut* 1602). Rouen 1602). (C. M. B. I. P.)

592) HISTORIA *desponsationis Frederici III cum Eleonora Lusitanica* (Historia dos desposorios de Frederico III com Leonor de Portugal).

Vem no tomo 2.°, pag. 11 e seguintes da obra intitulada *Rerum germanicarum scriptores varii de Struve.* Strasburgo, 1717.

593) HISTORIA *de Gabriel de Espinosa, pastelero en Madrigal, que fingió ser el rey Don Sebastian de Portugal; y asimismo la de Fr. Miguel de los Santos, en el año de* 1595. *Con licencia.* En Madrid, en la Oficina de Pantaleon Aznar. Año 1785. 8.° 163 pag.

Em uma nota que se encontra na ultima pagina d'esta obra diz-se que a primeira edição foi impressa em Xerez no anno de 1595.

Ha uma outra edição d'esta obra publicada na mesma cidade de Xerez, no anno de 1683, na imprensa de J. A. de Tarazona.

É a historia interessantissima de um aventureiro hespanhol, que fazendo-se passar por D. Sebastião, rei de Portugal, conseguiu ter relações amorosas com D. Anna d'Austria, sobrinha de Philippe II rei de Hespanha, e professa n'um convento do Madrigal. Foi enforcado em 1595.

A respeito d'esta historia póde-se consultar o livro do sr. Miguel d'Antas, intitulado *Les faux D. Sebastien,* impresso em Paris no anno de 1860. Obra muito interessante, e que veiu esclarecer muito a historia dos aventureiros que se fizeram passar pelo fallecido rei.

594) HISTORIA DE PORTUGAL *composta em inglez por uma sociedade de litteratos, trasladada em vulgar com as addições da versão franceza,*

e notas do traductor portuguez Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro. Lisboa, na officina da Academia Real das Sciencias, 1788. 8.º

O quarto volume d'esta edição, o qual abrange o reinado de D. Maria I, é composição do padre José Agostinho de Macedo.

Esta obra é vulgarissima, não se podendo depositar, comtudo, n'ella uma cega confiança, pois os erros (devidos a varias causas) são frequentissimos, de que temos uma prova no grande numero d'elles, que veem mencionados no quarto volume da *Revista Litteraria Portuense;* e note-se que estes são apenas os que dizem respeito á nossa expedição a Tanger no reinado de D. João I.

Appareceu por ultimo novissima edição no anno de 1828, em dez volumes, sendo os ultimos cinco (impressos em 1838) uma historia de Portugal desde o reinado de D. Maria I até á convenção de Evora Monte, e devidos á penna do sr. José Maria de Sousa Monteiro.

O original inglez ainda o não pude vêr.

Da referida historia de Portugal ha outra edição continuada por Hypolito José da Costa, e impressa em Londres no anno de 1809.

595) HISTORIA VON CALICUT, *undandern, etc.* (Historia de Calicut, de outros reinos, provincias e ilhas na India e do mar das Indias). Ursel, 1565.

596) HISTORIC *sketches of Spain and Portugal.* London, 1835. 2 vol. (Esboços historicos de Hespanha e Portugal.)

597) HISTORIE (THE) *of the uniting of the Kingdom of Portugall to the crown of Castil, containing the description of Portugall, their principal towns, castles, places, rivers, bridges, of the East Indies, the Isles of Terceres, and other dependences, the last warrs of the Portugals against the Moores of Afriche, the end of the house of Portugall, etc.* London, 1600. (Historia da união do reino de Portugal á corôa de Castella, etc.)

598) HISTORY (A) OF PORTUGAL. London, 12.º (Historia de Portugal.)

599) HISTORY *of the discovery and conquest of India by the Portuguese.* London, 1695. (Historia da descoberta e conquista da India pelos portuguezes).

600) HISTORY *of Spain and Portugal.* London, 1854. (Historia de Hespanha e de Portugal.)

601) HISTORY (THE) *of Spain and Portugal. From B. C. 1000. A. D.* 1814. London, 1833. (Historia de Hespanha e Portugal desde o anno 1000 antes de Christo até o de 1814 depois de Christo).

602) HISTORY (THE) *of Azores or Western Islands.* London, 1813. (Historia dos Açores ou Ilhas Occidentaes).

«Quem diria que um subdito inglez escolhesse a época não só de uma profunda paz, mas a da mais stricta e intima alliança, que jámais existiu entre Portugal e Inglaterra, para aconselhar o governo inglez a empolgar as ilhas dos Açores aos portuguezes?» [1]

603) HOCHSTTETER (FERDINAND DE). Geologo e viajante allemão. Nasceu em Esslingen em abril de 1829.[2]

E.—*Madeira.* Vienna, 1861.

604) HODJES (Colonel).

E.—*Narrative of the expedition of Portugal in 1832 under the orders of his imperial majesty Don Pedro duke of Bragança.* London, 1833. (Narração da expedição de D. Pedro, etc.)

605) HŒFER.

E.—*Cap de Bonne Esperance, Congo, Mozambique, Azores, Madere, Cap Vert.*

Todas estas monographias apparecem na collecção intitulada *Univers Pittoresque.*

606) HOFFMANNS (M. DE).

E. I.—*Cause célèbre du droit des gens. Le marquis de Pombal et l'Angleterre, Episode de la guerre de sept ans. Publiée par* —. Paris, 1840.

II. *Memoire de Leibnitz à Louis XIV sur la conquête de l'Egypte, publié avec une préface et des notes.* Paris, 1840.

«A opinião, que este illustre sabio fazia de el-rei D. Manuel, é tão importante para a nossa historia exterior, que me parece opportuno transcrever aqui algumas passagens d'esta interessante *Memoria.* A pag. 18 diz elle a Luis XIV: Castella acabava de se unir ao Aragão, e os Sarracenos erão por fim expulsos de Hespanha. O talento de Ximenes concebeu o projecto de uma estreita alliança entre os mais sabios reis do seu tempo, e conseguiu executal-o. Digo os mais sabios, porque se póde com justiça segurar, que cada um d'elles tinha lançado os fundamentos d'uma nação poderosa; eram estes D. Fernando, rei de Castella e Aragão, Manuel, rei de Portugal, e Henrique VII rei de Inglaterra. A opinião de se apossar do Egypto, tomando primeiramente Alexandria, celebre pelo seu porto, foi adoptada pelo conselho. E esta opinião do cardeal foi adoptada pelos reis alliados. Tenho d'isto uma prova nas cartas d'el-rei D. Manuel dirigidas ao celebre cardeal, que me surprehenderam quando li a vida do cardeal. Citarei (continúa Leibnitz) só duas passagens. *Quanto ao que me dizeis do que se deve obrar n'esta guerra,* vós fallaes de um modo tão habil, e arranjaes as coisas com tanta força e energia, que parece que vós nunca tratastes de outra materia....

[1] *Investigador Portuguez* em Inglaterra, vol 6.º pag. 161.

[2] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains,* pag. 903.

«No que diz respeito á expedição de Alexandria, sobre a qual vós discorreis sabiamente, pareceu-nos uma excellente empresa, cujo successo será mui vantajoso. Não nos esqueceremos, que é a vós que deveremos as vantagens e proveitos. Segundo a opinião dos homens instruidos, coisa alguma será tão facil, se todavia vos encarregardes de a dirigir. Parece-me opportuno dizer-vos que segundo a relação trazida por um navio, que tocou em Rhodes, esta nos vem confirmar na opinião, em que estamos, da facilidade do successo, e de tal sorte que dariamos desde já ordem de tental-o, se a expedição de que nos occupamos, nos não tivesse impedido; *mas virá tempo em que nos possamos occupar exclusivamente d'este assumpto.*»

Leibnitz accrescenta: «Taes são as expressões d'este illustre rei, o qual em outra parte dizia: Que durante o ataque do Egypto pelo Mediterraneo, uma segunda esquadra effectuaria um desembarque no Mar Roxo.» Mas todos estes projectos se desvaneceram pela morte d'el-rei Fernando Catholico, e a Hespanha convertendo-se em uma provincia d'Austria a rivalidade de duas poderosas casas produziu uma multiplicidade de projectos differentes, e Ximenes deixando-se influir pelos conselhos de Vianelli, atacou a Africa, apossou-se de Oran.»

Visconde de Santarem — *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com diversas potencias do mundo;* vol. 2.°, pag. 404.

607) **HOFFMANSEGG (JOÃO CENTURIO, Conde de) Naturalista allemão.**

Nasceu em Dresde a 23 de maio de 1766, e falleceu na mesma cidade a 13 de dezembro de 1849. Estudou em Leipzig e em Gœttingue, e residiu por alguns annos em Portugal. Aqui descobriu algumas centenas de especies de plantas até então desconhecidas, e um grande numero de insectos raros. Em reconhecimento dos serviços prestados por elle á botanica, Cavanilles deu o nome de *Hoffmanseggia* a um genero de plantas da America Austral. [1]

E.—*Flore Portugaise ou Description de toutes les plantes, qui croissent naturellement en Portugal avec figures coloriées, cinq planches de terminalogie et une carte par J. C., comte de Hoffmansegg, ancien officier aux gardes du corps de sa majesté le roi de Saxe et H. F. Link, professeur de botanique et de chimie à l'Université de Rostock.* A Berlin, de l'imprimerie de Charles Frederic. Amelang, 1809. 2 vol. de folio maximo, sendo o primeiro de texto com 388 paginas, e contendo o segundo 60 estampas. [2]

«Charles l'Ecluse, [3] observador muito penetrante, tinha, pelo amor ás plantas, percorrido algumas provincias d'este paiz, notando suas notabilidades com toda a exactidão que n'aquella época admittia o estado da sciencia. Grisley, que viveu em Portugal no meio do seculo XVII, apesar de infatigavel em suas pesquisas, apenas nos tinha transmittido nomes. As plantas alli conhecidas por

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 14.°, pag. 902.

[2] Esta obra é dedicada á rainha da Prussia.

[3] A descripção d'esta viagem foi composta por Link. V. este nome.

Tournefort e Antoine Jussieu estavam escondidas nos herbarios; apenas um pequeno numero tirado do esquecimento achava-se descripto na *Encyclopedica Methodica*. Vandelli tinha publicado bem poucas obras, mas essas mesmas não isentas de erros. Parece, pois, valer a pena ir examinar um paiz encantador, ao qual o clima mais suave prodigalisou tantos dons, e occuparmonos finalmente da *Flora* de um tão bello paiz europeu. O conde, ao voltar para Allemanha, sua patria, crendo que o numero de objectos para serem examinados exigia mais de um observador, associou-se com Frederico Henrique Link, professor de botanica e de chimica na universidade de Rostock. Tambem não hesitou em encarregar-se de todas as despesas, por mais consideraveis que fossem. Forneceu-se para este fim de livros escolhidos, de um herbario de plantas septentrionaes, de varios instrumentos, n'uma palavra, de quanto pareceu necessario para estudar, mesmo durante a viagem, o que merecesse fixar a attenção.

«Bem preparados d'esta sorte deixámos a Allemanha em 1797, e chegámos a Portugal na primavera de 1798. Um reconhecimento bem devido chama á nossa lembrança os famosos sabios, que n'esta viagem tiveram a bondade de nos auxiliarem em nossos estudos com uma benevolencia illimitada, principalmente Antoine Laurent de Jussieu, debaixo de cujos auspicios admiramos as riquesas do Jardim das Plantas; René Desfontaines, que nos mostrou sem reserva os vegetaes por elle recolhidos na Berberia, região cujas producções são muito analogas ás de Portugal: finalmente Joseph Canavilles, de quem recebemos o generoso presente de um grande numero de plantas escolhidas da Hespanha.

«Os floridos arrabaldes de Lisboa foram os primeiros a fixar nossas vistas. Alli com surpresa encontravamos ora collinas atapetadas de uma brilhante verdura, abundantes em vegetaes da maior bellesa e raridade, ora planicies areentas, com brilhante verdura, revestidas, até a vista se perder, de arbustos e plantas proprias das charnecas, variadas ao mesmo tempo por diversas especies de cistos. Mal podiamos dar credito a nossos olhos quando descobriamos tantas plantas incognitas, e rodeadas de algumas mouriscas, a ponto de nos parecer estarmos vendo a *Flora* de Berberia, emigrada para a Europa. Ao norte erguem-se em torno de Cintra elevadas montanhas formadas de rochas, onde entre as plantas septentrionaes se encontram algumas das Canarias. Para o Sul a serra chamada da Arrabida suspende sobre o Oceano seus pincaros ornados de soberbas orchideas.[1] Depois de termos observado estes objectos, fomos visitar as provincias boreaes do reino. A estrada conduziu-nos successivamente ás Caldas da Rainha, Leiria, Alcobaça e Coimbra. N'esta ultima ci-

[1] «*Orchideae plantae*, familia de plantas que tem grande analogia com o genero *orchis*; é uma ordem dos fragmentos do *Methodo Natural* de Linneo. As raizes da maior parte das plantas d'esta familia são compostas de uma ou mais producções carnudas, guarnecidas de radiculas fibrosas: algumas são inteiramente fibrosas; a todas comtudo se tem dado o nome de bolbos, mas na verdade bem vagamente.» Brotero. *Compendio de Botanica*, vol. 2.º, pag. 231.

dade tivemos a fortuna de travar conhecimento com o celebre professor de botanica Felix de Avellar Brotero, e bem depressa uma estreita amisade nos uniu a este amavel sabio. Ficou sendo o companheiro de nossas digressões, e foi elle quem nos guiou em nossas indagações até os recantos mais occultos do valle delicioso que rega o Mondego, frequentemente cantado pelos poetas, e realmente merecedor dos elogios que lhe prodigalisaram.

«Foi mister, todavia, deixar nosso amigo com o fim de avançarmos para a cidade do Porto, onde as margens do Douro nos fórneceram um grande numero de plantas, cujos grãos sem duvida são trazidos da Hespanha pelas innundações das aguas d'este rio. Atravessamos em seguida as provincias de Entre-Douro e Minho até ao cume das montanhas da serra de Gerez, que tocando na Galliza, constitue por este lado a fronteira de Hespanha. A Europa meridional apenas possue um sitio, que possa ser comparado a este encantador local. Os campos recebem a sombra dos bosques não interrompidos de castanheiros e soutos. A vinha entrelaçada no arvoredo marinha com um vôo pouco vulgar até seu cume, e na fórma de grinaldas torna a cair de um modo pittoresco. Meio escondidas pela folhagem enxergam-se dispersas por aqui e por acolá as casas campestres dos habitantes d'esta Arcadia, onde vos acolhem com uma franca alegria. Este *Tempe Lusitano* é regado pelas murmurantes ribeiras com uma frescura admiravel, que caindo das escarpadas montanhas como pequenas cascatas, e correndo em leitos de um musgo sempre verdejante refrescam este solo aquecido por um sol bem activo. Chegando ao cume d'estas alturas sois detidos pelos rochedos a pique: immensos precipicios obstam a que o viajante passe além, e perturbe o covil da cabra monteza, cuja pista está calcando.

«Deixando com saudades estes romanticos sitios, dirigimo-nos para a cordilheira de montanhas chamada Serra de Marão, e descemos para o profundo valle do Douro, abrasador no verão, onde jaz situada Peso da Regua, cujos arredores produzem a primeira qualidade d'esse vinho espirituoso, que toma seu nome da cidade do Porto, por embarcar n'ella. Depois de termos subido ás planicies oppostas, tornou-se-nos indispensavel galgar as montanhas mais altas de todo Portugal, chamadas pelos antigos romanos *Herminium*, e ás quaes hoje se dá o nome de Serra da Estrella. O estio muito rispido d'este anno tinha derretido alli toda a neve, que n'outras occasiões é permanente. Mas por fim o ardor do sol tendo queimado todos os campos, nada nos restava senão voltar para Lisboa, onde chegámos em agosto de 1798.

«A primavera seguinte convidou-nos a deixar esta capital uma segunda vez, para continuarmos nossas pesquizas pelo Alemtejo. Depois de atravessarmos tristes e melancolicas campinas, cujo solo areioso apenas está coberto por tojos e urzes, ganhámos as montanhas, que a separam do Algarve, chamadas no paiz Serra de Monchique. Mas no alto d'ellas, em volta da villa do mesmo nome, mudando repentinamente a scena, ficámos surprehendidos de ver de repente brilharem, como por encanto, os jardins odoriferos das Hesperides no meio de soutos guarnecidos de loureiro rosa.

«Depois d'isto, tendo empregado a primavera de 1799 em atravessar o Al-

garve em toda sua largura desde o cabo de S. Vicente até ao Guadiana, seguindo a costa ornada de lindas plantas bulbosas, voltámos para Lisboa pelos caminhos de Mertola, Serpa e cidade de Evora.

«O professor Link, chamado em virtude de seus deveres pelo cargo que exercia, não poude por mais tempo deter-se em Portugal. Voltou para Rostock pela via de Inglaterra, e em Londres comparou as plantas portuguezas com o herbario do cavalheiro Joseph Banks.

«Comtudo o conde de Hoffmansegg, podendo dispor do seu tempo, e desejoso de levar sua empresa ao maior grau de perfeição, ficou em Portugal, onde se dispunha para outras novas digressões. Dirigiu-se no verão de 1799 para a Serra de Montejunto, examinou as nascentes salgadas perto de Rio Maior, transportou-se para Santarem, passou o Tejo, e chegou a Portalegre e Marvão, onde vastos soutos offereceram debaixo de seu abrigo deliciosos passeios. Tornando a passar depois o mesmo rio um pouco mais acima, achou-se em perigo nas aridas campinas antes de Castello Branco, onde as matas de estevas, das quaes toda a campina se acha coberta dão pela sua côr cinzenta a todo o horisonte uma physionomia triste e melancolica. Estes horriveis desertos operaram em mim uma impressão tão sinistra, que me apressei a voltar para Lisboa.

«O conde de Hoffmansegg durante o mesmo verão reuniu-se a um joven amador com o fim de fazerem uma digressão ao Algarve, especialmente para completar a collecção das plantas das fertilissimas e risonhas visinhanças de Tavira, que offereceram algumas lindas descobertas.»

«Tornou a sair de Lisboa o conde em dezembro de 1799 para as partes septentrionaes do reino. O primeiro objecto, que lhe prendeu a attenção, foi o vasto pinheiral perto da Marinha Grande. Visitou depois o convento do Bussaco [1] e muitos outros logares, retirando-se depois para Lisboa, e d'aqui para Hamburgo em 1801.»

[1] «O convento está situado ao lado septentrional de uma elevada serra que tem em altura quasi a de Cintra: o mar fica na distancia de cinco leguas quasi em linha recta. O espaço de perto de uma legua de circumferencia é rodeado de muros, contendo uma espessa mata, horta e campos cultivados. As arvores de sombra são o loureiro silvestre (*viburnum tinus*), o azevinho (*ilex aquifollium*), o medronheiro (*arbustus unedo*) e algumas outras especies. O arvoredo alto compõe-se de carvalhos, pinheiros bravos, e cedro de Goa. Esta bella arvore foi trazida de Goa para aqui, ha mais de duzentos annos. Vêem-se ainda as primeiras arvores que se plantaram, e d'esta mata sahiram originariamente quantos se observam no reino e talvez na Europa. O pincaro da serra dista mais de meia legua do convento. Disfructa-se alli um dilatado horisonte até ao mar, e nos arredores nada mais se enxerga, exceptuando ao norte a Serra do Caramulo, e ao nordeste a da Estrella. O viver dos frades é muito rigoroso. Algumas horas do dia e da noite não consagradas á oração, e a cantar no côro. Jámais comem carne, e não lhes é permittido fallar senão de quinze em quinze dias de tarde no passeio. Só o prior ou padre hospedeiro (que é o encarregado de receber os estrangeiros) está exceptuado d'esta regra podendo conversar com elles. Indemnisou-se amplamente do silencio, que fôra obrigado a guardar, por haver muito tempo que não via estranhos, fallou continuamente, cousa bem desculpavel. Os terrores da religião desapparecem bem depressa n'estes con-

do seculo XVIII pelo conde da Ericeira.[1] Esta villa tem uma numerosa população, apesar de não ser nem tão bonita, nem tão consideravel, como era para esperar. Comtudo esta situação é bem escolhida para manufacturas de pannos. A Serra da Estrella serve em toda a sua extensão para pastagem de carneiros, e sustenta quasi todos os do reino. Estas montanhas são muito povoadas, porém os meios de subsistencia são quasi nullos, por causa da aridez do solo, e do rigor do clima. A serra dá nascimento a muito menos ribeiros que o Geres; e se estes ribeiros se convertem em grandes rios, ella com isso nada lucra.

«Um caminho pedregoso, que atravessa sitios tristes e desertos, conduz a Manteigas, situada a tres leguas da Covilhã, na margem esquerda do Zezere. D'aqui vimos os cumes da Serra da Estrella cobertos de neve. A aldeia de Sabugueiro fica na distancia de duas leguas. Sobe-se primeiramente para oeste, depois atrevessa-se uma mata de carvalhos, e chega-se a Sabugueiro por terras agrestes e cobertas de rochedos. Apesar de estarmos na primavera n'estas montanhas, os arredores da aldeia, nem por isso eram mais amenos que em a nossa primeira viagem no mez de julho. Fomos acolhidos pelos habitantes com polidez egual; mas a miseria reina na aldeia. As mulheres e creanças andavam cobertas de farrapos e pediam esmola. Um inverno longo e rigoroso era sem duvida a causa de sua penuria. Não teem algum outro meio de subsistencia senão seus rebanhos, mas vêem-se obrigados a mandal-os durante cinco mezes do anno para o Alemtejo, e a carestia das pastagens bem como as despesas da viagem quasi que absorvem o valor da lã. Não lhes resta outro rendimento mais que o queijo e a carne, dois artigos bem modicos em comparação de tantos generos que são obrigados a comprar com dinheiro á vista. Trepam com perigo de sua vida pelos rochedos á procura da raiz de genciana para ir vender á botica.

«A 31 de maio ainda havia neve a alguma distancia de Sabugueiro, comtudo não obstava a que se chegasse ás duas lagoas — Lagoa Redonda e Longa. N'alguns sitios fomos obrigados a passar por cima da neve, que estava coberta de uma camada de gelo espessa a ponto de nos sustentar em cima. Ha comtudo perigo, quando a neve está amontoada, e se fórma uma tal camada. As duas lagoas, cujas aguas tranquillas reflectiam sobre os rochedos cobertos de neve, offereciam um aspecto que deve espantar em Portugal. A neve, que se confunde algumas vezes com a verdura dos prados, trouxe-nos á lembrança os Alpes. A temperatura, que é quente no Sabugueiro, era n'este sitio de uma frescura agradavel. Vimos florescerem tres sortes de narcisos nos prados, os quaes muitas vezes abriam caminho por entre a neve, cuja espessura nos impediu de irmos de Lagoa Longa á Lagoa Escura. Comtudo a neve nunca permanece por tanto tempo n'estas montanhas: a grande quantidade cahida era um phenomeno tão extraordinario, que os mais velhos não se lembravam de terem visto tal. D'este phenomeno eram causa os invernos rigorosos de 1798, e de 1779 a

[1] As fabricas da Covilhã produzem annualmente mais de vinte mil pannos, o capital fixo é superior a mil contos, e estão empregados n'ellas seis a sete mil operarios. Sr. Joaquim Henrique Fradesso da Silveira—*As fabricas da Covilhã*—Lisboa, 1863.

1800. No inverno e na primavera a Lagoa Escura descarrega suas aguas na Lagoa Longa, e ambas estas se lançam no meio de varias correntes no rio Alva. Estas tres lagoas formam-se de nascentes e do derretimento das neves, e trasbordam apenas a agua está ao nivel das margens. Não possuem nenhuma das propriedades milagrosas que lhes attribuem varios viajantes.

«O conde, desejando passar alguns dias n'estas montanhas, tinha para esse fim mandado vir de Coimbra uma barraca para a Covilhã. Escolheu para a assentar um prado, que se encontra ao pé de grandes grupos de rochedos. São dois, um chamado Cimadouro dos Cães, e o outro Cantaro Delgado, separados por um estreito valle. O prado tem o nome de Albergaria. Para alli chegar vimo-nos obrigados a recuar para Manteigas. Segue-se o curso do Zezere n'um valle rodeado de montanhas aridas e calvas, em cujas faldas os habitantes recolhem algum trigo á força de trabalho e de cuidados. A uma legua de Manteigas vê-se precipitar do alto das rochas o rio da Candieira, corrente impetuosa que fórma uma cascata de uma altura e de um volume consideraveis. Depois de termos trepado por alguns rochedos, chegámos ao pequeno prado de Albergaria, á base, e a éste d'essas massas de rochas. O Zezere sae debaixo da neve e serpenteia como um pequeno regato no prado. Está comtudo separado d'este montão de rochedos [1] por um outro prado chamado Argentaria, e por precipicios horrendos. Um d'estes rochedos, Cimadouro dos Cães, é espesso, e fórma varias agulhas: o outro, Cantaro Delgado, parece um cone agudo, até cujo cume, conforme o testemunho unanime dos habitantes ninguem trepou: consideram-no mesmo como inaccessivel. Atraz da primeira massa de rochas acha-se o valle Cavar das Vaccas, que remata n'uma montanha escarpada. O rio de Unhaes sae d'elle, e fórma varias cascatas; dirige-se para o sul com o fim de se juntar á aldeia de Unhaes, onde existem banhos quentes.»

O conde de Hoffmansegg esteve a ponto de perder a vida nos precipicios e neves da Serra da Estrella a 4 de junho de 1800. Suas palavras a este respeito são as seguintes:

«Resolvi visitar esta manhã o valle ao pé do Cantaro Delgado. Depois de ter subido durante algum tempo, seguindo o curso do Zezere, cheguei a um lindo prado chamado Covão de Metade, e que se parece alguma coisa com Albergaria. D'ahi a pouco tive o prazer de encontrar pela primeira vez em Portugal o narciso amarello, mui pouco estimado em nossos jardins, mas que é mais bello n'aquelle paiz. Cresce na encosta de uma collina coberta de rica verdura, e chamada pelos habitantes Malhada do Covão Cimeiro. O Covão Cimeiro é um pequeno prado em uma situação mais elevada, e ao qual não cheguei senão depois de ter subido com difficuldade por um rochedo escarpado. Ficava-nos o rio á esquerda, e do lado opposto erguia-se o Cimadouro dos Cães, e á direita, a pouca distancia, o Cantaro Delgado. O prado achava-se ainda revestido de neve em alguns sitios, mas ella começava a derreter-se, e

[1] No *Panorama* de 1841, a pag. 37 e seguintes encontra-se uma excellente e minuciosa descripção da Serra da Estrella.

por entre elle abriam caminho duas especies de narcisos. O valle estava rodeado por todas as partes de precipicios e de rochedos a pico: á direita e ao norte os rochedos se elevavam perpendicularmente, e formavam diversas subidas até Cantaro Gordo, grupo de rochedos, que se assimilha ao Cantaro Delgado, porém mais consideravel e afastado d'este em linha recta, um quarto de legua. Os precipicios estavam cheios de neve que o vento tinha aglomerado, e que derretendo-se na sua base, formava diversos arroios. Muitas vezes os precipicios se ajuntavam de sorte que formavam pequenos valles cobertos de neve; esta era tão dura, que depois de ter hesitado um momento, resolvi atravessal-a. Minha tenção era dirigir-me para a cumiada mais elevada das montanhas, já minha conhecida pelas minhas precedentes viagens: estava curioso de ver qual o effeito produzido alli pela neve, e se sua quantidade era consideravel, o que mal podia acreditar, comparando-o com o estado em que então o vi, ainda que a borda superior estivesse coberta de uma neve muito espessa. Depois de ter trepado com as maiores difficuldades, e durante algumas horas, os rochedos a pique, cheguei á borda superior; porém era tão elevado, e principalmente tão escarpado, que foi com o maior perigo, que eu me arrisquei a subir por elle. Tornei a descer alguma coisa, e atravessei um valle de neve da largura de cincoenta passos. Cheguei depois á extremidade dos rochedos aridos, e finalmente á corôa mais elevada, cujas agulhas teem quasi a altura das dos Cantaros. O tempo estava secco e suave; mas o vento do éste, que traz sempre o bom tempo para estes sitios, tinha virado para sudoeste, e o céo cobriu-se de nuvens e de um nevoeiro espesso, que se espalhava já sobre a Argenteira. Tinha ouvido dizer que um nevoeiro repentino cobre estas montanhas, e se tornava perigoso para um viajante, comtudo não esperava achar confirmada esta verdade tão promptamente. Depois de ter transposto alguns montões de neve, vi que a cumiada superior estava completamente coberta por ella; e até ao mais elevado cume, chamado Malhão da Serra atravessei uma extensão de mais de dois mil passos por cima da neve, que tinha de tres a nove pés de espessura. O Malhão estava talvez cercado, durante mais de meia legua, de uma egual camada, pois nada mais vi que céo e neve. Quando passei esta camada, na qual minha curiosidade foi amplamente satisfeita por esta triste monotonia de inverno, e que o nevoeiro cobria já uma parte do horisonte, julguei prudente retirar-me. Tinha tido tenção de rodear o Cantaro Delgado e o Cimadouro dos Cães pelo sul, e de penetrar pelo Covão das Vaccas e pela Argenteira até Albergaria. Abandonei este projecto, e diligenciei (o que julguei possivel) ganhar o avesso d'estas massas de rochas que me pareciam unirem-se áquellas que separavam nosso campo da Argenteira. Desde a borda da cumiada não vi com effeito senão um mediocre valle de neve a atravessar para alli chegar; por isso julguei devêl-o passar. Desde os primeiros instantes tive alguns receios: desci menos mal a borda da cumiada; depois fui detido por um monte de neve, cuja extremidade, que estava degelada, destacava-se das rochas, e apresentava pouca solidez. Dei um passo em falso, e escorreguei durante alguns minutos.

Logo em seguida commetti a imprudencia de saltar, ainda que sem peri-

go, sobre uma rocha que ficava adiante; o que punha um segundo obstaculo ao meu caminho, se não podesse ir mais longe pelo sitio que primeiramente tinha escolhido; e este obstaculo se apresentou immediatamente com grande descontentamento meu, porque o local em que se achava não offerecia sahida alguma. De todos os lados não avistei senão precipicios horrendos, e nenhuma possibilidade de firmar o pé com segurança. Apenas me restava uma unica sahida: um enorme monte de neve reinava até uma certa profundidade ao longo dos rochedos, porém a extremidade se tinha descoalhado, e mostrava uma fenda, cuja profundidade não me atrevi a medir. Tentei pôr alli o pé, porém a neve soltava-se por toda a parte, e estava contente de me retirar sem algum accidente. Bem depressa vi que nenhum outro meio me restava, senão de trepar de novo até ao plano superior, e d'alli ou tornar a tomar meu primeiro caminho, ou de tomar o lado opposto para Sabugueiro, onde não incorria em perigo, por serem as montanhas accessiveis n'esta direcção, e haver pouca neve. Foi preciso em primeiro logar trepar pelo rochedo escarpado, ao pé do qual me achei; porém minhas tentativas foram vãs: era perpendicular, excessivamente elevado e escorregadio, porque em nenhuma parte pude pousar o pé; diligenciei-o por diversas vezes, mas sempre inutilmente, e o medo dentro em pouco se assenhoreou de mim. Dizia comigo mesmo: Se eu não puder conseguir trepar pelo rochedo, e a noite e o nevoeiro, que me podem ser funestissimos, me surprehendem n'estes sitios? Qual de meus companheiros me podia procurar ou ouvir n'esta solidão? Á vista do exposto estava eu resolvido a fazer os mais desesperados ensaios para sair de minha cruel posição. Depois de alguns instantes de reflexões e de tentativas reiteradas, servi-me de todas as forças, que me restavam, e com um praser inexprimivel vi meus esforços coroados de um feliz successo, chegando ao cume d'este fatal rochedo. Comtudo ainda não estavam dominados todos os obstaculos; faltava-me ainda trepar pelo monte de neve: como se sabe, eu não tinha descido por elle, mas tinha-me deixado escorregar. Tentei trepar pelo rochedo que d'elle está proximo, porém era escarpado de mais, e se bem que o monte de neve o era egualmente, podia n'elle abrir buracos, e por elles subir, como por uma escada. É o que effectivamente se praticou: e foi só com a ajuda de pés e de mãos e de minha bengala, que consegui subir ao alto d'esta escada de neve. Eis-me pois chegado á planicie superior, e em estado da continuar minha jornada; já não era por prazer ou curiosidade, mas por ser o meio mais curto e o menos difficil que resolvi pôr em execução meu primeiro projecto, e tornear o Cantaro. A espessura do nevoeiro, que obstava a que distinguisse os objectos, me foi muito contraria: durante muito tempo caminhei ainda por cima de neve gelada. Com receio de tornar a cair no precipicio da esquerda, conservei-me do lado da altura meridional, e não era para admirar que me tivesse achado muito longe. Quando me julguei bastante afastado do rochedo escarpado do Covão das Vaccas, pareceu-me ser tempo de deixar a neve. Desci da serra ao acaso, e, como o vim a saber mais tarde, tinha tomado uma boa direcção: enganava-me todavia a respeito de um unico valle, porquanto em vez de descer para aquelle que conduz da Argenteira a Unhaes, tomei um outro

mais estreito e menos accessivel a oeste do primeiro. Bem vi que estava alli ao abrigo da neve e dos precipicios; porém rodeiavam-me altas serras sem o mais pequeno vestigio de caminho. Notei que me tinha dirigido de mais para a direita; foi sómente depois de ter trepado por uma montanha á direita, que avistei ao longe uma aldeia que reconheci ser Unhaes, e conheci achar-me n'um valle desconhecido. Era tarde de mais, porém a necessidade e a certeza de ter escapado de um perigo imminente reanimaram minha coragem: resolvi descer para o valle até á aldeia, não obstante sua distancia, e andar até encontrar homens. A montanha era alta e alcantilada; mato e calhaus enormes a tornavam muito difficil. Consegui todavia descêl-a, e a alguns passos da aldeia encontrei um camponez que me informou que não tinha mais que passar o ribeiro de Unhaes sobre uma ponte visinha, e subir o valle á direita, para chegar á Argenteira, cuja distancia não passava de uma legua. O sol estava quasi a esconder-se, e apressei-me a ganhar o valle, porém não pude andar muito ligeiramente, porque desde as 7 horas da manhã tinha andado, ou para melhor dizer, trepado, sem tomar a mais leve comida. Tinha ainda que trepar a um rochedo para chegar á Argenteira, quando subitamente o nevoeiro se condensou, me roubou a claridade do dia. Continuei minha jornada do melhor modo que poude; avistei um prado, e julguei-me já restituido á minha barraca; atravessei-o, porém pareceu-me menos consideravel, e ouvi o sussurro de uma cascata, proxima de mais para poder ser o Argenteira. Quando cheguei ao cabo d'este prado, conheci que me tinha enganado. Vi tornarem a apparecer elevadas serras, e brilhar a neve ao crepusculo: dentro em pouco fiquei convencido de ter alcançado a extremidade do Covão das Vaccas. Nenhum outro remedio me ficou, senão o de voltar para traz, e de procurar o bom caminho. No emtanto tinha chegado a noite; e se a lua não espalhasse alguma luz, não obstante a espessura do nevoeiro, que descarregava em chuva muito fina, ter-me-hia visto obrigado a ficar no sitio onde me achava; porém esperava sempre chegar ao nosso campo, e tornei a descer a serra. Dentro em pouco descobri um prado, que julguei ser o Argenteira; porém era o mesmo que tinha visto no principio. Já não era possivel orientar-me. Finalmente perdi toda a esperança de atinar com meu caminho, e resolvi chegar-me a um pastor que eu tinha visto guiando uma manada de bois, quando subi a serra. No mesmo instante dissipou-se o nevoeiro alguma coisa, e me deixou observar uma montanha escalvada, que eu tinha já visto depois da Argenteira, e ao longe vi o rochedo, que separa do nosso. Pude então orientar-me, e subi immediatamente para Argenteira, onde cheguei pouco depois. Reconheci-o pelo silencio que alli reinava, pelo seu grande comprimento, pouca largura, e por varios ribeirinhos, de que era regado. Faltava-me ainda subir este ultimo rochedo; fazia muito escuro; e estava já entre as nove e dez horas da noite: havia perto de quinze horas que eu andava, e estava de tal fórma fatigado, que a cada instante me via obrigado a descançar, e a fazer esforços para não dormir. O desejo de abreviar minha jornada pela linha mais recta foi a causa de deixar de seguir o atalho mui pouco frequentado, que custa a reconhecer mesmo no alto dia. Tinha-me aproximado de mais

das serras elevadas, e cheguei a um grupo de rochedos e de mato. Ouvi chamar ao longe, e respondi immediatamente com toda a força da minha voz. A proximidade de um ente vivo deu-me novas forças, e avancei o mais expeditamente possivel, ouvindo sempre a mesma voz. Esta aproximou-se, e reconheci um velho pegureiro, que me tinha servido de guia; bem de pressa se achou perto de mim. Tinha havido grande cuidado com minha ausencia; e, quando ouviu onde eu tinha ido, calculou tão bem o caminho que eu devia seguir, que sahiu ao meu encontro. A certeza de chegar dentro em pouco ao cabo de minha penosa excursão reanimou minha coragem. Arrastamo-nos vagarosamente por entre o mato, pois era impossivel andar. O velho guardador de gado não poude reconhecer o atalho, e chegámos ao nosso campo, do qual avistámos as fogueiras, ao longe, por um caminho inteiramente opposto. Foi inexplicavel meu prazer ao achar-me no meio de meus companheiros, e o leite que bebi restabeleceu-me completamente. Julguei poder dormir bem, mas os esforços tinham sido excessivamente violentos; tive um somno inquieto e agitado por sonhos medonhos. Por espaço de alguns dias senti dores muito agudas em todos os membros.»

Este artigo foi excessivamente longo, mas a um estrangeiro que dispendeu 36 contos de réis n'uma publicação respectiva a Portugal, e que n'este paiz esteve em perigo de perder a vida, deve-se um tributo de gratidão.[1]

608) HOLLAND (Lord).

«Dos cinco benemeritos inglezes, cujos nomes temos de commemorar, notaveis alguns quer pelas qualidades de sangue, e riqueza, quer por elevadas funcções exercidas na hierarchia civil, dignos todos de respeito por dotes de engenho e sciencia, e que em nossos dias demonstraram mais apaixonada predilecção pela litteratura portugueza, como que sagrando-lhe uma especie de culto, ou convertendo-a em objecto de seus particulares estudos, cabe o primeiro logar, segundo a ordem chronologica a lord Holland.

«Herdeiro e representante de uma familia distincta da Grã Bretanha, elevada ao pariato por Jorge III em 1762 Henrique Ricardo Vassall Fox, terceiro lord Holland, nasceu, segundo se diz, em 1773. A sua educação foi esmerada, e propria para desenvolver seu talento e natural propensão para os estudos. Sobrinho do eminente orador e ministro Carlos Fox, e como elle, devotado membro e servido do partido *whig*, cedo começou a occupar-se das cousas publicas da sua patria, tomando assento nas cadeiras do parlamento. Ahi professou e defendeu as idéas e principios do tio, cujo collega veiu a ser no gabinete durante o curto intervallo em que aquelle celebre estadista se viu por segunda vez collocado á frente dos negocios como primeiro ministro em 1806.

«Ao cabo de vinte e seis annos, no de 1832, tocou-lhe ser ainda chamado

[1] A *Flore Portugaise* é muito rara em Portugal, e em todo o paiz talvez se não encontre meia duzia de exemplares. A Bibliotheca Nacional de Lisboa comprou em 1873 um exemplar pela quantia de 148$500 réis. Porém as viagens de Link, principalmente a versão em inglez, são vulgares.

ao serviço no importante cargo de chanceller do ducado de Lancastre, por occasião da subida ao poder do ministerio Grey-Melbourne. Porém as lides politicas e os debates da tribuna jámais tomaram sobre o seu espirito preponderancia tal que por ellas se esquecesse do cultivo das lettras, sobre tudo estudos philologicos, que amava apaixonadamente.

«Havendo passado em Hespanha, e crêmos que em Portugal, uma parte da sua juventude, obtivera dos idiomas de ambos os paizes conhecimento bastante para entender os seus escriptores e poetas; e para apreciar nos originaes de cada um as bellezas e defeitos. Na sua escolhida e numerosa livraria, avultavam em grande copia os livros hespanhoes e portuguezes, ditos *classicos*. Como fructo dos conhecimentos philologicos adquiridos no estudo da litteratura peninsular, escreveu e publicou em Londres (1805) umas Memorias para a vida de Lopo de Vega, ás quaes addicionou, reimprimindo-as em 1817, em dois volumes, outras ácerca de Guilhen de Castro.

«No periodo de 1828 a 1833 advogou calorosamente por mais de uma vez no parlamento britannico a causa liberal portugueza, e os direitos da rainha, e houve-se com a costumada generosidade para muitos dos portuguezes alli refugiados. Seu caracter affavel, instrucção e franca amenidade de trato faziam a sua sociedade uma das mais agradaveis e instructivas, não só do seu paiz, mas da Europa. Falleceu em 1840.

«Ignoramos o destino que tivesse, onde pára hoje a rica livraria de lord Holland. Entre os seus classicos portuguezes de maior estimação contava-se um exemplar da primeira edição dos *Lusiadas* (1572). D. José Maria de Sousa, morgado de Matheus, que o teve presente para a esplendida edição, que do mesmo poema fez em 1817, a elle se refere em mais de um passo com circumstancias que lhe realçavam o valor » [1]

609) HOLLAND (JAMES).

E.—*The tourist in Portugal illustrated from paitings*. London, 1839. (O viajante em Portugal, illustrado, etc.)

610) HORNBEEK.

E.—*De conversione Indorum et Gentilium*. Amsterdam, 1669, 4.º (Da conversão dos indios e dos gentios).

611) HOSTEIN (HYPPOLITE). Litterato francez.

Nasceu em Paris no anno de 1814. [2]

E. de sociedade com M. F. Taigny um drama intitulado — *L'Hotellerie de Lisbonne*. Paris, 1836.

612) H. S.

E.—*Aperçu geographique sur le Portugal pour faire suite au Résumé des principaux evènements arrivés dans ce royaume en* 1827 *et* 1829. Paris, 1827.

[1] *Diccionario Bibliographico.*
[2] Vapereau. *Dictionnaire des Contemporains*, pag 916.

613) H. S.

E.—*Cave of Camoens in Macau: notices of his life and works, especialy of his Lusiad.* (Gruta de Camões em Macau, noticias de sua vida, obras, e principalmente dos *Lusiadas*). No *Chinese Ropository*, vol. 8.º Março de 1840.

614) HUBNER (EMILIO). Um dos mais notaveis epigraphistas da actuadade.

E.—I. *Inscriptiones Hispaniæ Latinæ consiliis et auctoritate Academiæ Litterarum Regiæ Berussicæ edidit Aemilius Hubner. Adjectæ sunt tabulæ geographicæ duæ. Berolini apud Georgium Reimerum*, 1869, fol. (Inscripções latinas da Hespanha publicadas por conselho e auctoridade da Real Academia das Lettras da Prussia, etc.) Obra verdadeiramente monumental.

II. *Auszug aus dem Monatsberich der Konigl Akademie der Wissenschaften zu Berlin.* 8.º

N'esta segunda obra, *Actas da Academia de Berlin*, é que vem o relatorio da viagem de Hubner a Portugal, sendo este o trabalho que foi mandado verter em portuguez pela nossa Academia das Sciencias, e não o que vem no *Corpus Inscriptionum*, obra não menos digna de ser traduzida, principalmente no que mais nos interessa, o que vem ácerca de Portugal.

Até pag. 26 das *Inscripções latinas* trata o auctor n'um prefacio dos escriptores tanto hespanhoes como portuguezes consultados para este trabalho. Principiam depois as inscripções da Lusitania, ás quaes se seguem as de Hespanha, e termina o livro com a lista das inscripções julgadas falsas por Hubner.

Manda a justiça que se diga que tanto o corpo das inscripções romanas como o relatorio são obras muito apreciaveis.

É porém licito fazer algumas reflexões ácerca do *Relatorio.*

Foi Hubner encarregado pela Academia de Berlin de lhe apresentar um relatorio completo de quanto existe em Portugal do tempo dos romanos, ou só do que se encontra de mais interessante d'aquella época? Na primeira hypothese manda tambem a justiça que se diga, o relatorio é mui deficiente, e para prova eis as palavras do auctor viajante ao fallar das proximidades de Ourique: «Quem não poupar tempo e fadiga investigando todos os logarejos d'esta região, que as febres e o despovoamento fazem muito pouco hospitaleiras, ha de, com certeza, encontrar ainda um numero importante de monumentos romanos, e de época anterior ao dominio romano.» (*Noticias Archeologicae*, pag. 36.)

Na obra publicada, ha poucos annos, com o titulo de *Annaes do municipio de S. Thiago de Cacem* (pag. 2) pelo sr. padre Antonio de Macedo e Silva encontramos a descripção e copia de seis inscripções romanas existentes n'aquella villa, começando cada uma d'ellas pelas palavras seguintes: 1.ª, *Marti Sacrum.*—2.ª, *J. Scribonio.*—3.ª, *G. Pagusico.*—4.ª, *Pagusicæ.*—5.ª, *Veneri Victrici.*—6.ª, *Æsculapio Deo.*

De todas estas Hubner apenas menciona quatro, não dizendo palavra tanto da 2.ª como da 6.ª

Se porém o sr. Hubner foi encarregado de apresentar um relatorio só do que ha de mais interessante d'este povo, ainda assim parece-me que não preenche o fim desejado. Por toda a parte se encontram ruinas, monumentos, lapides e vestigios do povo rei em Portugal.

Tudo isto confirma que o corpo das inscripções romanas não abrange tudo quanto existe em Portugal n'este genero. Hubner procurou apenas as terras principaes, para as quaes havia meios de transporte facillimo. Esteve em Lisboa, Porto, Braga, Evora, e pouco mais, mas não dirigiu seus passos áquellas povoações, para as quaes a jornada se tornava algum tanto mais penosa, ou a vida menos commoda. Creio mesmo que Hubner não faz menção d'uma unica inscripção que não fosse já conhecida dos portuguezes; mas o que é mais, menciona como existentes dois cipos romanos á entrada da egreja de Santa Maria de Alcaçova em Santarem, cipos que havia já alguns annos tinham desapparecido, quando o referido escriptor esteve em Portugal. Parece que a Academia de Berlin lhe deveria agradecer um passeio até Villa Viçosa, com o fim de estudar e decidir tantas duvidas existentes na interpretação das lapides dedicadas ao deus Endovelico, e a respeito das quaes confessa que havendo tres monographias compostas por portuguezes e estrangeiros, nada se tem apurado digno de menção ácerca da significação do nome do deus.

E' tambem de admirar que para composição da sua obra se servisse da 2.ª edição do livro *Fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, por Luiz Marinho de Azevedo*, quando lhe não era difficil guiar-se pela primeira edição.

Eu creio que em nenhum tempo saiu dos prelos portuguezes uma obra mais horrivelmente deturpada do que a referida 2.ª edição. É mesmo um livro completamente inutilisado. Sua opinião relativa á antiga Eminium (opinião que ainda assim tinha sido antecedentemente manifesiada por um portuguez) não poude ser acceite pelos nossos litteratos.

Infelizmente, nós os portuguezes não possuimos ainda um trabalho completo a este respeito. Mais claro — não temos um corpo completo das inscripções romanas existentes em Portugal — nem um guia, uma resenha, um livro qualquer que indique aos amantes de antigualhas os locaes onde existem antiguidades d'aquellas épocas, acompanhadas dos competentes esclarecimentos, e a obra do sr. Hubner apenas nos pode servir para elucidar varias duvidas ácerca da intelligencia d'algumas inscripções.

Consta que o fallecido commendador Bernardino José de Senna Freitas deixára composto um livro, em que censura muitas passagens do relatorio.

615) HUGHES (THOMAS).

E.—*Treaties, agreements and engagements between the honorable East India Company, etc. also between her Britannic magesty's governement and Persia, Portugal and Turkey. Bombay*[1] 1851.

[1] Em Bombaim publicou-se no anno de 1873 a seguinte obra: *Noticia ácerca de Portugal por J. J. Rodrigues de Freitas Junior*, traduzida em portuguez por J. F. de Gouveia. 8.°, 148 pag.

616) HUGHES (T. M.)

E.—*An overland journey to Lisbon at the close of* 1846. *With a picture of the actual state of Spain and Portugal.* London, 1847. 2 vol. (Viagem por terra a Lisboa no fim de 1846, etc.)

Ignoro se este mesmo Hughes é o auctor do poema *The Ocean Flower.*

617) HUGHES (T. M.). Author of Revelations of Spain.

E.—*The Ocean Flower, a Poem. Preceded by an vhistorical and descriptive account of the Island of Madeira; a summary of the discoveries and chivalrous History of Portugal and an Essay on PortugueseLitterature. By*—.London, 1845. 8.º, 309 pag. (*A Flor do Oceano,* poema, precedido de uma narração historica e descriptiva da ilha da Madeira, e d'um resumo da historia cavalheiresca de Portugal, e de um *Ensaio da Litteratura Portugueza).*

«Se o infante D. Henrique não tivesse existido, é muito provavel que tambem nunca tivesse havido um Christovão Colombo.» Pag. 15.

«O simples nome do infante D. Henrique é uma gloria sufficiente para qualquer paiz.» Pag. 18.

«Com a descoberta do Brasil se consumou a gloria das expedições portuguezas, e agora se observou o assombroso espectaculo de a mais pequena nação europea dominar quasi metade do globo.» Pag. 19.

«E' uma nação que nunca teve mais de tres milhões de habitantes e reinou por algum tempo sobre metade do mundo.»

N'esta obra apparecem traducções inglezas de algumas poesias de Filinto Elysio, de Bocage «(talvez o melhor improvisador quo o mundo jámais possuiu» (pag. 86). Nicolau Tolentino, «poeta satyrico muito admiravel» (pag. 95) Almeida Garrett e A. F. de Castilho. D'este ultimo não se mostra Hughes muito admirador.

618) HUGHS (JOHN).

E.—*Translation of the Revolutions of Portugal written by Vertot.* London, 1735. 8.º, 139 pag. com um appendice de 14. É já 4.ª edição.

619) HUGO (VICTOR). Um dos mais celebres poetas da actualidade. Nasceu na cidade de Besançon em fevereiro de 1802. [1]

E., quando ainda contava poucos annos, o seguinte melodrama: *Inez de Castro, mélodrame en trois actes avec deux intermedes.*

Apparece esta composição theatral no 1.º vol. da seguinte obra: *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie avec œuvres inédites de Victor Hugo, entre autres un drame en trois actes, Inez de Castro.* Paris, 1868, do qual o sr. Brito Aranha fez uma descripção muito por miudo no *Archivo Pittoresco* de 1864.

A obra franceza foi traduzida em inglez com o seguinte titulo: *Victor Hugo. A life related by one who has witnessed it, including a drama in three acts intitled Inez de Castro* London, 1863.

[1] Sr. Brito Aranha no estudo que fez sobre este poeta. *Archivo Pittoresco,* vol. 8.º

620) HUMBOLDT (ALEXANDRE — Barão de). Um dos mais famosos sabios de nossos dias.

Nasceu em Berlin no anno de 1769, e falleceu em 1859.[1]

No 2.º vol. do *Cosmos* diz o seguinte ácerca do nosso Camões: «Com verdade, eu não posso dizer o que se deve admirar mais na sua grande epopea nacional, se a riqueza da imaginação do poeta, se a singular verdade das descripções.[2] Não é a mim, por certo, que compete confirmar com a minha opinião o juizo de Frederico Schlegel, que, quanto á vivacidade das côres e á maravilhosa riqueza da phantasia, põe os *Lusiadas* muito acima do poema de Ariosto; mas por certo me é dado accrescentar, na qualidade de observador da natureza, que nunca houve poeta mais exacto na pintura dos phenomenos naturaes; e que em nenhuma parte da sua obra, nem o enthusiasmo de cantor inspirado, nem o ornato da sua linguagem, nem os seus melancolicos pensamentos, o fizeram um só instante infiel a esta especie de physica. A sciencia póde acceitar as suas descripções, ao mesmo tempo que a imaginação é arrebatada pelas suas pinturas. É realmente o céo da India; são os variados aspectos do oceano. Sente-se em todos estes cantos, ou já escriptos na gruta de Macau, ou já no desterro das Molucas, um cheiro embriagante de flores dos tropicos. O auctor viu, ou antes observou, e observou como poeta. Por isso não é possivel deixar de notar em toda a parte a viva physionomia dos grandes quadros da natureza, pintados por elle. Mas onde Camões é inimitavel, é nas pinturas do mar: como ninguem soube melhor perceber, nem pintar melhor estas mysteriosas harmonias que reinam entre a atmosphera e o mar, entre as mil conformações variadas que tomam as nuvens no céo, na successão dos seus phenomenos metereologicos, e os diversos aspectos, que, reflectindo-os, apresenta a superficie do oceano. Ora é uma doce brisa, que lhe encrespa superficie, enchendo-a como de carneiros, e d'estas pequenas vagas quebradas faz sair brilhantes faiscas de luz, que alli parecem mover-se: ora é a tempestade, com todos os seus horrores, que se levanta em roda das naus de Coelho e de Paulo da Gama, e solta os elementos enfurecidos. Todos estes quadros são de uma verdade palpavel. Camões tinha podido estudar pausadamente os phenomenos do mar: soldado tinha feito a guerra não só ao pé do Atlas, no interior de Marrocos, mas tambem nas margens do mar Vermelho e do golpho Persico: duas vezes dobrou o Cabo das Tormentas, e com a sua paixão tão viva pela natureza tinha podido em dezeseis annos de solidão nas costas da India e da China, observar as alternativas do Oceano. Nada lhe escapa, e em um logar descreve os pennachos electricos do fogo de Santelmo, que os pilotos da Grecia cuidavam ser Castor e Pollux, mas a que elle chama

..... o lume vivo
Que a gente maritima tem por santo
Em tempo de tormenta:

n'outro logar é a tromba assustadora com as suas successivas transformações, e se vê

[1] Bouillet—*Dictionnaire, Supplement*, pag. 60.

[2] *Panorama* de 1847, pag. 269.

..... levantar-se
No ar um vaporzinho, e subtil fumo
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao polo summo
Se via tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava
Estava-sè co'as ondas ondeando,
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céo chovendo emfim voou,
Porque co'a agua jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe,
Vejam agora os sabios.....
accrescenta o poeta
Que segredos são estes da natura.

palavras com que parece dirigir-se ainda aos sabios de hoje, que fundados na sua intelligencia e no seu saber, não duvidam tratar de visões as coisas que ouvem contar ao navegante, que só tem por si a experiencia.

«Mas se Camões é superiormente admiravel nas pinturas do mar, as scenas terrestres não chamaram tanto a sua attenção. Já Sismondi notou com razão que em todo o poema se não acha nenhuma verdadeira pintura da vegetação dos tropicos, e da physionomia particular das plantas d'aquelles novos climas. O poeta apenas mencionou algumas plantas aromaticas, producções que eram objecto de commercio. O episodio da ilha encantada encerra um delicioso quadro de paizagem, mas quadro commum e classico. Que se acha n'elle além das plantas banaes com que forçosamente se ha de ornar uma *ilha de Venus*, murtas, cidreiras, limoeiros odoriferos, romeiras, e outras arvores selvagens na Europa meridional, e ainda mais nas poesias pastoris d'aquella época? O poeta n'este logar julga-se infelizmente obrigado a entrar na natureza de convenção da poesia contemporanea. Quanto não fia em Christovam Colombo com uma observação exacta das fórmas da vegetação estranha, que offerecia aos seus olhos, um sentimento muito mais verdadeiro, e um enthusiasmo mais francamente poetico, em vista de novas costas cobertas de bos-

ques. Mas o almirante escrevia um *diario de viagem*, onde consignava diariamente as suas vivas impressões, ainda sob o imperio da sua imaginação abalada, e Camões compunha um poema épico para immortalisar os feitos dos portuguezes, juntando aos factos as maravilhosas creações da phantasia poetica. Que pintasse o oceano, é natural. Os navegantes luctam com o mar, é um combate de todos os dias; e demais, em uma viagem sempre ha tempo para estudar os phenomenos mais ou menos temiveis do mar: mas chegados a terra, a luta é quasi só com os homens: a acção que se trava não deixa vêr a natureza. A paizagem torna-se um fundo de quadro, a que se não dá importancia, quadro em que os guerreiros ou os mercadores portuguezes animam a parte principal. Ainda mais: e não faltavam as palavras para pintar a natureza nova da India? onde buscaria comparações ou epithetos? Adoptaria o poeta os nomes das plantas novas, do idioma barbaro dos naturaes do paiz? Uma descripção laboriosa, fórmas singulares, coisas sem nome, não podiam deixar de repugnar a um poeta costumado á sonora harmonia da sua lingua natural.

«Comtudo não deixou Camões de ter algumas vezes singulares ousadias nas grandes descripções pictorescas, no seu tempo muito originaes, nem deixou de esboçar em linhas ousadas a physionomia geral dos continentes. É assim que no 3.º canto faz uma pintura rapida de toda a Europa, desde as mais frias regiões do norte até

Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.

Mas é especialmente aos costumes e á policia dos povos do Meio-dia que elle dá mais attenção; em breve passa pela Prussia e pela Moscovia, nações septentrionaes,

..... que o Rheno frio
Lava»..... .....
Para chegar ás deliciosas regiões da Grecia
Que creastes os peitos eloquentes
E os juizos de alta phantasia.

No 10.º canto o espectaculo é ainda maior. Thetis conduz o Gama a um alto monte para lhe descobrir os segredos da

grande machina do mundo,

e o curso dos planetas segundo o systema de Ptolomeu, que então reinava. E' uma visão no estylo do Dante. Depois de ter descripto o todo do universo, o poeta torna ao globo terrestre, que lhe fica no centro, e expõe então tudo o que se sabia dos paizes n'aquelle tempo já descobertos, e das suas producções; aqui já não é sómente um mappa pittoresco da Europa, como no canto 3.º; é um quadro de todas as partes do mundo, sem exceptuar a terra de Santa Cruz, e a costa descoberta por

Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, mas não na lealdade.

Camões, posto que se encerrasse em um quadro classico, foi um dos primeiros que abriu caminho a uma poesia nova: o seu genio percebeu alguns dos maravilhosos recursos que um novo mundo nos vinha dar á poesia.»

621) HUNT. Antigo consul de S. M. Britannica nos Açores.

E. no *Journal of the royal geographical Society of London*, vol. 15.º, pag. 258, 1845 — dois artigos cheios de novas minuciosidades relativas á constituição do solo, boas observações a respeito do clima, e algumas informações superficiaes sobre a botanica e zoologia do Archipelago Açoriano.» [1]

622) HYERONIMUS, *Eines jesuiten aus Portugal. Bericht von der wahre, etc.* (Hyeronimo, jesuita portuguez. Verdadeira descripção do estado do paiz dos mouros). Nurnberg, 1670. T. Compans, pag. 225.

[1] Morelet.— *Les Açores*, pag. 13.

623) IDÉE VÉRIDIQUE *du réverend père Malagrida, jésuite italien, exécutée à Lisbonne par sentence de l'inquisition. Extrait de deux lettres, l'une écrite de Séville le 14 octobre 1761; l'autre de Madrid le 17 novembre 1761.*— Liège, 1762. Folheto.

624) ILLUSTRATION (LA) *Hispano-Portugueza*. Madrid, 1872.

Era um jornal litterario e illustrado, escripto em hespanhol, e que no primeiro numero publicou uma biographia do sr. Alexandre Herculano, e varios artigos relativos a assumptos portuguezes. Propunha-se continuar a tractar de nossas coisas, mas creio que morreu á nascença.

625) ILLUSTRATED TRAVELS).

Na parte 25.º d'este jornal litterario publicado em Londres vem uma série de artigos relativos a coisas portuguezas debaixo do titulo de *Excursions near Lisbon*. São acompanhados das seguintes magnificas estampas:

1.ª *Capella imperfeita da Batalha.*— 2.ª *Uma parte do palacio da Penha Verde em Cintra.*—3.ª *Casa do capitulo.*

«A entrada do Tejo, as vistas nobres e magestosas em alguns respeitos, e sempre bellas, que se gozam ao navegar pelo Tejo até Lisboa, e a primeira vista da côrte de Portugal são d'aquelles objectos, que por muito tempo ficam impressos no espirito de viajante. Lisboa é, e deve ser em todo o tempo, uma das mais pittorescas e interessantes cidades europeas. Todavia na cidade não ha muito que vêr...

(Parece que não era da mesma opinião uma camara municipal, pois podendo ornar a cidade com uma magnifica estatua de D. Maria I, se recusou a fazel-o, allegando que esta rainha não merecia um monumento!)

626) IL MUNDO NUOVO, *libro de la prima navigazione per Oceano a le terre de Negri de la Bassa Æthiopia per commendamento del illustre signor D. Henrico de Portugallo*. Vicencia. H. Vicentino. 4.º 1507.

Vem esta obra mencionada na *Bibliotheque Asiatique et Africaine* de Ternaux Campans. Paris, 1841.

627) IMHOF (JACOBI GUILIELMI).
E.— *Stemma Regium Lusitanicum sive Historia Genealogica Familiæ Regiae Portugallicae. A prima origine usque ad praesens aevum deductae et narratione rerum a Portugallia a condito regno gestarum, ac factorum memorabiliorum illustratae insigniumque iconibus exornatae.* Amstaelodami. Apud Zacharium Chatelain. 1708. fol., 72 pag. (Brazões dos reis de Portugal, ou historia da familia real portugueza, etc.) Obra dedicada ao nosso D. João V.

628) IMPRESA DEL GRAN TURCO *per mare et per terra contra portoghesi, quali signoreggiano gran parte de l'India o s'avviciano al sepolcro di Mahometto.* Roma, 1531. Vem mencionada em Ternaux Compans.

629) INDISCHE NEUE RELATION, etc. (Nova relação da India, e do que se passou nas missões de Menomotapa, Mogol, Cochim, Malabar, China, Pegu, Molucas desde 1607. Augsburg, 1614). T. Compans.

630) INES DE CASTRO. *An historical Ballet.* London, 1833.

631) IGNES. *A tragedy.* London, 1796.

632) INEZ DE CASTRO. *A tragedy, as contributed to Hood's Magazine.* London, 1846.

633) INEZ DE CASTRO, *drama per musica.* Firenze, 1793. 12.° (Drama per musica. Wienna, 1807. 8.°

634) INFLUENCE *du ministère anglais dans l'usurpation de D. Miguel* Rennes, 1830. Talvez seja obra d'algum portuguez emigrado na Belgica.

635) INGUIMBERT (Fr. MALACHIA).
E.—*Vita de Monsignore D. Bartolomeo dè Martiri, escritta da* —. Roma.

636) INNOCENTIS *et liberi principis venditio Viannae celebrata die 25 junii anno 1642. Venditore rege Hungriae, emptore rege Castellae... Venditus est infans Eduardus frater regis Portugalliae Joannis IV pretio 40000 reistalerorum* (sem logar de impressão) 1642. Folheto. (Venda feita em Vienna de um principe innocente e livre, etc.) Refere-se à prisão do nosso infante D. Duarte preso infamemente no castello de Milão, por suggestões do governo hespanhol.

637) INSTRUZIONI *date dalla corte de Roma a Mgre. Girolamo Capodiferro ed a Mgre. Lipomano (Coadiutore di Bergamo) spedite nunzii in Portogallo il primo nel 1557, il secundo nel 1548.* Marsiglia, 1828.

638) INSTRUCTION *de S. M. Tres Fidelle à son ministre en cour de Rome. Du 8 octobre,* 1757. Sem logar de impressão. C. M. B. I. P.

639) IOUNG LADY.
E.—*Agnes de Castro. A tragedy. Written by a* —. London, 1696.

640) ISLA (LAZARO DE LA). Genovez.
E.—*Breve tratado da arte de artilheria e geometria, e artificio de fogo.* Agora novamente impresso por ordem de Joseph Homem de Menezes, almoxarife das armas do reino. Lisboa, por Domingos Carneiro, 1676. 8.°, 96 pag.

641) ITALY WITH SKETCHES *of Spain and Portugal.* London, 1834. (Italia, com esboços de Hespanha e Portugal.)

642) ITINÉRAIRE DE L'ESPAGNE ET DU PORTUGAL *ou description géographique et historique de ces pays, avec leurs principales routes et les distances de chaque lieu à un autre; accompagné d'une carte ou plan routier d'après les observations les plus modernes; par l'auteur de la Géographie tant ancienne que moderne enseignée par l'histoire de tous les temps*, etc. Paris, 1809. 8.°, 60 pag.

643) ITURBIDE (D. AGUSTIN)
E.—*L'illustre portugais ou les amants conspirateurs.* Bruxelles, 1825.

J

644) JACKSON (LADY).

E.—*Fair Lusitania! A Portuguese Sketch Book. By —. With twenty very beautiful full-page Illustrations.* London, 1874. (Bella Lusitania! Livro de esboços portuguezes, etc.)

645) JACOB (ANDRÉ). Inglez de nação.

E.—*Grammatica portugueza e ingleza por um methodo novo e facil.* Lisboa, typographia Nunesiana, 1793. 8.º, 379 pag.

646) JAFFEUX (EUGENE).

E.—*Les deux Chartes portugaises.* Paris. 1837.

O auctor depois de fazer algumas reflexões sobre o governo portuguez, e de apresentar a traducção da constituição politica da monarchia portugueza, e da carta constitucional dada no Rio de Janeiro a 29 de agosto de 1826, diz o seguinte:

«Os direitos civis e religiosos, os mais caros aos cidadãos, são consagrados n'uma e n'outra da maneira mais ampla e tambem a mais explicita. A liberdade individual, a dos cultos, a da imprensa, o direito de petição, e o não menos importante de denunciar á justiça, e de exigir a reparação de abusos de que se tivesse tornado culpado um juiz, um qualquer empregado publico, direito mesmo concedido ás pessoas, que não tivessem padecido com taes abusos: ainda mais, as nomeações de magistrados municipaes pelo povo estendidas até ás justiças de paz: tudo isto fórma uma agglomeração de vantagens, das quaes estamos bem longe de gosar em França.»

647) JANSEN (J.)

E.—*Histoire diplomatique du chevalier portugais Martim Behaim.* Strasburg et Paris. 1802.

648) JARRIC (PIERRE DU).

E.—*Histoire des choses plus memorables advenues tant ez Indes Orientales*

qu'autres pays de la découverte des portugais en l'etablissement et progrès de la foy chrestienne et catholique. Bordeaux, 1607. Ibid. 1608. Ibid. 1610. Valenchiennes, 1611. 3 vol. 4.º Arras, 1628. Em polaco — Cracovia, 1628.

Esta obra foi traduzida em latim por M. Martinez. Coloniae Agripinae, 1615, debaixo do seguinte titulo: *Thesaurus rerum Indicarum Lusitanorum opera detectus a Gallico in Latinum sermonem versus.* 4 vol. 8.º

Tal era o interesse com que em toda a parte se liam as descobertas feitas por nossos maiores! E isto em tempo que corriam por toda a Europa muitos outros livros sobre o mesmo assumpto. Creio porém que além das citadas ainda ha muitas outras edições feitas em diversos pontos do globo.

649 JANSEN (HENRI).

E.—*Lettres écrites du Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume, traduites de l'anglais de miss Philadelphia Stevens.* London, 1780.

650) JANSEN (JEAN).

E.—*Premier voyage au tour du monde par le chevalier Pigafetta de l'escadre de Magellan en 1519, 1520, 1521, 1522, et accompagné d'une notice sur le chevalier Behahim, célèbre navigateur portugais : par M. de Murr. Traduit de de l'allemand.* Paris. An. IX.

651) JANSEN (M.)

E.— *Sur un voyage fait aux Açores et dans la Peninsule Iberique, extrait d'une lettre à M. Elie de Beaumont.* (Vem na obra *Comptes rendus de l'Academie des Sciences,* 1867.)

652) JOHNSON (D. M. RAMSEY).

E.—*Collecção de palavras, phrases e dialogos, ou Guia da conversação em francez, inglez e portuguèz, por* —. Porto, typographia Commercial, 1861.

653) JOHANSON'S. *Account of the Island of Bolama.* (Noticia da ilha de Bolama). London, 1780.

654) JOHNSTON (WILLIAM).

E.—*Geodydrographie survey of Madeira,* 1788. (Inspecção geodydrographica da Madeira.)

655) JONES (M. JOHN). Colonel des ingenieurs royaux, aide de camp du roi.

E.—*Mémoire sur les lignes de Torres Vedras, elevées pour couvrir Lisbonne en 1810, faisant suite aux journaux des siéges entrepris par les alliés en Espagne. Par* —. *Traduit de l'anglais par M. Gosselin, traducteur des journaux de Siéges, etc.* Paris, 1832. 8.º gr., 261 pag. com 3 mappas. Obra muito estimada entre os estrangeiros.

Divide-se este livro em quatro partes. A primeira, que é a mais considera-

vel, contém a narração historica e a descripção das linhas. Na segunda consignou o auctor observações geraes sobre suas vantagens e inconvenientes. A terceira está occupada por observações a respeito das linhas e das posições entrincheiradas em geral. Na quarta se acham reunidos todos os pormenores relativos ao traçado e á construcção de diversos trabalhos de campanha.

«As posições entrincheiradas que cobriam Lisboa, e que eram conhecidas debaixo do nome de linhas de Torres Vedras, adquiriram uma grande celebridade por terem sido a primeira barreira que conteve o curso das conquistas do exercito francez. Não podem por conseguinte deixar de interessar não sómente aos engenheiros, mas até mesmo a todos os officiaes, que procuram assumptos para estudos militares.

«A resolução de as principiar remonta á batalha de Talavera. Tendo os movimentos offensivos, que occasionaram esta acção, habilitado o general em chefe a apreciar no seu justo valor a cooperação dos hespanhoes, e demonstrado toda a insufficiencia de seus exercitos por causa de sua falta de organisação, pouca disciplina, e falta de habilidade de seus officiaes, o duque de Wellington ficou convencido de que na proxima campanha não poderia contar senão com o corpo pouco consideravel dos veteranos inglezes, e com as tropas portuguezas recentemente recrutadas, e postas debaixo do seu commando.

«Estas linhas, depois de examinadas por Massena, contiveram-n'o, e é quasi escusado dizer que o exercito invasor não fez novas tentativas para reconhecer a força das obras, de que as linhas se compunham. Depois de ter occupado seus alojamentos até ao começo de março, o exercito francez operou sua retirada, seguido de perto pelos alliados. Era o primeiro e unico exemplo de uma empresa militar projectada e amadurecida por Napoleão, em toda a plenitude do seu poder, que não tivesse sido seguida de um bom exito, graças á previdencia superior e á firme perseverança de seus adversarios. Não é demais o pretendermos que esta falta de bom resultado diante de Lisboa deu um golpe fatal na opinião geralmente espalhada que os exercitos francezes eram invenciveis, e que ensinou a Europa opprimida que podia ainda resistir e vir a ser livre. Pag. 78.

«Durante um anno inteiro, que duraram os trabalhos obrigatorios na construcção d'estas linhas não se viu um unico exemplo de insubordinação ou de rixa, e deve-se aos portuguezes a justiça de reconhecermos que a seu habito de regularidade, e a seu zelo continuado se deve mais attribuir o immenso trabalho que foi executado, do que á efficacia da vigilancia exercida sobre elles. Pag. 119.

«Os officiaes do corpo dos engenheiros inglezes espalhados isoladamente por um espaço de cento e cincoenta milhas quadradas, e alojados nas casas as mais commodas para seus trabalhos, foram por toda a parte tractados pelos habitantes com tanta polidez como benevolencia. As classes superiores mostraram uma egual solicitude em admittil-os na intimidade de suas familias, o que deu logar a ligações de amisade tão sinceras como desinteressadas entre os individuos das duas nações. Com effeito é um tributo de justiça, que

se deve pagar aos habitantes portuguezes abastados e aos camponezes da Estremadura o dizer que durante alguns mezes de relações constantes e pessoaes, quer publicas, quer privadas, estes ultimos se mostraram sempre respeitosos, industriosos, doceis e obedientes, ao passo que os primeiros em todos os negocios publicos mostraram muita intelligencia, bom senso e probidade, e apresentaram-se em suas relações domesticas, bons, generosos, indulgentes, ao mesmo tempo como senhores e como parentes. Tinha-se recommendado o mais profundo segredo ácerca da extensão e genero de trabalhos, que se estavam executando, e é muito honroso para todos que n'elle tomaram parte, o observar que apenas uma phrase vaga chegou a escrever-se nos papeis publicos; e não obstante a immensidade das obras, os francezes ignoraram a natureza do dique que se estava levantando contra elles, até ao momento em que alli encontraram o exercito formado em batalha para conter seus esforços.»

656) JONES (J. T.)
E.—*Account of the War in Spain, Portugal, and the South of France, from 1808 to 1814.* (Noticia da guerra na Hespanha, Portugal e Sul da França.)

657) JORGE (D.) Commendador de Aliaga en el orden de S. Juan, y D. Antonio de Ulloa, capitanes de navio, de la real armada, de la real sociedad de Londres, y socios correspondientes de la real academia de las sciencias de Paris.
E.—*Disertacion historica y geographica sobre el meridiano de demarcacion entre tos dominios de España y Portugal, y los parages por donde passa en la America Meridional, conforme a los tratados y derechos de cada estado, y las mas seguras y modernas observaciones por*—. Madrid, 1742. Imprenta de A. Marin. 176 pag.

658) JORNADA *y muerte de el-rey D. Sebastian, sacada de las obras de Franchis.* Valladolid, 1603.

659) JOUFFROY (Miss de).
E.—*Consideration sur le Portugal, par le* —. Paris, 1833, 8.°

660) JOURNAL *d'un officier français au service de D. Miguel.* Paris, 1834.

661) JOURNAL *of a few month's residence in Portugal and glimpses of the South of Spain.* London, 1847, 2 vol. (Diario da residencia de alguns mezes em Portugal.)

662) JOURNAL *of a regimental officier during the campaign in Spain and Portugal under Lord Wellington.* (Diario de um official d'um regimento durante a campanha na Hespanha e Portugal, etc.)

663) JOURNAL (LE) DES SAVANTS *pour l'année* 1735. A Paris. Chez Haubert, 1735.

E' uma collecção de noticias e juizos criticos dos livros publicados nos differentes paizes do globo. Darei noticia d'alguns artigos escriptos n'alguns volumes d'este jornal para se ver como tambem se occupava das nossas obras.

Maio. *Juizo critico da Historia de Portugal por mr. de la Clede*, pag. 261. Continua a pag. 344.

Agosto, pag. 437. *Noticia e Juizo critico da traducção dos Lusiadas*, por Mr. du Perron de Castera.

«On voit assez par l'extrait que nous venons de donner qu'il n'y a rien de nouveau ni de regulier dans l'ordenance de ce poeme; c'est en général le jugement qu'en a porté Mr. de Voltaire, et nous laissons aux lecteurs de decider de la justesse des recherches et de la solidité des raisonnemens, que le traducteur employe por le combattre. Mais la beauté des details, la force de l'expression, la poesie du stile, la varieté qu'il a jetté dans ses recits, la noblesse et l'élevation de ses sentiments feront toujours regarder le Camoens comme un grand poète, par ceux même qui sont persuadés qu'il n'y a qu'un interet national qui ait pu persuader aux portugais que la *Lusiade* est superieure au Tasse, et a tout ce qui a eté fait dans ce genre depuis Homère et Virgile.» Pag. 442.

1736. Traz um juizo critico ácerca da *Historia do Japão* pelo padre Charlevoix, e aproveita-se o censor d'esta occasião para n'algumas paginas fallar de nossos descobrimentos n'aquelle remoto paiz, declarando mui positivamente ser a descoberta do Japão devida aos nossos.

1741. Pag. 335. Na critica da obra *Description du Cap de Bonne Esperance* entram os portuguezes a figurar outra vez.

N'este mesmo volume se mencionam as obras seguintes que foram publicadas nas *Philosicophal Transactions of London. Observations de l'eclypse de soleil de 15 juillet 1730 à Pékin, et des immersions et emersions des satellites de Jupiter depuis 1729 jusqu'a 1730 par les pères Ignace Kegler et André Pereira, communiquées par Jacques de Castro Sarmento.* Pag. 396. *Lettre de Mr. Jacob de Castro Sarmento a Mr. Cromwel Martimer sur les nouveaux diamants du Brésil.* Pag. 698. *Immersion et emersion des satellites de Jupiter, observées a Pekin depuis le mois de novembre de 1730 par les pères Ignacio Kegler et André Pereira, et envoyées au P. Jean Baptiste Carbonne, qui les a communiquées a Jacob de Castro Sarmento.*

1743. Pag. 20. Analysa *Histoire du detronement d'Alphonse VI par Robert Southey, et traduite en françois par l'abbé des Fontaines.* Pag. 126. Annuncia a apparição em Altorf da *Maurologia ou historia da origem e guerras dos mouros na Hespanha e Portugal*, obra dedicada aos manes de João Segismundo Holtzschuher de Aspacth por Henrique Tobias Bittenezo. Pag. 127. Analysa a obra intitulada *De la formation du théatre*, par Louis Riccoboni.

Este auctor pretende que, por ter sido comico pelo espaço de 35 annos, estava habilitado para poder asseverar conscienciosamente que o theatro era nocivo aos bons costumes. Deseja que n'elle se opere uma grande reforma, até nas peças que se deviam representar. No emtanto algumas podiam apparecer em scena sem cortes, e n'estas inclue a nossa tragedia D. Ignez de Castro.

1744. Pag. 150. Analysa a *Historia das Indias Orientaes* por Guyon; e por esta occasião falla amplamente das descobertas portuguezas. Pag. 410. Critica da obra *Mémoires politiques et litteraires concernant le Portugal*, etc. par le chevalier d'Oliveyra. Haya, 1748. Tom. 1.º

1745. Pag. 500. Dá noticia da apparição da obra impressa em Roma: *Josephi Carpani e Societate Jesu Tragediae sex Lusitaniae et Algarbiorum Regi Joanni V dicatae.* Estas tragedias eram as seguintes: *Jonathas, Adonias, Evilmedorach, Sennacherib, Sedecias e Mathatias.* Pag. 575. Analysa a obra *Vita et Lettere di Americo Vespucci racolte e illustrate da Abbate Angelo Maria Bandini.* Fiorenza, 1745. N'esta analyse, como é de suppor, falla-se largamente das navegações portuguezas.

1746. Pag. 48. Critica da obra *Relation abregée d'un voyage fait dans l'interieur de l'Amérique meridionale depuis la côte de la mer du Sud jusq'aux côtes du Brésil et de la Guianne. Par la Condamine.* Paris. Pag. 164. Critica da *Histoire générale des voyages.* Tomo 1.º Paris. É assumpto para muito se discorrer a respeito dos nossos. Logo no principio ajuiza de Fernão Lopes de Castanheda, e de Faria e Sousa, como historiadores.

Esta critica continua depois a pag. 730:

«Aos portuguezes pertence a principal gloria da descoberta do Novo Mundo. Ainda que os hespanhoes tenham descoberto a America antes dos Portuguezes terem penetrado até ás Indias Orientaes, é certo comtudo que foram estes os primeiros que tentaram a navegação do oceano, e que fizeram nascer ás outras nações da Europa o desejo de procurar um novo mundo. Os hespanhoes estavam tão longe de formar este projecto, que não sómente não começaram a occupar-se d'elle senão uns quarenta annos depois de seus visinhos; mas até n'este intervallo consideraram as emprezas dos portuguezes como aventuras romanticas e effeitos de uma imaginação exaltada. Só a experiencia foi capaz de os convencer de que os portuguezes tinham raciocinado sensatamente e de que as esperanças com que Colombo lisonjeava o rei de Hespanha não eram chimericas.»

1747. Pag. 67. Critica do 2.º e 3.º volumes da *Histoire des Voyages.* Diz que estes dois primeiros volumes conteem as primeiras viagens dos inglezes a Guiné e ás Indias Orientaes; mas que as relações d'ellas não são tão interessantes como as das expedições portuguezas contidas no primeiro tomo, etc., etc. Esta critica segue até pag. 73. De pag. 288 a 296. De pag. 406 a 412.—534 a 541. Pag. 745. Noticia da apparição em Lisboa do 1.º e 2.º tomo do *Corpus Illustrium Poetarum Latinorum Portucalensium*, promettendo fallar mais de espaço a respeito d'este trabalho. E' a primeira vez que o *Journal des Savants* trata das obras impressas em Portugal.

1748. Pag. 251. Noticia ter-se estabelecido em Lisboa, debaixo da protecção do rei de Portugal, a Academia dos Occultos. Pag. 354. Continúa a critica da *Histoire des Voyages.* Tomos 11.º e 12.º que tratam das viagens dos portuguezes na Africa.

1749. Pag. 23. Critica da *Histoire des Voyages.* Trata das viagens dos portuguezes Alvarez Semedo e Magalhães. Pag. 102. Critica do 1.º e 2.º tomos do

Corpus illustrium poetarum lusitanorum.—«Por mais superficial que seja a noticia que acabamos de dar dos dois primeiros volumes d'esta preciosa collecção, lisonjeamo-nos comtudo de ter dito bastante para fazer conhecer o valor, e para persuadir aquelles que possuem alguns trabalhos proprios para enriquecel-a, a darem parte ao sabio editor. Seu gosto na escolha das peças, e sua exactidão em nos fazer conhecer seus auctores, devem fazer desejar que esteja brevemente habilitado para cumprir a promessa que nos faz de publicar sem demora os tomos seguintes.»

1750. Pag. 21. Continuação da critica da *Histoire des Voyages*. Trata da Persia e das viagens que os portuguezes fizeram a este paiz.

1751. Pag. 356. Annuncia que vão reimprimir na Haia a seguinte obra: *Joannis Attamirani et Velasquez Lusitani Icti et in Salamaticensi Academia Juris Pontificii Primarii antecessoris in priores* XIII *libros ex* XX *Quaest. Q. Cervidii Scaevolae Commentarius. Opus postum. Cervariae,* 1739. Pag. 563. Noticia de se terem publicado em Lisboa varias obras, entre as quaes *Collecção Juridica de todas as allegações, Conquistas na India pelas missões apostolicas, Politica moral e civil, etc.* Pag. 695. Outra lista de obras editadas em Lisboa. Entre outras: *A verdadeira Fé triumphante — Arte theorica pratica de Confessores — Recreação philosophica — Distracção apologetica, historica, liturgica — Chronica dos religiosos Carmelitas —Dialogos de varia historia,* etc.

D'aqui por diante dá este jornal regularmente noticia das obras que se vão publicando em Portugal. Na Bibliotheca Publica não existe uma collecção completa d'esta obra; este é o motivo principal por que ponho ponto a este artigo, aliás daria noticia de tudo quanto apparece n'esta amplissima collecção relativo a Portugal.

664) JOURNAL *van de estindische Reyse. (Journal du voyage aux Indes Orientales par Isbrandtz Benteckoe.* Hoorn, 1646. 4.º com estampas.

665) JOVENAZO (DUQUE) CARAVAL (DUQUE) MARQUEZ DE FRONTERA Y FRAY, D. MANUEL PEREIRA.

E.—*Autos de las conferencias de los commissarios de las coronas de Castilla y Portugal.* Em italiano e hespanhol. Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

666) JUMA (D. L. C. DE).

E.—*Tablettes Chronologiques et historiques des rois de Portugal jusqu'à l'année* 1716. Haye, 1716. 8.º

667) JURE (DE) *successionis regiæ in regno Lusitania e seu Portugalliae, deque legitima regis Antonii successione brevis enarratio, ex probatissimis monumentis auctoribusque collecta, et ad rectæ rationis simplicisque veritatis regulas accuratissime exacta.* Middelburgi. Apud R. Schilders, 1591. (Breve narração a respeito do direito de successão de D. Antonio ao reino da Lusitania ou Portugal, collegida de documentos e auctores os mais acreditados, etc.)

668) **JUSSIEU (ANTOINE LAURENT DE).** Um dos mais celebres botanicos francezes.

Nasceu em Lyon no anno de 1748, e falleceu em 1824.[1]

Foi outro commentador á *Flora Cochinchensis* de João de Loureiro, publicando — Note sur quelques genres de la *Flore de Cochinchine* de Loureiro, qui ont de l'affinité avec d'autres genres connus.—Existe esta nota no jornal *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle*, tomo 11.º, 1808, pag. 74-76, pag. 150. 152, pag. 231-236, pag. 327-328. Tomo 12.º pag. 68-72, pag. 337-340.[2]

669) **JUSTICE (LA)** *des armes portugaises pour défendre la liberté des espagnols opprimés par la domination française et pour assurer la monarchie d'Espagne au sérénissime et tres puissant prince Charles III, roi catholique.* Haye, 1704. Folheto.

670) **JUSTIFICATION** *de D. Antoine, roi de Portugal, touchant la guerre, qu'il faict à Philippe, roi de Castille, ses subiectz et adherens pour estre remis en son royaume. Avec une histoire sommaire de tout ce qui s'est passé à cette même occasion iusques en l'an* 1583. Leyde, 1585.

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, tomo 17.º, pag. 279.

[2] Sr. Bernardino Antonio Gomes. *Elogio historico do padre João do Loureiro.* Nas *Mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa*, pag. 25.

K

671) KALLEY (ROBERT.)

E.—*Excursion in Madeira.* New Iork, 1845. (Passeios pela Madeira).

672) KAYSERLING (Dr.)

E.—*Romanische poesien du Juden in Spanien: ein Beitrag zur Literatur und Geschichte der spanischen-portugiesischen Juden.* Leipzig, 1859.

673) KEATINGE (Colonel MAURICE).

E.—*Travels in Europe and Africa comprising a Journey through France, Spain and Portugal to Morocco.* 1816. (Viagem pela Europa e Africa, comprehendendo Portugal.)

674) KERDU (PIERRE MARIE LOUIS DE BOISGELIN DE)

E.—*Histoire des revolutions de Portugal par l'abbé Vertot, continuée jusqu'au temps présent enrichie de notes historiques et critiques d'une table historique et chronologique des rois de Portugal, et d'une description du Brésil.* London, 1809.

675) KERHALLET (CHARLES MARIE PHILIPPE DE).

Nasceu na Bretagne no anno de 1809, e falleceu em 1863.[1]

E.—I. *Description de l'Archipel des Açores.* Paris, 1851.

«É uma descripção hydrographica, obra especial, preciosa para os marinheiros, a qual se póde considerar como um excellente commentario dos trabalhos do capitão Vidal.»[2]

II. *Instructions pour entrer et naviguer dans le fleuve de Cazamance jusqu'a l'etablissement portugais de Zinguinchor.*

III. *Description nautique des iles de Cap Vert,* 1858. 2.ª edição.

[1] Vivien de Saint Martin—*Année Geographique*, vol. 2.º, pag. 435.

[2] Morelet.—*Les Açores*, pag. 14.

676) KINGSTON (WILLIAM H. G. ESQ.) Author *of the Circassian chief, the Prime Minister*, etc.

E.—*Lusitanian sketches of the pen and pencil.* London, 1845. 8.° (Esboços de Portugal á penna e a lapis). Tem um grande numero de estampas.

677) KINSEY. The Rev. W. M. B. D. Fellow of Trinity College, Oxford, and chaplain to the right Hon. Lord Auckland.

E.—*Portugal illustrated by—. Second edition.* 4.°, 566 pag. com grande numero de estampas. E' uma das obras mais notaveis escriptas por estrangeiros relativamente a Portugal.

«As alturas ao sul coroadas com baterias, logarejos e vinhas, descendo por suas encostas até o lume d'agua; os numerosos barcos de pesca e de recreio cortando o rio em variadas direcções; a fileira comprida e não interrompida de palacios, conventos e predios correndo ao longo da praia desde Belem até Lisboa, debaixo da elevada serra, em cujo pincaro está erguido o palacio da Ajuda, esplendida residencia dos soberanos portuguezes; e finalmente a mesma bella cidade com os seus zimborios, torres e magnificos edificios estendidos sobre muitos montes: e, mais do que tudo, por cima a deslumbrante abobada celeste azulada, formam uma combinação de objectos, cujo commovente interesse mal póde ser representado a uma imaginação do Norte.» Pag. 12.

«A nação portugueza tem desempenhado um papel proeminente e distincto no gyro dos acontecimentos humanos; e não pode a historia humana apresentar em seus annaes uma potencia que mais dignamente tenha sustentado seu posto entre as nações do mundo pelo desenvolvimento de forças moraes e intellectuaes; pelo arrojo de suas empresas, por suas gloriosas conquistas; pela sabedoria nos concelhos, por noções justas do governo constitucional.» Pag. 14.

Se o auctor nos tece grandes elogios, não são menores as censuras que nos faz pelo estado de immundicie em que a cidade se achava. Tanto os elogios como as censuras eram bem merecidas, e ainda hoje as merecemos, se bem que Lisboa tem melhorado bastante desde o tempo em que Kinsey escrevia as suas cartas em 1827.

«A orchestra da opera de Lisboa é uma das mais completas na Europa, e na verdade o scenario, decorações e vestuarios estão perfeitamente a par d'aquelles que se podem ver em qualquer theatro europeu.» Pag. 66.

«As modinhas portuguezas são peregrinamente bellas e simples, não só emquanto ás palavras, mas até pela composição da musica. São geralmente expressão de algum sentimento amoroso, terno ou melancolico, de desespero ou esperança, e seu effeito é tal que, quando bem acompanhadas pela voz á guitarra, chegam a arrancar lagrimas dos ouvintes, apesar de acostumados á sua frequente repetição.»

Termina esta obra com uma historia da litteratura portugueza, composta por James Warre, na qual se fazem principalmente os mais pomposos elogios ao nosso abbade Corrêa da Serra. Effectivamente este nosso escriptor tornou-se bem conhecido pelos seus escriptos em todo o mundo illustrado. Refugian-

do-se na França, foi um dos collaboradores da obra *The Litterary Archives of Europe*, e o Instituto de França nomeou-o socio.

ESTAMPAS E VINHETAS

1.ª Vista da Universidade de Coimbra—2.ª Sello do mosteiro de Tibães—3.ª Barcos que navegam no Douro—4.ª Mappa de Portugal, gravado por Arrowsmith—5.ª Torre de Belem—6.ª Alturas do cabo da Rocca—7.ª Candeeiros de que se faz uso ao Norte de Portugal—8.ª Collecção de modinhas portuguezas acompanhadas da musica e da traducção ingleza e franceza—9.ª Uma sege subindo uma ladeira—10.ª Sitio em que foi encontrada N. S. da Conceição da Rocha—11.ª Cintra—12.ª Palacio de D. Manuel em Cintra—13.ª O convento de cortiça em Cintra—14.ª Um burro e um burriqueiro—15.ª Duas estampas representando as moedas portuguezas—16.ª Um corcunda ou absolutista—17.ª Vista do Douro, perto do Porto—18.ª Varios votos suspensos nas egrejas de Portugal—19.ª Uma estalagem portugueza—20.ª Vista do Porto e Villa Nova de Gaia, tirada do convento da Serra—21.ª Barco de vinho e de passagem no Douro—22.ª Aloes em flor e a arvore de murta com uma videira entrelaçada—23.ª Maneiras de viajar em Portugal—24.ª Altar no caminho para receber esmolas para as almas do Purgatorio—Dois frades vistos em Tuy, na Hespanha—26.ª Valença vista do Rio Minho—27.ª Uma scena de noite em Ponte de Lima—28.ª Passagem da serra da Bruga em liteira—29.ª Um camponez e sua familia nas provincias de Douro e Minho—30.ª Aloes americano—31.ª Vista do Douro, tirada do Peso da Regoa—32.ª Camponez tocando guitarra—33.ª Vista do Douro por debaixo do convento da Serra do Pilar—34.ª Barco allado por bois n'um ponto—35.ª Retrato de D. Ignez de Castro—36.ª Chafariz portuguez—37.ª Vista de Lima—38.ª Vista do mosteiro da Batalha—39.ª Arco da entrada occidental da capella velha em Leiria—40.ª Vista de Alhandra—41.ª Cruz e disciplina dos Franciscanos—42.ª Vista de Lisboa—43.ª Cromleh perto de Arrayolos—44.ª Torre de S. Julião da Barra—45.ª Retrato de Luiz de Camões—46.ª O paquete *Sandwich* ancorado no porto de Falmouth.—Nove estampas coloridas representando varios trajos portuguezes terminam este vol.

678) KLOGUEN (Rev. DENIS L. COTTINEAU DE).

E.—*An historical sketch of Goa, the Metropolis of Portuguese settlements in India.* Madras, 1831. (Bosquejo historico etc.)

Em Goa fez-se uma versão portugueza d'este livro.

679) KNT (A. L.)

E.—*Contribution to an historical sketch of the Roman Catholic Church at Macao, and the domestic and foreign relations of Macao, by.—Canton* (China), 1834. (Auxilio para um esboço historico da egreja catholica romana de Macau.)

680) KOCK (PAUL DE). Um dos mais celebres romancistas francezes contemporaneos. Nasceu em Passy, perto de Paris, em 1794.

E.—*Le troubadour portugais*, melodrama. Paris, 1815.

681) **KORT ENDE WAERA CHTIGH VERHAEL** *van wegen executie over verscheyden vande Grootste ende gequalificeertste Heeren van Portugal gedean, van wegen hare begane verraderie tegens den Coning van Portugal, welcke alle zijn ter diodt gebrocht tom Lisbon op den 29 augusti 1641. In's Graven Haye. By Ludolph Breeckevett.* Anno 1641. 7 pag. (M. S.)

682) **KORTE OBSERVATIEN** *op het Vertogh door een ongenaemden wyt gegeven, aende Ho: Mo: Heeren Staten Generael der Vereenighde Nederlanden. Nopende de voor gaende ende tegenwoordige Proceduren van Brasil. In gestelt door een Lief-hebber des Vaderlants t'Amsterdam.* Anno 1647.

683) **KITTLER (ROBERTO).**—Livreiro em Hamburgo, e editor de um grande numero de obras portuguezas, cujo catalogo apparece no fim do *Diccionario portuguez-allemão* de Eduardo Theodoro Böschc.

684) **KOSTER (HENRI).**

E.—*Voyages dans la partie septentrionale du Brésil, depuis* 1809 *jusq'en* 1815, *comprenant les provinces de Pernambuco (Fernambouc) Seara, Paraiba, Maragnan, etc. par —. Traduits de l'anglais par M. A. Jay. Ornés de huit planches coloriées et de deux cartes.* Paris. Chez Delaunay, 1818. 2 vol. 8.° gr., o 1.° de XLVIII—376 pag., o 2.° de 512 pag.

O auctor gaba-se de que a lingua portugueza ainda lhe é mais familiar do que a da sua patria.

685) **KUNSTMANN (FREDERICO).**

E.—*Historia da ordem de Christo, tirada de documentos da Torre do Tombo*

Nada mais posso dizer a respeito d'esta obra, que não pude ver, e a noticia devo-a á pag. 13 do 1.° vol. das *Memorias da Academia Real das Sciencias*, nova serie. (Discurso lido em 5 de julho de 1854 pelo secretario Joaquim José da Costa de Macedo.) Parece porém que a obra é escripta em allemão.

686) **KUTZE WARHAFFTIGE RELATION** *und Beschreibung der wunderbartsen vier Schiffahrten so jemals verrich wonden als nehmlich, etc.* (Breve e verdadeira descripção das quatro viagens mais extraordinarias que jámais se fizeram, a saber: De Fernão de Magalhães, portuguez, com Sebastian del Cano.—De Francis Drake, inglez.— De Thomaz Candish, inglez.— De Olivier de Noort, hollandez.—Todos os quaes andaram á roda do mundo. Nurnberg, 1603. 4.°—T. Compans.

L

687) **LABAT (JEAN BAPTISTE).**—Des Freres-Precheurs.—Missionario francez. Nasceu no anno de 1663, e falleceu no de 1738. [1]

E.—*Nouvelle relation de l'Afrique Occidentale contenant une description exacte du Senegal et des pays situés entre le Cap Blanc et la Rivière de Serre lionne jusq'à plus de* 300 *lieues en avant dans les terres. L'histoire naturelle de ce pays, les differentes nations qui y sont repandues, leurs religions et leurs mœurs. Avec l'état ancien et present des compagnies qui y font le commerce. Ouvrage enrichi de cartes, de plans et des figures en taille douce.* A Paris. Chez Guillaume Cavellier, 1728. 8.º, 5 vol.

O auctor diz que nunca foi á Africa, mas que fez o seu trabalho servindo-se de Memorias escriptas por pessoas sabias, esclarecidas, e de uma probidade reconhecida. Termina o 5.º volume com as observações de mr. Brue a respeito de Portugal (de pag. 259 a 370). Diz o auctor que se encontram em Lisboa larangeiras superiores a tudo quanto se póde imaginar de bello. Trata em seguida das arvores e flores de Portugal. «Emquanto áquellas, que nenhum arbusto se pode ver mais bello do que um chamado *crista de gallo*, proveniente da India, e que a flor mais rara, a qual alguns julgam a mais bella da Europa, é a *flor do arcebispo*, proveniente do Cabo da Boa Esperança. Encontrou tambem cebolas e alhos brancos de uma grossura prodigiosa, muito bons para comer e deitar na salada.»

II. *Relation historique de l'Ethiopie Occidentale; contenant la description des royaumes de Congo, Angolle, et Matamba, traduite de l'italien du P. Gavazzi, et augmentée de plusieurs Relations portugaises des meilleurs auteurs avec les notes; des cartes geographiques et un grand nombre de figures en taille-douce. Par* —. A Paris. Chez Jean Baptiste Delespine, 1732. 5 vol. 8.º

O referido padre Cavazzi partiu para a sua missão em 9 de fevereiro de 1654, e chegou ao Congo no mesmo anno. Como é de suppor, n'esta obra quasi que não ha pagina que não falle dos portuguezes. Trata dos usos e costumes

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 28.º, pag. 332.

d'aquelles povos, das missões, e da historia da celebre rainha Zingha, a respeito da qual apresenta duas estampas, uma representando a audiencia que lhe deu o governador de Angola, e a outra o seu baptismo. Termina esta obra com a relação de uma viagem nova e curiosa dos padres Michel Ange e Deny de Carlis, capuchinhos missionarios apostolicos ao reino do Congo.

III. *Voyage du chevalier Des Marchais en Guinée, Iles voisines et à Cayenne, fait en 1725, 1726, et 1727. Contenant une description tres exacte et tres étendue de ce pays et du commerce qui s'y fait. Enrichi d'un grand nombre de cartes et figures en taille-douce. Par* —. A Paris. Chez Charles Osmond, 1730. 8.º 4 vol.

O auctor diz que para descrever estes paizes tinha excellentes obras escriptas por portuguezes e francezes, mas que preferiu a relação de Des Marchais, por causa do profundo conhecimento que tinha d'aquelles paizes.

688) LABORDE (ALEXANDRE DE).

E.—*Vœu de la justice et de l'humanité en faveur de l'expédition de D. Pedro. Par* —. Paris, 1832. 9.º

689) LAC (H. FOURNIER DU).

E.—*Lettre à M. le Vicomte de Santarem, membre correspondant de l'Institut de France sur le sceau de Denis le libéral, roi de Portugal. Extrait de la Revue Archéologique, 3.º année.* Paris, 1851.

690) LACOMBE.

Pela leitura da *Historia de Portugal* por Alphonse Rabe vê-se que escreveu a respeito do nosso Affonso VI.

691) LACORDAIRE (JEAN THEÓDORE).

E.—*Douville au Congo.* Na *Revue des deuxs mondes.* Paris, 1832.

692) LAET (JEAN).—Geographo belga. Era director da Companhia das Indias.

E. I.—*Portugalliæ sive de regis Portugalliæ regnis et opibus.* Leyde, 1641. Ib. 1644.

II. *Historia naturalis Brasiliæ, in qua G. Pisonis de Medecina Brasiliensi et G, Maregravii Historiæ Rerum Naturalium Brasiliæ cum annotationibus.* Leyde, 1648. Fol.

693) LAFITAU (JOSEPH FRANÇOIS). Missionario francez.

Nasceu no anno de 1670; falleceu na mesma cidade em 1740.[1]

E.—*Histoire des descouvertes et conquetes des portugais dans le nouveau monde, avec des figures en taille douce par* —, *de la compagnie de Jesus.* Pa-

[1] F. Didot.—*Biographie Universelle*, vol. 28.º, pag. 747.

ris, 1733, 2 vol., 4.º Paris, 1734, 4 vol., 8.º Esta *Historia da India Portugueza* finda no anno de 1581, e é ornada com estampas.

Tomo I.—1.ª Vista da cidade de Lisboa—2.ª Mappa das descoberta dos portuguezes—3.ª Retrato do infante D. Henrique—4.ª Recepção dos portuguezes na côrte do Congo—5.ª Vista das cidades de Cochin e de Cananor—6.ª Vista de Moçambique o de Sofala.

Tomo II.—Vista da ilha e cidade de Goa—2.ª Vistas de Adén, Mambaça, Quiloa e S. Jorge da Mina—3.ª Retrato de Affonso de Albuquerque e vista da cidade de Ormuz.

Tomo III.—1.ª Retrato de Vasco da Gama e vista da cidade de Calecut—2.ª Retrato de Nuno da Cunha, fortaleza de Diu, e morte do sultão Badur.

Tomo IV.—Differentes especies de embarcações usadas nos mares das Indias—2.º Retrato de D. João de Castro, e vista da cidade de Malaca—3.º Retrato de D. Constantino de Bragança, e vista da cidade de Damão—4.º Vista das cidades de Chaul e de Baçaim—Retrato de D. Luiz de Athayde, e vista das cidade de Mangalor, Onor e Bracalor.

«Sem pretendermos diminuir em nada a gloria que os hespanhoes adquiriram, se suas conquistas sobresahem em se fazerem ler com prazer por causa da unidade de acção, é mister tambem considerar que ficam muito inferiores, quando se comparam conquistas a conquistas, reinos a reinos, nações a nações. Os mexicanos e peruvianos, apesar de formarem estados policiados, ricos e florescentes, eram todavia barbaros, que se não sabiam melhor defender, do que os outros povos selvagens da America, nem menos faceis para vencer do que os negros africanos. Pelo contrario os povos das Indias Orientaes, apesar de muito maus soldados por si mesmos, tinham comtudo maiores soccorros, por isso que entre elles estavam em uso as armas de fogo, e possuiam um numero consideravel de tropas auxiliares, formadas de christãos renegados e musulmanos, que tinham antes feito rosto ás tropas de todos os potentados da Europa, aos quaes fizeram ficar mal varias vezes na Asia em tempo das cruzadas. Mas, se apesar d'isto se teimar no despreso que se concebeu contra os reis e povos do Indostão, não se poderá comtudo recusar ás armas portuguezas o louvor que lhes é devido quando reflectirmos que o Sophi Ismael, conquistador da Persia, e os reis Mogoes preferiram procurar sua alliança, antes que declarar-lhes guerra, e que os caliphas do Egypto, e dois sultões tão poderosos como eram Selim e Solimão, imperadores dos turcos, que tentaram empecer-lhes suas conquistas, com a vergonha das derrotas e inutilidade dos esforços, nada mais conseguiram do que realisar a gloria dos portuguezes.»

694) **LAFUENTE (D. MODESTO DE).**—Historiador hespanhol moderno e notavel.

Mandou publicar no 4.º volume da *Revista Popular* algumas passagens do 4.º volume da sua *Historia de Hespanha*, n'aquelle tempo ainda inedito.

695) **LALLEMAND.**

E.—*Murphy (J.) Voyage en Portugal à travers les provinces de Entre Dou*

vo et Minho, de Beira, de Estremadura et d'Alemtejo dans les années 1789-90. *Traduit de l'anglais par* —. Paris, 1797. Fol.

696) LAMAREE (JEAN BAPTISTE HIPPOLITE).

E.—I. *Relation de la defense de la place de Badajoz en* 1812 *par les troupes françaises contre l'armée anglo-portugaise*. Bayonne, 1821.

II. *Relation des sièges et défenses de Badajoz, d'Olivence et de Campo Maior en* 1811 *et* 1812 *par les troupes françaises sur les ordres du duc de Dalmatie*. Paris, 1825.

697) LAMARTINE (ALPHONSE PRAT DE). Um dos poetas francezes mais notaveis de nossos tempos. Nasceu a 21 de outubro de 1792.[1] Escreveu esta ode em louvor do nosso Francisco Manuel do Nascimento, seu mestre de portuguez:[2]

LA GLOIRE—A UN POETE EXILÉ

Généreux favoris des filles de Mémoire,
Deux sentiers différents devant vous vont s'ouvrir:
L'un conduit au bonheur, l'autre mène à la gloire;
Mortels, il faut choisir.

Ton sort, ô Manoel! suivit la loi commune;
La Muse t'enivra de précoces faveurs,
Tes jours furent tissus de gloire et d'infortune,
Et tu verses des pleurs!

Rougis plutôt, rougis d'envier au vulgaire
Le stérile repos dont son cœur est jaloux
Les dieux ont fait pour lui tous les biens de la terre,
Mais la lyre est à nous.

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.
Quand nous ne sommes plus, notre ombre a des autels
Où le juste avenir prépare à ton génie
Des honneurs immortels.

Ainsi l'aigle, superbe au séjour du tonnerre
S'enlace, et soutenant son vol audacieux,
Semble dire aux mortels: Je suis né de la terre,
Mais je vis dans les cieux.

Oui, la gloire t'attend, mais arrête, et contemple
A quel prix on pénètre en ces parvis sacrés,
Vois: l'Infortune, assise à la porte du temple,
En garde les degrés.

[1] *Dictionaire de la conversasion et de la lecture*, vol. 12.°, pag. 74.

[2] Il gagnait péniblement le pain de ses vieux jours en enseignant sa langue. Il m'enseignait le portuguais et m'apprenait à admirer Camoens.» Lamartine, *Premières Meditations Poetiques*, vol. 1.°, pag. 194.

Ici c'est un vieillard que l'ingrate Ionie
A vu de mers en mers promener ses malheurs :
Aveugle, il mendiait au prix de son génie
Un pain mouillé de pleurs.

Là le Tasse, brûlé d'une flamme fatale,
Expiant dans les fers sa gloire et son amour,
Quand il va recueillir la palme triomphale,
Descend au noir séjour.

Partout des malheureux, des proscrits, des victimes,
Luttant contre le sort ou contre les bourreaux :
On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes
Mesure plus de maux.

Impose donc silence aux plaintes de la lyre :
Des cœurs nés sans vertu l'infortune est l'écueil;
Mais toi, roi détrôné, que ton malheur t'inspire
Un généreux orgueil !

Que t'importe, après tout, que cet ordre barbare
T'enchaine loin des bords qui furent ton berceau ?
Que t'importe en quels lieux le destin te prépare
Un glorieux tombeau.

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage
N'enchaineront ta gloire aux bords où tu mourras :
Lisbonne la réclame, et voila l'heritage
Que tu laisseras.

Ceux qui l'ont méconnu pleureront le grand homme :
Athène à des proscrits ouvre son Panthéon;
Corolian expire, et les enfants de Rome
Revendiquent son nom.

Aux visages des morts avant que de descendre,
Ovide lève au ciel ses suppliantes mains :
Aux Sarmates grossiers il a legué sa cendre,
Et sa gloire aux Romains.

Esta ode foi traduzida do seguinte modo pela nossa marqueza d'Alorna :

Generosos validos das Camenas,
Dois caminhos diversos se vos abrem :
Um conduz á ventura, est'outro á gloria;
Mortaes, a escolha importa,

Seguiu a lei commum o teu destino :
Com prematuros dons fartou-te a Musa;
D'infortunios e gloria encheste os dias;
E tu choras, Filinto !

Teme invejar ao vulgo esse ocio esteril
Que stulto zela, nutre, e que idolátra;
Os Deoses dão-lhe os bens todos da terra,
Porém a lyra é nossa.

Os seculos são teus, tua patria é o mundo:
Se acabamos, tem nossa sombra altares,
Onde o Porvir prepara ao teu ingenho
Justas, immortaes honras.

Ao sitio dos trovões aguia suberba
Assim sobe e sustenta o voo excelso;
E parece que diz: Nasci na terra,
Mas nos ceos é que vivo;

Sim, a gloria t'espera: olha, e contempla
A que preço taes lares se penetram:
Ao portico do templo está sentado
Vigilante o Infortunio.

D'alli vês o Ancião que na Grecia ingrata
Vio transferir de mar em mar seus males:
Cego, mendiga a preço do seu estro
Pão ensopado em pranto.

Acolá Tasso, ardendo em fatal fogo,
Em ferros expiava amor e gloria:
E quando ia a colher triumphal palma,
Desceo ao negro abysmo.

Por toda a parte victimas, proscriptos,
Lutando contra a Sorte, ou contra algozes;
Creio que o Ceo destina a peitos nobres
Maior porção de magoas.

Impõe silencio aos ais da tua lyra:
Corações sem virtude é que esmorecem:
Rei desthronado! inspire-te a desgraça
Gloriosa soberba.

E que t'importa, emfim, que te agrilhoe
Longe das praias de teu berço, a força?
Em que logar teu fado te prepara
Tumulo glorioso?

Dos Tagides crueis, exilios, ferros
Não te encarceram fama; onde morreres
Lisboa te reclama; essa é a herança
Que opulento lhe deixas.

Lucto profundo, lagrimas sem conto
Ha de custar á patria o homem grande,
O Luso Cysne que expulsou raivosa
Para distantes plagas

Chorará quem tua alma desconhece:
A proscriptos o Pantheon abre Athenas;
Expira Coriolão; de Roma os filhos
Revindicam seu nome.

Sobre as margens da morte antes que desça,
Ovidio aos Ceos levanta as mãos devoto:
Aos Sármatas grosseiros lega a cinza,
Sua gloria aos Romanos.

698) **LAMBERTINI (JEAN BAPTISTE).**—Viajante e historiador hollandez. Nasceu em Anvers no anno de 1570 e falleceu no de 1650.[1]

E.—*Theatrum Regium sive Regum Hispaniae, Aragoniae, Navarrae et Portugalliae, series et compendiosa narratio.* Bruxelles, 1628. (Theatro regio ou historia abbreviada dos reis de Hespanha, Aragão, Navarra e Portugal).

699) **LA MORT GLORIEUSE DE SOIXANTE ET UN CHRÈTIENS** *de Macao, decapités à Nangasaqui au Japon en* 1640. Rouen, 1643. Lille, mesmo anno.

700) **LAMOTHE (GUERIN DE).**

E.—*Charte Chorographique des environs de Lisbonne d'après les opérations trigonometriques de M. Ciera, et levées des ingenieurs portugais et français.* Paris, 1821.

701) **LAMOTTE (ANTOINE HOUDART DE).**—Poeta e critico francez. Nasceu em Paris no anno de 1672, e falleceu no de 1731.

E.—*Inez de Castro, tragedie en un acte et en vers.* Paris, 1723.

Houve quem a traduzisse para inglez com o titulo de *Elvira.*

«A tragedia de Ignez de Castro, de Lamotte, representada em 1723, teve um acolhimento tão prodigioso, que fez época na historia dramatica de França Geoffroy.»—*Cours de Litterature Dramatique,* vol. 2.º, pag. 290.

A referida tragedia é minuciosamente analysada no 2.º vol. do *Cours de Litterature de La Harpe*

702) **LAN (JULES —Avocat).**

E.—*Parallèle entre le marquis de Pombal et le baron Haussmann. Par —.* Paris, 1869. 4.º, 356 pag. Com os retratos de Haussmann e do marquez.

[1] F. Didot.—*Novelle Biographie Universelle,* vol. 29.º, pag. 163.

703) LAN.

E.—*Crédit (le) foncier en Portugal, son origine, ses progrès, son avenir.* Paris, 1865. Brochura.

704) LANDELLE (LA).

E.—*Le premier Tour du Monde.*—romance, cujo protogonista é o nosso Fernão de Magalhães, publicado no jornal *La Semaine des familles.* Paris, 17.º vol. Anno de 1875.

705) LANDI (G.)

E.—*La descrettione del Isola de la Madera gia scritta nela lingua latina de—tradotta da A. Tini.* Piacenza, 1574.

706) LANDMAN (GEORGE),—Lieutenant colonel in the corps of royal enginers, the same rank in the Spanish corps of enginers with brevet rank of Colonel.

E.—*Historical-military and pictoresque observations en Portugal. London. Printed for T. Cadell and W. Davies.* 1818, fol. max. 1.º vol. 607 pag.; 2.º vol. 293 pag.; mais 203 de documentos e 132 de appendice. (Observações historicas, militares e pittorescas sobre Portugal.)

Pode-se dar a esta obra o titulo de monumental, e é acompanhada de grande numero de estampas coloridas, algumas das quaes indubitavelmente não primam pela fidelidade. Tratam dos seguintes assumptos:

1.ª Palmella—2.ª Setubal—3.ª Alcacer do Sal—4.ª Alcacer do Sal vista do Oriente—5.ª Mertola—6.ª Faro—7.ª Aljustrel—8.ª Vimeiro—9.ª Albufeira—10.ª Albufeira vista do Oriente—11.ª Portimão—12.ª Porto de Portimão—13.ª Silves—14.ª Silves vista do Oriente—15.ª Banhos quentes na Serra de Monchique de Abrantes—16.ª Monchique, perto do Cabo de S. Vicente—17.ª Pomar velho na Serra de Monchique—18.ª Costa de Lagos—19.ª Bahia e porto de Lagos—20.ª Ponte de Lagos—21.ª Aljezur—22.ª Milfontes—23.ª Arraiolos—24.ª Estremoz—25.ª Cintra—26.ª Convento perto de Cintra—27.ª Convento na rocha de Cintra—28.ª Cintra vista da estrada de Mafra—29.ª Palacio real de Albufeira—30.ª Punhete na juncção do rio Zezere com o Tejo—31.ª Vista tirada do castello de Abrantes—32.ª Ponte de Niza—33.ª Passagem em barcos no Tejo em Villa Velha—34.ª Vau no rio Sever—35.ª Passagem pelas serras perto de Ladeira—36.ª Foz do Tejo—37.ª Vista do Tejo—38.ª Torres Vedras—39.ª Torturas da inquisição—40.ª Idem—41.ª Leiria—42.ª Pombal—43.ª Coimbra—44.ª Idem—45.ª Ponte de barcas no Porto—46.ª Penafiel de Sousa—47.ª Amarante—48.ª Idem—49.ª Ponte de Lima—50.ª Idem—51.ª Valença—52.ª Cidade de Tuy—53.ª Bahia de Vigo—54.ª S. Paio, perto de Redondella.

707) LANGLE (Contre-amiral FLEURIOT DE).

E.—*Voyage au Malabar* (em o n.º 185 do jornal francez *Tour du Monde*, de 1863). E vem acompanhada das seguintes estampas:

1.ª Casa do governador, em Pangin ou Nova Goa, na Costa do Malabar—

2.ª Uma vista de Mahé, possessão franceza sobre a costa de Malabar—3.ª Uma vista de Mahé, sobre a costa de Malabar—4.ª Entrada das grutas em Elephanta—5.ª Mulheres indias das castas baixas em Bombaim—6.ª Casamento de Siva e de Parvati; baixo relevo de Elephanta—7.ª A gruta dos leões em Elephanta—8.ª Grande gruta em Elephanta.

«Os christãos são muito numerosos na possessão franceza de Mahè. Proveem ou das antigas conversões feitas pelos portuguezes, ou da mistura d'esta nação com as mulheres do paiz.

«Quando do sul se chega á barra de Goa, passa-se primeiro por diante das ilhas de S. George.

«O braço do rio de Goa, que desemboca ao sul chama-se Murmugão: abre-se bem depressa aos olhos dos viajantes, mas as terras são geralmente ennevoadas, e é difficil distinguir bem os accidentes dos terrenos. Grandes edificios corôam as alturas, e tudo annuncia que uma nação poderosa tinha feito de Goa sua capital. O convento do Cabo é um dos mais bem conservados d'aquelles edificios; está situado na extremidade da ilha de Salsete. Mais ao norte um pharol domina o ancoradouro da Aguada, e varias ermidas attestam o fervor dos primeiros portuguezes que se estabeleceram n'estas costas.

«Longas fileiras de fortes armados de peças enferrujadas corôam o ancoradouro da Aguada, mas este apparato militar já não póde resistir aos actuaes ataques. Pangin ou Nova Goa possue egrejas muito notaveis e quarteis. O palacio do governador é um edificio vasto.

«Á primeira vista admiramo-nos do grande numero de padres que circulam nas ruas de Pangim, mas a rasão é que ainda que os inglezes dominam politicamente toda a costa de Malabar, a direcção religiosa pertence a Goa: esta cidade é o vasto seminario d'onde sahem os padres que exercem o santo ministerio na India quasi inteira. A velha Goa fica a duas horas de Pangim, pelo rio acima. Uma calçada reparada pelo visconde de Torres Novas alli conduz facilmente, e tambem se pode ir em barco. Seria necessaria uma potente imaginação e conhecimentos archeologicos bem rigorosos para reconstruir pela lembrança a cidade dos vice-reis.

«A cathedral é uma nobre basilica, cuja frontaria se ostenta n'uma praça de vastas proporções. Suas duas torres quadradas são de um bello risco. O comprimento do edificio anda por uns 70 metros, e a largura da nave perto de 27. Quando penetramos em a nave ficamos maravilhados do grandioso do santo logar. Cada lado tem 7 capellas, e o altar mór é magnifico. O corpo de S. Francisco Xavier está na egreja do Bom Jesus, que pertencia aos jesuitas. E' em fórma de cruz esta egreja, e o altar mór é esplendido. O mausoleu do Santo é magnifico. A seus pés veem piedosamente os indios de todas as castas ajoelhar e beijar suas reliquias.

«O commercio de Goa é fraco, e esta antiga metropole das Indias está bem decahida do seu esplendor passado.

«Um convento, que os portuguezes tinham construido em Bombaim, está convertido em casa de recreio, e a casa do capitulo serve de casa de jantar ao governador de Bombaim.»

Esta viagem á costa do Malabar foi feita em 1859 e 1860.

708) LANGSDORF (GEORGE HENRI).

E.—*Memoire sur le Bresil pour servir de garde aux personnes qui desirent s'yetablir*. Paris, 1820.

709) LARA (DAVID BEN ISAAC COHEN DE). Judeu.

Nasceu em Lisboa, e residiu por muitos annos em Hamburgo e Amsterdam.

E.—I. *Kitter Kehuna*; isto é: *Corôa dos Santos e do Sacerdocio*. Comprehende até a letra *Iod*. Hamburgo, por Jorge Robenlino, 1667. Fol.

E' um copioso Diccionario Talmudico Rabinico, que contém a exposição e correspondencia das vozes talmudicas e rabinicas, em quatorze linguas, a saber: Chaldea, Syriaca, Arabica, Persiana, Turca, Grega, Latina, Italiana, Castelhana, Portugueza, Franceza, Allemã, Saxonia e Ingleza.

II. *Tratado de Moralidad y regimiento de la vida de Rabbenu Mosé de Egypto*. Hamburgo, 1662. Officina de Jorge Robellinos.

III. *Tratado del Temor Divino*. Amsterdam, 1633.

A respeito d'estas e d'outras obras. V. Antonio Ribeiro dos Santos nas *Memorias de Litteratura Sagrada dos Judeus Portuguezes*.

710) LAROUSSE (PIERRE).

E.—*Biographie du Camoens telle qu'elle figurera dans les colones du Grand Dictionaire par* —. Paris. Librairie de V.ᵉ J. P. Aillaud, Guillard et C.ᵉ 1867, 8.º, 13 pag.

«Eis ainda um d'esses grandes homens a quem um grande genio não salvou do infortunio. A quem imputaremos os longos transes que o perseguiram até á cova? A essa organisação nervosa, a essas paixões vivas e ardentes, inseparaveis talvez do genio, ou a isso a que se dá o nome de sorte, a essa fatalidade invencivel, que parece inherente a esses poetas creadores, destinados a erigirem monumentos immorredouros entre os homens?

«Homero, Tasso, Milton, Camões, Cervantes, illustres infelizes sobre quem pesou esta mão de ferro: seres mysteriosos, nos quaes tudo foi extraordinario, que soffrieis e mendigaveis ao cantardes vossos versos divinos, que hão de fazer o eterno recreio dos homens, dizei-nos o segredo de vossos prolongados infortunios; dizei-nos as causas de vossos peregrinos e deploraveis destinos. Mas quem os sabe, e sabel-os-hieis vós mesmos? *Sunt lacrymæ rerum*. E apenas se veem seus effeitos. A gloria serve de galardão ao soffrimento, e vossos nomes immortaes d'isso são a prova. Porém nenhum d'elles foi talvez mais acabrunhado de desditas de todos os generos, do que o poeta, ao qual Lisboa deve toda sua gloria litteraria.»

711) LASTEYRAC (JULES).

E.—I. *Le Portugal depuis la revolution de 1810*.

II. *Souvenirs des Açores*. (Na *Revue des deux Mondes*, de 1841 e 1842.)

712) LATOUCHE (JOHN).

E.—*Travels in Portugal with illustrations by Right Hon. Sotheron Estcourt.* London, 1875. (Viagens em Portugal).

713) LAVAL (FRANÇOIS PYRARD DE).

E.—*Voyage contenant sa navigation aux Indes Orientales, aux Moluques et au Brésil.* Paris, 1616. Ibid. 1619, 2 vol. Vide *Pyrard.*

714) LAVIGNE (A. GERMOND DE).—Escriptor francez. Nasceu em 1812.[1]

E.—*Itineraire descriptif, historique et artistique de l'Espagne et de Portugal.* Paris, 1860. 2.ª edição 1861.

II. *L'Espagne et le Portugal.* Paris, 1867.

715) LAVRO (CARLO).

E.—*Adventure admirable par dessus toutes les autres des siècles passés et présents, par laquelle il appert évidemment que D. Sebastien en vray est légitime roy de Portugal, incognu depuis la bataille qu'il perdit contre les infidèles en Afrique, l'an 1578, est celuy meme que les seigneurs de Venise ont détenu prisionier deux ans et vingt deux jours finis au XV décembre dernier passé au quel jour il fut extraordinairement remis en liberté, et sortant de Venise s'en vint à Florence. Le tout traduit du castillan en français, par l'incomparable astrologue* —. 1601, 8.° (C. M. B. I. P.)

716) LEAKE (JOHN).

E.—*Dissertation on the properties and efficacy of Lisbon die drink.* London, 1857. (Dissertação sobre as propriedades e efficacia da bebida para dieta em Lisboa).

717) LEBEN DES SEBAST. *Joseph von Carvalho und Mello Marq. von Pombal.* Leipzig, 1782. 2 vol.

718) LE BON VOISIN, *c'est à dire: le Portugais.* Sem logar de impressão. 1646, 4.° Folheto. (C. M. B. I. P.)

719) LEBRUN (PONCE DENIS ECOUCHAD).—Poeta francez. Nasceu em Paris no anno de 1729, e falleceu na mesma cidade no de 1807.

E.—*Ode sur la ruine de Lisbone.* Paris, 1755.

720) LEESER (ISAAC).—Hebraista americano. Nasceu no anno de 1806 em Neukrich (Westphalia), e rabbino da synagoga de Philadelphia.

E.—*Portuguese form of prayers*—com o hebreu em frente. Philadelphia, 1837. 2 vol.[2] (Rito portuguez das orações).

[1] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains*, pag. 1094.

[2] Idem, idem, pag. 754.

721) LEFEBVRE (PHILIPPE).

E.—I. *Examen de la tragedie d'Ines de Castro par de Lamotte Houdart.* Paris, 1723.

II. *Lettres d'un gentilhome de Province au sujet de la tragedie d'Inez de Castro.* Paris, 1723.

722) LEFRANC.

E.—*Histoire de Portugal.* Paris.

723) LEGRAND ET DOMINIQUE (M. M.)

E.—*Agnès de Chaillot. Parodie d'Ines de Castro.* Dijon, 1777.

724) LEGITIMITÉ (DE LA) *en Portugal. Question portugaise soumise au jugement des hommes impartiaux.* Paris, 1828.

725) LEGLAY.

Publicou nos seus *Analectes* curiosos documentos relativos aos filhos de D. Ignez de Castro, extrahidos dos archivos de Cambrai.

Dá-nos esta noticia o sr. Ferdinand Denis nas suas notas á traducção franceza dos *Luziadas* por Fournier e Desaules, pag. 351.

726) LEMAIRE (SIEUR).

E.—*Voyage of the—to the Canary Islands, Cap Vert, Senegal and Gamby.* London, 1696.

727) LEMERCIER (LOUIS-JEAN-NÉPOMUCENE).—Litterato francez. Nasceu em Paris no anno de 1771, e falleceu no de 1840.[1]

E.—*Pinto,* drama. «Ouvrage auquel on n'a peut etre pas rendu assez de justice, et qui sera un des plus beaux titres de gloire de son auteur.»[2]

728) LENOBLE (PIERRE MADELEINE).

E.—*Mémoire sur les operations militaires des français en Galice, en Portugal, et dans la vallée du Tage en 1809 sous le commandement du maréchal Soult.* Paris, 1821.

729) LEON (D. LORENZO VANDER HAMMEN J.)

E.—*D. Filippe el prudente, segundo deste nombre, rey de las Españas y nuevo mundo.* Madrid, 1622.

730) LEPOWSOKY.

E.—*Peter II. Koenig von Portugal.* Munich, 1818. (D. Pedro II, rei de Portugal).

[1] Firmin Didot—*Nouv. Biographie Universelle,* vol. 30.°, pag. 586.
[2] Alph. Rabbe—*Histoire de Portugal.*

731) LERY (JEAN DE).—Viajante francez. Nasceu no anno de 1534 em Lery, e falleceu em Berne no de 1611. Era pastor protestante, e foi mandado ao Brasil com o fim de estabelecer alli a egreja reformada.

E.—*Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique, contenant la navigation et choses remarquables vues sur mer par l'auteur, le comportement de Villegaignon en ce pays lá, les mœurs et façons de vivre etranges des sauvages brésiliens, avec un colloque de leur langage; ensemble la description de plusieurs animaux, arbres, herbes, et autres choses singulières, et du tout inconnues par deçá, le tout recueilli sur les lieux.* La Rochelle, 1578, 8.°, Genève, 1580, 1585, 1593, 1600, 1611. 8.°

Ha uma traducção latina d'esta obra com o seguinte titulo: *Lorie Joanne Historia navigationis in Brasiliam quae et America dicitur. Escudebat Existathius Vignon*, 1586.

732) LES DERNIERES NOUVELLES *de l'état de la Chretienté en Ethiopie, empire des Abyssins communément appellé du pretre-Jean, où se voit sa conversion à l'Eglise Romaine, escripte en Espagnol par le P. Pierre Merejon.* Paris, 1622.

733) LES ROYAUMES D'ESPAGNE ET DE PORTUGAL *representés en taille-douce très exactes, dessinés sur les lieux mêmes, qui comprennent les principales villes, forteresses, montagnes... Avec les cartes géographiques tant génerales que particulières de ces deux royaumes.* Leyd. Sem data.

734) LESSING.

E.—*Description de l'Amérique Portugaise, ecrite par Cardena.* Brunswick, 1780.

735) LESUR (CHARLES LOUIS).—Litterato e publicista francez.

Nasceu em Guise, na Picardia, no anno de 1770. Falleceu em 1849.[1]

Sua publicação mais importante foi a do *Annuaire Historique et Politique.* Desde 1817 publicou annualmente um grosso volume, onde estavam expostos e resumidos com um espirito prudentemente independente os factos politicos, litterarios e scientificos da França, dos estados da Europa, e d'outras partes do mundo. Esta collecção tornou-se uma fonte preciosa para a historia contemporanea, pois além dos principaes successos, contém muitos documentos officiaes, que seriam difficeis de encontrar n'outra parte. Em 1830 Lesur retirou-se para sua cidade natal, e deixou a Ulysses Tencé toda a direcção do *Annuario.*

No que diz respeito a Portugal é tambem esta publicação muito importante: escripta com desenvolvimento e com a possivel imparcialidade deve ainda ser consultada por quem se propozer a estudar a nossa historia d'aquelles calamitosos tempos. Por exemplo, a historia de Portugal narrada no anno

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 30.°, pag. 998.

de 1828 occupa desde pag. 515 a 577. N'ella se refere minuciosamente a chegada de D. Miguel de Vienna d'Austria; os meios de que se serviu para ser acclamado rei absoluto, e termina pela recepção da rainha D. Maria pelo rei de Inglaterra. Esta historia continua a pag. 465 do volume seguinte.

736) LETTER (A) *to the editors of the Portuguese Investigador in England on the impropriety of abolishing the Royal Wine Company of Portugal.* (Sobre a abolição da companhia dos vinhos do Douro).

737) LETTERA *ad un amico che contiene come una risposta générale a tutte le Ragioni, che in sustanza furono addote nella stampa d'un certo libro con la data di Fossombrone, che ha per titolo Lettere dell' Abate N. N. Milanese ad un prelato Romano, apologetiche della Compagnia di Gesu contra due libelli intitolati: Riflessioni sopra il Memoriale presentato da P. P. Gesuiti Alla Santitá di Papa Clementi XIII felicemente regnante, e Appendice alle Riflessioni.* Lugano, 1761. 8.°, 116 pag. (Contra os Jesuitas.)

738) LETTERE *annue d'Ethiopia, Malabar, Brasil e Goa, dell'anni* 1620-1624. Roma, 1627.

739) LETTRE *d'un négociant de Lisbonne a un correspondant de Paris, contenant une rélation fidèle du tremblement de terre arrivé a Lisbonne le* 1 *novembre* 1755. (Sem data nem logar de impressão).

740) LETTERA *di un amico ad un suo concittadino, in cui si riferiscono i fatti che provano, che l'autore dell'attentato contra la vitta del Re ha de complici, e si ragguaglia il modo con cui é stato formato il di lui processo.* Avignone, 1759.

741) LETTRE *a l'auteur des «Nouvelles Ecclesiastiques» dans laquelle on lui demande si le scandale donné a Lisbonne par le jesuite Casnedi est le plus grand qui soi dans l'Eglise.* Sem data, nem logar de impressão. (C. M. B. I. P.)

742) LETTRE *du Serenissime Roy de Portugal a son embassadeur F. de Sousa Coutinho.* Imprimé a la Haye, chez Michel Staal, demeurant a la cour, vis a vis la prison, 1650; 4 folhas. (M. S.)

743) LETTRES *ecrites de Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume. Traduites de l'Anglois. Suivies du portrait historique de M. le marquis de Pombal.* A Londres, 1780. 8.°, 72 pag.

Esta obra, formada de dezesete cartas escriptas desde 26 de janeiro de 1777 até 3 de junho do mesmo anno, é uma resenha dos beneficios que Portugal colheu com a administração do grande marquez. Mostra o estado de torpor e de abatimento a que o paiz tinha descido, e o estado de engrandecimento, a que chegou no reinado de D. José.

«A nação viu-se livre do poder da inquisição, oppressão a mais horrivel e vergonhosa que povo algum jámais soffreu.

«A expulsão dos jesuitas seguiu-se pouco depois. Se a Europa gosa das vantagens, que foram o fructo da destruição d'esta ordem, deve-o mais que a tudo aos cuidados inquebrantaveis do marquez de Pombal.

«Fixou o numero das missas que seriam ditas por alma dos mortos, e marcou a esmola que se devia dar por cada uma.

«Antes da administração do marquez de Pombal a policia de Lisboa era tão má que se tornava perigoso achar-se na rua á tardinha, ou durante a noite, e os assassinatos eram tão frequentes, que até mesmo se olhavam como accidentes triviaes. Mas desde a ordem, que este ministro estabeleceu em Lisboa, mudaram as coisas de tal sorte, que é para crer que actualmente ha mais segurança nas ruas de Lisboa, do que nas de qualquer outra capital da Europa.

«Durante o tempo de seu ministerio a nação illustrou-se muito, e a agricultura fez grandes progressos, o commercio ampliou-se em grande escala, as artes e as sciencias foram cultivadas, estabeleceram-se algumas fabricas, as finanças chegaram a uma situação respeitavel. Estes factos dão indubitavelmente honra ao ministro, a quem a posteridade ha de fazer a justiça que lhe é devida, quando o tempo houver exterminado os preconceitos que se levantaram contra elle.

«Em tempo algum nem ministerio foi mais tempestuoso, nem mais glorioso que o seu. Houve mister de toda a sua coragem para vencer os perigos que encontrou, tanto pela maldade de seus adversarios, como pelos acontecimentos mais extraordinarios: mas quanto mais as occasiões eram terriveis, tanto maior grandeza e serenidade d'alma patenteava. N'uma palavra, póde-se comparar este ministro com o cardeal Richelieu, sem receio de ir de encontro á verdade. Ambos foram elevados ás maiores honras: ambos governaram por meio do terror, restabeleceram a auctoridade real humilhando a nobreza, ambos tiveram a ridicula pretenção de passarem por galanteadores e de possuirem universidade de talentos; ambos foram grandes politicos, senhores imperiosos, inimigos irreconciliaveis, amaveis na sociedade, affaveis para com os estrangeiros: ambos se elevaram por meios honestos, sem vergarem em tempo algum em frente da adversidade; ambos amontoaram grandes cabedaes; ambos foram a honra e o sustentaculo da nação, cuja leviandade, ingratidão e odio soffreram, o qual venceram por meio da firmeza e do rigor; ambos finalmente fizeram tudo desajudados.

744) LETTERS *from Portugal on the late and present state of that kingdom.* London, 8.° (Cartas de Portugal sobre o antigo e presente estado d'aquelle reino.)

745) LETTERS *from Portugal and Spain written during the march of the British troops under sir John Moore.* (Cartas de Portugal e Hespanha escriptas durante a marcha das tropas inglezas ás ordens de sir J. Moore.)

746) LETTRE *seconde de Lisbonne, écrite a un embassadeur, qui contient un détail tres circonstancié du furieux tremblement de terre qu'il a eu cette année dans le Portugal; du camp du roi pres de Lisbonne le 24 novembre* 1755. 4.° folheto. (Sem data, nem logar de impressão.)

747) LETTRES *et pièces concernant les changements actuels de Portugal a l'égard des jésuites envoyés par le Nonce resident a Lisbonne, a la secreterie de l'état ecclesiastique et distribuées aux cardinaux de la congregation du St. Office, avec le memorial presenté par le Pére Général des Jésuites le* 31 *juillet* 1758 *a S. S. le Pape Clement XIII.* (Sem logar nem data de impressão.

748) LEVEQUE.

E.—*Costume of Portugal illustrated by fifty coloured engravings with a description of the manners and usage of the country.* London, 1814.

749) LIANCOURT (Comte de GODDE DE).

E.—*Société de l'union des nations pour la Civilisation Universelle. Eloge funebre de S. M. D. Pedro, empereur du Bresil, duc de Bragance, regent du Portugal et de l'Algarve par le —. Suivi de stances par M. de Saint Antoine.* Paris, 1835. 4.°

750) LIANO (ALVARO AGUSTIN DE).—Historiador hespanhol. Falleceu em 1830 [1]

E.—*Repertoire portatif de l'histoire et de la litterature des nations espagnole et portugaise.* Berlin, 2 vol. (Sem data.)

II. *Observaciones y noticias curiosas sobre la litteratura castellana y portuguesa y sobre los escritores de estas dos naciones.* Aix la Chapelle et Leipzig 1829-30. 2 vol.

III. *Essai pour servir à l'histoire des nations espagnole et portugaise.* Berlim, 1820.

751) LIBERTINUS (CAROLUS).

E.—*Divus Franciscus Xaverius Indiarum apostolus elogiis illustratus.* Vetere Pragae, 1673. (S. Francisco Xavier, apostolo das Indias, illustrado com elogios.)

752) LICKNOWSKY (FELIX DE, Principe de). Seu pae foi Edward Maria de Licknowsky.

Nasceu em 5 de abril de 1814, sendo assassinado em 18 de setembro de 1848. [2]

Entrou bem novo para o exercito prussiano, deixando-o em 1838 para se-

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 31.°, pag. 107.
[2] Idem, idem, pag. 235.

guir as bandeiras de D. Carlos, de quem veiu a ser ajudante de campo. Em 1840 voltou para a Allemanha, e passados dois annos fez uma viagem a Portugal, indo residir mais tarde na Silesia. Depois de ter tomado em 1847 parte activa nos trabalhos da primeira camara prussiana, tomou assento em 1848 no parlamento de Francfort. Sendo membro da direita despertou muitas vezes a colera do partido democratico por sua eloquencia virulenta e incisiva. No dia 18 de setembro, pela occasião do conflicto causado pelo armisticio concluido com a Dinamarca, foi tanto o principe de Licknowsky, como o general Auerswal assassinados pelo vulgacho.

E.—*Portugal Erinnerungen aus dem Jahre* 1842. Mayence, 1843.

D'esta obra fez-se uma traducção em portuguez, a qual se imprimiu em Lisboa no anno de 1842, e d'esta versão nos serviremos nos seguintes extractos, pois do original allemão nem mesmo ainda pudemos ver um só exemplar.

O principe, tendo embarcado em Southampton no vapor inglez *Litle Liverpool*, no mesmo barco chegou a Portugal.

«Ao partir do Cabo da Rocca substitue-se ao primeiro quadro um outro egualmente encantador — pharoes, castellos, casas de campo e aldeias mostram-se na praia: veem depois as duas torres de S. Julião e Bugio, similhantes a duas vedetas avançadas para guardar o Tejo. Em poucos minutos entramos na corrente d'esse grande rio. Lisboa tem sido descripta tantas vezes que não intentarei eu renovar debil e descoradamente essas impressões, que traçaram tão brilhante e variadamente uma talentosa escriptora allemã nos ultimos tempos, e antes d'ella dois poetas de fundada reputação. A magestade e a pompa do Tejo excedem toda a expectação. Faltam, porém, aqui as riquezas e a vida; é entrada mais propria de uma capital do mundo, do que da côrte de um pequeno reino. Vulgarmente se tem comparado a vista gosada pelo ingresso no Tejo com a dos portos de Napoles e Genova: devo, porém, confessar, que não acho fundamento algum para similhante paridade. Genova e Napoles mostram repentinamente tudo quanto teem a offerecer, como um panorama ou uma decoração de theatro: em Lisboa trocam-se os quadros, cresce o interesse, e finalmente no ultimo plano é coroada a expectação. Logo ao entrar, a mais larga torrente de aguas do antigo continente: o mar verde, o rio azul, torres, aldeias, pharoes e castellos, Cascaes e Oeiras; á esquerda os montes de Cintra, á direita a Serra da Arrabida, que se prolonga pelo mar em remotissimo horisonte até ao Cabo do Espichel: depois segue-se Belem com a sua alta torre mourisca tenebrosa prisão de estado do ultimo duque de Aveiro, e da bella condessa de Tavora: em uma elevada collina as dimensões colossaes do palacio da Ajuda, e como *pendant* o castello e o monte de Almada; finalmente por terceira apparição Lisboa, tão grande e tão sombria, tão nobre e tão negligente»....

«O Tejo acha-se bastantemente vasio, como lhe succede quasi sempre depois da separação do Brazil. Um navio de guerra inglez e outro francez existiam fundeados, como representantes de duas potencias, que de boa vontade dominariam sobre aquellas aguas: depois seguia-se o navio portuguez de registro, a fragata *Duqueza de Bragança*, finalmente duas naus desapparelha-

das, *D. João VI* e *Vasco da Gama*, ultimas reliquias da magestade passada, depois que Portugal perdeu o dominio dos mares. Centenares de barcos de pescadores, de transporte, alguns navios mercantes, principalmente americanos, e vapores pequenos, que navegam dentro do Tejo, eram unicamente os que davam ainda alguma vida a este rio.

«Á primeira vista da Praça do Commercio, praça grande e regular, das ruas, que d'ella decorrem parallelamente entre si, e em geral da moderna parte da cidade, acredita-se poder assegurar que é Lisboa a mais brilhante das capitaes da Europa, mesmo em relação á elegancia. Imaginem-se trinta a quarenta mil casas edificadas sobre a encosta do sul de sete risonhas collinas, e que como uma orla bordam o Tejo desde Belem até Xabregas em um comprimento de seis milhas inglezas: formosas praças, bellos e grandes edificios publicos, um aqueducto egual ás obras dos romanos, o branco zimborio e torres do Coração de Jesus, o gothico mourisco convento de Belem, e o agradavel terrasso de S. Pedro de Alcantara. Esta é a vista que hoje apresenta Lisboa. Da velha, sombria e angulosa cidade, que existia antes do terremoto de 1755, já muito pouco se vê hoje, principalmente nos bairros baixos.

«O theatro de S. Carlos em Lisboa é um dos mais bellos e mais curiosos edificios d'esta cidade, e sem contestação póde ser collocado a par dos primeiros da Europa. No dia da minha chegada a Lisboa foi representada a *Rainha de Golconda*, que alternando-se com as *Prisões de Edimburgo* me perseguiu durante dois mezes da minha residencia n'aquella cidade. Porém a companhia italiana pareceu-me admiravelmente boa: póde soffrer parallelo com as de cidades italianas de segunda ordem.

«Cintra, *glorious Eden* de Byron, luzitano paraizo, quem deixa de sonhar comtigo, ou de retraçar a si proprio esse logar encantado, pintando-o com brilhantissimas côres, como quadro radiante da phantasia! É por isso que todo o estrangeiro se apressa o mais que póde em visitar Cintra. Quanto mais tempo n'ella me demorava, tanto mais aprasivel me parecia, e mais romantica, até que, quando finalmente me foi forçoso partir, repassou-me um tão intimo desgosto, que de todo se tornou manifesto para mim que alli havia muito mais do que aquillo, que a principio tinham descoberto meus olhos profanos. Essas frescas veredas cobertas de folhagem, o crescimento magestoso e exuberante da vegetação: as cascatas, e frigido oceano, tudo isso nunca o esquecerei, e com a auctoridade de Byron e de Camões, com a opinião dos poetas e dos litteratos de todos os tempos e de todos os povos da terra, proclamarei Cintra o mais bello de todos os sitios da terra. Mas o que verdadeiramente dá a Cintra encantos, como se não encontram em parte alguma do mundo, é a frescura perpetua de suas alamedas e bosques. Quando sahi de Lisboa o calor tinha subido a 30° de Reaumur, porém ao aproximar-me á montanha, vinha bafejar-me uma aragem tão amena ao longo da estrada, e abobadada por um tecto de folhagem, que conduz do Ramalhão até á praça de Cintra; e o ar achava-se tão deliciosamente tepido, como se fôra n'um bello dia de verão no Rheno ou no Danubio. Isto não era uma excepção; porque ordinariamente a differença de temperatura entre Lisboa e Cintra sobe de 8° até 10° R.

«As povoações á roda de Lisboa [1] estão cheias de palacios e casas de campo de fidalgos portuguezes e de ricos habitantes da capital. Estes edificios frequentemente construidos no melhor gosto, cercados de agradaveis jardins, fornecem aos arrabaldes de Lisboa um encanto especial, que entre todas as capitaes da Europa, apenas póde reproduzir Vienna, ainda que de um modo menos animado; porque faltam ás margens do Danubio o brilho meridional, o azul escuro do céo lusitano, e aquelle resplendor da natureza, como de um montão de pedras preciosas de todas as côres. Esse fulgir da vegetação é o que dá a graça particular, que possuem os jardins á roda de Lisboa. Para um habitante dos paizes do norte particularmente, é assumpto da maior surpresa ver aqui medrar livremente, e com robustez todas as plantas, que penosamente e com mil cuidados são cultivadas em mesquinhos vasos nas nossas apertadas estufas.

«No Calvario, a pouca distancia do palacio real de Belem, em um edificio construido de proposito por D. João V, acha-se uma collecção de coches, talvez a mais admiravel que existe no mundo.

«Os terrenos na direcção de Valle de Zebro para o interior do paiz apresentam uma triste apparencia. Um solo coberto de areia fina, de um amarello claro, prolonga-se desde a praia até á montanha de Palmella, e á Serra da Arrabida. O solo eleva-se pouco a pouco na direcção da serra, a qual se prolonga com variadas ondulações até ao Cabo do Espichel. No ponto mais elevado, sobre uma montanha conica, existe o mosteiro ou o castello de Palmella, que é visivel a remotissima distancia. D'aquella immensa altura dilata-se a vista sobre o verdejante e pomposo valle de Setubal. Creio que não ha porção alguma no mundo, que encerre um maior numero de laranjeiras, as quaes dispostas em apertados renques, enchem o valle inteiro, como se fôra um só pomar, formando um contraste pittoresco com a escarpada montanha, e com as selvaticas penedias da Arrabida. O valle de Setubal fornece a maior quantidade das mais bellas laranjas de Portugal, que são cultivadas cuidadosamente em grandes quintas. Os pomares são contiguos uns aos outros, de maneira que observados da altura do castello de Palmella parecem um unico laranjal, onde se vêem apparecer de espaço a espaço as paredes alvejantes das casas de campo, das aldeias, das egrejas, formando grupos pittorescos encravados n'aquella vasta extensão de folhagem verde escura. Comtudo, afastando as vistas d'alli, e olhando a alguma distancia n'uma direcção opposta, a scena muda completamente: para um lado prolongam-se como uma especie de deserto, as aridas e requeimadas charnecas do Alemtejo, até perderem-se em remoto horisonte, mais á esquerda, para além dos pinheiraes e dos areiaes, alongam-se as vistas por esse espaço dilatado, onde as aguas do Tejo se misturam com as do Oceano, divisando-se ao longe o vulto de Lisboa debilmente desenhado e envolto em uma atmosphera vaporosa. Uma poesia melancolica derrama-se por todo este quadro; apparece de novo completamente o aspecto bello, mas triste do Portugal dos nossos dias — pomposo, mas fatigado de viver, tal como se antolha do alto da Pena.....

[1] Compare-se isto com o que diz o sr. Ascencio Calvo.

«Descobrimos do alto de uma collina o apertado valle do Douro, e as sinuosidades d'esse verde rio, correndo por entre as suas margens alpestres. A nossos pés via-se o Porto edificado em semicirculo, e como em socalcos sobre uma montanha. Visto de longe, o Porto é talvez menos bello e grandioso do que Lisboa, comtudo o que lhe dá preferencia sobre a metropole é a vida e actividade tanto sobre as aguas, como em terra: o grande numero de barcos e navios que se apinham sobre as vagas do Douro; as laboriosas massas de povo, que se agitam nas ruas e nas praças, e que apresentam o quadro de uma cidade commercial cheia de vida e de energia, e finalmente (pareça embora insignificante o que vou acrescentar) além de todas aquellas coisas, a cidade possue tambem uma torre. Saudei pois com um sentimento de intima recordação patria a torre dos Clerigos, essa que no Porto se diz ser a unica torre de Portugal, e que effectivamente, á excepção das duas torres de Mafra, é a mais alta do paiz.

«É verdadeiramente encantadora a perspectiva que se gosa em muitos pontos, especialmente no passeio chamado das Fontainhas, d'onde se descobre o valle do Douro e o convento da Serra, e que faz lembrar os bretões de Hespanha. Visitámos tambem o celebrado Freixo, que offerece uma vista magestosa da cidade e do rio; a montanha da Arrabida, o Hospital, de que só está edificada a quarta parte, e que, se se concluisse, seria um dos maiores do mundo, e finalmente o convento de Santo Antonio.

«É maravilhoso o panorama que do alto da torre dos Clerigos se observa. Descobre-se o curso do Douro até ao mar além da barra, e vê-se o castello e pharol de S. João da Foz. O horisonte é limitado para o lado do norte pela Serra de Vallongo, e por encostas verdejantes vê-se serpear o rio até perder-se atravez das montanhas vinhateiras. Descobrimos tambem os vastos armazens da companhia, onde se deposita o vinho, e d'onde é exportado para todas as regiões do mundo.

«Foi sómente ao luar que as dimensões do Porto nos pareceram grandes e magestosas: a cidade alta, e a cidade baixa com as suas duas collinas da Sé e da Victoria, com os seus bairros, e na esquerda Gaia e Cabeçudo prolongam-se em amphitheatro, precipitam-se do mais alto cabeço da montanha até mergulhar-se na superficie das aguas; e ao passo que as luzes mais elevadas resplandecem junto ás estrellas, as pequenas chammas que existem nas margens parecem submergir-se no tenebroso rio.»

753) LIFE AND TRAVELS *of Joseph Mathias surgeon. A native of Portugal.* Kilnanork, 1833. (Vida e viagem do cirurgião Joseph Mathias.)

Vem esta obra mencionada no catalogo manuscripto do conde de Lavradio.

754) LIFE, *manners, costume and character of Portuguese.* (Modo de viver, usos, costumes e caracter dos portuguezes.)

755) LIFE (THE) *of St. Elisabeth Queen of Portugal. By a secular priest* London, 1859. (Vida de Santa Isabel, rainha de Portugal.)

R. T. Lowe

756) LIMBERG (JEAN).

E.—*Denkwurdige Reiserberchreiburg durch Teutschland, Italien, Spanien, Portugal, England, Frankreich die und Schweitz.* Leipzig, 1690. (Viagens por Allemanha, Hespanha, Portugal, etc.).

757) LIMBORCH (PHILIPPE VAN)

E.—*De veritate religionis Christianae amica collatio cum audito Judaeo: subjungitur huic libro tractatus cui titulus: Urielis a Costa. Exemplar vitae humanae.* Goude, 1687. (Polemica amigavel ácerca da verdade da religião christã com um Judeu: addiciona-se a este livro um tratado, cujo titulo é: *Exemplar da Vida Humana por Uriel da Costa.*

758) LINBORCH (P.).

E.—*The history of the Inquisition as it has subsisted in France, Italy Spain, Portugal.* London, 1816. (Historia da Inquisição).

759) LINDLEY (T.).

E.—*Narrative of a voyage to Brazil, terminating in the seizure of a British vessel, and the imprisonement of the author, and the ship's crew by the Portuguese.* London, 1885. (Narrativa d'uma viagem ao Brazil, terminando pela captura de um navio inglez, e aprisionamento do auctor e da tripulação pelos portuguezes.)

760) LINDO (E. H.).

E.—*The history of the Jews of Spain and Portugal from the earliest times to their final expulsion from these kingdoms.* London, 1848. (Historia dos judeus de Hespanha e Portugal desde os mais remotos tempos até final expulsão d'aquelle reino.)

761) LINK (HENRIQUE FREDERICO). Celebre naturalista allemão.[1] Nasceu em Hildesheim a 2 de fevereiro de 1769. Falleceu em Berlim no 1.º de janeiro de 1851.

Depois de terminar seus estudos em Gœtingue, e de professar as sciencias naturaes nas universidades de Rostock e de Breslau (1792 a 1815) foi chamado para a universidade de Berlin, onde regeu até á sua morte a cadeira de botanica, e exerceu o logar de director do Jardim das Plantas. Escreveu com respeito a Portugal:

Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und Portugal. Keil und Helmstaedt 1800-1804, 3 vol. (Observações feitas durante uma viagem atravez da França, Hespanha e Portugal.)

Esta obra foi vertida para inglez com o seguinte titulo:

Travels in Portugal and through France and Spain with a dissertation on the Litterature of Portugal and the Spanish and Portuguese languages by...trans-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 38.º, pag. 286.

lated from the German by John Hinckley, Esq. with notes by the translator. London, 1801, 1 vol. de 504 pag.

Em francez com o seguinte:

Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799 par ... suivi d'un Essai sur le commerce du Portugal, traduit de l'allemand. Paris, 1er volume, an XIII (1803), 431 pag. O 2.º volume é do mesmo anno, e tem 395 pag. Porém o tomo 3.º apresenta o titulo seguinte: *Voyage en Portugal par M. le comte de Hoffmansegg, rédigé par M. Link et faisant suite à son voyage dans le même pays.* Paris, an XIII (1806), 337 pag.

No prefacio a esta obra conta-nos Link o motivo da sua vinda a estes paizes. «Que sendo o conde de Hoffmansegg um dos mais distinctos amadores de historia natural, resolveu fazer uma viagem a Portugal em 1797 e 98, desejando ser acompanhado de um litterato versado na botanica e mineralogia. Tive a fortuna de lhe agradar para este fim, e embarcámo-nos juntos em Hamburgo no verão de 1797. Ventos constantemente contrarios e frequentes tempestades nos obrigaram a fundear em Rumney, onde deixámos nosso navio para continuarmos por terra a viagem até Douvres. D'alli partimos para Calais, e depois de termos atravessado França e Hespanha, chegámos a Portugal. Desejando percorrer com fructo este paiz, alli passámos a maior parte de 1798. Minhas obrigações na universidade de Rostock obrigaram-me a retirar-me muito mais cedo que tencionára: deixei Portugal em 1799, embarcando para Falmouth e Londres, e d'aqui para Hamburgo. O conde de Hoffmansegg continuou em residencia no interessante Portugal, d'onde me retirei com pesar, e elle ainda alli está occupado a visitar cuidadosamente todas as curiosidades para enriquecer a historia natural com as differentes descobertas que Portugal póde offerecer.»

A descripção da viagem em Portugal começa na pagina 165 do 1.º volume da traducção franceza, e a 129 da ingleza, sendo as laudas antecedentes destinadas para a narração de uma viagem na Inglaterra, França e Hespanha.

O nosso viajante entrou em Portugal tendo vindo de Badajoz. Acha o vestuario dos portuguezes das proximidades de Elvas muito mais aceiado que o dos hespanhoes. «Que differença entre o povo ordinario de Badajoz e o de Elvas! Fallarei ainda muitas vezes do povo baixo de Portugal.[1] Recordo-me sempre com prazer das horas agradaveis que passei n'aquelle povo sensivel, e achar-se-ha minha opinião bem differente da de outros viajantes que não viram mais que Lisboa, ou que não se entregaram ao trabalho de aprenderem a lingua portugueza.[2]

«Bem depressa perdemos de vista os bellos arredores de Elvas. A maior

[1] Versão franceza, vol. 1.º, pag. 169.

[2] Mas a verdade é que Link tambem apenas a sabia mui superficialmente, e a prova está em mandar pronunciar Azeitão *Asciloanoug*, e em censurar a grammatica portugueza de Meldola, porque seu auctor emprega n'ella infinitos terminados em *em*. Link certamente ignorava a regalia que tem a lingua portugueza de ter infinitos variaveis.

parte das villas e aldeias estão disseminadas por aqui, e por acolá como ilhas encantadas n'um mar immenso.»

Depois de passar por Estremoz, Arrayolos, Monte-mór-o-Novo e outras povoações, não se esquecendo nunca de descrever os arbustos mais notaveis, que encontrava, chega finalmente á capital do reino.

«Nada mais bello que a vista de Lisboa, quer a gente venha de Aldeia Galega, quer de Cacilhas: não conheço nenhuma grande cidade de aspecto tão imponente! Uma bacia d'agua immensa, formada pelo Tejo, que tem muitas vezes mais de duas milhas allemãs de largura, e que se acha todo cheio de embarcações: uma cidade magestosa, que se estende em amphitheatro sobre collinas, as quaes bordam o rio; grande numero de zimborios, os arrabaldes semeados de casas de campo, conventos, jardins, olivaes, tudo isto fórma um todo extraordinario e um aspecto magnifico! Pode-se contradizer aos portuguezes quando em seus passeios pelo Tejo consideram Lisboa a mais bella cidade do universo: *Quem não tem visto Lisboa, não tem visto coisa boa?* Realmente, em nenhuma parte existe uma vista egual! Os caes do Terreiro do Paço, onde abordam as bateiras e barcos pequenos são magnificos, e excedem infinitamente os de Londres e de Paris.» [1]

Lamenta depois a falta de divertimentos que havia em Lisboa, diz-nos porém, que a *Opera italiana* era um dos principaes divertimentos das pessoas distinctas.

«É sustentada não sómente pela côrte, mas até pelos particulares. Na occasião de minha estada era excellente a todos os respeitos. Os cantores d'este theatro fizeram-me insipida qualquer outra musica. Tinha elle attrahido os melhores *virtuosi* de Roma, que emigraram na occasião da tomada d'esta cidade pelos francezes. Crescentini eclipsava a todos os outros. Basta nomeal-o para quem conhecia a Italia, que antes de suas ultimas devastações era a patria da musica. Em Lisboa não é permittido ás mulheres representarem em scena, mas são substituidas pelos castrados, que são excellentes. Com isto perde-se pouco, a não ser pelo lado da imaginação. Confesso que a opera tem sido meu principal divertimento em Lisboa. A sala é grande e bella; reina alli uma ordem admiravel: o cuidado dos directores em que os espectadores estejam collocados convenientemente é um exemplo digno de seguir-se. Muitas vezes representam operetas portuguezas, mas que não passam de farças. N'estas a lingua portugueza frequentemente offerece encantos na bocca de Zamperini. Além do theatro da opera, cuja designação é de S. Carlos, ha tambem uma comedia nacional no theatro do Salitre, o qual fica n'uma rua estreita por de-

[1] Apesar d'este e de muitissimos outros elogios que Link faz a cada passo das coisas portuguezas, o nosso medico Francisco Ignacio dos Santos Cruz diz a pag. 18 do tomo 1.º do seu *Ensaio sobre a topographia medica da cidade de Lisboa* que Link fôra o mais mentiroso e embusteiro de quantos viajantes teem visitado o nosso paiz. Talvez esta apreciação seja injusta, mas a verdade é que este viajante claudica por vezes; pelo menos a respeito da nossa monumental egreja de Belem falla como quem nunca lá entrou, e quer improvisar.

traz do Passeio Publico. E' pouco frequentada da nobreza. Pela sua apparencia tão mesquinha ficámos pouco dispostos a favor do espectaculo. Os papeis de mulher são egualmente desempenhados por homens, aos quaes não custa pouco esconder a barba. Os actores em parte são artistas. Vi um sapateiro que depois de trabalhar todo o dia, fazia de velho, e não era mau actor. A maioria das peças aqui representadas são traducções do italiano, poucas traduzidas de outras linguas, e ainda menos as originaes. Nunca vi, quer representado no theatro, quer annunciado nos cartazes, o papel de *gracioso*, e todas as peças sérias são más ou mal desempenhadas. Nada mais detestavel que o *galan* n'este theatro. As peças pequenas são ainda mais miseraveis que os *sainetes* hespanhoes. Não se conhece aqui a *tonadilla*. Porém entre as comedias de apparato algumas não deixam de ter merecimento. A nação em geral propende para a satyra e critica, e a lingua presta-se facilmente á imitação comica. Vi com muito gosto a imitação do *Brother of Jamaica*, que tambem foi imitada do allemão com o titulo de *O Primo de Lisboa*. Alguns papeis foram superiormente representados.

«O Jardim Botanico está excellentemente situado. Goza-se d'alli uma vista deliciosa, ao mesmo tempo do rio e do mar, e d'onde se descobre, como do Jardim das Plantas de Paris, uma grande parte da cidade. Não é vasto, as estufas mesmo são pouco espaçosas, mas teem um excellente lago para as plantas aquaticas. Sua distribuição exterior é elegante, de maneira que não deixa de offerecer interesse a um botanico. Plantam-se n'este jardim os vegetaes, que o acaso offerece, mas deixa-se o cuidado e a cultura ao clima, muito favoravel ás plantas. Não se deve, todavia, esperar encontrar n'este estabelecimento uma boa indicação dos thesouros que encerra. Se pedis esclarecimentos, o professor Vandelli abre-vos o *Systema Vegetabilium* de Linneo (edição de Murray), e, ainda que a descripção que se lhe apresenta, tenha pouca analogia com a planta de que se trata, não hesita um momento em lhe assignar um nome. Finalmente este doutor Vandelli, nascido na Italia, é conhecido dos naturalistas por algumas obras, mas principalmente por suas relações com Linneo. Não se lhe póde negar ter sido na sua mocidade um homem estudioso, e ter emprehendido muito para ganhar celebridade. Pontedera foi seu mestre de botanica. Durante o governo de Pombal foi chamado de Padua juntamente com o italiano Della Bella para ensinarem em Coimbra. D'aqui veiu para Lisboa com o titulo de primeiro inspector do museu e do Jardim Botanico. Além d'isto foi aggregado á aula de commercio. Por differentes meios soube obter um rendimento annual de mais de oito mil cruzados. Porém acha-se bem atrazado em conhecimentos. Apenas conhece as plantas, que outr'ora elle mesmo descreveu: é egualmente mau mineralogista, e suas memorias de chimica insertas nas *Memorias da Academia* cobriram-no de ridiculo aos olhos dos sabios. Poder-lhe-hia perdoar sua ignorancia, se não se mostrasse (segundo se diz) invejoso e intolerante para com os que pelo seu merito estão acima d'elle.

«O segundo conservador do jardim é D. Alexandre Rodrigues Ferreira, do qual unicamente se póde dizer que *esteve muito tempo no Brasil e é gotoso*.»

Depois de ter visitado muitas povoações n'este reino, dirigiu-se Link para Coimbra, e entre tudo que viu, falla com mais particularidade ácerca da Universidade.

«O gabinete de Historia Natural é pouco consideravel, e poucas coisas notaveis contém. Está classificado por Vandelli, segundo o systema de Linneo. Porém a collecção de instrumentos de physica é preciosa, e entre elles alguns ha feitos na Inglaterra. Os construidos em Portugal pela maior parte são feitos de pau santo e dourados. Esta collecção em geral é uma das mais brilhantes. Este gabinete é precioso em tudo quanto diz respeito á mechanica, mas muito pobre em machinas electricas. O laboratorio de chimica é egualmente bom, vasto e muito claro. Além de tudo que diz respeito a um laboratorio tem ainda instrumentos pneumaticos e uma collecção de apparelhos chimicos segundo a nova nomenclatura antiphlogistica. Encontra-se alli tambem uma collecção de instrumentos de cirurgia.

«O observatorio é bem construido, e está situado na parte superior da cidade: é commodo e bem distribuido, mas carece de muitos instrumentos.

«O Jardim Botanico é mui vasto, e as estufas pequenas; mas pelos cuidados de seu director Felix de Avellar Brotero, lente de botanica, este estabelecimento foi superiormente organisado, e é mais interessante que o Jardim Botanico de Lisboa. Acha-se junto de cada planta uma estaca, na qual está escripto seu nome, distribuição similhante á do Jardim das Plantas em Paris, do qual, á primeira vista, parece vêr-se uma parte. Além de varias plantas exoticas encontra-se alli uma collecção das notaveis, que o digno inspector observou e descreveu com muito cuidado. É certo que nenhum amador deixará de visitar este jardim sem fructo e prazer.

«Finalmente os estatutos da Universidade de Coimbra não são para desprezar. No dizer de juizes competentes esta é preferivel a todas as universidades de Hespanha, sem exceptuar a de Salamanca. Ha na Allemanha muitas universidades, que em quanto á sabedoria de seus estatutos não valem esta, que em geral se despreza.

«Travei conhecimento com varios lentes, mas não me cumpre ajuizar de sciencias differentes d'aquellas que professo. Achei n'elles espiritos previdentes e sagazes, a quem a polidez portugueza ainda tornava mais amaveis. Conhecem a litteratura franceza e ingleza; seria porém exigir de mais que tivessem conhecimento da allemã. Na livraria de fr. Joaquim de Santa Clara, benedictino e lente de theologia, homem discreto e erudito, encontra-se a litteratura allemã, mas só até 1730.

«Eu teria desejado conhecer todas as sciencias para poder apreciar bem o merito dos sabios lentes da Universidade de Coimbra. Sou amigo de Felix de Avellar Brotero, professor de botanica. Seus conhecimentos n'esta sciencia são preciosos. Nas suas viagens em Portugal applicou-se particularmente a estudar as plantas d'este reino, e augmentou consideravelmente o Jardim Botanico. Respondeu quasi sempre a minhas perguntas de uma maneira satisfactoria. Posso com rasão incluil-o entre os melhores botanicos de todos os paizes que tenho percorrido; e o que mais é para maravilhar, tem melhor estu-

dado botanica, que muitos outros sabios mais conhecidos, e que recebem seus conhecimentos dos grandes *in folio*, ou que nada mais conhecem que o genero e a especie de que fazem menção em suas obras. A introducção á *Botanica* de Brotero [1] escripta em portuguez prova que elle possue tantos conhecimentos, e muito maior facilidade em fazer-se senhor de todas as descobertas, do que todos os sabios de Allemanha que tratam do mesmo assumpto. Brotero conhece as obras botanicas allemãs. Residiu oito annos em Paris com o fim de cultivar a sciencia, motivo pelo qual seus collegas lhe dão mil desgostos. Está minado pela magua e tristeza. Vandelli afastou-o de Lisboa por causa de seus grandes conhecimentos, e achou meios de obter para D. Alexandre, homem sem instrucção, um logar que era devido ao merito de Brotero. Recordo-me com prazer de nossos passeios botanicos em Coimbra. Apenas conversou comnosco por meia hora, e viu nossa collecção, que, conscio de seus conhecimentos, propoz-nos immediatamente um passeio. Era um espectaculo encantador ver e sentir augmentar diariamente a estima, que nos prendia mutuamente.» [2]

«Acabo de saber que este digno amigo foi chamado para Lisboa, e que o conde de Caparica tornou-o a pôr em actividade, e reanimou sua coragem.

«D. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, professor de physica, não vale Brotero. Falla muito, mas é superficial. Até seus conhecimentos em physica são muito mediocres; porém, em compensação é muito laborioso, e cultiva com fructo as sciencias economicas. A economia e outras sciencias que fazem esperar fructo immediato e prompto são actualmente muito cultivadas em Portugal, porém as musas repellem estas occupações venaes e mercenarias.

«D. Thomé Rodrigues Sobral, professor de chimica, é homem muito habil. Conhece os processos actuaes dos francezes n'esta sciencia, a qual ensina segundo os novos principios antiphlogisticos. Até mesmo traduziu sua nomenclatura em portuguez: occupa-se actualmente em publicar um *Manual de Chimica*.

[1] Este *Compendio de Botanica* foi impresso em Paris no anno de 1788, contendo o 1.º volume 171 paginas, e o 2.º 411 de 8.º grande. A introducção, que consta de 76, é muito interessante e instructiva. Trata da origem, progresso e estado, n'aquelle tempo, da botanica.

No prologo faz elogios a Domingos Vandelli «cujo merecimento é bem conhecido nas principaes academias da Europa. Este sabio restabeleceu não só a botanica em Portugal, mas ainda a zoologia, mineralogia e chimica, de que foi egualmente nomeado professor pelo Senhor D. José I. (pag. 73). Isto ao passo que Link nos diz que as obras de Vandelli o tinham coberto de ridiculo na Europa. Creio, porém, que Vandelli nem era tão ignorante, nem tão presumido como o viajante allemão nol-o representa. Pombal nunca chamou ignorantes para este paiz.

O 2.º volume termina com uma grande porção de estampas coloridas representando muita variedade de plantas.

[2] Brotero, perseguido pela inquisição, fugiu em 1778 para o Havre, tendo alcançado passagem em um navio por diligencias de Thimotheo Lecussan Verdier. A Sociedade dos Curiosos da Natureza de Bonna conferiu-lhe em 1818 o titulo de socio, e o saudou com o appellido de Clusio por allusão ao celebre botanico flamengo, que foi dos primeiros que visitou como botanico a peninsula. Por espaço de doze annos frequentou as aulas de sciencias naturaes em Paris, ganhando a affeição de Vicq d'Azyr, d'Aubenton, Brisson

«N'uma palavra, Portugal possue homens conhecedores do estado actual da litteratura: ha excellentes cabeças, mas é difficil encontrar n'este paiz sabios profundos que cultivem as sciencias unicamente por amor a ellas.

*
* *

«Os arredores de Coimbra são de uma bellesa extraordinaria, e apezar de montanhosos não deixam de ser bem cultivados. As montanhas são coroadas de pinheiraes e até de carvalhos de Allemanha. Os valles são cortados pelos ribeiros, e cheios de jardins, quintas, casas de recreio e conventos. A oliveira, larangeira e o bello cypreste de Portugal encontram-se alli por toda a parte e em grande numero. O Mondego, que banha as muralhas da cidade, serpenteia magestosamente n'uma planicie estreita, mas fertil, inundada no inverno por este rio impetuoso. Ao longe descobrem os olhos de um lado a alta serra da Louzã, e do outro a do Bussaco, em cujo pincaro existe o celebre mosteiro dos Carmelitas.

«Defronte de Coimbra, na margem do rio, está uma quinta, que ainda hoje tem o nome de Quinta das Lagrimas. Aqui, segundo a tradição, foi assassinada D. Ignez de Castro. Ignez e D. Pedro pareceram conhecer bem as bellezas da natureza, escolhendo este lindo sitio, onde Coimbra se apresenta á vista em toda sua magnificencia. A quinta das Lagrimas offerece no valle um logar favoravel ao espirito romantico, e se em Portugal a poesia apparece ainda em todo seu fulgor, deve-o a este lindo valle.

«Uma circumstancia notavel é que o bello assumpto da morte de Ignez nunca forneceu entre os portuguezes materia para uma excellente composição poetica. Esforçaram-se, é verdade, para a pôrem no theatro, mas o assumpto não se presta a isso sem grandes alterações. Ignez, por Lamotte, é uma tragedia esquecida, e digna de o ser. Creio que uma tragedia allemã, d'este nome, que

e Jussieu. Assistiu ao curso de Historia Natural aberto por Valmonte de Bemare em Paris no anno de 1781, e ás demonstrações de botanica no collegio de pharmacia, e foi admittido á convivencia e sociedade de Buffon, Condorcet, Cuvier e Lamark. Depois dos principaes estudos de Historia Natural foi doutorar-se na escola de medicina de Reims. Na primavera de 1790 voltou para Lisboa, e em maio d'este anno foi convidado por Vandelli e pelos viajantes russos Legaway e Doubat Chewskoy para uma herborisação nos montes visinhos de Lisboa, convite que acceitou. Foi socio da sociedade Philomatica de Paris, das sociedades de Horticultura, Linneana, e Medico-Botanica de Londres, da Physiographica de Lunden na Suecia, de Historia Natural de Rostock, das academias de Turim, e da sociedade das Sciencias Naturaes de Marburg. Os mais distinctos botanicos d'aquella época consideraram como um dever tributar-lhe a homenagem mais lisongeira, e a mais duradoura a que a nobre ambição do seu espirito elevado podia aspirar, designando varias plantas com o nome do nosso illustre compatriota, taes são a *Brotéra ovata*, de Cavanilles, e a *Brotera trinervata*, de Persoon.

«Era amigo de Willdenow, com o qual manteve uma intima correspondencia epistolar por muitos annos.»

Brotero falleceu em 1824, e jaz na egreja do extincto convento de S. José de Ribamar.—*Noticia Biographica do dr. Felix de Avellar Brotero, coordenada por um distincto litterato.* Lisboa, 1847.

Esta ultima foi traduzida em latim com o seguinte titulo: *Portugalliae, sive de Regis Portugalliae regnis et opibus Commentarius*, 1641. Ex officina Elzeveriana. Foi tambem esta obra vertida para hollandez. Amsterdam, 1638. V. Bry e Meriani.

763) **LIPPE (CONDE DE).**

Nasceu em Londres no anno de 1724.[1] Distinguiu-se em varias campanhas na Europa, e em 1762, rompendo a guerra de Hespanha contra Portugal, encarregou-se, por intervenção de Jorge II, rei de Inglaterra, do commando dos exercitos alliados, inglez e portuguez. Retirou-se para os seus estados em 1766. Falleceu em setembro de 1777.

Em 1767 veiu a Portugal para velar nas obras do forte de Nossa Senhora da Graça, por elle então projectado junto de Elvas.[2]

No 2.º vol. do *Investigador* apparecem mencionadas as seguintes obras d'este celebre general.

I. *Observações e maneira de pôr em pratica a disciplina militar para maior segurança de Portugal.* (De pag. 379 a 397.)

II. Extracto de uma carta do conde de Lippe, datada de Buckeburg a 20 de abril de 1776, em resposta a uma do marquez de Pombal em que este ministro o informa que Portugal estava ameaçado por Hespanha, e exprimindo seu receio pela situação da familia real em Lisboa, datada a 12 de março de 1776. (De pag. 548 a 551.)

III. Extracto 2.º de outra carta do mesmo conde de Lippe ao marquez de Pombal, datada a 25 de maio de 1776, contendo algumas addições á precedente carta de 20 de abril do mesmo anno. (De pag. 551 a 553.)

IV. Extracto 3.º de outra carta do mesmo conde de Lippe ao marquez de Pombal, datada de Buckeburg a 30 de dezembro de 1776. (De pag. 553 a 554.)

V. *Memoria inedita do conde de Lippe sobre a campanha de Portugal em 1762.* (No 3.º vol. do *Investigador Portuguez*, de pag. 67 a 81. Continúa de pag. 244 até 256.)

764) **LISSABON** *und seine umgebungen, etc.* (Lisboa e seus arrabaldes, com uma descripção resumida, estatistica e topographica de Portugal, precedida de uma vista de Lisboa, de um plano d'esta cidade, e de um mappa de Portugal.) Leipzig, 1808, 8.º

765) **LIVE** *of the most literary and scientific men of Italy, Spain and*

[1] *Revista Universal Lisbonense*, vol. 5.º, pag. 549.

[2] O conde de Lippe tinha na capital dos seus estados um lago cuja circumferencia pouco mais ou menos era de uma legua, e no meio tinha uma pequena ilha em que fez um pequeno forte, que passou por modelo de fortificação. Grato á munificencia do senhor rei D. José I, no dia natalicio d'este augusto e esclarecido monarcha, o conde de Lippe dava descargas de artilheria com as peças de oiro massiço que o grande monarcha portuguez lhe tinha dado, entre muitos outros riquissimos presentes, na sua despedida de Portugal para os seus estados de Allemanha. *Investigador Portuguez*, vol. 2.º, pag. 518.

Portugal. London, 1835. 3 vol. (Vidas dos melhores litteratos e homens de sciencia de Italia, Hespanha e Portugal.)

766) LIVES *of the most eminent foreign statesmen* (*Pombal's memoirs, duke of Lerma, duke of Ossuna, count Olivares, etc.*). London, 1832, 5 vol. (Vidas dos mais eminentes estadistas estrangeiros).

767) LJUNGSTEDT (SIR ANDREW, KNIGT OF THE SWEDISH ORDER WAZA).

E.—*An historical Sketch of the portuguese settlements in China; and of the Roman Catholic Church and mission in China by —. A supplementary chapter, description of the city of Canton, republished from the Chinese Repository, with the Editor's permission. Boston James Munroe and Co,* 1836. 8.º gr. 323 pag. e 18 de indice.[1]

O meu exemplar traz as seguintes estampas: 1.ª Mappa da cidade e porto de Macau.—2.ª Plano da cidade e porto de Macau.—3.ª Cidade e arrabaldes de Cantão.—4.ª Epitaphio em lingua portugueza e chineza, que se poz em 1639, no sitio onde enterraram S. Francisco Xavier.

Apresenta o auctor uma lista das obras, de que se aproveitou para a composição d'este seu trabalho, e confessa ter-se utilisado tambem de muitos manuscriptos salvos da perdição pelo bispo de Pekin, D. Joaquim Saraiva.

«Tendo os portuguezes sido os primeiros que (pag. 1), pelo fim do XV seculo dobraram o Cabo da Boa Esperança, as asserções dos annalistas e viajantes de que durante o reinado de Hong-che, imperador da China, que morreu em 1504, os europeus commerciavam em Ning-po e Cantão, devem ser gratuitas e faltas de base. Os portuguezes, tendo-se senhoreado em 1510 de Goa, na costa occidental da Asia, o valente, mas intolerante Affonso de Albuquerque, estendeu em 1511 por conquista a auctoridade da corôa de Portugal sobre Malaca, n'aquelle tempo um emporio commercial de primeira importancia na Asia. D'alli com licença de George de Albuquerque, capitão do logar, Raphael Perestrello tomou em 1516 sua passagem a bordo de um junco chinez: d'aquelle paiz trouxe mui escassa informação, mas ganhou grandes cabedaes com a sua aventura. Seu bom resultado deu origem a uma empreza em maior escala. Quatro navios portuguezes, além d'um outro pertencente a George Mascarenhas, e quatro embarcações malaias foram postas de verga d'alto, debaixo do commando de Fernão Peres d'Andrade, que em 1517 entrou no golpho da China. A vista de navios alterosos e estrangeiros e a physionomia da tripulação inspiravam receio; seguiu-se a confiança pelo seu moderado comportamento, e principalmente pelos generosos presentes dados pelo commandante aos officiaes dos cruzeiros imperiaes.

[1] Costa e Silva no seu poema *O passeio* faz elogios a esta obra. Algumas passagens porém são censuradas na *Historia de Macau por José Manuel de Carvalho e Sousa.* Macau, 1845.

«Os mandarins deram favoravel informação d'elle: consentiram que seus navios ancorassem em Tamao, o unico porto no qual se permittia aos estrangeiros commerciarem. George Mascarenhas, que veiu com Andrade no seu navio para Tamao, encontrando juncos de Lew-kew ancorados, determinou embarcar-se n'elles e visitar a costa oriental da China. Sem duvida tocou n'alguns portos das provincias de Fuh-keen, e abriu o caminho a seus concidadãos para um proveitoso commercio. Este começou mui provavelmente pouco depois da expulsão dos portuguezes de Tamao em 1521. Por alguns annos não podiam os portuguezes aventurar a mostrarem-se sem grande perigo no golpho da China: toda sua actividade commercial devia portanto occupar-se nos portos orientaes do imperio. Alli, como em outras partes, os mandarins eram conniventes nas transacções em busca de emolumentos, até onde podiam. Formou-se finalmente um emporio em Liampo ou Ning-po. Para estudo d'esta localidade pode ser de alguma utilidade as *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto*, as quaes foram traduzidas em inglez e publicadas em 1653 por H. C. Gent, que n'uma defeza apologetica refutou a imputação de ser Pinto o principe dos mentirosos.

«Em seus dias de esplendor e prosperidade (pag. 3) Liampo tornou-se um asylo para os povos da China, Siam, Borneo, Lew-kew etc. contra os piratas, que em grande numero percorriam o mar. Aquelle logar tinha estado florescente por muito tempo, mas tornou-se excessivamente rico desde 1542, por causa do commercio com o Japão. Tinha duas egrejas, uma alfandega, dois hospitaes, e para cima de mil edificios particulares. Porém a distruição d'este logar foi devida a Lançarote Pereira, o ouvidor. Tendo vendido varias fazendas a um chinez que lhe não pagou, cahiu com alguns companheiros sobre uma povoação proxima, onde roubou e matou á sua vontade. Os habitantes d'esta povoação, tendo-se queixado ao mandarim, este mandou arrazar Liampo, em 1542.

«Os portuguezes estabelecidos em Chinchew tambem d'aqui foram deitados fóra em 1549 por causa de queixas, que d'elles tinham sido feitas aos mandarins

«Em 1554 fecharam os mandarins o porto de Tamáo, concentraram todo o commercio estrangeiro em Lampacáo, e uma carta enviada á companhia de Jesus nos assevera que quinhentos ou seiscentos portuguezes estavam constantemente commerciando n'este logar (pag. 5).

«Em minha opinião é mais seguro attribuir a posse de Macau (pag. 13) á bondade imperial, antes que a conquista; porquanto os conquistadores ver-se-hiam obrigados a deixarem o logar, bastando para isso somente que o governo chinez mandasse aos commerciantes, operarios e serventes que deixassem suas occupações, e se retirassem, não fornecendo provisões aos habitantes.

Seguem-se depois os seguintes assumptos: Cap. I. *Narrativa historica de Macau*, pag. 10 a 14. Cap. II. *Descripção topographica*, pag. 15-16. Cap. III. *Divisão de Macau*, pag. 17-25. Cap. IV. *População*, pag. 26-43.

«Os reis de Portugal (pag. 148) pretendem, em virtude de bullas de Grego-

rio XII e Clemente VIII, que nenhum ecclesiastico passe da Europa á Asia, senão por via de Lisboa. É este o primeiro ponto de um privilegio denominado Padroado real. Além d'isto, que os soberanos de Portugal teem direito de construirem egrejas e governarem as existentes dentro dos limites de seus dominios, não sómente por missionarios e bispos, mas tambem o de nomearem sacerdotes para quantas egrejas forem levantadas no mundo pagão da Asia, independente de Portugal. Desde o tempo de Gregorio XIII até ao de Innocencio XII estas pretenções não tinham sido examinadas minuciosamente; mas logo que Innocencio decidiu enviar vigàrios apostolicos para a Asia, Pedro II, rei de Portugal, protestou contra sua missão, pretendendo que elles não podiam sem sua licença exercer tal missão na Asia. Esta questão era de natureza delicada; sua resolução envolveu restricções ácerca do patronato dos reis de Portugal, ou sobre a plenitude das prerogativas do papa para enviar *motu proprio* apostolos do Evangelho para quaesquer partes do mundo. Para decidir esta duvida séria, Pedro II foi convidado pelo papa a enviar um embaixador preparado para apresentar documentos taes que sua magestade julgasse convenientes para comprovarem suas pretenções ao patronato. O enviado adduziu cinco argumentos, os quaes foram em 1680 examinados por Innocencio XII. Os cardeaes depois de maduro exame, entenderam: 1.º que as bullas pontificias citadas pelo embaixador portuguez não apresentavam nem vestigios de que o governo espiritual da Asia fosse em tempo algum concedido a qualquer soberano de Portugal: provavam simplesmente que o rei tinha direito de exercer seu patronato em todas aquellas egrejas que dotára. 2.º Que para evitar que os padres passassem pelo caminho das ilhas Philipinas para Asia, tinham ordenado os pontifices que ninguem para alli se dirigisse sem prévia licença da côrte de Lisboa; mas depois que os hespanhoes, hollandezes, inglézes, francezes e dinamarquezes tinham estabelecimentos na India, Urbano VIII revogou como superfluas as bullas de Gregorio XIII e de outros, concedendo aos missionarios dirigirem-se para a Asia por qualquer caminho, que lhes fosse mais conveniente. 3.º Que era inadmissivel que o rei governasse egrejas christãs em paizes pagãos, onde não lhes podia dar protecção. 4.º Que a jurisdicção do padroado da India portugueza não era infringida na menor coisa pelo papa enviando missionarios para qualquer parte da Asia. 5.º Que os arcebispos e bispos, em virtude de um decreto da congregação da propagação da fé, lavrado a 7 de março de 1633 podem nomear bispos *in partibus infidelium*, para serem confirmados por Sua Santidade. Depois d'este summario os cardeaes decidiram a 3 e 22 de septembro de 1686: Que da delegação dos vigarios apostolicos não provinha algum prejuiso contra os direitos de Portugal.

«Zelosos da conservação da real prerogativa em 1688 publicaram em Lisboa uma ordem que os missionarios, para obstarem a ser expulsos da Asia, deviam passar pelo reino de Portugal, e prestar juramento ao real padroado: decreto ao qual se oppozeram os conselheiros do Vaticano, mandando no mesmo anno que nenhum superior do clero regular consentisse que algum de seus subditos prestasse juramento: prohibição renovada em janeiro de 1733. Todavia qualquer procurador das missões, cuja residencia em Macau tenha

de ter alguma demora, deve por causa da segurança pessoal, desobedecer a seus superiores, e submetter-se ao decreto de Lisboa.

«Vasco da Gama, tendo sido bem succedido (pag. 162), na sua tentativa de dobrar o Cabo das Tormentas; de estabelecer relações commerciaes em Calicut com os mais poderosos soberanos da costa do Malabar, de transportar para Lisboa amostras dos ricos productos das differentes partes da Asia, Paulo III, tendo por bulla de 27 de setembro de 1540 confirmado a companhia de Jesus, previu as vantagens que a Santa Sé podia tirar dos feitos dos jesuitas n'aquelles remotos paizes. Portugal offerecia-lhes um facil ponto de reunião, embarcavam em Lisboa e desembarcavam em Goa. D'aqui espalhavam-se com facilidade pelas differentes regiões do Oriente. Francisco Xavier dirigiu-se para o sul da China, desembarcou em San-shan, onde morreu no anno 1552. Um dominicano, Gaspar da Cruz, começou em 1556 a prégar na China, mas foi expulso. Os Agostinhos hespanhoes, dos quaes falla Grosier no prefacio da sua *Descripção da China*, deixaram as ilhas Philippinas na companhia de um almirante chinez, levando do governador de Manilha uma petição para o vice-rei de Fuhken, e tambem uma para o imperador com o fim de os deixarresidir no paiz: sendo isto negado, retiraram-se os frades no mesmo anno de 1575. Quatro capuchinhos, tendo resolvido penetrar na China, naufragaram em ilhas desconhecidas, e salvando-se foram remettidos para Cantão. O Tsung-tuh mandou-lhes que voltassem para Manilha, mas elles preferiram ficar em Macau e alojaram-se no hospital dos leprosos (1579). Um anno antes, Alexandre Valignano, visitador da India e Japão, jesuita italiano, tocou na sua passagem para o Japão, em Macau, onde passou dez mezes. D'aqui escreveu a Vicente Rodrigues, provincial da India, recommendando-lhe que se dirigisse para Macau.

«Os primeiros missionarios eram todos jesuitas. Um italiano chamado Miguel Rogiero veiu em 1579 da India, e começou a estudar a lingua chineza, e em 1581 dizia missa n'uma pequena casa no Cantão. Em 1582 foi encarregado de acompanhar como interprete uma deputação a Shau-king-foo, e por sua urbanidade obteve licença do vice-rei para ir á capital. Os missionarios porém sómente quizeram ficar em Shau-king-foo, até que em 1589 foram postos fóra. Em 1595 o governo consentiu que Ricci lançasse os alicerces de uma casa religiosa em Van-chang-foo, a qual ficou ao cuidado do portuguez João Soeiro. Foi a christandade progredindo, e em 1605 compraram os jesuitas terrenos em Peking para uma grande egreja dedicada a S. Joseph. Foram porém perseguidos mais tarde, e mandados sair da China, mas Siu, conhecido entre os christãos pelo nome de Paulo, foi elevado á dignidade de kolas, ou ministro de primeira classe. Este, seus amigos e os protectores dos proscriptos fizeram persuadir que a dynastia poderia com a poderosa ajuda de Macau ser protegida contra os tartaros, pois os portuguezes eram artilheiros experimentados: seus padres, se fossem admittidos, serviriam a sua magestade com seu talento, e os soldados com seu valor; de sorte que nenhum inimigo jámais seria bem succedido em fazer uma duravel pressão sobre o imperio. O monarcha illudido annuiu. Novas chusmas de jesuitas se espalharam pela Chi-

na, e entre elles o mais notavel pelo seu zelo e conhecimento das mathematicas, era um allemão John Adam Shal.

«Foi a este que o tartaro Shun-che encarregou de reformar o calendario, o que o jesuita fez com tanta satisfação d'aquelle, que foi nomeado presidente do tribunal de astronomia. E foi-lhe concedida licença não só de fundar na capital duas egrejas, mas tambem de reparar algumas que na provincia estavam caindo. Novos missionarios vieram para a China, e a protecção real durou até 1661. Mais tarde vieram frades d'outras ordens, e estes entraram a questionar com os jesuitas, e pretenderam destruir a ordem politica existente. Houve queixas e foram examinadas por alguns tribunaes, e estes proferiram em 1665 que Shal e seus associados mereciam o castigo de seductores, por prégarem ao povo uma doutrina falsa e perniciosa. Shal morreu de pesar. Verbiest e outros esconderam-se, e muitos foram expulsos da capital e provincias da China.

«Kang-he, tendo tomado as redeas do governo, empregou Verbiest, e fel-o director do tribunal de astronomia. Este jesuita resolveu dirigir um pedido a seu soberano para que os missionarios banidos do Cantão fossem auctorisados a entrarem em suas respectivas egrejas. Foi concedido por um especial favor em 1671, mas com a condição de que nenhum chinez abraçasse o christianismo.

«O marquez de Louvois enviou quatro jesuitas para a China, dois d'elles Gerbillon e Bousset foram pela recommendação prévia de Verbiest em 1688 admittidos na côrte á sua chegada. No anno seguinte Gerbillon e o portuguez Pereira acompanharam como interpretes o principe Só-san para se encontrarem nas fronteiras com um plenipotenciario russo, o conde Theodor Alexeivich Golovin, com o fim de verem se podiam por meios conciliatorios evitar uma guerra, seguindo-se d'aqui um tratado de paz e amisade no anno de 1689 em Nip Chew.

«Os missionarios tinham já passado por duas tempestades denominadas perseguições geraes; uma terceira estava agora em progresso. Passou-se uma ordem para que nenhuma religião estranha fosse tolerada no imperio. Porém depois de muitas difficuldades foi ainda um decreto assignado a 22 de março de 1692 auctorisando o exercicio da religião catholica romana na China.

«Aquelles frades, que tinham vindo coisa de cincoenta annos mais tarde do que os jesuitas para a China, começaram a duvidar se a significação de certas palavras e ceremonias entre os chinezes podiam ser conciliadas com a pura orthodoxia. Se bem que um papa tinha decidido que as ceremonias da China eram de natureza civil, o vigario de Fuh-keen, Carlos Maigrot, teve o atrevimento de não fazer caso do decreto de Alexandre VII (1656) e publicar em 1693 um mandato decidindo que Teen e Chang te nada mais significavam do que céo material, e que os costumes de venerar Confucio, e os mortos, são superstições, inovação que o Santo Officio adoptou, e Clemente XI confirmou em 1704. Kang-he não sendo homem, que transferisse para um papa e padres o direito de legislar, passou a 17 de dezembro uma declaração: que quereria ver aquelles missionarios que prégassem a doutrina de Ricci, mas perseguiria aquelles que seguissem a opinião de Maigrot, e para que

o paiz ficasse limpo de homens turbulentos e ineptos, mandou o imperador em 1707 que os missionarios fossem submettidos a um exame. Passava-se depois uma licença a um missionario para poder viver na China, no caso de não prégar nem approvar as doutrinas de Ricci. Soffreram depois os missionarios uma horrivel perseguição, mas em 1784 permittiu-se-lhes ficarem nas suas respectivas egrejas em Peking, ou dirigirem-se para Cantão para d'alli voltarem á Europa.

«Depois Gregorio XIII confiou o governo espiritual de toda a China ao bispo de Macau, e o cuidado das missões aos jesuitas e portuguezes. Mas como a população de Portugal era muito pequena, e não podia fornecer os indispensaveis obreiros para uma missão tão ampla na Asia, os papas foram permittindo a pouco e pouco aos franciscanos, dominicanos, agostinhos, padres seculares das missões estrangeiras em Paris, e aos da propaganda mostrarem seu devoto zelo nas varias partes da China. Houve queixas apresentadas por Portugal, e Alexandre VIII consentiu que Pedro II, rei d'este paiz, nomeasse tres bispos, e fixasse os limites de sua respectiva jurisdicção. As tres dioceses, que Pedro propunha, comprehendiam não sómente a China, mas tambem Tunkin e Cochinchina, pretensão tão extravagante, que o Vaticano recusou aannir a ella. Innocencio XII annexou ao bispado de Peking as provincias Peh-chi-le, Shantung e a Tartaria Oriental: ao de Macau as provincias de Kwang-tung, Kwang-se, e o ilha Haenan: reservou para si mesmo governar o resto da China por meio de vigarios apostolicos, nomeados pela congregação da propaganda e approvados pelo papa.

«Em 1810 os christãos em toda a China andavam por perto de 600:000.»

768) LO (ALEXIS DE ST.).

E.—*Relation du voyage du Cap Vert.* Paris, 1637. 8.º

769) LOBKOWITZ (D. JOANNE CARAMUEL). — ***Religione Dunensi Ord. Cister. S. T. Doctore Lovaniensi et Melrosensi Abbate.*** Theologo nascido em Madrid em 1606, e fallecido em 1682.

E.—*Philippus Prudens Caroli V Imp. Filius Lusitaniae Indiae, Brasiliae legitimus rex demonstratus.* Antuerpiae. Ex Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1639. Fol. 430 pag. com estampas representando os retratos do rei de Portugal, incluindo o do principe Fernando de Hespanha, dos tres Philippes e da excellente senhora. As estampas são as mesmas (tirando talvez uma ou outra) que ornaram a *Anacephaleosis* do padre Antonio de Vasconcellos, publicada em Antuerpia no anno de 1621.

O fim da obra de Caramuel, (mais conhecido por este nome) é querer provar que os portuguezes devem obediencia aos reis de Castella como parentes dos reis de Portugal e seus legitimos successores no governo d'este paiz. Todo emtanto, quando o livro appareceu á luz, conheceu logo o auctor que tinha perdido o seu tempo. Publicaram-se varias obras em resposta á de Lobkowitz.

770) LONDONDERRY (Marquess of —. G. C. B. etc.)

E.—*A Steam voyage to Constantinople, by the Rhine and the Danube in 1840-41, and to Portugal and Spain, etc. in 1839 by—.To which is annexed the author's Correspondence with prince Metternich, lords Ponsonby, Palmerston, etc. In two volumes.* London. Henry Colburn, Publisher. 1842, 8.° gr. O 1.° volume com o retrato do principe Metternich, 354 pag. O 2.° com o de Abdul Mehjid, 354 pag. A viagem a Portugal vem n'este 2.° volume, e occupa de pag. 97 a 144. Diz a auctora que o unico portuguez que lhe mostrou um poucochinho de civilidade foi o duque da Terceira.

771) LONDONDERRY (Marquis of and G. R. GLEIG).

E.—*Story of the Peninsular War.* London, 1858. 8.° (Narração da guerra peninsular.)

772) LONG (CHARLES EDWARD—Esq.)

E.—I. *A reply to the misrepresentations and aspersions on the military reputation of the late Lieut.—Gen.—R. B. Long contained in a work entitled «Further Strictures on those parts of col. Napier's History of Peninsular War, which relate to the military opinions and conduct of general lord viscount Beresford G. C. B. etc.» accompanied by extracts from the M. S. Journal and private correspondence of that officer, and corroborated by the further testimony of living witnesses by —.* London. James Ridgway, 1832. 8.°, 145 pag.

II. *Letter to general viscount Beresford G. C. B. in reply to his Lordship's letter to the author relative to the conduct of the late lieutgeneral Long in the campaign of 1811. By —.* London. J. Ridgway. 1833, 8.° 150 pag.

Estes dois opusculos versam sobre varias asserções da historia da guerra peninsular de Napier, a respeito do general Long.

773) LONGCHAMS (PIERRE CHARPENTIER).

E.—*Malagrida. Tragedie.* Paris, 1763.

774) LOPEZ D. MIGUEL CORTÉS Y—.).—Academico de la Historia, socio de las Economicas de Valencia y Teruel.

E.—*Diccionario geografico-historico de la España antigua Tarraconense, Betica y Lusitana con la correspondencia de sus regiones, ciudades, montes, rios, caminos, puertos y islas á los conocidos en nuestros dias por —.* 3 vol., 4.°

775) LOPEZ (D. THOMAS).

E.—*Mappa general del reyno de Portugal,* 1770.

776) LORMIAN (M. BADOUR).

Publicou no mez de fevereiro de 1815 [illegible] *Mercure* uma brilhante imitação do [illegible] «Os doze de [illegible] a qual Ragon copiou nas anotações [illegible] do referi[illegible] pag. 287-291), e se compõe de 172 [illegible]

777) LOWE (R. P.)

E.—I. *A Manual Flora of Madeira and the adjacent Islands.* London, 1862. Creio que existe uma outra edição de 1857.

II. *Sinopsis of the fishes of Madeira.* Publicada no vol. 2.º, parte 2.ª da obra *Transactions of the zoological society.* London, 1837.

III. *A Supplement to the Synopsis,* vol. 3.º, parte 1.ª, 1839

IV. *A fasciculus on a new genus of the family Lephides—Les Pectorales pedicules, Cuvier, discovered in Madeira, communicated to the Society Sept. 22,* 1846.

V. *Synopsis diagnostica, sive species quaedam novae mollusculorum terrestrium Insulis Madeirensibus detectae, notis diagnosticis succintis breviter descriptae.* London, 1052.

778) LOY (AIMÉ DE).

Nasceu em 1798 e falleceu em 1834. Residiu no Rio de Janeiro, e voltou d'alli para Portugal com o fim de defender a causa de D. Maria II.

D'este poeta francez diz-nos St. Beuve: [1] «Fallava e escrevia o portuguez maravilhosamente: o idioma de Camões tinha-se-lhe tornado o idioma favorito, e passou-se depois muito tempo antes de poder recuperar a fluidez da sua lingua franceza.

779) LUCCOCK (JOHN).

E.—*Notes on Rio de Janeiro and the Southern parts of Brasil en* 1808-1818. London, 1820.

780) LUCDER.

E.—*Ueber die industrie und Kultur der Portugiesen.* Berlin, 1808, 8.º (Sobre a industria e civilisação dos portuguezes.)

781) LUDOLPHI (J.)—Celebre orientalista allemão.

Nasceu em Erfurl no anno de 1624, e falleceu em Francfort no de 1704. [2]

E.—*Historia Æthiopiæ sive regni Abyssinorum, quod vulgo presbyteri Joannis.* (Historia da Ethiopia, ou do reino dos abyssinios, a que vulgarmente se dá o nome de Preste João). Jenae, 1676, 4.º Francfort, 1681. Traduzido em allemão por Calebius. Utrecht, 1687. Amsterdam, 1688.

II. *Epistolae Samaritanae Sichemitarum ad Ludolfum cum versione latina et adnotationibus.* Zeitz, 1688. É a resposta dos samaritanos de Sichem a uma carta que Ludolf lhes tinha dirigido por intervenção de um judeu, portuguez de origem, mas que habitava perto de Hebron, e que viera á Europa reclamar soccorros de seus correligionarios.

[1] *Portraits contemporains,* vol. 2.º pag. 233. St. Beuve conhecia o nosso Camões, como se vê a pag. 530 d'este mesmo volume.

[2] F. Didot.—*Biographie Universelle,* vol. 32.º. pag. 139.

782) LUMBERA (FRUTOS MARTINEZ Y).

E.—*España y Portugal y sus banderas.* Madrid, 1874. Folheto. (É uma explicação das bandeiras portuguezas e hespanholas).[1] 8.°, 23 pag. O capitulo 4.° d'este opusculo apresenta uma resenha das batalhas em que andaram juntos os estandartes de Portugal e Hespanha. É porém um pouco deficiente, pois fallando com algum desenvolvimento da batalha de Navas de Tolosa, nem palavra diz da do Salado, tão gloriosa para as nossas armas.

783) LUNARDI (VICENTE).

Nasceu em Lucca no anno de 1759.

E.—*Viagem aerea do capitão Vicente Lunardi, por elle escripta.* Lisboa, Officina de Simão Thaddeu Ferreira, 1794. 4.°, 11 pag.

A referida viagem aerea foi feita por Lunardi em Lisboa, a 24 de agosto de 1794.

784) LUSITANIAN (THE) *scenes and sketches, in Portugal.* Porto, 1844 (Scenas e bosquejos lusitanos).

[1] Aproveito a occasião para agradecer um exemplar que o auctor se dignou offertar-me.

M

785) MABELLINI (GIOVANNI BATTISTA MARIA PACHECO), mais conhecido por MABLIN).

E.—*Lettre à l'Academie Royal des Sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades.* Paris, 1826. 8.°, 77 pag. (É um estudo sobre as duas primeiras edições dos *Lusiadas.* O auctor, quando escreveu esta memoria, era sub-bibliothecario da Bibliotheca da Universidade de Paris.

786) MACHI (ALOISIO DE COMITIBUS).

E.—*Oratio habita in parentalibus solemnibus Petri V Port. et Alg. Regis Fidelissimi adstante sacro Patrum Cardinalium collegio in sacra aede Regali Sancti Antonii-ab-Romæ,* 1862. (Oração funebre de D. Pedro V, recitado em Roma na egreja de Santo Antonio dos Portuguezes.)

787) MACKINNON (MAJOR).

E.—*Account of the campaigns in Spain and Portugal, from,* 1809 *to* 1811. (Narração das campanhas em Hespanha e Portugal).

788) MACQUER (PHILIPPE).

E.—*Abregé chronologique de l'histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1759. 2 vol. Parece que ha uma outra edição feita em Paris no anno de 1777, augmentada por Lacombe.

789) MADDEN (R. R.)

E.—*The shrines and sepulchres of the old and new world including notices of the funeral customs of the principal nations ancient and modern including the Portugal with illustrations.* London, 1851, 2 vol. (Mausoleus e sepulchros do mundo antigo e moderno, incluindo noticias dos costumes funebres nas principaes nações dos antigos e dos modernos, em que entra Portugal.)

790) MADDEN (THOMAS MORE).

E.—*On change of climate. A guide for travellers in pursuit of health in*

Spain and Portugal. London, 1864. (Guia em Hespanha e Portugal para o viajante que anda á procura de saude).

791) MADRIGANUS (ARCHANGELUS)—Prelado italiano.

Nasceu em Milão, pelo meiado do seculo 15.°, e falleceu em 1520.

E.—*Itinerariũ portugalēsiũ e Lusitania in Indiã et in occidentem et demum ad aquilonem.*

No fim: *Operi suprema manus imposita est kalendis quintilibus. Ludovico galliarum hujus urbis iclite (Mediolani) sceptra regēte.... anno ñrae salutis,* 1508. Fol. (Itinerario dos portuguezes, de Portugal para a India).

Segundo diz Brunet, esta obra é a traducção d'outra italiana composta por Montabbodo Franseano em 1507.

792) MAFFEJI BERGOMATIS (JO PETRI).—Este escriptor jesuita é notavel.

Nasceu em Bergamo no anno de 1536, e falleceu em Tivoli no de 1603. Diz-se que consumira doze annos na composição da sua *Historia das Indias.*

E.—*Indiarum Historiae.*

Se ha obra lida e relida na Europa, è esta uma d'ellas. Provirá porém o extraordinario numero de reimpressões da *Historia das Indias Portaguezas* das bellesas de linguagem, ou do assumpto? Creio que era esta a ultima causa, apesar das versões de Barros e Castanheira fazerem ver aos que não entendiam o portuguez, as proezas de nossos maiores. Hoje seria quasi impossivel apresentar uma resenha das edições feitas em diversos paizes, por isso mencionarei sómente aquellas de que tenho conhecimento: Roma, 1588—Florença, 1588 Leão, 1589—Colonia, 1589—Veneza, 1589—Bergamo, 1590—Colonia, 1591—Colonia, 1593—Antuerpia, 1605—Bergamo, 1747. Tenho noticia de uma outra edição feita em 1688, mas não sei o logar da impressão.

Foi traduzida em italiano por Francesco Serdonati Fiorentino, impressa em Fiorenza por Filippo Giunta, e em Veneza por Damian Zenaro, 1589. Em Milão 1806, 3 vol.

Em francez por Arnault de la Boirie, impressa em Lyon no anno de 1604, e por M. de la Pure, impressa em Paris no anno de 1605.

Eis o titulo da obra no original latino, conforme a edição de Bergamo, de 1747: *Opera omnia latine scripta nunc primum in unum corpus collecta, variisque illustrationibus exornata. Accedit Maffei vita Petri Antonio Serassio auctore.* Apresenta esta edição em primeiro logar a dedicatoria ao rei Philippe; em segundo, o prefacio; em terceiro, a approvação; em quarto logar a vida de *Maffeo;* imagem de Maffei, varias edições e testemunho de escriptores.

Esta historia chega sómente ao reinado de D. João III.[1]

[1] «A edição de 1593 em folio é a melhor. Arnaud de la Borie e o abbade de Pure desfiguraram em suas traducções esta bella historia das Indias, tão bem traduzida em italiano por Serdonat.»—*F. Denis, Chroniques Chevaleresques d'Espagne et Portugal,* 11 pag., 8.°

793) MAGASIN PITTORESQUE.

Um dos mais conhecidos jornaes francezes, fundado em 1833. Eis o que n'este semanario se encontra relativo á Portugal:

Tomo I, pag. 185.—Ruinas de S. Paulo em Lisboa, gravadas conforme uma pintura acabada por Le Bas em 1757. Eis a traducção do artigo que acompanha a estampa:

«Existem ainda algumas testemunhas do terremoto que destruiu Lisboa quasi inteiramente no primeiro de novembro de 1755, e suas narrações confirmam as particularidades das memorias espalhadas pela Europa depois d'este grande desastre. É principalmente nas *Philosophical Transactions* publicadas em Londres, que se encontram os documentos mais circumstanciados e mais dramaticos. Alli achamos entre outras peças importantes, o seguinte extracto de uma carta escripta de Lisboa com data de 18 de novembro de 1755 por Mr. Walfall, cirurgião. A serenidade e sangue frio do escriptor logo contrastam de uma maneira estranha com o horror dos successos que refere.

«O verão fôra mais fresco que de costume, e durante os últimos quarenta dias o tempo tinha estado muito claro e muito bello. No primeiro d'este mez, pelas 9 horas e quarenta minutos da manhã, um violentissimo tremor de terra se fez ouvir: pareceu durar um decimo de minuto, e n'este intervallo todas as egrejas e conventos da cidade, incluindo o palacio do rei e a magnifica sala da opera desabaram. Nem um só edificio consideravel ficou em pé: quasi a quarta parte das casas particulares tiveram a mesma sorte; e conforme um calculo muito moderado, morreram mais de trinta mil pessoas. O espectaculo dos corpos mortos, os gritos dos moribundos meio sepultados nas ruinas são superiores a toda a descripção: o medo e consternação eram tão grandes que as pessoas as mais animosas não ousavam ficar um só instante para arrancar á morte as victimas encerradas debaixo das ruinas: cada um em nada mais pensava que em se refugiar nas praças descobertas e no meio das ruas. Os que se achavam nos andares superiores foram em geral mais felizes do que aquelles que tentaram fugir pelas portas, pois estes ficaram enterrados debaixo das ruinas como a maior parte das pessoas que passavam a pé. Os trens tinham mais probabilidade de salvação ainda que os cocheiros e lacaios estivessem muito mal tractados. Porém o numero das pessoas esmagadas nas casas e nas ruas não foi comparavel ao das pessoas enterradas debaixo das ruinas das egrejas, por ser dia de grande festa, e na hora da missa todos os edificios religiosos, que são muito consideraveis em Lisboa, estarem cheios de fieis: as torres cairam quasi todas com as abobadas das egrejas, de sorte que pouca gente escapou. Quasi duas horas depois do terremoto o incendio se declarou em tres sitios da cidade: era occasionado pelo fogo das cosinhas, que o abalo aproximára de materias combustiveis de toda a especie. Por este tempo tambem um vento muito forte succedeu á calmaria, e animou de tal sorte a violencia do fogo, que em tres dias a cidade ficou reduzida a cinzas. Todos os elementos pareciam conjurados para nos destruirem immediatamente depois do terremoto, que aconteceu quasi no momento da maior elevação das aguas, as ondas subiram de repente quarenta pés mais alto do que se tinha

observado em tempo algum, e retrocederam tambem repentinamente. Se não tivessem assim retrogradado, a cidade inteira teria ficado debaixo das aguas.

«Apenas nos foi permittido reflectir, só a morte se apresentou á nossa imaginação. Em primeiro logar o receio que o numero dos cadaveres, a confusão geral, a falta de braços para os enterrar, dessem origem a uma doença contagiosa, era bem para amedrontar; mas o fogo, que parecia o nosso mais perigoso inimigo, os consumiu, e preveniu este resultado.

«Depois a fome estava imminente, porque Lisboa é o deposito de todos os cereaes produzidos a cincoenta milhas em roda. Comtudo salvaram-se felizmente alguns dos armazens; e ainda que nos tres dias immediatos ao terremoto uma onça de pão valesse uma libra de oiro, tornou-se depois bem abundante, e vimo-nos livres da fome.

«Finalmente havia que receiar a avareza da classe vil da população, que queria aproveitar-se da confusão para roubar e assassinar. Com effeito no principio um bem grande numero de crimes foram commettidos; mas por ordem do rei levantaram-se patibulos em volta da cidade, e depois de coisa de um cento de execuções, o roubo foi reprimido.

«Estamos ainda n'um estado de perplexidade difficil de descrever: temos sentido até vinte e dois tremores de terra differentes desde o primeiro. Ninguem se atreve a dormir nas casas que escaparam. Dorme-se ao ar, por falta de materiaes para fazer barracas. Não temos nem roupas, nem moveis, nem dinheiro.

«Dois dias depois do primeiro abalo fizeram-se escavações para procurar os corpos, e tiraram d'ellas um grande numero, que tornaram á vida. E' uma coisa para maravilhar o não termos morrido todos. Hospedei-me n'uma casa, na qual habitavam trinta e oito pessoas, e d'ellas apenas escaparam quatro.

«O rei e sua familia estavam em Belem, palacio real a uma legua de Lisboa. O palacio do rei na cidade desabou ao primeiro abalo, mas os habitantes asseveram que o palacio da inquisição foi o primeiro que foi a terra.

«O terremoto fez-se sentir em toda a extensão do reino, porém mais particularmente ao longo da costa. Faro, Setubal e algumas das grandes povoações commerciaes estão n'uma situação ainda peior que Lisboa, se é possivel: comtudo a cidade do Porto ficou intacta.

«E' possivel que a causa de todos estes desastres tenha vindo do fundo do oceano occidental, pois acabo de conversar com um capitão de navios, que parece ser pessoa de muito tino, o qual me disse, que achando-se ao largo umas cincoenta leguas, experimentou uma sacudidella tão violenta, que a coberta do navio ficou estragada. Julgou ter batido n'um rochedo; mandou immediatamente arriar a lancha ao mar para salvar a tripulação; porém conseguiu felizmente fazer entrar seu navio no Tejo, se bem que em mau estado.

Tomo III (1835), pag. 3. *Dança do Tabaco em Lisboa.* «Já recordámos em 1833 todas as difficuldades que experimentaram os amadores de tabaco em propagar o uso d'esta planta. Os pros e os contras tiveram cada um advogados obstinados. Medicos, reis e papas collígaram-se contra elle, porém havia egualmente defensores zelosos, que lhe asseguraram a victoria. Parece que pelo

meiado do seculo XVII a opinião publica lhe era favoravel em Lisboa, porque alli se celebrava então uma dança, da qual se conservaram alguns promenores.

«A scena representava a ilha de Tabago. Depois do prologo, no qual um grupo de habitantes cantavam a felicidade dos povos, aos quaes os deuses tinham presenteado com uma planta tão preciosa, viam-se entrar quatro verificadores, que tomando tabaco em pó de caixinhas de oiro pendentes da cintura, atiravam-n'o ao ar para applacar os ventos e as tempestades. Estes insulares armaram-se depois de compridos cachimbos, e girando em volta de um altar, com passos graves e cadenciados, deitaram á cara dos deuses baforadas de tabaco á maneira de incenso. Veiu então a representação das industrias, que vivem do tabaco: uns punham na corda folhas da planta, outros a picavam, estes a pisavam em almofarizes para a reduzirem a pó, aquelles a ralavam, e todos dançavam.

«Estes industriaes foram substituidos por aquelles que o consomem. Primeiramente appareceu uma immensidade de consumidores de tabaco em pó: espirravam á porfia, offerecendo sua caixa uns aos outros, e tirando pitadas com gestos e attitudes jocosas. Estes consumidores foram substituidos por um esquadrão de fumadores de todas as nações reunidos n'uma tabacaria: turcos, hespanhoes, mouros, portuguezes, allemães, francezes, polacos, e outros recebiam o tabaco da mão dos indios; cada um servia-se á sua maneira, sempre dançando e pulando.

Idem, pag. 71. Santo Antonio, generalissimo portuguez.

«O rei de Portugal tinha-se unido aos inimigos de Philippe V, rei de Hespanha. Berwick foi encarregado de defender o reino contra este novo aggressor. Acampou com um corpo de tropas nas margens da ribeira do Sabugal, a qual os portuguezes, inglezes e hollandezes quizeram passar. Já Berwick se preparava para os repellir, quando observou uma extraordinaria confusão em suas fileiras: bem depressa um pavor geral se manifestou entre elles, e retiraram-se com muita precipitação. Berwick fez alguns prisioneiros entre os fugitivos, mandou-os ir á sua presença, e interrogou-os sobre as causas d'este terror panico. Eis o que responderam os portuguezes:

«Santo Antonio de Padua é o protector do reino de Portugal. Quando a nossa nação sacudiu o jugo hespanhol, protegeu-nos em diversas occasiões, e a elle devemos o bom resultado de nossa restauração. Em reconhecimento os portuguezes pediram então ao seu novo rei, que Santo Antonio de Padua fosse declarado para sempre generalissimo de seus exercitos. O conselho foi convocado para ser consultado a este respeito. Todos os grandes convocados declararam que a protecção de Santo Antonio tinha realmente salvado o paiz; mas que não tendo este santo servido no exercito durante sua vida, não se lhe podia conferir tal posto depois de sua morte. Então o rei, para cortar as difficuldades, resolveu fazer passar Santo Antonio por todos os postos militares. Fez para este effeito uma promoção, na qual o santo foi nomeado brigadeiro; depois n'uma segunda marechal de campo; n'uma terceira tenente general; depois do que foi declarado generalissimo para sempre. Sua imagem é sempre

trazida na frente de nossas tropas, e prestam-se-lhe as honras devidas á dignidade de que se acha revestido. N'esta manhã, quando estavamos promptos para passar o rio, uma bala vindo do nosso campo levou a imagem do santo. Esmorecidos por termos perdido nosso general, recuámos, e nossos alliados foram arrastados pela nossa fuga. Eis a causa d'essa retirada precipitada, que tanto vos surprehendeu.»

Pag. 313. Templo de Diana em Evora (com estampa).—O artigo que acompanha esta estampa diz-nos o mesmo que em geral trazem os artigos de identica natureza, e termina por estas palavras: «Actualmente, quasi que sentimos vergonha dizendo-o, serve de matadouro para os açougues de Evora.»

Pag. 385. Aqueducto e castello de Evora (com estampa).—No artigo que acompanha esta estampa dá-se o nome de *castellum* á torre que se acha sobre o aqueducto, e a respeito da qual se devem vêr os artigos que se publicaram no *Archivo Pittoresco.* [1]

Tomo V (1837), pag. 41. Templo de Santo Antonio de Padua (com estampa).—Pag. 294. Biographia de Luiz de Camões (com estampa representando a gruta de Camões em Macau).—Diz «que Luiz de Camões, auctor da primeira epopea moderna no gosto de Virgilio, é incontestavelmente o maior poeta que Portugal viu nascer», e termina dizendo-nos «que em Lisboa suas desgraças causaram uma impressão tão profunda, que a casa em que morava, ficára sem inquilino, por todos terem receio de residirem n'ella». Esta biographia é escripta com desenvolvimento, faz muitos elogios ao poeta, e contém bastantes inexactidões, o que não é para admirar, por varios motivos.—Pag. 394. Vista da praça do Commercio em Lisboa. Diz-nos o jornal «que a estampa representa a nossa praça do Commercio»; porém ella representará tudo quanto quizerem, menos a referida praça, nem com ella se parece, nem dá a mais leve idéa. No dizer dos viajantes, nenhum dos espectaculos do mundo civilisado excede em magnificencia exterior Lisboa, vista a alguma distancia, etc. «As cavidades dos olhos da estatua equestre de D. José no Terreiro do Paço (praça que tambem se intitula do cavallo negro) eram cheias antigamente com dois diamantes de alto valor, e a gente do povo conta que o general Junot na invasão franceza, não podendo levar o cavallo, vingou-se arrancando-lhe os olhos.» Diz que o convento de S. Vicente de Fóra é fundação de D. João III. Conta-se que o general Junot tinha feito tirar os mosaicos da capella de S. Roque para os remetter para França, mas que tendo as ferramentas dos operarios estragado o vidro, exclamára: Parae, não se diga que Junot foi tão barbaro que mutilou uma obra tão preciosa! Emquanto ao convento da Estrella diz-se que, o architecto furioso, como entre nós Soufflot, por causa da critica feita ás portas d'esta egreja, se foi precipitar do aqueducto das Aguas Livres. Em summa, póde-se dizer que todo este artigo não passa d'um amontoado de mentiras e inepcias. Que egreja será a Roia, de que nos falla? Que padres eram os que andavam vestidos de vermelho pelas ruas em 1837? Quando é que o convento da Graça poude aquartelar cinco mil homens? Artigos como

[1] Vol. 6.º, pag. 286. Vol. 7.º, pag. 7. Vol 8.º, pag. 313.

esta desacreditam qualquer publicação litteraria. Pelo mapas em Portugal não se está no costume de escrever d'esta fórma.—Pag. 395. De contrabandistas em Portugal (com estampa).—Este artigo não merece especial menção.

Tomo VI (1838), pag. 25. Aqueducto mourisco de Elvas (com estampa.—Pag. 72. Jardins ridiculos. «Em nossos artigos a respeito de Portugal assignalámos como prova de mau gosto em certas cidades d'este reino o costume de talhar as arvores, de modo que formavam figuras de seres animados. Este costume existiu tambem ha um seculo na Inglaterra, e Pope metteu-o a ridiculo n'uma carta escripta em 1713.—Pag. 186. N'um artigo intitulado Histoire du seizième siècle, trata das antigas victorias e poder de Portugal.—Pag. 225. A egreja de Belem (com estampa). Quadro de M. Dauzatz, de grande effeito, exposto no Louvre em 1838, e muito admirado.

Tomo VIII (1840), pag. 265. Vista da cidade de Macau.—Pag. 397. Vista do tumulo de D. Ignez de Castro no mosteiro d'Alcobaça. O artigo que acompanha esta estampa é copia das Chronicas cavalheirescas de Ferdinand Denis, e a estampa copiada das Viagens do barão Taylor.

Tomo XI (1843), pag. 361 e seguinte. Um longo artigo sobre o infante D. Henrique, com uma estampa representando o seu busto por Mr. Droz, segundo uma antiga miniatura.

Tomo XIII (1845), pag. 181. Mausoleu de um cardeal portuguez, feito por Antonio Rossellino na egreja de San Moniato al Monte em Florença.

Tomo XIV (1846), pag. 175. Geoffroy St. Hilaire em Portugal. (V. Hilaire Geoffroy Etienne St.)

Tomo XVIII (1850), pag. 334. Um artigo ácerca dos azulejos em Portugal.

Tomo XIX (1851), pag. 94. Um artigo sem importancia a respeito do pintor Grão Vasco, no qual diz ser para admirar que os portuguezes não tivessem conhecido que os quadros attribuidos a este pintor, por varios motivos, não podiam ser obra do mesmo auctor, e que se deve ao conde de Rakzynski a descoberta do verdadeiro Grão Vasco.

Tomo XX, pag. 121. Uma vista da ilha do Principe.

Tomo XXI, pag. 13. Uma passagem da ilha de S. Thomé.—Pag. 328. Uma estampa representando a chuva de sangue em Lisboa no anno 1551.

Tomo XXII, pag. 246. Os Castros. Monumentos celticos da Galliza e de Portugal. (Este artigo não apresenta novidade).—Pag. 305. Vista de S. Paulo de Loanda. Desenho de Karl Girardet, conforme M. L. de Foulin.—Pag. 311. Alphabetos talhados por um cego. Falla do portuguez Diogo Alvares, que apesar de cego, talhava letras de fórma tal, que se guardavam como preciosidade.

Tomo XXIII (1855), pag. 202. O rinoceronte do rei D. Manuel, seu triumpho e morte. Artigo extrahido de Damião de Goes.—Pag. 278. Estatua equestre da ilha do Corvo, no grupo dos Açores.

Tomo XXIV (1856), pag. 148. Exposição universal em 1855. Portugal. Os vendedores de fructas em Avintes e os regatões. Quadro de F. A Sckenck.—Pag. 201. Catadupa na ilha do Principe. Desenho de Karl Girardet.—Pag. 242. O Muata Cazembe (com duas estampas copiadas da obra que com este titulo se publicou em Lisboa.)

Tomo XXV (1857), pag. 85. Restos da egreja dos Jesuitas em S. Paulo de Loanda. Desenho de Karl Girardet.

Tomo XXVI (1858), pag. 115. Armas e utensilios da ilha de Timor.

Tomo XXVIII (1860), pag. 187. Os Corte Reaes e o Labrador.

Tomo XXIX (1861), pag. 132. Palacio de Mafra. Desenho de Rouargue.—Pag. 186. O touro dos Açores. Desenho de Freeman.

Tomo XXXII (1864), pag. 7. Porta travessa de Santa Maria de Belem (fachada do Sul). Desenho de Thérond.—Pag. 167. As olas da India. Modo de escrever dos indios.—Pag. 177. Egreja de Santo Antonio de Padua. Desenho de Théron.

Tomo XXXIII (1865), pag. Porta da sacristia da egreja de Alcobaça. Desenho de Olivier Merson.—Pag. 111. Sellos de correio em Portugal.—Pag. 249. Fachada de Santa Cruz de Coimbra. Desenho de Olivier Merson.

Tomo XXXV (1867), pag. 279. Biographia e desenho de uma estatua de Jacob Rodrigues Pereira ensinando um surdo-mudo.—Pag. 397. Santo Antonio de Padua. Quadro de Murillo.

Tomo XXXVI (1868), pag. 192. Custodia de Belem. Desenho de Clerget.

Tomo XXXVII (1869), pag. 120. Passagem chineza entre Macau e Cantão. —Pag. 336. Cutello de salvação. Conta a historia do naufragio de um navio portuguez na costa de França, e como toda a tripulação se salvou levando na bocca cutellos quando se atirou ao mar, aos quaes enterrados na areia se segurou até lhe prestarem soccorros.

Tomo XXXIX (1871), pag. 363. Como vinham as mercadorias das Indias a Portugal no espaço de 3 mezes em 1528.

Tomo XL, pag. 105. Convento da Batalha. Vista do claustro real. Desenho de Gilbert.—Pag. 170. Um bordado historico. André Furtado de Mendonça. O pirata Cunhale. Defeza de Malaca. O que hoje é esta cidade.

794) MAGNIN (CHARLES).—Membre de l'Institut.

E.—*Biographia de Camões*, que precede a traducção dos *Lusiadas* feita por Millié.

«Ao esboçarmos esta vida de um poeta illustre, duas coisas tivemos em mira. Em primeiro logar esclarecermos diversos problemas biographicos: em segundo desejámos mostrar qual era a vida de um litterato em Portugal durante o bello seculo d'este pequeno e prodigioso reino.....

«Nada differe tanto d'um seculo a outro, e de povo a povo, como o que se chama vida de homem de lettras. Hoje na França um homem de lettras é um homem de prazeres e de negocios que, se não tem muita ambição, procura vir a ser chefe de divisão n'um ministerio, ou director de um estabelecimento.

«No seculo XVIII a vida dos litteratos era uma vida ao mesmo tempo caseira e sensual, passada entre a Academia, a Opera, os salões e o café Procopio. No seculo de Luiz XIV era coisa um pouco mais grave e frugal, e que tinha herdado de Port Royal um tanto dos habitos claustraes. O povo que entre nós allia tão frequentemente a imagem grutesca com o pensamento, traduziu a idéa de homem de lettras pela expressão pittoresca e grosseira de pé de chumbo.

«Esta definição popular, assás exacta geralmente na França, seria uma extranha falsidade se a applicassemos a todos os outros paizes. Encontrou-se na Europa um pequeno povo, no qual a idéa de homem de lettras correspondeu por muito tempo á de viagens, guerras, captiveiro entre os mouros, naufragios no Brasil, desterros nas Molucas. Não se encontrou n'elle durante o periodo de sua historia um só poeta que não tivesse andado suas duas ou tres mil leguas por mar, combatido na Africa, na America e na India. Teve esta nação uma litteratura, e não litteratos de profissão; teve bellas obras, e não homens de lettras; e grandes poetas, e nada que se assimilhasse a uma classe á parte, sedentaria, inactiva, e paga unicamente para escrever.

«E não corriam assim as coisas nem por escolha, nem por systema; era por necessidade. Ninguem tinha então em Portugal tempo para estar tranquillo n'um gabinete de estudo, e para não se applicar a mais do que a um só trabalho. Por tão precipitado movimento era o Estado arrastado para fóra; era envolvido n'uma corrente de conquistas e de grandeza tão rapida, que, como na coberta de um navio, que quer forçar suas velas, todos os braços eram necessarios para a manobra.

«Para nós, velha nação continental, quasi sem colonias, sem gosto ao mar, sem amor aos paizes longiquos, povo ha muito tempo assentado, poderoso pelo solo, pela população, pela industria, que vivemos fechados em nossa casa, ou na do visinho, em frente dos Alpes ou do Rheno, mal podemos comprehender que esforços foram necessarios, lucta, actividade, sacrificios, consumo de forças individuaes para que n'um momento dado um pequeno povo de arrojados marinheiros, como o de Portugal, podesse fundar capitaes a duas mil leguas de seus lares, e conservar, quasi durante um seculo, um imperio que por um momento foi mais vasto que o imperio romano. A gloria d'este pequeno ponto da terra, predestinado por sua posição geographica para a descoberta do Oceano e dos mares da India, é de não ter deixado de cumprir sua missão: de ter com tão fracos recursos, como eram os seus, mudado os caminhos do commercio, dilatado os limites da civilisação e do christianismo, transportado a Europa para a America e India: meteoro inaudito de poder e de gloria, tão maravilhoso, tão brilhante, tão passageiro, como aquelle que tanto illustrou um outro pequeno ponto do globo, chamado *Grecia*

«E demais, para que um reino tenha homens de lettras, é mister dinheiro para os subsidiar. Portugal, que consumia suas economias em esquadras, em exercitos, em construcções de arsenaes, de fortalezas, não podia abrir no seu orçamento um capitulo de animação para as lettras e artes. Dentro em pouco até o reino empobrecido pelas conquistas, empenhado por causa das victorias, não teve nada mais com que pagar as despezas de seus exercitos, e o Estado veiu a não poder pagar áquelles que melhor o tinham servido. Camões morreu no hospital... Morreu por causa dos revezes de sua patria, como muitos de seus companheiros de armas; como morriam então os almirantes e os proprios vice-reis sem terem sempre (testemunha D. João de Castro) com que comprar uma gallinha em sua ultima doença.

«Os *Luziadas* era a primeira epopea que apparecia n'uma lingua moder-

na. Aos encantos de uma poesia deslumbrante reune toda a seriedade da historia, e todo o interesse d'uma viagem de descoberta. Não tem por theatro mais que um navio, por horisonte mais que o céo e o mar, para pontos de abrigo só os pequenos portos de Moçambique, de Melinde e de Calecut, onde a equipagem aborda com difficuldade; e comtudo a arte do poeta é tal, que com tão insignificante material nada eguala a variedade dos quadros que representa a nossos olhos. Tem-se muitas vezes dito de Shakespeare que elle é o melhor historiador de seu paiz: outro tanto se póde dizer de Camões. Canta, como o indicam o titulo e o exordio de seu poema, tudo quanto faz a gloria de Portugal: mas é o historiador, e não o adulador da sua patria. Pintor enthusiasta das batalhas de Ourique e de Aljubarrota, reprehende com aspereza seus companheiros degenerados. Duas passagens admiraveis, louvadas exclusivamente de mais, o episodio de Ignez, e a ficção de Adamastor, estão ao meu vêr, longe de ecclipsarem as outras partes do poema.

«Ficam ao leitor lagrimas para outros infortunios não menos commovedores, e admiração para outras ficções não menos felizes. A apparição da India e do Ganges, a entrevista do rei de Melinde e do Gama, que pela variedade dos vestuarios e dos costumes produz uma illusão tão completa; as sinistras predicções do velho portuguez, ecco dos preconceitos vulgares, que nunca deixam de protestar contra o heroismo: a aventura de Velloso com os selvagens, onde o gracioso se mistura com o interesse: a scena do mar tão bem descripta, que precede a narração cavalheiresca dos doze portuguezes, todas estas bellezas e mil outras, graciosas ou terriveis, severas ou apaixonadas despertam entre ellas a admiração. Como principalmente tomamos parte nas magoas do Gama, obrigado a enterrar debaixo da areia estrangeira a alguns de seus infelizes companheiros! Como sahe bem do fundo da alma do poeta esta triste reflexão: Oh! quão facilmente o homem encontra no mundo sua ultima morada! Foi extraordinaria a recepção dos *Luziadas*, pois, coisa quasi inaudita em Portugal, n'aquelle mesmo anno o auctor publicou segunda edição!»

795) **MAI (JOHANN HEINRICH).**

E.—*Dissertatio historico philologica de origine, vita et scriptis Isaaci Abrabanelis.* Altorf, 1808. (Dissertação sobre a origem, vida e escriptos de Abrabanel).

Abrabanel, como muita gente sabe, foi um judeu celeberrimo nascido em Portugal, e cuja vida apparece em todos os diccionarios biographicos.

796) **MAIRAN.**

Tanto este mathematico como Mr. Bouguer foram encarregados de analysarem a Memoria de Manuel Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos sobre a passagem de Mercurio pelo disco do Sol em 6 de maio de 1753.

«Logo que José Joaquim Soares de Barros chegou a Paris, munido dos conhecimentos que em Inglaterra havia adquirido, o estudo da astronomia e da

geographia foi o principal objecto das suas applicações.[1] Alli contrahiu amisade com o celebre astronomo M. de Lisle, e adestrado por elle no observatorio de Clugny, em o manejo dos instrumentos astronomicos, patenteou um talento e pericia que em breve encheu de admiração os astronomos mais distinctos. A passagem de Mercurio pelo disco do Sol, acontecida em 6 de maio de 1753, lhe deu occasião de fazer tantas observações delicadas e difficeis, para as quaes com perspicaz prevenção se havia antecipadamente disposto que MM. Bouguer e du Mairan, commissarios nomeados pela Academia Real das Sciencias de Paris, para examinarem a Memoria que elle sobre este objecto escrevéra, não duvidaram dizer na sua conta, que a habilidade e destresa do nosso astronomo ia muito além da verosimilhança.

A publicação d'esta Memoria, de que o proprio M. de Lisle se encarregára, deu occasião a que a Academia das Sciencias e Bellas-Lettras de Berlim o conceituasse digno de entrar na sua associação. Não tardou o nosso Barros em obter esta honra, nem em enriquecer as actas d'aquella respeitavel sociedade, com uma nova Memoria sobre a influencia da opacidade da atmosphera terrestre, nos instantes das immersões e emersões dos satellites de Jupiter na occasião de seus eclipses. Esta Memoria, escripta em lingua franceza, publicou-se no volume das actas d'aquella corporação scientifica, correspondente ao anno de 1755, com o titulo seguinte: *Nouvelles équations pour la perfection de la théorie des satellites de Jupiter, et pour la correction des longitudes terrestres, déterminées par les observations des mêmes satellites.* Barros alli examina a influencia que deve ter a massa da atmosphera sobre a diminuição da luz dos satellites, nos differentes graus da sua elevação sobre o horisonte, e por consequencia sobre o momento da sua desapparição na entrada da sombra do planeta principal, e no da sua apparição á sahida d'ella; e combinando destramente todas as descobertas de Galileo, Cassini, ou de M. de Fouchy ácerca dos effeitos que a maior ou menor distancia do planeta ao Sol e a Terra, e dos satellites ao planeta, devem produzir na quantidade da luz por elles reflectida, não só calculou uma taboada das diminuições que soffre effectivamente na quantidade da sua luz o primeiro satellite, em todos os graus de elevação do horisonte, e das correcções, que deve fazer-se aos tempos das suas immersões e emersões apparentes; mas deu formulas geraes para se calcularem similhantes taboadas para todos os outros satellites: ensinou como se deve medir a diminuição que soffre a luz d'estes planetas secundarios, em rasão da sua maior ou menor proximidade apparente ao planeta principal; o que nem Galileo, nem outro algum astronomo até então havia feito: mostrou como a quantidade dos satellites depende, alèm de todas as causas mencionadas, tambem das suas distancias á luz, o que ninguem havia ainda advertido, e assim levou a theoria dos satellites de Jupiter a um grau de perfeição muito acima d'aquelle em que se achava.

«As outras partes ou ramos das sciencias mathematicas não foram extranhas ao nosso astronomo. A applicação do calculo das probabilidades ás ques-

[1] Stockler.—*Historia das Mathematicas em Portugal.* Pag. 62.

tões economicas e politicas, que dependem da duração da vida humana, lhe merecem particular attenção. Elle tirou das Taboadas Necrologicas de Londres, e de Breslaw, muitas e mui curiosas consequencias, que publicou, primeiro em um pequeno opusculo, que no anno de 1767 imprimiu em Paris com o titulo de *Nouvelles considérations sur les années climatériques, etc.*; e depois em uma Memoria que intitulou *Loxodomia da vida humana*, a qual a Academia Real das Sciencias imprimiu, depois da sua morte, em o 2.º tomo das *Memorias de Mathematica e Physica.*»

797) MAIRE (ISIDORE HYACINTHE).

E.—*Organogénie Générale.* (*Memorias da Academia Real das Sciencias*, vol. 12.º, parte 2.ª)

798) MAJESTÉ (D. FRANCISCO).—Doctor em ambos derechos, y fiscal general ecclesiastico del estado.

E.—*Oracion funebre, pronunciada en la santa iglesia matriz de la capital de la Republica Oriental del Uruguay, en las regias exequias que la poblacion portuguesa de esta capital consagró a la memoria de su malogrado rey D. Pedro V y de su augusto hermano el principe D. Fernando. Por el presbitero —, dedicada a s. e. el señor consejero, encargado de negocios y consul general cerca de las republicas del Plata y Paraguay, D. Leonardo de Sousa Leite Acevedo.* Montevideu. Imprenta del *Progreso*, 8.º, 36 pag.

799) MALAGRIDA (GABRIEL).—Jesuita italiano.

Nasceu na villa de Menajo, no ducado de Milão; foi estrangulado e queimado no auto de fé celebrado em 20 de setembro de 1761, facto bem conhecido, e não pouco deshonroso para a memoria do marquez de Pombal.

E.—*Juiso da verdadeira causa do terremoto que padeceu a côrte de Lisboa no 1.º de novembro de 1755.* Lisboa, por Manuel Soares, 1756, 4.º, 31 pag.

A respeito d'este Malagrida existem muitas obras escriptas por estrangeiros.

800) MALDONADO.

E.—*De Joanne de Brito Lusitano in odium fidei a regulo Marava trucidato.* Antuerpiae, 1697, in-4.º (Biographia de João de Brito, portuguez morto pelo regulo de Marava em odio á fé de Christo.)

801) MALDONADE (J. B.)

E.—*Prodigieux événements de notre temps arrivés à des Portugais dans un voyage extremement dangereux du coté de la Chine, par —.* Mons, 1693.

802) MALINGRE.

E.—*Abrégé de l'Histoire d'Espagne et de Portugal et de Navarre contenant les choses les plus mémorables qui se sont passés en ces trois royaumes depuis leur origine jusq'à nos jours, recueillies de plusieurs mémoires par — M. M. Historiographe de France.* Paris, 1652.

803) **MALLET.**
E.—*D. Elvira (Inez de Castro) a Tragedy.* London, 1778.

804) **MAMIANI (LUIZ VICENCIO).**—Jesuita italiano.
E.—*Arte de Grammatica da lingua brasilica da nação Kariri.* Lisboa, por Miguel Deslandes, 1699, 8.°, 124 pag.

805) **MANCINI (POLIZIANO).**
E.—*Il principe Altomiro di Lusitania.* Padova, 1641.
Vem esta obra mencionada no Catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio, mas ignoro se é um romance ou não.

806) **MANDELSLOHE (J. A. VON).**
E.—*Oost Indische Reyse, etc.* (Viagem ás Indias Orientaes). Amsterdam, 1658,

807) **MANGIN.**
E.—*Abregé de l'Histoire de Portugal.* Paris, 1699. Ibid. 1707.

808) **MANIFEST DOOR D'INWOONDERS** *van Parnambuco wgtgegeven tot hun veratwoordinge op't taenemen der wapenen tgens de West-Indische Compagnie; ghedirigeert ven alle Christene Princen, ende besonderlijck aen Hoogh-M. H. U. Staten Generael van de Vereenighde Nederlanden. Ghedrukt ende uyt het Portugies overgeset in ouse Nederduytsche Tale. Tot Antwerpeen.* Anno 1646. 12 pag. 8.° (M. S.)

809) **MANIFEST** *ende redenen van Oorloge, tot Lisbona Uyt-ghegheven, ende gepubliceer: Tusschen Portugal ende de Seunierde Nederlantsthe Provintien met de aenmerckinge ende den oorspronck waer upt den self den gheprocedeert. is. Getrouwelick uyt de Portugesche Tale over geset: Sedruckt int Jaer ons Veeren,* 1658; 8 folhas.

810) **MANIFESTE POUR DOM EDOUARD,** *infant de Portugal, qui fera voir à tout le monde une trahison sans semblable, faite contre la personne de ce prince, qui étant innocent et libre a été par une lacheté autant infame que honteuse, miserablement vendu dans Vienne en Autriche, le* 25 *juin* 1642, *la somme de* 40:000 *rixdales; le vendeur (le roi de Hongrie), l'acheteur (le roi de Castille), les stipulans en la convention, du coté du roi de Castille, Dom Fernando de Mello... du coté du roi de Hongrie, le père Didac de Quiroga... extrait en substance d'un imprimé en latin l'an* 1642. Paris, 1643. (C. M. B. I. P.)

811) **MANLEY (G).**
E.—*Account of the Island of Japon and the exclusion of the Portuguese, composed by F. Caron and translated by —.* London, 1663, 8. (Narração da ilha do Japão e da expulsão dos portuguezes).

812) MANRIQUE (P. S.)
E.—*Itinerario de las missiones de la India Oriental.* Roma, 1653, fol.

813) MARACCI (P.)
E.—*Relation de ce qui s'est passé dans les Indes Orientales, en ses trois provinces de Goa, du Malabar, du Japon, de la Chine, etc.* Paris, 1651.

814) MARTY (ANGELO RAYMUNDO).—Hespanhol e tachygrapho-mór das côrtes constituintes em 1821, e das que se lhe seguiram em 1822 e 1823.[1]
E.—*Tachygraphia inventada por —*, accommodada á lingua portugueza. Lisboa, 1822. 8.º

815) MARAVILHOSO, *insigne y costoso arco ó puente que los inglezes han hecho en el Pelourinho viejo por donde ha de entrar S. M. en Lisboa. Refierese el modo, traça y architectura del, quadros de pintura, etc. Dase a simismo quenta del grandioso presente que á S. M. hizo el duque de Berganza, y el numero de criados que le acompañaram hasta donde lo fué á recibir y de de las muchas provisiones y bastimêtos que tiene prevenidos para los grandes señores y criados, etc.* Sevilla, 1619.

816) MARCHAND (JEAN HENRI).
E.—*Tremblement de Terre de Lisbonne. Tragedie par M. André.* 1756.

817) MARCHENA (JOSEPH).
E.—*Manuel des Inquisiteurs à l'usage de l'Inquisition d'Espagne et de Portugal.* Montpellier, 1819.

818) MARGGRAF (GEORGE).
E.—*De Medicina Brasiliensi, libri* 4.º Amstaelodam, 1648. (Quatro livros a respeito da medicina brasileira).

819) MARGUERITTES (JEAN ANTOINE TEISSIER).
E.—*La revolution de Portugal.* Tragedie, 1775.

820) MARIA (A).
E.—*Gentes Angolae fidei mysteriis instructae.* Romae, 1661. (Povos d'Angola instruidos nos mysterios da Fé.

821) MARIA (D.) DA GLORIA, *D. Miguel y la España, ó resolucion de un problema politico en* 1832. Bordeus, folheto. (C. M. B. I. P.)

822) MARIA (G. DI SANTA).—Delegado Apostolico ne' regni de Malavari.

[1] Sr. Innocencio.—*Diccionario Bibliographico*, tomo 8.º, pag. 65.

E.—*Prima speditione al India Orientali.* Roma, 1668.

823) MARIER (JAMES).

E.—*A second Journey through Persia... between the years* 1810 *and* 1816 *With a Journal of the voyage by the Brazils and Bombay to the persian gulph.* London, 1818. (Segunda viagem pela Persia, Brasil, Bombaim, etc.)

824) MARINI (GIOVANNI PHILIPPO DE).—Missionario genovez nascido em Taggia no anno de 1608, e fallecido no Japão em 1677. Professou nos Jesuitas, missionou por quatorze annos no Tonking, e foi reitor do collegio dos Jesuitas em Macau.[1]

E.—*Delle missioni de' padri della Compagnia de Giesu nella provincia del Giapponi e particularmente di quella di Tunkino. Alta Santita de N. S. Allexandro PP. settimo.* Venetia, 1665. 12.°

É uma das obras que tratam amplamente das missões portuguezas no Japão, e principalmente em Tonking.

«A egreja e casa dos Jesuitas n'esta provincia foi erigida com as esmolas dos mercadores portuguezes e do Papa Gregorio XIII, depois de o rei ter concedido licença. E a religião progrediu tanto, que indo para alli o padre Amaral com mais quatro padres portuguezes, ficou admirado do progresso que a religião christã fazia já alli, chegando-se a contar setenta cathequistas.»

Conta esta relação os trabalhos dos missionarios portuguezes Onofrio Borges, Martim Coelho, Antonio Barbosa, Francisco Figueira, Balthasar Caldeira e varios outros.

Tambem por alli andavam missionarios italianos, mas parece que viviam em harmonia com os nossos, pois o padre Marini não só não se queixa, mas até mesmo tece elogios aos portuguezes.[2]

825) MARITIUS (KARL FREDERICK PHILIPPE VEN).

E.—*Historia Naturalis Palmarum, quas in Itinere per Brasiliam anno* 1817-1820 *collegit, descripsit et iconibus illustravit.* Munichii. (Historia natural das palmeiras do Brasil, etc.)

A respeito d'esta obra e de varias outras que escreveu sobre o Brasil, póde-se vêr a resumida noticia publicada pelo sr. Antonio Bernardino Gomes a pag. 94 e seg. das *Actas da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* 1851.

826) MARLÉS (LACROIX DE).

E.—I. *Beautés de l'Histoire de la domination des arabes et des maures en Espagne et en Portugal; ou abrégé chronologique de l'histoire de ces peuples jusqu'à leur expulsion de la Peninsule; contenant en outre des notices exactes sur leurs conquêtes, leur religion, moeurs, arts, usages; des anecdotes, curieuses et intéressantes; des traits divers d'heroisme, de courage, de grandeur d'a-*

[1] Firmin Didot.—*Biogr. Generale,* vol. 33.°, pag. 784.
[2] *Delle missione,* pag. 340.

me, etc. Par — avec de jolies gravures. Paris. A la librairie d'education d'A. Eymery, 1824. 8.°, 532 pag.—Este volume é ornado de seis estampas.

II. *Histoire de la domination des arabes et des maures. en Espagne et en Portugal. Traduit de l'Espagnol de D. Jose de Conde.* Paris, 1825. 3 vol.

827) MARLÈS (M. DE —).—Continuateur de LINGUARD.

E.—*Histoire de Portugal d'après la grande Histoire de Schaeffer, et continuée jusqu'à nos jours par —.* Paris, Parent-Desbarres, editeur. 1840. 8.° 288 pag.—Nada contém que mereça especialisar-se,

828) MARSANGY (BENNEVILLE DE).—Membro correspondente no estrangeiro da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Avocat à la cour imperial de Paris.

E.—I. *Moralité comparée de la femme et de l'homme au double point de vue de l'amélioration des lois pénales et des progrès de la civilisation par —.*

Esta Memoria foi publicada no tomo 2.°, parte 2.ª das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* classe de sciencias moraes, politicas, e bellas lettras. (Anno de 1861).

II. *Notice historique sur Dom Pedro V, roi de Portugal et des Algarves, par —.* Paris. Imprimerie de Charles Jouaust, 1861. 4.°, 11 pag.

É um tecido de elogios a este rei e a sua familia.

829) MARTANGES (N. BONNET DE).

E.—*Le Roi de Portugal.* Conte. Neuwied, 1788.

830) MARTIN (D. JOSE MARUGAN Y).

E.—*Descripcion geografica, fisica, politica, estadistica, literaria del reino de Portugal y de los Algarbes, comparado con los principales de Europa. Extractada del Ensayo Estadistico del mismo reino, publicado por Adriano Balbi en Paris en 1822 y de otras obras; y aumentada con noticias originales mas recientes, tanto sobre este reino, como en las comparaciones que se hacen con el de España. Com superior permiso.* Madrid, en la Imprenta Real, 1833. 4.° O tomo 1.° 344 pag. O 2.° 440.

O auctor d'este trabalho, por sua propria confissão, serviu-se do conhecidissimo trabalho de Balbi, mas adicionou-lhe de lavra propria a relação summaria da conquista de Portugal feita por Filippe II e a continuação dos acontecimentos politicos do referido paiz desde 1822 até 1828: o capitulo que trata da nobreza portugueza: uma descripção dos povos de Portugal, extrahida da obra inedita de D. José Cornide, intitulada *Estado de Portugal en el año* 1800: um capitulo intitulado *Resumo historico do estado da litteratura, das sciencias e das artes;* introduziu-se um interessante opusculo redigido pelo abbade Corrêa da Serra, as quaes noticias foram tiradas de um periodico publicado em Paris em 1804 por uma sociedade de litteratos, de-baixo do titulo de *Archives littéraires de l'Europe* ou *Mélanges de litterature, d'histoire et de philosophie;* e além d'estes, varios outros acrescentamentos.

«A obra de Balbi está cheia de digressões inuteis e de declamações pela maior parte alheias de um trabalho onde sómente se devem referir factos, comparal-os e deduzir d'elles sómente aquellas consequencias e resultados que não possam estar ao alcance de todos. Tambem por se haverem recolhido os materiaes e escripto o *Ensaio de Balbi* nos annos de 1821 e 1822, época em que Portugal era regido por instituições politicas differentes das actuaes, fez o auctor menção d'ellas, as quaes se omittem como inuteis, por já não existirem.

«Apresentar a meus compatriotas o quadro mais exacto de quantos hão sahido á luz até este dia relativos ao reino de Portugal, com o fim de mostrar o estado em que se encontram, em uma nação tão visinha da nossa, todos os ramos de administração publica; proporcionar-lhes uma idéa completa da immensa gloria e prosperidade, que chegou a adquirir esta nação, durante o periodo de seu maior poder e esplendor, por meio de suas conquistas mais brilhantes, dos descobrimentos mais assombrosos, e de um commercio rico e florescente; manifestar-lhes as causas que produziram a extrema decadencia e nullidade politica a que hoje se acha reduzido, desvanecendo ao mesmo tempo muitos erros e preoccupações em que hão incorrido os estrangeiros mais celebres que escreveram ácerca de Portugal; e finalmente fazer-lhes conhecer o vantajosissimo partido, que ainda se póde tirar de um paiz, que, apesar de sua curta extensão, é dos mais privilegiados da natureza por sua situação geographica, e porque gosa, e encerra em si mesmo os elementos mais essenciaes para constituir um estado rico, poderoso e respeitavel: taes foram os fins a que mirou este meu trabalho.»

831) **MARTINEZ (BENIGNO JOAQUIM).**

E.—*Visconde de Torres Novas.* Esta breve biographia publicou-se no 2.º vol. da *Revista Peninsular.*

Consta ter escripto artigos, e talvez opusculos a respeito de assumptos portuguezes, mas nada mais estou habilitado a dizer. Porém, se obtiver mais esclarecimentos, apresental-os-hei no *Supplemento* com que termina o segundo volume d'este trabalho.

832) **MARTINEZ (D. BLAS).**—Medico em Pamplona.

E.—*Dissertacion de concurso al problema seguinte:* «Qual es el método de curar radicalmente las disenterias crónicas de qualquiera causa que proceda?» Fundado en principios y confirmado por observaciones practicas.

Esta Memoria obteve medalha de prata conferida pela nossa Academia. (*Memorias da Academia*, vol. 6.º, parte 2.ª, de pag. 25 a 66).

833) **MAS (SINIBALDO DE).**

E.—I. *Iberia. Memoria sobre las vantajas de la union de Portugal y España.* Madrid, 1853.

II. Um artigo no primeiro volume da *Revista Peninsular* intitulado—*Murmurios.* Tomo de poesias por D. Augusto Lima. Impresso em Lisboa em 1851. O juiso critico é favoravel ao auctor, e termina por estas palavras: «No he

escrito un articulo laudatorio de las poesias del señor Lima. He pensado que el mejor elogio que se les podia hacer era dar una no regateada muestra de ellas. Creo que bastarà para que el lector convenga commigo en que nuestro autor es poeta, y de los de alma sensible y inspiracion lucida y elevada. Deje ya de ser trovador de amores, dediquese a objectos mas serios y dignos de memoria, y tengo para mi que adquirirá alta prez y fama, y que hará algun dia grande honor á su patria y a la Peninsula entera.»

Algumas das referidas poesias apparecem traduzidas n'este artigo pela poetisa D. Gertrudes Gomez de Avellaneda.

III. *Contienda historico-politico religiosa. Sobre la batalha de Ourique y la aparicion de Cristo a Alfonso Henriquez, sostenida de una parte por A. Herculano, A. A. Rebello da Silva, un paleografo, un aldeano, Pascual de Gayangos y varios periodicos de Portugal; y de la otra parte por Diogo da Fonseca Pereira, A. Lucio Maggessi Tavares, A. Gaetano Pereira, padre José de Sousa Amado, padre Gaetano Francisco de Faria y varios anonimos y periodicos; siendo mediador entre los combatientes el padre Rodrigo A. de Almeida. (Revista Peninsular*, tomo 2.°, pag. 60 e seg.)

É uma interessante historia da polemica a respeito da batalha de Ourique.

834) **MASCARENHAS.**

E.—*A legend of the Portuguese in India by the author of —.* Prediction. 3 vol. (Uma lenda dos portuguezes na India, etc.) Talvez seja um romance.

835) **MASON** (J. A.)—M. D. Inventor of Mason's Hygrometer.

E.—*A Treatise on the climate and meteorology of Madeira; by—. Edited by James Sheridan Knowles. To which are attached a review of the state of Agriculture and of the tenure of land; by George Peacock, F, R. S. etc. etc. Dean of Ely, and Lowndean Professor of Astronomy in the University of Cambridge and an historical and descriptive account of the Island, and Guide to Visitors; by John Driver, Consul for Greece, Madeira.* London, 1850. 4.°, 386 pag. (Tratado sobre o clima e meteorologia da Madeira.)

E' um dos escriptos mais notaveis ácerca da nossa celebrada ilha da Madeira. Seu auctor, Mason, morreu prematuramente, por causa do grande trabalho, que teve na composição d'este livro.

836) **MASSEI.**

E.—*Vita di S. Francisco Saverio dell comp. de Giesu, apostolo dell' Indie.* Roma, 1681. 4.°

837) **MASSON** (A).

E.—*Un mot aux portugais. Par —.* Paris, 1834.

838) **MASSON** (MR. FRANCIS).

E.—*An Account of the Island of St. Michel by—*, na obra *Philosophica*

Transactions, tom. 68.º, parte 2.ª, pag. 601, etc. London, 1778. (Noticia da ilha de S. Miguel.)

O auctor viajava com o fim de enriquecer o jardim real de Kiew, passou pelos Açores ao regressar do Cabo pelas ilhas da Madeira e Canarias. As plantas novas, que recolheu nos tres archipelagos, foram descriptas por Acton no *Hortus Kiewensis*, principalmente a *myrsina retura*, a *myrico faya*, o *ilex perado*, o *hypericum foliosum*, etc. Morelet.—*Les Açores*, pag. 9.

839) MASSUET (PIERRE) *Annales d'Espagne et de Portugal, traduits de Colmenares*. Amsterdam, 1743.

840) MATAL (JEAN).

E.—*Epistolae de Hieronimi Osorii Indiarum historia*. Coloniae, 1574. (Carta a respeito da *Historia das Indias* por Jeronymo Osorio.

841) MATELIEF (CORNELIUS).

E.—*Vogages*. Amsterdam, 1705. Traz uma minuciosa relação da armada portugueza, descripção da cidade de Malaca, etc. etc.

842) MATÉRIAUX *pour servir à l'histoire de l'expedition de D. Pedro en Portugal, et de la guerre actuelle en Espagne*. Paris, 1836.

843) MATHEWS (HENRY M. A.)—Fellow of the King's College. Cambridge.

E.—*The Diary of an invalid, in pursuit of health being the Journal of a tour in Portugal, Italy, Switzland and France*. London, 1820. (Diario de um enfermo em procura de saude, ou diario de uma digressão em Portugal, Italia, etc.)

844) MATTEIS (MARIS DE COMITIBUS).

E.—*Oratio in funere Mariae I Lusitanae Reginae*. Romae, 1820. (Oração funebre de D. Maria I, recitada em Roma).

845) MAUGIN.

E.—*Abregé de l'Histoire de Portugal dedié à Monseigneur le Marquis de Cascaes, Comte de Monsanto, ambassadeur extraordinaire de Portugal à la cour de France*. A Paris. Chez Michel David, 1707, 8.º, 420 pag.

«Faz no principio da obra uma dissertação [1] sobre o estado antigo de Portugal, e no fim uma descripção d'elle. Começa a sua historia no conde D. Henrique, e acaba no anno do reinado do sr. D. Pedro II, 1695, em que casou a senhora D. Luiza, sua filha bastarda, com o 2.º duque do Cadaval D. Luiz Ambrosio de Mello, que morreu de bexigas em 1700 sem deixar successão, segundo genito do terceiro matrimonio do 1.º duque do Cadaval D. Nuno Al-

[1] *Bibliotheca Historica de Portugal e seus dominios ultramarinos*, pag. 333.

vares Pereira de Mello. O padre D. Antonio Caetano de Sousa, na sua *Historia Genealogica*, tomo 7.º cap. 4,º adverte alguns enganos ou equivocos em que cahiu o sobredito auctor. É pouco exacto.» Parece que d'esta obra ha uma outra edição feita em 1699 na mesma cidade de Paris.

O auctor, na sua dedicatoria ao marquez de Cascaes, diz que, escrevendo um resumo da *Historia de Portugal*, escreve um epitome dos mais bellos feitos que se praticaram na Europa.

846) **MANOIR (C.)**

E.—*La topographie et les topographes militaires en Portugal.*

Foi publicado este trabalho no *Spectateur Militaire*. 15 août 1864.

847) **MAUPERRIN (PIERRE AUGUSTE ADOLPHE).**—Professor do Collegio dos Nobres em Lisboa, e pela suppressão d'este bello estabelecimento, uma das glorias do marquez de Pombal, passou para professor de lingua franceza, addido á secção oriental do Lyceu Nacional de Lisboa.

Nasceu em Vannes (França) no anno de 1795, e morreu em Lisboa a 7 de abril de 1872.[1]

E.—*Grammaire française approuvée par le conseil général d'Instruction Publique.*—1.ª edição, Paris, 1846.—2.ª, Paris, 1852.—3.ª, Lisboa, 1857.—4.ª 1862.

848) **MAURICE.**

E.—*Découverte de Madère.*—E' um extensissimo artigo, que publicou no 4.º volume do *Musée des Familles* (anno de 1836), e que principia a pag. 90.

849) **MAVOR (WILLIAM).**—Vicar of Hurley.

E.—*The history of Spain and Portugal from the earliest periods to the present time. By*—. London, 1812. (Historia de Hespanha e Portugal desde os tempos mais remotos até o tempo presente.)

850) **MAYDIEU (M. L'ABBÉ)** Ci-devant Chanoine de l'Eglise de Troyes.

E.—*Histoire de la vertueuse portugaise, ou les Femmes Chrétiennes. Dediée aux Rosières de Salency. Par*—. A Bensaçon, 1817. 8.º, 388 pag.

Apesar de se dizer no prologo que esta obra é uma traducção do portuguez, na sua leitura nada encontrei que me podesse impellir a tal accreditar. Creio ser originalmente franceza.

851) **MAYNE (COL—)** Late commanding the first battallion of the Lusitanian legion).

E.—*A narrative of the campaigns of the Lusitanian Legion, under brigadier general sir Robert Wilson, with some account of the military operations in Spain and Portugal during the years* 1809-18-11. *By*—. London, 1812.

[1] *Ensino Livre* n.º 28.

(Narração das campanhas da legião lusitana, ás ordens do brigadeiro general sir Roberto Wilson, com algumas noticias das operações militares em Hespanha e Portugal.)

852) MAJOR (RICHARD HENRY).—F. S. A., F. R. S. L., etc. Keper of the department of maps and charts in the Royal Geographical Society.

E.—I. *The life of Prince Henry of Portugal, surnamed the navigator; and its results: comprising the discovery, with one century, of half world with new facts in the discovery of the Atlantic Islands; a refutation of French claims to priority in discovery; Portuguese knowledge (subsequently lost) in the Nile lakes and the history of the naming of America. From authentic contemporary documents.* London, 1868. 4.º, 487 pag. Com um mappa e o retrato colorido do infante D. Henrique, conforme se acha na *Conquista de Guiné*, por Azurara. (Vida do principe D. Henrique de Portugal, cognominado o Navegador, e suas consequencias, comprehendendo a descoberta durante um seculo de meio mundo com factos novos no descobrimento das Ilhas Atlanticas: refutação das pretenções dos francezes á prioridade nos descobrimentos. Conhecimentos dos portuguezes (posteriormente perdidos) relativos aos lagos do Nilo. Historia do nome da America. Tudo extrahido de documentos authenticos e contemporaneos).

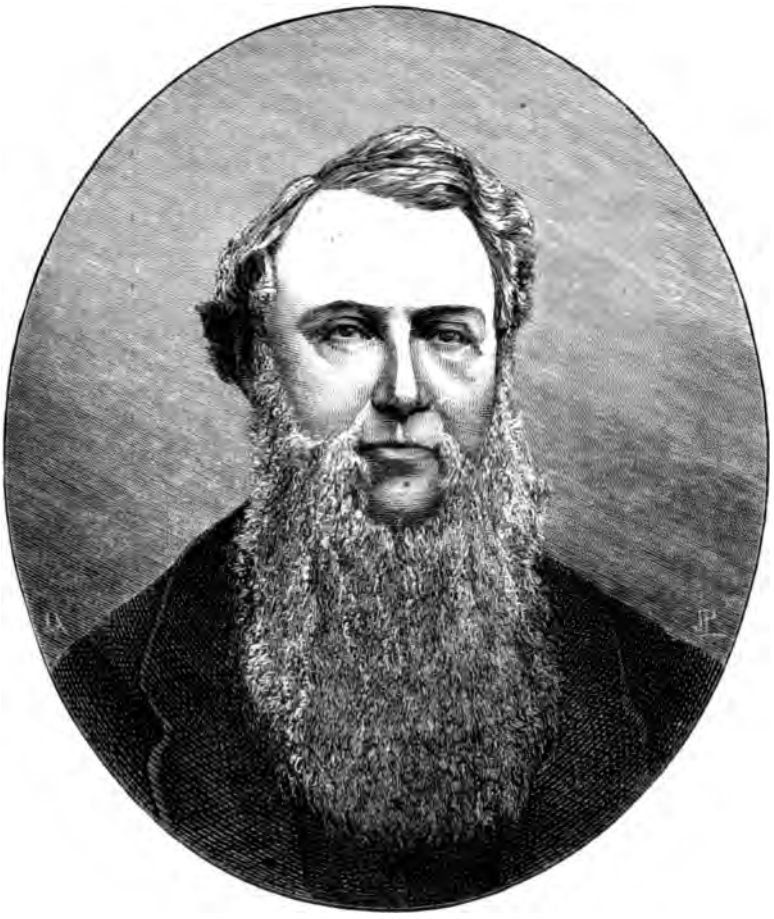
«Deve realmente ser havido como uma coisa surprehendente que nenhum inglez até hoje tivesse intentado preparar uma monographia da vida de Henrique, o Navegador. Se podessemos julgar de interesse sufficiente para tentar a penna de um escriptor o phenomeno sem exemplo na historia do mundo resultante do pensamento e perserverança de um homem, certamente que de um tal estimulo não havia necessidade. Quando vemos a pequena população d'uma estreita orla da Peninsula Hispanica acanhada tanto em meios, como em gente, converter-se n'um espaço breve e incrivel de tempo em uma nação maritima e poderosa, não sómente conquistando as ilhas e costas occidentaes da Africa, e dobrando seu cabo do Sul, mas até mesmo creando imperios e fundando cidades capitaes n'uma distancia de duas mil leguas distantes de seus proprios lares, ficamos tentados a imaginar que resultados taes devem antes ter sido obtidos por algum aborto da fortuna. Mas não foi assim. Foram os effeitos da paciencia, sabedoria, trabalho intellectual, e exemplo de um homem coadjuvado pelo enthusiasmo de uma raça de navegantes, que a considerarmos nos meios de que dispunham, jámais em nenhum paiz, em nenhum seculo foram, como aventureiros, excedidos,»

Esta obra é offerecida ao nosso conde do Lavradio, D. Francisco de Almeida.

II. *The descovery of Australia by the portuguese in the year.* 1601. London, in-4.º

Este opusculo foi mandado verter em portuguez por ordem da nossa Academia Real das Sciencias.

Por occasião de um *lunch* dado depois do baptisado, em Londres, do couraçado portuguez *Vasco da Gama*, proferiu Major um discurso notavel, no



HENRY MAJOR

qual se encontravam os trechos seguintes: «Avalio a rasão por que o presidente mencionou o nome do illustre Vasco da Gama juntamente com o do principe D. Henrique, o Navegador.

«Até ao tempo d'aquelle principe nada se sabia do Oriente senão por tradição, e que a descoberta de um caminho por mar para o Oriente havia sido o principal objecto, a que o principe consagrava sua vida; e, embora não o conseguisse, setenta e cinco annos mais tarde Vasco da Gama podéra chegar á India, dobrando o Cabo da Boa Esperança.

«Era um facto muito notavel, mas não geralmente conhecido, que dentro do mesmo seculo havia sido descoberta mais de metade do globo que habitamos, e esse resultado fôra devido em primeiro logar ás descobertas dos portuguezes. A Inglaterra ufana-se de que nunca se põe o sol nos seus dominios, mas isso era devido ás descobertas dos portuguezes.

«Não havia paiz nenhum que podesse rivalisar com Portugal a respeito d'aquellas antigas glorias e arriscadas empresas. Havia porém uma coisa de que tinha a convicção, e era que se os inglezes não podiam competir com Portugal na antiguidade das descobertas, tratando-se da egualdade dos esforços, caminhavam a par dos navegadores portuguezes, que atravez de tantos perigos desconhecidos se haviam aventurado a tão grandes empresas.»

853) **MAWE (JOHN).**

E.—*Travels on the interior of Brasil, including a voyage to the Rio de la Plata.* London, 1712. Ibid. 1821. Em francez, Paris, 1816. (Viagem no interior do Brasil, incluindo uma digressão ao Rio da Prata.)

854) **MAZADE (V. DE).**

Com o titulo de *Portugal sous le roi D. Luiz—Impressions et souvenirs*, publicou na *Revista dos dois mundos*, de 1 de julho de 1864, um artigo notavel, apesar de muitos erros e de muitas apreciações falsas, que lhe pudemos encontrar. [1] «Mas estamos de tal fórma habituados a ver os estrangeiros, e principalmente os francezes, fallarem das nossas coisas, sem terem d'ellas o minimo conhecimento, e sempre com prevenções malevolas, que nos é agradavel depararmos com trabalho feito com alguma consciencia, e em que transparece principalmente uma tão viva sympathia pelas nossas coisas. Diz, pois, Mazade entre outras coisas:

«No mez de agosto de 1861 entrava eu n'uma especie de coche, que se compromettêra a pôr-me intacto, ou quasi intacto, em Badajoz, levando cincoenta horas a transportar-me da formosa rua de Alcalá em Madrid á cidade illustrada pelos feitos d'armas do general Philipon. Graças a um obsequiador companheiro de viagem, que tambem ia para Lisboa, em breve se concluiram os preparativos de partida, e no dia 4 d'agosto atravessámos, a galope das nossas mulas, as ruas de Badajoz, tomando o caminho de Portugal. Quando,

[1] Sr. Pinheiro Chagas. *Panorama* de 1867, vol. 17.º, pag. 283. Esta viagem estende-se por alguns numeros.

depois de termos deixado atraz as portas e as fortificações da cidade, entrámos na estrada real, não fiquei pouco surprehendido achando-me n'um *coupé* muito aceiado, e não sentindo a cabeça resaltar, com os solavancos, de encontro ás paredes da minha prisão: o zagal, silencioso, parecia ter esquecido o seu reportorio de maldições e de pragas que em Hespanha offendem ás vezes os ouvidos menos susceptiveis. Já eu reparava na cortezia do freguez agaloado que nos viera abrir a portinhola. Decididamente era boa esta primeira impressão; o meu companheiro, a quem communiquei as minhas reflexões, disse-me que não admirava ter eu sido mal informado em Hespanha, porque o povo hespanhol é o que menos deseja conhecer Portugal, e o que realmente menos o conhece.

«Em geral, de qualquer natureza que sejam as fronteiras d'um paiz, rios ou serras, existe uma certa zona, em que se confundem as linguas e os costumes, uma especie de terreno neutro. Aqui (em Elvas) a planicie que separa estas duas cidades extremas só offerece esse caracter até certo ponto. Apenas se chega ao territorio portuguez, logo o aspecto do terreno parece modificar-se; como a altura do milho exige uma irrigação continua, contrasta pela sua frescura relativa com as planicies de trigo da Extremadura hespanhola.

«Ao sair d'Elvas apresenta-se Portugal sem mistura. O panorama e os costumes hespanhoes desapparecem muito realmente. Quatro cavallos fogosos substituiram as mulas ligeiras nos tirantes da mala-posta, ora conduzida por um grave cocheiro, que veste uma libré com as armas reaes portuguezas. O caminho que seguiamos não deixava logar ao fastio; as mudas succediam-se rapidamente; atravessámos valles ferteis e risonhos; subiamos collinas cobertas de verdejantes carvalhos, de oliveiras e de vinhas carregadas de cachos de uvas, ora rejubilados pelo panorama de uma vegetação luxuriante, ora impressionados pelo aspecto grandioso de rochedos avermelhados e pardacentos. Á beira do caminho agrupavam-se aldeias de casas brancas e aceiadas, cercadas de jardins. Quando aos ultimos clarões do dia appareceram ao longe as muralhas de Estremoz, já eu achava pequenos os dias de verão. Este passeio, que nada tivera de penoso, desenvolveu em mim um ardente desejo de travar conhecimento com a pousada portugueza. Ha em Estremoz uma estalagem, digna de ser recommendada aos *touristes* que o acaso levar alli. O dono d'ella é barbeiro e cutelleiro. Á luz de um candeeiro de fórma antiga serviu-nos o honrado homem um excellente jantar composto de gallinha com arroz, lombo de porco do Alemtejo, fructa excellente e optimo vinho. Tinha escapado ao sabor de oleo de ricino, que por toda a parte se encontra na cosinha hespanhola, e não vi apparecer nem sombra de um grabanzo. Quando se tratou de pagar, por mais que eu desfigurasse a nobre lingua castelhana, não consegui transformal-a em portuguez. O meu patrão, empregando o mesmo processo com a sua lingua natal, não conseguiu fabricar hespanhol. O que havia mais claro na nossa palestra era que me pediam 480 reaes (perto de 126 francos) pelo meu jantar, e eu revoltava-me contra isso. O meu companheiro de viagem, entrando n'esse momento, explicou-me que se tratava de 480 réis (2 francos e 75 centimos).

«Quando chegámos a Montemór-o-novo parámos para tomar chá, esta bebida asiatica (dizendo de passagem) é tão querida dos portuguezes, que no mais pequeno logarejo do reino se encontra, e se toma. Emfim ás 7 horas da manhã a carruagem parava na estação de Vendas Novas, d'onde o caminho de ferro do Sul me devia conduzir a Lisboa.

«Um barco de vapor veiu esperar os passageiros do comboio para lhes fazer atravessar a enseada; saltei para o convez a fim de melhor disfructar este espectaculo. Emquanto o barco sulcava as aguas do rio, a custo o meu olhar abrangia essas immensas perspectivas da cidade alvejante. Aqui, á esquerda, era o palacio de Belem. Ahi não pude deixar de sentir uma viva commoção á vista do panorama grandioso que de subito se desenrolou diante de mim.

«Na margem direita do Tejo, á beira d'uma enseada immensa, esplendia o amphitheatro de Lisboa. As collinas pareciam vestidas de palacios, cujas columnas elegantes, brotando entre moitas de verdura e de flores se reflectiam nas aguas. Nem uma só nuvem maculava o azul do céo. Aqui, n'um relance, entre duas collinas mostrava-se o aqueducto das aguas livres; sobre uma rocha escarpada, surgia a velha cidade de S. Jorge; á medida que me aproximava, os contornos tomavam relevo, ou fugiam, segundo os accidentes do terreno. Logo appareceram as arcadas graciosas da praça do Commercio e o seu magestoso caes: vi D. José, que de cima do seu cavallo, encarando o rio, parece fazer ao estrangeiro as honras da cidade moderna, construida pelo seu grande ministro.»

855) **MAZZIO ROMANO (RAPHAELE)**—Sanctitatis Suae praelato domestico atque ab epistolis latinis.

E.—*In funere Mariae Lusitaniae Reginae Fidelissimae habita in Sacello Vaticano ad Sanctissimum Dominum Nostrum Pium Septimum Pont. Max Romae*, 1818. Tipis Pauli Salviucci Sup. Permissu, fol. 38. (Oração funebre de D. Maria I).

Segundo diz o auctor d'esta oração, foi esta a primeira que por uma rainha se recitou em presença de um Summo Pontifice, pois anteriormente sómente os papas mandavam celebrar exequias pela alma dos reis. Foi esta oração latina impressa em Lisboa no anno de 1824 na Typographia Rolandiana, por diligencias de Fr. José de N. S. do Carmo e Silva, natural da cidade do Porto, e carmelita dos calçados do real convento de Lisboa. Folheto de 35 pag. in-4.º

856) **MEDRANO (Dr. JUAN DE ESPINOSA)**.—Catedratico de artes y sagrada teologia en el seminario de S. Antonio el Magno del Peru.

E.—*Apologetico en favor de Gongora y contra Manuel de Faria y Sousa.* Lima. Imprenta de Juan de Quevedo y Zarate. 1694.[1]

No tempo em que as obras do celebre Luiz de Gongora eram tão bem recebidas pelo publico a ponto de o cognominarem «Pae maior das musas»; com-

[1] Amador de los Rios.—*Historia Critica de la literatura espanola*, vol. 1.º, pag. 31.

parando-o até com Homero e Virgilio, o nosso celebre Manuel de Faria e Sousa não cêrá com os que lhe chamavam Gongora dos declamadores, e nem com Commentarios de Camões cognomina-o ironicamente «Maloma dos poetas Madranes» essentificando da maneira como Faria tratava o seu idolo, toma a pena, e brinda o escriptor portuguez com os epithetos de — assaz pallustre—elogiador huero—malo filosofo—peor teologo—pesimo escripturista.

857) MELDOLA (ABRAHAM).—Judeu residente em Hamburgo.

E.—*Nova Grammatica Portugueza*, dividida em seis partes, a saber: 1.ª Orthographia; 2.ª Etymologia; 3.ª Syntaxe; 4.ª Prosodia com supplemento; 5.ª Lavores da lingua; 6.ª Miscellanea. Impresso na officina de M. C. Back, a custas do auctor, em Hamburgo, 1785. Segue-se a traducção d'estas mesmas palavras em allemão. 8.º gr., 671 pag.

Transcreverei o prefacio tal como se acha no original para se fazer idéa da linguagem do auctor:

«Prefacio. De todas as nações, he a germanica a mais inclinavel na cultivação das linguas estrangeiras, por mais que se desvelia a o presente em perfeiçoarse na sua.

«Esta consideração me tem dado os primeiros estimulos a compôr huma Arte Portugueza para dita nação, vendo que lhes faltava huma tal, o ser indispensavel de a precisarem para o Commercio.

«Como já a muitos Annos me tinha recopilado para este effeito as regras da Lingua, podia com tanta maior facilidade reduzir minha potencia a acto.

«Com os dezejos pois de fazer esta Materia, que per si é insipida, mais agradavel e mais utilosa, que até aqui se tinha tratada, ellegi o estillo Dialogico, pondo por ali a qualquer no estado de instruirse mesmo neste idioma.

«Nam bem tinha eu porem determinado nisso, quando apparece do Prelo no Anno 1778 huma Arte Portugueza de hum Author anonimo.

«Mas com nam pouca estranhesa observey ao querer ensinar por ella este idioma que não somente citava o auctor varias regras erradas, porem que mesmo na Conjugaçam do Verbo Pór usava nos seus Imperfeitos as palavras *puzeria*, *puzerias*, *puzeria*, etc. que se nam achão em todo idioma Portuguez, conjugandose esse tempo com as palavras *poria*, *porias*, *poria*.

«Eisaqui pois os fruitos de hum trabalho de quazi mais que seis Annos!

«No quanto merece esta Arte ser anteposta, ou posposta a outras escritas, mesmo no Reino de Portugal, deixo a decisam dos intelligentes.

«Sirva no em quanto porem de huma mais circumspecta sindicação, argumento e diffinição da obra a seguinte narração.

«He a lingua Portugueza filha da Latina, por cuja causa a verás concordar com ella quazi em todas suas regras. No demais tem como todos os Idiomas seus Idiotismos, ou expreçoens proprias ao genio da lingoa.

«Tudo isse se achará aqui demonstrado com a mór claresa, pois qualquer das partes da Grammatica ficam tratadas por si, e não confusamente huma entre outra, como se pratica nas demais Artes.»

. . . . . .

«A Seista parte comprehende huma Miscellanea Portugueza em Prosa e Verso, sacada dos mais selectos Autores de Portugal, na qual nam cuidei somente em instruir a mercancia, mas tambem pensei a divertir ao estudioso.

«Os principaes Canaes que hey comunicado forão Padre Lami, Raphael Bluteau, Bento Perreira, J. F. Baretto, Duarte Nunes de Leão, J. M. de Mad. Feijo e Jeronimo.

«No demais he geralmente tratada esta Grammatica em todos os sentidos com muitissimo Artificio e colmada com tantos Idiotismos Portuguezes, que se pode por ella inteirar-se nas ligitimas expreçoëns desta lingoa, podendo com facilidade comprender qualquer bom Autor na mesma.

«Breve, podese contemplar esta Arte, que vai tratada por Dialogos como hum Author facil e instructivo, etc., quem observar somente que o genio da Lingoa Portugueza he pôr no Modo afirmativo o Verbo logo depois do Nominativo, e no idioma allemão, se poem o mesmo as mais vezes no fim de periodo, poderá acharse no estado de a verter verbalmente. Para que a obra pois se não estendese demasiado, julguey por acertado o fazer dar a o Discipulo humas repostas satisfatorias sobre as inquiriçoëns do Mestre, introduzindo segum isso o Mestre no interrogativo.» [1]

Esta grammatica é censurada por Link no fim do capitulo 38.º das suas *Viagens em Portugal*. Sua composição (diz este) em perguntas e respostas em portuguez e allemão torna-a muito desagradavel. O que me revolta logo á primeira vista, é de o ver no proprio prefacio commetter um erro grosseiro porque o auctor serve-se do infinito no plural sem lhe ajuntar *em*. Isto prova o pouco conhecimento que o botanico allemão tinha da lingua portugueza; graves defeitos porém tem, mas o principal é o emprego de palavras barbaras, e não portuguezas, como *reprochar, lojar, ovos esfalfados, balancia*, etc. etc. Esta grammatica é de bastante raridade em Portugal.

858) **MELGAR (SEÑORA SAEZ DE —).**
E.—*La lira del Tajo.* Madrid.

859) **MELLIN (GUSTAVE HENRI).**—Litterato sueco.
Nasceu em Revalax, na Finlandia, em abril do anno de 1803. É o Walter Scott do Norte, segundo diz a *Revista Universal Lisbonense.*
E.—*La Princesse d'Angole*, romance, 1839. [2]

860) **MELLINGEN (Dr.)**
E.—*Stories of Torres Vedras.* London, 8.º (Contos de Torres Vedras).

861) **MÉMOIRES** *de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello, comte d'Oey-*

[1] N'esta grammatica o capitulo que trata dos dialectos é um dos mais interessantes.
[2] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains*, pag 1094. É bem de suppor que o titulo da obra seja em sueco, e não em francez: nem mesmo este diccionario diz onde foi impressa.

ras, marquis de Pombal, secrétaire d'état, et premier ministre du roi de Portugal Joseph I., 1784. Sem logar de impressão. 4 vol., 8.º—Esta obra é hostil ao marquez.

862) **MÉMOIRES** *historiques généalogiques et chronologiques concernant les ascendances de Constantin, Marques, Moutinho, Borges, Araujo, Coutinho, Banha, Sequeira, Magalhães, Teixeira, Bacellar et Lacerda, Lopes, Mesquita, Pinto, Coelho, Pereira, Leite de Sampaio et Mello.* Paris, 1854, 236 pag.

863) **MÉMOIRES** *sur le Portugal.* Paris. Imprimerie de la Republique. Floréal, an IX, 8.º

864) **MÉMOIRES** *sur les opérations militaires des français en Galice, Portugal, et dans la vallée du Tage en 1809, sous le commandement du marechal Soult, duc de Dalmatie. Avec un Atlas militaire.* A Paris. Chez Barrois l'aîné, 1821. 8.º gr. 368 pag.

«Depois de termos passado o fraco ribeiro, que do lado de Chaves fórma a separação dos dois reinos, observámos uma differença sensivel em vantagem para Portugal. N'este paiz vêem se casas de campo isoladas: nas cabanas encontra-se louça ingleza, chicaras de louça do Japão, e chá verde; nas casas dos particulares abastados um grande luxo de louças, de moveis de acaju, pau sancto, e das madeiras mais preciosas do Brasil, e principalmente o que nós mui raras vezes tinhamos visto entre os hespanhoes, livrarias compostas das melhores obras francezas. Nos combates notou-se uma coragem pessoal extraordinaria, que nos trouxe á lembrança o caracter altivo e valoroso dos portuguezes, que debaixo do commando dos Gamas, Albuquerques, Carascos, Athaydes e Sousas chegaram a submetter as grandes Indias por meio de acções heroicas, que rivalisam com as mais celebres, que nos conservou a historia antiga.» Pag. 144.

«Antes da victoria de Lanhoso, Braga se apresentava á nossa imaginação fornecida de tudo de que o exercito tinha necessidade. Qual não foi nossa dolorosa surpresa ao entrarmos n'esta cidade, achando-a deserta! Vinte mil pessoas tinham abandonado em tres dias uma cidade que parecia conter todas as commodidades da vida! Que resolução! Que odio contra o dominio estrangeiro! Que funesto presagio para o exito d'esta expedição!»

865) **MÉMOIRS (AUTHENTIC)** *concerning the portuguese inquisition.* London, 1761. (Memorias authenticas a respeito da inquisição de Portugal).

866) **MEMOIR** *of the early campaigns of the duke of Wellington in Portugal and Spain by an officer employed in his army.* London, 1820. (Memoria sobre as primeiras campanhas do duque de Wellington em Portugal e Hespanha).

867) **MEMORIAS** *da Academia das Inscripções de Paris.*

No vol. 3.º da mencionada obra ha um trabalho ácerca das inscripções re-

lativas ao deus Endovelico, que n'outro tempo existiram em Portugal, e a respeito do mencionado deus. V. tambem Florez.—*España Sagrada,* vol. XIV, pag. 110 e seg.

868) MEMOIRE *istoriche del Portugallo.* Torino, 1682. 12.°

869) MEMORIALS *of the British Consul and factory at Lisbon to his Majesty at that Court and the secretaries of state of this kingdom.* 1766.

«Contem-se n'esta brochura cinco documentos. A saber: primeiro um memorial dirigido ao conde Kinnoul, embaixador da Grã-Bretanha n'esta côrte a D. José I relativo á confiscação de um pouco de oiro apprehendido n'ella a um inglez. Segundo: outro sobre a pretendida immunidade das pessoas e das propriedades dos vassallos britannicos em Portugal. Terceiro: uma exposição dos argumentos com que os inglezes pretendiam justificar as suas protestações contra a creação das companhias do Maranhão e Pernambuco, reputando-as como monopolios incompativeis com seus privilegios. Quarto: uma carta ao secretario d'estado britannico M. Pitt, depois lord Chatam, sobre outras vexações do seu commercio, que os inglezes se persuadiam soffrer injustamente em Portugal. Quinto: outra sobre o mesmo objecto a lord Halifax.»

870) MERKWIIZ *digkeiten von Portugal, etc.* Francfort, 1777-1789. 4 vol. (Particularidades notaveis de Portugal ou informações succintas ácerca da natureza do paiz, caracter dos habitantes e das diversas revoluções d'este reino. Com algumas anecdotas de recente data).

871) MERLHIAC (MARIE MARTIN GUILLAUME DE GILBERT DE —).

E.—*Traduction de l'Araucane avec des notes, et précedée d'une dissertation sur Camoens, Tasso, Arioste, considerés comme poetes.* Paris, 1821.

872) MERLIN (M. SUEUR DE).

E.—*Coup d'œil sur l'état actuel de la géographie mathèmatique de l'Espagne et de Portugal par* —. Paris (sem data) 8.° Folheto.

873) MÉRY (LÉOPOLD).

E.—*Emmanuel ou la domination portugaise au* XVI *siècle par* —. Tours 8.°, 236 pag. com uma estampa.

«Portugal sómente occupa um logar secundario entre as potencias europeas, mas houve tempo em que seu dominio em vez de se achar apertado nos limites estreitos que hoje lhe conhecemos, estendia-se além do Oceano por paizes tão vastos como remotos.»

874) MERSON (OLIVIER).

E.—I. Uma collecção de artigos acompanhados de gravuras que veem publicados no 2.° volume do jornal francez *Tour du Monde* (1861).

As estampas que acompanham os artigos representam os seguintes objectos: 1.ª Egreja da Misericordia e casa da camara de Vianna do Minho.—2.ª Vista da ponte e ruinas do palacio dos duques de Barcellos—3.ª Romaria da Serra do Pilar—4.ª Vista do castello de Guimarães, observado da estrada de Braga —5.ª Castello de Guimarães—6.ª Mappa de Portugal—7.ª Egreja de villa do Conde—8.ª Egreja de N. Senhora da Oliveira em Guimarães—9.ª Vista do Porto—10.ª Mosteiro de Leça do Balio—11.ª Torre dos Clerigos—12.ª Rua Nova dos Inglezes, no Porto—13.ª Praça do Commercio, no Porto—14.ª Costumes dos varinos, no Porto—15.ª Universidade de Coimbra—16.ª Um tumulo no interior da Batalha—17.ª Porta da capella imperfeita na Batalha—18.ª Vista da egreja e mosteiro da Batalha—19.ª Casa do capitulo no convento de Thomar—20.ª Portico da casa do capitulo na Batalha—22.ª Torre de Belem—23.ª Porta da egreja de Santa Maria de Belem—24.ª Porta do palacio da Pena, em Cintra—25.ª Palacio da Pena, em Cintra—26.ª Basilica de Mafra.

II. *Guide du Voyageur à Lisbonne. Histoire —monuments —mœurs.* Paris. Librairie de L. Hachette, 1857. 8.º, 264 pag.

O auctor mostra-se todo pretencioso e piegas, e seu Guia de pouca utilidade póde já servir, apesar dos continuos elogios a tudo quanto é portuguez.

«Portugal é pouco conhecido na França, e é pena. Viajamos muito, á imitação dos inglezes, mas limitamos nossas excursões ordinarias á Suissa, que temos debaixo da mão, á Allemanha *que temos como que na algibeira*...

«Os gallegos julgam-se orgulhosamente fidalgos desde o primeiro até ao ultimo, em virtude de um decreto real concedido não sei em que circumstancia. Hoje a Galliza é principalmente celebre pelas numerosas e monotonas lamurias que cantam os peregrinos na sua volta de S. Thiago de Compostella.

«As costas de Portugal são menos tristes e menos terriveis que as de Galliza. Aproximámo-nos em vez de fugir d'ellas, pois suas proximidades nada teem de ameaçador. O peristillo do theatro de D. Maria II é abaixo da critica.

«A direita do Passeio Publico fica o jardim de D. Pedro. Um francez chamado Maillard fabrica boa cerveja na rua dos Capellistas. Quando Montachique ou a Estrella não podem fornecer neve, o botequineiro faz sem cerimonia atravessar o Atlantico a um navio: a America está a dois passos do outro lado do Oceano, e é chamado o novo mundo a preencher n'esta occasião o *deficit* do antigo. As lojas dos cambistas em Lisboa estão immundas. Ha n'esta cidade cincoenta egrejas mais de duzentas capellas e setenta e cinco conventos.

«D. Affonso Henriques morreu em Coimbra em 1585. É na sacristia da Graça que se vê o mausoleu de Affonso de Albuquerque. Emfim é necessario saudar de passagem a egreja dos Martyres, Encarnação... *Santo André*, uma das mais antigas da capital, e a de *S. Bartholomeu*, que foi capella do rei D. Diniz.

875) **MESNARD (J. B.)**

E.—*Histoire du Portugal comprenant les notions géographiques, topographiques, statistiques, administratives, commerciales etc. de ce royaume.* Paris, 1833. 98 pag.—Vem esta obra na *Bibliotheque Populaire.*

«A historia de Portugal é uma das mais interessantes, das mais maravilhosas e das mais tristes dos povos modernos. Napoleão, que bem o sabia, tinha-a recommendado em seus lyceus; mas indubitavelmente Napoleão via n'ella menos uma fonte de instrucção para a independencia, do que um foco de enthusiasmo para o espirito de conquista, que o animava mais particularmente.

«Não é todavia menos verdade que a nação portugueza, a qual se ergueu sobre a ruina dos serracenos, gosou durante alguns seculos de instituições as mais liberaes, d'uma constituição representativa, e que houve necessidade nada menos que do imperio dos jesuitas, da inqnisição e do fanatismo para destruirem suas liberdades, tornal-a a mergulhar na ignorancia, e submettel-a aos despotas. É a historia d'um paiz tão grande por suas conquistas, pelo arrojo de sua navegação, e por suas assombrosas descobertas, quanto é limitado em superficie, e acanhado em população.»

II. *D. Miguel, ses aventures scandaleuses, ses crimes et son usurpation; par un portugais de distinction. Traduit par —. Deuxième edition.* Paris, 1833. 8.º gr. 312 pag. Com o retrato de D. Miguel.—É um acervo de insultos dirigidos contra este principe.

876) **MESMON (GERMAIN HYACINTHE DE ROMANCE).**
E.—*Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année 1774.* Bruxelles, 1783.

877) **MESTRE (FR. MIGUEL).**
E.—*Vida y milagros del glorioso San Antonio de Padua.* Madrid.—Obra moderna.

878) **MEZA (ABRAHAM HAIM IAHACOB DE SOLOMOH DE).** —Judeu portuguez residente em Amsterdam.
E.—*Meditaçoens sacras ou sermoens varios compostos e recitados n'este K. K. de T. T. por o insigne H. H. R. Abraham Haim de Jahacob de Selomoh de Meza, theologo, celebre prégador & primeira columna de Beth. Diu desta populosa & illustre congrega.* Primeira parte, contém doze sermões, sacados á luz da impressão, para utilidade do publico e beneficio universal pelos orphãos filhos do auctor, e dos orthographicos, por R. Ishac de Eliam Acohen Belinfante. Em Amsterdan. Anno 5524. Na officina typographica de Gehard Johan Jansen. Anno 1764. 4.º gr. [1]

879) **MEZA (MAESTRO SEBASTIÃN DE).**
E.—*Jornada de Africa por el rey D. Sebastian y union del reyno de Portugal á la corona de Castilla.* Barcelona, 1630.

880) **MICHEL (D.)** *et ses droits.* Paris, 1828. 8.º, folheto. (C. M. B. I. P.)

[1] Sr. Innocencio Francisco da Silva.—*Dictionario Bibliographico*, tomo 8.º, pag. 5.

881) MICHELE (ANTONIO).—Professor de linguas.

E.—*Elementos da conversação italiana e portugueza, divididos em duas partes.*—A primeira contém uma collecção de phrases familiares; e a segunda uma de dialogos sobre os assumptos mais usuaes. Obra utilissima e necessaria. Não só aos portuguezes que querem aprender a lingua italiana, mas tambem aos italianos que querem instruir-se na portugueza. Lisboa, 1807. Na nova officina de João Rodrigues Nunes. 8.º 140 pag.

882) MICHEL (F.)

E.—*Lettre d'un gentilhome portugais à un de ses amis de Lisbonne sur l'execution d'Anne Boleyn, lord Rochford, Brereton, Norris, Smeton, et Weston, publié pour la première fois avec une traduction française, par—, accompagnée d'une traduction anglaise par le vicomte Strangford.* Paris, chez Silvestre, 1832.

Eis o que o sr. Innocencio nos diz a pag. 181 do 4.º tomo do seu *Diccionario Bibliographico*: «Este curioso documento historico-litterario, datado de 10 de junho de 1536 foi impresso nitidamente no formato de 4.º em tres columnas de letra miuda, contendo a carta em portuguez e as duas accusadas versões franceza e ingleza. Consta que o texto original, que serviu para esta publicação, fôra mandado de Lisboa a Paris pelo procurador geral da ordem de S. Bernardo, Fr. Joaquim da Cruz, copiado exactamente do que existia a fl. 138 v. do codice manuscripto 476 da bibliotheca de Alcobaça, que se reputa perdido. Diz-se que unicamente se tiraram da referida edição vinte e seis exemplares.»

E a pag. 462 do tomo 5.º: «Descrevendo este curioso e raro opusculo, de que não tinha algum exemplar, limitei-me a apresentar as suas indicações, taes quaes se encontram na *Chronica Litteraria*. Cumpre agora rectifical-as em presença de novas informações com que me favoreceu ha pouco o sr. Pereira Caldas. Diz elle que possue na sua livraria um exemplar em papel de Hollanda, bem como tivera outro em papel vellino. Mais diz que da primeira especie se tiraram doze exemplares, e da segunda oitenta e oito, o que prefaz ao todo cem. Foi impresso na typographia de Pinard, expressamente com o fim de encadernar-se junto ás cartas de Henrique VIII a Anna Boleyn, publicadas com a traducção em 1826 por Crapelet.»

883) MICHEL (GABRIEL).

E.—*Lettre écrite à monseigneur le prince de Portugal, D. Christophe, démeurant à Paris, contenant un bref discours de sa vie.* Paris, 1623, 8.º

884) MICKLE.

E.—*Almada Hill, an epistle from Lisbon.* (Castello d'Almada — epistola de Lisboa).—Parece que o referido Mickle é o traductor tão conhecido dos Lusiadas.

885) MIELLE (JEAN FRANÇOIS). V. *Orban (Fortia).*

886) **MILFORD (MARY RUSSEL)**
E.—*Inez de Castro. A drama in five acts.*

887) **MILIUS (PIERRE BERNARD).**
E.—*Extrait du journal d'un passager à bord d'un batiment parti de France au mois de mai de 1818 pour se rendre à l'ile de Bourbon, contenant des details historiques et statistiques sur les iles de Cap Vert.*

888) **MILLEVOYE (CHARLES HUBERT).**—Poeta francez celebre, auctor de *La chute des fleurs.* Nasceu em Abbeville no anno de 1782, e falleceu em Paris no anno de 1816.[1]

No seu poema *Invention poetique*[2] dedica estes quatro versos a Camões:

Peintre d'Adamastor, honneur sacré du Tage,
Un riche palétte est ton brillant partage,
La noble invention vient broyer tes couleurs
Et pour ta tendre Ignez y mêla quelques pleurs.

Além d'isto Millevoye, segundo nos assevera Ragon[3], imitou resumidamente o primeiro canto dos *Lusiadas*, e como mostra nos apresenta uns 126 versos.

889) **MINHÃNO (Dr. D. SEBASTIAN).**
E.—*Diccionario geografico estadistico de España y Portugal dedicado al rey nuestro señor por —, individuo de la Real Academia de la Historia y de la Sociedad de Geografia de Paris.* Madrid, 1826-1829. 11 volumes, 4.º

O auctor diz ter-se servido para a composição dos artigos relativos a Portugal do trabalho inedito de José Cornide.

890) **MINS (CAPTAIN).**
E.—*A narrative of the naval part of the expedition to Portugal under the orders of H. M. D. Pedro, duke of Braganza. With most and beautiful illustrations.* London, 1833. 8.º (Relação das operações navaes ás ordens do duque de Bragança.)

891) **MINUTOLI (DR. JULIUS FREIHERRN VON).**—Königl. Preussischen Wirklichen Geheimen Ober-Regierungsrathe, general-consul für Portugal und Spanien, der Konigl. Akademie der Geschichte in Madrid, der Wissenchaften in Barcelona und in Sevilla, des Ackerbaues auf der Insel Tenerifa, der Gesellschaf für Erdknde und der Gesellschaft naturforschender Freunde in Berlin, der Gesellschaften fur Naturgeschichte und für Natur und

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle.*
[2] Visconde de Juromenha.—*Obras de Camões*, vol. 1.º, pag. 251.
[3] *Les Lusiades* (2.ª ed.), pag. 268.

Hei kunde in Dresden und anderer historischen und natur historischen Akademien und Vereine Mitgliede und Ehrenmitgliede.

E.—*Portugal und seinen colonien in Jahre 1854. Erster Band. Mit dem bildnisse S. M. des Kaniga Don Pedro V. Der ertrag ist als beitrag zum bau der Protestantischen Kapelle in Lissabon bestimmt.* Stuttgard, 1855. 2 vol. 8.° gr 1.° XIV.445 pag., 2.° 549 pag.

É uma estatistica de Portugal. Esta obra gosou sempre de creditos.

892) MIRANDA (ALVITO BUELA PEREIRA DE).

Este padre, segundo nos diz o sr. Innocencio a pag. 54 do 8.° vol. do seu *Diccionario*, nasceu em Galliza pelos annos de 1791.

E.—*Defeza de Portugal, semanario periodico, politico e moral.* Impressão Regia, 1831-1833. 2 vol. Este jornal é defensor do absolutismo.

893) MIROIR (LE) *de la procedure de Philippe, roi de Castille, et du droit qu'ont les portugais d'etre leurs rois et princes. Nouvellement traduit du latin en françois.* Paris, 1595.

894) MISSIONE *al gran Mogor del P. Rodolpho Aquaviva della C. de J. e d'altri quatro compagni uccisi in odio della fede in Salsette de Goa, descritta del P. Daniel Bartholi.* Roma, 1663.

895) M. M***

E.—*Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France et ailleurs, par—.* Amsterdam, 1700.

896) M* * * *

E.—*Agnes de Castro. Nouvelle portugaise.* Amsterdam, 1710.

897) M. M. (M.elle).

E.—*Essai d'imitation libre de l'Episode d'Inez de Castro, dans le poeme des Lusiades de Camoens, par —.* A la Haye, et se vend à Bruxelles, chez J. Vanden Berghen, imprimeur-libraire, rue de la Magdelaine, 1773, 8.°, 16 pag. Traz o original portuguez. [1]

Começa esta imitação da maneira seguinte:

O toi, qui fais aimer, toi qui regis la terre,
Dieu cruel et charmant, qui plus que le Tonnerre,
Fais redouter les traits, dont tu perces les cœurs,
Tu fis couler d'Inès et le sang et les pleurs;
Soumise à ton pouvoir, mais modeste et fidelle,
Ton culte était l'objet de ses soins les plus doux,
Et ce fut la plus tendre, ainsi que la plus belle,
Sur qui s'appesantit ton funeste courroux.

[1] O sr. visconde de Jorumenha falla-nos d'uma edição de 1733. Creio ser erro de imprensa.

Sur les bords consacrés a tes tendres amours,
Tu cueillais belle Inès les fruits de tes beaux jours,
Ce prestige enchanteur, cette erreur séduisante,
Qui regne avec l'amour dans une âme innocente,
Et qui finit, hélas! trop-tôt pour le bonheur
Composait de ton sort la trompeuse douceur.
Les pleurs qu'à tes beaux yeux faisait verser l'absence
Essuiés par les mains de la douce espérance,
Sans dechirer ton coeur exprimaient tes regrets,
Et dans tes champs fleuris, dans tes sombres forêts,
Les échos repétaient d'après ta voix touchante,
Le nom, le nom cheri de l'objet qui t'enchante.

Il est un charme heureux, connu d'une âme tendre,
Qui fait aimer les pleurs, que l'amour fait répandre,
Ce charme triomphant au sein de la douleur
Quand l'amour est content fait trouver le bonheur,
Éloigné de tes yeux, mais t'aimant sans partage,
Ton amant adoré ne voit que ton image,
De sa fidelité, chers et sacrés garants,
Tes attraits, ton amour lui sont toujours présents,
Des songes séducteurs la consolante ivresse,
Lui peignent chaque nuit, l'objet de sa tendresse,
Des souvenirs charmans l'occupent tout le jour
Et tout offre à son coeur les plaisirs et l'amour.

898) **M.** (Mr.).—Historiographe de France.
E.—*Histoire abregée de l'Espagne, de Portugal et de Navarre.* Paris, 1652.

899) **MACQUET (JEAN).**
E.—*Reyes, etc.* (Viagem ás Indias orientaes e occidentaes.) Dertrecht, 1656.

900) **MONACI (E.)**
E.—*Il Canzoniere Portughese della Bibliotheca Vaticana, messo a stampia da* —. Halle, 1875; fol. xxx, 456 pag. com 2 fac-similes.
II. *Canti antichi portughesi, tratti dal Codice Vaticano,* 4803, *com traduzione e note, a cura di* —. Imola, typ. de Ignacio Galeati, 1873, 8.° 12. 32 pag.
V. *Bibliographia critica de Historia e Litteratura* (Porto, 1873), pag. 244 e 31-8.

901) **MONCONYS.**
E.—*Voyage de Portugal, Provence, Italie, etc.* Lyon, 1665.

902) **MONCONNY'S** *Reyze nach Abyssinien, Portugal, Spanien, etc.* Augsburg, 1697, 4.° (Viagem na Abyssinia, Portugal e Hespanha.)

903) MONTFAUCON.

E.—*Histoire des révolutions du Portugal, par —*. Limoges, 1859.

904) MONFORT (DAMOISEAU DE).

Publicou na primeira parte do tomo 3.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* os seguintes escriptos:

E.—I. *Mémoire sur les variations des élemens élliptiques de Pallas et Céres.*[1]

II. *Mémoire sur la comete de* 1807.[2]

905) MONTABOLDO (FRANCAZANO).

E.—*Mundo novo e paezi novamente ritrovati da Americo Vespuzio Florentino.* Vicenza, 1507.

906) MONTAIGU (ED. DE)

E.—*Nova Gramatica portugueza-franceza, ou Methodo pratico para aprender a lingua franceza, seguida de um tratado de verbos irregulares.* Paris 1862.

907) MONTANUS (ARNOLDUS).

E.—*De Wenderen van Oosten, etc.* (As maravilhas do Oriente ou descripção das Indias Orientaes antigas e modernas). Amsterdam, 1652.

908) MONTESQUIEU (CHARLES DE SECONDAT, BARÃO DE LA BRÉDE E DE—). Publicista, philosopho e litterato francez, auctor das *Lettres Persanes* e do *Esprit des Lois.*

Nasceu em 1689, e falleceu em Paris a 10 de fevereiro de 1755.[3]

Este celebre escriptor tinha alguns conhecimentos da historia e litteratura portugueza, o que se comprova pelas passagens seguintes:

Nas *Lettres Persanes* (Carta 78). «Emquanto ás barbas, ellas são respeitaveis por sua propria natureza, se bem que não se deixa de tirar proveito d'ellas para serviço do principe e honra da nação, como o fez bem vêr um famoso general portuguez nas Indias, que achando-se necessitado de dinheiro, a si mesmo cortou as barbas, e sobre este penhor mandou pedir aos habitantes de Goa vinte mil pistolas emprestadas, que lhe foram promptamente enviadas.

«Comprehende-se facilmente que povos graves e fleugmaticos, como aquelles possam ter vaidade, e teem-n'a. Fundam-n'a ordinariamente sobre duas coisas bem consideraveis. Os que vivem na Hespanha e em Portugal sentem o coração extremamente exaltado, quando são aquillo a que dão o nome de christãos velhos, isto é, não serem descendentes d'aquelles aos quaes a inquisição persuadiu n'estes ultimos seculos a abraçarem a religião christã. Os que vivem nas Indias não se gloriam menos quando consideram terem o sublime merito de serem, como elles dizem, homens de carne branca.

[1] Volume referido, de pag. 15 até 67. Lisboa, 1812.

[2] Idem de pag. 198 até 201.

[3] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 36.º

«Nada deveria corrigir os principes do furor de conquistas longinquas como o exemplo dos portuguezes e dos hespanhoes. (Carta 122.) Estas duas nações, tendo conquistado com uma rapidez incomprehensivel reinos immensos, mais espantados de suas victorias, do que os povos vencidos de sua derrota, pensavam nos meios de os conservar, e tomavam cada uma um caminho differente para esse fim. Os hespanhoes, perdendo as esperanças de reterem as nações vencidas na fidelidade, tomaram o partido de as exterminar, e de mandar para alli de Hespanha povos fieis: em tempo algum designio tão horrivel foi mais pontualmente executado. Viu-se um povo tão numeroso como todos da Europa juntos, desapparecer da terra á chegada d'estes barbaros, que pareceram ao descobrirem as Indias, terem querido ao mesmo tempo descobrir aos homens qual era o ultimo periodo da crueldade.

«Por esta barbaridade conservaram este paiz debaixo do seu dominio. Julga por isto quanto as conquistas são funestas, pois que os effeitos d'ellas são taes. Pois emfim este remedio horrivel era o unico. Como teriam elles podido conservar tantos milhões de homens na obediencia? Como de tão longe sustentar uma guerra civil? Que seria feito d'elles, se tivessem dado tempo a estes povos de tornarem a si do assombro em que estavam á chegada d'estes novos deuses, e do receio de seus raios? Emquanto aos portuguezes tomavam estes um caminho diametralmente opposto: não empregaram as crueldades; por isso foram tambem dentro em pouco expulsos de todos os paizes que tinham descoberto. Os hollandezes favoreceram a rebellião d'aquelles povos, e aproveitaram-se d'ella. Que principe invejaria a sorte d'estes conquistadores? Quem quereria conquistas com taes condições? Uns d'elles foram cedo deitados fóra; os outros tornaram-n'os desertos, e deserto tornaram tambem seu proprio paiz. A bussola abriu, para assim dizer, o universo.[1] Achou-se a Asia e a Africa, das quaes apenas se conheciam algumas costas; e a America, da qual absolutamente nada se conhecia.

«Os portuguezes, navegando sobre o Oceano Atlantico, descobriram a ponta mais meridional da Africa; viram um vasto mar que os levou ás Indias Orientaes. Seus perigos n'este mar, e a descoberta de Moçambique, de Melinde e de Calecut foram cantados por Camões, cujo poema faz sentir alguma coisa dos encantos da Odyssea e da magnificencia da Eneida.»

Capitulo XIII.—Humilde censura aos inquisidores de Hespanha e de Portugal por causa de uma judia de dezoito annos queimada em Lisboa.

«Vós vos queixaes, inquisidores, de que o imperador do Japão manda queimar a fogo lento todos os christãos que se encontram nos seus estados; porém elle vos responderá: Nós vos tratamos a vós, que não crêdes, como nós, como vós proprios trataes aquelles que não crêem como vós: não vos podeis queixar senão de vossa fraqueza, que vos impede de nos exterminar, e que faz que nós vos exterminemos.....»

Traz por fim um esboço de biographia do marechal de Berwick, o qual se oppoz em 1704 ao exercito portuguez quando entrava em Madrid.

[1] *L'Esprit des lois*, liv. 21., pag, 21.

909) MONTGONT (Monsieur l'Abbé de).

E.—*Mémoires de —. Publiés par lui même. Contenant les differentes negotiations dont il a eté chargé dans les cours de France, d'Espagne et de Portugal; et divers événemens, qui sont arrivés depuis l'année 1725. Nouvelle édition, corrigée et augmentée.* A Lausanne, 1725. 8 vol., 8.º

Esta obra foi bem conhecida do visconde de Santarem, que no tomo 5.º do seu *Quadro Elementar* apresenta alguns extractos d'ella:

«Para darmos uma idéa do que tratou o abbade de Montgont, transcreveremos aqui algumas particularidades que elle refere nas suas *Memorias*.

«Nas vistas, que n'este dia, 19 de janeiro de 1729, tiveram el-rei de Hespanha e de Portugal por occasião dos casamentos que então se celebraram, o abbade de Montgont foi apresentado a el-rei D. João V pelo marquez d'Abrantes. O mesmo abbade refere que se aproximára então do monarcha e quizera beijar-lhe as abas do vestido, o que el-rei lhe não consentira, e lhe dissera com um ar affavel e cheio de bondade, que folgava muito de o conhecer, e que devia estar certo do apreço que d'elle fazia. Que o infante D. Antonio, que estava ao pé de el-rei, se servia, fallando-lhe, dos termos mais obsequiosos, e diz que sem exageração el-rei se mostrara n'aquella occasião, e durante a sua estada em Elvas com a dignidade, affabilidade e magnificencia digna de um rei, e que ninguem se aproximara de sua pessoa, que não observasse n'elle aquellas grandes qualidades. (*Memoir.*, tomo 7.º, pag. 149.)

«Refere o mesmo abbade que o marquez de Abrantes, depois que a côrte de Hespanha voltára para Madrid, havia estado tão occupado com os casamentos e preparativos para sua entrada, que elle lhe não pudera fallar, senão superficialmente, na commissão de que o infante D. Miguel o tinha encarregado, porém que estando tudo concluido, elle abbade o fôra ver, e lhe informára miudamente da conversação que tivera com o infante em Segovia, e da resolução em que aquelle principe estava de se desposar com mademoiselle de Sans, irmã do duque de Bourbon, se isso fosse do agrado de el-rei seu irmão; accrescentando que o infante tinha manifestado o mais sincero desejo de entrar na graça de el-rei seu irmão, e de fazer quanto podesse por alcançar d'elle a licença para isso necessaria, e que proseguindo lhe dissera que bem entendia que se não devia fazer abertura alguma sobre aquelle casamento ao duque e duqueza de Bourbon, sem primeiro se haver o consentimento de S. M. F. Que o marquez de Abrantes lhe respondêra que apesar do grande respeito que tinha á pessoa do infante, e do desejo que lhe assistia de em tudo comprazer-lhe, não podia de modo algum encarregar-se de transmittir a el-rei seu amo o assumpto d'aquella conversação, accrescentado que ninguem sabia melhor que o mesmo infante o que convinha fazer para entrar em graça com el-rei seu irmão.

«Ao que elle abbade replicára que aquillo já estava feito, porque o infante não desejavà outra coisa senão saber qual era a vontade de el-rei para com ella conformar-se, e que sendo assim, não lhe parecia que se faltasse á deferencia devida, supplicando-lhe de haver por bem que o infante se ca-

sasse, o que não podia deixar de renovar a antiga e constante amisade que existia entre as duas casas de Bourbon e de Bragança.

«Tornou-lhe a repetir, segundo diz o abbade, o marquez: Que me é vedado ouvir proposição alguma concernente a S. A. R., do que muito me pesa, mas S. A. bem deve saber que devo executar fielmente as ordens que me hão dado. *(Memoir.*, tomo 6.º, pag. 69.)

«Sem embargo da resposta do marquez d'Abrantes, continuou o abbade de Montgont a proceder na negociação da projectada alliança, e quando entendeu que ella não seria mal olhada em Portugal, assentou que era tempo de informar o duque e duqueza de Bourbon dos intentos do infante, mas para não comprometter pessoas de tão alta jerarchia, limitou-se a fallar-lhes n'aquelle negocio, como se fôra uma idéa que tinha occorrido ao infante, e que elle lhe communicára, e como criado affectuoso do duque e da duqueza não quizera deixar de communicar-lhes, accrescentando que sendo aquelle projecto da approvação d'elles trataria de lhes dar seguimento. Folgaram o duque e a duqueza com aquella participação, agradeceram-lhe e deixaram a seu arbitrio significar ao infante a alegria com que responderiam ás demonstrações de amisade de que eram o objecto, e lhe encommendaram de os ter ao corrente do progresso da negociação em que anteviam alguma difficuldade, sendo a principal o consentimento de D. João V.

«Responde o abbade ao duque e duqueza que lhe parecia necessario que ambos lhe escrevessem de modo a levar el-rei a entrar nas mesmas vistas, e que visto as relações que tinha com o marquez d'Abrantes, não duvidava conseguir d'elle que enviasse a Lisboa as cartas originaes com que Suas Altezas o honrassem, e que por conseguinte ellas podiam escrever n'aquella conformidade a respeito do casamento do infante com mademoiselle de Sans.

«Seguiram o seu conselho o duque e a duqueza, mandando-lhe as sobreditas cartas, e uma em que a duqueza lhe encommendava que fizesse com el-rei catholico que ajudasse a conclusão d'aquelle negocio, e que sendo isso do agrado do dito monarcha, ella desejava que o abbade de Montgont podesse ir a Lisboa para conciliar o infante com el-rei seu irmão, mas adoecendo el-rei catholico, ficaram suspensos estes projectos. *(Memoir.*, tomo 6.º, pag. 64.)

«O abbade chegou a Lisboa antes do consul encarregado de negocios ter recebido estas instrucções, e foi alojar-se em casa do mesmo encarregado. A nossa côrte fez-lhe as maiores distincções. Toda a nobreza o foi visitar, o secretario d'estado escreveu-lhe dizendo-lhe que el-rei o receberia em audiencia, pois o mesmo soberano lhe queria fallar. Elle porém demorou-se só vinte dias em Lisboa, e antes da sua partida para Madrid teve uma entrevista com el-rei, que durou duas horas. O agente francez diz que ninguem tinha podido penetrar o objecto da sua negociação, e que o dito abbade era homem mui fino e desembaraçado.

«Entretanto Coxe, na sua obra de *L'Espagne sous les Bourbons*, diz o seguinte: «On trouve dans la correspondance des ministres anglais à Paris et à Madrid une foule d'anecdotes, qui prouvent que l'abbé de Montgont était la risée de tout le monde»

«O mesmo abbade refere nas suas *Memorias* (tomo 8.º, pag. 51), na data de 15 d'outubro de 1729, que achando-se em penuria fôra ter com o marquez, embaixador de Portugal em Madrid, e que el-rei D. João V lhe mandára dar uma gratificação de dez mil libras tornezas.

«Em 22 de fevereiro de 1729 o ministro dos negocios estrangeiros Chauvelin ordena ao consul de França em Lisboa que vigie com o maior cuidado o abbade de Montgont durante todo o tempo que elle residisse em a nossa côrte, mas que obrasse com tal prudencia que nem elle nem pessoa alguma suspeitasse que elle tinha tal recommendação.»

910) MONTJOY (F.)

E.—*Aveyro or the head in a glass case.* (Aveiro, ou a cabeça n'uma caixa de vidro.)

E' de suppor que seja algum romance, mas nada posso asseverar.

911) MOODIÉ (LIMUT).

E.—*Memoirs of the late War comprising the personal narrative of the Captain Cook, the Campaigns of* 1809 *in Portugal by the Earl of Munster, and the campaign of* 1814 *in Holland by* —. 2 vol. (Campanhas de 1809 em Portugal pelo conde de Munster etc.)

912) MOORE (GEORGE).

E.—*Lives of Cardinal Alberoni, the duke of Ripperda, and marquis of Pombal.* London, 1814. (Vidas do cardeal Alberoni, duque de Rippenda, e do marquez de Pombal.)

913) MORALES (JUAN BAPTISTA).

E.—*Jornada de Africa del re don Sebastian.* Sevilha, 1622.

914) MOREAU (PIERRE).

E.—*Histoire des dernières troubles du Brésil entre les hollandais et les portugais.* Paris, 1651. Foi esta obra traduzida em hollandez por Glazman, e impressa em Amsterdam no anno de 1652.

915) MORELET (ARTHUR).—Membre de l'Academie des Sciences de Dijon, correspondant de l'Academie des Sciences de Lisbonne, de la Societé d'Histoire naturelle de la Moselle).

E.—I. *Iles Açores. Notice sur l'histoire naturelle des Açores, suivie d'une description des mollusques terrestres de cet archipel, avec cinq planches gravés et coloriées par* —. Paris. J. B. Baillière et Fils. 4.º, 214 pag.

Esta obra é dedicada a D. Pedro V, rei de Portugal.

«Foram as ilhas dos Açores conhecidas de um pequeno numero de sabios antes da occupação portugueza. Figuram estas ilhas já sobre as cartas nauticas do seculo XIV, e principalmente sobre o famoso *Roteiro Mediceo* formado em 1351 por um navegante genovez: alli estão ellas representadas com uma exactidão relativa, que não póde deixar a mais pequêna duvida. Foi mesmo

um documento d'esta especie que, trazido da Italia em 1428, decidiu um reconhecimento official, que se confunde geralmente com a primeira descoberta. A exploração emprehendida em 1431 pelas ordens e debaixo da direcção do principe Henrique, estendeu-se successivamente durante um periodo de vinte annos, desde os rochedos chamados *Formigas* até ás ilhas afastadas das Flores e Corvo. Não se póde roubar aos portuguezes o serviço de terem povoado este archipelago, e de terem transformado solidões incultas, perdidas nos nevoeiros do Oceano, em um paiz rico e florescente, que fórma hoje uma das melhores provincias do reino. Demais, a patria dos Gamas, dos Magalhães e dos Albuquerques póde dispensar um titulo, que pouco accrescentaria á sua gloria.

«A primeira impressão que se disfructa á vista dos Açores é uma impressão de assombro. O lugubre aspecto d'aquellas terras, que apresentam o sainete de sua origem vulcanica, fere vivamente a imaginação. Sua grandesa solitaria, seu profundo isolamento, imprimem tambem na alma um sentimento de melancolia. Assombramo-nos de que o homem tenha escolhido para patria estes rochedos açoutados pelos ventos e vagas, os quaes durante tantos seculos não tiveram mais habitantes do que as aves de rapina, das quaes deriva seu nome. No emtanto idéas mais risonhas não tardam depois de terem transposto a trincheira de trachyto, que oppõe um dique ao Oceano, descobrem-se ferteis campinas, jardins odoriferos, numerosas aldeias em fórma de escadaria pela encosta. Reconhece-se então que ao tomar posse d'aquelles logares, o homem fez uma conquista verdadeiramente util e proveitosa. (Pag. 17.)

«Ainda que o archipelago não prometta ao naturalista uma colheita muito variada, merece apesar d'isso ser visitado, e poder-nos-hiamos admirar de que não o fosse mais, se esta falta não se explicasse pela difficuldade de communicações. Não se apresenta no seu todo um espectaculo digno de impressionar vivamente o viajante, mas cada ilha em particular contém bellesas de um caracter selvatico ou romantico, e além d'isto algum objecto curioso que lhe é especial. S. Miguel, a principal, ufana-se de suas magnificas *caldeiras*, seus lagos azues, cascatas, como o famoso Valle das Furnas, onde o trabalho dos fogos subterraneos se manifesta por phenomenos de uma assombrosa actividade. Santa Maria é a unica que possue formações calcareas, ricas em fosseis marinhos, argilas de uma certa finura, e uma caverna. Pico mostra-nos o mais alto cume dos Açores terminado por um cone fumegante. Fayal uma cratera magestosa, na qual brotam aguas vivas, e arrebatadoras perspectivas. Graciosa, um lago subterraneo. Flores, uma terra arida ornada com sua graça e frescura primitivas. Corvo, um logar celebre pelos vestigios que alli se teem encontrado. A Terceira, finalmente, uma pequena cidade accidentada, a mais bonita do archipelago. (Pag. 81).

«Alguns exemplos darão uma idéa da fertilidade do paiz e da intelligente cultura praticada pelos habitantes:

«Visitei no mez de junho um campo cujo solo era pouco profundo, no qua a rocha apparecia mesmo á flôr da terra, promettendo uma excellente colheita de milho, graças ás chuvas abundantes da primeira estação.

«No mez de novembro do anno precedente tinham n'elle plantado couves, e semeado tremoços; as couves tinham sido apanhadas em fevereiro e substituidas pelo milho. Em março parte dos tremoços fôra arrancada e enterrada como estrume, o resto deixado para grão; depois, nos espaços novos, tinham plantado batatas e aboboras meninas. Em julho devia chegar a colheita das batatas; em agosto a dos tremoços, que tinham ficado na terra; em outubro, finalmente, a das aboboras meninas e do milho. É d'esta fórma que um só campo de mediocre extensão, por um processo de cultura engenhoso, sustenta uma familia inteira, depois de ter pago sua renda.

«Eis aqui um outro exemplo de cultura mixta, como se póde observar frequentemente nos Açores. Um bocado de terra fôra semeada de favas pelo Natal e de tremoço ao mesmo tempo, em regos parallelos na distancia de cinco metros. Em janeiro tinham alli semeado cevada, egualmente em linhas parallelas, mas perpendiculares ás primeiras, e apenas na distancia de dois metros. Em fevereiro plantaram couves nos intervallos, á sombra dos tremoços. No mez de maio foi cortada a cevada ainda verde como pastagem, e no meiado de junho semearam milho entre as favas. No fim do mesmo mez estavam colhidos estes fructos; depois, em julho as couves, em agosto os tremoços, e em ultimo logar o milho. Tal é a feliz fecundidade do solo: produz sempre, sem afolhamento, sem repouso, sem mais adubo que as hasteas dos favaes ou dos tremoços enterrados.» (Pag. 100.)

II.—*Frederic Wolwtsch (Dr.) Voyage dans les royaumes d'Angola et de Benguella, Afrique equinoxiale. Mollusques terrestres et fluviales par A. Morellet.* Dijon, 1867.

III.—*Catalogue de la Flore des iles Açores, précedé de l'itineraire d'un voyage de cet archipel* 1857. Publicou-se na obra *Mémoires de la societé académique du departement de l'Aube.* 3ème *serie, tom.* 3.º, 1866.

IV.—*Coquilles nouvelles recueillies par le dr. Welwitsch dans l'Afrique Équatoriale et de Benguella.*—No *Journal de Conchyliologie,* n.º 11, pag. 153, anno de 1866.

«Mais recentemente, em 1865, o sr. Godman, desejoso de verificar por si mesmo os caracteres e importancia da ornithologia dos Açores, percorreu a maior parte das ilhas, e publicou n'um jornal exclusivamente consagrado á ornithologia, o fructo das suas investigações. O sr. Morelet menciona sómente trinta aves, e d'essas, duas veem apenas designadas pelos nomes vulgares. A lista do sr. Godman offerece cincoenta e duas especies.

«Além d'esta differença numerica encontram-se nas duas listas notaveis divergencias nas especies que cada uma d'ellas cita, e nos nomes vulgares attribuidos a algumas aves. Este facto deixar-nos-hia em grande perplexidade, se não reflectissemos que o sr. Morelet, mui distincto conchylogista, não estaria habilitado para determinar as especies com o indispensavel rigor, e talvez mesmo não examinasse todas as que cita, e se contentasse com informações pouco seguras. O sr. Godman, pelo contrario, é pessoa mais competente em ornithologia; e por isso entendemos que se devem aceitar com confiança as suas in-

dicações. (Sr. J. V. Barbosa du Bucage, no *Jornal de Sciencias Mathematicas*, vol. 1.º, pag. 89.)

916) **MORELLET (A.)**

E.—*Le Manuel des Inquisiteurs à l'usage des inquisitions d'Espagne et de Portugal.* Lisbonne, 1762.

917) **MORELI (DR. JUAN BAPTISTA).**

E.—*Reducion y restituicion del reyno de Portugal a la serenissima casa de Bragança en la real persona de D. Juan IV, rey de dicho reino con las razones, y causa de la confederacion que celebro con el rey christianissimo y otros principes. Discurso moral y politico por—.* Turim, 1648.

918) **MORGANTI (BENTO).**—Natural de Roma, onde nasceu a 13 de outubro de 1709. Formou-se em Canones na universidade de Coimbra, e foi beneficiado na sé de Lisboa.

E.—I. *Nummismalogia ou breve recopilação de algumas medalhas dos emperadores romanos de ouro, prata e cobre, que estão no museu de Lourenço Morganti, bibliothecario do illustrissimo e reverendissimo senhor D. Thomaz, primeiro patriarcha de Lisboa. A que se ajunta huma bibliotheca de todos os authores que escreverão de medalhas e inscripções antigas. Parte primeira offerecida á magestade de el-rey nosso senhor D. João V.* Lisboa Occidental. Na officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, 1737, 4.º, 176 pag., além de um Index alphabetico dos auctores que escreverão sobre medalhas, que occupa LXVI pag.

É obra estimada e enriquecida com grande numero de estampas entrecaladas no texto, e que se póde considerar como um resumo de numismalogia dos imperadores romanos, acompanhado de noticias das moedas gregas e hebreas. Escreveu ainda varias obras, cujo titulo e importancia se podem ver no primeiro volume do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, e das quaes a principal é

II. *Dissertação historica e critica sobre a inscripção que existe no campo de Santa Anna da cidade de Braga, e huma moeda antiga do tempo de Julio Cesar, de que faz menção o M. R. P. D. Jeronymo Contador de Argote nas Memorias que escreveu do mesmo arcebispado. Dada á luz pelo doutor Mathias Pinheiro de Azevedo, e escripta pelo muito reverendo doutor Bento Morganti, protonotario apostolico e ministro do tribunal da Legacia.* Reg. officina Sylviana, 1742. Folheto de 51 pag.

919) **MORGANTI (LOURENÇO).**—Natural de Lucca na Toscana, e bibliothecario do primeiro patriarcha de Lisboa D. Thomaz de Almeida.

E.—I. *Vida de Santa Zita, virgem luqueza, traduzida do idioma italiano no portuguez, accrescentada com uma breve noticia do Santo Christo, ou verdadeiramente o Santo Vulto, obrado por S. Nicodemus, que se acha na cathedral da cidade e republica de Lucca em Toscana. Offerecida á serenissima senhora*

D. Maria Barbara, princeza das Asturias. Lisboa Occidental. Na officina de Antonio Pedroso Galram, 1735. 4.º, 139 pag. com tres estampas, a ultima das quaes representa a imagem do Santo Christo collocada na egreja cathedral de S. Martinho da cidade de Lucca.

II. *Desengano dos Peccadores, necessario a todo o genero de pessoas, utillissimo aos missionarios e aos prégadores, que só desejam a salvação das almas.* Dedicado ao serenissimo senhor D. Manuel, infante de Portugal. Escripto pelo R. P. Alexandre de Perier, da companhia de Jesus e missionario da provincia do Brasil, etc. Lisboa, 1735. 4.º, 460 pag. com grande numero de estampas.

920) MORISOT (S. B.)

E.—*Recueil de diverses relations nouvelles de l'ile de Madagascar, du Bresil, de l'Egypte, et de Perse.* Paris, 1651. 4.º

921) M. P. B. E.

E.—*Declaration du droit de legitime succession sur le royaume de Portugal apartenant à la reyne mère du roy très chretien, par —.* Anvers, 1582.

922) MOITHEY.

E.—*Atlas portatif de l'Espagne et du Portugal, composé de 7 cartes dessinées par —.* Paris, 1812.

923) MOTIVI *dell'accidente di Portugallo. Opera dedicata a tutte le potenze secolari e temporali.* Avignone, 1759.

924) MOTIVEN *Die d'E. Officiern der Militie in consideratie hebben ghenomen om met den Vyandt (namentlijick de Portugesen) in accoord te treden.* Ady, 13 january, anno 1654. 4 folhas. (M. S.)

925) MOTTE (HOUDART DE LA).

E.—*Inès de Castro, tragedie.* Paris, 1723. Ibid. 1774. Esta tragedia deu origem aos seguintes opusculos:

I. *Aynes de Chaillot, comedie par M. Dominique.* Paris, 1723.

II. *Reponse à M••• au sujet d'Inés de Castro, de M. de La Motte,* Paris 1723.

III. *Reflexions faites par M••• sur Ines de Castro.* Paris, 1723.

IV. *Lettre au sujet de la tragedie d'Inés de Castro.* Paris, 1723.

V. *Paradoxes Littéraires sur sujet de la Tragedie.* Paris, 1723.

VI. *Anti-paradoxes ou Refutation.* Paris, 1723.

VII. *Le Secretaire du Parnasse au sujet de la tragedie d'Inés de Castro.* Paris, 1723. Haye, 1724.

VIII. *Lettre à Mr. de La Motte.* Paris, 1723.

IX. *Considerations philosophiques sur les succès d'Ines de Castro.* Paris 1724.

X. *Examen de la tragedie de —.* Paris, 1724.

XI. *Apologie de mr. Houdart de La Motte.* Paris, 1724.

XII. *La querelle de Thalie et de Melpomene au sujet d'Ines de Castro.* Paris, 1724.

XIV. *Arvest burlesque en faveur de la tragedie d'Inès de Castro.* Paris, 1724. 2.ª edição, Paris, 1823.

926) MUJERES (LAS) *Españolas, Portuguesas y Americanas, tales como son en el hogar domestico, en los campos, en las ciudades, en el templo, en los espectaculos, en el taller y en los salones. Description y pintura del caracter, costumbres, trajes, usos, religiosidad, bellesa, defectos, preocupaciones y excelencias de la mujer de cada una de las provincias de España, Portugal y Americas Españolas. Obra escrita por los primeros literatos de España, Portugal y America, y ilustrada con una numerosa coleccion de magnificos cromos cuyos cróquis son debidos al pincel de los mas notables artistas españoles y portugueses.*

927) MÜLLER (JOÃO GUILHERME CHRISTIANO):[1]

Nasceu em Gottinga em maio de 1752. Em 1772, recommendado pelo dr. Müller, reitor da universidade de Gottinga, veiu para Lisboa na qualidade de pastor lutherano para a capella da legação hollandeza. Tratou, apenas chegado a esta cidade, de se entregar ao estudo da lingua portugueza, e resolveu tomar para domicilio perpetuo este paiz, continuando a servir de 1781 em diante como addido á enviatura dinamarqueza. Pouco depois nomearam-n'o socio supranumerario da nossa Academia. Foi em 1788 encarregado da direcção e classificação das medalhas que havia no museu da mesma Academia, escrevendo depois uma *Memoria* a respeito das medalhas portuguezas, lida á Academia em 12 de novembro de 1788. Sua terceira obra foi uma addição aos trabalhos de Antonio Ribeiro dos Santos sobre a litteratura sagrada dos judeus portuguezes. A 23 de novembro de 1791 abjurou o lutheranismo nas mãos do bispo inquisidor geral. No anno seguinte foi nomeado deputado da real mesa da commissão geral sobre o exame e censura dos livros, e em 1795 traductor de linguas na secretaria do Almirantado, e em 1801 director do estabelecimento da Impressão Regia. Apresentou outro trabalho á Academia com o seguinte titulo: *Observações sobre o Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, offerecido á Academia pelo socio Fr. Francisco de S. Luiz.* Veiu a fallecer a 15 de outubro de 1814, época em que andava trabalhando na biographia do celebre portuguez o papa João XXI.

E.—I. *Discurso historico pronunciado na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 24 de julho de 1810 por João Guilherme Christiano Müller, secretario da mesma Academia* (No 3.º vol. das *Memorias da Academia*, parte 2.ª)

II. *Discurso historico pronunciado na Academia das Sciencias de Lisboa em 24 de junho de 1812.* (No mesmo volume e parte.)

[1] *Elogio Historico* recitado por Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato na assembléa publica da Academia Real das Sciencias a 24 de junho de 1815. — *Memorias da Academia*, vol. 4.º

III. *Memoria sobre a litteratura portugueza, traduzida do inglez com notas illustradoras do texto, por J. G. C. M.*

É traducção de um *Ensaio* escripto pelo historiador e poeta inglez Robert Southey, e publicado em Londres no *Quarterley Review* de maio de 1809. Obra de que parece haver uma edição impressa em Hamburgo no mesmo anno de 1809.

928) **MUNCH (ERNEST ERMES JOSEPH DE).**—Historiador allemão. Nasceu em Rheinfelden, em outubro do anno de 1798.[1]

E.—*Grundzuge der Geschichte de repraesentatysystems in Portugal.* Leipsick, 1827. (Historia do governo representativo em Portugal.)

929) **MUÑOZ (FRANCISCO).**—Protonotario apostolico, examinador y theologo de la nunciatura de España. Nasceu em Granada.

E.—*Funiculo aureo, triplice indissoluble el muy alto y poderoso señor dignissimo rey de Portugal, el invictissimo emperador siempre augusto, y a la escelsa magestad catholica rey de España, y al sacro epithalamio, nupciales teas, real himeneo de la princesa de España nuestra señora la serenissima señora D. Mariana Victoria con el serenissimo siempre maximo señor D. Joseph principe del Brasil, y la serenissima señora Doña Maria Barbara Gloria de Portugal, honor del Austria, con el serenissimo señor principe de Asturias, Don Fernando. Cante Europa, compitiendole profusos gosos a la real casa de Castilla; sea indice de tanta universal alegria la que al glorioso nombre del serenissimo principe del Brasil consagra un ingenio andaluz, que prostrado a sus reales plantas le felicita y adora El M. D.* Lisboa Occidental, en la patriarcal impression de la Musica. Año de 1727. Esta obra em 4.°, de 267 paginas, é offerecida a el-rei D. João V.

930) **NUÑOZ (D. LUIZ).**

E.—*Vida de fray Bartholomeu dos Martyres.* Madrid, 1645.

931) **MURPHY (JAMES CAVANAH).**—Antiquario e architecto inglez. Nasceu na Irlanda, e falleceu no anno de 1816.[2]

E.—I. *Travels in Portugal through the provinces of Entre-Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo in the years 1789 and 1790. Consisting of observations on the manners, customs, trade, public Buildings, arts, antiquities etc. of that Kingdom, by —. Architect. Illustrated with plates. London Printed for A. Strahan and T. Cadell Jun. and W. Davies.* 1795. Fol. 311 pag.

É uma das mais notaveis obras que se publicaram no seculo passado a respeito do nosso paiz, e por mais de um motivo devemos ser gratos á memoria do architecto Murphy.—Este livro é dedicado a D. João VI, então principe do Brasil.

[1] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 1320.
[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 36.°, pag. 1022.

«O motivo que impelliu o auctor a escrever esta obra, foi o seguinte: A maior parte dos viajantes, que até aqui teem obsequiado o mundo com suas observações a respeito de Portugal, representam-n'o como um campo esteril e inhospitaleiro para informações, sem lhe concederem o possuir apenas um unico objecto digno de fixar a attenção do philosopho, do antiquario ou artista; e na realidade o conteudo de suas paginas parece confirmar a representação.

«Comtudo não me consentirá a verdade que eu apresente a mesma apologia pela falta de assumpto interessante n'esta obra; se ella não corresponder ao fim proposto, não deve a falta ser attribuida áquelle fertil paiz, mas á carencia de talento ou industria da minha parte.

«Uma nação outr'ora celebrada em todos os angulos do globo por suas descobertas e conquistas, que abundam nas mais valiosas producções mineraes e vegetaes, que tem um commercio da maior extensão e importancia, e possue muitas das mais valiosas colonias no globo, deve fornecer uma innumeravel serie de objectos para a consideração do historiador, naturalista e estadista.»

O escriptor sahiu de Dublin a 27 de dezembro de 1788, a bordo de um navio mercante, e dezoito dias depois entrou a barra do Douro.

«As margens do Sul do Douro, tanto quanto a vista póde alcançar, são matisadas com conventos e casas de campo, retiro durante o verão dos habitantes ricos. As alamedas e jardins que as acompanham produzem um effeito encantador nos olhos do visitante do Norte,[1] em quanto os vendavaes do inverno não as teem despojado de sua verdejante folhagem. A laranjeira, que póde com justiça ser considerada como emblema da gratidão, aqui excede em bellesa tudo o mais. A lindeza da paizagem e a serenidade do ar, quando comparadas com as arvores nuas e agudos vendavaes do paiz, d'onde partimos ultimamente, tornava a transição encantadora.

«Fomos visitados pela alfandega, e com justiça devemos declarar que cumpriram seu dever com tanta polidez, que mais parecia uma visita de amigos, do que uma pesquisa official. Aquelles que teem observado as visitas dos empregados das alfandegas inglezas em similhantes occasiões, difficilmente acreditarão que tão grande urbanidade exista entre homens d'aquella classe. O ultimo marquez de Pombal, na sua chegada como embaixador á côrte britannica, foi tão grosseiramente tratado por um grupo d'aquella gente, que o impressionou sempre depois com uma idéa desfavoravel da execução das leis aduaneiras n'este paiz. E suppõe-se geralmente que esta circumstancia operou como causa dos regulamentos que elle depois estabeleceu relativos ao commercio de vinhos do Porto, regulamentos não muito favoraveis aos interesses da feitoria britannica d'aquella cidade.

«Depois da visita da alfandega, estivemos á espera da do medico, mas por se achar doente, mandou um substituto para fazer suas vezes. Este illegitimo filho de Esculapio mandou que todas as pessoas a bordo apparecessem no

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 2.

convez, em quanto elle as revistava da praia opposta, na distancia de umas duzentas jardas, e com effeito, eu não pude deixar de o examinar desde os pés até á cabeça, pois nunca appareceu diante de meus olhos uma tão ridicula figura da classe medica. Para julgar do seu talento pelo seu guarda-rio (criterio moderno do merecimento) pouca havia a esperar, porquanto parecia desprezar os mesmos arrebiques da faculdade, tais como a abundancia de abas largas, o rabicho pelas costas abaixo, etc.; seu vestuario era apenas conveniente, consistia n'um barrete encarnado, uma jaqueta azul, um gorro rasgado nos cotovellos. Tendo-nos observado por alguns minutos, tomou uma pitada de ragá, e pronunciou as palavras seguintes: «Certifico que todos os acham de perfeita saude.»

«As egrejas do Porto são edificios vastos,[1] fortes e magnificos, mas quasi sempre falta de tudo quanto constitue a architectura scientifica: é uma especie entre o toscanico e tosqueno. Os materiaes de que as fazem são excellentes, e os trabalhos de pedreiro não deixam de ter um merecimento. Custa a acreditar que riquezas são prodigalisadas no interior d'ellas; os altares, frisos, daquinos, etc. apresentam profusão de dourados. O oiro é certamente um remedio muito efficaz para encobrir a falta de arte e de sciencia. E comtudo os portuguezes teem alguns artistas não faltos de merecimento, mas infelizmente não são animados. Conheci n'esta cidade um pintor chamado Glama, que daria credito a qualquer escola na Europa, se tivesse incitamento para fazer subir para fóra as faculdades latentes que estavam presas dentro d'elle. Tinha nascido em Portugal, e estudado por muitos annos na Italia, onde adquirira correcção de desenho e pureza de colorido, que indicavam talentos não vulgares. Todavia asseverou-me que difficilmente podia sair da miseria, apesar de pintar quanto se lhe apresentava, desde a taboleta até o apostolo.

«Uma senhora, que por muitos annos residiu no Porto, refere a seguinte anecdota de um negociante d'aquella cidade que, tencionando embellesar seus aposentos com pinturas, dirigiu-se para este fim a Glama, que por acaso tinha n'aquella occasião alguns quadros antigos e valiosos para vender por um preço muito moderado: mas o negociante, que era melhor juiz do sumo da uva, que do pincel, ficou estupefacto quando elle lhe pediu vinte moedas por um Corregio, e respondeu: «Que pouco antes tinha comprado pela mesma quantia dois quadros novos de maiores dimensões.»

«Glama foi um dos artistas empregados por William Buston Conyngham para fazer desenhos e esboços de antiguidades durante sua viagem em Portugal, os quaes podem ser vistos na valiosa collecção d'este cavalheiro entre seus papeis relativos a Portugal.

«O edificio da feitoria ingleza está quasi completo. O risco é do consul inglez William Whitehead. No alto deve ser collocada uma estatua. Deveriamos suppôr que n'um edificio commercial, como este, tomando o paiz em consideração, uma estatua do principe Henrique, o pharol da navegação, e a origem do commercio, não deixaria de vir a proposito.

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 9.

«Cheguei finalmente á Batalha a 29 de janeiro. A vista do mosteiro recompensaria amplamente uma viagem mais longa, e até menos agradavel, do que acabava de fazer,[1] e o que realçava o prazer da vista, era a sua inesperada apparição, n'uma hora em que o sol se punha, e cada torre estava doirada com o brilho de seus descendentes raios. As trabalhosas espiraes, corucheus gigantes, e janellas, suas profundas e projectantes sombras, a solidão siberiana do logar e a veneravel apparição dos frades tornavam esta uma das mais maravilhosas scenas que jámais observei.

«A architectura da Batalha póde ser justamente considerada como um dos mais bellos e perfeitos specimens que existem d'aquelle estylo. Não observámos na construcção da egreja nenhuma d'aquellas insignificantes e superfluas esculpturas que muitissimas vezes são bem numerosas em outros edificios gothicos. Todos quantos ornatos ha empregados n'elle estão escassa, mas judiciosamente dispostos, especialmente no interior, que é notavel pela sua singeleza pura e nobre; e o effeito geral, que é grandioso e sublime, deriva-se não de alguns embellesamentos meretricios, mas do merito intrinseco do desenho.

«As fórmas de ornatos das cornijas são tambem differentes das de qualquer outro edificio gothico que eu em tempo algum tenho visto. Teem uma tal correcção e regularidade, que são evidentemente o resultado de um desenho original bem concebido, e sendo tambem evidente que este desenho foi immutavelmente seguido e executado n'uma progressão regular, sem aquellas alterações e interrupções ás quaes edificios tão amplos estão sujeitos.

«Em tudo quanto diz respeito ao ornato e elegancia, a porta principal da egreja não tem rival em qualquer outro edificio gothico da Europa. Pelo que toca á construcção, a casa do capitulo póde ser considerada como uma obra prima de architectura. Do mausoleu de el-rei D. Manuel nem a penna nem o lapis são sufficientes para exprimirem os reaes merecimentos de seus lavores. Se este mausoleu estivesse terminado, o mundo moderno poder-se-hia ensoberbecer de um jasigo em grandeza e construcção não inferior ao famoso mausoleu dos antigos, e a memoria da rainha D. Leonor, a quem alguns attribuem a fundação, seria transmittida á posteridade com tanto applauso como a de Artemisia. E mesmo no presente estado póde-se dizer d'elle o que os judeus diziam do de Judas Machabeu, que nunca estava sem visitantes para o admirarem.

Tambem n'este mosteiro está o tumulo do infante D. Henrique. Este parece ter nascido para felicidade do genero humano.[2] Nascido para o livrar do sys-

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 32.

[2] Idem, idem, pag. 61. Murphy tece n'esta obra os maiores elogios ao procedimento evangelico dos frades dominicanos d'este mosteiro da Batalha.

O nosso Fr. Francisco de S. Luiz (*Memorias da Academia das Sciencias*, tomo 10.º pag. 180) é bem rigoroso para com Murphy por algumas inexactidões que commetteu no livro das *Viagens em Portugal*. «1.º Nem perto nem longe da entrada da egreja se acha, nem esteve nunca sepultura alguma dos mestres das obras, com inscripção que assim o indicasse, senão sómente a de Matheus Fernandes. 2.º Que mal se póde contar Matheus Fernandes entre os primeiros mestres, quando o proprio Murphy escreve adiante do seu

tema feudal, e para dar ao mundo inteiro todas as vantagens, toda a luz que fosse possivel diffundir por meio de um commercio sem limites. O espirito da navegação, que até então tinha adormecido sobre o Oceano, debaixo de seus auspicios abriu suas azas e procurou as mais remotas praias. Em Sagres, como o grande Newton, viveu em perpetuo celibato, cultivando todas as sciencias nobres. A elle, como primeiro auctor, são devidas todas as inestimaveis vantagens que teem dimanado e hão de dimanar da descoberta da maior parte da Africa e das Ilhas Occidentaes. Que comparação ha entre um Alexandre coroado com tropheos á frente de seu exercito e Henrique contemplando o Oceano de uma janella do alto de um rochedo em Sagres? Este pharol da navegação tem sido celebrado por todos os poetas e historiadores de todas as nações europeas.»

«O nosso Thompson canta este celèbre principe nos seguintes versos:

For then, from ancient gloom emerg'd
The rising world of trade: the Genius, then,
Of Navigation, that in hopeless sloth
Had lumber'd on the vast Atlantic deep [1]
The Lusitaniam Prince, who Heaven-inspired,
To love of useful glory rous'd mankind,
And in unbounded commerce mixt the world.

«Da fundação do convento de Alcobaça data [2] a introducção em Portugal da architectura chamada Moderna-normanda-gothica. A egreja é inteiramente construida n'este estylo, exceptuando a frontaria que deita para poente. Mui poucas possuem aquella grandesa do effeito peculiar ao interior das egrejas gothicas, que esta possue n'um alto grau. Esta egreja é um dos mais antigos specimens do moderno normando-gothico na Europa, e talvez o mais magnifico do antigo periodo em que foi fundada. A capella dos noviços contém uma das mais bellas collecções de quadros que existem em todo o reino, [3] e

nome o anno de 1515, em que na verdade falleceu, e que era o anno 128 ou 129 da fundação do mosteiro. 3.º Que não ha fundamento algum para se dizer que mestre Congeate e mestre Conrado fossem mestres das obras. 4.º Que não ha em parte alguma noticia de mestre Ugado, nem de mestre Witacker; e se Murphy quiz designar Ouguet por Ugado, e Boutaca por Witaker, nem assim é verdadeira a sua noticia; porque mestre Ouguet foi em realidade mestre das obras, e não das vidraças; e mestre Boutaca nem é certo ter sido estrangeiro, antes com fundamento o temos por portuguez, nem consta que fosse mestre das obras ou das vidraças, etc. Por aqui se fará juizo do credito que nos devem merecer os estrangeiros quando tratam de nossas coisas, e quando confiando (ao que parece) na nossa ignorancia ou na nossa negligencia, e quasi indifferença, nos dizem falsidades e absurdos sobre aquillo mesmo que temos aos nossos olhos, e que facilmente podemos examinar.»

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 65.

[2] Idem, idem, pag. 90.

[3] Murphy traz n'este logar uma descripção mui minuciosa do mosteiro.

Alcobaça é uma das mais ricas e magnificas instituições do seu genero não só em Portugal, mas em toda a Europa. E aquelles que declamam contra sua opulencia, fariam bem de se informarem se existe algum fidalgo ou nobre na Europa que, possuidor de rendimentos eguaes aos d'este mosteiro, espalhe tantos beneficios por seu proximo, como os frades de Alcobaça.....

«Nossa attenção foi despertada pela apparição da cidade de Lisboa, que gradualmente vae subindo da margem do rio com toda a magnificencia da riqueza e da grandeza.[1] Quando pensamos sobre as vantagens que Portugal gosa relativas ao commercio, por causa de um tão magnifico rio e commodo porto, tão felizmente situado para o commercio com o hemispherio oriental e occidental, não podemos deixar de nos espantar como Lisboa não é superior em riquezas, grandeza e população a todas as capitaes europeas.

«A estatua equestre de D. José, no Terreiro do Paço, é um trabalho de um merito que não deve ser despresado. Quando consideramos o misero estado das artes em Portugal e a difficuldade de executar uma tão magnifica estatua, devemos concordar em que grande louvor se deve áquelles que dirigiram a execução d'ella. O grupo do Norte principalmente possue grande gosto, delicadeza e espirito.

«O zimborio da egreja da Estrella é magnifico. No que diz respeito á execução tem grande merecimento, mas não é para admirar, pois onde poderemos nós encontrar tão excellentes canteiros como em Portugal? Na Europa talvez não. A verdade porém não permitte que digamos outro tanto relativamente aos architectos.[2]

«O cemiterio dos Cyprestes foi concedido aos inglezes em 1655 em virtude de um tratado de alliança entre Portugal e Inglaterra no tempo de Cromwell. N'este cemiterio jazem os restos do famoso Henrique Fielding; mas sinto ter que dizer, sem um monumento, ou algum outro obsequioso signal de distincção digno de seus grandes talentos e virtudes.

«Em 1786 o cavalheiro St. Mark de Meyronet, consul francez então residente em Lisboa, tinha um pequeno monumento para aquelle fim, feito á sua custa, que actualmente se conserva no claustro do convento de S. Francisco. Porque não foi admittido no cemiterio inglez, não sei; mas aquelles que o excluiram certamente se justificaram por mais do que uma rasão. Em primeiro logar como monumento é de um risco muito despresivel. Em segundo o epitaphio é desapropriado e não poetico. Em terceiro parece ser feito antes por vaidade, do que gratidão; antes para se honrar a si mesmo e a seu paiz, do que para perpetuar a memoria de Henrique Fielding:

ERIGÉ EN 1786 Á HENRI FIELDING, MORT EN 1754

Sous ces cyprès charmiers, parmi ces os muets,
Tu cherches de Fielding les restes mémorables;

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 132.

A architectura do templo é censurada por Murphy, pag. 169-170.

De la mort et du temps déplore les effets,
Ou déteste plutôt l'oubli de ses semblables.
Ils élèvent par tout des marbres fastueux,
Un bloc reconnoissant ici manque à tes vœux,
Et ton pas incertain craint de fouler la cendre,
Sur laquelle tes pleurs cherchent à se répandre.
Vieillard, qui détruis tout dans un profond silence,
Ne dissous point ce marbre à Fielding consacré!
Qu'aux siècles à venir il arrive sacré
Pour l'honneur de mon nom et celui de la France!

*
* *

«Perto das margens do Tejo está situado o magnifico convento e egreja de Belem. O cavalheiro Frezier faz uma respeitosa menção da abobada d'esta egreja, e ninguem conheço mais competente do que elle em assumptos d'esta qualidade. Diz pois: «On peut remarquer dans les anciennes eglises gothiques une varieté admirable de compartimens; ce que j'ai vû de plus beau et de mieux executé dans ce genre au Monastère de Bethleem, est auprès de Lisbonne, en Portugal tant à l'eglise qu'au cloitre, où la plupart des nervures sont de marbre.[1] O claustro annexo á egreja apresenta excellentes specimens de ornatos arabescos; são desenhados com bastante gosto e phantasia, e executados com cuidado. O aqueducto de Lisboa póde tambem ser considerado como um dos monumentos mais magnificos de construcção moderna na Europa: e emquanto a tamanho não é inferior talvez a qualquer aqueducto que os antigos nos tenham deixado. Aquella parte construida no valle de Alcantara é de uma construcção admiravel. Uma prova de sua solidez é que nenhuma injuria recebeu do terremoto.[2]

«Do clero menciono o bispo de Beja, cuja piedade e instrucção fariam honra aos seculos apostolicos ou de Augusto: o abbade Corrêa, capellão do duque de Lafões, e o padre Sousa, auctor de alguns trabalhos relativos á lingua arabica. Ha outros homens de um talento eminente entre o clero, mas escondidos em suas cellas.

DESCRIPÇÃO DE CINTRA

Cintra, whose mountains seek the skies,
Thy vallies deck'd in living green;
Thy flowrets rob'd in varying dies,
With grottos form'd by Fancy's queen.
Refreshing rills that never fail,
When Phœbus shoots his brightest beams;

[1] *Murphy's Travells*, pag. 175.

[2] A pag. 186 e 187 encontra-se uma descripção dos beneficios produzidos pelas santas casas da Misericordia, e termina por estas palavras: «Desejamos sinceramente que ellas se propaguem por toda a parte, e sejam sómente contidas pelos limites do globo.»

Whilot balmy odorous lead each gale,
And nodding fruits survey the streams.
Here Zephyr courts each opening flower,
And birds that charm, of every song;
Here echo dwells in mary bower,
And love that lists the whole night long. [1]

«Em Mafra ha algumas estatuas muito bem feitas.»

Eis a traducção d'algumas das passagens mais notaveis de uma obra que em geral faz os maiores elogios ás nossas coisas, e que foi traduzida em francez por Lallemant (Paris, 1797), e em allemão por Sprengel. [2]

As interessantes estampas que adornam o original inglez são as seguintes: 1.ª Feitoria ingleza no Porto—2.ª Estalagem dos Carvalhos nas proximidades do Porto—3.ª Vista da egreja da Batalha—4.ª Plano geral de Lisboa em 1785—5.ª Vista das principaes ruas modernas em Lisboa—6.ª Vista da alfandega e praça do Commercio de Lisboa—7.ª Inscripção arabe da peça de Diu em Lisboa—8.ª Inscripções romanas existentes em Lisboa—9.ª Uma camponeza do Alemtejo, uma vendedeira ambulante de fructa em Lisboa, e uma mulher da Beira—10.ª Um negociante portuguez com sua mulher e criada—11.ª A dança chamada *fandango*—12.ª Vista de um antigo banho em Cintra—13.ª Copia de uma inscripção em lingua sanskrita existente em Cintra—14.ª, 15.ª e 16.ª Fragmentos de antigualhas romanas achadas em Beja e Evora—17.ª Aqueducto de Sertorio em Evora—18.ª Vista da mãe d'agua de Sertorio em Evora—19.ª Vista do templo de Diana em Evora—20.ª e 21.ª Inscripções do tempo dos romanos em Evora—22.ª Inscripções em latim existentes em Evora—23.ª Copia de uma inscripção arabe em Evora—Vista interior da capella dos ossos em Evora.

*
* *

Uma outra obra escreveu Murphy a respeito do nosso paiz, a qual tem o seguinte titulo:

II.—*A general view of the State of Portugal, containing a topographical description thereof. In which are included, an account of the Physical and Moral State of the kingdom; together with observations on the animal, vegetable, and mineral productions of its colonies. The whole compiled from the best Portuguese Writers, and from notices obtained in the Country by —. Illustrated with plates.* London, 1798. 4.º gr., 272 pag.

Este livro é dedicado a D. João d'Almeida de Mello e Castro, ministro plenipotenciario de Portugal em Inglaterra. Trata da biographia dos reis de Portugal, e dos portuguezes mais notaveis, do nosso commercio, marinha, agri-

[1] *Murphy's Travells*, pag. 257. Segue a biographia de D. João de Castro, que occupa desde pag. 259 ate 273. Principia então a noticia do monumento sanskrito existente na quinta da Pereba Verde em Cintra, e na traducção feita por Mr. Wilkins.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 36.º, pag. 1022.

cultura, etc., mas não apresenta passagem notavel que mereça especial menção. É enriquecida com as seguintes estampas:

1.ª Estatua equestre de D. José em Lisboa—2.ª Vista da bahia de Lisboa—3.ª Soldados portuguezes—4.ª Vista do interior de uma casa portugueza—5.ª Camponezes portuguezes—6.ª Um fidalgo em jornada—7.ª Um frade e uma freira—8.ª Carro puxado a bois—9.ª Viagem em liteira—10.ª A filha de um lavrador indo para a feira de Leiria—11.ª Um correio de Lisboa para o Porto—12.ª, 13.ª e 14.ª Vistas de touradas—15.ª Vista da cidade e universidade de Coimbra—16.ª Mappa de Portugal.

*
* *

A obra, porém, mais importante relativa a Portugal é a magnifica collecção das vistas da egreja e mosteiro da Batalha, obra que importou em mais de mil libras, e foi publicada á custa de William Conyngham. Seu titulo é o seguinte:

III. *Plans, elevations, sections and views of the Curch of Batalha, in the province of Estremadura in Portugal, with the history and description by Fr. Luiz de Sousa, with remarks. To which is prefixed an introductory discourse on the principles of gothic architecture by —, illustrated with 27 plates.* London. Printed for I and J. Taylor, High Holborn, 1795. Fol. maximo, e obra inquestionavelmente monumental, dedicada a William Conyngham.

«O real mosteiro da Batalha é um edificio muito pouco conhecido, se bem que a excellencia de sua architectura justamente o habilita para ser classificado entre os mais celebres edificios gothicos da Europa. Meu primeiro conhecimento d'este veneravel monumento proveiu de ver alguns esboços d'elle em poder de William Conyngham, desenhados por elle mesmo e por mais dois outros cavalheiros,[1] que viajaram em Portugal no anno de 1783. Estes esboços, que são mui boa representação do original, deram-me tão alta idéa d'aquelle monumento, que despertaram em mim um ardente desejo de o visitar, e tendo-me os mencionados cavalheiros generosamente offerecido sua protecção e auxilio, sai de Dublin n'um navio mercante, e cheguei ao Porto em janeiro de 1789. Depois de breve demora, puz-me a caminho, e passados sete dias cheguei á Batalha, onde fui benignamente recebido pelo prior e por toda a communidade.

«E-tas e outras considerações egualmente interessantes induziram-me a medir é delinear o mosteiro com o possivel cuidado; o que completei em treze semanas, durante o qual tempo me alojei e comi no convento. Considero-me feliz por esta occasião de dar meus mais sinceros agradecimentos ao prior, hospedeiro-mór e aos demais frades da Batalha, pela polidez e attenção com que sempre me trataram. A piedade, hospitalidade e simplicidade d'estes reverendos padres difficilmente póde ser imaginada n'estes degenerados tempos: trazem á lembrança a descripção que os historiadores nos apresentam dos

[1] O coronel Tarant e o capitão Broughton.

christãos dos seculos apostolicos: sua santidade de costumes realça a dignidade da mansão veneravel onde habitam.

ASSUMPTO DAS ESTAMPAS

1.ª Arcos de varias especies — 2.ª Fragmentos de architectura gothica — 3.ª Fragmentos d'architectura gothica—4.ª Costumes religiosos do seculo XIII —5.ª Côrte transversal da egreja da Batalha—6.ª Plano geral da egreja e real mosteiro da Batalha—7.ª Alçado do norte da egreja da Batalha, com o mausoleu não acabado do rei D. Manuel—Côrte longitudinal da egreja da Batalha—9.ª Alçado do arco cruzeiro da Batalha—10.ª Côrte da casa do capitulo da Batalha—11.ª Alçado do norte do refeitorio da Batalha—12.ª Alçado occidental da egreja da Batalha— 13.ª Alçado da porta principal—14.ª Visita interior da egreja—15.ª Mausoleu do rei D. João I—16.ª Côrte do mausoleu do rei D. João I—17.ª Effigies do rei D. João I e da rainha D. Philippa—18.ª Entrada do mausoleu de D. Manuel, o Grande, rei de Portugal. Estampa dedicada a S. A. o principe do Brasil—19.ª Risco para completar o mausoleu do rei D. Manuel—20.ª Arcos pertencentes ao mausoleu do rei D. Manuel—21.ª Ornatos e motes pertencentes ao real mosteiro da Batalha—22.ª Columnas, ornatos e jeroglificos do mausoleu de el-rei D. Manuel—23.ª Pilares da egreja da Batalha —24.ª Corucheu da extremidade do norte—25.ª Cancellos, cornijas e medalhões arqueados—26.ª Portada do volume (no principio)—27.ª Retratos (no principio).

932) MURR (CHRISTOPHE THEOPHILE).

E.—*Geichtche der Jesuiten in Portugal under der Verwalting des marquis von Pombal.* Nuremberg, 1787-1789. 2 vol. (Historia dos Jesuitas durante a administração do marquez de Pombal.)

933) MURR (M. DE).

E.—*Notice sur le chevalier Martin Behaim avec la description de son globe terrestre, traduite de l'allemand par H. J. Jansen.*

934) MURY (PADRE PAULO —).

Escreveu a vida de padre Gabriel Malagrida em francez, de que nunca pude encontrar o original, mas appareceu traduzida pelo sr. Camillo Castello Branco com o seguinte titulo: *Historia de Gabriel Malagrida, da Companhia de Jesus, apostolo do Brasil no seculo* XVIII, *estrangulado e queimado no largo do Rocio de Lisboa, aos* 21 *de setembro de* 1761. *Auctor* —, *da mesma companhia. Trasladado a portuguez e prefaciado por* —. Lisboa. 1875.

935) MUSONE.—Maestro italiano.

E.—*Camões.* Opera.—Foi cantada em Napoles no anno de 1873, e em Parma no de 1874.

N

936) NACHRICHTEN (EINIGE) *von der Portugiesischen unde von Büchern die über Portugal gescrieben sind.* Frankfort an der Oder, 1779.

937) NAHHRISTH VON PORTUGAL.—Francfort, 1772, 2 vol.

938) NAHCUHTEN *von den Portuguezirchen Hofe, etc.* (Promenores sobre a côrte de Portugal e administração politica do conde de Oeiras. Extrahidos d'uma correspondencia original, e traduzidos do inglez. Francfort, 1768. 8.°

939) NAHARRO (BARTHOLOMEU DE TORRES).—Poeta dramatico hespanhol, que vivia no seculo XVI.[1]

E.—*Trophea.*

É um drama composto em honra das glorias portuguezas no tempo d'el-rei D. Manuel, representado em Roma na occasião em que o mencionado rei mandou ao papa Leão X aquella celebre embaixada tão conhecida na historia d'este monarcha.

940) NAISSANCE (LA) *d'un monstre ayant la face humaine, la tête et le reste du corps couvert d'une armure, façon d'écailles, né à Lisbonne, ville capitale du Portugal, le lundi* 10 *avril* 1628, *et mort le* 14 *du même mois, avec les noms de père et de la mére. Traduit de l'espagnol en français.* Paris, 1628. 16.°, folheto. (C. M. B. I. P.)

941) NANTES (FR. BERNARDO DE).—Capuchinho francez, e missionario no Brasil.

E.—*Katecismo Indico da lingua* kariris, *acrescentado de varias praticas doutrinaes e moraes adaptadas ao genio e capacidade dos Indios do Brasil.* Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, 1709, 363 pag.

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, tomo 37.°, pag. 130. Traz uma descripção desenvolvida do *Trophea.*

942) **NAPIER** (ADMIRAL **CHARLES**).—Vice-almirante inglez.

Nasceu a 6 de março de 1786, e falleceu em 6 de novembro de 1860, em Londres. Como é sabido, esteve ao serviço de D. Pedro contra seu irmão D. Miguel, pelo que obteve o titulo de visconde do cabo de S. Vicente. [1]

E.—*An account of the War in Portugal between D. Pedro and D. Miguel.* London, 1836. Foi esta obra traduzida em portuguez por Manuel Joaquim Pedro Codina, e impressa em Lisboa no anno de 1841.

943) **NAPIER** (SIR **WILLIAM FRANCIS PATRICK**).—General e historiador inglez. Nasceu em Castletow (Irlanda) no anno de 1785, e falleceu em Clapham no mez de fevereiro de 1860. [2]

E.—I. *Histoire de la guerre dans la Peninsule et le midi de la France.* 6 vol. Acabada de imprimir em 1840. Traduzida em francez pelo general Mathieu Dumas.

II. *Les batailles et les sièges des anglais dans la Peninsule.*

III. *A letter to general lord Beresford.*

IV. *Reply to lord Straford's Observations. On some passages in colonel Napier's History of the War in the Peninsula.* London, 1827.

944) **NARDIN** (**THOMAZ**).—Negociante francez. Nasceu no anno de 1540 em Besançon, e falleceu em 1610. [3]

E.—*Histoire générale de Portugal et des Indes Orientales. Ensemble les dernières guerres des portugais contre les maures d'Afrique, et l'union de ce royaume à la couronne de Castille. Où se voit plusieurs batailles. Traduite de l'italien en français par* —. Arras, 1617.

Vejo mencionadas outras duas edições, uma em Arras, 1600, e a outra em Paris, 1680. V. *Conestagio.*

945) **NARRATIVE** *of the persecution and imprisonement in Portugal of William Ioung.* London, 1833. (Noticia da perseguição e prisão de —).

946) **NAXARA** ou **NAJERA** (**ANTONIO DE**).—Este escriptor é considerado por uns como hespanhol, por outros como portuguez. [4]

E —*Discursos astrologicos sobre o cometa que appareceu em 25 de novembro de* 1618. Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1619. 8.° de 28 pag.

947) **NAYLIES** (**M. DE**).—Officier superieur des gardes-du-corps de Monsieur, chevalier de Saint Louis et de la Légion d'Honneur.

E.—*Mémoires sur la guerre d'Espagne, pendant les années* 1808-1809-1810-1811. A Paris, 1817, 8.° gr., 338 pag.

[1] Firmin Didot. *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 37.°, pag. 182.
[2] Idem, idem, vol. 37.°, pag. 179.
[3] Idem, idem, vol. 37.°, pag. 162.
[4] Sr. Innocencio.—*Diccionario Bibliographico*, tomo 1.°, pag. 211.

«Eu entrava em Uma quando o meu regimento d'alli sahia para se dirigir ao Minho; tomo posição em Santa Maria de Cella, perto do Minho, rio que n'este logar separa a Galliza de Portugal.

«Ao boato de nossa aproximação os sinos tocaram a rebate por toda a parte sobre a margem esquerda, e a noite foi illuminada com uma quantidade immensa de fogueiras accesas pelas bordas do Minho. No dia 16, ao despontar da manhã, avistámos uma chusma de camponezes de Portugal, que bordavam a margem opposta. Apesar da agua aos cantaros, o numero crescia a cada instante. Cobertos de capotes de palha, cuja côr se confundia com as das rochas, alguns avançavam até entrarem na agua e atiravam sobre tudo que se aproximava do rio. Defronte da aldeia de Santa Maria de Bide a margem menos escarpada offerecia um logar favoravel para um desembarque. Como os portuguezes sabiam que tinhamos algumas barcas e jangadas, receiaram um movimento sobre este ponto, e para alli se dirigiram em chusma. Levantaram uma bateria em poucas horas, onde assentaram duas peças de calibre mui pequeno. Mais de quatrocentas mulheres, entre as quaes se viam muitas freiras, trabalhavam n'esta obra, umas com a enxada na mão rivalisavam com os homens mais robustos; outras levavam terra em cestos ou nas saias, e a lançavam para fóra da trincheira; os meninos, que não podiam trabalhar, levavam a seus paes vinho e alimentos; alguns frades com a cabeça descoberta e a tunica arregaçada, dirigiam tudo; estavam em toda a parte, e corriam para onde o perigo era maior. Com seus discursos e exemplo electrisavam esta multidão que bastante nos odiava sem a ajuda d'elles. Pag. 62.

«Quando entrámos no Porto, e o povo fugiu pela ponte, esta quebrou-se: um numero infinito de habitantes morreram afogados; a maior parte, porém, agarrados ao que restava da ponte, e opprimidos pela multidão que ia sempre crescendo, foi metralhada pela artilheria portugueza, que da margem esquerda atirava contra a nossa columna: este espectaculo era horroroso. Vi um outro, que prova quanto o fanatismo da liberdade animava o povo; um soldado de infanteria ligeira acabava de atirar para as margens do Douro, avista uma mulher que luctava contra as ondas; deita-se á agua, toma-a pelos cabellos, e põe-a na praia. Era uma rapariga de dezoito a vinte annos: seus vestidos denotavam uma pessoa de classe distincta. Recuperou os sentidos, lança em torno de si um olhar desvairado, reune suas forças, e corre a precipitar-se no rio uma segunda vez, dizendo: «Não, não deverei a vida a monstros que dilaceram minha patria!» Que heroismo! Quanto não era para receiar de um povo que mostrava tão grande energia! Pag. 99.

«Precedidos pelo terror que inspirava nosso nome, não achámos habitantes em Penafiel: um velho octogenario, que não tinha podido acompanhar os seus para as serras, ficou sósinho; estava assentado n'um marco, na praça publica, e dirigia supplicas ao céo. O fogo que brilhava em seus olhos e os olhares que nos lançava indicavam bem a qualidade das supplicas que fazia para nós. Um silencio medonho reinava na villa, só interrompido pelo som uniforme das horas, e pelo ladrar de alguns cães abandonados. As armas da casa de Bragança postas nos edificios publicos estavam cobertas de crepe, e

pareciam indicar o lucto da sua patria. Todas as casas estavam abertas, só as egrejas se achavam fechadas, como se nossa presença devesse profanar a santidade d'ellas. Os comestiveis e tudo quanto nos podia ser util, tinham sido levados ou destruidos. Este odio implacavel de nossos inimigos, este cuidado continuo de nos prejudicarem e estes grandes exemplos de dedicação fizeram desde então alguma impressão no espirito de nossos soldados, acostumados a viverem em casa dos bons allemães, e tão tranquillamente n'um dia de batalha, como em seus alojamentos.» Pag. 103.

* * *

«A 12 de abril, pelo meio dia, o inimigo, vindo de Amarante, nos atacou em tres pontos. Sua intenção era de se apossar da ponte de Sousa, e de nos cortar a retirada. Foi enganado no seu projecto, porque deixámos Penafiel, e fomos tomar posição na margem direita d'este rio. O general Silveira commandava esta expedição: tinha ás suas ordens um capuchinho conhecido no paiz por sua audacia e força prodigiosa: chamavam-lhe o capitão mouro, vestido de vermelho, com um cinto preto, viam-n'o á frente em todos ataques, e foi um dos primeiros a entrar em Penafiel. Esta villa, na qual não tinhamos visto uma unica pessoa durante nossa residencia, foi bem depressa cheia de habitantes. Appareceram como por encanto ás janellas e telhados, atirando com pedras, mobilias, e com tudo quanto se lhes apresentava ás mãos. Um miseravel remendão, que tinha entrado havia dois dias, e tinha ganhado muito dinheiro comnosco, distinguiu-se pela sua furia: atirava com suas formas e ferramenta á cabeça dos soldados da infanteria da retaguarda, e parecia fazel-o com tanta mais animosidade, quanto receiava que seus compatriotas lhe imputassem como um crime o ter trabalhado para os francezes. O toque de rebate fazia-se ouvir por toda a parte, o som lugubre e pavoroso dos sinos imprimiam uma especie de espanto, que nunca fôra inspirado pelo ribombar da artilheria e da espingardaria.» Pag. 109.

* * *

«Até 10 de maio, que occupámos as mesmas posições nas alturas de Amarante, experimentámos as mesmas difficuldades para forragear e obter subsistencias. Os obstaculos sempre crescentes e os movimentos dos inglezes sobre Lamego tornaram a nossa situação muito assustadora. Encontravamos ainda alguns recursos na margem esquerda do Tamega, mas era mister disputal-os aos camponezes nos bosques e nas serras. Corria-se atraz de um habitante, como de uma féra, e os soldados, gritavam pegando nas espingardas: «Acolá vae um homem, acolá vae um homem!» e corriam em sua perseguição, até que o matavam. Vi um, cuja perna se partiu, e cahiu sem abandonar sua arma, teve ainda a coragem de se deitar de frente e de matar um brigadeiro do meu regimento. Vi ainda n'outra occasião um velho de cabellos brancos aninhado atraz d'uma pedra com uma espingarda de dois canos, e armado de bayoneta, ferir tres homens e cinco cavallos: não se quiz render, e foi necessario matal-o á pedrada, defendendo-se por muito tempo.» Pag. 118.

***

«Encontrámos no caminho, perto de Lixa, um destacamento de 25 homens commandado por M. de Saint Geniès. Este official era portador de ordens do marechal. Com suas pequenas forças tinha atravessado muitas povoações insurreccionadas. Tinham-n'o tratado bem, tomando-o por inglez; porém reconhecido n'uma aldeia pela imprudencia d'um soldado, foi investido pelo povo, que disparou contra elle, e lhe arrojava pedras. Carregou contra esta multidão furiosa, e conseguiu sahir de uma rua estreita, onde deveria morrer com toda a sua gente, com excepção de tres homens, que foram apanhados. Quando passámos por esta povoação, achamol-os pregados de pés e mãos contra uma parede: ainda respiravam.» Pag. 122.

Esta obra foi traduzida em inglez com o seguinte titulo: *Travels in Portugal and Spain comprising an account of the operations of the arms under the duke of Wellington and sir John Moore.* (Viagens em Portugal e Hespanha).

948) NECK (J. VAN).

E.—*Shipvaert op Oost Indie.* Amsterdam, 1648. 4.º (Viagem ás Indias Orientaes.)

949) NETO (DAVID).—Judeu nascido em Veneza, medico, e prégador na synagoga de Leorne.

E.—*Noticias reconditas y posthumas del procidimiento de las inquisiciones de España y Portugal con sus presos. Divididas en dos partes: la primera en idioma portugues, la segunda en castellano; dedusidas de autores Catolicos, apostolicos y romanos, eminentes por dignidades ó por letras. Compiladas y anadidas por un anonymo.* Villa Franca, 1722. A impressão foi feita em Londres.

Foi vertida em latim com o seguinte titulo: *Notitiae reconditae de processu inquisitionum in Hispana et Lusitania adversus illos, qui in carceribus illarum detinentur.* Londini, 1722.

950) NETSCHER.

E.—*Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays Bas et le Brésil au* XVII *siècle.* Paris, 1869, 8.º Ha outra edição impressa na Haya, 1853.

951) NEUESTES GEMALDE *von Lissabon.* Leipsig, 1799.

952) NEUVILLE (MR. JACQUES LE QUIEN).—Historiador francez. Nasceu em Paris no anno de 1647, e falleceu em Lisboa a 20 de maio de 1728. Dizem que a sua *Historia de Portugal* lhe custára mais de trinta annos de trabalho.[1]

E.—*Histoire général de Portugal par* —. A Paris. Chez Annisson, directeur

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 29.º pag. 367.

de l'Imprimerie Royale, 1700. Tomo 1.º, 4.º gr., 626 paginas; tomo 2.º, 608 paginas. [1]

O tomo primeiro tem em primeiro logar a dedicatoria offerecida a el rei de Portugal. Segue-se uma advertencia, na qual declara o methodo que tenciona seguir na sua historia, que vem a ser — informar o leitor das allianças, guerras e tratados de paz que os portuguezes fizeram com as nações que descobriram. «Ver-se-ha primeiramente o nascimento do rei, sua educação, casamento, numero de seus filhos, suas allianças, seus empregos, acções, descendencia, morte, etc.

Apoz esta advertencia, que occupa seis paginas, apparecem transcriptas as leis das côrtes de Lamego, seguidas de uma taboa chronologica dos reis de Portugal até ao anno de 1521, em que termina esta historia, não a tendo seu auctor podido ultimar.

Como era proprio da época do auctor, principia sua narrativa fallando-nos de Tubal, dos carthaginezes, romanos e outros povos antiquissimos. Felizmente não nos falla nem na historia dos Geriões, nem de outras muitas patranhas, com as quaes Fr. Bernardo de Brito se entreteve a encher paginas e paginas da sua *Monarchia Lusitana*.

A pag. 21 começa a descripção chorographica de Portugal, fixando sempre suas vistas para as fortificações do reino, das quaes trata com alguma minuciosidade. Pelo que diz respeito aos mausoleus da egreja de Belem, diz: «En fait de tombeaux, il n'y a rien de plus beau en Europe.» [2]

[1] «Le Quien, da Academia Franceza, havia começado a escrever uma *Historia de Portugal* no tempo de el-rei D. Pedro II, que acabou reinando D João V, pelo modo que elle refere em carta escripta a Mr. de Torcy, de 10 de abril de 1715, na qual expunha ao sobredito ministro, que tendo o embaixador abbade de Mornay fallado por vezes ao conde da Ericeira, de que elle havia escripto uma *Historia de Portugal*, o conde lhe dissera que tinha em seu poder muitas memorias e documentos sobre o mesmo assumpto: que informado elle Le Quien d'aquella particularidade, se determinára a ir visitar o conde que achára ter muita instrucção, e que o conduzira a casa do cardeal da Cunha, a quem o apresentára; que tanto o cardeal como o conde haviam sido de parecer que antes d'elle Le Quien adiantar mais o seu trabalho, deveria tratar de fazer os seus cumprimentos a el rei: que elle havia seguido aquelle conselho, e que el rei lhe dera audiencia, e o tratára com a maior benevolencia, e lhe dissera que trabalhasse com o conde da Ericeira, a quem nomeára por censor e examinador do seu terceiro e ultimo volume, e porque estava informado que el-rei seu pae o não havia recompensado, como devia, dissera ao secretario d'estado que o queria fazer, o que pozera em effeito dando-lhe uma pensão e o habito de Christo: motivo por que lhe pedia houvesse de obter de el-rei de França seu amo licença para aceitar. Foi-lhe concedida a dita licença por despacho de 5 de maio do referido anno.» Visconde de Santarem.—*Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, tomo 5.º, pag. 244.

«Mr. de Neufville a supprimé um grand nombre de faits interessants, et il a passé légérement sur plusieurs faits interessants. La vue de Mr. de la Clede en composant une nouvelle a été de donner une histoire plus complète et plus exacte, que celle de Mr. de Neufville» *Journal des Savants* Maio de 1735, pag. 261.

[2] Neufville.—*Histoire de Portugal*, pag. 261.

O segundo volume, apesar das suas 608 paginas, abrange apenas o reinado de D. Manuel, cuja biographia é baseada sobre os escriptos de muitos historiadores portuguezes e estrangeiros. Era a época em que a nossa gloria estava no apogeu, e por isso tinha Neufville motivo para dizer: «Um zelo tão manifesto da abolição do paganismo, e da propagação da fé, dava todos os dias novo esplendor á reputação de Manuel nas côrtes estrangeiras. Como Segismundo I, rei da Polonia, tivesse as mesmas intenções que elle, fazia educar a joven nobresa de seu reino no exercicio das armas para a fazer marchar um dia a tão gloriosas expedições. Tres d'estes jovens polacos, que desejavam com paixão ver o rei, e fazer para esse fim uma viagem a Portugal, aqui vieram, e conheceram com effeito pessoalmente o que tinham ouvido pela voz publica. Manuel honrou-os com a ordem de cavallaria, que lhes conferiu por sua propria mão, e fez-lhes donativos accommodados á sua edade.»[1]

953) NEUVILLE (JEAN GUILLAUME HYDE DE).—Embaixador francez em Lisboa no tempo de D. João VI.

E.—*De la question portugaise.* Paris, 1830.

954) NEUMAN.

E.—*Notitiae de Claudii Visdelou Societatis Jesu scriptis sinologicis in Bibliotheca Vaticana extantibus, quorum apographa Ulixbonae asservati dicuntur.* (Noticia dos escriptos sinologos de Claudio Visdelou, existentes na Bibliotheca Vaticana, e dos quaes se diz existirem os apographos em Lisboa.)

955) NEW (THE) QUARTELY REVIEW.

Apparece n'esta publicação uma viagem com o seguinte titulo: *Notes of Travel in Portugal.*

O viajante entrou em Portugal, vindo de Tuy. Apesar de só um rio, e não muito largo, separar os dois povos, acha o camponez de Portugal muito superior ao hespanhol, e elogia muito a hospitalidade do nosso paiz, e finalmente admira o grande numero de diamantes que os portuguezes possuem, attendendo á pequenez do reino.

«Mal conheço algum outro serviço maior que se podesse prestar ás lettras do que a traducção (pag. 36) para francez ou inglez dos tres volumes da *Historia de Portugal* por Alexandre Herculano, por isso que é o mais eminente dos escriptores portuguezes vivos. Herculano é talvez o primeiro historiador do presente seculo. Seu estylo puro, não egualado em Portugal desde o tempo de Barros, cognominado o Livio de Portugal, é um frisante contraste com os escriptos rhetoricos de muitos de seus contemporaneos. Sua agudeza e sensatez na appreciação das auctoridades, sua lucidez, e a arte com que faz que o leitor fique satisfeito com a instrucção do auctor, sem lançar na sua narrativa a aridez dos chronistas, entre os quaes suas investigações se baseiam, estas são as qualidades que n'um historiador o mundo não tornou a ver depois

[1] Neufville.—*Histoire de Portugal*, pag. 470.

da morte de Gibbon. Infelizmente, a historia de Herculano apenas chega ao fim do seculo XIII.»

956) NICOLAU (VITO PERERA A SANTO—). E clericis regularis scholarum piarum.

E.—*Oratio de felicitate Lusitaniae a regibus brigantinae familiae aucta atque amplificata ad quosdam academicos illustrissimos ac doctissimos viros, habita die 18 januarii anni Domini 1755. Superiorum Permissu. Matriti: Apud Joachim Ibarra typographum Urosarum via.* 4.º, 30 pag.

Esta narração, na qual celebra os principaes feitos dos reis de Portugal, é dedicada aos principes D. Antonio, D. Gaspar e D. Joseph, de Bragança.

957) NICOLAU (ANTONIO).—Celebre bibliographo hespanhol. Nasceu em Sevilha no anno de 1617, e falleceu em Madrid no de 1684.

E.—*Bibliotheca Vetus.* Romae, 1696, 2 vol. fol. O auctor inclue n'este seu trabalho monumental os escriptores portuguezes, dos quaes trata desenvolvidamente.

958) NIEUHOFF (JEAN).—Viajante allemão. Nascido em Usen (Westphalia) em 1630, e perdido na ilha de Madagascar em 1672.[1]

E.—I. *Voyage curieux au Bresil par mer et par terre.* Amsterdam, 1682. O original é composto em hollandez.

II. *Voyage par mer et par terre à differents lieux des Indes Orientales avec une description de la ville de Batavia.* Amsterdam, 1682-1693. Fol.

Ha varias traducções d'estas obras.

959) NIÑO (FRAY JUANNETIN)—Confessor de su alteza, lector de theologia, y hijo del real convento de San Francisco de Salamanca, ministro provincial que ha sido de la misma provincia de Santiago, calificador del Santo Officio en el consejo real supremo de la santa y general Inquisicion.

E.—*Chronicas antiguas de la orden de nuestro Serafico Padre S. Francisco del R. S. D. F. Marcos, Obispo del Puerto: dispuestas y ordenadas en el convento de S. Antonio de Salamanca, de la santa provincia de Santiago, en la regular observancia. Dedicadas a la serenissima señora infanta sor Margarida de la Cruz, religiosa de su real convento de Descalças Franciscanas de Madrid. Con licencia.* En Salamanca, en la emprenta de Antonio Ramirez. Año 1626. A costa de Nicolas de Santa Ana, familiar del santo oficio de Madrid. 2 vol. fol.

Não é uma simples versão da chronica do nosso Fr. Marcos de Lisboa, pois o traductor agrupou as biographias por conventos, assim como, por exemplo, se encontram em Fr. Luiz de Sousa, ao passo que Fr. Marcos segue a ordem chronologica.

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle,* vol. 32.º, pag. 66.

960) **NIPHO (D. FRANCISCO MARIANNA).**

E.—*Descripcion historica y geografica del reyno de Portugal con la serie y panegirico de todos sus reyes. La poblacion repartida por provincias, comarcas, corregimentos, intendencias, oidorias, dando circunstanciado el vecindario y situacion de sus cidades, villas y lugares, que con un indice geografico, para maior claridad extractó de varios autores y particularmente del P. Luiz Caetano de Lima, clerigo regular, etc.* Madrid, 272 pag.

961) **NOBLE (LE).**

E.—*Memoires sur les operations militaires des français en Galice, en Porgal, et dans la vallée du Tage en* 1809 *sous le commandement du maréchal Soult, duc de Dalmatie.*

962) **NOSRAG.**

E.—*Derniers moments de D. Miguel, tyran de Portugal. Les aveux de ses crimes. Mort de Bourmont.* Paris.

II. *Attaque par terre et par mer de la ville de Lisbonne, par les constitutionels français, polonais, portugais et Anglais. Proclamation de D. Maria II de Portugal.* Paris.

963) **NOTICE** *sur la vie et les œuvres de Joseph Marie Dantas Pereira de Andrade.* Paris, 1833. 4.°, folheto.

964) **NOTICE** *des titres et travaux scientifiques de M. Antonio da Luz Pitta à l'appuy de sa candidature au titre de membre correspondant étranger de l'Academie Impériale de Médicine de Paris.* Paris, 1860. 4.°, folheto.

965) **NOTICE** *sur la vie et les écrites du P. Théodore de Almeida.* Paris, 1852. 16.°, folheto.

966) **NOUGARET (PIERRE JEAN BAPTISTE).**

E.—*Beautés de l'histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1814.

967) **NOUVELLES INTÉRESSANTES** *au sujet de l'attentat commis le* 3 *setembre* 1758 *sur la personne sacrée de S. M. F. le roi de Portugal,* 1759. 2 vol.

968) **NOVO E FACILLIMO METHODO** *de Grammatica Franceza e Portugueza, compilado dos melhores auctores que escreveram Artes e Ortographias, de la Rue, Restaut e Glamace, la Touche, Desmarais, e do Tratado da Orthographia franceza, feito por ordem do excellentissimo cardeal de Rohan, ordenado por um genio amante dos progressos dos estudiosos d'este idioma.* Em Trevoux. Na officina de Antonio Ginião. Anno 1766. 8.°, 342 pag.

969) **NUNES (HERNAN).**—Natural de Pincia, professor de rhetorica e grego na universidade de Salamanca, e fallecido em 1552.

E.—*Refranes y Proverbios en romance que coligio y glosó el commendador Hernan Nunes, professor de retorica y griego en la universidad de Salamanca. Y la Filosofia vulgar de Juan de Mal Lara, en mil refranes glossados, que san todos los que hasta aora en castellano andam impressos. Van juntamente las quatro cartas de Blanco de Garay, hechas en rafranes para enseñar el uso dellas. Año* 1619. Madrid, por Juan de la Custa. 4.°

Se bem que a obra é escripta em hespanhol, traz grande numero de adagios portuguezes.

970) NUOVA DELLA PRESA *della gran citta de Diu per lo invitissimo re di Portugallo, e de l'artigleria e grandissimo tesoro que vi se trovo.* 1536. Ternaux Compans, pag. 29.

O

971) **OBSERVATIONS** *critiques d'un romain sur les Refléxions d'un portugais, ou Nouveau Supplément aux dites reflexions sur le Mémorial des Jésuites, présenté à N. S. P. le Pape Clément XIII.* En Europe, 1760. 12.º

972) **OBSERVATIONS** *intéressantes et relatives au procès des Jésuites en Portugal.* Sem data nem logar de impressão. (C. M. B. I. M.)

973) **OF THE NEW LANDES** *and the people found by the mensengers of the kinge of Portugal named Emanuel, of the divers nation crystened of pope Johan and his landes.* London, 1521. (Das novas terras e povos descobertos pelos emissarios do rei de Portugal chamado Manuel).

Vem mencionada esta obra na *Bibliotheca de Ternaux Compans.*

Aproveito esta occasião para declarar que os titulos dos livros inglezes apparecem tão estropiados n'esta obra que por vezes se tornam inintelligiveis: e no emtanto a *Bibliotheca de Ternaux de Compans* foi impressa em Paris.

974) **OLDKNOW (JOHN).**

E.—*A month in Portugal.* London. (Um mez em Portugal.)

975) **ÓNEIL (LT. COUNT T.)**

E.—*A concise and accurate account of the preedings of the squadron under the command of rear admiral sir W. Sidney Smith, K. C. in effecting the escape, and escorting the royal family of Portugal to the Brazils on the 29 of november*, 1807, etc. London, 1808, 8.º Com o retrato de D. João VI quando principe. (Sobre a fugida de D. João VI para o Brasil.)

976) **ONTDECKINGHE** *van Rijck Miynen in Brasil.* T'Amsterdam, 1639. 4 fol. sem pag.

977) **ORBAN (M. LEMIS DE FORTIA D'—).**—Membre de plusieurs

academies de France, d'Italie et d'Allemagne, et M. Nielle, officier de l'Université de France, ancien professeur à la faculté de Leyde.

E.—*Histoire générale de Portugal depuis l'origine des lusitaniens jusqu'à la régence de Don Miguel.* Paris. Chez Gauthier Frères.) 9 vol. 8.° gr.

E' uma reimpressão da *Historia* de La Clede com acrescentamentos, mappas e estampas, das quaes a primeira é um retrato de Viriato, seguindo-se os dos reis de Portugal, e o de D. Antonio, prior do Crato.

978) **OREBICH (GIUSEPPE RAGUSEO).**

E.—*Lettere contenent il ragguaglio del trasposto de* 83 *padri gesuiti de Lisbonna à Civitta Vécchia.* Genova, 1750. (Sobre o transporte de 83 jesuitas de Portugal para Civitta-Vecchia).

979) **ORIGINAL (THE)** *journals of the campaigns in the Peninsula of field-marschal the duke of Wellington. To which is added an appendix containing the state papers. Campaign in Portugal,* 1808. London, 1815. 8.° (Diarios originaes das campanhas do duque de Wellington).

980) **ORLEANS** (Pere de).—De la compagnie de Jesu.

E.—*Vie de Marie de Savoie, reine de Portugal, et de l'infante sa fille.* Paris 1696. 8.°

981) **ORLEANS (P. JOSEPH).**—De la compagnie de Jesu.

E.—*Histoire des revolutions d'Espagne depuis la destruction de l'empire des Goths, jusqu'à l'entière et perfaite reunion des royaumes de Castille et d'Arragon en une seule monarchie, revue et publiée par les P. P. Roullé et Brumoy, de la même compagnie.* A Paris, 1734, 3 vol. 4.° gr.

«Esta victoria do grande Affonso (pag. 337, vol. 1.°) alcançada em 1184 foi a ultima de suas acções militares, as quaes não particularisarei por ser este principe o fundador de uma monarchia separada, que não está ligada senão por incidente com a de Hespanha, da qual escrevo a historia, e da qual não faz parte. Por isso não devo contar os negocios de Portugal senão quando tem relações necessarias com os de Castella e com os dos outros estados que compõem hoje a monarchia inteira. Morreu este principe em Coimbra aos noventa e um annos d'uma vida ainda menos cheia de dias, que de virtudes extraordinarias e grandes acções.»

Apesar do que promette o P. Orleans succede a cada pagina entrar em scena nosso paiz, pelo motivo conhecido por todos — não ser possivel escrever a historia de Hespanha, sem que o nosso povo n'ella figure continuamente. No emtanto o referido escriptor, apesar de escrever a historia de um povo sempre hostil aos portuguezes, mostra-se imparcial, e tece-nos os maiores elogios.

Ignoro se este mesmo padre é o auctor da *Vida de Maria de Saboia.*

982) **ORMSBY (J. W.)**

E.—*Lettres from Spain ond Portugal during the campaigns of* 1808 *to*

Antonio Romero Ortiz

jubarrota, a *Ilustracion Hispano-Portuguesa* trazia logo no seu primeiro numero o retrato do sr. Alexandre Herculano acompanhado de uma biographia, e a seguir um parallelo entre Camões e Cervantes: publicava-se exactamente por esse tempo um trabalho util com o titulo *Una Semana en Lisboa*. Tambem precisamente por essa época dois hespanhoes trabalhavam na traducção dos *Lusiadas* — o conde de Cheste em Madrid, e o conego Sandoval em Badajoz.

«Fenomeno na verdade singular e digno de estudo! Os dois povos peninsulares tocam-se.» É verdade, mas odeiam-se.

«Não se levanta entre elles uma fronteira natural formada pela mão de Deus.» Mas separam-nos, o que ainda é um pouco mais forte, a lembrança da maneira como pelos hespanhoes fomos tratados durante o espaço de sessenta annos. Mas nós somos suspeitos; leia porém o sr. Ortiz a *Historia do desthronamento de D. Affonso VI* pelo inglez Southwell (vol. 1.º). Separa-nos a idéa de que se contarmos todos os annos, em que os hespanhoes nos guerrearam, sommam seculos; separa-nos a indole d'aquelle povo; quer ella seja melhor, quer seja peior, é em todo o caso diametralmente opposta á nossa. Separa-nos o idioma, pois para o entendermos é necessario diccionario e estudo grammatical. N'uma palavra, separa-nos a liberdade que desfructamos. E quem é livre, só perdido o siso, desejará ser escravo.

«Houve um tempo em que os escriptores lusitanos cultivavam com preferencia o nosso idioma.« Ainda isto é verdade. Uma das causas era a affinidade das duas linguas; ambas provinham da mesma origem. Tambem a lingua portugueza já se pareceu muito mais com a franceza do que actualmente. Muitos vocabulos hoje repugnantes para aquelles que prezam a vernaculidade, já foram portuguezes de lei.

«Muito antes da batalha de Alcacer Quibir, nenhum engenho lusitano deixava de publicar algum dos seus escriptos na lingua de Solis e Cervantes.» Houve excepções. Mas se ha portuguezes que escreveram em hespanhol, tambem os ha, e não foram poucos, que escreveram em latim, grego, hebraico, arabe, italiano, francez, inglez e allemão. Diz tambem o sr. Ortiz «que o seu livro não tem aspirações», mas passadas poucas linhas, encontro a seguinte passagem: «Portugal, que en um porvenir mas ó menos lejano, lejano sin duda, pero seguro, habra de subordinarse sin abdicacion de su importancia, sin sacrificio de sus intereses legitimos, *por su proprio y espontaneo impulso*,[1] y por medios que la Providencia reserva, a esa tendencia universal, poderosa, irresistible, que conduce los pueblos hacia la unidad, à semejanza de esa otra fuerza tambem poderosa y tambien irresistible, que lleva las aguas de los rios a perderse y confundirse en la immensa unidad del mar.»

Assim será. Mas n'estes seis annos, que o livro conta depois de impresso, ainda se não observam nem vislumbres. «Um homem (dizia o marquez de Pombal) na sua casa é tão poderoso que mesmo depois de morto são necessarios quatro para o tirarem d'ella». Além de que vem de Hespanha um cheiro

[1] Não podendo prever o porvir, creio comtudo as gerações futuras incapazes de tal villesa.

tão continuo de polvora e de cadaveres, e tão repugnante aos portuguezes, que os afugenta d'alli para bem longe. Póde ser que os portuguezes não tenham bom gosto, mas o sr. Ortiz bem sabe que os gostos não se discutem. O sr. Ortiz, que diz ter lido tudo quanto em portuguez se publicou no seculo presente, deve ter tambem conhecimento de quão rico é o nosso idioma de proverbios e anexins, entre os quaes ha o seguinte, que anda na bocca de todo o mundo: «Gato escaldado, de agua fria tem medo.

É o livro do sr. Romero Ortiz uma resenha da litteratura portugueza no presente seculo. Começando minuciosamente no celebre padre José Agostinho de Macedo, vae analysando quasi todas as obras de nossos principaes escriptores, dos quaes transcreve muitas passagens, infelizmente quasi sempre tão estropiadas, que se devem tornar inintelligiveis para aquelles que não estiverem bem certos de como ellas se encontram no original portuguez, o que ainda mais vem comprovar a differença das duas linguas. Se os compositores de Madrid entendessem ao menos soffrivelmente o portuguez, certamente que não o desfiguravam a tal ponto.

Em seguida do padre José Agostinho de Macedo falla o sr. Ortiz da nossa marqueza de Alorna, Garrett, A. Herculano, C. Castello Branco, e de outros escriptores notaveis, lamenta o estado de abatimento em que se acha o paiz, e pede por fim ao sr. Thomaz Ribeiro que não atisse odio e rivalidades entre os dois povos peninsulares. Mas para ser justo deve tambem fazer o mesmo pedido aos escriptores hespanhoes.

986) **ORTOLAN (JOSEPH LOUIS ELÉZAR).**—Jurisconsulto francez. Nasceu em Toulon no anno de 1802.[1]

E.—*Etudes sur les constitutions des Pays Bas, des ligues asiatiques, d'Espagne et du Portugal, etc.* Paris, 1831 a 1837.

987) **OSBORNE (JOHN).**

E.—*Guide to the West Indies, Madeira, Mexico, etc. With cartes and other illustrations.* London 1845. (Guia para as Indias Occidentaes, Madeira, etc.)

988) **OTHON (GUILLAUME —, Comte de Kœnigsmark).**

E.—*Voyage de Madrid à Lisbonne.* Paris, 1669.

989) **OVERBEKE (AERNOUT).**

E.—*Reysbeschryving van, etc.* (Viagem ás Indias Orientaes). 1671.

990) **OVIEDO (SEBASTIAN ANTONIO DE GADEA Y).**

E.—*Triunfales fiestas, que a la canonizacion de S. Juan de Dios, patriarca consagro la muy nombrada, leal y gran ciudad de Granada.* 1595.

991) **OVINGTON (JOHN).**

E.—*Voyage to Surate in the year,* 1689-1693 *with a description of the Is-*

[1] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains*, pag. 1380.

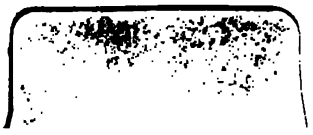
ands of Madera and St. Helena, the account of Golconda, etc. London, 1696–1698. Em francez. Paris, 1724. Ib. 1735. Ib. 1753. 2 vol. (Viagem a Surrate no anno —, com descripção da ilha da Madeira, etc.)

992) OWEN (HUGH).

E.—*Here and there in Portugal. Notes of the present and of the past. By — with illustrations after photographs.* London, 1856. 8.º, 216 pag.

Esta obra é dedicada pelo auctor a seu pae o coronel Hugh Owen, cavalleiro da ordem da Torre e Espada, e de S. Bento de Aviz.

E' muito interessante a leitura d'este livro. O auctor gosta muito de Portugal, ficou encantado do Tejo, ao qual chama «o mais nobre dos rios da Europa», mas diz verdades amargas, no que quasi sempre a rasão está do seu lado. Tendo vindo de Inglaterra no magnifico paquete inglez *Severn* fizeram-no desembarcar n'um bote em que iam vinte carvoeiros, um carneiro e pessoas immundamente vestidas, para d'aqui passar para o Lazareto.

Lamenta principalmente a carencia quasi completa de estaleiros e estabelecimentos, onde os navios se possam reparar das avarias. Tem rasão!

FIM DO TOMO PRIMEIRO.